

O Evangelho

Segundo o Espiritismo



Outras obras do autor
editadas pelo CELD:

- *O Livro dos Espíritos*
- *O Livro dos Médiuns*
- *O Céu e o Inferno*
- *A Passagem* (Opúsculo)
- *A Prece Segundo o Espiritismo*
- *Da Comunhão do Pensamento* (Opúsculo)
- *Temor da Morte, o Céu* (Opúsculo)
- *A Gênese*
- *O Que é o Espiritismo*
- *Obras Póstumas*

CIP - BRASIL - CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

K27e

Kardec, Allan, 1804-1869

O Evangelho Segundo o Espiritismo: contendo a explicação das máximas morais do Cristo, sua concordância com o Espiritismo e sua aplicação nas diversas situações da vida / Allan Kardec; tradução de Albertina Escudeiro Sêco. — 5. ed. — Rio de Janeiro: CELD, 2010.

472 pp.; il.; 21cm.

Tradução de: *L'Évangile Selon le Spiritisme.*

ISBN 978-85-7297-492-9

1. Jesus Cristo - Interpretações espíritas.
2. Espiritismo. I. Título.

00-1617.

CDD 133.9

CDU 133.7

Capa: Visão de um trecho do Rio Jordão, na Palestina.

ALLAN KARDEC

O Evangelho *Segundo o Espiritismo*

Contendo

A EXPLICAÇÃO DAS MÁXIMAS MORAIS DO CRISTO
SUA CONCORDÂNCIA COM O ESPIRITISMO
E SUA APLICAÇÃO NAS DIVERSAS SITUAÇÕES DA VIDA

*Não há fé inquebrantável senão aquela que pode encarar
frente a frente a razão, em todas as épocas da humanidade.*

Tradução de Albertina Escudeiro Sêco

5ª Edição

CELD
Rio de Janeiro, 2010

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Allan Kardec
Do original francês:
L'ÉVANGILE SELON LE SPIRITISME (Paris, 1866)

Até a 4ª Edição: 29.000 exemplares.

5ª Edição: setembro de 2010;
do 30º ao 40º milheiro.

L1791100

Composição:

Luiz P. de Almeida Jr. e Márcio P. de Almeida

Revisão:

Teresa Cunha

Diagramação:

Márcio P. de Almeida

Capa:

Rogério Mota

Para pedidos de livros, dirija-se ao
Centro Espírita Léon Denis
(Distribuidora)

Rua João Vicente, 1.445, Bento Ribeiro,
Rio de Janeiro, RJ. CEP 21610-210

Telefax (21) 2452-7700

E-mail: grafica@leondenis.com.br

Site: leondenis.com.br

Centro Espírita Léon Denis
Rua Abílio dos Santos, 137, Bento Ribeiro,
Rio de Janeiro, RJ. CEP 21331-290

CNPJ 27.291.931/0001-89

IE 82.209.980

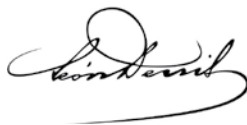
Tel. (21) 2452-1846

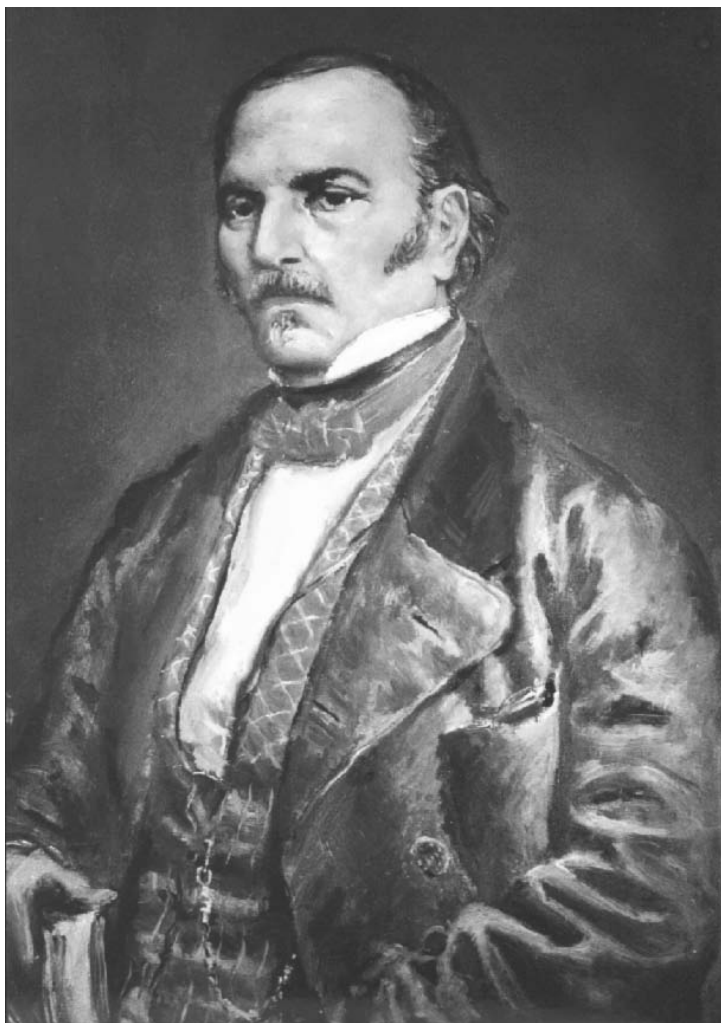
E-mail: editora@celd.org.br

Site: www.celd.org.br

Remessa via Correios e transportadora.

Todo produto desta edição é destinado à manutenção das
obras sociais do Centro Espírita Léon Denis.





Allan Kardec

1804-1869

L'ÉVANGILE
SELON
LE SPIRITISME

CONTENANT

L'EXPLICATION DES MAXIMES MORALES DU CHRIST
LEUR CONCORDANCE AVEC LE SPIRITISME
ET LEUR APPLICATION AUX DIVERSES POSITIONS DE LA VIE

PAR ALLAN KARDEC

Auteur du *Livre des Esprits*.

Il n'y a de foi inébranlable que celle
qui peut regarder la raison face à face,
à tous les âges de l'humanité.

—
TROISIÈME ÉDITION
REVUE, CORRIGÉE ET MODIFIÉE.
—

PARIS
LES ÉDITEURS DU LIVRE DES ESPRITS
35, QUAI DES AUGUSTINS
DENTU, FRÉD. HENRI, libraires, au Palais - Royal
Et au bureau de la REVUE SPIRITE, 59, rue et passage Sainte-Anne
1866

Réserve de tous droits.

O EVANGELHO
SEGUNDO
O ESPIRITISMO

CONTENDO

A explicação das máximas morais do Cristo,
sua concordância com o Espiritismo
e sua aplicação nas diversas situações da vida

POR ALLAN KARDEC

(Autor de *O Livro dos Espíritos*)

Não há fé inquebrantável senão
aquela que pode encarar frente a
frente a razão, em todas as
épocas da humanidade.

TERCEIRA EDIÇÃO

Revista, corrigida e modificada

PARIS

Os Editores de *O Livro dos Espíritos*

Cais dos Augustins, 35

Dentu, Fred. Henry, livreiros, no Palais-Royal

E no escritório da Revista Espírita, Rua e Passagem Sant'Ana, 59

1866

Reserva de todos os direitos



SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| Prefácio | 17 |
| Introdução | 19 |
| I - Objetivo desta obra. II - Autoridade da Doutrina Espírita. Controle universal do ensinamento dos espíritos. III - Notícias históricas. IV - Sócrates e Platão, precursores da ideia cristã e do Espiritismo. Resumo da doutrina de Sócrates e Platão. | |
| Capítulo I • Não vim destruir a lei..... | 51 |
| As três revelações: Moisés, Cristo e o Espiritismo: 1 a 7. — Aliança da Ciência com a Religião: 8. Instruções dos Espíritos: A nova era: 9 a 11. | |
| Capítulo II • Meu reino não é deste mundo | 63 |
| A vida futura: 1 a 3. — A realeza de Jesus: 4. — O ponto de vista: 5 a 7. Instruções dos Espíritos: Uma realeza terrestre: 8. | |
| Capítulo III • Há muitas moradas na casa de meu Pai..... | 71 |
| Diferentes estados da alma na erraticidade: 1 e 2. — Diferentes categorias de mundos habitados: 3 a 5. — Destinação da Terra. Causas das misérias terrestres: 6 e 7. Instruções dos Espíritos: Mundos superiores e mundos inferiores: 8 a 12. — Mundos de expiações e de provas: 13 a 15. — Mundos regeneradores: 16 a 18. — Progressão dos mundos: 19. | |

Capítulo IV • Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo 83

Ressurreição e reencarnação: 1 a 17. — Laços de família fortalecidos pela reencarnação e rompidos pela unicidade da existência: 18 a 23.

Instruções dos Espíritos: Limites da encarnação: 24. — Necessidade da encarnação: 25 e 26.

Capítulo V • Bem-aventurados os aflitos 99

Justiça das aflições: 1 a 3. — Causas atuais das aflições: 4 e 5. — Causas anteriores das aflições: 6 a 10. — Esquecimento do passado: 11. — Motivos de resignação: 12 e 13. — O suicídio e a loucura: 14 a 17.

Instruções dos Espíritos: Bem e mal sofrer: 18. — O mal e o remédio: 19. — A felicidade não é deste mundo: 20. — Perda de pessoas amadas e mortes prematuras: 21. — Se fosse um homem de bem, teria morrido: 22. — Os tormentos voluntários: 23. — A verdadeira desgraça: 24. — A melancolia: 25. — Provas voluntárias. O verdadeiro cilício: 26. — Deve-se pôr fim às provas do próximo?: 27. — É permitido abreviar a vida de um doente que sofre sem esperança de cura?: 28. — Sacrifício da própria vida: 29 e 30. — Proveito dos sofrimentos para outros: 31.

Capítulo VI • O Cristo consolador131

O jugo leve: 1 e 2. — O consolador prometido: 3 e 4.

Instruções dos Espíritos: A vinda do Espírito de Verdade: 5 a 8.

Capítulo VII • Bem-aventurados os pobres de espírito137

O que é preciso entender por pobres de espírito: 1 e 2. — Todo aquele que se eleva será rebaixado: 3 a 6. — Mistérios ocultos aos sábios e aos prudentes: 7 a 10.

Instruções dos Espíritos: O orgulho e a humildade: 11 e 12. — Missão do homem inteligente na Terra: 13.

Capítulo VIII • Bem-aventurados os que têm o coração puro.....151

Deixai vir a mim os pequeninos: 1 a 4. — Pecado por pensamento. Adulterio: 5 a 7. — Verdadeira pureza. Mãos não lavadas: 8 a 10. — Escândalos: se vossa mão é motivo de escândalo, cortai-a: 11 a 17.

Instruções dos Espíritos: Deixai vir a mim os pequeninos: 18 e 19. — Bem-aventurados os que têm os olhos fechados: 20 e 21.

Capítulo IX • Bem-aventurados os que são mansos e pacíficos165

Injúrias e violências: 1 a 5.

Instruções dos Espíritos: A afabilidade e a doçura: 6. — A paciência: 7. — Obediência e resignação: 8. — A cólera: 9 e 10.

Capítulo X • Bem-aventurados os que são misericordiosos.....173

Perdoai para que Deus vos perdoe: 1 a 4. — Reconciliar-se com seus adversários: 5 e 6. — O sacrifício mais agradável a Deus: 7 e 8. — O argueiro e a trave no olho: 9 e 10. — Não julgueis para não serdes julgados. Que aquele que está sem pecado, atire a primeira pedra: 11 a 13.

Instruções dos Espíritos: O perdão das ofensas: 14 e 15. — A indulgência: 16 a 18. — É permitido

reprender os outros, observar as imperfeições dos outros, divulgar o mal dos outros?: 19 a 21.

Capítulo XI • Amar o próximo como a si mesmo189

O maior mandamento. Fazer aos outros o que desejamos que os outros nos façam. Parábola dos credores e dos devedores: 1 a 4. — Dai a César o que é de César: 5 a 7.

Instruções dos Espíritos: A lei de amor: 8 a 10. — O egoísmo: 11 e 12. — A fé e a caridade: 13. — Caridade para com os criminosos. 14. — Deve-se expor a vida por um malfeitor?: 15.

Capítulo XII • Amai os vossos inimigos205

Retribuir o mal com o bem: 1 a 4. — Os inimigos desencarnados: 5 e 6. — Se alguém vos bater na face direita, apresentai-lhe também a outra: 7 e 8.

Instruções dos Espíritos: A vingança: 9. — O ódio: 10. — O duelo: 11 a 16.

Capítulo XIII • Que a vossa mão esquerda não saiba o que dá a vossa mão direita221

Fazer o bem sem ostentação: 1 a 3. — Os infortúnios ocultos: 4. — O óbolo da viúva: 5 e 6. — Convidar os pobres e os estropiados. Ajudar sem esperar retribuição: 7 e 8.

Instruções dos Espíritos: A caridade material e a caridade moral: 9 e 10. — A beneficência: 11 a 16. — A piedade: 17. — Os órfãos: 18. — Benefícios pagos com a ingratidão: 19. — Beneficência exclusiva: 20.

Capítulo XIV • Honrai vosso pai e vossa mãe247

Piedade filial: 1 a 4. — Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?: 5 a 7. — Parentesco corporal e parentesco espiritual: 8.

Instruções dos Espíritos: A ingratidão dos filhos e os laços de família: 9.

Capítulo XV • Fora da caridade não há salvação259

O que é preciso para ser salvo. Parábola do bom samaritano: 1 a 3. — O maior mandamento: 4 e 5. — Necessidade da caridade segundo São Paulo: 6 e 7. — Fora da Igreja não há salvação. Fora da verdade não há salvação: 8 e 9.

Instruções dos Espíritos: Fora da caridade não há salvação: 10.

Capítulo XVI • Não se pode servir a Deus

e a Mamom269

Salvação dos ricos: 1 e 2. — Preservar-se da avareza: 3. — Jesus em casa de Zaqueu: 4. — Parábola do mau rico: 5. — Parábola dos talentos: 6. — Utilidade providencial da riqueza. Provas da riqueza e da miséria: 7. — Desigualdade das riquezas: 8.

Instruções dos Espíritos: A verdadeira propriedade: 9 e 10. — Emprego da riqueza: 11 a 13. — Desprendimento dos bens terrenos: 14. — Transmissão da riqueza: 15.

Capítulo XVII • Sede perfeitos289

Caracteres da perfeição: 1 e 2. — O homem de bem: 3. — Os bons espíritos: 4. — Parábola do semeador: 5 e 6.

Instruções dos Espíritos: O dever: 7. — A virtude: 8. — Os superiores e os inferiores: 9. — O homem no mundo: 10. — Cuidar do corpo e do espírito: 11.

Capítulo XVIII • Muitos os chamados e poucos

os escolhidos305

Parábola do banquete de núpcias: 1 e 2. — A porta estreita: 3 a 5. — Os que dizem: Senhor! Senhor!

Não entrarão todos no reino dos céus: 6 a 9. —
Muito se pedirá àquele que muito recebeu: 10 a 12.
Instruções dos Espíritos: Dar-se-á àquele que tem:
13 a 15. — Reconhece-se o cristão pelas suas obras: 16.

Capítulo XIX • A fé transporta montanhas319

Poder da fé: 1 a 5. — A fé religiosa. Condição da fé
inabalável: 6 e 7. — Parábola da figueira seca: 8 a 10.
Instruções dos Espíritos: A fé, mãe da esperança
e da caridade: 11. — A fé divina e a fé humana: 12.

Capítulo XX • Os trabalhadores da última hora.....329

Instruções dos Espíritos: Os últimos serão os
primeiros: 1 a 3. — Missão dos espíritas: 4. — Os
trabalhadores do Senhor: 5.

Capítulo XXI • Haverá falsos cristos e falsos

profetas337

Conhece-se a árvore pelo seu fruto: 1 a 3. — Missão
dos profetas: 4. — Prodígios dos falsos profetas: 5.
— Não acrediteis em todos os espíritos: 6 e 7.

Instruções dos Espíritos: Os falsos profetas: 8. —
Caracteres do verdadeiro profeta: 9. — Os falsos
profetas da erraticidade: 10. — Jeremias e os falsos
profetas: 11.

Capítulo XXII • Não separeis o que Deus juntou.....351

Indissolubilidade do casamento: 1 a 4. — Divórcio: 5.

Capítulo XXIII • Estranha moral.....357

Quem não odeia seu pai e sua mãe: 1 a 3. — Aban-
donar seu pai, sua mãe e seus filhos: 4 a 6. — Deixai
aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos: 7 e
8. — Não vim trazer a paz, mas a divisão: 9 a 18.

**Capítulo XXIV • Não coloqueis a candeia debaixo do
alqueire.....369**

A candeia debaixo do alqueire. Por que Jesus fala por parábolas: 1 a 7. — Não procureis os gentios: 8 a 10. — Não são os que estão bem de saúde que precisam de médico: 11 e 12. — Coragem da fé: 13 a 16. — Carregar sua cruz. Quem quiser salvar sua vida, a perderá: 17 a 19.

Capítulo XXV • Buscai e achareis379

Ajuda-te, e o céu te ajudará: 1 a 5. — Observai os pássaros do céu: 6 a 8. — Não vos canseis pela posse do ouro: 9 a 11.

Capítulo XXVI • Dai gratuitamente o que recebestes gratuitamente387

Dom de curar: 1 e 2. — Preces pagas: 3 e 4. — Mercadores expulsos do templo: 5 e 6. — Mediunidade gratuita: 7 a 10.

Capítulo XXVII • Pedi e obtereis.....393

As qualidades da prece: 1 a 4. — Eficácia da prece: 5 a 8. — Ação da prece. Transmissão do pensamento: 9 a 15. — Preces compreensíveis: 16 e 17. — Da prece pelos mortos e pelos espíritos sofredores: 18 a 21.

Instruções dos Espíritos: Maneira de orar: 22. — A ventura da prece: 23.

Capítulo XXVIII • Coletânea de preces espíritas.....409

Preâmbulo409

I - Preces gerais411

Oração dominical: 2 e 3. — Reuniões espíritas: 4 a 7. — Para os médiuns: 8 a 10.

II • Preces por si mesmo425

Aos anjos guardiães e aos espíritos protetores: 11 a 14. — Para afastar os maus espíritos: 15 a 17. — Para corrigir um defeito: 18 e 19. — Para resistir a uma

tentação: 20 e 21. — Ação de graças pela vitória obtida sobre uma tentação: 22 e 23. — Para pedir um conselho: 24 e 25. — Nas aflições da vida: 26 e 27. — Ação de graças por um favor obtido: 28 e 29. — Ato de submissão e de resignação: 30 a 33. — Num perigo iminente: 34 e 35. — Ação de graças após haver escapado de um perigo: 36 e 37. — No momento de dormir: 38 e 39. — Prevendo a morte próxima: 40 e 41.

III • Preces pelos outros..... 441

Por alguém que está em aflição: 42 e 43. — Ação de graças por um benefício concedido a outra pessoa: 44 e 45. — Pelos nossos inimigos e pelos que nos querem mal: 46 e 47. — Ação de graças pelo bem concedido aos nossos inimigos: 48 e 49. — Pelos inimigos do Espiritismo: 50 a 52. — Por uma criança que acaba de nascer: 53 a 56. — Por um agonizante: 57 e 58.

IV • Preces pelos que não estão mais na Terra 450

Por alguém que acaba de morrer: 59 a 61. — Pelas pessoas a quem tivemos afeição: 62 e 63. — Pelas almas sofredoras que pedem preces: 64 a 66. — Por um inimigo morto: 67 e 68. — Por um criminoso: 69 e 70. — Por um suicida: 71 e 72. — Pelos espíritos arrependidos: 73 e 74. — Pelos espíritos endurecidos: 75 e 76.

V • Preces pelos doentes e pelos obsidiados 462

Pelos doentes: 77 a 80. — Pelos obsidiados: 81 a 84.

Imitação do Evangelho..... 471

Nota Explicativa 475

PREFÁCIO

Os Espíritos do Senhor, que são as virtudes dos céus, como um imenso exército que se move desde que dele recebeu a ordem, espalham-se sobre toda a superfície da Terra; semelhantes às estrelas resplandescentes, eles vêm iluminar a estrada e abrir os olhos dos cegos.

Eu vos digo, em verdade, são chegados os tempos em que todas as coisas devem ser restabelecidas no seu verdadeiro sentido, para dissipar as trevas, envergonhar os orgulhosos e glorificar os justos.

As grandes vozes do céu ressoam como o som do clarim, e os coros dos anjos se reúnem. Homens, nós vos convidamos para o divino concerto; que vossas mãos peguem a lira; que vossas vozes se unam, e que, em um hino sagrado, elas se propaguem e vibrem em toda a extensão do Universo.

Homens, irmãos que nós amamos, estamos próximos de vós; amai-vos também uns aos outros e dizei, do fundo do vosso coração, fazendo as vontades do Pai que está no céu: “Senhor! Senhor!” e podereis entrar no reino dos céus.

O Espírito de Verdade



Nota: A instrução acima, transmitida por via mediúnica, resume ao mesmo tempo o verdadeiro caráter do Espiritismo e o objetivo desta obra; eis por que ela foi colocada aqui como prefácio.



INTRODUÇÃO

I. OBJETIVO DESTA OBRA

As matérias contidas nos Evangelhos podem ser divididas em cinco partes: *os atos comuns da vida do Cristo, os milagres, as predições, as palavras que serviram para o estabelecimento dos dogmas da Igreja e o ensinamento moral.*

Se as quatro primeiras partes foram objeto de controvérsias, a última permaneceu inatacável. Diante desse código divino, a própria incredulidade se inclina; é o território onde todos os cultos podem se encontrar, a bandeira sob a qual todos podem se abrigar, quaisquer que sejam as suas crenças, porque ela jamais foi o motivo das disputas religiosas, levantadas sempre, e por toda a parte, por questões de dogma.¹ Aliás, se o discutissem, as seitas nele teriam encontrado sua própria condenação, porque a maior parte se apega mais à parte mística que à parte moral, que exige a reforma de si mesmo.

Para os homens, em particular, é uma regra de conduta abrangendo todas as circunstâncias da vida privada ou pública,

¹ **Dogma:** ponto fundamental e *indiscutível* de uma doutrina religiosa ou de qualquer doutrina ou sistema; proposição apresentada e aceita como incontestável e indiscutível. Na Igreja Católica Apostólica Romana, é o ponto de doutrina já por ela definido como expressão legítima e necessária da sua fé. (Nota da Tradutora, suas notas seguintes conterão apenas as iniciais N.T.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

o princípio de todas as relações sociais fundadas sobre a mais rigorosa justiça; é, enfim, e acima de tudo, o caminho infalível da felicidade que há de vir, é levantar uma ponta do véu, que oculta a vida futura. É essa parte que será o objeto exclusivo desta obra.

Todo o mundo admira a moral evangélica, proclama a sua sublimidade e necessidade, mas muitos o fazem por confiança no que ouviram falar sobre ela ou pela fé em algumas máximas que se transformaram em provérbios; porém, poucos a conhecem a fundo, menos ainda a compreendem e sabem deduzir as suas conseqüências. A razão disso está, em grande parte, na dificuldade que a leitura do Evangelho apresenta: entendimento muito difícil para um grande número de pessoas. A forma alegórica, o misticismo intencional da linguagem fazem com que a maioria o leia por desencargo de consciência e por dever, como leem as preces, quer dizer, sem proveito. Os preceitos de moral, disseminados aqui e ali, misturados a grande quantidade de outras narrativas, passam despercebidos; torna-se, então, impossível compreendê-los no todo, e deles fazer o objeto de uma leitura e de uma meditação distintas.

É verdade que foram feitos tratados de moral evangélica, mas a apresentação, em estilo literário moderno, retirou a singeleza primitiva que lhe dava, ao mesmo tempo, o encanto e a autenticidade. Ocorreu o mesmo com sentenças isoladas, reduzidas à sua mais simples expressão proverbial; são apenas preceitos que perdem uma parte do seu valor e do seu interesse, pela ausência de detalhes e das circunstâncias em que foram emitidos.

Para evitar esses inconvenientes, reunimos nesta obra os artigos que podem constituir, propriamente falando, um código de moral universal, sem distinção de culto. Nas citações conservamos tudo o que era útil ao desenvolvimento da ideia, retirando apenas as partes estranhas ao assunto. Além disso, respeitamos,

escrupulosamente, a tradução original de Sacy,² assim como a divisão por versículos. Porém, em lugar de nos prendermos a uma ordem cronológica impossível, e sem vantagem real em semelhante assunto, as máximas foram agrupadas e classificadas metodicamente segundo sua natureza, de maneira que elas se deduzissem, tanto quanto possível, umas das outras. A relação dos números de ordem dos capítulos e dos versículos permite recorrer à classificação comum, caso seja necessário.

Esse seria, simplesmente, um trabalho material que, sozinho, teria apenas uma utilidade secundária; o essencial era colocá-lo à disposição de todos, pela explicação das passagens obscuras e o desenvolvimento de todas as consequências, com vistas à sua aplicação às diferentes situações da vida. Isso é o que tentamos fazer com a ajuda dos bons espíritos que nos assistem.

Muitos pontos do Evangelho, da *Bíblia* e dos autores sacros em geral são incompreensíveis, alguns até parecem irracionais pela ausência de um meio que permita compreender o seu verdadeiro sentido. Esse meio de compreensão encontra-se integralmente no Espiritismo, como já puderam se convencer aqueles que o estudaram com seriedade, e como se reconhecerá, ainda melhor, mais tarde.

O Espiritismo se encontra por toda a parte na Antiguidade e em todas as épocas da humanidade. Em todas as regiões acham-se vestígios dele nos escritos, nas crenças e nos monumentos; é por isso que, se a Doutrina Espírita abre novos horizontes para o futuro, também lança uma luz não menos elucidativa sobre os mistérios do passado.

² **Sacy** ou **Saci**: como ficou conhecido o escritor e teólogo Louis-Isaac Lemaistre, autor de uma célebre tradução francesa da *Bíblia*, que suscitou violentas polêmicas. Nasceu em Paris, em 1613 e desencarnou em Pomponne, em 1684. (N.T.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Como complemento de cada preceito, juntamos algumas instruções escolhidas entre aquelas que foram ditadas pelos espíritos, em diversos países e por intermédio de diferentes médiuns. Se essas instruções saíssem de uma única fonte, poderiam sofrer uma interferência pessoal ou do meio em que foram dadas, enquanto que a diversidade das suas origens prova que os espíritos dão seus ensinamentos por toda a parte, e que, sob esse aspecto, não há ninguém privilegiado.³

Esta obra é para o uso de todo o mundo, nela cada um pode buscar os meios de adequar sua conduta à moral do Cristo. Além disso, os espíritas aqui encontrarão as aplicações que mais especialmente lhes dizem respeito. Graças às relações estabelecidas, de uma forma permanente, entre os homens e o mundo invisível, daqui em diante a lei evangélica, ensinada para todas as nações pelos próprios espíritos, não será mais letra morta, porque cada um a compreenderá, e será incessantemente solicitado, pelos conselhos dos seus guias espirituais, a colocá-la em prática. As instruções dos espíritos são, verdadeiramente, as *vozes do céu* que vêm esclarecer os homens e convidá-los para a *prática do Evangelho*.

II. AUTORIDADE DA DOUTRINA ESPÍRITA

Controle universal do ensinamento dos espíritos

Se a Doutrina Espírita fosse uma concepção puramente humana, só teria por garantia os conhecimentos daquele que a tivesse

³ **Nota de Kardec:** Poderíamos, sem dúvida, dar sobre cada assunto um número maior de comunicações obtidas em inúmeras outras cidades e Centros Espíritas além dos que citamos, mas devemos, antes de tudo, evitar a monotonia das repetições inúteis, e limitar nossa escolha àquelas que, pela essência e pela forma, combinam mais especialmente com o plano desta obra, reservando, para publicações posteriores, as que não puderam ser aqui incluídas.

Quanto aos médiuns, evitamos nomeá-los; na maior parte, foi a pedido deles mesmos que não foram designados, portanto não convinha fazer exceções. Aliás, os nomes dos médiuns não teriam acrescentado nenhum valor à obra dos espíritos, isso seria apenas a satisfação do amor-próprio com a qual os médiuns, verdadeiramente sérios, não se preocupam de modo nenhum; eles compreendem que, sendo o seu papel puramente passivo, o valor das comunicações não realça em nada o seu mérito pessoal, e que seria infantil tirar vantagem de um trabalho de inteligência ao qual só prestaram um concurso mecânico.

concebido. Ora, aqui na Terra, ninguém poderia ter a justificada pretensão de possuir, só para ele, a verdade absoluta. Se os espíritos que revelaram o Espiritismo se tivessem manifestado a um único homem, nada asseguraria a origem da Doutrina, porquanto seria preciso acreditar que ele havia recebido os ensinamentos desses espíritos sem outra garantia que a sua palavra. Admitindo-se da sua parte uma perfeita sinceridade, ele poderia, no máximo, convencer as pessoas do seu círculo de amizades e conquistar adeptos, mas jamais alcançaria reunir todo o mundo.

Deus quis que a *nova revelação* chegasse aos homens por um caminho mais rápido e mais autêntico; eis por que ele encarregou os espíritos de levá-la de um polo ao outro da Terra, manifestando-se em todos os lugares, sem dar a pessoa alguma o privilégio exclusivo de ouvir sua palavra. Um homem pode ser enganado, enganar a si mesmo, mas não pode ser assim quando milhões de pessoas veem e ouvem a mesma coisa: isso é uma garantia para cada um e para todos. Aliás, pode-se fazer desaparecer um homem, mas não se faz desaparecer multidões; podem-se queimar livros, mas não se podem queimar os espíritos; ora, mesmo queimando-se todos os livros, a fonte da Doutrina não deixaria de ser inesgotável porque ela não está sobre a Terra, surge de todos os lugares, e cada um de nós pode beber nessa fonte. Na falta de homens para difundir-la, sempre haverá os espíritos, que alcançam todo o mundo e aos quais pessoa alguma pode atingir.

Portanto, na realidade, são os próprios espíritos que fazem a propaganda, com a ajuda de inumeráveis médiuns que aparecem de todos os lados. Se houvesse apenas um único intérprete, por mais favorecido que fosse, o Espiritismo mal seria conhecido; esse mesmo intérprete, de qualquer classe a que pertencesse, teria sido objeto de prevenções por parte de muitas pessoas; nem todas as nações o teriam aceitado, enquanto que os espíritos, comunicando-se em todos os lugares, com todos os povos, com

O Evangelho Segundo o Espiritismo

todas as seitas⁴ e todos os grupos, são aceitos por todos. O Espiritismo não tem nacionalidade, está fora de todos os cultos particulares; não é imposto por nenhuma classe da sociedade, pois cada um pode receber instruções de seus parentes e de seus amigos de além-túmulo. Era necessário que assim fosse para que ele pudesse chamar todos os homens para a fraternidade; se ele não fosse colocado em um terreno neutro, teria mantido as desavenças em lugar de apaziguá-las.

Esta universalidade no ensino dos espíritos fez a força do Espiritismo, e nela também está a causa da sua rápida propagação; enquanto a voz de um único homem, mesmo com a ajuda da imprensa, levaria séculos antes de chegar aos ouvidos de todos. Eis que milhares de vozes se fazem ouvir, simultaneamente, sobre todos os pontos da Terra para proclamar os mesmos princípios, e transmiti-los aos mais ignorantes como aos mais sábios, a fim de que ninguém seja excluído. É uma vantagem da qual nenhuma das doutrinas, que apareceram até hoje, tem desfrutado.

Portanto, se o Espiritismo é uma verdade, ele não teme o malquerer dos homens, nem as revoluções morais, nem as perturbações físicas do globo, porque nenhuma dessas coisas pode atingir os espíritos. Essa, porém, não é a única vantagem que resulta dessa posição excepcional; nela o Espiritismo encontra uma garantia poderosa contra as divisões que poderiam surgir, seja pela ambição de alguns, seja pelas contradições de certos espíritos. Essas contradições, seguramente, são um obstáculo, mas trazem em si o remédio ao lado do mal.

Sabe-se que os espíritos, em consequência da diferença que existe entre seus conhecimentos, estão longe de possuir toda a verdade; que não é dado a todos penetrar certos mistérios; que o seu saber é proporcional à sua depuração; que os espíritos comuns não sabem mais que os homens, podem até saber menos que certos

⁴ Seita: denomina-se seita ao conjunto de pessoas que professam a mesma doutrina. (N.T.)

homens. Que há entre eles, assim como entre os homens, os presunçosos e os falsos sábios, que creem saber o que na realidade não sabem; os sistemáticos, que tomam suas ideias como sendo a verdade, e, enfim, os espíritos de ordem mais elevada, aqueles completamente desmaterializados e que são os únicos despojados das ideias e dos preconceitos terrenos. Porém, sabe-se, também, que os espíritos enganadores não têm escrúpulos de se utilizarem de nomes que não são os seus, para fazerem aceitar suas ideias fantasiosas, quiméricas. Daí resulta que, para tudo aquilo que está fora do ensino exclusivamente moral, as revelações que cada um pode obter têm um caráter individual, sem autenticidade; que essas revelações devem ser consideradas como opiniões pessoais deste ou daquele espírito, e que seria uma imprudência aceitá-las e promulgá-las levemente como verdades absolutas.

Sem a menor dúvida, o primeiro exame ao qual é preciso submeter, sem exceção, tudo o que vem dos espíritos é o da razão. Toda teoria que se apresente em contradição evidente com o bom senso, com uma lógica rigorosa e com os dados positivos que se possui, deve ser rejeitada, ainda que seja assinada por um nome respeitável. Esse controle, porém, em muitos casos é incompleto, por causa da insuficiência de conhecimentos de certas pessoas, e da tendência de muitos em considerar, como único juiz da verdade, o seu próprio julgamento.

Em semelhantes casos, o que fazem os homens que não têm uma confiança absoluta em si mesmos? Eles aceitam a opinião do maior número de pessoas, a opinião da maioria é o seu guia. Assim também deve ser no que diz respeito ao ensino dos espíritos, porquanto eles mesmos nos fornecem os meios.

A concordância nos ensinamentos dos espíritos é, portanto, o melhor controle, mas ainda é preciso que ela seja feita dentro de certas condições. A menos segura de todas é quando um médium

O Evangelho Segundo o Espiritismo

interroga, ele mesmo, vários espíritos sobre um ponto duvidoso; é claro que, se ele estiver sob o domínio de uma obsessão,⁵ ou em relação com um espírito enganador, este espírito pode-lhe dizer a mesma coisa sob nomes diferentes. Também não há uma garantia absoluta na concordância que se pode obter pelos médiuns de um mesmo Centro, pois todos podem estar sofrendo a mesma influência.

A única garantia séria do ensinamento dos espíritos está na concordância que existe entre as revelações feitas espontaneamente, por intermédio de um grande número de médiuns estranhos uns aos outros, e em diversos lugares.

Entende-se perfeitamente que aqui não se trata de comunicações referentes a interesses secundários, mas das que dizem respeito aos próprios princípios da Doutrina. A experiência prova que, quando um princípio novo deve ser divulgado, ele é ensinado *espontaneamente*, em diferentes pontos ao mesmo tempo, e de uma maneira idêntica, caso não seja pela forma, pelo menos o será pelo conteúdo. Portanto, se agradar a um espírito formular um sistema excêntrico, baseado unicamente em suas ideias e fora da verdade, pode-se ficar certo de que esse sistema permanecerá *circunscrito*, e cairá diante da unanimidade das instruções dadas de todas as partes, conforme os inúmeros exemplos têm demonstrado. É esta unanimidade que fez cair todas as teorias parciais que apareceram na origem do Espiritismo, quando cada um explicava os fenômenos à sua maneira, e antes que se conhecessem as leis que regem as relações entre o mundo visível e o invisível.

Esta é a base em que nos apoiamos, quando formulamos um princípio da Doutrina. Não é porque ele está de acordo com as nossas ideias que nós o consideramos como verdadeiro. Não nos colocamos, em absoluto, como juiz supremo da verdade e nem dizemos a pessoa alguma: “Acreditem em

⁵ Estar “**sob o domínio de uma obsessão**”: estar sob a ação dominante que certos espíritos inferiores podem exercer sobre os encarnados. (N.T.)

tal coisa, pois estamos lhes dizendo.” A nossa opinião, aos nossos próprios olhos, é simplesmente uma opinião pessoal, que pode ser falsa ou verdadeira, porque nós não somos mais infalíveis que ninguém. Não é porque um princípio nos é ensinado que devemos considerá-lo como verdadeiro, mas porque ele recebeu aprovação unânime.

Na nossa posição, recebendo comunicações de quase mil Centros Espíritas sérios, disseminados pelos diversos pontos do globo, temos condições de ver os princípios sobre os quais essa concordância se estabelece; essa observação é que nos guia até hoje, e igualmente nos guiará nos novos campos que o Espiritismo será chamado a explorar. Foi assim que, estudando atentamente as comunicações vindas de diversos lugares, tanto da França quanto do estrangeiro, nós reconhecemos, na natureza toda especial das revelações, que há tendência a entrar em uma nova estrada, e que é chegado o momento de dar um passo adiante.

Essas revelações, às vezes feitas com meios-termos, frequentemente passaram despercebidas por muitos daqueles que as têm obtido; muitos outros acreditaram ser os únicos a obtê-las. Tomadas isoladamente, elas seriam sem valor para nós, somente a coincidência lhes dá a seriedade. Depois, quando chegar o momento de levá-las à luz da publicidade, cada um então se lembrará de haver recebido instruções com o mesmo conteúdo. É este movimento geral que nós observamos, que estudamos, com a assistência dos nossos guias espirituais, e que nos ajuda a julgar a oportunidade que existe, para nós, de fazermos ou não uma coisa.

Esse controle universal é uma garantia para a unidade vindoura do Espiritismo, e ele anulará todas as teorias contraditórias. É assim que, no futuro, se encontrará o critério da verdade. O que fez o sucesso da Doutrina formulada em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns* é que em toda a parte cada um pôde receber diretamente dos espíritos a confirmação do que eles

O Evangelho Segundo o Espiritismo

contêm. Se, de todos os lados, os espíritos viessem contradizê-los, depois de algum tempo esses livros teriam sofrido o mesmo destino de todas as concepções fantásticas; nem o apoio da imprensa poderia salvá-los do naufrágio, enquanto que, mesmo privados desse apoio, eles abriram os seus caminhos e avançaram rapidamente, porquanto tiveram o amparo dos espíritos, dos quais a boa vontade muito compensou o malquerer dos homens. Assim acontecerá com todas as ideias que, emanando dos espíritos ou dos homens não puderem suportar a prova desse controle cujo poder nenhuma pessoa pode contestar.

Vamos supor que agrade a certos espíritos ditar, sob um título qualquer, um livro em sentido contrário; suponhamos mesmo que, com uma intenção hostil, objetivando desacreditar a Doutrina, a malevolência fizesse surgir comunicações apócrifas, isto é, falsas. Que influência poderiam ter esses escritos, se eles são desmentidos de todos os lados pelos espíritos? É a adesão dos espíritos que precisaria ser assegurada antes de lançar um sistema em nome deles. Do sistema de um só ao de todos, há a distância que vai da unidade ao infinito. O que podem, até mesmo, todos os argumentos dos detratores sobre a opinião das multidões, quando milhões de vozes amigas, provenientes do espaço, vêm de todas as partes do Universo, e no meio de cada família, para contradizê-los? A experiência, em relação a esse assunto, já não confirmou a teoria? Em que são transformadas todas essas publicações que deveriam, supostamente, destruir o Espiritismo? Qual foi aquele que conseguiu diminuir a sua marcha? Até o presente não se havia examinado a questão sob esse ponto de vista, um dos mais graves, sem dúvida alguma; cada um contou consigo mesmo, sem contar com os espíritos.

O princípio da concordância é ainda uma garantia contra as alterações que o Espiritismo poderia sofrer pelas seitas que quisessem apoderar-se dele e acomodá-lo à sua vontade. Quem quer que tentasse desviá-lo do seu objetivo providencial, fracassaria,

pela simples razão de que os espíritos, pela universalidade dos seus ensinamentos, farão tombar qualquer modificação que se afaste da verdade.

De tudo isso ressalta uma verdade capital, a de que aquele que quisesse colocar-se contra a corrente de ideias, estabelecida e sancionada, bem poderia causar uma pequena perturbação local e momentânea, mas jamais dominar o conjunto, mesmo no presente, e ainda menos no futuro.

Disso ainda resulta que as instruções dadas pelos espíritos sobre pontos da Doutrina ainda não elucidados, não se tornaram lei, tanto é que elas ficaram isoladas; e que, por conseguinte, só devem ser aceitas sob todas as reservas e a título de esclarecimento.

Daí a necessidade de usar da maior prudência na sua publicação; e, no caso em que se acredita que se deve publicá-las, é importante apresentá-las como opiniões individuais, mais ou menos prováveis, havendo, porém, em todos os casos, necessidade de confirmação. É essa confirmação que se deve aguardar, antes de apresentar um princípio como verdade absoluta, se não se deseja ser acusado de leviandade ou de credulidade irrefletida.

Os espíritos superiores procedem com uma extrema sabedoria nas suas revelações; eles só abordam gradualmente as grandes questões da Doutrina, à medida que a inteligência está apta a compreender as verdades de uma ordem mais elevada, e que as circunstâncias são propícias para a emissão de uma nova ideia. Eis por que, eles não disseram tudo desde o início, e ainda hoje não o fizeram, não cedendo jamais à impaciência de pessoas muito apressadas que querem colher os frutos antes de estarem maduros. Portanto, seria supérfluo querer antecipar o tempo determinado para cada coisa pela Providência, porque, então, os espíritos verdadeiramente sérios recusariam sua ajuda;

O Evangelho Segundo o Espiritismo

no entanto, os espíritos levianos, pouco se preocupando com a verdade, respondem a tudo; é por essa razão que, sobre todas as questões prematuras, sempre há respostas contraditórias.

Os princípios acima não são as resultantes de uma teoria pessoal, mas a consequência das condições nas quais os espíritos se manifestam. É evidente que, se um espírito diz uma coisa de um lado, enquanto milhões de espíritos dizem o contrário de outros lugares, a presunção da verdade não pode estar com aquele que é o único ou quase único com tal opinião. Ora, pretender ter razão sozinho, contra todos, seria tão ilógico da parte de um espírito quanto da parte dos homens.

Os espíritos verdadeiramente sábios, se não se sentem suficientemente esclarecidos sobre uma questão, nunca a resolvem de uma maneira absoluta; declaram que a tratam apenas do seu ponto de vista e eles mesmos aconselham esperar a confirmação.

Por mais que uma ideia seja grande, bela e justa, é impossível que ela, desde o início, concentre todas as opiniões. Os conflitos dela resultantes são a consequência inevitável do movimento que se desenvolve; eles são mesmo necessários para melhor fazer ressaltar a verdade, e é útil que aconteçam logo no início do movimento para que as ideias falsas sejam logo afastadas. Os espíritos que a esse respeito possuem algum temor devem, portanto, ficar tranquilos. Todas as pretensões isoladas cairão, pela força das coisas, diante do grande e poderoso critério da concordância universal.

Não é pela opinião de um homem que os outros se congregarão, mas pela voz unânime dos espíritos. Não será um homem, muito menos nós ou qualquer outro, que fundará a ortodoxia⁶ espírita; também não será um espírito, vindo se

⁶ **Ortodoxia:** absoluta conformidade de uma opinião com uma doutrina; fiel e exato cumprimento dessa doutrina. (N.T.)

impor a quem quer que seja: será a universalidade dos espíritos comunicando-se em toda a Terra por ordem de Deus; aí está o caráter essencial da Doutrina Espírita, a sua força, a sua autoridade. Deus quis que a sua lei fosse assentada sobre uma base inabalável, foi por isso que ele não a colocou sobre a cabeça frágil de uma única pessoa.

É diante desse poderoso areópago,⁷ que não conhece nem as sociedades secretas, nem as rivalidades invejosas, nem as seitas, nem as nações, que virão se quebrar todas as oposições, todas as ambições, todas as pretensões à supremacia individual; é diante dele que nós mesmos nos quebraríamos se quiséssemos substituir, pelas nossas próprias ideias, os seus decretos soberanos. Só ele decidirá todas as questões litigiosas, fará calar os dissidentes e dará, ou não, razão a quem de direito. Diante desse grandioso acordo de todas as vozes do céu, o que pode a opinião de um homem ou de um espírito? Menos que a gota d'água que se perde no oceano, menos que a voz de uma criança abafada pela tempestade.

A opinião universal, eis, portanto, o juiz supremo, aquele que fala em última instância. Ela se forma de todas as opiniões individuais; se uma delas é verdadeira, só tem um peso relativo na balança, se é falsa, não pode levar vantagem sobre todas as outras. Nesse imenso concurso, as individualidades se apagam, o que é um novo revés para o orgulho humano.

Esse conjunto harmonioso já se delineia. Ora, este século não passará sem que ele resplandeça em todo o seu esplendor, de maneira a anular todas as incertezas; porque daqui para a frente vozes poderosas terão recebido a missão de se fazerem ouvir, para reunir os homens sob a mesma bandeira, desde que o campo

⁷ **Areópago:** assim se denominava o tribunal supremo de Atenas; assembleia de juízes, sábios, literatos, etc. (N.T.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

esteja suficientemente preparado. Enquanto espera, aquele que hesita entre dois sistemas opostos pode observar em que sentido se forma a opinião geral, este é o indício certo do sentido em que se pronuncia a maioria dos espíritos, nos diversos pontos em que se comunicam; é um sinal também certo de qual dos dois sistemas irá prevalecer.

III. NOTÍCIAS HISTÓRICAS

Para compreender melhor algumas passagens dos Evangelhos, é necessário conhecer o valor de certas palavras, que neles são empregadas frequentemente e que caracterizam a situação da sociedade judaica e dos costumes naquela época. Essas palavras, não tendo mais, para nós, o mesmo sentido, muitas vezes foram mal interpretadas e, por isso mesmo, criaram muitas dúvidas. A compreensão do seu significado explica, além disso, o verdadeiro sentido de certas máximas que, à primeira vista, parecem estranhas.

Samaritanos. Após o cisma das dez tribos, Samaria tornou-se a capital do reino dissidente de Israel. Destruída e reconstruída muitas vezes, ela foi, sob o Império Romano, a capital da Samaria, uma das quatro divisões da Palestina. Herodes,⁸ chamado o Grande, embelezou-a com suntuosos monumentos e, para agradar a Augusto, deu a ela o nome de *Augusta*, em grego *Sebaste*.

Os *samaritanos* quase sempre estiveram em guerra com os reis de Judá;⁹ uma aversão profunda, datando da separação, perpetuou-se entre os dois povos, que abandonaram todas as relações recíprocas. Os samaritanos, para tornar a separação mais

⁸ **Herodes, o Grande:** nasceu em Ascalão, no ano 73 e desencarnou em Jerusalém, no ano 4 a.C. Foi rei dos judeus de 40 a 4 a.C. e pai de Herodes Antipas. (N.T.)

⁹ **Judá:** reino formado pelas tribos de Judá e Benjamin e que ocupava a parte meridional da Palestina; constituído cerca de 931 a.C. e destruído em 586 a.C. (N.T.)

profunda e não terem de ir a Jerusalém para a celebração das festas religiosas, construíram um templo particular e adotaram certas reformas; admitiam somente o *Pentateuco*,¹⁰ contendo a lei de Moisés, e rejeitavam todos os livros que lhe foram anexados posteriormente. Seus livros sagrados eram escritos em caracteres hebreus da mais alta Antiguidade. Aos olhos dos judeus ortodoxos eles eram heréticos;¹¹ isto é, contrários à doutrina estabelecida, e, por isso mesmo, desprezados, amaldiçoados e perseguidos. Portanto, o antagonismo das duas nações tinha por único princípio a divergência de opiniões religiosas, ainda que suas crenças tivessem a mesma origem; eram os *protestantes* daquela época.

Atualmente, ainda se encontram *samaritanos* em algumas regiões do Levante¹² particularmente em Nabulus e Jafa.¹³ Eles seguem a lei de Moisés com mais rigor que os outros judeus e só celebram casamentos entre eles.

Nazarenos. Na antiga lei, este era o nome dado aos judeus que faziam voto de se conservarem em pureza perfeita por toda a vida ou por algum tempo. Eles se obrigavam à castidade, à abstinência de bebidas alcoólicas e à conservação da sua cabeleira. Sansão,¹⁴ Samuel¹⁵ e João Batista¹⁶ eram *nazarenos*. Mais tarde,

¹⁰ **Pentateuco** ou os **Cinco Livros de Moisés**, escritos em hebreu arcaico, são os primeiros da *Bíblia*, a saber: o *Gênesis* que narra a criação do Universo e do gênero humano até a formação do povo de Israel (hebreus) e sua estada no Egito; o *Êxodo*, que narra a saída dos israelitas do Egito, conduzidos por Moisés; o *Levítico* ou *Livro das Prescrições Religiosas*; o *Números*, que conta a história dos hebreus a partir da estada junto ao Monte Sinai até a chegada à Terra Santa (Palestina) e o *Deuteronomio*, ou segunda lei, promulgada no fim da jornada no deserto. (N.T.)

¹¹ **Herético**: o mesmo que herege, ou seja, aquele que professa doutrina contrária ao que foi definido pela Igreja como sendo matéria de fé. (N.T.)

¹² **Levante**: nome dado ao conjunto de países da costa oriental do Mar Mediterrâneo: Turquia, Síria, Líbano, Israel e Egito. (N.T.)

¹³ **Nabulus e Jafa**: cidades de Israel. (N.T.)

¹⁴ **Sansão**: juiz dos hebreus (séc. XII a.C.); diz a lenda que a força descomunal que ele possuía era devida aos seus longos cabelos, e que Dalila, uma cortesã, para poder entregá-lo aos seus inimigos, sem que Sansão tivesse meios de defesa, cortou sua cabeleira enquanto ele estava adormecido. (N.T.)

¹⁵ **Samuel**: profeta e juiz de Israel, (séc. XI a.C.) (N.T.)

¹⁶ **João Batista**: chamado o Precursor; filho de Zacarias e Isabel, batizou Jesus e designou-o como o Messias, foi decapitado a mando de Herodes Antipas no ano 28 ou 29 d.C. (N.T.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

os judeus deram esse nome aos cristãos, por alusão a Jesus de Nazaré. Esse também foi o nome de uma seita herética dos primeiros séculos da era cristã que, da mesma forma que os *ebionitas*,¹⁷ dos quais eles adotaram certos princípios, misturava as práticas do mosaísmo, isto é, das leis de Moisés, aos dogmas cristãos. Essa seita desapareceu no quarto século.

Publicanos. Assim eram chamados, na Roma antiga, os cavaleiros arrendatários das taxas públicas, encarregados da cobrança dos impostos e das rendas de toda a natureza, fosse na própria Roma, fosse em outras partes do Império. Eram semelhantes aos cobradores de impostos gerais e aos contratantes do antigo regime na França, e aos que ainda existem em certas regiões. Os riscos que corriam faziam com que se fechassem os olhos às riquezas que, muitas vezes, eles adquiriam, e que, para muitos deles, eram o produto de cobranças e de benefícios escandalosos.

Mais tarde, o nome *publicano* se estendeu a todos aqueles que tinham a administração do dinheiro público e aos agentes subalternos. Atualmente, esse nome é mal interpretado e serve para designar os financistas e agentes de negócios pouco escrupulosos. Algumas vezes se diz: “ávido como um *publicano*, rico como um *publicano*”, em relação a fortunas de origem duvidosa.

O que os judeus aceitaram com mais dificuldade, durante a dominação romana, e o que mais irritação causou entre eles, foi a cobrança de impostos. Esse fato originou muitas revoltas e se transformou em uma questão religiosa, pois a encaravam como contrária à lei. Formou-se até um partido poderoso, à frente do qual estava um certo Judas, chamado o Gaulonita, que tinha como princípio o não pagamento dos impostos. Os judeus, portanto,

¹⁷ **Ebionitas:** partidários do *ebionismo*, seita do séc. I d.C. que, embora reconhecessem Jesus como o Messias, negavam a sua divindade e pretendiam que só os pobres seriam salvos. (N.T.)

tinham horror a essa cobrança e a todos aqueles que eram encarregados de efetuá-la, daí a sua aversão pelos *publicanos* de todas as categorias, entre os quais podiam encontrar-se pessoas muito estimáveis, mas que, em razão das suas funções, eram desprezadas, assim como aqueles que se relacionavam com eles, todos merecedores da mesma reprovação. Os judeus distintos acreditavam que se comprometiam, se tivessem relações de intimidade com eles.

Peageiros: eram os cobradores de baixa categoria, encarregados, principalmente, da cobrança do direito de entrada nas cidades, ou seja, o pedágio. Suas funções correspondiam, mais ou menos, às dos alfandegários e dos cobradores de taxas sobre mercadorias, e recebiam a mesma reprovação que os *publicanos* em geral. É por essa razão que, no Evangelho, encontra-se frequentemente o nome *publicano* ligado ao de *pessoas de má vida*; esta classificação não se referia a devassos nem a vagabundos; era um termo de menosprezo, sinônimo de pessoas de má companhia, indignas de se relacionarem com pessoas de bem.

Fariseu, do hebraico *parasch* = divisão, separação. A tradição constituía uma parte importante da teologia¹⁸ judaica; consistia na reunião de sucessivas interpretações dadas sobre o significado das *Escrituras*¹⁹ e que haviam se transformado em artigos de dogma. Entre os doutores, isso era motivo de discussões intermináveis, na maior parte das vezes sobre simples questões de palavras ou de formas, no gênero das disputas teológicas e das sutilezas da escolástica²⁰ da Idade Média. Daí nasceram diferentes seitas que pretendiam, cada uma delas, ser a dona absoluta da

¹⁸ **Teologia:** estudo das questões referentes à verdade religiosa; ao conhecimento da divindade, de seus atributos e relações com o mundo e com os homens. (N.T.)

¹⁹ **Escrituras:** o *Antigo* e o *Novo Testamento*. (N.T.)

²⁰ **Escolástica:** ensino filosófico, caracterizado sobretudo pelo problema da relação entre a fé e a razão, seguido nas escolas de teologia da Idade Média, e que se manteve em alguns estabelecimentos até o fim do séc. XVII. (N.T.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

verdade, e, como quase sempre acontece, se detestavam cordialmente umas às outras.

Entre essas seitas, a mais influente era a dos *fariseus*, que teve por chefe Hillel, doutor judeu nascido na Babilônia, fundador de uma escola célebre onde se ensinava que a fé só era dada pelas *Escrituras*. Sua origem remonta ao ano 180 ou 200 a.C. Os *fariseus* foram perseguidos em diversas épocas, notadamente na época de Hircano,²¹ soberano pontífice e rei dos judeus, Aristóbulo²² e Alexandre,²³ rei da Síria. Entretanto, tendo este último lhes devolvido suas honras e seus bens, os *fariseus* retomaram o seu poder e o conservaram até a *ruína de Jerusalém*,²⁴ no ano 70 da era cristã, época em que seu nome desapareceu em consequência da dispersão dos judeus.

Os *fariseus* tinham uma parte ativa nas controvérsias religiosas. Cumpridores servis das práticas exteriores do culto e das cerimônias, cheios de um zelo ardoroso de proselitismo,²⁵ inimigos dos inovadores, eles simulavam uma grande severidade de princípios; mas, sob as aparências de uma devoção meticulosa, escondiam costumes devassos, muito orgulho e, acima de tudo, um desejo excessivo de dominação. A religião, para eles, era mais um meio de subirem na vida que o objeto de uma fé sincera. Da virtude só possuíam a aparência e a ostentação, mas com isso

²¹ **Hircano I:** príncipe dos judeus de 135 a 105 a.C., ano de sua morte; foi sucessor de seu pai, Simão Macabeu. (N.T.)

²² **Aristóbulo:** rei da Judeia, reinou de 107 a 106 a.C. (N.T.)

²³ **Alexandre:** temos dois reis da Síria com este nome. Alexandre Balas, que reinou de 151 a 147 a.C. e Alexandre Zabinas que reinou de 126 a 122 a.C., não sabemos a qual dos dois o autor se refere. (N.T.)

²⁴ Durante o reinado do imperador romano Vespasiano, que durou de 69 a 79 d.C., seu filho, Tito Flávio Sabino Vespasiano, comandando o exército romano, no ano 70 d.C., tomou e **arruinou Jerusalém**, queimando o famoso Templo que Salomão mandou edificar, e a maior parte dos edifícios da cidade, que ficou quase inteiramente destruída. Tito também foi imperador durante o período de 79 a 81. (N.T.)

²⁵ **Proselitismo:** atividade diligente em fazer prosélitos, isto é, convencer indivíduos a adotar uma outra religião. (N.T.)

exerciam uma grande influência sobre o povo, aos olhos do qual passavam por santas criaturas; eis por que eram muito poderosos em Jerusalém.

Acreditavam, ou pelo menos diziam acreditar na Providência, na imortalidade da alma, na eternidade das penas e na ressurreição dos mortos. (Cap. IV, item 4.) Jesus, que acima de tudo prezava a simplicidade e as qualidades do coração, que preferia na lei *o espírito que vivifica à letra que mata*, dedicou-se, durante toda a sua missão, a desmascarar essa hipocrisia e, em consequência do seu procedimento, fez inimigos obstinados entre os *fariseus*. Foi por esse motivo que eles se uniram aos príncipes dos sacerdotes para amotinar o povo contra Jesus e fazê-lo morrer.

Escribas: nome dado, a princípio, aos secretários dos reis de Judá, e a certos intendentess dos exércitos judeus; mais tarde, essa designação foi aplicada especialmente aos doutores que ensinavam a lei de Moisés e a interpretavam para o povo. Tinham ideias comuns com os *fariseus* e com eles partilhavam os princípios e a antipatia contra os inovadores; por isso Jesus os reúne na mesma reprovação.

Sinagoga, do grego *synagogé* = reunião, assembleia, congregação. Na Judeia havia apenas um Templo, o de Salomão,²⁶ em Jerusalém, onde se celebravam as grandes cerimônias do culto. Os judeus se dirigiam a ele todos os anos, em peregrinação, para as principais festas como a da Páscoa,²⁷ a da Dedicção²⁸ e a dos

²⁶ **Templo de Salomão:** como ficou conhecido, foi o Templo que Salomão, rei dos israelitas, mandou edificar em Jerusalém e que levou sete anos sendo construído. Salomão, filho e sucessor do Rei Davi, nasceu em Jerusalém e começou a reinar aos vinte anos de idade, por volta de 970 a.C. Seu reinado durou quarenta anos e ele consagrou-se inteiramente à administração e ao embelezamento do seu reino; sua sabedoria tornou-se famosa em todo o Oriente. Salomão faleceu em 931 a.C. (N.T.)

²⁷ **Festa da Páscoa:** a primeira das três festas anuais a que deveriam comparecer todos os homens. Foi instituída no Egito para comemorar a redenção de Israel. (N.T.)

²⁸ **Festa da Dedicção:** festa criada por Judas Macabeu, no ano de 165 a.C., para comemorar a purificação e a renovação do Templo que, três anos antes, havia sido profanado pelos gregos. (N.T.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Tabernáculos.²⁹ Foi nessas ocasiões que Jesus fez várias viagens a Jerusalém. As outras cidades não tinham templos, mas sim *sinagogas*, edifícios onde os judeus se reuniam aos sábados para fazer as preces públicas, sob a direção dos anciãos, dos escribas ou doutores da lei. Ali também se faziam leituras, tiradas dos livros sagrados, seguidas de explicações e comentários, dos quais qualquer pessoa podia participar; eis por que Jesus, sem ser sacerdote, ensinava aos sábados na *sinagoga*.

Desde a ruína de Jerusalém e a dispersão dos judeus, as *sinagogas* passaram a lhes servir de templo para a celebração dos cultos nas cidades em que habitavam.

Saduceus: seita judia que se formou por volta de 248 a.C.; assim nomeada devido a Sadoc, seu fundador. Os *saduceus* não acreditavam nem na imortalidade da alma, nem na ressurreição, nem nos bons e maus anjos. Entretanto, acreditavam em Deus, mas não esperavam nada após a morte, somente o serviam em vista de recompensas temporais que, segundo a crença que tinham, era ao que se limitava sua Providência. A satisfação dos sentidos era para eles o objetivo essencial da vida.

Quanto às *Escrituras*, os *saduceus* se prendiam ao texto da antiga lei, não admitindo nem a tradição, nem nenhuma interpretação; colocavam as boas obras e a execução pura e simples da lei acima das práticas exteriores do culto. Eram, como podemos ver, os materialistas, os deístas³⁰ e os sensualistas daquela época. Essa seita era pouco numerosa, mas contava com personagens importantes, e se tornou um partido político constantemente oposto aos *fariseus*.

²⁹ **Festa dos Tabernáculos:** uma das três grandes solenidades hebraicas, celebrada depois das colheitas, sob tendas ou abrigos formados pela ramagem das árvores, em memória do acampamento no deserto, após a saída do Egito. (N.T.)

³⁰ **Deísta:** aquele que crê em Deus, mas não aceita religião nem culto. (N.T.)

Essênios ou Esseus: seita judia fundada por volta do ano 150 a.C., no tempo dos *macabeus*,³¹ e cujos membros, que habitavam em prédios semelhantes a mosteiros, formavam entre eles uma espécie de associação moral e religiosa. Distinguiam-se por hábitos tranquilos e virtudes austeras, ensinavam o amor a Deus e ao próximo, a imortalidade da alma e acreditavam na ressurreição. Eram celibatários, condenavam a escravidão e a guerra, partilhavam seus bens em comum e se dedicavam à agricultura. Opostos aos sensuais *saduceus*, que negavam a imortalidade, e aos *fariseus*, rígidos por suas práticas exteriores e entre os quais a virtude era só aparente, eles não tomavam parte alguma nas querelas que dividiam essas duas seitas.

Seu gênero de vida os aproximava dos primeiros cristãos, e os princípios de moral que professavam fizeram com que algumas pessoas pensassem que Jesus fez parte dessa seita, antes de iniciar a sua missão pública. O que é certo é que ele deve tê-la conhecido, mas nada prova que se filiou a ela, e tudo o que se escreveu a esse respeito é hipotético.³²

Terapeutas, do grego *thérapeutai*, derivado do verbo *therapeuein*, servir, curar, significa: servidores de Deus ou curadores; eram sectários judeus, contemporâneos do Cristo, estabelecidos principalmente em Alexandria, no Egito. Tinham grande relação com os *essênios*, dos quais professavam os princípios e igualmente adotavam a prática de todas as virtudes. Sua alimentação era extremamente frugal; voltados para o celibato, a contemplação e a vida solitária, formavam uma verdadeira ordem religiosa. Fílon, filósofo judeu platônico de Alexandria, foi o

³¹ **Macabeus:** nome de uma família que governou a Judeia desde o ano de 166 até 37 a.C., também denominada asmoneus. (N.T. conforme John D. Davis in *Dicionário da Bíblia*, Casa Publicadora Batista.)

³² **Nota de Kardec:** *A Morte de Jesus*, livro supostamente escrito por um irmão essênio, completamente apócrifo, cujo objetivo é servir a uma opinião e que traz em si mesmo a prova da sua origem moderna.

O Evangelho Segundo o Espiritismo

primeiro a falar dos *terapeutas*, considerando-os como uma seita judaica. Eusébio, São Jerônimo e outros Pais da Igreja³³ pensam que eles eram cristãos. Quer fossem judeus ou cristãos, é evidente que, da mesma forma que os *essênios*, eles representavam um traço de união entre o judaísmo e o Cristianismo.

IV. SÓCRATES E PLATÃO, PRECURSORES DA IDEIA CRISTÃ E DO ESPIRITISMO

Supondo-se que Jesus conheceu a seita dos essênios, seria errado concluir-se que foi dela que ele tirou a sua doutrina, e que, se tivesse vivido em outro meio, teria professado outros princípios.

As grandes ideias nunca aparecem subitamente; aquelas que têm por base a verdade, sempre apresentam precursores que lhes preparam parcialmente o caminho. Depois, quando os tempos são chegados, Deus envia um homem com a missão de resumir, coordenar e completar esses elementos esparsos, e com eles formar uma base. Desta maneira, não chegando bruscamente, ela encontra, ao aparecer, espíritos inteiramente dispostos a aceitá-la. Assim ocorreu com a ideia cristã, que foi pressentida muitos séculos antes de Jesus e dos essênios e da qual Sócrates³⁴ e Platão³⁵ foram os principais precursores.

Sócrates, da mesma forma que o Cristo, nada escreveu, ou, pelo menos, não deixou nenhum escrito. Como o Cristo, teve a morte dos criminosos, vítima do fanatismo, por haver atacado as crenças existentes e posto a virtude real acima da hipocrisia e da aparência das formas, em uma palavra, por haver combatido os preconceitos religiosos. Como Jesus, foi acusado pelos fariseus

³³ **Pais da Igreja:** doutores da Igreja, padres de grande cultura, cujos escritos fizeram regra em matéria de fé. (N.T.)

³⁴ **Sócrates:** ilustre filósofo grego (Ática, 470 – Atenas, 399 a.C.), dedicou-se ao estudo moral do homem. Acusado de impiedade foi preso e condenado a envenenar-se com cicuta. (N.T.)

³⁵ **Platão:** filósofo grego, discípulo de Sócrates e mestre de Aristóteles (Atenas, 428 ou 427 – Atenas, 348 ou 347 a.C.) Escreveu os *Diálogos*, através dos quais os dados a respeito da personalidade e da filosofia de Sócrates chegaram até nós. (N.T.)

de corromper o povo com os seus ensinamentos. Sócrates também foi acusado pelos fariseus do seu tempo — porque eles existiram em todas as épocas — de corromper a juventude, ao proclamar o dogma da unidade de Deus, a imortalidade da alma e a vida futura.

Assim como nós conhecemos a doutrina de Jesus somente pelos escritos de seus discípulos, conhecemos a de Sócrates pelos escritos do seu discípulo Platão. Cremos que será útil resumir aqui os pontos mais importantes da doutrina socrática para demonstrar a sua concordância com os princípios do Cristianismo.

Àqueles que olharem este paralelo como uma profanação, e considerarem que não pode haver semelhança entre a doutrina de um pagão e a de Cristo, responderemos que a doutrina de Sócrates não era pagã, porquanto ela possuía como objetivo combater o paganismo; que a doutrina de Jesus, mais completa e mais depurada que a de Sócrates, nada tem a perder com a comparação; que a grandeza de missão divina do Cristo não poderia ser diminuída e que a história não pode ser sufocada. O homem chegou a um ponto em que a luz sai por si mesma de debaixo do alqueire,³⁶ e ele está pronto para olhá-la de frente, tanto pior para aqueles que não ousarem abrir os olhos. É chegado o tempo de encarar as coisas amplamente, do alto, e não sob o ponto de vista mesquinho e estreito dos interesses de seitas e de castas.

Por outro lado, estas citações provarão que, se Sócrates e Platão pressentiram a ideia cristã, encontra-se, igualmente, na sua doutrina os princípios fundamentais do Espiritismo.

RESUMO DA DOCTRINA DE SÓCRATES E PLATÃO

I. *O homem é uma alma encarnada. Antes da sua encarnação ela existia unida aos tipos primordiais, às ideias da*

³⁶ **Alqueire:** antiga unidade de medida de capacidade para cereais, de conteúdo variável segundo a região (mais ou menos 13 litros), cujo recipiente podia ser feito em barro ou em madeira, em forma de caixa, daí a expressão “não colocar a candeia debaixo do alqueire”. (N.T.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

verdade, do bem e do belo; encarnando, separou-se deles, e, lembrando-se do seu passado ela fica mais ou menos atormentada pelo desejo de a ele voltar.

Não se pode explicar mais claramente a diferença e a independência entre o princípio inteligente, ou seja, a alma, e o princípio material, isto é, o corpo. Além disso, é a doutrina da preexistência da alma, da vaga intuição que ela conserva de um outro mundo ao qual ela aspira, da sua sobrevivência ao corpo, da sua saída do mundo espiritual para encarnar e da sua volta a esse mesmo mundo após a morte, é, enfim, o germe da doutrina dos anjos decaídos.

II. *A alma se extravia e se perturba quando se serve do corpo para estudar qualquer assunto; tem vertigens como se estivesse ébria, porque ela se liga a coisas que são, por sua natureza, sujeitas a mudanças; ao passo que, quando contempla sua própria essência, ela se volta para o que é puro, eterno, imortal, e, sendo da mesma natureza, aí permanece ligada tanto tempo quanto possa. Então, findam as suas perturbações, porque ela está unida ao que é imutável, e a esse estado de alma é o que se chama sabedoria.*

Assim, ilude-se o homem que considera as coisas por baixo, terra-a-terra, sob o ponto de vista material; para apreciá-las com precisão, é preciso vê-las do alto, isto é, do ponto de vista espiritual. Portanto, o verdadeiro sábio deve, de algum modo, isolar a alma do corpo, para ver com os olhos do espírito. É isso que o Espiritismo ensina. (Cap. II, item 5.)

III. *Enquanto tivermos o nosso corpo, e a alma se encontrar mergulhada nessa corrupção, jamais, possuiremos o objeto dos nossos desejos: a verdade. De fato, o corpo nos oferece mil obstáculos pela necessidade que temos de cuidar dele; além disso, ele nos enche de desejos, de apetites, de temores, de mil quimeras e de mil tolices, de maneira que, com ele, é impossível*

sermos sábios ao menos por um instante, porém, se é impossível conhecer alguma coisa com pureza, enquanto a alma está unida ao corpo, de duas coisas temos que concluir por uma: ou não se conhecerá jamais a verdade, ou ela só será conhecida após a morte. Libertos da loucura do corpo, então conversaremos, é lógico que se espere, com homens igualmente livres, e conheceremos, por nós mesmos, a essência das coisas. Eis por que os verdadeiros filósofos se preparam para morrer, e a morte não lhes parece, de maneira alguma, temível. (O Céu e o Inferno, 1ª parte, cap. II; 2ª parte, cap. I.)

Aqui temos o princípio das faculdades da alma, obscuras por terem como intermediários os órgãos corporais, e o da expansão dessas faculdades após a morte. Trata-se, porém, das almas de elite, já depuradas, não ocorre o mesmo com as almas impuras.

IV. *A alma impura, nesse estado, está entorpecida e é arrastada novamente para o mundo visível pelo horror do que é invisível e imaterial. Então, ela perambula, segundo dizem, ao redor dos monumentos e dos túmulos, perto dos quais se tem visto, às vezes, fantasmas tenebrosos, como devem ser as imagens das almas que deixaram o corpo sem estarem inteiramente puras, e que ainda conservam alguma coisa da forma material, o que faz com que os olhos humanos possam percebê-las. Não são as almas dos bons, mas as dos maus que são forçadas a vagar nesses lugares, onde carregam as penas de sua vida passada, e onde continuam a vagar até que os desejos inerentes à forma material, que os atraem, as devolvam a um outro corpo, e então elas retomam, sem dúvida, os mesmos costumes que, durante sua vida anterior, eram motivo de suas predileções.*

Não é somente o princípio da reencarnação que aqui está claramente expresso; o estado das almas que ainda estão sob o domínio da matéria também é descrito tal como o Espiritismo o

O Evangelho Segundo o Espiritismo

demonstra nas evocações.³⁷ E há mais, ali se diz que a reencarnação em um corpo material é uma consequência da impureza da alma, enquanto as almas purificadas estão livres dela. O Espiritismo não diz outra coisa; somente acrescenta que a alma que tomou boas resoluções na erraticidade,³⁸ e que adquiriu conhecimentos, traz, ao nascer, menos defeitos, mais virtudes e mais ideias intuitivas do que as que possuía em sua existência anterior, e que assim cada existência marca um progresso intelectual e moral para ela. (*O Céu e o Inferno*, 2ª parte, “Exemplos”.)

V. *Após nossa morte, o gênio (daímon, demônio), que nos havia sido designado durante a vida, nos leva a um lugar onde se reúnem todos aqueles que devem ser conduzidos ao Hades,³⁹ para ali serem julgados. As almas, após terem permanecido no Hades o tempo necessário, são reconduzidas a esta vida por numerosos e longos períodos.*

Esta é a doutrina dos Anjos Guardiães ou Espíritos Protetores, e das reencarnações sucessivas, após intervalos mais ou menos longos na erraticidade.

VI. *Os demônios ocupam o espaço que separa o céu da Terra; são o elo que une o Grande Todo a si mesmo. A divindade não entra nunca em comunicação direta com o homem; é por intermédio dos demônios que os deuses se relacionam e conversam com ele, seja durante a vigília, seja durante o sono.*

A palavra *daímon*, da qual se originou *demônio*, não era levada em mau sentido na Antiguidade como o é nos tempos

³⁷ **Evocação** é o ato de evocar, isto é, chamar por um espírito para que ele se manifeste. Não confundir com **invocar**, que é pedir, rogar, suplicar proteção ou auxílio. Por intermédio da prece, invoca-se um poder superior, invoca-se Deus. (N.T.)

³⁸ Denomina-se **erraticidade** ao estado dos espíritos não encarnados, ou errantes, ou erráticos, durante os intervalos de suas diversas existências corporais. Ver *O Livro dos Espíritos*, cap. VI, perguntas 223 a 233. (N.T.)

³⁹ **Hades** ou **Ades**: divindade grega dos infernos, esposo de Prosérpina. Assim também se denomina a residência dos mortos, os infernos. (N.T.)

modernos; o termo não designava, de forma alguma, seres mal-fazejos, mas os seres em geral, entre os quais se distinguiam os espíritos superiores, chamados deuses, e os espíritos menos elevados, ou demônios propriamente ditos, que se comunicavam diretamente com os homens.

O Espiritismo também diz que os espíritos povoam o espaço; que Deus só se comunica com os homens por intermédio dos espíritos puros, encarregados de transmitir suas vontades; que os espíritos se comunicam com eles durante o estado de vigília e durante o sono. Se substituirmos a palavra demônio pela palavra espírito, teremos a Doutrina Espírita, se a substituirmos pela palavra anjo, teremos a doutrina cristã.

VII. A preocupação constante do filósofo (tal como Sócrates e Platão a compreendiam) é a de tomar o maior cuidado com a alma, e menos com esta vida, que não representa mais que um instante perante a eternidade. Se a alma é imortal, não é sábio viver tendo em vista a eternidade?

O Cristianismo e o Espiritismo ensinam a mesma coisa.

VIII. Se a alma é imaterial, ela deve passar, após esta vida, para um mundo igualmente invisível e imaterial, da mesma forma que o corpo, ao se decompor, retorna à matéria. Somente importa distinguir bem a alma pura, verdadeiramente imaterial, que se alimenta, como Deus, da Ciência e de pensamentos, da alma mais ou menos manchada de impurezas materiais que a impedem de se elevar ao divino, e a retêm nos lugares da sua estada terrestre.

Sócrates e Platão, como se vê, compreendiam perfeitamente os diferentes graus de desmaterialização da alma; eles insistem na diferença de situação que resulta para ela da sua maior ou menor pureza. O que eles dizem por intuição, o Espiritismo o prova pelos numerosos exemplos que apresenta aos nossos olhos. (*O Céu e o Inferno*, 2ª parte.) -

O Evangelho Segundo o Espiritismo

IX. *Se a morte fosse a dissolução integral do homem, isso seria uma grande vantagem para os maus; após a morte eles se livrariam, ao mesmo tempo, de seu corpo, de sua alma e de seus vícios. Aquele que adornou sua alma, não com enfeites estranhos, mas com aqueles que lhe são próprios, somente poderá aguardar tranquilamente a hora da sua partida para o outro mundo.*

Em outras palavras, isto equivale a dizer que o materialismo, que proclama o nada após a morte, seria a anulação de toda a responsabilidade moral posterior, e, por consequência, um incentivo ao mal; que as pessoas más têm tudo a ganhar com o nada; que somente aquele que se livrou de seus vícios, e se enriqueceu de virtudes, pode esperar, tranquilamente, o despertar na outra vida. O Espiritismo nos mostra, pelos exemplos que diariamente põe diante de nós, quanto é penoso para os maus a passagem de uma vida para a outra, a entrada na vida futura. (*O Céu e o Inferno*, 2ª parte, cap. I.)

X. *O corpo conserva os vestígios bem marcados dos cuidados que se tomou com ele ou dos acidentes que sofreu. O mesmo ocorre com a alma; quando ela se liberta do corpo, traz os traços evidentes do seu caráter, das suas afeições e as impressões que cada um dos atos da sua vida lhe deixou. Assim, o maior mal que pode acontecer a um homem, é ir para o outro mundo com a alma carregada de crimes. Tu vês, Cálicles, que nem tu, nem Pólus, nem Gorgias, saberiam provar que se deve levar uma outra vida que nos será útil quando formos para lá. De tantas opiniões diversas, a única que permanece inabalável é a de que mais vale receber que cometer uma injustiça, e que, acima de todas as coisas, devemos nos dedicar, não a parecer, mas a ser um homem de bem. (Diálogos de Sócrates com seus discípulos, na prisão.)*

Aqui encontramos este outro ponto capital, confirmado atualmente pela experiência, o de que a alma não depurada

conserva as ideias, as tendências, o caráter e as paixões que ela possuía na Terra. Esta máxima: “Mais vale receber que cometer uma injustiça” não é totalmente cristã? É o mesmo pensamento que Jesus exprime nestas palavras: “Se alguém te bater em uma face, oferece-lhe também a outra.” (Cap. XII, itens 7 e 8.)

XI. De duas coisas, uma: ou a morte é uma destruição absoluta ou é a passagem da alma para outro lugar. Se tudo deve se extinguir, a morte será como uma dessas raras noites que nós passamos sem sonhar e sem nenhuma consciência de nós mesmos. Mas se a morte é somente uma mudança de morada, a passagem para um lugar onde os mortos devem se reunir, que felicidade é para nós ali reencontrarmos os nossos conhecidos! Meu maior prazer seria examinar de perto os habitantes dessa morada e de distinguir, como aqui, aqueles que são sábios daqueles que acreditam ser, mas não o são. Mas é chegado o tempo de nos separarmos, eu para morrer, vocês para viverem. (Sócrates aos seus juízes.)

Segundo Sócrates, os homens que viveram na Terra se reencontram após a morte e se reconhecem. O Espiritismo nos mostra que as relações que entre eles se estabeleceram continuam, de tal forma que a morte não é uma interrupção, nem uma cessação da vida, mas uma transformação, sem solução de continuidade.

Se Sócrates e Platão tivessem conhecido os ensinamentos que Cristo daria quinhentos anos mais tarde, e aqueles que os espíritos agora nos dão, não teriam falado de maneira diferente. Nisso não há nada que possa surpreender, se considerarmos que as grandes verdades são eternas, e que os espíritos adiantados tiveram conhecimento delas antes de virem encarnar na Terra, para onde as trouxeram; que Sócrates, Platão e os grandes filósofos de seu tempo, mais tarde puderam fazer parte do número daqueles que secundaram Cristo na sua divina missão, e que eles

O Evangelho Segundo o Espiritismo

foram escolhidos precisamente porque já compreendiam, mais que os outros, seus sublimes ensinamentos; e que eles podem, enfim, fazer parte, atualmente, do grupo de espíritos encarregados de vir ensinar as mesmas verdades aos homens.

XII. *Jamais se deve retribuir injustiça com injustiça, nem fazer o mal a ninguém, qualquer que seja o mal que nos tenham feito. Poucas pessoas, entretanto, admitem esse princípio, e as que não concordam com ele, só podem desprezar-se umas às outras.*

Não é esse o princípio da caridade que nos ensina a não retribuir o mal com o mal e a perdoar os nossos inimigos?

XIII. *É pelos frutos que se reconhece a árvore. É preciso qualificar cada ação de acordo com os seus efeitos; chamá-la de má quando suas consequências forem más, e de boa quando dessa ação nascer o bem.*

Esta máxima: “É pelos frutos que se reconhece a árvore” encontra-se repetida, textualmente, várias vezes no Evangelho.

XIV. *A riqueza é um grande perigo. Todo homem que ama a riqueza não ama nem a si nem ao que é seu, mas a uma coisa que lhe é mais estranha ainda do que aquilo que lhe pertence. (Cap. XVI.)*

XV. *As mais belas preces e os mais belos sacrifícios agradam menos à Divindade do que uma alma virtuosa que se esforça para assemelhar-se a ela. Seria algo muito grave se os deuses dessem mais atenção às nossas oferendas do que à nossa alma; se assim fosse, os maiores culpados poderiam tornar os deuses favoráveis a eles. Mas não, porquanto só são verdadeiramente sábios e justos aqueles que, por suas palavras e por seus atos, se absolvam do que devem aos deuses e aos homens. (Cap. X, itens 7 e 8.)*

XVI. *Chamo de homem vicioso esse amante vulgar que ama o corpo mais do que a alma. O amor está por toda a parte na Natureza e nos convida a exercer a nossa inteligência; nós o encontramos até no movimento dos astros. É o amor que adorna*

a Natureza com seus ricos tapetes verdes; ele se enfeita e fixa sua morada lá onde encontra flores e perfumes. É ainda o amor que dá paz aos homens, calma ao mar; silêncio aos ventos e sono à dor.

O amor, que deve unir os homens por um laço fraterno, é uma consequência dessa teoria de Platão sobre o amor universal, como lei da Natureza. Quando Sócrates disse que “*o amor não é um deus nem um mortal, mas um grande demônio*”, isto é, um grande espírito presidindo ao amor universal, essas palavras lhe foram atribuídas como crime.

XVII. *Não se pode ensinar a virtude; ela vem por um dom de Deus para aqueles que a possuem.*

Isso é quase a doutrina cristã sobre a ajuda divina; mas se a virtude é um dom de Deus, é um favor, então pode-se perguntar porque não foi concedida a todas as pessoas. Por um outro lado, se ela é um dom, não traz nenhum mérito para aquele que a possui. O Espiritismo é mais claro, ele diz que aquele que possui a virtude consegue adquiri-la por seus esforços nas sucessivas existências, livrando-se pouco a pouco das suas imperfeições. A ajuda divina é a força com que Deus favorece toda criatura de boa vontade para se livrar do mal e para fazer o bem.

XVIII. *Existe uma disposição natural em cada um de nós para percebermos muito mais os defeitos dos outros do que os nossos.*

O Evangelho diz: “Vês o argueiro no olho do teu irmão e não vês a trave no teu.” (Cap. X, itens 9 e 10.)

XIX. *Se os médicos fracassam na maior parte das doenças, é porque tratam o corpo sem a alma, e porque, o todo não estando em bom estado, é impossível que a parte esteja bem.*

O Espiritismo explica as relações que existem entre a alma e o corpo, e prova que existe a reação incessante de um sobre o outro. Ele abre, assim, um novo caminho para a Ciência, mostrando-lhe a verdadeira causa de certas afecções e dando-lhe os meios de

O Evangelho Segundo o Espiritismo

combatê-las. Quando a Ciência se der conta da ação do elemento espiritual no organismo ela fracassará muito menos.

XX. *Todos os homens, a partir da infância, fazem mais o mal do que o bem.*

Estas palavras de Sócrates se referem à importante questão da predominância do mal sobre a Terra, questão insolúvel sem o conhecimento da pluralidade dos mundos e da destinação da Terra, onde habita apenas uma pequena fração da humanidade. Só o Espiritismo dá a esse assunto uma solução, que está desenvolvida mais adiante, nos capítulos II, III e V.

XXI. *A sabedoria está em não acreditares que sabes o que não sabes.*

Isto se destina às pessoas que criticam as coisas que, muitas vezes, desconhecem inteiramente. Platão completa este pensamento de Sócrates dizendo: “Tentemos, inicialmente, se possível, torná-los mais honestos nas palavras; se não o conseguirmos, não nos preocupemos mais com eles e busquemos apenas a verdade. Tratemos de nos instruir, mas não nos aborrecamos.”

É assim que devem agir os espíritas com relação aos seus contraditores de boa ou de má-fé. Se Platão vivesse nos dias de hoje, encontraria as coisas parecidas com as de seu tempo e poderia usar a mesma linguagem; Sócrates também acharia pessoas que zombariam da sua crença nos espíritos e o chamariam de louco, assim como ao seu discípulo, Platão.

Foi por haver professado esses princípios que Sócrates foi inicialmente ridicularizado, depois, acusado de impiedade e condenado a beber cicuta, um veneno. Tanto isto é certo que as novas grandes verdades, ao levantarem contra si os interesses e os preconceitos que elas contrariam, não podem ser estabelecidas sem lutas e sem fazer mártires.



CAPÍTULO I

NÃO VIM DESTRUIR A LEI

- AS TRÊS REVELAÇÕES: MOISÉS, CRISTO E O ESPIRITISMO
- ALIANÇA DA CIÊNCIA COM A RELIGIÃO

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS:

- A NOVA ERA

1. *“Não penseis que eu tenha vindo destruir a lei ou os profetas; eu não vim destruí-los, mas cumpri-los. Porquanto eu vos digo em verdade que o céu e a Terra não passarão sem que se cumpra perfeitamente tudo o que está na lei, até o último iota,⁴⁰ o último ponto.”* (Mateus, V:17 e 18.)

MOISÉS

2. Há duas partes distintas na lei mosaica: a lei de Deus, promulgada sobre o Monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar estabelecida por Moisés. Uma é invariável; a outra, apropriada aos costumes e ao caráter do povo, modifica-se com o passar do tempo.

A lei de Deus está formulada nos dez mandamentos seguintes:

1. *Eu sou o Senhor, vosso Deus, que vos tirei do Egito, da casa da servidão. Não tereis outros deuses estrangeiros diante de*

⁴⁰ **Iota:** nona letra do alfabeto grego. (N.T.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

mim. Não fareis imagem esculpida, nem figura alguma de tudo o que está em cima, no céu, e embaixo sobre a Terra, nem de tudo o que está nas águas sob a terra. Vós não os adorareis, nem lhes prestareis cultos soberanos.

2. Não tomareis em vão o nome do Senhor, vosso Deus.

3. Lembrai-vos de santificar o dia de sábado.

4. Honrai vosso pai e vossa mãe, a fim de viverdes longo tempo sobre a terra que o Senhor, vosso Deus, vos dará.

5. Não matareis.

6. Não cometereis adultério.

7. Não roubareis.

8. Não dareis falso testemunho contra vosso próximo.

9. Não desejareis a mulher do vosso próximo.

10. Não cobiçareis a casa do vosso próximo, nem seu servo, nem sua serva, nem seu boi, seu asno, ou qualquer outra coisa que lhe pertença.

Essa lei é de todos os tempos e de todos os países e, por isso mesmo, tem um caráter divino. Todas as outras são leis estabelecidas por Moisés, obrigado a conter, pelo temor, um povo naturalmente turbulento e indisciplinado, no qual tinha que combater os abusos e os preconceitos enraizados, adquiridos durante a escravidão no Egito. Para dar autoridade às suas leis ele teve que lhes atribuir uma origem divina, assim como o fizeram todos os legisladores dos povos primitivos.

A autoridade do homem devia apoiar-se sobre a autoridade de Deus, mas somente a ideia de um Deus terrível podia impressionar criaturas ignorantes, nas quais o senso moral e o sentimento de uma justiça imparcial estavam ainda pouco desenvolvidos.

É evidente que aquele que havia incluído em seus mandamentos: “não matareis; não fareis mal ao vosso próximo”, não

I. Não Vim Destruir a Lei

poderia se contradizer fazendo do extermínio um dever. Portanto, as leis mosaicas, propriamente ditas, tinham um caráter essencialmente transitório.

CRISTO

3. Jesus não veio destruir a lei, isto é, a lei de Deus. Ele veio cumpri-la, ou seja, desenvolvê-la, dar-lhe o seu verdadeiro sentido e apropriá-la ao grau de adiantamento dos homens. Eis por que se encontra nessa lei o princípio dos deveres para com Deus e para com o próximo, que constitui a base da sua doutrina. Quanto às leis de Moisés propriamente ditas, Jesus, ao contrário, modificou-as profundamente, seja no conteúdo, seja na forma. Combateu incessantemente o abuso das práticas exteriores e as falsas interpretações, e não podia fazer com que essas leis passassem por uma reforma mais radical do que quando as reduziu a estas palavras: “*Amar a Deus acima de todas as coisas, e ao próximo como a si mesmo*”, e acrescentando “*eis aí toda a lei e os profetas*”.

Por estas palavras “O céu e a Terra não passarão, sem que se cumpra perfeitamente tudo até o último iota”, Jesus quis dizer que era necessário que a lei de Deus fosse cumprida, isto é, fosse praticada sobre toda a Terra, em toda a sua pureza, com todos os seus desenvolvimentos e todas as suas consequências; porquanto, de que serviria ter estabelecido essa lei se ela tivesse de ficar como privilégio de alguns homens ou mesmo de um só povo? Sendo todos os homens filhos de Deus, eles são, sem nenhuma diferença, merecedores da mesma consideração.

4. O papel de Jesus, porém, não foi apenas o de um legislador moralista, sem outra autoridade que a da sua palavra; ele veio cumprir as profecias que haviam anunciado sua vinda, e a sua autoridade provinha da natureza excepcional do seu espírito e da sua missão divina. Ele veio ensinar aos homens que a verdadeira vida não está na Terra, mas no reino dos céus; ensinar-lhes o caminho que os conduz a esse reino, os meios de se reconciliarem

O Evangelho Segundo o Espiritismo

com Deus e de preveni-los quanto à marcha das coisas que devem acontecer para a realização dos destinos humanos. Entretanto, ele não disse tudo, e sobre muitos pontos limitou-se a lançar o germe de verdades que, ele mesmo declarou, não podiam ainda ser compreendidas. Falou de tudo, mas em termos mais ou menos explícitos e, para perceber o sentido oculto de certas palavras, era preciso que novas ideias e novos conhecimentos viessem nos dar a sua solução, e essas ideias não poderiam surgir antes de um certo grau de maturidade do espírito humano.

A Ciência devia contribuir poderosamente para o surgimento e o desenvolvimento dessas ideias, era preciso, portanto, dar tempo para que a Ciência progredisse.

O ESPIRITISMO

5. O Espiritismo é a nova ciência que veio revelar aos homens, com provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corporal. O Espiritismo nos mostra esse mundo, não como algo sobrenatural, mas, ao contrário, como uma das forças vivas e incessantemente atuantes da Natureza; como a fonte de uma infinidade de fenômenos, até então incompreendidos e, por essa razão, rejeitados como pertencentes ao domínio do fantástico e do maravilhoso. É a essas relações que o Cristo faz alusão em muitas circunstâncias, e é por isso que muitas coisas que Jesus disse ficaram incompreendidas ou foram erradamente interpretadas. O Espiritismo é a chave com a ajuda da qual tudo se explica com facilidade.

6. A lei do *Antigo Testamento* está personificada em Moisés, a do *Novo Testamento* está no Cristo; o Espiritismo é a terceira revelação da lei de Deus, mas não está personificada em nenhum indivíduo, porque é o produto do ensinamento dado, não por um homem, mas pelos espíritos, que são as vozes do céu, sobre todos os pontos da Terra, e por uma multidão inumerável de intermediários. É, de certa forma, um ser coletivo, abrangendo o conjunto de

I. Não Vim Destruir a Lei

seres do mundo espiritual, vindo, cada um, trazer aos homens a contribuição de seus conhecimentos, para fazê-los conhecer aquele mundo e a sorte que nele os espera.

7. Assim como o Cristo disse: “Eu não vim destruir a lei, mas cumpri-la”, o Espiritismo igualmente diz: “Eu não vim destruir a lei cristã, mas cumpri-la”.

O Espiritismo nada ensina que seja contrário ao que o Cristo ensinou, mas desenvolve, completa e explica, em termos claros para todas as pessoas, o que só foi dito sob a forma alegórica. O Espiritismo veio cumprir, no tempo predito, o que Cristo anunciou, e preparar a realização das coisas futuras. Ele é, portanto, obra do Cristo, que o preside, assim como igualmente o anunciou, à regeneração que se realiza e que prepara o reino de Deus sobre a Terra.

ALIANÇA DA CIÊNCIA COM A RELIGIÃO

8. A Ciência e a Religião são as duas alavancas da inteligência humana; uma revela as leis do mundo material e a outra, as leis do mundo moral. No entanto, *tendo essas leis o mesmo princípio, que é Deus, elas não se podem contradizer*. Se fossem a negação uma da outra, necessariamente uma estaria errada e a outra com a razão, visto que Deus não pode querer destruir sua própria obra.

A incompatibilidade que se acredita ver entre essas duas ordens de ideias, deve-se a um erro de observação e ao excesso de exclusivismo de uma e de outra parte; daí resultou um conflito que deu origem à incredulidade e à intolerância.

São chegados os tempos em que os ensinamentos do Cristo devem receber seu complemento; em que o véu, lançado intencionalmente sobre algumas partes desses ensinamentos, deve ser levantado; em que a Ciência, deixando de ser exclusivamente materialista, deve levar em conta o elemento espiritual, e a Religião deve reconhecer as leis orgânicas e imutáveis da matéria. Essas duas

O Evangelho Segundo o Espiritismo

forças, então, apoiando-se uma na outra, e marchando juntas, se prestarão um mútuo apoio. A Religião, não sendo mais desmentida pela Ciência, irá adquirir um poder indestrutível, porque estará de acordo com a razão, e a irresistível lógica dos fatos não mais poderá se opor a ela.

A Ciência e a Religião até hoje não puderam se entender porque, cada uma encarando as coisas do seu ponto de vista exclusivo, se repeliam mutuamente. Era preciso alguma coisa para preencher o vazio que as separava, um traço de união que as aproximasse; esse traço de união está no conhecimento das leis que regem o mundo espiritual e suas relações com o mundo corporal, leis também tão imutáveis quanto as que regem o movimento dos astros e a existência dos seres. Essas relações, uma vez comprovadas pela experiência, fizeram surgir uma nova luz: a fé se dirigiu à razão; a razão nada encontrou de ilógico na fé, e o materialismo foi vencido.

Entretanto, nisso como em todas as coisas, há pessoas que ficam para trás, até que sejam arrastadas pelo movimento geral que as esmagará, se quiserem resistir em lugar de se entregarem a ele. É toda uma revolução moral que se opera neste momento e aperfeiçoa os espíritos. Após ser elaborada durante mais de dezoito séculos, ela chega ao seu final e vai marcar uma nova era na humanidade.

As consequências dessa revolução são fáceis de prever; ela deve produzir inevitáveis modificações nas relações sociais, às quais ninguém poderá se opor porque estão nos desígnios de Deus e porque resultam da lei do progresso, que é uma lei de Deus.

— INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS —

A NOVA ERA

9. Deus é único, e Moisés é o espírito que Deus enviou em missão para fazer com que ele fosse conhecido, não somente dos

I. Não Vim Destruir a Lei

hebreus, mas também dos povos pagãos. O povo hebreu⁴¹ foi o instrumento que Deus utilizou para se revelar, por intermédio de Moisés e pelos profetas; e as vicissitudes por que esse povo passou foram destinadas a impressionar e fazer cair o véu que ocultava a divindade aos homens.

Os mandamentos de Deus, dados por Moisés, contém o germe da mais ampla moral cristã; os comentários da *Bíblia* restringiam-lhe o sentido, porque, posta em ação, com toda a sua pureza, não seria então compreendida. Mas os Dez Mandamentos de Deus nem por isso deixaram de ser como um frontispício⁴² brilhante, como o farol que devia iluminar a humanidade no caminho que ela teria que percorrer.

A moral ensinada por Moisés era apropriada ao estado de adiantamento em que se encontravam os povos a quem ela estava destinada a regenerar. Esses povos, semisselvagens quanto ao aperfeiçoamento da alma, não teriam compreendido que se pudesse adorar a Deus sem a realização de holocaustos⁴³ nem que fosse preciso perdoar a um inimigo. A inteligência deles, notável sob o ponto de vista da matéria e mesmo sob o das artes e das ciências, era muito atrasada em moralidade, e não seria convertida sob o domínio de uma religião inteiramente espiritual. Era-lhes necessária uma representação semimaterial, como a que a religião hebraica lhes oferecia. Os holocaustos falavam aos seus sentidos, enquanto a ideia de Deus falava ao seu espírito.

O Cristo foi o iniciador da moral mais pura, mais sublime; da moral evangélico-cristã que deve renovar o mundo, aproximar os homens e torná-los irmãos; que deve fazer jorrar de

⁴¹ **Povo Hebreu:** povo semita da Antiguidade, do qual descendem os atuais judeus; **semita:** família etnográfica e linguística, originária da Ásia ocidental, e que compreende os hebreus, os assírios, os aramaicos, os fenícios e os árabes. (N.T.)

⁴² **Frontispício:** fachada principal. (N.T.)

⁴³ **Holocausto:** entre os antigos hebreus, sacrifício em que se queimavam inteiramente as vítimas; imolação. (N.T.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

todos os corações humanos a caridade e o amor ao próximo, e criar, entre todos os homens, uma solidariedade comum; enfim, de uma moral que há de transformar a Terra, e dela fazer uma morada para espíritos superiores aos que hoje a habitam. É a lei do progresso, à qual a Natureza está submetida, que se cumpre, e o Espiritismo é a alavanca da qual Deus se utiliza para fazer a humanidade avançar.

São chegados os tempos em que as ideias morais devem se desenvolver para que se realizem os progressos que estão nos desígnios de Deus; elas devem seguir o mesmo caminho que as ideias de liberdade percorreram e que foram suas precursoras. Não se creia, porém, que esse desenvolvimento se fará sem lutas, não, elas precisam, para chegar à maturidade, de abalos e discussões, a fim de que chamem a atenção das massas. Uma vez despertada essa atenção, a beleza e a santidade da moral irão impressionar os espíritos, e eles se ligarão a uma ciência que lhes dará a chave da vida futura e lhes abrirá as portas da felicidade eterna. Moisés abriu o caminho, Jesus continuou a obra, o Espiritismo irá concluí-la. (*Um espírito Israelita*.⁴⁴ Mulhouse, 1861.)

10. Um dia, Deus, em sua caridade inesgotável, permitiu ao homem ver a verdade atravessar as trevas; esse foi o dia da vinda do Cristo. Depois da luz viva, as trevas voltaram. O mundo, após alternativas de verdade e de obscuridade, perdia-se novamente. Então, assim como os profetas do *Antigo Testamento*, os espíritos se puseram a falar e a advertir: “O mundo está abalado em suas bases, o trovão reboará. Sede firmes”!

O Espiritismo é de ordem divina, pois tem suas bases assentadas nas próprias leis da Natureza, e crede que tudo o que é de ordem divina tem um objetivo elevado e útil. O mundo terrestre se perdia; a Ciência, desenvolvida à custa do que é de ordem moral,

⁴⁴ Trata-se do senhor Edouard Pereyre, parente do médium Rodolphe de Mulhouse. (N.T. conforme a *Revista Espírita* de setembro de 1861.)

I. Não Vim Destruir a Lei

vos conduzia unicamente ao bem-estar material, voltando-se em proveito do espírito das trevas. Vós o sabeis, cristãos, o coração e o amor devem marchar unidos à Ciência.

O reino de Cristo, ai de nós! após dezoito séculos, e apesar do sangue de tantos mártires, ainda não chegou. Cristãos, voltai ao Mestre que quer vos salvar. Tudo é fácil, àquele que crê e que ama; o amor o preenche de uma alegria inexprimível. Sim, meus filhos, o mundo está abalado; os bons espíritos o dizem sempre; curvai-vos sob o vento que anuncia a tempestade, para que não sejais derrubados, quer dizer, preparai-vos, e não vos assemelheis às virgens loucas⁴⁵ que foram apanhadas desprevenidas à chegada do esposo.

A revolução que se prepara é antes moral do que material; os grandes espíritos, mensageiros divinos, inspiram a fé, para que todos vós, obreiros esclarecidos e ardentes, façais ouvir vossa humilde voz; porque vós sois o grão de areia, mas sem grãos de areia não haveria montanhas. Assim, pois, que estas palavras: “Nós somos pequenos,” não tenham mais sentido para vós. A cada um a sua missão, a cada um o seu trabalho. A formiga não constrói o seu formigueiro e animaizinhos insignificantes não erguem continentes?

A nova cruzada começou; apóstolos da paz universal, e não de uma guerra, modernos São Bernardos, olhai e marchai para frente. A lei dos mundos é a lei do progresso. (*Fénelon*.⁴⁶ Poitiers, 1861.)

⁴⁵ O Espírito Fénelon refere-se à passagem que Mateus narra no capítulo XXV, versículos 1 a 13 do seu Evangelho. (N.T.)

⁴⁶ **Fénelon**: François de Salignac de La Mothe-Fénelon, escritor e prelado francês. Nasceu em 1651 e desencarnou em 1715. Foi arcebispo da cidade de Cambrai, pregador e depois missionário. Possuía caráter e tendências muito aristocráticas e se opunha ao absolutismo do Rei Luís XIV. Em 1699, caiu em desagrado, após a publicação do seu livro, *As Aventuras de Telêmaco*, cheio de alusões e indiretas ao governo. Tendo recebido a condenação papal, passou a viver como um simples pastor, em sua própria diocese. (N.T.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

11. Santo Agostinho é um dos maiores divulgadores do Espiritismo. Manifesta-se quase por toda a parte, e a razão de tal fato nós a encontramos na vida desse grande filósofo cristão. Ele pertence a essa vigorosa falange dos Pais da Igreja aos quais a cristandade deve suas mais sólidas bases. Como ocorreu a muitos, Agostinho foi arrancado do paganismo,⁴⁷ melhor dizendo, da incredulidade mais profunda, pelo clarão da verdade.

Quando, em meio aos seus excessos, sentiu na própria alma a vibração estranha que o chamava para si mesmo e o fez compreender que a felicidade estava longe dos prazeres enervantes e fugidios; quando, enfim, no seu caminho de Damasco,⁴⁸ também ouviu a voz santa lhe dizer: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” ele exclamou: “Meu Deus! Meu Deus! Perdoa-me, eu creio, eu sou cristão!” E, desde então, tornou-se um dos mais firmes sustentáculos do Evangelho. Pode-se ler, nas notáveis confissões que nos deixou esse eminente espírito, as palavras características, e ao mesmo tempo proféticas, que pronunciou ao ter perdido Santa Mônica: *“Estou convencido de que minha mãe virá me visitar e dar os seus conselhos, revelando-me o que me espera na vida futura”*.

Que ensinamento nessas palavras, e que previsão brilhante da futura doutrina! É por isso que atualmente, vendo chegada a

⁴⁷ **Paganismo:** nome dado pelos primeiros cristãos ao *politeísmo* (crença em muitos deuses). Pagãos eram todos povos politeístas assim como tudo relativo a eles e aos seus deuses. Diz-se pagão de toda religião que não é a cristã ou a judaica e, também, daquele que não segue o Catolicismo. (N.T.)

⁴⁸ Ao citar a expressão “**caminho de Damasco**,” o Espírito Erasto faz uma referência ao fato ocorrido com Saulo de Tarso e que deu origem à sua conversão ao Cristianismo. Quando se dirigia à cidade de Damasco, situada a 200 quilômetros de Jerusalém, para agir, como doutor da lei, contra os hebreus convertidos à doutrina do Cristo, Saulo, quando já se encontrava bem próximo da cidade, foi subitamente cercado por forte luz, vinda do Alto. Sentindo-se ofuscado, caiu ao chão, ao mesmo tempo em que ouvia uma voz que lhe dizia: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” Ele, atônito, pergunta: “Quem és tu, Senhor?” E a voz lhe responde: “Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Levanta-te e entra em Damasco, lá ficarás sabendo o que deves fazer”. Saulo, que ficara cego sob a ação daquela luz, fez o que a voz lhe ordenava, iniciando-se, assim, a partir daquele momento, a sua conversão, e toda uma vida de apostolado cristão, sob o nome que posteriormente adotou: Paulo de Tarso. (N.T.)

I. Não Vim Destruir a Lei

hora para a divulgação da verdade, que outrora havia pressentido, ele se faz seu ardente propagador, e se multiplica, por assim dizer, para responder a todos aqueles que o chamam. (*Erasto*,⁴⁹ *discípulo de São Paulo*. Paris, 1863.)

Observação: Santo Agostinho vem então derrubar o que construiu? Não, seguramente; mas como tantos outros, ele vê com os olhos do espírito o que não via como homem. Sua alma, liberta, entrevê novas claridades e compreende o que antes não compreendia. Novas ideias lhe revelaram o verdadeiro sentido de certas palavras; na Terra ele julgava as coisas segundo os conhecimentos que possuía, mas, quando uma nova luz se fez para ele, pôde julgá-las com maior clareza. É assim que ele deve rever sua crença referente aos espíritos incubos e súcubos⁵⁰ e sobre o anátema⁵¹ que havia lançado contra a teoria dos antípodas.⁵² Agora, que o Cristianismo lhe aparece em toda a sua pureza, ele pode, sobre certos pontos, pensar de maneira diferente de quando estava vivo, sem deixar de ser apóstolo cristão. Pode, sem renegar sua fé, fazer-se o propagador do Espiritismo, porque nele vê o cumprimento das predições. Proclamando-o, hoje, nada mais fez que nos conduzir a uma interpretação mais sã e mais lógica dos textos. Assim acontece também com outros espíritos que se acham em uma posição semelhante.



⁴⁹ **Erasto:** era o tesoureiro da cidade de Corinto. Tornou-se discípulo de Paulo de Tarso e o acompanhou em sua viagem a Éfeso. No *Novo Testamento* encontramos breves citações a Erasto em *Atos*, XIX: 22, na *Epístola de Paulo aos Romanos*, XVI: 23 e na segunda *Epístola de Paulo a Timóteo*, IV: 20. (N.T.)

⁵⁰ **Íncubo:** segundo tradições populares, é um “demônio” masculino que vem ligar-se sexualmente a uma mulher; **súcubo** é um “demônio” feminino que, nas mesmas condições, vem ligar-se a um homem. Esses “demônios” nada mais são que espíritos inferiores que, mesmo desencarnados, ainda têm desejo sexual e estabelecem, mediante afinidade com o médium, esse tipo de relação. (N.T.)

⁵¹ **Anátema:** maldição, reprovação enérgica, excomunhão. (N.T.)

⁵² **Antípoda:** habitante que, em relação a outro habitante da Terra, encontra-se em lugar diametralmente oposto, do “outro lado do mundo”. (N.T.)



CAPÍTULO II

MEU REINO NÃO É DESTE MUNDO

- A VIDA FUTURA
- A REALEZA DE JESUS
- O PONTO DE VISTA

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS:

- UMA REALEZA TERRESTRE

1. Pilatos, tornando a entrar no palácio, e fazendo vir Jesus a sua presença, perguntou-lhe: “Tu és o rei dos Judeus”? Respondeu-lhe Jesus: “Meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, minha gente teria combatido para impedir que eu caísse nas mãos dos judeus; mas o meu reino não é aqui”. Pilatos então pergunta: “Logo, tu és rei”? Jesus responde: “Tu o dizes, sou rei. Nasci e vim a este mundo para dar testemunho da verdade; todo aquele que pertence à verdade ouve a minha voz”. (João, XVIII: 33, 36, 37.)

A VIDA FUTURA

2. Por essas palavras, Jesus claramente se refere à *vida futura*, que ele apresenta, em todas as circunstâncias, como a meta a que tende a humanidade e como devendo ser o objeto das principais preocupações do homem sobre a Terra. Todos os seus ensinamentos se referem a esse grande princípio. Realmente, sem a vida futura, a maioria desses preceitos de moral não teriam

O Evangelho Segundo o Espiritismo

nenhuma razão de ser, eis por que aqueles que não creem na vida futura, imaginando que Jesus só falava da vida presente, não compreendem esses preceitos ou os acham ingênuos.

Esse dogma, portanto, pode ser considerado como a base do ensinamento do Cristo; é por isso que ele está colocado como um dos primeiros pontos no início desta obra, porquanto deve ser o alvo de todos os homens; só ele pode justificar as anomalias da vida terrestre e ajustar-se com a justiça de Deus.

3. Os judeus tinham apenas ideias muito imprecisas quanto à vida futura. Eles acreditavam nos anjos, que consideravam como seres privilegiados da criação, mas não sabiam que os homens pudessem se tornar anjos e partilhar da felicidade deles. Segundo os judeus, a obediência às leis de Deus era recompensada pelos bens da Terra, pela supremacia da sua nação, pelas vitórias sobre os seus inimigos. As calamidades públicas e as derrotas eram o castigo do desrespeito àquelas leis. Moisés não poderia dizer mais nada a um povo pastor, ignorante, que deveria ser tocado, antes de tudo, pelas coisas deste mundo. Mais tarde, porém, Jesus veio revelar que existe um outro mundo onde a justiça de Deus segue o seu curso. É esse o mundo que ele promete àqueles que obedecem os mandamentos de Deus e onde os bons encontrarão sua recompensa. Esse mundo é o seu reino, é lá que ele está em toda a sua glória, e para onde vai voltar deixando a Terra.

Jesus, entretanto, adequando o seu ensino ao estado dos homens da sua época, não lhes deu um esclarecimento completo porque os deslumbraria sem esclarecê-los, porquanto eles não o compreenderiam. Jesus limitou-se a colocar, de certa forma, a vida futura como um princípio, como uma lei da Natureza à qual ninguém pode escapar. Todo cristão, portanto, crê forçosamente na vida futura; mas a ideia que muitos fazem sobre o assunto é vaga, incompleta e, por isso mesmo, falsa em muitos pontos. Para

II. Meu Reino Não é Deste Mundo

um grande número de pessoas é apenas uma crença, sem certeza absoluta, daí as dúvidas e mesmo a incredulidade.

O Espiritismo veio completar nesse ponto, como em muitos outros, o ensinamento do Cristo, quando os homens estavam aptos para compreender a verdade. Com o Espiritismo, a vida futura não é mais um simples artigo de fé, uma hipótese, ela é uma realidade material demonstrada pelos fatos, visto que são as testemunhas oculares que vêm descrevê-la em todas as suas fases e peripécias, de tal maneira que não somente a dúvida não é mais possível, como a inteligência mais simples pode imaginá-la sob seu verdadeiro aspecto, como se representa um país do qual se lê uma descrição detalhada; ora, essa descrição da vida futura é de tal forma circunstanciada, as condições de existência, feliz ou infeliz, daqueles que ali se encontram, são tão racionais que se reconhece que não pode ser de forma diferente, e que ela representa, perfeitamente, a verdadeira justiça de Deus.

A REALEZA DE JESUS

4. O reino de Jesus não é deste mundo, é o que todos compreendem; mas sobre a Terra ele não terá também um reino? O título de rei nem sempre implica o exercício de um poder passageiro; ele é dado por concordância unânime àquele cujo gênio o coloca em primeiro lugar numa ordem de ideias qualquer, que domina seu século, e influi no progresso da humanidade. É nesse sentido que se diz: o rei ou o príncipe dos filósofos, dos artistas, dos poetas, dos escritores, etc. Essa realeza, nascida do mérito pessoal, consagrada pela posteridade, não tem, muitas vezes, uma preponderância bem maior do que aquela que conduz à coroa? Ela é imorredoura, enquanto que a outra é o juguete das vicissitudes; ela sempre é bendita pelas gerações futuras enquanto que a outra, muitas vezes, é amaldiçoada. A realeza terrestre acaba juntamente com a vida; a realeza moral continua governando, principalmente após a morte. Sob esse aspecto, Jesus não é um

O Evangelho Segundo o Espiritismo

rei muito mais poderoso do que muitos soberanos? Portanto, foi com razão que Jesus disse a Pilatos: “Eu sou rei, mas meu reino não é deste mundo”.

O PONTO DE VISTA

5. A ideia clara e precisa que se faz da vida futura dá uma fé inabalável no futuro, e essa fé tem consequências imensas sobre a moralização dos homens, visto que ela muda completamente *o ponto de vista sob o qual eles encaram a vida terrestre*. Para aquele que, pelo pensamento, se coloca na vida espiritual, que é indefinida, a vida corporal não é mais que uma passagem, uma curta estada em um país ingrato. As vicissitudes e as atribulações da vida não são mais que incidentes que ele recebe com paciência, porque sabe que são de curta duração e devem ser seguidos por um estado mais feliz; a morte nada tem de assustador; não é mais a porta para o nada, mas a porta da liberdade que abre para o desterrado⁵³ a entrada de uma morada de felicidade e de paz.

Sabendo que está em lugar temporário e não definitivo, ele aceita as inquietações da vida com mais indiferença, e disso resulta, para ele, uma calma de espírito que lhe suaviza a amargura.

Pela simples dúvida que possua sobre a vida futura, o homem dirige todos os seus pensamentos para a vida terrena. Incerto quanto ao futuro, consagra-se ao presente; não entrevendo bens mais preciosos que os da Terra, ele é como a criança que não vê nada além dos seus brinquedos, e para obter esses bens o homem faz de tudo; a perda do menor desses bens é um desgosto profundo; um descontentamento, uma esperança perdida, uma ambição não satisfeita, uma injustiça da qual ele é vítima. A vaidade ou o orgulho ferido são, da mesma forma, tormentos que fazem da sua vida uma angústia sem fim *e assim, voluntariamente, ele se entrega a uma verdadeira tortura de todos os instantes*.

⁵³ **Desterrado:** aquele que foi banido, afastado da sua pátria. (N.T.)

II. Meu Reino Não é Deste Mundo

Tomando o seu ponto de vista a partir da vida terrena, no centro da qual ele está colocado, tudo ao seu redor toma vastas proporções. O mal que o atinge, assim como o bem dirigido aos outros, tudo adquire, aos seus olhos, uma grande importância. O mesmo ocorre àquele que está dentro de uma cidade, tudo lhe parece grande: os homens que estão em altas posições, assim como os monumentos; porém, tão logo ele alcance o alto de uma montanha, homens e coisas vão lhe parecer bem pequenos.

Assim acontece com aquele que encara a vida terrestre do ponto de vista da vida futura; a humanidade, como as estrelas do firmamento, se perde na imensidão; ele percebe então que grandes e pequenos são confundidos como as formigas sobre um monte de terra; que proletários e soberanos têm o mesmo valor, e lamenta essas criaturas efêmeras que tanto se empenham em conseguir, na vida terrena, um lugar que as eleva tão pouco e que devem conservar por tão pouco tempo. Vemos então que a importância que se dá aos bens terrenos está sempre na razão inversa da fé na vida futura.

6. Se todas as pessoas pensassem da mesma forma, com ninguém se ocupando mais das coisas da Terra, pode-se dizer que tudo nela iria correr perigo. No entanto não é assim; o homem busca instintivamente o seu bem-estar, e, mesmo com a certeza de ficar pouco tempo em um lugar, ele ainda quer ali permanecer o melhor ou o menos mal possível; não existe uma só pessoa que, encontrando um espinho sob sua mão, não a retire para não se picar.

Ora, a procura do bem-estar força o homem a melhorar todas as coisas, ele é impulsionado pelo instinto do progresso e da conservação, que está nas leis da Natureza. Ele trabalha, portanto, por necessidade, por gosto e por dever, e, cumprindo os desígnios da Providência que o colocou sobre a Terra para esse fim. Somente aquele que considera o futuro, dedica ao presente

O Evangelho Segundo o Espiritismo

uma importância apenas relativa e se consola facilmente dos seus infortúnios, pensando no destino que o aguarda.

Deus, portanto, não condena as satisfações terrenas, mas o abuso dessas satisfações em prejuízo das coisas da alma; é contra esse abuso que se previnem os que aplicam a si mesmos estas palavras de Jesus: “Meu reino não é deste mundo”.

Aquele que se identifica com a vida futura é semelhante a um homem rico que perde uma pequena soma sem se comover; o que concentra seus pensamentos na vida terrestre é como um homem pobre que perde tudo o que possui e se desespera.

7. O Espiritismo amplia o pensamento e lhe abre novos horizontes, em lugar dessa visão estreita e mesquinha que o concentra na vida presente, que faz do instante que se passa sobre a Terra a única e frágil base do futuro eterno, o Espiritismo mostra que essa vida é apenas um elo no conjunto harmonioso e grandioso da obra do Criador; ele mostra os vínculos que unem todas as existências do mesmo ser, todos os seres de um mesmo mundo e os seres de todos os mundos. Ele dá, assim, uma base e uma razão de ser à fraternidade universal, enquanto que a doutrina da criação da alma no momento do nascimento de cada corpo torna todos os seres estranhos uns aos outros. Essa solidariedade das partes de um mesmo todo explica o que é inexplicável, se apenas considerarmos uma única parte. É essa visão de conjunto que os homens não teriam compreendido no tempo de Cristo, por essa razão o seu conhecimento foi reservado para outros tempos.

— INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS —

UMA REALEZA TERRESTRE

8. Quem melhor do que eu pode compreender a verdade destas palavras de Nosso Senhor: *Meu reino não é deste mundo?* O orgulho foi a minha perdição na Terra; quem, pois, poderia compreender o nada que os reinos terrestres representam, se eu

II. Meu Reino Não é Deste Mundo

não o compreendia? O que levei comigo da minha realeza terrestre? Nada, absolutamente nada. E, como para tornar a lição mais terrível, a realeza não me seguiu até o túmulo. Rainha era eu entre os homens, rainha eu acreditava entrar no reino dos céus. Que desilusão! Que humilhação quando, em lugar de ser recebida como soberana, eu vi, acima de mim, mas bem acima, homens que eu considerava insignificantes e que desprezava, porque não tinham sangue nobre! Oh! Nesse momento compreendi a inutilidade das honras e das grandezas que se buscam com tanta avidez sobre a Terra!

Para se preparar um lugar no reino dos céus é preciso abnegação, humildade, caridade em toda a sua perfeita prática, e benevolência para todos; não se pergunta o que fomos, qual a posição que ocupamos, mas o bem que fizemos, as lágrimas que enxugamos.

Oh, Jesus, disseste que teu reino não é deste mundo, pois é preciso sofrer para chegar ao céu, e os degraus do trono não nos aproximam dele; são os caminhos mais penosos da vida que nos conduzem a ele; procuremos, pois, o caminho entre as dificuldades e os espinhos e não entre as flores!

Os homens correm em busca dos bens terrenos; como se pudessem guardá-los para sempre; mas aqui não há mais ilusões, e eles logo se apercebem de que se apoderaram apenas de uma sombra, e negligenciaram os únicos bens sólidos e duráveis, os únicos que lhes seriam proveitosos na morada celeste, os únicos que poderiam dar entrada a essa morada.

Tenham piedade daqueles que não ganharam o reino dos céus e ajudem-nos com suas preces, porque a prece aproxima o homem do Altíssimo, é o traço de união entre o céu e a Terra. Não o esqueçam! (*Uma rainha de França*. Havre, 1863.)





CAPÍTULO III

HÁ MUITAS MORADAS NA CASA DE MEU PAI

- DIFERENTES ESTADOS DA ALMA NA ERRATICIDADE
- DIFERENTES CATEGORIAS DE MUNDOS HABITADOS
- DESTINAÇÃO DA TERRA.
CAUSAS DAS MISÉRIAS TERRESTRES

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS:

- MUNDOS SUPERIORES E MUNDOS INFERIORES
- MUNDOS DE EXPIAÇÕES E DE PROVAS
- MUNDOS REGENERADORES
- PROGRESSÃO DOS MUNDOS

1. *“Que o vosso coração não se perturbe. Crede em Deus, crede também em mim. Há muitas moradas na casa de meu Pai; se assim não fosse, eu já vos teria dito, porquanto eu vou para preparar o lugar para vós; e depois que eu tiver ido, e preparado o lugar, voltarei, e vos retirarei para mim, a fim de que, lá onde estou, vós estejais também.”* (João, XIV:1 a 3.)

DIFERENTES ESTADOS DA ALMA NA ERRATICIDADE

2. A casa do Pai é o Universo; as diferentes moradas são os mundos que circulam no espaço infinito e oferecem aos espíritos encarnados locais apropriados ao seu adiantamento.

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Independente da diversidade dos mundos, essas palavras também podem ser entendidas como o estado feliz ou infeliz do espírito na erraticidade. Segundo a situação do espírito — mais ou menos depurado e desprendido dos laços materiais — o meio onde ele se encontra, o aspecto das coisas, as sensações que experimenta e as percepções que possui variam ao infinito. Enquanto uns não se podem afastar do meio em que viveram, outros se elevam e percorrem o espaço e os mundos; enquanto certos espíritos culpados ficam vagando nas trevas, os felizes usufruem de uma luz resplandecente e do sublime espetáculo do infinito. Enfim, enquanto o mau, perseguido pelos remorsos e pelo arrependimento, frequentemente sozinho, sem consolações, separado dos objetos da sua afeição, padece sob a pressão dos sofrimentos morais, o justo, reunido àqueles que ama, desfruta as doçuras de uma inefável felicidade. Portanto, ali também há várias moradas, ainda que não sejam circunscritas nem localizadas.

DIFERENTES CATEGORIAS DE MUNDOS HABITADOS

3. Do ensino dado pelos espíritos, resulta que os diversos mundos estão em condições muito diferentes uns dos outros, quanto ao grau de adiantamento ou de inferioridade dos seus habitantes. Dentre esses mundos, existem aqueles cujos habitantes ainda são inferiores aos da Terra, física e moralmente; outros estão no mesmo grau e outros lhes são mais ou menos superiores em todos os aspectos.

Nos mundos inferiores a existência é toda material, a vida moral é quase nula, as paixões reinam soberanas. Porém, à medida que a vida moral se desenvolve, a influência da matéria diminui, de tal forma que, nos mundos mais avançados, a vida é, por assim dizer, toda espiritual.

4. Nos mundos intermediários há a mistura do bem e do mal, com a predominância de um ou de outro, segundo o grau de adiantamento existente. Ainda que não se possa fazer uma

III. Há Muitas Moradas na Casa do Meu Pai

classificação absoluta dos diversos mundos, pode-se, entretanto, em razão da situação em que se encontram e da sua destinação, e baseando-se nos seus aspectos mais característicos, dividi-los de uma maneira geral, da seguinte forma: *mundos primitivos*, destinados às primeiras encarnações da alma humana; *mundos de expiações e de provas*, onde o mal domina; *mundos regeneradores*, onde as almas que ainda têm que expiar obtêm novas forças, repousando das fadigas da luta; *mundos felizes*, onde o bem supera o mal; *mundos celestes ou divinos*, morada dos espíritos puros, onde o bem reina inteiramente.

A Terra pertence à categoria dos mundos de expiações e de provas, eis por que o homem nela está exposto a tantas misérias.

5. Os espíritos encarnados em um mundo não estão ligados a ele indefinidamente, e não passam, nesse mundo, por todas as fases progressivas que devem percorrer para chegar à perfeição. Quando atingem, em um determinado mundo, o grau de adiantamento que esse mundo comporta, passam para um outro, mais avançado, e assim, sucessivamente, até que cheguem ao estado de espíritos puros.

Os mundos são estações em cada uma das quais os espíritos encontram os elementos de progresso proporcionais ao seu adiantamento. Para eles é uma recompensa passar para um mundo de ordem mais elevada, assim como é um castigo prolongarem sua estada em um mundo infeliz, ou serem relegados para um mundo mais infeliz ainda que aquele que foram forçados a deixar, por se obstinarem em permanecer no mal.

DESTINAÇÃO DA TERRA.

CAUSAS DAS MISÉRIAS TERRESTRES

6. Muitas pessoas se admiram por encontrar na Terra tantas maldades e más paixões, tantas misérias e enfermidades de todos os gêneros, daí concluindo que a espécie humana é algo muito triste. Esse julgamento provém do ponto de vista limitado em que

O Evangelho Segundo o Espiritismo

se colocam, o que lhes dá uma falsa ideia do conjunto. É preciso considerar que sobre a Terra não se vê toda a humanidade, mas apenas uma pequena parte. Realmente, a espécie humana inclui todos os seres dotados de razão que povoam os inumeráveis mundos do Universo; ora, o que é a população da Terra comparada à população total desses mundos? Bem menos que a de um pequeno lugarejo em relação a um grande país. A situação material e moral da humanidade terrestre nada tem de espantoso, se levarmos em consideração o destino da Terra e a natureza daqueles que a habitam.

7. Uma ideia muito falsa dos habitantes de uma grande cidade seria feita, se eles fossem julgados pela população dos bairros mais humildes e sórdidos. Em um hospital, só se veem doentes e estropiados; em uma prisão, veem-se todas as torpezas, todos os vícios reunidos; nas regiões insalubres, a maior parte dos habitantes são pálidos, fracos e doentes. Pois bem, que se considere a Terra como um bairro, um hospital, uma penitenciária, uma região insalubre, visto que ela é, ao mesmo tempo, tudo isso, e se compreenderá porque as aflições superam as alegrias, porquanto não se enviam pessoas saudáveis para um hospital, nem as que não fizeram mal algum para as prisões, e nem os hospitais nem as penitenciárias são lugares de prazeres.

Ora, assim como numa cidade toda a população não está nos hospitais ou nas prisões, a humanidade não está toda sobre a Terra; assim como se sai do hospital quando se está curado, ou da prisão quando se cumpriu a pena, o homem deixa a Terra e vai para mundos mais felizes quando está curado das suas enfermidades morais.

— INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS —

MUNDOS SUPERIORES E MUNDOS INFERIORES

8. A qualificação de mundos inferiores e de mundos superiores é mais relativa que absoluta; um mundo é inferior ou

III. Há Muitas Moradas na Casa do Meu Pai

superior em relação àqueles que estão acima ou abaixo deles na escala progressiva.

Tomando-se a Terra como ponto de comparação, pode-se fazer ideia do estado de um mundo inferior, supondo que nele os homens estão no grau dos povos selvagens, ou das nações bárbaras que ainda se encontram na superfície terrena e que são os restos do estado primitivo do planeta. Nos mundos mais atrasados, os seres que os habitam são de algum modo rudimentares; eles têm a forma humana, mas sem nenhuma beleza; os instintos não são moderados por nenhum sentimento de delicadeza ou de benevolência, nem por noções do que é justo ou injusto; nesses mundos, a força bruta é a única lei. Sem indústria, sem invenções, os habitantes empregam a vida na conquista dos seus alimentos. Entretanto, Deus não abandona nenhuma das suas criaturas. No fundo das trevas da inteligência aninha-se, latente, a vaga intuição, mais ou menos desenvolvida de um Ser Supremo. Esse instinto é suficiente para torná-los superiores uns aos outros e prepara o seu desabrochar para uma vida mais completa, porquanto eles não são seres degradados, mas crianças que estão crescendo.

Entre esses graus inferiores e os mais elevados, há inumeráveis degraus, e nos espíritos puros, desmaterializados e resplandecentes de glória, tem-se muita dificuldade em reconhecer aqueles que animaram os seres primitivos, da mesma forma que, no homem adulto, é difícil reconhecer o antigo embrião.

9. Nos mundos que alcançaram um grau superior, as condições de vida moral e material são completamente diferentes das da Terra. A forma do corpo é sempre, como por toda a parte, a forma humana, mas embelezada, aperfeiçoada e principalmente purificada. O corpo nada tem da materialidade terrestre, e não está, por consequência, sujeito às necessidades, nem às doenças, nem às deteriorações geradas pela predominância da matéria. Os sentidos, mais delicados, têm percepções que, na Terra, são anuladas pela

O Evangelho Segundo o Espiritismo

grosseria dos órgãos. A leveza específica dos corpos torna a locomoção rápida e fácil; em lugar de se arrastar penosamente sobre o solo, ele desliza, por assim dizer, sobre a superfície, ou plana na atmosfera sem outro esforço que o da vontade, da forma que se representam os anjos, ou como os antigos imaginavam os manes nos Campos Elíseos.⁵⁴

Os homens conservam, conforme sua vontade, os traços de suas existências passadas, e aparecem aos seus amigos tal como eles os conheceram, mas iluminados por uma luz divina, transfigurados pelas impressões interiores, que são sempre elevadas. Em lugar de rostos pálidos, devastados pelos sofrimentos e pelas paixões, a inteligência e vida irradiam aquele brilho que os pintores traduziram pelo nimbo ou auréola dos santos.

A pouca resistência que a matéria oferece aos espíritos já muito avançados, torna rápido o desenvolvimento dos corpos, e a infância é curta ou quase nula; a vida, isenta de cuidados e de angústias, é proporcionalmente muito mais longa que sobre a Terra. Em princípio, a longevidade é proporcional ao grau de adiantamento dos mundos. Ali a morte nada tem dos horrores da decomposição; longe de ser um motivo de pavor, ela é considerada como uma transformação feliz, porque a dúvida sobre o futuro ali não existe. Durante a vida, a alma, não estando encerrada em uma matéria compacta, irradia e goza de uma lucidez que a coloca em um estado quase permanente de emancipação, e permite a livre transmissão do pensamento.

10. Nesses mundos felizes, as relações entre os povos, sempre amistosas, jamais são perturbadas pela ambição de dominar o seu vizinho, nem pela guerra, que é uma consequência dessa ambição. Ali não há senhores, nem escravos, nem privilegiados de

⁵⁴ Os **manes** eram, entre os romanos, as almas dos mortos, consideradas como divindades, e as quais se ofereciam sacrifícios e libações; os **Campos Elíseos**, Eliseu ou Elísio era o paraíso dos gregos e romanos, a morada oculta dos homens virtuosos após a morte. (N.T.)

III. Há Muitas Moradas na Casa do Meu Pai

nascimento. Só a superioridade moral e a inteligência estabelecem a diferença de condições e dão supremacia. A autoridade é sempre respeitada, porque é dada pelo mérito e só é exercida com justiça. *O homem não procura elevar-se acima do homem; mas acima de si mesmo, aperfeiçoando-se.* Seu objetivo é alcançar a categoria dos espíritos puros, e esse desejo incessante não é um tormento, mas uma nobre missão que o faz estudar com ardor para chegar a igualá-los. Todos os sentimentos ternos e elevados da natureza humana ali se encontram aumentados e purificados. Os ódios, os ciúmes mesquinhos, as baixas cobiças da inveja ali são desconhecidos; um laço de amor e de fraternidade une todos os homens; os mais fortes ajudam aos mais fracos. Eles possuem bens, em maior ou menor quantidade, segundo o que puderam adquirir pela sua inteligência, mas ninguém sofre pela falta do necessário, porque ninguém ali está em expiação. Em uma palavra, nesses mundos felizes não existe o mal.

11. Na Terra, as criaturas têm necessidade do mal para sentirem o bem, da noite para admirar a luz, da doença para apreciar a saúde. Nos mundos superiores esses contrastes não são necessários; a eterna luz, a eterna beleza, a eterna paz da alma, proporcionam uma eterna alegria que não se turva nem com as angústias da vida material nem com o contato com os maus, que ali não têm acesso. Eis o que o espírito humano tem mais dificuldade para compreender; ele foi criativo para pintar os tormentos do inferno, mas jamais pôde representar as alegrias do céu. E por que isso acontece? Porque, sendo inferior, só passou por penas e misérias, nunca entreviu as claridades celestes; ele só pode falar daquilo que conhece, porém, à medida que se eleva e se purifica, o horizonte se amplia, e ele compreende o bem que está diante de si, como compreendeu o mal que ficou para trás.

12. Entretanto, esses mundos venturosos não são mundos privilegiados, pois Deus não é parcial para nenhum de seus filhos, dando a todos os mesmos direitos e as mesmas facilidades para

O Evangelho Segundo o Espiritismo

chegarem até eles. Deus faz com que todos partam do mesmo ponto e não favorece uns mais que outros. Os primeiros lugares são acessíveis a todos: para que possam conquistá-los pelo seu trabalho, alcançá-los o mais rápido possível, ou definir durante séculos e séculos nas camadas mais desprezíveis da humanidade. (Resumo do ensino de todos os espíritos superiores.)

MUNDOS DE EXPIAÇÕES E DE PROVAS

13. Que posso dizer dos mundos de expiações⁵⁵ que já não seja do vosso conhecimento, visto que é suficiente observar a Terra que habitais? A superioridade da inteligência de um grande número de seus habitantes indica que a Terra não é um mundo primitivo destinado à encarnação de espíritos recém-saídos das mãos do Criador. As qualidades inatas que possuem são a prova de que eles já viveram e de que realizaram um certo progresso, mas os numerosos vícios aos quais estão inclinados também são o indício de uma grande imperfeição moral. Eis por que Deus os colocou sobre uma terra ingrata para ali expiarem suas faltas por um trabalho penoso e pelas misérias da vida, até que tenham mérito para irem para um mundo mais feliz.

14. Entretanto, nem todos os espíritos encarnados na Terra são enviados em expiação. As raças chamadas selvagens são espíritos recém-saídos da infância, e que nela estão, por assim dizer, em educação, desenvolvendo-se em contato com espíritos mais avançados. A seguir, vêm as raças semicivilizadas, formadas desses mesmos espíritos em progresso, e que são, de certo modo, as raças indígenas da Terra, que se desenvolveram pouco a pouco, durante longos períodos seculares, das quais algumas puderam atingir a perfeição intelectual dos povos mais esclarecidos.

Os espíritos em expiação aí são, se assim se pode dizer, estrangeiros; eles já viveram em outros mundos de onde foram

⁵⁵ **Mundos de expiações ou expiatórios:** lugares em que se encarna para *expiar* os erros, isto é, para compensar, reparar, pagar esses erros ou sofrer as suas consequências. (N.T.)

III. Há Muitas Moradas na Casa do Meu Pai

excluídos em consequência da sua persistência no mal, e porque eram uma causa de perturbação para os bons. Por algum tempo foram relegados entre os espíritos mais atrasados, com a missão de fazê-los progredir, porque traziam sua inteligência desenvolvida e o germe dos conhecimentos adquiridos. É por isso que os espíritos punidos se acham entre as raças mais inteligentes, e também porque as misérias da vida têm mais amargor para essas raças, por possuírem mais sensibilidade, e serem mais atingidas pelas contrariedades do que as raças primitivas, cujo senso moral é pouco desenvolvido.

15. A Terra, portanto, fornece um dos tipos de mundos expiatórios, cujas variedades são infinitas, mas que têm por característica comum servir de lugar de exílio para os espíritos rebeldes à lei de Deus. Nesses mundos os espíritos têm de lutar contra a perversidade dos homens e a inclemência da Natureza, duplo trabalho penoso que desenvolve, ao mesmo tempo, as qualidades do coração e as da inteligência. É assim que Deus, na sua bondade, faz o próprio castigo tornar-se proveitoso para o progresso do espírito. (*Santo Agostinho*.⁵⁶ Paris, 1862.)

MUNDOS REGENERADORES

16. Entre as estrelas que cintilam na abóbada azulada, quantas são mundos, como o vosso, designados pelo Senhor para a expiação e as provas! Mas há, também, entre eles, os mais infelizes e os melhores, assim como os transitórios que se podem chamar de regeneradores. Cada turbilhão planetário, girando no espaço em torno de um centro comum, arrasta consigo seus mundos

⁵⁶ **Santo Agostinho:** nasceu em Tagasta, África Romana, em 354, e desencarnou em Hipona, em 430. Era filho de Santa Mônica e, depois de uma mocidade agitada, foi atraído para a vida religiosa pelas prédicas de Santo Ambrósio. Foi bispo de Hipona e tornou-se o mais célebre doutor da Igreja latina. Teólogo, filósofo, moralista, dialético, procurou conciliar o Platonismo com o dogma cristão, a inteligência com a fé. Ajudou muito os pobres e escreveu numerosos sermões. Suas principais obras são: *A Cidade de Deus*, *Confissões* e *Tratado da Graça*. Várias mensagens do Espírito Santo Agostinho, que se comunicava com o grupo de estudos de Kardec, encontram-se neste *Evangelho*. (N.T.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

primitivos, de exílio, de provas, de regeneração e de felicidade. Já vos foi falado desses mundos onde a alma nascente é colocada. Ainda que ignorante do bem e do mal, ela pode marchar para Deus, senhora de si mesma e de posse do seu livre-arbítrio.⁵⁷ Já vos foi falado das amplas faculdades de que a alma é dotada para fazer o bem; mas há as que sucumbem, e Deus, não querendo aniquilá-las, lhes permite ir para esses mundos onde, de encarnações em encarnações, elas se depuram, se regeneram, e se tornarão dignas da glória que lhes está destinada.

17. Os mundos regeneradores servem de transição entre os mundos de expiação e os mundos felizes; a alma que se arrepende, neles encontra a calma e o repouso, acabando de se depurar. Sem dúvida, nesses mundos, o homem ainda está sujeito às leis que regem a matéria; a humanidade experimenta as vossas sensações e os vossos desejos, mas está livre das paixões desordenadas das quais vós sois escravos. Neles não há mais o orgulho que faz calar o coração, não há mais a inveja que o tortura e o ódio que o asfixia. A palavra *amor* está escrita em todas as frentes, uma equidade perfeita regula as relações sociais; todos reconhecem Deus e tentam ir até ele seguindo suas leis.

Nesses mundos, entretanto, ainda não há felicidade perfeita, mas há a aurora da felicidade. Neles o homem ainda é carne e, por isso mesmo, está sujeito às vicissitudes das quais estão isentos os seres completamente desmaterializados. Ainda há provas para sofrer, mas que não têm as pungentes angústias da expiação. Comparados com a Terra, esses mundos são mais felizes, e muitos dentre vós ficariam satisfeitos de neles habitar, porque são a calma após a tempestade, a convalescença após uma cruel doença.

⁵⁷ **Livre-arbítrio:** segundo palavras de Kardec, “é a liberdade moral do homem; é a faculdade que ele tem de se guiar segundo sua vontade na realização de seus atos. A alteração das faculdades mentais, por uma causa acidental ou natural, é o único caso em que o homem está privado do seu livre-arbítrio, a não ser nesses casos, ele sempre é responsável por aquilo que faz ou que não faz”. (N.T.)

III. Há Muitas Moradas na Casa do Meu Pai

O homem, menos absorvido pelas coisas materiais, entrevê melhor o futuro do que vós; compreende que existem outras alegrias que o Senhor promete àqueles que se tornam dignos, quando a morte novamente houver destruído seus corpos para lhes dar a verdadeira vida. É então que, liberta, a alma planará sobre todos os horizontes; não mais com sentidos materiais e grosseiros, mas com os sentidos de um perispírito⁵⁸ puro e celeste, aspirando as emanções do próprio Deus nos aromas do amor e da caridade, que se expandem de seu seio.

18. Porém, nesses mundos, o homem ainda é falível e ali o espírito do mal não perdeu completamente o seu domínio. Não avançar é recuar, e se o homem não está firme no caminho do bem, pode recair nos mundos de expiação, onde o esperam novas e mais terríveis provas.

Contemplai, pois, essa abóbada azulada, à noite, à hora do repouso e da prece, e nessas esferas inumeráveis que brilham sobre vossas cabeças, procurai aquelas que levam a Deus e implorai a ele que um mundo regenerador vos abra as portas, após a expiação na Terra. (*Santo Agostinho*. Paris, 1862.)

PROGRESSÃO DOS MUNDOS

19. O progresso é uma das leis da Natureza; todos os seres da Criação, animados e inanimados, a ela estão submetidos pela bondade de Deus, que deseja que tudo se engrandeça e prospere. A própria destruição, que aos homens parece o fim das coisas, não é mais que um meio de chegar, pela transformação, a um estado mais perfeito, porque tudo morre para renascer e nada volta para o nada.

⁵⁸ **Perispírito:** é o laço que prende a alma (espírito encarnado) ao corpo. Princípio intermediário entre a matéria e o espírito, é uma espécie de envoltório semimaterial. A morte destrói o invólucro mais grosseiro, o corpo carnal; mas o espírito conserva o segundo, o perispírito, que é invisível para nós no seu estado normal, podendo, no entanto, tornar-se visível, e até palpável, como acontece nos fenômenos das aparições. (N.T.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Ao mesmo tempo em que os seres vivos progridem moralmente, os mundos em que eles habitam progridem materialmente. Quem pudesse seguir um mundo em suas diversas fases, desde o instante em que se aglomeraram os primeiros átomos que serviriam para constituí-lo, o veria percorrer uma escala incessante de progresso, mas em graus imperceptíveis para cada geração, e oferecer aos seus habitantes uma morada mais agradável à medida que eles mesmos avancem no caminho do progresso. Assim, desenvolvem-se paralelamente o progresso do homem, o dos animais, seus auxiliares, o dos vegetais e o da habitação, porque nada é estacionário na Natureza. Quanto essa ideia é grande e digna da majestade do Criador! E quanto, ao contrário, é pequena e indigna do seu poder a ideia que concentra sua solicitude e sua providência sobre o imperceptível grão de areia que é a Terra, e restringe a humanidade a alguns homens que a habitam!

A Terra, de acordo com essa lei, esteve, tanto material quanto moralmente, em um estado inferior ao que se encontra atualmente, e atingirá um grau mais adiantado nesse duplo aspecto. Ela chegou a um dos seus períodos de transformação em que, de mundo expiatório, vai se transformar em mundo regenerador. Então os homens serão felizes na Terra, porque nela reinará a lei de Deus. (*Santo Agostinho*. Paris, 1862.)



CAPÍTULO IV

NINGUÉM PODE VER O REINO DE DEUS SE NÃO NASCER DE NOVO

- RESSURREIÇÃO E REENCARNAÇÃO
- LAÇOS DE FAMÍLIA FORTALECIDOS PELA REENCARNAÇÃO E ROMPIDOS PELA UNICIDADE DA EXISTÊNCIA

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS:

- LIMITES DA ENCARNAÇÃO
- NECESSIDADE DA ENCARNAÇÃO

1. *Jesus, tendo vindo para os arredores de Cesareia de Filipe, interrogou seus discípulos: “Que dizem os homens quanto ao Filho do Homem?”⁵⁹ Quem dizem eles que eu sou?” E os discípulos lhe responderam: “Uns afirmam que és João Batista; outros, que és Elias; outros, que és Jeremias ou algum dos profetas”. Jesus lhes disse: “E vós, quem dizeis que eu sou?” Simão Pedro, tomando a palavra, respondeu: “Tu és o Cristo, o filho do Deus vivo”. E Jesus falou: “Bem-aventurado és, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue que te revelaram isso, mas meu Pai que está nos céus”. (Mateus, XVI: 13 a 17; Marcos, VIII: 27 a 30.)*

⁵⁹ **Filho do Homem:** assim Jesus se denominava. (N.T.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

2. *Entretanto, Herodes, o Tetrarca, ouviu falar de tudo o que Jesus fazia, e seu espírito ficou em dúvida, porque uns diziam que João havia ressuscitado de entre os mortos; outros, que Elias havia aparecido, e outros, que um dos antigos profetas havia ressuscitado. Herodes, então, falou: “Eu mandei cortar a cabeça de João, portanto quem é esse de quem ouço dizer tão grandes coisas”? E tinha vontade de vê-lo.* (Marcos, VI: 14 e 15; Lucas, IX: 7 a 9.)

3. *(Após a transfiguração.)⁶⁰ Seus discípulos o interrogaram, dizendo: “Por que dizem pois os escribas que é preciso que Elias venha primeiro”? Mas Jesus lhes respondeu: “É verdade que Elias deve vir e restabelecer todas as coisas, mas eu vos declaro que Elias já veio, e eles não o conheceram, e o trataram como quiseram. É assim que farão sofrer o Filho do Homem”. Então seus discípulos compreenderam que era de João Batista que Jesus lhes havia falado.* (Mateus, XVII: 10 a 13; Marcos, IX: 10 a 12.)

RESSURREIÇÃO E REENCARNAÇÃO

4. A reencarnação fazia parte dos dogmas judeus sob o nome de ressurreição; só os saduceus, que pensavam que com a morte tudo se acabava, não acreditavam nela. As ideias dos judeus sobre esse ponto, assim como sobre muitos outros, não estavam claramente definidas porque eles só possuíam noções vagas e incompletas sobre a alma e sua ligação com o corpo. Eles acreditavam que um homem que morreu podia reviver, sem compreenderem, com precisão, a maneira pela qual esse fato podia ocorrer, e designavam pelo nome de ressurreição o que o Espiritismo chama, mais acertadamente, de reencarnação. Efetivamente, a ressurreição

⁶⁰ **Transfiguração:** fenômeno de efeitos físicos, de ordem ectoplasmática, em que há modificações na aparência externa do médium. O exemplo bíblico deste fenômeno, foi a transfiguração de Jesus no alto do Monte Tabor, narrado em Mateus, XVII: 1 a 13. (N.T. de acordo com o *Dicionário de Filosofia Espírita*, de L. Palhano Jr., Edições Léon Denis.)

IV. Ninguém Pode Ver o Reino de Deus se Não Nascer de Novo

faz supor o retorno à vida do corpo que morreu, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, principalmente quando os elementos desse corpo já foram há muito tempo dispersos e absorvidos. A reencarnação é o retorno da alma, ou espírito, à vida corporal, mas em um outro corpo, novamente formado para ela, que nada tem de comum com o antigo. A palavra ressurreição podia, assim, ser aplicada a Lázaro, mas não a Elias, nem aos outros profetas. Portanto, se João Batista era Elias, conforme se acreditava, o corpo de João não podia ser o de Elias, pois que João tinha sido visto criança, e seu pai e sua mãe eram conhecidos. João podia ser Elias reencarnado, mas não ressuscitado.

5. Ora, entre os fariseus havia um homem chamado Nicodemos, senador dos judeus, que veio, à noite, encontrar Jesus e lhe disse: “Mestre, sabemos que tu vieste da parte de Deus para nos instruir como um doutor, visto que ninguém poderia fazer os milagres que fazes, se Deus não estivesse com ele”.

Jesus lhe falou: “Em verdade, em verdade, te digo que ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo”.

Disse-lhe Nicodemos: “Como pode nascer um homem que já é velho? Ele pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, para nascer uma segunda vez”?

Jesus lhe respondeu: “Em verdade, em verdade, te digo que, se um homem não renasce da água e do espírito, ele não pode entrar no reino de Deus. O que nasceu da carne é carne, o que nasceu do espírito é espírito. Não te admires de que eu tenha dito que é preciso que nasças de novo. O espírito sopra onde quer, e ouves a sua voz, mas tu não sabes de onde ele vem nem para onde vai; o mesmo ocorre com todo o homem que é nascido do espírito”.

Nicodemos lhe perguntou: “Como isso pode acontecer”? Jesus lhe disse: “És mestre em Israel e ignoras essas coisas? Em verdade, em verdade, eu te digo que só dizemos o que sabemos e

O Evangelho Segundo o Espiritismo

só damos testemunho do que vimos; e no entanto, não aceitas o nosso testemunho. Mas se tu não crês, quando te falo das coisas da Terra, como acreditarás quando te falar das coisas do céu”? (João, III: 1 a 12.)

6. A ideia de que João Batista era Elias, e de que os profetas podiam reviver na Terra, encontra-se em muitas passagens dos Evangelhos, notadamente nas relatadas acima, (itens 1 a 3). Se essa crença tivesse sido um erro, Jesus não deixaria de combatê-la, como combateu a tantas outras; longe disso, ele a confirmou com toda a sua autoridade, colocando-a como um princípio e como uma condição necessária quando disse: *Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo*; e ele insiste quando acrescenta: *Não te admires de que eu tenha dito que é preciso que nasças de novo*.

7. Estas palavras: “*Se um homem não renasce da água e do espírito*” foram interpretadas como a regeneração pela água do batismo, mas o texto primitivo trazia simplesmente *não renascer da água e do espírito*, enquanto que, em certas traduções, as palavras *do espírito* foram substituídas por *do Espírito Santo* o que não corresponde mais ao mesmo pensamento. Esse ponto capital ressalta dos primeiros comentários feitos sobre o Evangelho, assim como um dia isso será constatado sem equívoco possível.⁶¹

8. Para se compreender o verdadeiro sentido dessas palavras, é igualmente necessário prestar-se atenção ao significado da palavra água, que ali não foi empregado na sua acepção própria.

Os conhecimentos dos antigos sobre as ciências físicas eram muito imperfeitos; eles acreditavam que a Terra havia saído das águas, isso porque consideravam a água como elemento gerador absoluto; é assim que na *Gênese* está escrito: “*O Espírito de Deus pairava sobre as águas; flutuava sobre a superfície das águas. Que o firmamento seja feito no meio das águas. Que as*

⁶¹ **Nota de Kardec:** A tradução de Osterwald está conforme o texto primitivo; ela diz: não renasce da água e do espírito; a da Sacy diz: do Santo Espírito, e a de Lamennais: do Espírito Santo.

IV. Ninguém Pode Ver o Reino de Deus se Não Nascer de Novo

águas que estão sob o céu se reúnam em um único lugar, e que o elemento árido apareça. Que as águas produzam animais vivos que nadem na água, e pássaros que voem sobre a terra e sob o firmamento”.

Segundo essa crença, a água havia se tornado o símbolo da natureza material, assim como o espírito era o da natureza inteligente. Estas palavras: “*Se o homem não renasce da água e do espírito ou em água e em espírito,*” significam, portanto: “*Se o homem não renasce com seu corpo e sua alma*”. É nesse sentido que, no princípio, elas foram compreendidas.

Essa interpretação, aliás, é justificada por estas outras palavras: “*o que nasceu da carne é carne, e o que nasceu do espírito é espírito*”. Jesus faz aqui uma distinção incontestável entre o espírito e o corpo. O que é nascido da carne é carne, indica claramente que só o corpo procede do corpo, e que o espírito é independente do corpo.

9. “*O espírito sopra onde quer, e ouves a sua voz, mas tu não sabes de onde ele vem nem para onde vai,*” pode-se entender como o *Espírito de Deus*, que dá vida a quem ele quer, ou como a alma do homem. Nesta última acepção: “*tu não sabes de onde ele vem nem para onde vai*” significa que não se conhece o que o espírito foi, nem o que ele será. Se o espírito, ou alma, fosse criado ao mesmo tempo que o corpo, se saberia de onde veio, porquanto se conheceria o seu começo. De qualquer forma, esta passagem é a consagração do princípio da preexistência da alma e, por consequência, da pluralidade das existências.

10. “*Ora, desde a época de João Batista até o presente, o reino dos céus se toma pela violência e são os violentos que arrebata; visto que, até João, todos os profetas, e também a lei, o profetizaram. E se quereis compreender o que eu vos digo, é ele mesmo o Elias que há de vir. Que ouça aquele que tiver ouvidos para ouvir.*” (Mateus, XI: 12 a 15.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

11. Se o princípio da reencarnação, expresso no *Evangelho de João*, poderia, a rigor, ser interpretado em um sentido puramente místico, o mesmo não poderia ocorrer nesta passagem de Mateus em que não há equívoco possível: *é ele mesmo o Elias que há de vir*; nela não há figura nem alegoria, é uma afirmação positiva. *Desde a época de João Batista até o presente, o reino dos céus se toma pela violência*; o que significam essas palavras, uma vez que João Batista ainda vivia naquele momento? Jesus as explica dizendo: *E se quereis compreender o que eu vos digo, é ele mesmo o Elias que há de vir*. Ora, João não sendo outro senão Elias, Jesus faz alusão ao tempo em que João vivia sob o nome de Elias. *Até o presente, o reino dos céus se toma pela violência*, é uma outra alusão à violência da lei mosaica que prescrevia o extermínio dos infieis para a conquista da Terra Prometida, Paraíso dos Hebreus, enquanto que, segundo a nova lei, o céu se ganha pela caridade e pela doçura.

Depois Jesus acrescenta: *“Que ouça aquele que tiver ouvidos para ouvir”*. Essas palavras, tantas vezes repetidas por Jesus, dizem claramente que nem todas as pessoas estavam em condições de compreender certas verdades.

12. *“Aqueles de vosso povo que morreram, viverão de novo; aqueles que foram mortos em meio a mim, ressuscitarão. Despertai de vosso sono e cantai louvores a Deus, vós que habitais no pó; porque o orvalho que cai sobre vós é um orvalho de luz, e arruinareis a Terra e o reino dos gigantes.”* (Isaías, XXVI:19.)

13. Essa passagem de Isaías é também muito clara: *“Aqueles de vosso povo que morreram, viverão de novo”*. Se o profeta quisesse falar da vida espiritual, se tivesse querido dizer que aqueles que morreram não estavam mortos em espírito, ele teria dito: *vivem ainda*, e não: *viverão de novo*. No sentido espiritual, essas palavras seriam um contrassenso, pois que implicariam

IV. Ninguém Pode Ver o Reino de Deus se Não Nascer de Novo

uma interrupção na vida da alma. No sentido de regeneração moral, elas seriam a negação das penas eternas, já que, em princípio, estabelecem que *todos os que estão mortos reviverão*.

14. *“Mas quando o homem morreu uma vez e seu corpo, separado do seu espírito, foi consumido, em que é que ele se transforma? O homem, estando morto uma vez, poderia reviver de novo? Nesta guerra em que me encontro todos os dias da minha vida, espero que chegue a minha transformação.”* (Jó,⁶² XIV: 10 a 14. Tradução de Louis-Isaac Lemaistre de Sacy.)

“Quando o homem morre, perde toda a sua força, expira; depois, onde ele está? Se o homem morre, reviverá? Esperarei todos os dias do meu combate, até que me chegue alguma transformação?” (Jó, XIV:10 a 14. Tradução protestante de Osterwald.)

“Quando o homem morreu, vive sempre; terminando os dias da minha existência terrestre, esperarei, porquanto a ela voltarei de novo.” (Jó, XIV:10 a 14. Versão da Igreja grega.)

15. O princípio da pluralidade das existências está claramente expresso nessas três versões. Não se pode supor que Jó tenha querido falar da regeneração pela água do batismo que, certamente, ele não conhecia. “O homem estando morto *uma vez*, poderia *reviver de novo?*” A ideia de morrer uma vez e de reviver traz como consequência a de morrer e de reviver muitas vezes. A versão da Igreja grega é ainda mais clara, se isso é possível. “Terminando os dias da minha existência terrestre, *esperarei, porquanto a ela voltarei,*” isto é, voltarei à existência terrestre. Isso é tão claro como se alguém dissesse: “Eu saio da minha casa, mas a ela voltarei”.

⁶² **Jó:** é um dos livros que compõem o *Antigo Testamento*; não se conhece o seu autor, mas o estilo, a linguagem, o assunto e o modo de dialogar demonstram que ele foi um dos grandes representantes da língua e do povo hebraico. De acordo com a tradição, Jó, um patriarca hebreu, o teria escrito, deixando, em suas páginas, grandes lições de sabedoria acerca da renúncia e da confiança em Deus. (N.T.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

“Nesta guerra em que me encontro todos os dias da minha vida, *espero* que chegue a *minha transformação*.” Jó, evidentemente, quer falar da luta que sustenta contra as misérias da vida, ele espera a sua transformação, isto é, conforma-se. Na versão grega, *esperarei* parece antes se aplicar a uma nova existência: “Quando minha existência terrena terminar, *esperarei*, pois a ela *retornarei*.” Jó parece se colocar, após a morte, no intervalo que separa uma existência da outra, e diz que ali esperará o seu retorno.

16. Não há, portanto, dúvidas de que, sob o nome de ressurreição, o princípio da *reencarnação* era uma das crenças fundamentais dos judeus, e que foi confirmada, de maneira evidente, por Jesus e pelos profetas; de onde se segue que negar a reencarnação é negar as palavras do Cristo. Um dia, quando forem analisadas sem ideias preconcebidas, suas palavras terão autoridade sobre esse ponto, assim como sobre muitos outros.

17. Mas a essa autoridade, do ponto de vista religioso, virá juntar-se, do ponto de vista filosófico, a autoridade das provas que resultam da observação dos fatos; quando dos efeitos se quer remontar às causas, a reencarnação aparece como uma necessidade absoluta, como uma condição inerente à humanidade, em uma palavra, como uma lei da Natureza; ela se revela por seus resultados de uma forma por assim dizer material, como o motor oculto se revela pelo movimento que produz. Só a reencarnação pode dizer ao homem de onde ele vem, para onde vai, porque se encontra sobre a Terra, e justificar todas as anormalidades e todas as injustiças aparentes que a vida apresenta.⁶³

Sem o princípio da preexistência da alma e da pluralidade das existências, a maioria das máximas do Evangelho são incompreensíveis; esse é o motivo por que elas têm recebido interpretações tão contraditórias. Esse princípio é a chave que lhes deve restituir o seu verdadeiro sentido.

⁶³ **Nota da Editora Francesa:** Para o desenvolvimento do dogma da reencarnação, ver *O Livro dos Espíritos*, capítulos 4 e 5; *O que é o Espiritismo*, capítulo 2, ambos de Allan Kardec, e *A Pluralidade das Existências*, de Pezzani.

IV. Ninguém Pode Ver o Reino de Deus se Não Nascer de Novo

LAÇOS DE FAMÍLIA FORTALECIDOS PELA REENCARNAÇÃO E ROMPIDOS PELA UNICIDADE DA EXISTÊNCIA

18. Os laços de família não são destruídos pela reencarnação, como pensam certas pessoas. Ao contrário, eles são fortalecidos e apertados: é o princípio oposto que os destrói.

No espaço, os espíritos formam grupos ou famílias unidos pela afeição, simpatia e identidade de inclinações. Esses espíritos, felizes por estarem juntos, se procuram; a encarnação só os separa momentaneamente, visto que, após retornarem à erraticidade, eles se reencontram como amigos ao retornarem de uma viagem. Muitas vezes, também, seguem juntos na mesma encarnação, em que são reunidos na mesma família, ou no mesmo círculo, trabalhando juntos para o seu mútuo adiantamento. Se uns estão encarnados e outros não, mesmo assim não deixam de estar unidos pelo pensamento; os que estão livres se interessam pelos que estão cativos, ou seja, encarnados; os mais avançados procuram fazer progredir os atrasados. Após cada existência, terão dado mais um passo no caminho da perfeição; cada vez menos ligados à matéria, sua afeição é mais viva, por isso mesmo mais depurada pois não é mais perturbada pelo egoísmo nem pelas paixões. Podem, assim, percorrer um número ilimitado de existências corporais sem que nenhum dano atinja sua mútua afeição.

Está bem claro que aqui se trata da afeição verdadeira de alma para alma, a única que sobrevive à destruição do corpo, porquanto os seres que, na Terra, se unem apenas pelos sentidos, não têm nenhum motivo para se procurarem no mundo dos espíritos. Só as afeições espirituais são duráveis; as afeições carnis se acabam com a causa que as fez nascer, ora, esta causa não existe mais no mundo dos espíritos, enquanto que a alma existe sempre. Quanto às pessoas que se uniram apenas por interesse, essas, realmente, nada são uma para a outra: a morte as separa na Terra e no céu.

O Evangelho Segundo o Espiritismo

19. A união e a afeição que existem entre parentes são o indício da simpatia anterior que os aproximou; assim, costuma-se dizer que uma pessoa não é da família quando o seu caráter, seus gostos e inclinações não têm nenhuma semelhança com os de seus parentes. Ao se dizer essas palavras, enuncia-se uma verdade maior do que se supõe. Deus permite essas encarnações de espíritos antipáticos ou estranhos nas famílias, com o duplo objetivo de servir de prova para uns, e de meio de adiantamento para outros. Os maus se melhoram pouco a pouco em contato com os bons e pelos cuidados que deles recebem; seu caráter se abranda, seus hábitos se depuram, as antipatias se desfazem. É assim que se estabelece a fusão entre as diferentes categorias de espíritos, como se estabelece, sobre a Terra, a fusão entre as raças e os povos.

20. O receio do aumento indefinido dos parentes, em consequência da reencarnação, é um temor egoísta, que prova que não se possui um amor bastante amplo para alcançar um grande número de pessoas. Um pai que tem vários filhos sente menos amor por eles do que se tivesse apenas um? Mas, que os egoístas se tranquilizem, esse temor é infundado. O fato de um homem ter passado por dez encarnações, não significa que vá encontrar no mundo dos espíritos dez pais, dez mães, dez mulheres e um número proporcional de filhos e de novos parentes; ele encontrará sempre aqueles mesmos que foram motivo de sua afeição, que na Terra estiveram ligados a ele, com designações diferentes, ou de igual maneira.

21. Vejamos agora as consequências da doutrina antirreencarnacionista. Essa doutrina anula, necessariamente, a preexistência da alma; e, as almas sendo criadas ao mesmo tempo que o corpo, não existe entre elas nenhum laço anterior, são completamente estranhas umas às outras; o pai é estranho ao seu filho e a filiação das famílias acha-se assim reduzida somente à filiação corporal, sem nenhum laço espiritual. Não há, pois,

IV. Ninguém Pode Ver o Reino de Deus se Não Nascer de Novo

nenhum motivo para se glorificar de haver tido por antepassados esses ou aqueles personagens ilustres. Com a reencarnação, antepassados e descendentes podem ter se conhecido, vivido juntos, terem se amado, e se reunirem mais tarde, a fim de estreitarem seus laços de simpatia.

22. Isso em relação ao passado. Quanto ao futuro, segundo um dos dogmas fundamentais que decorrem da não reencarnação, o destino das almas está irrevogavelmente fixado após uma única existência; a fixação definitiva do destino traz, como consequência, a interrupção de todo o progresso, visto que, se há qualquer progresso, não há mais destino definitivo fixado. Conforme tenham vivido, bem ou mal, as almas vão de imediato para a morada dos bem-aventurados ou para o inferno eterno; assim, elas são imediatamente separadas para sempre, sem esperança de algum dia se reencontrarem, de tal maneira que pais, mães e filhos, maridos e esposas, irmãos, irmãs, amigos, jamais estão certos de voltarem a se rever: é o rompimento absoluto dos laços de família.

Com a reencarnação, e o progresso que é uma consequência dela, todos aqueles que se amaram se reencontrarão sobre a Terra e, no espaço, caminham juntos para chegar até Deus. Se falharem no caminho, retardarão seu adiantamento e sua felicidade, mas suas esperanças não estão totalmente perdidas; ajudados, encorajados e sustentados por aqueles que os amam, um dia sairão do lamaçal em que se atolaram. Enfim, com a reencarnação, existe uma perpétua solidariedade entre encarnados e desencarnados, daí o estreitamento dos laços de afeição.

23. Em resumo, quatro alternativas se apresentam ao homem para o seu futuro além-túmulo:

- 1ª) o nada, segundo a doutrina materialista;
- 2ª) a absorção no todo universal, conforme a doutrina panteísta;

O Evangelho Segundo o Espiritismo

3ª) a individualidade da alma, com fixação definitiva do destino, em conformidade com a doutrina da Igreja;

4ª) a individualidade da alma, com progressão infinita, segundo a Doutrina Espírita.

De acordo com as duas primeiras alternativas, os laços de família são rompidos após a morte, e não há nenhuma esperança de um reencontro entre os seus membros; com a terceira há a possibilidade de se reencontrarem, desde que estejam no mesmo meio, que tanto pode ser o inferno como o paraíso; com a pluralidade das existências, que é inseparável do progresso contínuo, existe a certeza de que continuam as relações entre aqueles que se amaram, e é isso o que constitui a verdadeira família.

— INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS —

LIMITES DA ENCARNAÇÃO

24. Quais são os limites da encarnação?

— A encarnação, propriamente falando, não tem limites nitidamente traçados, se considerarmos apenas o envoltório que constitui o corpo do espírito, visto que a materialidade desse envoltório diminui à medida que o espírito se purifica. Em certos mundos mais avançados que a Terra, ele já é menos compacto, menos pesado e menos grosseiro, e, por consequência, menos sujeito a vicissitudes; em um grau mais elevado, é diáfano e quase fluídico; de grau em grau, vai se desmaterializando e acaba por se confundir com o perispírito. De acordo com o mundo em que é levado a viver, o espírito recebe o envoltório apropriado à natureza desse mundo.

O próprio perispírito sofre transformações sucessivas; torna-se cada vez mais etéreo, até a depuração completa, que é a base dos puros espíritos. Se mundos especiais são destinados, como estada, aos espíritos mais avançados, tais espíritos não

IV. Ninguém Pode Ver o Reino de Deus se Não Nascer de Novo

ficam presos a eles como nos mundos inferiores. O estado de desapego em que se encontram permite que eles se transportem a todos os lugares onde são chamados para as missões que lhes são confiadas.

Se considerarmos a encarnação do ponto de vista material, tal como acontece na Terra, poderemos dizer que ela está limitada aos mundos inferiores; conseqüentemente, depende do espírito libertar-se mais ou menos rapidamente da encarnação, trabalhando pela sua depuração.

Devemos também considerar que no estado errante, isto é, no intervalo que separa as existências corporais, a situação do espírito está relacionada à natureza do mundo ao qual está ligado pelo seu grau de adiantamento; assim ele é mais ou menos feliz, livre e esclarecido, na erraticidade, conforme se encontre mais ou menos desmaterializado. (*São Luís*.⁶⁴ Paris, 1859.)

NECESSIDADE DA ENCARNAÇÃO

25. A encarnação é uma punição, e só os espíritos culpados estão sujeitos a ela?

— A passagem dos espíritos pela vida corporal é necessária para que possam realizar, com a ajuda de uma ação material, os desígnios dos quais Deus lhes confiou a execução; isso é necessário para eles mesmos, porquanto a atividade que são obrigados a desempenhar ajuda-os no desenvolvimento da sua inteligência. Deus, sendo soberanamente justo, deve dotar igualmente a todos os seus filhos; é por isso que ele dá a todos um mesmo ponto de partida, a mesma aptidão, as mesmas obrigações a cumprir e a mesma liberdade de agir; qualquer privilégio seria uma preferência

⁶⁴ **São Luís:** ou Louis IX, rei da França; nasceu em Poissy, em 1215, e reinou de 1226 a 1270 ano em que desencarnou, vitimado pela peste, quando empreendia a sua 8ª Cruzada e foi em direção à Tunísia, na esperança de converter o rei daquele país. Levou uma vida exemplar, foi bom e piedoso, sua reputação de integridade e virtude deram-lhe a estima universal, tendo sido canonizado pela Igreja Católica em 1297. (N.T.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

e, qualquer preferência, uma injustiça. Mas a encarnação é apenas um estado provisório para todos os espíritos, é uma tarefa que Deus lhes impõe no início de suas vidas, como primeira prova do uso que farão do seu livre-arbítrio. Aqueles que realizam essa tarefa com zelo transpõem, rapidamente e menos penosamente, esses primeiros degraus da iniciação, e desfrutam mais cedo do resultado do seu trabalho. Aqueles que, ao contrário, fazem mau uso da liberdade que Deus lhes proporciona, retardam o seu adiantamento; é assim que, por sua obstinação, podem prolongar indefinidamente a necessidade de reencarnarem, é aí que a reencarnação torna-se um castigo. (*São Luís*. Paris, 1859.)

26. Observação: Uma comparação simples fará compreender melhor essa diferença. O estudante só chega aos graus da instrução superior após haver percorrido a série de classes que a eles conduzem. Essas classes, qualquer que seja o trabalho que exijam, são um meio de atingir o objetivo e não uma punição. O estudante dedicado abrevia o caminho e nele encontra menos dificuldades; o mesmo não acontece com aquele cuja negligência e preguiça obrigam a repetir certas classes. Não é o trabalho da classe que é uma punição, mas a obrigação de recomeçar o mesmo trabalho.

Assim ocorre com o homem na Terra. Para o espírito do selvagem, que está quase no início da vida espiritual, a encarnação é um meio de desenvolver a sua inteligência; mas para o homem esclarecido em que o sentido moral está amplamente desenvolvido, e que é obrigado a repetir as etapas de uma vida corporal cheia de angústias, quando já poderia ter chegado ao objetivo, a encarnação é um castigo, pela necessidade em que se encontra de prolongar sua permanência nos mundos inferiores e infelizes. Aquele que, ao contrário, trabalha ativamente para o seu progresso moral, pode não só abreviar a duração da encarnação material, como transpor, de uma só vez, os graus intermediários que o separam dos mundos superiores.

IV. Ninguém Pode Ver o Reino de Deus se Não Nascer de Novo

Os espíritos não poderiam encarnar uma única vez em um único globo, e cumprir suas diferentes existências em esferas diferentes? Essa opinião seria admissível, se todos os homens estivessem exatamente no mesmo nível intelectual e moral na Terra. As diferenças que existem entre eles, desde o selvagem até o homem civilizado, mostram os graus que estão destinados a transpor. A encarnação, aliás, deve ter uma finalidade útil; ora, qual seria o objetivo das encarnações de pouca duração de crianças que morrem com muito pouca idade? Elas teriam sofrido sem proveito para si mesmas ou para os outros, no entanto, Deus, cujas leis são soberanamente sábias, nada faz de inútil. Pelas reencarnações sobre o mesmo globo, quis que os mesmos espíritos se reencontrassem, tivessem oportunidade de reparar seus erros recíprocos; tendo em vista as suas relações anteriores, ele quis ainda, estabelecer os laços de família sobre uma base espiritual, e apoiar, sobre uma lei natural, os princípios de solidariedade, fraternidade e igualdade.





CAPÍTULO V

BEM-AVENTURADOS OS AFLITOS

- JUSTIÇA DAS AFLIÇÕES
- CAUSAS ATUAIS DAS AFLIÇÕES
- CAUSAS ANTERIORES DAS AFLIÇÕES
- ESQUECIMENTO DO PASSADO
- MOTIVOS DE RESIGNAÇÃO
- O SUICÍDIO E A LOUCURA

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS:

- BEM E MAL SOFRER
- O MAL E O REMÉDIO
- A FELICIDADE NÃO É DESTE MUNDO
- PERDA DE PESSOAS AMADAS E MORTES PREMATURAS
- SE FOSSE UM HOMEM DE BEM, TERIA MORRIDO
- OS TORMENTOS VOLUNTÁRIOS
- A VERDADEIRA DESGRAÇA
- A MELANCOLIA
- PROVAS VOLUNTÁRIAS. O VERDADEIRO CILÍCIO
- DEVE-SE PÔR FIM ÀS PROVAS DO PRÓXIMO?
- É PERMITIDO ABREVIAR A VIDA DE UM DOENTE QUE SOFRE SEM ESPERANÇA DE CURA?
- SACRIFÍCIO DA PRÓPRIA VIDA
- PROVEITO DOS SOFRIMENTOS PARA OUTROS

O Evangelho Segundo o Espiritismo

1. *“Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor à justiça, porque é deles o reino dos céus.”* (Mateus, V: 5, 6 e 10.)

2. *“Bem-aventurados, vós que sois pobres, porque o reino dos céus é para vós. Bem-aventurados vós que tendes fome agora, porque sereis saciados. Felizes sois, vós que agora chorais, porque rireis.”* (Lucas, VI: 20 e 21.)

“Mas ai de vós, ricos! Porque tendes a vossa consolação no mundo. Ai de vós que estais saciados, porque tereis fome. Ai de vós, que rides agora, porque gemereis e chorareis.” (Lucas, VI: 24 e 25.)

JUSTIÇA DAS AFLIÇÕES

3. Só na vida futura podem-se realizar as compensações que Jesus promete aos aflitos da Terra; sem a certeza do futuro, essas máximas seriam um contrassenso, mais ainda, seriam um engodo. Mesmo com essa certeza dificilmente se compreende a utilidade do sofrimento para ser feliz. É, dizem, para haver mais mérito; mas, então, se pergunta: por que uns sofrem mais que outros? Por que uns nascem na miséria e outros na opulência, sem nada haverem feito para justificar essa posição? Por que uns não são bem-sucedidos em nada, enquanto que para outros tudo parece sorrir? Porém, o que se compreende ainda menos é ver os bens e os males tão desigualmente partilhados entre o vício e a virtude; é ver os homens virtuosos sofrerem ao lado de perversos que prosperam. A fé no futuro pode consolar e inspirar paciência, mas não explica essas anomalias que parecem desmentir a justiça de Deus.

Entretanto, desde que se admite Deus, não se pode concebê-lo sem o infinito das suas perfeições; ele deve ser todo poder, todo justiça, todo bondade, sem isso não seria Deus. Se Deus

V. Bem-Aventurados os Aflitos

é soberanamente bom e justo, não pode agir por capricho nem com parcialidade. As vicissitudes da vida têm, pois, uma causa e, visto que Deus é justo, essa causa deve ser justa. Eis do que cada um deve se compenetrar. Pelos ensinamentos de Jesus, Deus permitiu que os homens viessem a compreender essa causa, e hoje, considerando-os bastante amadurecidos para compreendê-la, ele a revela inteiramente pelo Espiritismo, isto é, pela voz dos espíritos.

CAUSAS ATUAIS DAS AFLIÇÕES

4. As vicissitudes da vida são de duas espécies ou, se o preferirem, têm duas fontes bem diferentes que é necessário distinguir, porquanto umas têm sua causa na vida presente, outras, fora desta vida.

Buscando-se a origem dos males terrenos, reconheceremos que muitos deles são a consequência natural do caráter e do comportamento daqueles que os sofrem.

Quantos homens caem por sua própria culpa! Quantos são vítimas de sua própria imprevidência, de seu orgulho e de sua ambição!

Quantas pessoas arruinadas pela falta de ordem, de perseverança, pela má conduta, ou por não terem sabido limitar os seus desejos!

Quantas uniões infelizes porque foram o resultado do interesse ou da vaidade e nas quais o coração não teve nenhuma participação!

Quantas desavenças e discussões funestas teriam sido evitadas com mais moderação e menos suscetibilidade!

Quantas doenças e enfermidades são o resultado da intemperança e dos excessos de todos os gêneros!

Quantos pais são infelizes porque não combateram as más tendências de seus filhos desde o seu princípio! Por fraqueza, ou indiferença, esses pais deixaram que neles se desenvolvessem

O Evangelho Segundo o Espiritismo

os germes do orgulho, do egoísmo e da tola vaidade que ressecam o coração. Posteriormente, ao colherem o que semearam, admiram-se e afligem-se com a falta de respeito e a ingratidão desses filhos.

Que todos aqueles que têm o coração ferido pelas vicissitudes e decepções da vida interroguem friamente a própria consciência; que procurem, passo a passo, a origem dos males que os afligem, e verifiquem se, na maior parte das vezes, não podem afirmar: *Se eu tivesse feito, ou se eu não tivesse feito tal coisa, não me encontraria nesta situação.*

A quem, portanto, devem todas essas aflições, senão a si mesmos? O homem é assim, em um grande número de casos, o construtor dos próprios infortúnios; no entanto, em lugar de reconhecer essa verdade, ele acha mais simples, menos humilhante para a sua vaidade, acusar a sorte, a Providência, a chance desfavorável, a má estrela, quando, em verdade, a sua má estrela está na sua negligência.

Os males dessa natureza certamente constituem um número considerável das vicissitudes da vida; o homem os evitará quando trabalhar para o seu aperfeiçoamento moral tanto quanto para o aperfeiçoamento intelectual.

5. A lei humana atinge certas faltas e as pune; pode-se, então, dizer que o condenado sofre as consequências do que fez; mas a lei não alcança e nem pode alcançar todas as faltas, ela pune mais especialmente aquelas que causam prejuízos à sociedade e não as que só causam danos àqueles que as cometem. Deus, porém, quer o progresso de todas as suas criaturas, eis por que não deixa impune nenhum desvio do caminho reto. Não há uma só falta, por mais leve que seja, nem uma única infração à sua lei, que não tenha forçosas e inevitáveis consequências, mais ou menos desagradáveis, de onde se conclui que, tanto nas pequenas como nas grandes coisas, o homem

V. Bem-Aventurados os Aflitos

sempre é punido por aquilo em que pecou. Os sofrimentos, consequentes ao erro cometido, são para ele uma advertência do mal que fez; dão-lhe a experiência, fazem com que ele sinta a diferença entre o bem e o mal, e a necessidade de se melhorar para evitar no futuro o que foi para ele uma fonte de mágoas, sem o que não teria nenhum motivo para se emendar; confiante na impunidade, ele retardaria seu adiantamento e, por consequência, a sua felicidade futura.

A experiência, porém, algumas vezes, vem um pouco tarde; quando a vida foi desperdiçada e perturbada, quando as forças foram gastas e o mal não tem remédio, o homem então passa a dizer: “Se no início da vida eu soubesse o que sei agora, quantos erros teria evitado! Se eu pudesse recomeçar, agiria totalmente diferente, mas não há mais tempo”! Como o trabalhador preguiçoso que diz: “Perdi minha jornada,” ele também diz para si mesmo: “Perdi minha vida”. Porém, da mesma forma que, para o trabalhador, o Sol nasce no dia seguinte e uma nova jornada começa, permitindo a ele recuperar o tempo perdido, para o homem também, após a noite do túmulo, brilhará o Sol de uma nova vida na qual ele poderá aproveitar a experiência do passado e suas boas resoluções para o futuro.

CAUSAS ANTERIORES DAS AFLIÇÕES

6. Entretanto, se existem males dos quais o homem é a principal causa nesta vida, existem outros aos quais, pelo menos aparentemente, ele é completamente estranho e que parecem atingi-lo como por fatalidade. Tal é, por exemplo, a perda de entes queridos e a daqueles que sustentam a família; tais são ainda os acidentes que nenhuma precaução poderia impedir; os reveses da fortuna que frustram todas as medidas de prudência; as catástrofes naturais; as enfermidades de nascença, principalmente aquelas que tiram de tantos infelizes a possibilidade de ganhar sua vida pelo trabalho: as deformidades, a idiotia, o cretinismo, etc.

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Aqueles que nascem em semelhantes condições, seguramente não fizeram nada nesta vida para merecer, sem compensação, uma sorte tão triste que não podiam evitar, que são incapazes de mudar por si mesmos e que os coloca sob a dependência da caridade pública. Por que, pois, seres tão desgraçados, enquanto que ao lado, sob o mesmo teto, na mesma família, outros são favorecidos sob todos os aspectos?

O que dizer, enfim, dessas crianças que morrem com muito pouca idade e que da vida só conheceram sofrimentos? Esses são problemas que nenhuma filosofia ainda pôde resolver, anomalias que nenhuma religião pôde justificar e que seriam a negação da bondade, da justiça e da providência de Deus, na hipótese de que a alma fosse criada ao mesmo tempo que o corpo, e que sua sorte estivesse, irrevogavelmente, fixada após uma estada de alguns instantes sobre a Terra. Que fizeram essas almas, que acabam de sair das mãos do Criador, para sofrerem tantas misérias neste mundo, e merecer no futuro uma recompensa ou uma punição qualquer, porquanto não puderam fazer nem o bem nem o mal?

No entanto, em virtude do axioma “todo efeito tem uma causa,” essas misérias são efeitos que devem ter uma causa e, desde que se admita um Deus justo, essa causa deve ser justa. Ora, como a causa sempre precede o efeito, já que ela não está na vida atual, deve ser anterior a esta vida, isto é, pertencer a uma existência precedente. Por outro lado, Deus não pune o bem que se fez nem o mal que não se fez, portanto, se somos punidos é porque fizemos o mal; se não fizemos o mal nesta vida, nós o fizemos em outra. Esta é uma alternativa a que é impossível escapar e na qual a lógica diz de que lado está a justiça de Deus.

Portanto, o homem nem sempre é punido, ou completamente punido, na sua existência presente, mas jamais escapa às consequências de suas faltas. A prosperidade daquele que é mau é apenas momentânea e, se ele não sofrer hoje as consequências

V. Bem-Aventurados os Aflitos

dos males cometidos, sofrerá amanhã, porquanto aquele que sofre está resgatando os erros do seu passado. A desgraça que, à primeira vista, parece imerecida tem, pois, a sua razão de ser, e aquele que sofre sempre pode dizer: “Perdoa-me, Senhor, porque pequei”.

7. Tanto os sofrimentos devidos a causas anteriores como os resultantes das faltas atuais são, muitas vezes, a consequência natural da falta cometida, ou seja, por uma justiça distributiva rigorosa, o homem sofre o que fez os outros sofrerem; se foi duro e desumano poderá, a seu turno, ser tratado desumano e duramente; se foi orgulhoso, poderá nascer em condições humilhantes; se foi avaro, egoísta ou fez mau uso da sua fortuna, poderá ser privado do necessário; se foi mau filho, poderá sofrer com seus filhos, etc.

Assim, pela pluralidade das existências, e pela destinação da Terra como mundo expiatório, explicam-se as anomalias que a divisão da felicidade e da infelicidade apresenta entre os bons e os maus aqui em nosso planeta. Essas anomalias só existem na aparência porque são consideradas apenas sob o ponto de vista da vida presente; porém, se nos elevarmos pelo pensamento, de modo a abranger uma série de existências, veremos que a cada um é dado o que merece, sem prejuízo do que lhe cabe no mundo dos espíritos, e que a justiça de Deus nunca é interrompida.

O homem jamais deve perder de vista que está em um mundo inferior onde é mantido pelas suas imperfeições. A cada infortúnio, ele deve dizer a si mesmo que se pertencesse a um mundo mais avançado isso não lhe aconteceria, e que só depende dele mesmo não voltar à Terra, trabalhando pelo seu aperfeiçoamento.

8. As tribulações da vida podem ser impostas a espíritos endurecidos, ou muito ignorantes, para fazerem uma escolha com conhecimento de causa, mas essas tribulações são livremente es-

O Evangelho Segundo o Espiritismo

colhidas e aceitas por espíritos arrependidos que desejam reparar o mal que fizeram e se exercitarem em proceder melhor. Esse é o caso daquele que, tendo feito mal a sua tarefa, pede para recomeçá-la a fim de não perder o benefício do seu trabalho. Portanto, essas tribulações são, ao mesmo tempo, expiações que castigam, pelo passado, e provas que preparam para o futuro. Rendamos graças a Deus que, em sua bondade, concede ao homem a faculdade de poder reparar seus erros, e não o condena de forma irremediável na primeira falta cometida.

9. Entretanto, não se deve acreditar que todo sofrimento passado aqui na Terra seja, necessariamente, o indício de uma determinada falta; muitas vezes os sofrimentos são simples provas escolhidas pelo espírito para concluir sua depuração e apressar seu adiantamento. Assim sendo, a expiação sempre serve de prova, mas a prova nem sempre é uma expiação; porém, provas ou expiações, na verdade são sinais de uma inferioridade relativa, visto que o que é perfeito não tem mais necessidade de ser provado. Um espírito, portanto, pode ter adquirido um certo grau de evolução, porém, querendo avançar mais ainda, solicita uma missão, uma tarefa para cumprir e pela qual, se sair vitorioso, será tanto mais recompensado quanto mais penosa tenha sido a luta. Trata-se, mais especialmente, dessas pessoas com instintos naturalmente bons, de alma elevada, com nobres sentimentos inatos, que parecem não ter trazido nada de mau de suas existências anteriores, e que sofrem as maiores dores com uma resignação cristã, pedindo a Deus para suportá-las sem se queixarem. Ao contrário, pode-se considerar como expiações as aflições que provocam queixas e fazem com que o homem se revolte contra Deus.

É certo que o sofrimento que não desperta lamentações pode ser uma expiação, mas esse tipo de comportamento é um indício claro de que tal expiação foi escolhida voluntariamente e não imposta, sendo também a prova de uma forte resolução, o que é um sinal de progresso.

V. Bem-Aventurados os Aflitos

10. Os espíritos só podem aspirar à felicidade perfeita quando são puros; qualquer falha que tenham cometido lhes impede a entrada nos mundos felizes. São como os passageiros de um navio atingidos pela peste, aos quais é proibido desembarcar em uma cidade até que se tenham descontaminado. É nas suas diversas existências corporais que os espíritos se libertam, pouco a pouco, das suas imperfeições. As provações da vida, quando bem suportadas, fazem progredir; como expiações, elas apagam as faltas e purificam; são o remédio que limpa a ferida e cura o doente; quanto mais grave é o mal, mais enérgico deve ser o remédio. Portanto, aquele que sofre muito deve dizer que tinha muito a expiar, e se alegrar por ser curado em breve. Depende dele, pela sua resignação, tornar esse sofrimento proveitoso, não perder o seu fruto com lamentações, sem o que ele teria que recomeçar.

ESQUECIMENTO DO PASSADO

11. Inutilmente se faz objeção ao esquecimento do passado como um obstáculo para que se possa aproveitar a experiência de existências anteriores. Se Deus considerou conveniente lançar um véu sobre o passado, é porque isso deve ser útil. Realmente, essa lembrança teria inconvenientes muito graves; ela poderia, em certos casos, humilhar muito, ou, então, estimular o nosso orgulho e, dessa forma, obstruir o nosso livre-arbítrio. De qualquer forma, causaria perturbações inevitáveis nas relações sociais.

É comum o espírito renascer no mesmo meio em que já viveu e se encontrar em relação com as mesmas pessoas, a fim de reparar o mal que lhes fez. Se reconhecesse nessas pessoas aquelas a quem havia odiado, talvez seu ódio reaparecesse; e, de qualquer forma, ficaria humilhado diante das pessoas que tivesse ofendido.

Para nos melhorarmos, Deus nos deu exatamente o que necessitamos e o que nos basta: *a voz da consciência e as tendências instintivas*, tirando-nos o que poderia nos prejudicar.

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Ao nascer, o homem traz o que adquiriu; nasce como se fez; cada existência é, para ele, um novo ponto de partida, pouco lhe importa saber o que foi: se é punido, é porque praticou o mal; suas más tendências atuais são o indício do que falta corrigir em si mesmo, e é sobre esse ponto que ele deve concentrar toda a sua atenção, porquanto, do que foi completamente corrigido, não resta nenhum vestígio. As boas resoluções que tomou representam a voz da consciência que o adverte sobre o que é o bem ou o mal, e lhe dá forças para resistir às más tentações.

O esquecimento do passado, aliás, só se faz presente durante a vida corporal. Voltando à vida espiritual, o espírito recupera a lembrança do passado: trata-se, portanto, de uma interrupção momentânea, como a que acontece na vida terrestre, durante o sono, a qual não nos impede de lembrar, ao acordarmos no dia seguinte, o que se fez na véspera e nos dias anteriores.

O espírito não readquire a lembrança do seu passado somente após a morte. Pode-se dizer que ele não a perde jamais, pois a experiência prova que, mesmo encarnado, durante o sono do corpo, o espírito desfruta de uma certa liberdade e tem consciência de seus atos anteriores; sabe por que sofre, e que sofre justamente. A lembrança só se desfaz durante a vida exterior de relação. Mas, na falta de uma lembrança precisa, que poderia ser-lhe penosa e prejudicar suas relações sociais, ele adquire novas forças nesses instantes de emancipação da alma, se souber aproveitá-los.

MOTIVOS DE RESIGNAÇÃO

12. Por estas palavras: “Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados,” Jesus indica, ao mesmo tempo, a compensação que espera os que sofrem e a resignação que faz bendizer o sofrimento como o prenúncio da cura.

Essas palavras ainda podem ser entendidas assim: deveis considerar-vos felizes por sofrer, porque vossas dores neste mundo

V. Bem-Aventurados os Aflitos

são a dívida das vossas faltas passadas, e essas dores, quando suportadas pacientemente sobre a Terra, vos poupam séculos de sofrimentos na vida futura. Deveis, então, estar felizes, por Deus ter reduzido vossa dívida, permitindo quitá-la agora, o que vos assegura a tranquilidade no futuro.

O homem que sofre assemelha-se a um devedor que deve uma grande importância, e a quem o seu credor diz: “Se me pagares hoje mesmo a centésima parte do que me deves, eu te darei a quitação do que resta, e serás livre; se não o fizeres eu te perseguirei até que tenhas pago a última parcela da tua dívida”. O devedor não se sentiria feliz por submeter-se a toda a espécie de provações para se libertar de uma dívida pagando somente a centésima parte do que deve? Em lugar de se queixar do credor, não lhe agradeceria?

Esse é o sentido dessas palavras: “Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados;” são felizes porque se quitam e, após a quitação, serão livres. Entretanto, se ao se quitarem por um lado, se endividarem por outro, jamais chegarão à libertação. Ora, cada falta nova aumenta a dívida, porque não existe uma falta, qualquer que seja, que não traga consigo uma punição, forçosa e inevitável; se não for hoje, será amanhã, se não for nesta vida, será em outra. Entre essas faltas é preciso colocar, em primeiro lugar, a insubmissão à vontade de Deus; portanto, se lamentarmos as aflições, se não as aceitarmos com resignação e como algo que merecemos, se acusarmos a Deus de usar de injustiça, contraímos uma nova dívida que faz com que percamos o benefício que se podia retirar do sofrimento. Eis por que é preciso recomeçar, exatamente como se, para um credor que nos atormenta, pagássemos algumas cotas da dívida enquanto que, a cada pagamento, lhe pedíssemos novos empréstimos.

Ao entrar no mundo dos espíritos, o homem ainda é como o trabalhador que se apresenta no dia do pagamento. A uns o

O Evangelho Segundo o Espiritismo

patrão dirá: “Eis aqui a paga pelos seus dias de trabalho;” a outros, aos felizes da Terra, àqueles que viveram na ociosidade, que colocaram a sua felicidade na satisfação do amor-próprio e dos prazeres mundanos, ele dirá: “A vocês não há nada a pagar, porquanto já receberam o seu salário na Terra. Vão e recomecem sua tarefa”.

13. O homem pode abrandar ou aumentar o amargor das suas provas pela forma com que encara a vida terrestre. Quanto mais longa lhe parece a duração do seu sofrimento, mais sofre. Aquele que se coloca sob o ponto de vista da vida espiritual, compreende, com um olhar, a vida corporal; ele a vê como um ponto no infinito, entende a sua brevidade e diz que esse momento penoso passa bem rápido. A certeza de um futuro próximo mais feliz o sustenta e o encoraja, e, em vez de se lamentar, agradece as dores que o fazem avançar. Para aquele que, ao contrário, nada vê além da vida corporal, esta lhe parece interminável e a dor cai sobre ele com todo o seu peso. O fato de encarar a vida sob o ponto de vista espiritual resulta na diminuição da importância das coisas terrenas, levando o homem a moderar seus desejos e a contentar-se com a sua posição, sem invejar a dos outros, e a atenuar a impressão moral dos reveses e decepções que venha a passar. Dessa forma, o homem ganha uma calma e uma resignação tão úteis à saúde do corpo quanto à da alma, enquanto que, pela inveja, o ciúme e a ambição, ele se submete voluntariamente à tortura, aumentando, assim, as misérias e as angústias da sua curta existência.

O SUICÍDIO E A LOUCURA

14. A calma e a resignação, adquiridas na forma de considerar a vida terrestre e na fé no futuro, dão ao espírito uma serenidade que é a melhor defesa contra a *loucura* e o *suicídio*. Efetivamente, é certo que a maioria dos casos de loucura são devidos à comoção produzida pelas vicissitudes que o homem não tem forças para

V. Bem-Aventurados os Aflitos

suportar. Portanto, se ele, pela maneira com que o Espiritismo o faz encarar as coisas deste mundo, recebe com indiferença, até mesmo com alegria, os reveses e as decepções que o deixariam desesperado em outras circunstâncias, é evidente que essa força, obtida pela compreensão que o Espiritismo lhe dá e que o coloca acima desses acontecimentos, preserva sua razão dos abalos que poderiam perturbá-la.

15. Acontece o mesmo em relação ao suicídio, se fizermos exceção aos que ocorrem na embriaguez ou na loucura, e que podem ser chamados de inconscientes, é certo que, quaisquer que sejam os motivos particulares, ele sempre tem como causa um descontentamento. Ora, aquele que está certo de ser infeliz só por um dia e de serem melhores os dias seguintes, facilmente adquire paciência, só se desespera quando não vê um fim para os seus sofrimentos. E o que é a vida humana, em relação à eternidade, senão bem menos que um dia? Porém, para aquele que não crê na eternidade, que acredita que nele tudo se acaba com a vida, se estiver atormentado pelo desgosto e pelo infortúnio, só na morte vê o fim desses males. Nada esperando, ele acha muito natural, muito lógico mesmo, abreviar a sua infelicidade pelo suicídio.

16. A incredulidade, a simples dúvida sobre o futuro e as ideias materialistas são, em uma palavra, os maiores estimulantes ao suicídio: elas produzem a *covardia moral*. E quando se veem homens de ciência apoiarem-se sobre a autoridade do seu saber, esforçando-se para provar aos seus ouvintes ou aos seus leitores que eles nada têm a esperar após a morte, não é induzi-los a concluir que, se são infelizes, o melhor que têm a fazer é se matarem? Que lhes poderiam dizer para desviá-los disso? Que compensação lhes poderiam oferecer? Que esperança lhes podem dar? Nada, além do nada. De onde é preciso concluir que se o nada é o único remédio heroico, a única perspectiva, mais vale atirar-se nele imediatamente do que mais tarde, e assim sofrer por menos tempo.

O Evangelho Segundo o Espiritismo

A propagação das ideias materialistas é, por conseguinte, o veneno que inocula, em um grande número de pessoas, a ideia do suicídio, e aqueles que dele se fazem apóstolos assumem uma terrível responsabilidade. Com o Espiritismo, a visão da vida se transforma, pois a dúvida não é mais permitida; o crente sabe que a vida se prolonga indefinidamente além do túmulo, mas em outras condições; daí a paciência e a resignação que afastam, muito naturalmente, a ideia do suicídio; daí, em uma palavra, a *coragem moral*.

17. O Espiritismo ainda tem, sob esse aspecto, um outro resultado igualmente positivo e talvez mais determinante: ele nos mostra os próprios suicidas vindo nos dar conhecimento da sua situação infeliz, provando que ninguém transgredir impunemente a lei de Deus, que proíbe ao homem abreviar a sua vida. Entre os suicidas, existem aqueles cujo sofrimento, embora seja temporário em lugar de eterno, não é menos terrível, e de natureza a fazer com que reflita muito bem qualquer pessoa tentada a partir da Terra antes da ordem de Deus.

O espírita, portanto, tem vários motivos para contrapor à ideia do suicídio: a certeza de uma vida futura, na qual ele sabe que será tanto mais feliz quanto mais infeliz e resignado tiver sido na Terra; a certeza de que, abreviando sua vida, ele chega a um resultado totalmente contrário ao que espera; que se liberta de um mal para cair em um pior, mais longo e mais terrível; que se engana ao crer que, se matando, irá mais rápido para o céu; que o suicídio é um obstáculo a que ele reencontre, no outro mundo, as pessoas que foram objeto de suas afeições e que lá espera encontrar. Daí a consequência de que o suicídio, dando-lhe apenas decepções, é contra seus próprios interesses. Assim, o número de suicídios evitados pelo Espiritismo é considerável, e pode concluir-se que, quando todo mundo for espírita, não haverá mais suicídios conscientes. Portanto, comparando-se os resultados das doutrinas materialistas e os da Doutrina Espírita somente sob o ponto

V. Bem-Aventurados os Aflitos

de vista do suicídio, observa-se que a lógica das primeiras a ele conduz, enquanto que a lógica do Espiritismo o evita, fato que é confirmado pela experiência.

— INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS —

BEM E MAL SOFRER

18. Quando Cristo disse: “Bem-aventurados os aflitos, o reino dos céus lhes pertence,” ele não se referia aos sofredores em geral, pois todos os que estão na Terra sofrem, quer estejam sobre um trono ou na miséria; porém, poucos sabem sofrer, poucos compreendem que só as provas bem toleradas podem conduzi-los ao reino de Deus. O desânimo é um erro; Deus vos recusa consolações se vos falta coragem. A prece é um sustentáculo para a alma, mas não é suficiente, é preciso que ela seja apoiada sobre uma fê viva na vontade de Deus. Muitas vezes vos foi dito que ele não envia um fardo pesado para ombros frágeis; o fardo é proporcional às forças, como a recompensa é proporcional à resignação e à coragem. A recompensa será tanto mais grandiosa quanto mais penosa for a aflição, mas é preciso merecer essa recompensa; é por isso que a vida é cheia de adversidades.

O militar que não é enviado para a luta não fica contente, porque o repouso no campo não lhe proporciona nenhuma promoção; sede, pois, como o militar e não procureis um repouso no qual vosso corpo se enfraqueceria e vossa alma se embotaria. Ficai satisfeitos quando Deus vos envia à luta. Essa luta não é o fogo da batalha, mas as aflições da vida onde, muitas vezes, é necessário ter mais coragem que em um sangrento combate, porque aquele que permanece firme diante do inimigo, cederá sob a pressão de um sofrimento moral.

O homem não tem recompensas por essa espécie de coragem, mas Deus lhe reserva os louros da vitória e um lugar glorioso. Quando vos chegar um motivo de dor ou de contrariedade,

O Evangelho Segundo o Espiritismo

esforçai-vos para superá-lo, e quando chegardes a dominar os impulsos da impaciência, da cólera ou do desespero, dizei com uma justa satisfação: “Eu fui o mais forte”.

“Bem-aventurados os aflitos” pode, portanto, ser assim traduzido: Bem-aventurados aqueles que têm o ensejo de provar sua fé, sua firmeza, sua perseverança e sua submissão à vontade de Deus, pois eles terão centuplicada a alegria que lhes falta na Terra, e, após o trabalho, virá o repouso. (*Lacordaire*.⁶⁵ Havre, 1863.)

O MAL E O REMÉDIO

19. É a Terra um lugar de alegrias, um paraíso de delícias? A voz do profeta não ressoa mais aos vossos ouvidos? Ele não proclamou que nela haveria prantos e ranger de dentes para aqueles que nascessem nesse vale de dores? Vós que viestes viver na Terra, esperai, pois, lágrimas dolorosas e sofrimentos amargos, e quanto mais agudas e profundas forem as vossas dores, olhai o céu e bendizei o Senhor por haver querido vos submeter à prova.

Oh, homens! Não reconhecereis o poder do vosso Senhor senão quando houver curado as chagas de vosso corpo e coroados os vossos dias de beatitude e de alegria? Vós só reconhecereis o seu amor quando ele houver adornado vosso corpo de todas as glórias e lhe restituído seu brilho e sua brancura?

Imitai aquele que vos foi dado como exemplo; chegado ao último grau da abjeção e da miséria, estendido em uma estrumeira, disse a Deus: “Senhor, conheci todas as alegrias da opulência, e vós me haveis reduzido à miséria mais profunda; obrigado, obrigado, meu Deus, por haverdes querido experimentar vosso servidor”! Até quando vossos olhares se deterão nos horizontes fixados pela morte? Quando, enfim, vossa alma quererá arrojarse para além

⁶⁵ **Lacordaire:** Jean-Baptiste-Henri Lacordaire, nasceu em Recey-sur-Ource, Côte-d’Or, França, em 1802 e desencarnou em 1861. Entrou para a ordem dos dominicanos em 1839 e foi um dos mais brilhantes pregadores do século XIX. Membro da Academia Francesa, escreveu várias obras, entre elas: *Considerações sobre o Sistema Filosófico de Lamennais* e a *Vida de S. Domingos*. (N.T.)

V. Bem-Aventurados os Aflitos

dos limites do túmulo? Porém, se devêsseis chorar e sofrer toda uma vida, o que isso representaria comparado à eternidade de glória reservada àquele que houver suportado a prova com fé, amor e resignação?

Procurai, pois, as consolações para os vossos males no futuro que Deus vos prepara, e a causa desses males no vosso passado; e vós, que mais sofreis, considerai-vos os bem-aventurados da Terra.

No estado de desencarnados, quando estáveis no espaço, escolhestes vossa prova julgando-vos bastante fortes para suportá-la; por que lamentar agora? Vós que pedistes a fortuna e a glória, era para sustentar a luta contra a tentação e vencê-la. Vós que pedistes para lutar de corpo e alma contra o mal moral e físico, sabíeis que quanto mais difícil fosse a prova, mais gloriosa seria a vitória e que, se saísseis vencedor dessa prova, ainda que vosso corpo devesse ser lançado em uma estrumeira, ao morrer ele deixaria escapar uma alma resplandecente de brancura e purificada pela expiação e pelo sofrimento.

Que remédio, então, receitar para aqueles que foram atingidos por obsessões cruéis e males pungentes? Só um é infalível: a fé, voltar os olhos para Deus. Se, no auge dos vossos mais cruéis sofrimentos, vossa voz louvar o Senhor, o anjo, à vossa cabeceira, vos indicará o sinal da salvação e o lugar que deveis ocupar um dia. A fé, é o remédio certo para o sofrimento; ela sempre mostra os horizontes do infinito diante dos quais desaparecem os poucos dias sombrios do presente.

Não nos pergunteis, portanto, qual remédio é preciso empregar para curar tal úlcera ou tal chaga, tal tentação ou tal prova; lembrai-vos de que aquele que crê se fortaleceu com o remédio da fé, e aquele que duvida um segundo da sua eficácia é punido na hora, porque se ressentiu, no mesmo instante, das dolorosas angústias da aflição.

O Evangelho Segundo o Espiritismo

O Senhor marcou com o seu sinal todos aqueles que creem nele. Cristo vos disse que com a fé transportam-se montanhas e eu vos digo que aquele que sofre e que tem a fé como apoio, será colocado sob sua proteção e não sofrerá mais; os momentos das dores mais fortes serão para ele as primeiras notas da alegria da eternidade. Sua alma se desprenderá de tal maneira de seu corpo que, enquanto este se torcer em convulsões, ela planará nas regiões celestes, cantando com os anjos os hinos de reconhecimento e de glória ao Senhor.

Felizes aqueles que choram e que sofrem! Que suas almas estejam alegres porque serão atendidas por Deus. (*Santo Agostinho*. Paris, 1863.)

A FELICIDADE NÃO É DESTE MUNDO

20. Eu não sou feliz! A felicidade não foi feita para mim! Lamenta-se geralmente o homem, em todas as posições sociais. Isso prova, meus queridos filhos, melhor que todos os raciocínios possíveis, a verdade desta afirmativa do Eclesiastes:⁶⁶ “A felicidade não é deste mundo”. Realmente, nem a fortuna, nem o poder, nem mesmo a juventude em flor são as condições essenciais da felicidade; e digo mais: nem mesmo a reunião dessas três condições tão desejadas, porquanto ouvimos frequentemente, no meio das classes mais privilegiadas, pessoas de todas as idades lamentarem amargamente a sua condição de vida.

Diante de tal resultado, é inconcebível que as classes laboriosas e participantes desejem, com tanta cobiça, a posição daqueles que a fortuna parece haver favorecido. Aqui na Terra, por mais que se faça, cada um tem a sua parte de trabalho e de miséria, sua cota de sofrimentos e de decepções. De onde é fácil chegar à conclusão de que a Terra é um lugar de provas e de expiações.

⁶⁶ **Eclesiastes:** obra atribuída a Salomão (filho e sucessor de Davi, rei de Israel), que faz parte do *Antigo Testamento* e também é denominado *Livro do Pregador*. (N.T.)

V. Bem-Aventurados os Aflitos

Assim, pois, aqueles que pregam que a Terra é a única morada do homem, e que somente nela, e em apenas uma existência, lhe é permitido atingir o mais alto grau de felicidade que a sua natureza comporta, iludem-se, e enganam os que os escutam, visto que está demonstrado, por uma experiência arquissecular, que a Terra só excepcionalmente contém as condições necessárias à felicidade completa do indivíduo.

Em tese geral, pode-se afirmar que a felicidade é uma utopia, em busca da qual as gerações se lançam, sucessivamente, sem poderem jamais alcançá-la, visto que, se o homem sábio é uma raridade aqui na Terra, o homem totalmente feliz não é encontrado com facilidade.

A felicidade na Terra consiste em algo tão efêmero para aquele que não é guiado pela sabedoria que, por um ano, um mês, uma semana de completa satisfação, todo o resto da existência se passa numa série de amarguras e de decepções, e notai, meus queridos filhos, que falo aqui dos felizes da Terra, daqueles que são invejados pelas multidões.

Consequentemente, se a morada terrestre está sujeita às provas e às expiações é forçoso admitir que existem, em outra parte, moradas mais favorecidas onde o espírito do homem, ainda aprisionado em um corpo material, possui, em sua plenitude, as alegrias ligadas à vida humana. Eis por que Deus semeou no infinito esses belos planetas superiores para onde vossos esforços e vossas tendências um dia vos farão gravitar, quando estiverdes suficientemente purificados e aperfeiçoados.

Contudo, não se deduza das minhas palavras que a Terra esteja destinada a servir, para sempre, de penitenciária; certamente que não! Dos progressos adquiridos podeis facilmente imaginar os progressos futuros, e das melhorias sociais conquistadas, novas e mais fecundas melhorias. Essa é a tarefa imensa que deve ser realizada pela nova doutrina que os espíritos revelaram.

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Assim, pois, meus queridos filhos, que um santo estímulo vos anime, e que cada um dentre vós se despoje energeticamente do homem velho. Todos deveis vos dedicar à divulgação do Espiritismo, que já começou a vossa própria regeneração. É um dever fazer vossos irmãos participarem dos raios da sagrada luz, portanto, mãos à obra, meus queridos filhos! Que nesta reunião solene todos os vossos corações aspirem pelo objetivo grandioso de preparar, para as futuras gerações, um mundo onde a felicidade não será mais uma palavra sem valor. (*François-Nicolas-Madeleine, cardeal Morlot.*⁶⁷ Paris, 1863.)

PERDA DE PESSOAS AMADAS E MORTES PREMATURAS

21. Quando a morte vem até vossas famílias, levando, sem critério algum, os jovens antes dos velhos, muitas vezes dizeis: “Deus não é justo, porquanto sacrifica o que é forte e cheio de vida, para conservar aqueles que viveram muitos anos plenos de decepções; leva aqueles que são úteis, e deixa os que não servem para mais nada; parte o coração de uma mãe, privando-a da inocente criatura que fazia toda a sua alegria.

Humanos, é nisso que tendes necessidade de vos elevar acima do terra a terra da vida, para compreender que o bem muitas vezes está lá onde se acredita ver o mal, a sábia providência onde se crê ver a cega fatalidade do destino. Por que avaliar a justiça divina pelo valor da vossa? Podeis pensar que o Mestre dos mundos queira, por um simples capricho, vos fazer sofrer penas cruéis? Nada se faz sem uma finalidade inteligente e, seja lá o que for, cada fato tem sua razão de ser. Se procurásseis investigar minuciosamente todas as dores que vos atingem, nelas sempre iríeis encontrar a razão divina, a razão regeneradora, e vossos insignificantes interesses teriam uma importância tão menor que vós os colocaríeis em último plano.

⁶⁷ **Cardeal Morlot:** de nome François-Nicolas-Madeleine, prelado francês, foi arcebispo de Paris e cardeal. Nasceu em 1795 e desencarnou em 1862. (N.T.)

V. Bem-Aventurados os Aflitos

Acreditai em minhas palavras, a morte é preferível, mesmo numa encarnação de vinte anos, a esses desregramentos vergonhosos que angustiam as famílias honradas, destroem o coração de uma mãe e fazem embranquecer, antes do tempo, os cabelos dos pais. A morte prematura muitas vezes é um benefício que Deus concede àquele que desencarna e que assim fica resguardado das misérias que a vida apresenta, ou das tentações que poderiam causar a sua perdição. Aquele que morre na flor da idade não é vítima da fatalidade, Deus simplesmente julga que lhe é útil não permanecer mais tempo sobre a Terra.

É uma grande infelicidade, dizeis, que uma vida tão cheia de esperanças seja interrompida tão cedo. De quais esperanças quereis falar? Das esperanças da Terra, onde aquele que desencarnou poderia brilhar, fazer sua carreira e sua fortuna? Sempre essa visão estreita que não se pode elevar acima da matéria. Sabeis, por acaso, qual teria sido a sorte dessa vida tão plena de esperanças segundo a vossa avaliação? Quem vos garante que ela não seria carregada de amarguras? Então, considerais como nada as esperanças da vida futura, preferindo as da vida passageira que levais na Terra? Pensais que vale mais ter um lugar entre os homens do que entre os espíritos bem-aventurados?

Alegrai-vos em vez de chorar, quando Deus resolve retirar um de seus filhos desse vale de misérias. Não é egoísmo desejar que ele fique na Terra para sofrer convosco? Ah! Essa dor se concebe naquele que não tem fé, e que vê na morte uma separação eterna, mas vós, espíritas, sabeis que a alma vive melhor desembaraçada de seu invólucro corporal; mães, vós sabeis que vossos filhos bem-amados estão perto de vós, sim, eles estão bem perto; seus corpos fluídicos vos cercam, seus pensamentos vos protegem, vossa lembrança os enche de alegrias, mas também as vossas dores sem razão os afligem, porque elas denotam falta de fé e porque são uma revolta contra a vontade de Deus.

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Vós, que compreendeis a vida espiritual, escutai as pulsações do vosso coração, chamando esses entes bem-amados, e se pedirdes a Deus que os abençoe, sentireis em vós consolações poderosas, dessas que secam as lágrimas, e aspirações superiores que vos mostrarão o futuro prometido pelo soberano Mestre. (*Sanson*,⁶⁸ antigo membro da Sociedade Espírita de Paris, 1863.)

SE FOSSE UM HOMEM DE BEM, TERIA MORRIDO

22. Ao falar de um homem mau que escapa de um perigo, frequentemente dizeis: “Se fosse um homem de bem, teria morrido”. Pois bem, dizendo isso estais com a verdade, porquanto, efetivamente, muitas vezes acontece que Deus concede a um espírito, ainda jovem no caminho do progresso, uma prova mais longa da que a um bom, que receberá o benefício de uma prova tão curta quanto possível, como recompensa pelo seu mérito. Assim, pois, quando dizeis “se fosse um homem de bem, teria morrido” não tenhais dúvida de que cometeis uma blasfêmia.

Se morre um homem de bem, e ao lado de sua casa mora um homem mau, vos apressais em dizer: “Seria bem melhor que fosse aquele”. Estais completamente errados, porque aquele que parte acabou a sua tarefa, e aquele que fica talvez não a tenha começado. Por que haveríeis de querer que o mau não tivesse tempo de terminá-la e que o bom continuasse preso à gleba terrestre? Que diríeis de um prisioneiro que tivesse cumprido toda a sua sentença e que o mantivessem na prisão, enquanto que se daria liberdade àquele que não tem direito a ela? Sabeis portanto, que a verdadeira liberdade é encontrada no momento em que são desfeitos os laços corporais e que, enquanto estiverdes na Terra, estareis em cativeiro.

⁶⁸ **Sanson:** no Cap. II da 2ª parte de *O Céu e o Inferno* encontra-se a primeira comunicação do Espírito J. Sanson — que desencarnou no dia 21 de abril de 1862 — concedida a alguns membros da Sociedade, que o evocaram na câmara mortuária onde ainda se encontrava o seu corpo, aguardando sepultamento, atendendo a um pedido que o próprio Sanson lhes fizera meses antes de desencarnar. (N.T.)

V. Bem-Aventurados os Aflitos

Acostumai-vos a não reprovar o que não podeis compreender, e tende a certeza de que Deus é justo em todas as coisas; muitas vezes, o que vos parece um mal é um bem, no entanto vossas faculdades são tão restritas que o conjunto do grande todo não é percebido pelos vossos rudes sentidos. Esforçai-vos para sair, pelo pensamento, do vosso limitado mundo e, à medida que vos elevardes, a importância da vida material diminuirá para vós, porque ela vos parecerá como um incidente na duração infinita da vossa existência espiritual, a única existência verdadeira. (*Fénelon*. Sens, 1861.)

OS TORMENTOS VOLUNTÁRIOS

23. O homem está sempre em busca da felicidade que constantemente lhe foge, porque a felicidade verdadeira não existe sobre a Terra. Entretanto, apesar das vicissitudes que formam o cortejo inevitável desta vida, poderia, pelo menos, desfrutar de uma felicidade relativa, mas ele a procura nas coisas perecíveis e sujeitas às mesmas vicissitudes, isto é, nos prazeres materiais, em vez de buscá-la nos prazeres da alma que são uma amostra dos eternos prazeres celestes; em vez de procurar *a paz do coração*, única felicidade real neste mundo, ele deseja ardentemente tudo o que pode agitá-lo e perturbá-lo; e, coisa interessante, o homem parece criar para si, propositadamente, tormentos que só a ele pertenciam evitar.

Existem tormentos maiores do que os causados pela inveja e pelo ciúme? Não, porquanto para o invejoso e o ciumento não há descanso, estão perpetuamente ansiosos; o que eles não têm e os outros possuem causa-lhes insônia; o sucesso de seus rivais dá-lhes vertigens; seu único interesse é sobrepujar os outros; toda a sua alegria se resume em despertar nos insensatos, como eles, a cólera do ciúme da qual são possuidores. Pobres insensatos, efetivamente sequer imaginam que amanhã talvez tenham que deixar todas essas futilidades, cuja cobiça lhes envenena a existência! Não é a eles que se destinam estas palavras: “Bem-aventurados os aflitos

O Evangelho Segundo o Espiritismo

porque serão consolados,” visto que as suas preocupações não são daquelas que têm a sua compensação no céu. Inversamente, de quantos tormentos se livra aquele que sabe se contentar com o que tem, que vê sem inveja o que não possui, que não procura parecer mais do que realmente é. Esse é sempre rico porque, se olha abaixo de si, em vez de olhar para cima, verá pessoas que têm ainda menos do que ele; esse é calmo, porque não imagina necessidades irreais, e a calma em meio às desgraças da vida não é uma felicidade? (*Fénelon*. Lyon, 1860.)

A VERDADEIRA DESGRAÇA

24. Todos falam de desgraça, todos já a experimentaram e creem conhecer as suas múltiplas características. Eu venho vos dizer que quase todos se enganam, e que a verdadeira desgraça não é, de forma alguma, a que os homens, isto é, os desgraçados, supõem. Eles a veem na miséria, no fogaõ sem fogo, no credor que ameaça, no berço vazio sem o anjo que nele sorria, nas lágrimas, no féretro que se acompanha de cabeça descoberta e o coração despedaçado, na angústia da traição, no desnudamento do orgulho que queria se vestir de púrpura e que, com dificuldade, esconde sua nudez sob os farrapos da vaidade. Tudo isso, e muitas outras coisas ainda, chama-se desgraça na linguagem humana. Sim, é a desgraça para aqueles que não veem nada além do presente; mas a verdadeira desgraça está nas consequências de um fato, mais do que no próprio fato. Dizei-me se um acontecimento, feliz para o momento, mas que tem consequências funestas, não é, em realidade, mais infeliz do que aquele que inicialmente causa grande contrariedade, e acaba por produzir o bem. Dizei-me se a tempestade que despedaça vossas árvores, mas que purifica o ar dissipando os miasmas⁶⁹ insalubres que poderiam causar a morte, não é antes uma felicidade do que uma desgraça.

⁶⁹ **Miasma:** emanção fétida do solo, supostamente nociva, tida como causa de várias doenças endêmicas, como, por exemplo, em certos locais, a malária. (N.T. conforme o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*.)

V. Bem-Aventurados os Aflitos

Para se julgar um fato é preciso, pois, ver as suas consequências; é assim que, para analisar o que é realmente bom ou mau para o homem, é preciso que nos transportemos além desta vida, porque é lá que as consequências se fazem sentir; ora, tudo o que ele chama de desgraça, segundo sua curta visão, cessa com a vida terrena e encontra sua compensação na vida futura.

Vou mostrar-vos a desgraça sob uma nova forma, sob a forma bela e florida que acolheis e desejais com todas as forças de vossas almas iludidas. A desgraça é a alegria, é o prazer, é a fama, é a vã agitação, é a tola satisfação da vaidade que faz calar a consciência, que reprime a ação do pensamento, que confunde o homem sobre o seu futuro; a desgraça é o ópio do esquecimento que buscais ardentemente. Esperai, vós que chorais! Temei, vós que gargalhais, porque vosso corpo está satisfeito! A Deus não se engana, não se foge ao destino; e as provas, credoras mais impiedosas do que um bando de infelizes instigados pela miséria, espreitam vosso repouso enganador para vos mergulhar de súbito na agonia da verdadeira infelicidade, daquela que surpreende a alma enfraquecida pela indiferença e o egoísmo.

Que o Espiritismo vos esclareça e reponha em sua verdadeira luz a verdade e o erro, tão estranhamente desfigurados pela vossa cegueira. Então, vos comportareis como bravos soldados que, longe de fugirem do perigo, preferem as lutas em combates arriscados, em vez da paz que não pode lhes dar nem glória, nem promoções. Que importa ao soldado perder suas armas, seu equipamento e seu uniforme durante a luta, contanto que ele saia vencedor e com glória? Que importa àquele que tem fé no futuro deixar sobre o campo de batalha da vida a sua fortuna e a sua vestimenta de carne, contanto que sua alma entre radiosa no reino celeste? (*Delphine de Girardin*.⁷⁰ Paris, 1861.)



O Evangelho Segundo o Espiritismo

A MELANCOLIA

25. Sabeis por que uma tristeza indefinida às vezes se apossa de vossos corações e vos faz achar a vida tão amarga? É vosso espírito que aspira à felicidade e à liberdade e que, ligado ao corpo que lhe serve de prisão, consome-se em grandes esforços para libertar-se dele. Porém, vendo que são inúteis, cai em desânimo, e, como o corpo sofre essa influência, a falta de energia, o abatimento e uma espécie de apatia se apoderam de vós, fazendo com que vos acheis infelizes.

Acreditai em mim, resisti com energia a essas impressões que vos enfraquecem a vontade. Essas aspirações por uma vida melhor são inatas no espírito de todos os homens, mas não as procureis neste mundo; e agora que Deus vos envia seus espíritos para vos instruir sobre a felicidade que ele vos reserva, esperai pacientemente o anjo da libertação que deve vos ajudar a romper os laços que mantêm vosso espírito cativo. Lembrai-vos de que tendes de cumprir uma missão durante vossa prova na Terra, da qual não podeis duvidar, seja vos devotando à família, seja realizando os diversos deveres que vos são confiados. Se, no decorrer dessa prova, enquanto cumpris a vossa tarefa, desabarem sobre vós as preocupações, os cuidados e os desgostos, sede fortes e corajosos para suportá-los. Enfrentai-os sem hesitação, eles duram pouco e devem vos conduzir para junto dos amigos por quem chorais, que se rejubilarão com a vossa presença entre eles, e vos estenderão os braços para vos conduzir a um lugar onde não existem os desgostos da Terra. (*François de Genève, Bordeaux.*)

⁷⁰ **Delphine de Girardin:** (1804 – 1855) escritora francesa, nasceu em Aix-la-Chapelle. Publicou várias obras poéticas e teve seu nome consagrado aos 23 anos, no Capitólio, quando viajou à Itália. Escreveu ainda inúmeras poesias espirituais, romances e comédias de valor, mesmo após seu casamento com Emile de Girardin, polemista de talento, que transformou a imprensa diminuindo o preço dos jornais e fazendo deles grandes órgãos de publicidade. (N.T. conforme o *Dictionnaire Encyclopédique Nouveau Petit Larousse Illustré.*)

PROVAS VOLUNTÁRIAS. O VERDADEIRO CILÍCIO⁷¹

26. Vós perguntais se é permitido diminuir o rigor das próprias provas. Essa questão faz lembrar estas outras: É permitido àquele que se afoga procurar se salvar? Àquele que se espetou num espinho, retirá-lo? Àquele que está doente, chamar um médico? As provas têm por finalidade exercitar a inteligência tanto quanto a paciência e a resignação; um homem pode nascer numa situação penosa e difícil, exatamente para obrigá-lo a procurar os meios de vencer as dificuldades. O mérito reside em suportar, sem lamentações, as consequências dos males que não se podem evitar, em perseverar na luta, em não se desesperar se não for bem-sucedido, mas não com negligência que mais seria preguiça do que virtude.

Essa questão naturalmente nos leva a uma outra. Uma vez que Jesus disse: “Bem-aventurados os aflitos,” há mérito em procurar as aflições agravando suas provas com sofrimentos voluntários? A isso responderei muito claramente: sim, há um grande mérito quando os sofrimentos e as privações têm por objetivo o bem do próximo, pois trata-se da caridade pelo sacrifício; não, quando têm por finalidade apenas o próprio bem, porque é egoísmo por fanatismo.

Aqui há uma grande distinção a fazer, para vós, pessoalmente: contentai-vos com as provas que Deus vos envia, não aumenteis a sua carga, às vezes já tão pesada; aceitai-as sem lamentações e com fé, é tudo o que ele vos pede. Não debiliteis o vosso corpo com privações inúteis e mortificações sem objetivo, porque tendes necessidade de todas as vossas forças para realizar a vossa missão de trabalho na Terra. Torturar e martirizar voluntariamente vosso corpo é transgredir a lei de Deus, que vos dá os meios de sustentá-lo e fortificá-lo; enfraquecê-lo sem necessidade, é um verdadeiro suicídio. Usai, mas não abuseis: essa é a lei; o abuso das melhores coisas acarreta punição por suas consequências inevitáveis.

⁷¹ **Cilício:** sacrifício voluntário; martírio a que alguém se submete com resignação. (N.T.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Bem diferente é o que acontece quando alguém se impõe sofrimentos para o benefício de seu próximo. Se suportais o frio e a fome para aquecer e alimentar aquele que precisa, e se o vosso corpo padece por isso, eis o sacrifício que é abençoado por Deus. Vós que deixais vossos aposentos perfumados para ir a um casebre miserável levar consolação; vós que sujais as vossas mãos delicadas, tratando de chagas; vós que deixais de dormir para ficar junto a um doente que apenas é vosso irmão diante de Deus; vós, enfim, que usais vossa saúde na prática das boas obras, esse é o vosso sacrifício, verdadeiro cilício abençoado, porquanto as alegrias do mundo não ressecaram o vosso coração; não vos deixastes levar pelos prazeres ilusórios da fortuna, mas vos transformastes em anjos consoladores dos pobres desvalidos.

Mas vós, que vos retirais do mundo para evitar as suas seduções e viver no isolamento, qual a vossa utilidade na Terra? Já que fugis da luta e abandonastes o combate, onde está a vossa coragem diante das provas? Se desejais um cilício, aplicai-o em vossa alma e não em vosso corpo; mortificai o vosso espírito e não a vossa carne; castigai o vosso orgulho; recebei as humilhações sem vos lastimardes; esmagai vosso amor-próprio; tornai-vos insensíveis contra a dor da injúria e da calúnia, mais pungente que a dor corporal. Eis o verdadeiro cilício cujas feridas vos serão contadas, porque elas serão a prova da vossa coragem e da vossa submissão à vontade de Deus. (*Um anjo guardião*. Paris, 1863.)

DEVE-SE PÔR FIM ÀS PROVAS DO PRÓXIMO?

27. Deve-se pôr um fim às provas do próximo quando se pode, ou é preciso, por respeito aos desígnios de Deus, deixá-las seguir seu curso?

— Nós vos temos dito, e repetido muitas vezes, que estais nessa Terra de expiações para concluir as vossas provas, e que tudo o que vos acontece é uma consequência das vossas existências

V. Bem-Aventurados os Aflitos

anteriores, os juros da dívida que deveis pagar. Porém, esse pensamento provoca, em certas pessoas, reflexões que é necessário evitar, porque poderiam trazer funestas conseqüências.

Algumas pessoas são de opinião que, do momento em que se está na Terra para expiar, é preciso que as provas sigam o seu curso. Existem até aquelas que chegam a crer que não só não se deve fazer nada para atenuá-las, como também, ao contrário, é preciso torná-las mais vivas contribuindo, assim, para que sejam mais proveitosas. É um grande erro. Sim, vossas provas devem seguir o curso que Deus lhes traçou, mas conheceis esse curso? Sabeis até que ponto elas devem seguir, e se vosso Pai misericordioso não determinou ao sofrimento deste ou daquele vosso irmão: “Tu não irás mais longe”? Sabeis se a Providência não vos escolheu, não como instrumento de suplício para agravar os sofrimentos do culpado, mas como bálsamo consolador que deve cicatrizar as chagas que a sua justiça havia aberto? Portanto, quando um de vossos irmãos for atingido, não deveis dizer: “É a justiça de Deus, é preciso que siga o seu curso,” mas sim afirmar: “Vejamos que meios nosso Pai misericordioso colocou ao meu alcance para aliviar o sofrimento de meu irmão. Vejamos se as minhas consolações morais, meu apoio material, meus conselhos, poderão ajudá-lo a atravessar essa prova com mais força, paciência e resignação. Vejamos, mesmo, se Deus não colocou em minhas mãos a forma de fazer cessar esse sofrimento; se não foi dado a mim, também como prova ou talvez como expiação, acabar com o mal e em seu lugar colocar a paz”.

Portanto, ajudai-vos sempre em vossas provas respectivas, e jamais vos considereis como instrumentos de tortura; esse pensamento deve revoltar todo homem de coração, principalmente todo espírita, visto que o espírita, melhor do que qualquer outro, deve compreender a extensão infinita da bondade de Deus. O espírita tem a obrigação de pensar que toda a sua vida deve ser um ato de amor e dedicação; que por mais que ele faça para contrariar as

O Evangelho Segundo o Espiritismo

decisões do Senhor, sua justiça terá o seu curso. Ele pode, então, sem temor, fazer todos os esforços para diminuir a amargura da expiação, mas é somente Deus quem pode acabar com ela ou prolongá-la, segundo o que julgar conveniente.

Não seria um orgulho muito grande por parte do homem, considerar-se no direito de revirar por assim dizer, a arma na ferida? De aumentar a dose de veneno no peito daquele que sofre, sob o pretexto de que essa é a sua expiação? Oh! Considerai-vos sempre como um instrumento escolhido para fazê-la terminar. Resumindo: todos vós estais na Terra para expiar; mas todos, sem exceção, deveis fazer esforços para amenizar a expiação dos vossos irmãos, de acordo com a lei de amor e de caridade. (*Bernardin*,⁷² *espírito protetor*. Bordeaux, 1863.)

É PERMITIDO ABREVIAR A VIDA DE UM DOENTE QUE SOFRE SEM ESPERANÇA DE CURA?

28. Um homem está agonizante, passando por cruéis sofrimentos; sabe-se que seu estado é desesperador; é permitido diminuir-lhe alguns instantes de agonia abreviando o seu fim?

— Quem, no entanto, vos daria o direito de julgar antecipadamente os desígnios de Deus? Não pode ele levar um homem até a beira da sepultura para depois afastá-lo de lá a fim de fazê-lo voltar-se para si mesmo e de levá-lo a outros pensamentos? Em qualquer momento extremo em que um moribundo se encontre, ninguém pode dizer com certeza que a sua derradeira hora chegou. A Ciência nunca se enganou em suas previsões?

Sei muito bem que há casos que se podem considerar, com razão, como desesperadores; mas, se não há nenhuma esperança

⁷² **Bernardin**: supõe-se tratar-se do escritor francês Jacques-Henri Bernardin de Saint-Pierre, nascido no Havre em 1737 e desencarnado em 1814. Autor de “*Paulo e Virgínia*”, “*Cabana Indiana*” e “*Estudos da Natureza*”, suas obras muito contribuíram para fazer renascer o gosto pela Natureza e pelo pitoresco, introduzindo o escotismo na literatura francesa. (N.T. conforme o *Dictionnaire Encyclopédique Nouveau Petit Larousse Illustré*.)

V. Bem-Aventurados os Aflitos

fundada de um retorno definitivo à vida e à saúde, existem inumeráveis exemplos em que, no momento de exalar o último suspiro, o doente se reanima e recobra suas faculdades por alguns instantes. Pois bem, esses momentos de auxílio divino que lhe são concedidos podem ser para ele da maior importância, visto que ignora as reflexões que seu espírito pode fazer durante as convulsões da agonia, e quantos tormentos um minuto de arrependimento pode lhe poupar.

O materialista que só considera o corpo e não leva em conta a alma, não pode compreender essas coisas; mas o espírita, que sabe o que se passa além do túmulo, conhece o quanto vale o último pensamento. Amenizai os últimos sofrimentos o quanto puderdes, mas livrai-vos de abreviar a vida, nem que seja por um minuto, porque esse minuto pode evitar muitas lágrimas no futuro. (*São Luís*. Paris, 1860.)

SACRIFÍCIO DA PRÓPRIA VIDA

29. Aquele que está desgostoso com a vida, mas não quer eliminá-la, é culpado ao procurar a morte em um campo de batalha com a ideia de torná-la útil?

— Que o homem se mate ou que se faça matar, o seu objetivo é sempre o de terminar com a sua vida e, por conseguinte, há suicídio intencional, se não de fato. A ideia de que sua morte servirá para alguma coisa é ilusória; não é mais que um pretexto para disfarçar o seu ato e desculpá-lo aos seus próprios olhos; se havia um desejo sincero de servir ao seu país, ele procuraria sempre viver, para defendê-lo e não morrer porque estando morto não lhe serviria para mais nada. A verdadeira dedicação consiste em não temer a morte quando se trata de ser útil, em enfrentar o perigo, em sacrificar a própria vida, se isso for necessário, porém, *a intenção premeditada* de buscar a morte expondo-se a um perigo, mesmo para prestar um serviço, anula o mérito desse gesto. (*São Luís*. Paris, 1860.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

30. Um homem se expõe a um perigo iminente para salvar a vida de um de seus semelhantes, sabendo previamente que essa atitude poderá custar a sua própria vida. Tal procedimento pode ser encarado como suicídio?

— Desde que não exista a intenção de procurar a morte, não se trata de suicídio, mas de abnegação e devotamento, embora haja a certeza de morrer. Porém, perguntamos: quem pode ter essa certeza? Quem pode dizer que, no momento mais difícil, a Providência não apresenta um meio inesperado de salvação? Ela não pode salvar até mesmo aquele que se ache à frente de um canhão? Muitas vezes a Providência pode querer prolongar a prova da resignação até seu último limite, então, um fato inesperado desvia o golpe fatal. (*São Luís*. Paris, 1860.)

PROVEITO DOS SOFRIMENTOS PARA OUTROS

31. Aqueles que aceitam seus sofrimentos com resignação por submissão à vontade de Deus, e tendo em vista a sua felicidade futura, só trabalham por si mesmos? Podem eles tornar seus sofrimentos proveitosos para outras pessoas?

— Sim, podem ser proveitosos material e moralmente. Materialmente se, pelo trabalho, pelas privações e pelos sacrifícios que se impõem, contribuem para o bem-estar material de seus semelhantes; moralmente, pelo exemplo que dão de submissão à vontade de Deus. Esse exemplo do poder da fé espírita pode levar os sofredores à resignação, afastá-los do desespero e de suas funestas consequências para o futuro. (*São Luís*. Paris, 1860.)



CAPÍTULO VI

O CRISTO CONSOLADOR

- O JUGO LEVE
- O CONSOLADOR PROMETIDO

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS:

- A Vinda do Espírito de Verdade

O JUGO LEVE

1. *“Vinde a mim, todos vós que estais aflitos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo⁷³ e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração, e achareis repouso para vossas almas. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve.”* (Mateus, XI: 28 a 30.)

2. Todos os sofrimentos: misérias, decepções, dores físicas, perda de entes queridos, encontram sua consolação na fé no futuro, na confiança na justiça de Deus, que o Cristo veio ensinar aos homens. Entretanto, sobre aquele que nada espera após esta vida, ou simplesmente duvida, as aflições tornam-se muito mais penosas e nenhuma esperança vem diminuir o seu amargor. Eis o que levou Jesus a dizer: “Vinde a mim, todos vós que estais fatigados, e eu vos aliviarei”.

⁷³ **Jugo:** opressão, autoridade, domínio, sujeição. (N.T.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Jesus, no entanto, colocou uma condição para a assistência e a felicidade que promete aos aflitos; essa condição está na lei que ele ensina; seu jugo é a obediência a essa lei, mas esse jugo é leve e essa lei é suave, já que impõem como dever o amor e a caridade.

O CONSOLADOR PROMETIDO

3. *“Se me amais, observai os meus mandamentos; e eu rogarei a meu Pai, e ele vos enviará um outro consolador, para que fique eternamente convosco, o Espírito de Verdade que o mundo não pode receber, porque não o vê e porque não o conhece. Vós, porém, o conhecereis, porque ele ficará convosco e estará em vós. Mas o consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará recordar tudo o que vos tenho dito.”* (João, XIV: 15 a 17 e 26.)

4. Jesus promete um outro consolador: é o Espírito de Verdade, que o mundo não conhece ainda, porque não está em condições de compreendê-lo, e que o Pai enviará para ensinar todas as coisas, para fazer lembrar o que Cristo falou. Portanto, se o Espírito de Verdade deve vir mais tarde ensinar todas as coisas, é porque o Cristo não as disse todas; se ele vem fazer lembrar o que Cristo ensinou, é que suas palavras foram esquecidas ou mal compreendidas. O Espiritismo vem, na época determinada, cumprir a promessa do Cristo: o Espírito de Verdade preside ao seu estabelecimento; ele relembra aos homens a observação da lei; ele ensina todas as coisas fazendo compreender o que o Cristo só nos transmitiu por meio de parábolas. O Cristo disse: “Que ouçam os que têm ouvidos para ouvir;” o Espiritismo vem abrir os olhos e os ouvidos, pois fala de forma clara, sem alegorias; ele retira o véu que foi deixado, propositadamente, sobre certos mistérios; finalmente, vem trazer uma suprema consolação aos deserdados da Terra e a todos aqueles que sofrem, dando uma razão justa e um objetivo útil a todas as dores.

VI. O Cristo Consolador

O Cristo disse: “Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados,” mas como alguém pode se achar feliz por sofrer se não sabe por que está sofrendo? O Espiritismo demonstra que a causa dos sofrimentos está nas existências anteriores e na destinação da Terra, onde o homem resgata os erros do seu passado; ele mostra o objetivo dos sofrimentos, porquanto eles são como crises salutares que trazem a cura e a depuração que assegura a felicidade nas existências futuras. O homem compreende que merece sofrer e acha que o sofrimento é justo; sabe que ele ajuda o seu adiantamento e aceita-o sem lamentações, como o trabalhador aceita o trabalho que lhe proporciona o seu salário. O Espiritismo lhe dá uma fé inabalável no futuro, e a dúvida cruel não se apodera mais da sua alma; fazendo com que ele veja os fatos de um ponto de vista elevado, a importância das vicissitudes terrestres desaparece no amplo e esplêndido horizonte que ele abrange, e a perspectiva da felicidade que o espera dá-lhe a paciência, a resignação e a coragem de ir até o final do caminho.

Assim, o Espiritismo proporciona o que Jesus disse sobre o consolador prometido: conhecimento dos fatos, que faz com que o homem saiba de onde veio, para onde vai e por que está na Terra; retorno aos verdadeiros princípios da lei de Deus, e consolação pela fé e pela esperança.

— INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS —

A VINDA DO ESPÍRITO DE VERDADE

5. Como em tempos passados, entre os extraviados filhos de Israel, venho trazer a verdade e dissipar as trevas. Escutai-me. O Espiritismo, como a minha palavra em tempos passados, deve lembrar aos incrédulos que acima deles reina a verdade imutável: o Deus bom, o Deus grandioso que faz a planta germinar e as ondas se levantarem. Revelei a doutrina

O Evangelho Segundo o Espiritismo

divina; como um ceifeiro,⁷⁴ juntei em feixes o bem espalhado na humanidade e disse: “Vinde a mim, todos vós que sofreis”.

Porém, os homens ingratos se afastaram do caminho largo e reto que conduz ao reino de meu Pai e se extraviaram nos ásperos e estreitos caminhos da impiedade. Meu Pai não quer aniquilar a raça humana; ele quer que, ajudando-vos uns aos outros, mortos e vivos, isto é, mortos segundo a carne, porquanto a morte não existe, sejais socorridos e que, não mais a voz dos profetas e dos apóstolos, mas a voz daqueles que não estão mais na Terra seja ouvida para vos bradar: *Orai e acreditai*, pois a morte é a ressurreição, e a vida é a prova escolhida durante a qual vossas virtudes cultivadas devem crescer e se desenvolver como o cedro.

Homens fracos, que percebeis as trevas de vossas inteligências, não afasteis a tocha que a clemência divina coloca entre vossas mãos para aclarar vosso caminho e vos reconduzir, filhos perdidos, ao regaço de vosso Pai.

Sinto-me cheio de compaixão pelas vossas misérias, pela vossa imensa fraqueza para deixar de estender a mão segura aos infelizes extraviados que, vendo o céu, caem no abismo do erro. Acreditai, amai, meditai nas coisas que vos são reveladas; não mistureis o joio com o bom grão, as utopias às verdades.

Espíritas, amai-vos, eis o primeiro ensinamento; instruí-vos, eis o segundo. Todas as verdades se encontram no Cristianismo; os erros que nele criaram raízes são de origem unicamente humana; e eis que do outro lado do túmulo, onde acreditáveis que nada existia, vozes vos gritam: “Irmãos, nada morre! Jesus Cristo é o vencedor do mal, sede os vencedores da impiedade.” (*O Espírito de Verdade*.⁷⁵ Paris, 1860.)

⁷⁴ **Ceifeiro:** aquele que, com a foice ou outro instrumento apropriado, ceifava, isto é, cortava as espigas de trigo, centeio, etc. e as amarrava em feixes, fazendo a sua colheita. Atualmente existem modernas máquinas para esse trabalho: as ceifeiras. (N.T.)

⁷⁵ **Espírito de Verdade:** assim se identificou, no dia 25 de março de 1856 (*Obras Póstumas*, “Meu Guia Espiritual”), por intermédio da médium Srta. Baudin, este espírito luminar. Durante toda a missão de codificar a Doutrina Espírita, Kardec foi por ele assistido e altamente inspirado por meio de suas mensagens eminentemente cristãs. (N.T.)

VI. O Cristo Consolador

6. Venho ensinar e consolar os pobres deserdados; venho dizer-lhes que elevem sua resignação ao nível de suas provas; que chorem, visto que a dor foi consagrada no Jardim das Oliveiras, mas que esperem, pois os anjos consoladores também virão enxugar suas lágrimas.

Trabalhadores, arai o vosso campo, recomeçai no dia seguinte a rude jornada da véspera; o trabalho das vossas mãos fornece o pão terrestre para os vossos corpos, mas vossas almas não são esquecidas; e eu, o divino jardineiro, as cultivo no silêncio dos vossos pensamentos. Quando a hora do repouso soar, quando a trama de vossas vidas escapar de vossas mãos, e vossos olhos se fecharem para a luz, sentireis surgir e germinar em vós a minha preciosa semente. Nada se perde no reino de nosso Pai e, vossos esforços, vossas misérias formam o tesouro que deve vos tornar ricos nas esferas superiores, onde a luz substitui as trevas, e onde o mais despojado de todos vós talvez seja o mais resplandecente.

Em verdade vos digo: aqueles que carregam seus fardos e que assistem aos seus irmãos são meus bem-amados; aprendei com a preciosa doutrina que acaba com o erro das revoltas, e que vos demonstra o objetivo sublime da prova humana. Assim como o vento varre a poeira, que o sopro dos espíritos dissipe a vossa inveja dos ricos da Terra, que frequentemente são muito miseráveis, porque suas provas são mais perigosas que as vossas. Eu estou convosco, e meu apóstolo vos ensina. Bebei na fonte viva do amor, e preparai-vos, cativos da vida, para um dia vos lançardes, livres e felizes, no seio daquele que vos criou frágeis, para vos tornar perfectíveis, e deseja que modeleis, vós mesmos, a vossa própria argila, a fim de serdes os artesãos da vossa imortalidade. (*O Espírito de Verdade*. Paris, 1861.)

7. Eu sou o grande médico das almas, e venho trazer o remédio que deve curar-vos; os fracos, os sofredores e os enfermos

O Evangelho Segundo o Espiritismo

são meus filhos prediletos e venho salvá-los. Vinde, pois, a mim, vós que sofreis e que estais sobrecarregados e sereis consolados e aliviados; não procureis a força e a consolação em outro lugar, porquanto o mundo é incapaz de proporcioná-las. Deus faz um supremo apelo aos vossos corações por meio do Espiritismo; escutai-o. Que a impiedade, a mentira, o erro, a incredulidade sejam extirpados de vossas almas doloridas; são monstros que se saciam com vosso sangue mais puro e que vos provocam chagas quase sempre mortais. Que no futuro pratiqueis a lei divina, humildes e submissos ao Criador. Amai e orai, sede dóceis aos espíritos do Senhor; invocai-o do fundo do coração; então ele vos enviará seu filho bem-amado para vos instruir e vos dizer estas boas palavras: “Eis-me aqui, venho até vós porque me chamastes”. (*O Espírito de Verdade*. Bordeaux, 1861.)

8. Deus consola os humildes e dá força aos aflitos que imploram por ela. Seu poder cobre a Terra inteiramente e, por toda a parte, ao lado de cada lágrima ele colocou um bálsamo que consola. O *devotamento* e a *abnegação* são uma prece contínua, e encerram um ensinamento profundo. A sabedoria humana reside nessas duas palavras. Que todos os espíritos sofredores possam compreender essa verdade, em vez de se revoltarem contra as dores e os sofrimentos morais que são o seu quinhão aqui na Terra. Usai, pois, como divisa, estas duas palavras: *devotamento* e *abnegação*, e sereis fortes, porque elas resumem todos os deveres que a caridade e a humildade vos impõem. O sentimento do dever cumprido vos proporciona a tranquilidade de espírito e a resignação. O coração trabalha melhor, a alma se acalma e o corpo não sofre mais desfalecimentos, visto que, quanto mais o espírito é profundamente atingido, mais o corpo sofre. (*O Espírito de Verdade*. Havre, 1863.)



CAPÍTULO VII

BEM-AVENTURADOS OS POBRES DE ESPÍRITO

- O Que é Preciso Entender por Pobres de Espírito
- Todo Aquele que se Eleva será Rebaixado
- Mistérios Ocultos aos Sábios e aos Prudentes

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS:

- O Orgulho e a Humildade
- Missão do Homem Inteligente na Terra

O QUE É PRECISO ENTENDER POR POBRES DE ESPÍRITO

1. *“Bem-aventurados os pobres de espírito, porque o reino dos céus é deles.”* (Mateus, V: 3.)

2. A incredulidade se diverte com este ensinamento moral: *Bem-aventurados os pobres de espírito*, assim como com muitas outras coisas que não compreende. Jesus não entende como pobres de espírito os homens desprovidos de inteligência, mas os humildes: Ele disse que o reino dos céus é deles e não dos orgulhosos.

Os homens cultos e inteligentes, segundo o mundo, geralmente fazem uma avaliação tão elevada de si mesmos, e de sua superioridade, que olham as coisas divinas como indignas da sua atenção; concentrados apenas em sua pessoa, não podem elevar-se até Deus. Essa propensão a se acreditarem acima de tudo, muitas

O Evangelho Segundo o Espiritismo

vezes leva-os a negar o que, estando acima deles, poderia rebaixá-los, e a negar até mesmo a Divindade. Se concordam em admiti-la, contestam um dos seus mais belos atributos: sua ação providencial sobre as coisas deste mundo, convencidos de que, sozinhos, são suficientes para governá-lo bem. Tomando a própria inteligência para medida da inteligência universal, e considerando-se aptos a compreenderem tudo, eles não podem acreditar na possibilidade daquilo que não compreendem; quando emitem uma opinião sobre alguma coisa, consideram esse julgamento como definitivo e sem margem para apelação.

Quando se recusam a admitir o mundo invisível e um poder extra-humano, não é porque isso esteja acima da sua capacidade de compreensão, mas porque o seu orgulho se revolta com a ideia de algo acima do qual eles não se podem colocar, isso os faria descer do seu pedestal. É por essa razão que eles só têm sorrisos de desdém para tudo o que não pertence ao mundo visível e tangível; eles se acham possuidores de grande inteligência e de muito conhecimento para acreditarem em coisas, segundo sua concepção, para as pessoas *simples*, e consideram como *pobres de espírito* aqueles que levam tais coisas a sério.

Entretanto, digam o que disserem, eles terão de entrar, como todos os outros, nesse mundo invisível de que tanto zombam; é nele que seus olhos serão abertos para a verdade e reconhecerão o seu erro. Deus, porém, que é justo, não pode receber da mesma maneira aquele que desconheceu o seu poder e aquele que, humildemente, se submeteu às suas leis, nem dar aos dois um tratamento igual.

Ao afirmar que o reino dos céus pertence aos simples, Jesus quis dizer que, sem a *simplicidade de coração e a humildade de espírito*, ninguém será admitido nesse reino; entre o ignorante que possui essas qualidades e o sábio que acredita mais em si do que em Deus, o ignorante será o preferido. Em todas as

VII. Bem-Aventurados os Pobres de Espírito

circunstâncias ele coloca a humildade entre as virtudes que nos aproximam de Deus, e o orgulho entre os vícios que dele nos distanciam, e isso por uma razão muito natural, é que a humildade é um ato de submissão a Deus, enquanto que o orgulho é uma revolta contra ele. Portanto, para a felicidade futura do homem é preferível ser *pobre de espírito*, no sentido que o mundo lhe dá, e rico em qualidades morais.

TODO AQUELE QUE SE ELEVA SERÁ REBAIXADO

3. *Naquela mesma ocasião os discípulos se aproximaram de Jesus e lhe perguntaram: “Quem é o maior no reino dos céus”? Jesus, chamando um menino, colocou-o no meio deles e falou: “Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e se não vos tornardes como crianças, não entrareis no reino dos céus. Portanto, todo aquele que se humilhar e se fizer pequeno como esta criança, esse será o maior no reino dos céus, e todo aquele que receber em meu nome uma criança tal como acabo de dizer, é a mim que recebe”.* (Mateus, XVIII: 1 a 5.)

4. *Então, a mãe dos filhos de Zebedeu aproximou-se de Jesus com seus dois filhos, e prostrou-se diante dele, parecendo querer pedir-lhe qualquer coisa. Ele lhe disse: “Que queres”? Ela respondeu: “Ordena que estes meus dois filhos se sentem no vosso reino, um à vossa direita e outro à vossa esquerda”. Mas Jesus lhe respondeu: “Não sabeis o que me pedis; podeis vós beber o cálice que eu vou beber”? E eles responderam: “Podemos”. Disse-lhes então Jesus: “É verdade que bebereis o cálice que eu vou beber, mas quanto a terdes assento à minha direita ou à minha esquerda, não pertence a mim vos conceder o que pedis, isso é para aqueles a quem meu Pai o tem preparado”. Os dez outros apóstolos, ouvindo isso, indignaram-se contra os dois irmãos, mas Jesus chamando-os a si, disse-lhes: “Vós sabeis que os príncipes das nações as dominam, e que os grandes as tratam com autoridade. Não deve ser assim entre*

O Evangelho Segundo o Espiritismo

vós: aquele que quiser ser o primeiro dentre vós que seja vosso escravo; assim como o Filho do Homem que não veio para ser servido, mas para servir, e dar sua vida pela redenção de muitos”. (Mateus, XX: 20 a 28.)

5. Em um dia de sábado, Jesus entrou na casa de um dos principais fariseus para ali tomar a sua refeição, e aqueles que lá estavam ficaram a observá-lo. Então, notando que os convidados escolhiam os primeiros lugares, Jesus lhes propôs uma parábola, dizendo: “Quando fordes convidados para bodas, não vos coloqueis no primeiro lugar, porque pode ser que outra pessoa mais importante do que vós se encontre entre os convidados, e que aquele que vos convidou venha vos dizer: ‘Dai o vosso lugar a este’, e vós, envergonhados, sejais obrigados a ocupar o último lugar. Quando fordes convidados, ide tomar o último lugar, para que aquele que vos convidou possa chegar perto de vós, e dizer: ‘Meu amigo, vinde mais para cima.’ Então, isso será um motivo de glória diante daqueles que estarão à mesa convosco, porquanto todo aquele que se eleva será rebaixado, e todo aquele que se humilha será elevado”. (Lucas, XIV: 1 e 7 a 11.)

6. Essas máximas são as consequências do princípio de humildade que Jesus apresenta incessantemente como condição essencial da felicidade prometida aos eleitos do Senhor, e que ele formulou com estas palavras: “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque o reino dos céus é deles”. Ele apresenta uma criança como o símbolo da simplicidade de coração e diz: “Aquele, pois, que se humilhar e se fizer pequeno como esta criança, esse será o maior no reino dos céus,” ou seja, aquele que não tiver nenhuma pretensão à superioridade ou a ser infalível.

O mesmo pensamento fundamental é encontrado neste outro ensinamento: “Todo aquele que quiser ser o primeiro dentre vós que seja vosso escravo,” e também neste: “Todo

VII. Bem-Aventurados os Pobres de Espírito

aquele que se eleva será rebaixado, e todo aquele que se humilha será elevado”.

O Espiritismo vem confirmar a teoria pelo exemplo, mostrando-nos grandes no mundo dos espíritos aqueles que foram pequenos na Terra; e, muitas vezes, bem pequenos aqueles que nela eram importantes e poderosos. É que os primeiros, ao morrerem, levaram consigo o que realmente representa a verdadeira grandeza no céu, e que nunca se perde: as virtudes; enquanto que os outros tiveram que deixar o que fazia a sua grandeza sobre a Terra, e que não se leva ao morrer: a fortuna, os títulos, a glória, o nascimento ilustre. Nada mais possuindo, chegam ao outro mundo desprovidos de tudo, como náufragos que perderam todos os seus bens, até suas roupas. Eles só conservaram o orgulho que torna sua nova posição mais humilhante ainda, porque veem acima deles, e resplandecente de glória, aqueles que na Terra eles espezinharam.

O Espiritismo nos mostra uma outra aplicação desse princípio nas encarnações sucessivas onde aqueles que ocuparam os mais altos postos em uma encarnação descem às mais humildes condições na existência seguinte, se foram dominados pelo orgulho e pela ambição. Portanto, não procureis o primeiro lugar na Terra, nem vos coloqueis acima dos outros, se não quiserdes ser obrigados a descer; procurai, ao contrário, o mais humilde e o mais modesto, pois Deus saberá vos dar um lugar mais elevado no céu, se for do vosso merecimento.

MISTÉRIOS OCULTOS AOS SÁBIOS E AOS PRUDENTES

7. Então Jesus disse estas palavras: “Graças vos dou, meu Pai, Senhor do céu e da Terra, porque escondestes essas coisas aos sábios e aos prudentes e as revelastes aos simples e aos pequenos”. (Mateus, XI: 25.)

8. Pode parecer estranho que Jesus dê graças a Deus por haver revelado essas coisas *aos simples e aos pequenos*, que são os

O Evangelho Segundo o Espiritismo

pobres de espírito, e de tê-las ocultado *aos sábios e aos prudentes*, aparentemente mais aptos a compreendê-las. É preciso entender por simples e pequenos, os *humildes*, os que se humilham diante de Deus e não se consideram superiores a ninguém; e por *sábios e prudentes*, os *orgulhosos*, envaidecidos com o seu saber mundano, que se creem prudentes porque negam e tratam a Deus de igual para igual, quando não o negam; porquanto, na Antiguidade, *sábio* era sinônimo de *douto*, eis por que Deus lhes deixa a busca dos segredos da Terra, e revela os do céu aos simples e aos humildes que se inclinam diante dele.

9. O mesmo acontece, atualmente, com as grandes verdades reveladas pelo Espiritismo. Certos incrédulos se admiram de que os espíritos façam tão poucos esforços para convencê-los; é que os espíritos se ocupam com aqueles que buscam a luz com boa-fé e com humildade, de preferência aos que creem possuir toda a luz e parecem julgar que Deus deveria ficar satisfeito em conduzi-los até ele, provando assim a sua existência.

O poder de Deus se revela tanto nas pequenas coisas como nas grandes. Ele não coloca a luz sob o alqueire já que a derrama em ondas por todas as partes; portanto, são cegos aqueles que não a veem. *Deus não quer lhes abrir os olhos à força, já que eles gostam de tê-los fechados*. Chegará a vez deles, mas é preciso que antes sintam as angústias das trevas e reconheçam Deus, e não o acaso, na mão que lhes fere o orgulho. Para vencer a incredulidade, Deus emprega, conforme os indivíduos, os meios que julga convenientes; não é o incrédulo que deve prescrever o que ele deve fazer, ou lhe dizer: se vós, Deus, quiserdes me convencer é preciso proceder desta ou daquela maneira, em tal momento e não naquele outro, porque é esse momento que me é conveniente.

Portanto, que os incrédulos não se admirem se Deus e os espíritos, que são os agentes da sua vontade, não se sujeitem às suas exigências. Que pensem no que diriam, se o último dos

VII. Bem-Aventurados os Pobres de Espírito

seus servidores quisesse fazer imposição a eles. Deus impõe suas condições, não se submete a elas; ouve com bondade aqueles que se dirigem a ele com humildade e não os que se julgam mais do que ele.

10. Deus não poderia, perguntarão alguns, impressioná-los pessoalmente com sinais patentes em presença dos quais o incrédulo mais endurecido deveria se inclinar? E nós respondemos: sem dúvida que sim, mas então, onde estaria o mérito deles e para que isso lhes serviria? Não vemos frequentemente esses incrédulos se recusarem à evidência dos fatos e até mesmo afirmarem: “Se eu visse, não acreditaria porque sei que isso é impossível”? Se eles se negam a reconhecer a verdade, é porque seu espírito ainda não está preparado para compreendê-la, nem seu coração para senti-la. O *orgulho é a venda que encobre a sua visão*; para que serve mostrar a luz a um cego? Portanto, é preciso, inicialmente, curar a causa do mal; eis por que, médico hábil, Deus cura primeiro o orgulho. Ele não abandona seus filhos perdidos, pois sabe que mais cedo ou mais tarde seus olhos se abrirão, mas quer que isso aconteça de vontade própria, quando, então, vencidos pelos tormentos da incredulidade, eles se jogarão, por si mesmos, em seus braços e, como o filho pródigo, lhe pedirão perdão.

— INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS —

O ORGULHO E A HUMILDADE

11. Que a paz do Senhor esteja convosco, meus queridos amigos! Venho até vós para vos encorajar a seguir o bom caminho.

Deus concedeu, aos pobres espíritos que habitaram a Terra em outras épocas, a missão de vir vos esclarecer. Bendito seja ele pela graça que nos oferece, de podermos ajudar no vosso aperfeiçoamento. Que o Espírito Santo me ilumine e me ajude a tornar compreensíveis as minhas palavras, concedendo-me colocá-las ao alcance de todos! Todos vós, encarnados, que estais em prova e

O Evangelho Segundo o Espiritismo

procurais a luz, que a vontade de Deus me ajude a fazê-la brilhar aos vossos olhos!

A humildade é uma virtude bastante esquecida entre vós, sendo muito pouco seguidos os grandes exemplos de humildade que tendes recebido; no entanto, podeis ser caridosos com o vosso próximo, sem humildade? Não, visto que esse sentimento nivela os homens, mostra que eles são irmãos, que devem se ajudar mutuamente, e os conduz para o bem. Sem humildade, vos enfeitais de virtudes que não tendes, como se colocásseis uma roupa para esconder as deformidades do vosso corpo. Lembrai-vos daquele que nos salvou; lembrai a sua humildade que o fez tão grande e que o colocou acima de todos os profetas.

O terrível adversário da humildade é o orgulho. Se o Cristo prometeu o reino dos céus aos mais pobres, é porque as criaturas importantes da Terra pensam que os títulos e as riquezas são as recompensas recebidas pelo seu mérito, e que a sua essência é mais pura que a do pobre; creem que tudo aquilo que possuem é um direito deles, pois quando Deus lhes retira esses bens eles o acusam de ser injusto. Quanta zombaria e cegueira! Deus faz alguma distinção entre vós pelos corpos? O envoltório carnal do pobre não é o mesmo que o do rico? O Criador fez duas espécies de homens? Tudo o que Deus faz é grande e sábio; não deveis jamais atribuir a Deus as ideias engendradas pelos vossos cérebros orgulhosos.

Ó rico, enquanto dormes sob tetos dourados, protegido do frio, não sabes que milhares de irmãos teus, iguais a ti, estão na miséria? O infeliz que passa fome não é teu semelhante? Bem sei que ao ouvires essas palavras o teu orgulho se revolta; concordarás em lhe dar uma esmola, mas em lhe apertar a mão fraternalmente, jamais! “O quê!, excluirás, eu, possuindo sangue nobre, poderoso na Terra, ser igual a esse miserável coberto de farrapos! Ilusória concepção de pretensos filósofos! Se fôssemos iguais,

VII. Bem-Aventurados os Pobres de Espírito

por que Deus o teria colocado numa situação tão baixa e a mim numa tão elevada?” É verdade que as vossas roupas em nada se parecem, mas, se ficásseis despidos, que diferença haveria entre vós? A nobreza do sangue, responderás; no entanto a Química não encontrou nenhuma diferença entre o sangue do nobre e o do plebeu, entre o do senhor e o do escravo. Quem pode afirmar que tu também já não foste um miserável, um infeliz como ele? Que também não pediste esmola? Que não a pedirás um dia, a esse mesmo que hoje desprezas? As riquezas são eternas? Elas não se acabam com esse corpo, envoltório perecível do teu espírito? Oh! Olha-te com humildade! Lança, finalmente, os olhos sobre a realidade das coisas deste mundo, sobre o que faz a grandeza e a inferioridade no outro. Pensa que a morte não te poupará mais do que às outras pessoas; que os teus títulos não te protegerão contra ela; que a morte pode te atingir amanhã, hoje, dentro de uma hora; e, se te encerras no teu orgulho, então eu te lastimo, porque serás digno de piedade.

Orgulhosos! Antes de serdes nobres e poderosos o que fostes? Talvez mais humildes que o último dos vossos servos. Portanto, curvai as vossas frentes altivas que Deus pode abaixar no momento exato em que as elevais mais alto. Todos os homens são iguais na balança divina, somente as virtudes podem distingui-los aos olhos de Deus. Todos os espíritos são da mesma essência e todos os corpos são formados da mesma massa; vossos títulos e vossos nomes em nada os modificam; eles ficarão no túmulo; não são eles que dão a felicidade prometida aos eleitos. A caridade e a humildade é que são seus títulos de nobreza.

Pobre criatura! És mãe, teus filhos sofrem, têm fome, têm frio; e curvada sob o peso da tua cruz, vais te humilhar para conseguir um pedaço de pão para eles. Oh! Eu me inclino diante de ti; como és nobremente santa e grande aos meus olhos! Espera e

O Evangelho Segundo o Espiritismo

ora, a felicidade não é ainda deste mundo. Aos pobres oprimidos que confiam em Deus, ele lhes dá o reino dos céus.

E tu, que és tão jovem, pobre criança consagrada ao trabalho e às privações, por que esses tristes pensamentos? Por que chorar? Que teu olhar se eleve, piedoso e sereno, para Deus: aos pequenos pássaros ele dá alimento; tem confiança nele, que não te abandonará. O ruído das festas, dos prazeres do mundo faz bater teu coração; também querias enfeitar tua cabeça com flores e te misturar aos felizes da Terra. Dizes que também poderias ser rica, como essas mulheres que vês passar extravagantes e risonhas. Cala-te, criança! Se soubesses quantas lágrimas e dores se ocultam sob esses vestidos bordados, quantos soluços são abafados pelo barulho dessa alegre orquestra, irias preferir tua humilde morada e a tua pobreza. Continua pura aos olhos de Deus, se não queres que teu anjo guardião retorne ao seu meio, com o rosto escondido sob suas brancas asas, e te deixe com teus remorsos, sem guia, sem apoio, neste mundo onde ficarias perdida, esperando a punição em outro.

E todos vós que sofreis injustiças dos homens, sede indulgentes com as faltas dos vossos irmãos, lembrando que vós mesmos não estais isentos de erros: isso é caridade, mas também é humildade. Se sois caluniados, curvai a cabeça ante esta prova. Que vos importam as calúnias do mundo? Se o vosso modo de agir é correto, Deus não pode vos recompensar? Suportar com coragem as humilhações do mundo é ser humilde e reconhecer que somente Deus é grande e poderoso.

Oh! Meu Deus, será preciso que o Cristo venha uma segunda vez à Terra para ensinar aos homens as tuas leis que eles esqueceram? Deverá ainda expulsar os vendedores do templo, que maculam a tua casa, que é um lugar somente de orações? E quem sabe, ó homens! caso Deus vos concedesse essa graça, se não o renegaríeis como outrora? Se não voltaríeis a chamá-lo de blasfemador por vir reprimir o orgulho dos modernos fariseus;

VII. Bem-Aventurados os Pobres de Espírito

quem sabe se não faríeis com que ele voltasse a percorrer o caminho do Gólgota!⁷⁶

Durante o tempo que Moisés demorou, quando foi ao Monte Sinai receber os mandamentos de Deus, o povo de Israel, entregue a si mesmo, abandonou o verdadeiro Deus. Homens e mulheres deram seu ouro e suas joias para que fosse construído um ídolo que eles passaram a adorar. Homens civilizados, fazeis o mesmo que eles; o Cristo vos deixou sua doutrina e vos deu o exemplo de todas as virtudes, mas abandonastes seus exemplos e seus ensinamentos. Fizestes um deus ao vosso jeito, cada um de vós em harmonia com as suas paixões: terrível e sanguinário, segundo uns, indiferente aos interesses do mundo, segundo outros. O deus criado por vós ainda é o bezerro de ouro que cada um adapta aos seus gostos e aos seus pensamentos.

Acordai, meus irmãos, meus amigos! Que a voz dos espíritos comova os vossos corações. Praticai a generosidade e a caridade, sem ostentação, isto é, fazei o bem com humildade; que cada um de vós destrua, pouco a pouco, os altares que erguestes ao orgulho; em uma palavra, sede verdadeiros cristãos e alcançareis o reino da verdade. Não duvideis mais da bondade de Deus, agora que o Senhor dela vos oferece tantas provas. Vimos preparar os caminhos para que as profecias se realizem. Quando o Senhor vos der uma manifestação mais evidente da sua bondade, que o enviado celeste encontre em vós uma grande família; que os vossos corações, brandos e humildes, sejam dignos de ouvir a palavra divina que ele virá vos trazer; que o eleito só encontre em seu caminho as palmas deixadas pelo vosso retorno ao bem e à caridade, então vosso mundo se tornará o paraíso terrestre. Mas se continuardes insensíveis à voz dos espíritos enviados para purificar e renovar a vossa sociedade civilizada, rica em

⁷⁶ **Caminho do Gólgota:** trajeto percorrido por Jesus, desde que saiu da presença de Pôncio Pilatos (governador da Judeia, do ano 26 ao 36 da nossa era) até o local em que se situava o Monte Gólgota, ou do Calvário, onde foi crucificado. (N.T.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

conhecimentos, porém tão pobre em bons sentimentos, então só nos restará chorar e lamentar a vossa sorte. Mas, não, não será assim! Voltai para Deus, vosso Pai, e todos nós, que houvermos servido ao cumprimento da sua vontade, entoaremos o cântico de ação de graças, para agradecer ao Senhor sua inesgotável bondade e para glorificá-lo por todos os séculos dos séculos. Assim seja. (*Lacordaire*. Constantine, 1863.)

12. Homens, por que vos lamentais das calamidades que vós mesmos acumulastes sobre vossas cabeças? Desprezastes a santa e divina moral do Cristo, portanto, não fiquéis admirados de que a taça da maldade e da injustiça haja transbordado por toda a parte.

O mal-estar se generaliza; a quem isso se deve, senão a vós mesmos que procurais incessantemente destruir-vos uns aos outros? Não podeis ser felizes sem benevolência mútua, mas como a benevolência pode existir juntamente com o orgulho? O orgulho, eis a fonte de todos os males; dedicai-vos, pois, a destruí-lo, se não quereis que as suas funestas consequências se perpetuem. Só existe um meio que vos oferece essa oportunidade, mas ele é infalível: tomai a lei do Cristo, lei que haveis repellido ou falseado na sua interpretação, como regra invariável da vossa conduta.

Por que tendes em tão grande estima o que brilha e encanta os olhos, em lugar do que vos toca o coração? Por que o vício na opulência é objeto das vossas adulações, enquanto que só tendes um olhar de desdém para o verdadeiro mérito que se oculta na obscuridade? Quando um rico devasso, perdido de corpo e alma, se apresenta em qualquer parte, todas as portas lhe são abertas, todos os olhares se voltam para ele, enquanto que, dificilmente, se dignam conceder uma saudação ao homem de bem que vive de seu trabalho. Quando a consideração que se concede às pessoas é medida pelo ouro que possuem, ou pelo nome que trazem, que interesse elas podem ter em se corrigirem de seus defeitos?

VII. Bem-Aventurados os Pobres de Espírito

Seria totalmente diferente se o vício dourado, assim como o vício andrajoso, fosse combatido pela opinião pública; mas o orgulho é indulgente com tudo o que o lisonjeia. Século de cupidez e de dinheiro, dizeis. Sem dúvida, mas por que deixastes as necessidades materiais se sobrepirem ao bom senso e à razão? Por que cada um quer se elevar acima do seu semelhante? Hoje a sociedade sofre as consequências desse fato.

Não esqueçais que um tal estado de coisas sempre é um sinal de decadência moral. Quando o orgulho atinge os últimos limites, é o indício de uma queda próxima, porque Deus sempre pune os orgulhosos. Se, às vezes, os deixa subir, é para lhes dar tempo para refletir e para se emendarem sob os golpes que, de tempos em tempos, ele desfere em seu orgulho para adverti-los; mas, em lugar de se humilharem, eles se revoltam. Então, quando chegam a um certo limite, ele os derruba completamente e sua queda é tanto mais terrível quanto mais alto tenham se elevado.

Pobre raça humana, cujo egoísmo corrompeu todos os caminhos, apesar de tudo, recupera a coragem! Em sua misericórdia infinita, Deus envia um poderoso remédio para teus males, um socorro inesperado para a tua aflição. Abre os olhos para a luz: eis as almas daqueles que não vivem mais na Terra e que vêm te lembrar os teus verdadeiros deveres; eles te dirão, com a autoridade da experiência, quanto as vaidades e as grandezas da vossa passageira existência são insignificantes diante da eternidade; eles te dirão que lá, o maior será aquele que foi o mais humilde entre os pequenos da Terra; que aquele que mais amou seus semelhantes é também o que será o mais amado no céu; que os poderosos da Terra, se tiverem abusado da sua autoridade, serão reduzidos a obedecer aos seus servidores; que a caridade e a humildade, enfim, essas duas irmãs que andam sempre de mãos dadas, são os meios mais eficazes para se obter a graça diante do Eterno. (*Adolpho, bispo de Alger*. Marmande, 1862.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

MISSÃO DO HOMEM INTELIGENTE NA TERRA

13. Não vos orgulheis do que sabeis, porque esse saber tem limites bem estreitos no mundo que habitais. Mesmo supondo que sejais uma das maiores inteligências da Terra, não tendes nenhum direito de vos envaidecer por isso. Se Deus, nos seus desígnios, vos fez nascer em um meio onde pudestes desenvolver vossa inteligência, é porque quis que fizésseis uso dela para o bem de todos; é uma missão que ele vos dá, colocando em vossas mãos o instrumento com a ajuda do qual podeis desenvolver as inteligências retardatárias, ao vosso redor, e conduzi-las a Deus. A natureza do instrumento não torna patente o uso que dele se deve fazer? A enxada que o jardineiro coloca nas mãos do seu ajudante não lhe indica que ele deve cavar a terra? E o que diríeis se esse ajudante, em vez de cavar, erguesse a enxada para ferir o jardineiro? Diríeis que isso é horrível, e que ele merece ser mandado embora. Muito bem, não ocorre o mesmo com aquele que se utiliza da sua inteligência para destruir a ideia de Deus e da Providência entre seus semelhantes? Não ergue ele contra o seu Senhor a enxada que lhe foi dada para preparar o terreno? Terá ele direito ao salário prometido ou, ao contrário, merece ser mandado embora do jardim? E o será, não o duvideis, e viverá existências miseráveis e cheias de humilhações, até que se curve diante daquele a quem tudo deve.

A inteligência é cheia de méritos para o futuro, desde que seja bem empregada. Se todos os homens, que são bem-dotados em inteligência, se servissem dela de acordo com a vontade de Deus, a tarefa dos espíritos, para fazer a humanidade avançar, seria fácil. Infelizmente, muitos a transformam em instrumento de orgulho e de perdição para si mesmos. O homem abusa da sua inteligência, como de todas as suas faculdades, entretanto, não lhe faltam lições para adverti-lo de que uma poderosa mão pode retirar-lhe o que ela mesma lhe deu. (*Ferdinando, espírito protetor*. Bordeaux, 1862.)



CAPÍTULO VIII

BEM-AVENTURADOS OS QUE TÊM O CORAÇÃO PURO

- DEIXAI VIR A MIM OS PEQUENINOS
- PECADO POR PENSAMENTO. ADULTÉRIO
- VERDADEIRA PUREZA. MÃOS NÃO LAVADAS
- ESCÂNDALOS: SE VOSSA MÃO É MOTIVO DE ESCÂNDALO, CORTAI-A

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS:

- DEIXAI VIR A MIM OS PEQUENINOS
- BEM-AVENTURADOS OS QUE TÊM OS OLHOS FECHADOS

DEIXAI VIR A MIM OS PEQUENINOS

1. *“Bem-aventurados os que têm o coração puro, porque eles verão a Deus.”* (Mateus, V: 8.)

2. *Então, apresentaram-lhe algumas crianças para que ele as tocasse; e, como seus discípulos repelisses com palavras rudes aqueles que as apresentavam, Jesus ficou muito desgostoso e lhes disse: “Deixai vir a mim os pequeninos, não os embaraceis, porque o reino dos céus é para aqueles que se assemelham a eles. Em verdade vos digo: todo aquele que não receber o reino de Deus como uma criança, não entrará nele”. E, abraçando-as e impondo-lhes as mãos, as abençoava.* (Marcos, X: 13 a 16.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

3. A pureza de coração é inseparável da simplicidade e da humildade; ela exclui toda a ideia de egoísmo e de orgulho, eis a razão por que Jesus toma a infância como símbolo dessa pureza, assim como a tomou como símbolo da humildade.

Essa comparação poderia parecer injusta, se considerarmos que o espírito da criança pode ser muito antigo, e que ele traz, ao renascer para a vida corporal, as imperfeições de que não conseguiu se livrar nas existências anteriores. O modelo da verdadeira pureza, só poderia nos ser dado por um espírito que tenha chegado à perfeição. No entanto, do ponto de vista da vida presente, essa comparação é exata, porquanto, a criança, não tendo ainda podido manifestar nenhuma tendência perversa, nos oferece a imagem da inocência e da candura; Jesus também não diz, de maneira absoluta, que o reino de Deus é para elas, mas sim para aqueles que a elas se assemelham.

4. Já que o espírito da criança viveu outras encarnações, por que não se mostra, desde o nascimento, como realmente é? Nas obras de Deus tudo é sábio. A criança tem necessidade de cuidados delicados, que somente a ternura maternal pode lhe dar, e essa ternura cresce diante da fragilidade e da ingenuidade da criança. Para a mãe, seu filho sempre é um anjo, e é preciso que seja assim para cativar a sua solicitude; ela não teria por ele a mesma abnegação se, em lugar da graça ingênua, tivesse encontrado em seu filho, sob os traços infantis, um caráter viril e as ideias de um adulto, e ainda menos se ela conhecesse o seu passado.

É preciso, aliás, que a atividade do princípio inteligente seja proporcional à fragilidade do corpo, que não poderia resistir a uma atividade muito grande do espírito, como se observa nas criaturas muito precoces. É por isso que, ao aproximar-se a reencarnação, o espírito começa a perturbar-se e, pouco a pouco, perde a consciência de si mesmo. Durante um certo período, permanece em uma espécie de sono, durante o qual todas as

VIII. Bem-Aventurados os Que Têm o Coração Puro

suas atividades ficam em estado latente. Esse estado transitório é necessário para dar ao espírito um novo ponto de partida, e fazer com que ele esqueça as coisas que possam prejudicá-lo em sua nova existência terrestre. Entretanto, o seu passado exerce influência sobre ele que, sustentado e secundado pela intuição que conserva da experiência adquirida, renasce melhor e mais forte, moral e intelectualmente.

Suas ideias, a partir do nascimento, retomam a atividade gradualmente, à medida que os órgãos vão se desenvolvendo, de onde se pode dizer que, no decorrer dos primeiros anos, o espírito realmente é criança, porque as ideias que formam a base do seu caráter ainda estão adormecidas. Durante o tempo em que seus instintos permanecem adormecidos, ele é mais dócil e, por isso mesmo, mais acessível às impressões que podem modificar sua natureza e fazer com que progrida, o que torna mais fácil a tarefa que pertence aos pais.

Portanto, por algum tempo, o espírito se reveste com o manto da inocência, e Jesus está com a verdade, quando toma a criança como símbolo da pureza e da simplicidade, apesar da anterioridade da alma.

PECADO POR PENSAMENTO. ADULTÉRIO

5. *“Aprendestes o que foi dito aos antigos: “Não cometeis adultério.” Eu, porém, vos digo que todo aquele que tiver olhado uma mulher, com um mau desejo por ela, em seu coração já cometeu adultério com ela.”* (Mateus, V: 27 e 28.)

6. A palavra *adultério* não deve ser aqui entendida no sentido exclusivo da sua acepção, mas sim de uma forma mais ampla. Jesus, muitas vezes, empregou esse termo para designar também o mal, o pecado, e todos os maus pensamentos, como, por exemplo, nesta passagem: *“Porquanto, se alguém se envergonhar de mim ou de minhas palavras no meio dessa raça adúltera e pecadora,*

O Evangelho Segundo o Espiritismo

também o Filho do Homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai, acompanhado dos santos anjos”. (Marcos, VIII: 38.)

A verdadeira pureza não está só nos atos; ela também está no pensamento, porque aquele que possui o coração puro nem pensa no mal. Foi o que Jesus quis dizer; ele condena o pecado, mesmo em pensamento, porque é um sinal de impureza.

7. Esse ensinamento naturalmente dá margem a esta questão: *Sofrem-se as consequências de um mau pensamento que não produziu nenhum efeito?*

É preciso que se faça aqui uma importante distinção. À medida que a alma, comprometida no mau caminho, avança na vida espiritual, ela se esclarece e vai se libertando, pouco a pouco, das suas imperfeições, de acordo com o grau de boa vontade que empregue, em virtude do seu livre-arbítrio. Todo mau pensamento, portanto, é uma consequência da imperfeição da alma; porém, segundo o desejo que ela possui de se melhorar, até mesmo esse mau pensamento transforma-se em um motivo de progresso para essa alma, porque ela o repele com energia. É o sinal de uma mancha que ela se esforça para fazer desaparecer. Não cederá à tentação de satisfazer a um mau desejo, se por acaso essa oportunidade se apresentar. Depois de haver resistido, ela se sentirá mais forte e feliz com a sua vitória.

Aquela que, ao contrário, não tomou boas resoluções, ainda procura a ocasião de praticar um mau ato, e se não o praticar não é por efeito da sua vontade, mas por falta de ocasião. Ela é, pois, tão culpada como se o houvesse cometido.

Em resumo, a pessoa que não concebe o mau pensamento já progrediu; aquela a quem vem esse pensamento, mas que o repele, está próxima de alcançar progresso e, finalmente, aquela que tem esse pensamento, e nele se satisfaz, ainda está sob toda a força do mal. Em uma o trabalho está feito, na outra ele está por fazer.

VIII. Bem-Aventurados os Que Têm o Coração Puro

Deus, que é justo, leva em consideração todas essas diferenças ao responsabilizar o homem por seus atos e pensamentos.

VERDADEIRA PUREZA. MÃOS NÃO LAVADAS

8. Então, os escribas e os fariseus, que tinham vindo de Jerusalém, aproximaram-se de Jesus e lhe disseram: “Por que os teus discípulos violam a tradição dos antigos, visto que eles não lavam as mãos quando tomam as suas refeições”?

Jesus lhes responde, dizendo: “E vós, por que transgredis o mandamento de Deus para seguir a vossa tradição? Porque Deus disse: Honrai vosso pai e vossa mãe, e também: Aquele que disser palavras ultrajantes a seu pai ou a sua mãe seja punido de morte. Vós porém dizeis: Aquele que disser a seu pai ou a sua mãe: toda oferta que faço a Deus vos é útil, satisfaz a lei, ainda que depois não honre nem assista a seu pai ou a sua mãe, e assim, por causa da vossa tradição, torna inútil o mandamento de Deus”.

“Hipócritas, Isaías bem profetizou, dizendo: Esse povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim; em vão, pois, me honram, ensinando doutrinas que são preceitos humanos.”

E depois, chamando o povo a si, lhes diz: “Ouvi e compreendi bem isto: não é o que entra pela boca que suja o homem, mas o que sai da boca é que o suja”.

“O que sai da boca vem do coração, e é isso que torna o homem impuro, porque é do coração que saem os maus pensamentos, os homicídios, os adultérios, as fornicações, os furtos, os falsos testemunhos, as blasfêmias e as maledicências; são essas coisas que tornam o homem impuro; o comer sem haver lavado as mãos não torna um homem impuro.”

Então, seus discípulos se aproximaram dele e disseram: “Sabes que os fariseus, ouvindo essas palavras, se escandalizaram”?

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Ele, respondendo, disse: “Toda a planta que meu Pai celestial não plantou, será arrancada. Deixai-os, são cegos que conduzem cegos, e se um cego conduz outro cego, ambos cairão no fosso”. (Mateus, XV: 1 a 20.)

9. *Enquanto Jesus estava falando, um fariseu o convidou para ir jantar em sua casa. Tendo entrado, ele pôs-se à mesa. O fariseu, então, começa a dizer para si mesmo: “Por que ele não lavou as mãos antes de comer”? E o Senhor lhe disse: “Agora, vós, os fariseus, limpais o que está por fora do copo e do prato; mas o interior dos vossos corações está cheio de rapinas e de iniquidades. Insensatos que sois! Quem fez o que está por fora não fez também o que está por dentro”? (Lucas, XI: 37 a 40.)*

10. Os judeus haviam menosprezado os verdadeiros mandamentos de Deus, para se dedicarem à prática de regras estabelecidas pelos homens das quais seus severos observadores faziam casos de consciência. A essência, muito simples, acabara desaparecendo sob a complicação da forma. Como fosse mais fácil praticar atos exteriores do que se reformarem moralmente, *lavar as mãos do que limpar o coração*, os homens iludiam a si mesmos, e se acreditavam quites para com Deus, porque se habituavam a essas práticas, mas continuavam como eram, pois lhes ensinavam que Deus não exigia mais nada. Eis por que o profeta disse: *“É em vão que este povo me honra com os lábios, ensinando máximas e leis humanas”*.

Assim também aconteceu com a doutrina moral do Cristo, que acabou sendo colocada em segundo lugar, o que faz com que muitos cristãos, da mesma forma que os antigos judeus, acreditem ter a salvação mais assegurada pelas práticas exteriores que pelas práticas da moral. É a esses acréscimos, feitos pelos homens à lei de Deus, que Jesus se refere ao dizer: *“Toda planta que meu Pai celestial não plantou, será arrancada”*.

VIII. Bem-Aventurados os Que Têm o Coração Puro

A finalidade da religião é conduzir o homem a Deus; mas o homem só chega a Deus quando se torna perfeito, portanto, toda religião que não torna o homem melhor não atinge o seu objetivo. A religião em que se acredita encontrar apoio para fazer o mal é falsa ou foi falsificada em seu princípio. Esse é o resultado a que chegam todas as religiões em que a forma supera a essência, o fundamento. A crença na eficácia dos signos exteriores é nula, se ela não impede que se cometam homicídios, adultérios e espoliações, que se digam calúnias, que se faça mal ao próximo, qualquer que seja. Ela faz supersticiosos, hipócritas ou fanáticos, mas não faz homens de bem. Portanto, não basta ter a aparência da pureza, é preciso, antes de tudo, ter a pureza de coração.

ESCÂNDALOS. SE VOSSA MÃO É MOTIVO DE ESCÂNDALO, CORTAI-A

11. *“Se alguém escandalizar um destes pequeninos que creem em mim, melhor seria para ele que lhe pendurassem ao pescoço uma dessas mós⁷⁷ que um asno faz girar, e que o lançassem no fundo do mar.*

Ai do mundo por causa dos escândalos; pois é necessário que venham os escândalos, mas ai do homem por quem o escândalo vem.

Prestai bem atenção, não desprezeis nenhum destes pequenos, pois eu vos declaro que, no céu, seus anjos veem incessantemente a face de meu Pai, que está nos céus. Porque o Filho do Homem veio salvar o que estava perdido.

⁷⁷ **Mó:** pedra redonda e chata com que, nos moinhos, se trituram os cereais, transformando-os em farinha, ou, nos lagares, se moem as azeitonas para extrair-lhes o azeite. Para se obter a farinha ou o azeite o método é o mesmo: usam-se duas mós sobrepostas, a de baixo fica imóvel, enquanto a de cima gira sobre a outra, esmagando os grãos, ou as azeitonas, colocados entre ambas.

Para fazer girar a mó de cima utilizava-se um asno, um burro ou um cavalo que ficava andando em círculos, em torno das mós, preso a uma grossa haste de madeira que, por sua vez, ficava ligada ao eixo central que segura a mó de cima. Ao caminhar, o animal movia a haste e, juntamente com ela, o eixo, fazendo assim com que a mó ficasse girando. Anteriormente ao uso de animais nesse trabalho, era o próprio homem quem o realizava. (N.T.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Se a vossa mão, ou o vosso pé, for motivo de escândalo, cortai-os e lançai-os longe de vós; é bem melhor que entreis na vida com um pé ou mão a menos do que, tendo duas mãos ou dois pés, serdes lançados no fogo eterno. E se vosso olho é um motivo de escândalo, arrancai-o, e jogai-o longe de vós; é melhor que entreis na vida com um só olho do que ter os dois e serdes lançados no fogo do inferno.” (Mateus, XVIII: 6 a 11 e V: 29 e 30.)

12. No sentido vulgar, *escândalo* é a palavra que denomina toda ação que choca a moral ou a decência de maneira ostensiva. O escândalo não está na ação em si mesma, mas na repercussão que ele possa ter. A palavra escândalo sempre traz a ideia de um certo tumulto. Muitas pessoas se contentam em evitar o escândalo, porque seu orgulho sofreria com ele e a consideração que desfrutavam entre os homens diminuiria; contanto que suas torpezas sejam ignoradas isso é suficiente, e suas consciências ficam tranquilas. Essas pessoas são, segundo as palavras de Jesus, “os sepulcros brancos por fora, mas cheios de podridão em seu interior; vasos limpos por fora, mas sujos em seu interior”.

No sentido evangélico, o significado da palavra escândalo, tão frequentemente empregado, é muito mais amplo, razão por que ela não é compreendida em certos casos. Escândalo não é somente o que agride a consciência de alguém, é tudo o que resulta dos vícios e das imperfeições dos homens, todas as más ações de indivíduo para indivíduo, com ou sem repercussão. O escândalo, nesse caso, é o resultado efetivo do mal moral.

13. *É necessário que haja escândalo no mundo*, disse Jesus, porque os homens, sendo imperfeitos na Terra, são inclinados a fazer o mal, e porque árvores más dão maus frutos. É preciso, pois, entender por essas palavras que o mal é uma consequência da imperfeição dos homens, e não que eles tenham a obrigação de praticá-lo.

VIII. Bem-Aventurados os Que Têm o Coração Puro

14. *É necessário que o escândalo venha* porque, encontrando-se em expiação na Terra, os homens se punem a si mesmos pelo contato de seus vícios, dos quais eles são as primeiras vítimas e cujos inconvenientes acabam por compreender. Quando estiverem cansados de sofrer do mal, procurarão o remédio no bem. A reação desses vícios serve, portanto, ao mesmo tempo, de castigo para uns e de prova para outros. É assim que Deus faz do mal surgir o bem e que os próprios homens aproveitam as coisas más ou negativas.

15. Se é assim, pode-se dizer que o mal é necessário e durará para sempre, pois, se ele desaparecesse, Deus seria privado de um poderoso meio de castigar os culpados; portanto, é inútil procurar melhorar os homens. Mas, se não houvesse mais culpados, não haveria mais necessidade de castigos. Suponhamos que a humanidade toda seja transformada em homens de bem; nenhum homem procurará fazer mal ao seu semelhante e todos serão felizes, porque todos serão bons. Esse é o estado dos mundos avançados, onde o mal foi excluído; esse também será o da Terra, quando ela tiver progredido suficientemente. Porém, enquanto certos mundos avançam, outros se formam, povoados de espíritos primitivos, e que servem, além disso, de habitação, de exílio e de lugar de expiação para os espíritos imperfeitos, rebeldes e obstinados no mal, e que são rejeitados pelos mundos que se tornaram felizes.

16. *Mas ai daquele por quem o escândalo vem*; quer dizer que o mal sendo sempre o mal, aquele que serve, sem o saber, de instrumento para a justiça divina, cujos maus instintos foram utilizados, nem por isso deixou de praticar o mal e deve ser punido. É assim, por exemplo, que um filho ingrato é uma punição ou uma prova para o pai que sofre com essa atitude, porque esse pai pode ter sido um mau filho que fez seu pai sofrer e que agora sofre a pena de talião;⁷⁸ mas, não será por essa razão que o filho

⁷⁸ **Pena de talião:** uma antiga pena, que remonta à legislação mosaica, pela qual a punição do delito era fazer o delinquente passar pela mesma falta que havia praticado. (N.T.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

terá desculpa. Por sua vez, ele deverá ser castigado por intermédio de seus próprios filhos ou de uma outra maneira.

17. *Se a vossa mão é motivo de escândalo, cortai-a*; afirmativa enérgica que seria absurdo tomar-se ao pé da letra e que significa apenas que é preciso destruir em nós mesmos todas as causas de escândalo, ou seja, do mal; arrancar do coração todos os sentimentos impuros e todas as tendências para o vício; quer dizer ainda que é preferível para um homem perder a mão, a tê-la como instrumento de uma ação má; ficar sem a visão, a seus olhos servirem para que tenha maus pensamentos. Jesus não disse nada de absurdo para quem compreender o sentido alegórico e profundo de suas palavras; no entanto, muitas coisas só podem ser entendidas com os meios de conhecimento que o Espiritismo proporciona.

— INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS —

DEIXAI VIR A MIM OS PEQUENINOS

18. O Cristo disse: “Deixai vir a mim os pequeninos”. Essas palavras, profundas em sua simplicidade, não continham apenas um apelo em favor das crianças, mas, também, das almas que gravitam nos círculos inferiores onde a desgraça ignora a esperança. Jesus chamava para si a criatura adulta ainda em infância intelectual: os fracos, os escravos, os viciosos. Ele nada podia ensinar à infância física, presa na matéria, sob os domínios do instinto, e não pertencendo ainda à ordem superior da razão e da vontade, que se exercem em torno dela e em seu benefício.

Jesus queria que os homens fossem a ele com a confiança desses pequenos seres de passos vacilantes, cujo chamamento conquistaria para ele o coração das mulheres que são todas mães; submetia, assim, as almas à sua ternura e misteriosa autoridade. Ele foi a luz que clareou as trevas, o clarim matinal que toca a alvorada; foi o iniciador do Espiritismo que deve, por sua vez,

VIII. Bem-Aventurados os Que Têm o Coração Puro

chamar a si não as crianças, mas os homens de boa vontade. A ação viril está iniciada, não se trata mais de crer instintivamente e de obedecer maquinalmente, é preciso que o homem siga a lei inteligente, que lhe revela sua universalidade.

Meus bem-amados, eis chegados os tempos em que os erros, explicados, se tornarão verdades; nós vos ensinaremos o sentido exato das parábolas, e vos mostraremos a correlação poderosa que une o que foi ao que é. Em verdade, vos digo: a manifestação espírita vai crescer no horizonte, e eis aqui o seu enviado que vai resplandecer como o Sol sobre o cume das montanhas. (*João Evangelista*.⁷⁹ Paris, 1863.)

19. Deixai vir a mim os pequeninos, porque eu possuo o alimento que fortifica os fracos; deixai vir a mim aqueles que, temerosos e frágeis, têm necessidade de apoio e de consolação. Deixai vir a mim os ignorantes, porque eu os esclarecerei; deixai vir a mim todos aqueles que sofrem, a multidão dos aflitos e dos infelizes; eu lhes ensinarei o grande remédio para aliviar os males da vida, o segredo para curar suas feridas! Qual é, meus amigos, esse bálsamo poderoso, que possui tanta virtude, esse bálsamo que se aplica sobre todas as chagas do coração e consegue curá-las? É o amor, é a caridade! Se tiverdes esse fogo divino, o que podereis temer? A todos os instantes da vossa vida, direis: “Meu Pai, que seja feita a vossa vontade e não a minha, se vos agrada experimentar-me pela dor e pelas atribulações, sede bendito, porque é para o meu bem, eu o sei, que a vossa mão pesa sobre mim. Se vos agrada, Senhor, ter piedade da vossa frágil criatura, dar ao seu coração as alegrias permitidas, sede

⁷⁹ **João Evangelista:** foi discípulo de João Batista e se tornou um dos primeiros discípulos de Jesus. Era filho de Zebedeu e irmão do Apóstolo Tiago (que foi condenado à morte por Herodes Agripa, no ano 43). É o autor do quarto Evangelho, que tem como objetivo principal, segundo palavras do próprio João, fazer ressaltar a divindade de Cristo, sendo, por essa razão, denominado Evangelho espiritual. Escreveu ainda três *Epístolas* e o *Apocalipse*, este por via mediúcnica, quando se encontrava exilado na ilha grega de Patmos. João viveu cerca de 100 anos. (N.T.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

ainda bendito; mas fazei que o amor divino não adormeça em sua alma, e que incessantemente ela faça subir até vossos pés a voz do seu reconhecimento”!

Se tiverdes amor, tereis tudo o que se pode desejar na Terra, possuireis a pérola preciosa que nem os acontecimentos nem a maldade daqueles que vos odeiam e perseguem poderão vos arrebatat.

Se tiverdes amor, tereis colocado o vosso tesouro lá onde os vermes e a ferrugem não podem atacá-lo, e vereis desaparecer de vossa alma tudo o que possa manchar a sua pureza; sentireis o peso da matéria diminuir dia a dia, e, como o pássaro que plana nos ares e não se lembra mais da terra, subireis incessantemente, subireis sempre, até que vossa alma inebriada possa saciar-se da verdadeira vida no seio do Senhor. (*Um espírito protetor*. Bordeaux, 1861.)

BEM-AVENTURADOS OS QUE TÊM OS OLHOS FECHADOS⁸⁰

20. Meus bons amigos, vós me chamastes, por quê? Para me fazer impor as mãos sobre a pobre sofredora que está aqui, e curá-la? E que sofrimento, bom Deus! Ela perdeu a visão e vive entre as trevas. Pobre criança! Que ore e espere; eu não sei fazer milagres sem a vontade do bom Deus. Todas as curas que pude obter, e que vos foram anunciadas, só devem ser atribuídas àquele que é o Pai de todos nós. Em vossas aflições, portanto, olhai sempre o céu e dizei do fundo do vosso coração: “*Meu Pai, curai-me, mas fazei com que minh’alma enferma seja curada antes das enfermidades do meu corpo; que minha carne seja castigada, se necessário, para que minh’alma se eleve até vós com a pureza que tinha quando a criastes*”. Após esta prece, meus amigos, que o bom Deus sempre ouvirá, a força e a coragem vos serão dadas,

⁸⁰ **Nota de Kardec:** Esta comunicação foi dada a respeito de uma pessoa cega, pela qual se havia evocado o Espírito de J. B. Vianney, Cura de Ars.

VIII. Bem-Aventurados os Que Têm o Coração Puro

e talvez também essa cura que pedistes, timidamente, como recompensa da vossa abnegação.

Entretanto, já que estou aqui, em uma assembleia em que, antes de tudo, se trata de estudos, eu vos direi que aqueles que são privados da visão deveriam considerar-se como os bem-aventurados da expiação. Lembrai-vos de que Cristo disse que era preciso arrancar o vosso olho, se ele fosse mau, e que era preferível atirá-lo ao fogo a deixar que ele se torne a causa da vossa perdição. Ah, quantos existem na Terra que, um dia, nas trevas, amaldiçoarão terem visto a luz. Oh, sim, como são felizes aqueles que, por expiação, são atingidos na vista! Seus olhos não serão motivo de escândalo nem de queda; eles podem viver inteiramente a vida das almas; eles podem ver melhor do que vós que tendes a visão perfeita.

Quando Deus permite que eu venha abrir a pálpebra de algum desses pobres sofredores e lhe restituir a visão, digo a mim mesmo: “Querido amigo, por que não conheces todas as delícias do espírito, que vive de contemplação e de amor? Então, não pedirias para ver as imagens menos puras e menos suaves do que aquelas que podes entrever em tua cegueira.

Sim, bem-aventurado o cego que quer viver com Deus! Mais feliz do que vós que estais aqui, ele sente a felicidade, toca-a, vê as almas e pode, com elas, se dirigir às esferas espirituais que os predestinados da vossa Terra nem mesmo conseguem ver. Os olhos abertos estão sempre prontos a fazer a alma cometer erros; fechados, ao contrário, estão sempre prontos a fazê-la subir até Deus. Acreditai em mim, meus bons e queridos amigos, muitas vezes a cegueira dos olhos é a verdadeira luz do coração, enquanto que a visão, quase sempre é o anjo tenebroso que conduz à morte.

E agora, algumas palavras para ti, minha pobre sofredora: espera e tem coragem! Se eu te dissesse: minha filha, teus olhos vão se abrir, como ficarias feliz! Mas quem sabe se essa alegria

O Evangelho Segundo o Espiritismo

não te perderia? Tem confiança no bom Deus que fez a felicidade e permite a tristeza! Farei tudo o que me for permitido por ti, mas, por tua vez, ora, e, principalmente, pensa bem em tudo quanto acabei de te dizer.

Antes que me afaste, recebei, todos vós que estais aqui, a minha bênção. (*Vianney, Cura de Ars*.⁸¹ Paris, 1863.)

21. Nota: Quando passamos por uma aflição, e ela não é consequência de nenhum ato praticado na vida presente, é preciso procurar a sua origem em uma existência anterior. Os fatos que habitualmente chamamos de caprichos do destino, nada mais são que os efeitos da justiça divina. Deus não aplica punições arbitrárias; ele quer que haja, sempre, uma correlação entre a falta cometida e a pena aplicada. Se ele, em sua bondade, colocou o véu do esquecimento sobre os nossos atos passados, por outro lado nos indica o caminho, dizendo: “Quem matou pela espada, morrerá pela espada,” palavras que podem ser traduzidas assim: “Sempre se é punido naquilo em que se pecou”. Portanto, se alguém sofre pela perda da visão, é porque a visão foi para ele um motivo de queda. Talvez, também, tenha sido a causa da perda da visão de uma outra pessoa; talvez alguém tenha se tornado cego pelo excesso de trabalho que ele lhe impôs, ou em consequência de maus tratamentos, de falta de cuidados, etc., e então sofre agora a pena de talião. Em seu arrependimento, ele mesmo pôde escolher essa expiação, aplicando a si mesmo estas palavras de Jesus: “*Se o vosso olho é motivo de escândalo, arrancai-o*”.



⁸¹ **Cura de Ars:** Jean-Marie-Baptiste Vianney, santo da Igreja Católica, nasceu em Dardilly, França, em 1786 e morreu em 1859. Foi beatificado em 1904 e canonizado em 1925. Vigário da pequena aldeia de Ars; ganhou grande popularidade por causa das inúmeras curas que realizou e pela forma fraterna com que atendia, indistintamente, todos os doentes que o procuravam. Sua paróquia tornou-se famosa, em razão dos fenômenos mediúnicos ocorridos por seu intermédio e que o povo considerava como milagres. Esses acontecimentos fizeram com que o Cura de Ars, apesar da sua grande humildade, fosse alvo da crítica e perseguição de outros sacerdotes que o consideravam um ignorante, sem nenhum mérito ou qualificações para pertencer a uma ordem eclesiástica, e proibiam seus paroquianos de irem visitá-lo em sua aldeia. (N.T.)

CAPÍTULO IX

BEM-AVENTURADOS OS QUE SÃO MANSOS E PACÍFICOS

- INJÚRIAS E VIOLÊNCIAS

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS:

- A AFABILIDADE E A DOÇURA
- A PACIÊNCIA
- OBEDIÊNCIA E RESIGNAÇÃO
- A CÓLERA

INJÚRIAS E VIOLÊNCIAS

1. *“Bem-aventurados os que são mansos, porque possuirão a Terra.”* (Mateus, V: 4.)

2. *“Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus.”* (Mateus, V: 9.)

3. *“Aprendestes o que foi dito aos antigos: ‘Não matarás, e quem matar merecerá ser condenado pelo julgamento’. Mas eu vos digo que, aquele que se encolerizar contra seu irmão, merecerá ser condenado pelo julgamento; que aquele que disser: ‘raca’⁸² a seu irmão merecerá ser condenado pelo conselho; e*

⁸² **Raca:** termo injurioso, encontrado no *Evangelho de Mateus*, cujo significado primitivo era: vazio, chocho ou conspurcado. Entende-se também como: homem tolo, estouvado, sem juízo; é um termo do caldaico, língua dos caldeus, que eram os habitantes da Caldeia, antiga região da Ásia. (N.T.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

que aquele que lhe disser: ‘és louco,’ merecerá ser condenado ao fogo do inferno.” (Mateus, V: 21 e 22.)

4. Por essas máximas, Jesus faz uma lei da doçura, da moderação, da mansuetude, da afabilidade e da paciência; conseqüentemente, condena a violência, a cólera e mesmo qualquer expressão descortês que alguém possa usar com respeito a seus semelhantes. Raca, entre os hebreus, era um termo de desprezo que significava “homem sem nenhum valor” e se pronunciava cuspidando e virando a cabeça para o lado. Jesus ainda vai mais longe, pois ameaça com o fogo do inferno aquele que disser ao seu irmão: és louco.

É evidente que aqui, como em qualquer circunstância, a falta é agravada ou atenuada pela intenção; mas em que uma simples palavra pode ter tanta gravidade para merecer uma reprovação tão severa? É que toda a palavra ofensiva é a expressão de um sentimento contrário à lei de amor e de caridade, lei esta que deve reger as relações entre os homens e manter entre eles a concórdia e a união; é que ela é um insulto à benevolência recíproca e à fraternidade, alimentando o ódio e o rancor. Enfim, porque, depois da humildade perante Deus, a caridade para com o próximo é a primeira lei de todo o cristão.

5. Mas, o que Jesus quis dizer com as palavras “Bem-aventurados os que são mansos, porque possuirão a Terra”, se ele havia recomendado a renúncia aos bens deste mundo e prometido os do céu?

O homem, enquanto aguarda os bens do céu, tem necessidade dos da Terra para viver; Jesus apenas recomenda que não se dê mais importância aos bens terrenos do que aos do céu.

Por essas palavras, ele quis dizer que, até agora, os bens da Terra são monopolizados pelos violentos, em prejuízo dos que são mansos e pacíficos, aos quais, muitas vezes, falta o que lhes é necessário para viver, enquanto que os outros possuem até o

IX. Bem-Aventurados os Que São Mansos e Pacíficos

supérfluo. Promete Jesus que a justiça será feita para eles, *assim na Terra como no céu*, porque eles serão chamados os filhos de Deus. Quando a lei do amor e da caridade for a lei da humanidade não haverá mais egoísmo; o fraco e o pacífico não serão mais explorados nem humilhados pelo forte e pelo violento. Esse será o estado da Terra quando, segundo a lei do progresso e a promessa de Jesus, ela houver se transformado em um mundo feliz pela expulsão dos maus.

— INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS —

A AFABILIDADE E A DOÇURA

6. A benevolência para com os semelhantes, fruto do amor ao próximo, produz a afabilidade e a doçura, que são as formas da sua manifestação. Entretanto, nem sempre se deve confiar nas aparências; pois a educação e a vivência no mundo podem proporcionar o verniz dessas qualidades ao homem. Quantos há, cuja fingida bondade, e simplicidade, é apenas uma máscara para o exterior, uma roupa cujo corte planejado dissimula as deformidades ocultas? O mundo está cheio dessas pessoas que têm um sorriso nos lábios e o veneno no coração; *que são brandos desde que nada as incomode, mas que mordem à menor contrariedade*; cuja língua, de ouro quando falam diante das pessoas, transforma-se em dardo envenenado quando falam por trás.

A essa classe pertencem ainda esses homens, benignos fora de casa, mas tiranos domésticos, que fazem sua família e seus subordinados sofrerem o peso do seu orgulho e do seu despotismo; essas pessoas parecem querer se desforrar do constrangimento a que se submetem fora de casa. Não se atrevendo a usar de autoridade com os estranhos, que os colocariam em seu verdadeiro lugar, querem, pelo menos, se fazer temidos por aqueles que não podem resistir a eles. Sua vaidade aumenta ao poder dizer: “Aqui eu mando e sou obedecido,” sem pensar que poderiam acrescentar, com muito mais razão: “E sou detestado”.

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Não basta que os lábios digam palavras doces; se o coração nada tem a ver com elas, isso é hipocrisia. Aquele cuja afabilidade e doçura não são fingidos não se desmente jamais, ele é o mesmo, tanto diante do mundo como na intimidade, aliás, ele sabe que se pode enganar os homens pelas aparências, mas não se pode enganar a Deus. (*Lázaro*. Paris, 1861.)

A PACIÊNCIA

7. A dor é uma bênção que Deus envia a seus eleitos, portanto, não vos aflijais quando sofrerdes, ao contrário, bendizeis a Deus Todo-Poderoso que vos marcou pela dor aqui neste mundo, para a glória no céu.

Sede pacientes; a paciência também é uma caridade e deveis praticar a lei da caridade ensinada pelo Cristo, enviado por Deus. A caridade que consiste na esmola dada aos pobres é a mais fácil de todas; existe, porém, uma muito mais penosa e bem mais meritória: é a de *perdoar aqueles que Deus colocou no nosso caminho, para serem os instrumentos de nosso sofrimento e submeterem à prova a nossa paciência*.

A vida é difícil, eu sei; ela se compõe de mil insignificâncias que são como picadas de alfinetes que acabam nos ferindo. É preciso, no entanto, olhar os deveres que nos são impostos e, por outro lado, as compensações e consolações que recebemos, então constataremos que as bênçãos são muito mais numerosas do que as dores.

O fardo que carregamos parece menos pesado, quando olhamos para o alto do que quando curvamos a cabeça para a terra.

Coragem, amigos, o Cristo é vosso modelo; ele sofreu mais do que qualquer um de vós, e nada fez que pudesse ser reprovado, enquanto que tendes que expiar o vosso passado e vos fortificar para o futuro. Portanto, sede pacientes, sede cristãos; essa palavra resume tudo. (*Um espírito amigo*. Havre, 1862.)

IX. Bem-Aventurados os Que São Mansos e Pacíficos

OBEDIÊNCIA E RESIGNAÇÃO

8. A doutrina de Jesus ensina, por toda a parte, a obediência e a resignação, duas virtudes que acompanham a doçura, e que são muito ativas, embora os homens as confundam, erradamente, com a negação do sentimento e da vontade. *A obediência é o consentimento da razão; a resignação é o consentimento do coração.* As duas são forças ativas, pois levam o fardo das provas que a revolta insensata deixa cair. O covarde não pode ser um resignado, assim como o orgulhoso e o egoísta não podem ser criaturas obedientes. Jesus foi a encarnação dessas virtudes que a Antiguidade materialista desprezava. Ele veio no momento em que a sociedade romana naufragava nos desmandos da corrupção; ele veio fazer brilhar, no meio da humanidade oprimida, os triunfos do sacrifício e da renúncia à sensualidade.

Cada época é marcada pela virtude ou pelo vício que deverão salvá-la ou perdê-la. A virtude da vossa geração é a atividade intelectual; seu vício é a indiferença moral. Digo, somente, atividade, porque o gênio se eleva de repente e descobre, sozinho, os horizontes que a multidão só verá depois dele, enquanto que a atividade é a reunião dos esforços de todos para atingir um objetivo menos brilhante, mas que prova a elevação intelectual de uma época. Submetei-vos ao impulso que viemos dar aos vossos espíritos; obedeci à grande lei do progresso, que é a palavra da vossa geração. Infeliz do espírito preguiçoso, daquele que fecha o seu entendimento! Infeliz dele! Porque nós, que somos os guias da humanidade em marcha, o chicotearemos, e forçaremos a sua vontade rebelde, com o duplo esforço do freio e da espora; mais cedo ou mais tarde toda a resistência orgulhosa deverá ceder, mas bem-aventurados os que são mansos, porquanto ouvirão docilmente os ensinamentos. (*Lázaro*. Paris, 1863.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

A CÓLERA

9. O orgulho faz com que a criatura se julgue superior ao que é realmente, e não suporta passar por uma comparação que possa rebaixá-la; faz também com que se considere de tal forma acima dos seus semelhantes, seja em aptidões, seja em posição social, seja em vantagens pessoais que o menor paralelo a irrita e a fere; e então o que acontece? Ela se entrega à cólera.

Procurai a origem desses acessos de demência passageira, que vos fazem perder o sangue frio e a razão e vos assemelham ao bruto; procurai, e quase sempre achareis o orgulho ferido como base de tudo. Não é o amor-próprio que, ferido por uma contradição, vos faz rejeitar observações justas, e repudiar com cólera os mais sábios conselhos? Até mesmo as impaciências, causadas por contrariedades, muitas vezes pueris, dependem da importância que atribuíis à personalidade, diante da qual julgais que todos se devem curvar.

No seu desvario, o homem colérico se revolta contra tudo, desde a natureza bruta aos objetos inanimados que ele quebra porque não lhe obedecem. Ah, se nesses momentos ele pudesse se ver a sangue frio, teria pena de si mesmo, ou se acharia bem ridículo. Que julgue por aí, a impressão que deve causar nos outros. Ainda que seja por respeito a si mesmo, ele deveria se esforçar para vencer uma tendência que o faz digno de piedade.

Se pensasse que a cólera não serve para nada, que altera a saúde, compromete até a sua vida, ele perceberia que é a sua primeira vítima; mas existe ainda uma consideração que deveria detê-lo: o pensamento de que torna infelizes todos aqueles que o cercam. Se tem coração, não deve sentir remorsos por fazer sofrer as pessoas que mais ama? E que remorso mortal não sentiria se, em um acesso de fúria, cometesse um ato do qual tivesse que se arrepender por toda a sua vida.

IX. Bem-Aventurados os Que São Mansos e Pacíficos

Em suma, a cólera não exclui certas qualidades do coração, mas impede que se pratique muito mais o bem, permitindo que se possa fazer muito mais o mal. Isso deve ser suficiente para induzir o homem a empreender esforços para dominá-la. O espírito, aliás, é induzido a isso por outro motivo, o de que a cólera é contrária à caridade e à humildade cristãs. (*Um espírito protetor*. Bordeaux, 1863.)

10. De acordo com a ideia, completamente falsa, de que não pode reformar a sua própria natureza, o homem acredita que não tem obrigação de fazer esforços para se corrigir dos defeitos nos quais ele se compraz voluntariamente ou que, para serem eliminados, exigiriam muita perseverança. É assim, por exemplo, que o homem com tendência à cólera quase sempre se desculpa por seu temperamento. Em vez de reconhecer a sua culpa, ele transfere a falha para o seu organismo, acusando, dessa forma, a Deus por seus próprios defeitos. É ainda uma consequência do orgulho que se encontra misturado a todas as suas imperfeições.

Sem a menor dúvida, existem temperamentos que se prestam mais que outros a atos violentos, assim como existem músculos mais flexíveis que se prestam melhor a grandes esforços. Não acrediteis, porém, que aí se encontre a principal causa da cólera; ficai certos de que um espírito pacífico, mesmo em um corpo irascível, será sempre pacífico, e que um espírito violento, mesmo em um corpo sem energia, não será brando. A violência somente tomará uma outra característica, porquanto, não tendo um organismo próprio para manifestá-la, a cólera ficará contida, enquanto que no outro caso se mostrará livremente.

O corpo não dá impulsos de cólera a quem não a possui, assim como não dá outros vícios. Todas as virtudes e todos os vícios são inerentes ao espírito, sem isso onde estaria o mérito e a responsabilidade? O homem que é deformado não pode tornar-se direito, porque o espírito não tem nada com isso, mas ele pode

O Evangelho Segundo o Espiritismo

modificar o que é do espírito quando tem uma vontade firme. A experiência não vos prova, espíritas, até onde pode ir o poder da vontade, pelas transformações verdadeiramente miraculosas que vedes acontecer? Dizei, pois, que *o homem permanece vicioso porque quer ficar vicioso*; mas aquele que deseja se corrigir sempre pode fazê-lo, se assim não fosse, a lei do progresso não existiria para o homem. (*Hahnemann*.⁸³ Paris, 1863.)



⁸³ **Hahnemann:** Samuel-Christian-Friedrich Hahnemann, nasceu em Meissen, Alemanha, no dia 11 de abril de 1755 e desencarnou em Paris, França, no dia 2 de julho de 1843. Estudou na Faculdade de Medicina da Universidade de Erlang, na Alemanha, e graduou-se médico em 1779. Criou a Medicina Homeopática em 1796, após anos de dedicação a observações e estudos sérios sobre as reações medicamentosas no organismo. Hahnemann foi muito perseguido tanto por aqueles que consideravam a sua Homeopatia como milagreira, como pelos seus detratores que o cercavam com o seu descrédito. As perseguições chegaram ao ponto de fazê-lo buscar proteção junto às autoridades da cidade de Leipzig, onde exerceu a Medicina Homeopática de 1811 a 1821, quando teve sua casa apedrejada e queimada pela população aliciada pelos médicos alopatas. (N.T.)

CAPÍTULO X

BEM-AVENTURADOS OS QUE SÃO MISERICORDIOSOS

- PERDOAI PARA QUE DEUS VOS PERDOE
- RECONCILIAR-SE COM SEUS ADVERSÁRIOS
- O SACRIFÍCIO MAIS AGRADÁVEL A DEUS
- O ARGUEIRO E A TRAVE NO OLHO
- NÃO JULGUEIS, PARA NÃO SERDES JULGADOS.
QUE AQUELE QUE ESTÁ SEM PECADO,
ATIRE A PRIMEIRA PEDRA

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS:

- O PERDÃO DAS OFENSAS
- A INDULGÊNCIA
- É PERMITIDO REPREENDER OS OUTROS,
OBSERVAR AS IMPERFEIÇÕES DOS OUTROS,
DIVULGAR O MAL DOS OUTROS?

PERDOAI PARA QUE DEUS VOS PERDOE

1. *“Bem-aventurados os que são misericordiosos, porque obterão misericórdia.”* (Mateus, V: 7.)

2. *“Se perdoardes aos homens as faltas que fazem contra vós, vosso Pai celeste também perdoará vossos pecados; mas se não perdoardes aos homens, quando vos ofendem, vosso Pai também não perdoará os vossos pecados.”* (Mateus, VI: 14 e 15.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

3. ***“Se vosso irmão pecou contra vós, ide e falai-lhe sobre a falta em particular, entre vós e ele. Se vos ouvir tereis ganho um irmão.” Então, aproximando-se dele, Pedro disse: “Senhor, quantas vezes perdoarei meu irmão quando ele houver pecado contra mim? Será até sete vezes”? Jesus lhe respondeu: “Eu não digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete”.*** (Mateus, XVIII: 15, 21 e 22.)

4. A misericórdia é o complemento da brandura, porque aquele que não é misericordioso não poderia ser brando nem pacífico; a misericórdia consiste no esquecimento e no perdão das ofensas. O ódio e o rancor demonstram uma alma sem elevação e sem grandeza; o esquecimento das ofensas é próprio das almas elevadas, que estão acima dos males que lhes possam fazer; uma é sempre ansiosa, de uma sensibilidade sombria e cheia de amargura; a outra é calma, plena de mansidão e caridade.

Infeliz daquele que diz *eu nunca perdoarei*, porque se não for condenado pelos homens, certamente o será por Deus. Com que direito reclamaria o perdão das próprias faltas se não perdoa as dos outros? Jesus nos ensina que a misericórdia não deve ter limites, quando diz para perdoarmos ao nosso irmão, não sete vezes, mas setenta vezes sete.

No entanto, há duas maneiras bem diferentes de perdoar: a primeira é grande, nobre, verdadeiramente generosa, sem segundas intenções, tratando com delicadeza o amor-próprio e a suscetibilidade do adversário, ainda que ele tenha toda a culpa; a segunda é quando o ofendido, ou aquele que se crê ofendido, impõe condições humilhantes para perdoar e faz sentir o peso de um perdão que irrita em vez de acalmar. Se ele estende a mão não é com benevolência, mas com ostentação, a fim de poder dizer a todo mundo: “Vede como sou generoso”! Em tais circunstâncias, é impossível que a reconciliação seja sincera tanto de uma parte quanto de outra. Não, isso não é generosidade, é apenas uma

X. Bem-Aventurados os Que São Misericordiosos

maneira da satisfazer o orgulho. Em qualquer contestação, aquele que se mostra mais conciliador, que demonstra maior desinteresse, caridade e verdadeira grandeza de alma, sempre conquistará a simpatia das pessoas imparciais.

RECONCILIAR-SE COM SEUS ADVERSÁRIOS

5. *“Reconciliai-vos o mais cedo possível com o vosso adversário, enquanto estais em caminho com ele, para que não suceda que o vosso adversário vos entregue ao juiz, e que o juiz vos entregue ao ministro da justiça, e que sejais postos na prisão. Em verdade vos digo que não saireis de lá enquanto não houverdes pago até o último centavo.”* (Mateus, V: 25 e 26.)

6. Há, na prática do perdão, e na do bem em geral, mais que um efeito moral, há também um efeito material. Como se sabe, a morte não nos livra dos nossos inimigos; os espíritos vingativos muitas vezes perseguem com seu ódio, além do túmulo, aqueles contra os quais conservaram o seu rancor. É por essa razão que o provérbio *morto o animal, morto o veneno*, é falso quando se aplica ao homem. O espírito mau espera que aquele a quem ele deseja mal esteja encerrado em seu corpo, e assim menos livre, para poder atormentá-lo com mais facilidade, atingi-lo nos seus interesses ou nas suas afeições mais queridas. É preciso ver nesse fato a causa da maioria dos casos de obsessão,⁸⁴ principalmente daqueles que apresentam uma certa gravidade, como a subjugação⁸⁵ e a possessão.⁸⁶ O obsidiado e o possuído

⁸⁴ **Obsessão:** domínio que alguns espíritos inferiores conseguem exercer sobre certas pessoas. Os espíritos superiores e bons jamais impõem constrangimentos, ao contrário, aconselham, combatem a influência dos maus espíritos. (N.T.)

⁸⁵ **Subjugação:** é uma dominação profunda; pode ser moral, quando o subjugado é forçado a tomar resoluções muitas vezes absurdas e comprometedoras, mas que ele acha sensatas, ou corporal, quando o espírito atua sobre as regiões motoras do cérebro provocando movimentos involuntários e, muitas vezes, os mais ridículos atos. (N.T.)

⁸⁶ **Possessão:** é uma dominação total; a vítima perde o domínio total dos seus sentidos e das suas ações, passando a agir sob o comando do obsessor. Para maiores detalhes, leia-se *O Livro dos Médiuns*, cap. 23 e *O Livro dos Espíritos*, cap. 9, item 3. (N.T.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

são quase sempre vítimas de uma vingança anterior, a qual, provavelmente, eles deram motivo por sua conduta. Deus assim o permite para puni-los pelo mal que eles mesmos fizeram, ou, se não o fizeram, por não terem sido indulgentes nem caridosos ao deixarem de perdoar. Do ponto de vista da sua tranquilidade futura, é imprescindível reparar, o mais cedo possível, os danos que tenham causado aos seus semelhantes, perdoar os seus inimigos, a fim de eliminar, antes de morrer, todos os motivos de desavenças, todas as causas de animosidade posterior. Por essa forma, de um inimigo enfurecido neste mundo pode-se fazer um amigo no outro, ou, pelo menos, ficar do lado do bem, e Deus não deixa aquele que perdoou ficar exposto à vingança. Quando Jesus recomenda que nos reconciliemos com o nosso adversário o mais breve possível, não é tendo em vista somente acabar com as discórdias durante a existência atual, mas evitar que elas se perpetuem nas existências futuras. Não saireis de lá enquanto não houverdes pago até o último centavo, isto é, satisfeito completamente a justiça de Deus.

O SACRIFÍCIO MAIS AGRADÁVEL A DEUS

7. *“Portanto, se estais para apresentar a vossa oferenda ao altar, e então vos lembrardes de que vosso irmão tem qualquer coisa contra vós, deixai a vossa oferta aos pés do altar, e ide primeiro reconciliar-vos com o vosso irmão; depois voltai para fazer a vossa oferta.”* (Mateus, V: 23 e 24.)

8. Quando Jesus disse: “Ide vos reconciliar com o vosso irmão, antes de apresentar vossa oferenda ao altar,” ele ensinou que o sacrifício mais agradável ao Senhor é o do próprio ressentimento; que antes de se apresentar para ser perdoado, é preciso que ele mesmo tenha perdoado aos outros e que, se cometeu um erro com um de seus irmãos, o tenha reparado. Somente assim a sua oferenda será agradável, porque virá de um coração puro de qualquer mau pensamento. Jesus materializou esse preceito porque

X. Bem-Aventurados os Que São Misericordiosos

os judeus ofereciam sacrifícios materiais, e ele precisava colocar suas palavras de acordo com os usos daquela época. O cristão não oferece dádivas materiais, porquanto espiritualizou o sacrifício, mas o preceito, para ele, tem ainda mais força; pois o cristão oferece sua alma a Deus, e essa alma deve ser purificada. *Entrando no templo do Senhor, ele deve deixar, do lado de fora, todo sentimento de ódio e de animosidade, todo mau pensamento contra seu irmão; só então sua prece será levada pelos anjos aos pés do Eterno. Eis o que Jesus ensina por essas palavras: deixai vossa oferenda aos pés do altar, e ide primeiro reconciliar-vos com vossos irmãos, se quiserdes ser agradável ao Senhor.*

O ARGUEIRO E A TRAVE NO OLHO

9. *“Por que vedes uma palha no olho do vosso irmão e não notais uma trave que está no vosso olho? Ou como dizeis a vosso irmão: ‘Deixai-me tirar uma palha do vosso olho’, vós que tendes uma trave no vosso? Hipócritas, tirai primeiro a trave do vosso olho, e então vereis como podereis tirar a palha do olho do vosso irmão.”* (Mateus, VII: 3 a 5.)

10. Um dos grandes defeitos da humanidade é ver primeiro o mal que está nos outros antes de ver o que está em nós. Para julgar a si mesmo, é necessário olhar-se em um espelho, transportar-se, de alguma forma, para fora de si, e considerar-se como uma outra pessoa, perguntando-se: “O que eu pensaria se visse alguém fazer o que faço”? Sem dúvida alguma é o orgulho que leva o homem a dissimular os próprios defeitos, tanto morais quanto físicos. Esse modo de proceder é essencialmente contrário à caridade, porque a verdadeira caridade é modesta, simples e indulgente; a caridade orgulhosa é um contrassenso, porquanto esses dois sentimentos anulam-se um ao outro. Efetivamente, como um homem, bastante vaidoso para acreditar na importância da sua personalidade e na supremacia das suas qualidades, pode possuir, ao mesmo tempo, suficiente abnegação para fazer destacar, em outra pessoa, o bem

O Evangelho Segundo o Espiritismo

que poderia ofuscar a si mesmo, em vez de destacar-lhe o mal que o faria sobressair? Se o orgulho é o pai de muitos vícios, é também a negação de muitas virtudes; pode-se encontrá-lo na base e como motivo de quase todas as ações. Foi por isso que Jesus se interessou em combatê-lo, como o principal obstáculo ao progresso.

NÃO JULGUEIS PARA NÃO SERDES JULGADOS. QUE AQUELE QUE ESTÁ SEM PECADO, ATIRE A PRIMEIRA PEDRA

11. *“Não julgueis para não serdes julgados; pois sereis julgados segundo houverdes julgado os outros; e com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também a vós.”* (Mateus, VII: 1 e 2.)

12. *Então, os escribas e os fariseus trouxeram-lhe uma mulher, que havia sido apanhada em adultério, e a fizeram ficar de pé no meio do povo, e disseram a Jesus: “Mestre, esta mulher foi surpreendida em adultério, ora, Moisés nos ordenou, na lei, apedrejar as adúlteras. Qual é, pois, a vossa opinião sobre isso”? Falavam assim tentando-o, a fim de terem do que acusá-lo. Jesus, porém, abaixando-se, pôs-se a escrever com o dedo na terra. Como eles continuassem a interrogá-lo, Jesus levanta-se e diz: “Que aquele dentre vós que está sem pecado atire a primeira pedra”. Depois, abaixando-se novamente, continuou a escrever sobre a terra. Mas eles, ouvindo-o falar daquela maneira, foram se retirando, um após o outro, saindo primeiro os mais velhos; e assim Jesus ficou só com a mulher, que estava no meio da praça. Então, levantando-se, ele diz: “Mulher, onde estão os teus acusadores? Ninguém te condenou”? Ela respondeu: “Ninguém, Senhor”. Disse-lhe Jesus: “Eu também não te condenarei, vai, e no futuro não peques mais”. (João, VIII: 3 a 11.)*

13. “Que aquele que está sem pecado atire a primeira pedra,” disse Jesus, e com essas palavras ele faz do perdão um dever para todos nós, pois não há quem não tenha necessidade

X. Bem-Aventurados os Que São Misericordiosos

dele para si mesmo. Elas nos ensinam que não devemos julgar os outros mais severamente do que julgamos a nós mesmos, nem condenar nos outros o que desculpamos em nós. Antes de reprovarmos uma falta de alguém vejamos se a mesma reprovação não pode ser feita a nós.

A censura lançada sobre a conduta de alguém pode ter dois motivos: reprimir o mal ou desacreditar aquele cujos atos criticamos; este último motivo jamais tem desculpa, pois nele só há maledicência e maldade. O primeiro pode ser louvável e, em certos casos, torna-se um dever, pois dele deve resultar um bem, e sem ele o mal jamais seria reprimido na sociedade; aliás, o homem não deve auxiliar o progresso do seu semelhante? Portanto, não se deve tomar no sentido absoluto este princípio: “Não julgueis, se não quiserdes ser julgados,” pois a letra mata, e o espírito vivifica.

Jesus não podia proibir que se censurasse o mal, porquanto ele mesmo nos deu o exemplo, e o fez em termos enérgicos; entretanto, quis dizer que a autoridade da censura existe em razão da autoridade moral de quem a pronuncia. Tornarmo-nos culpados daquilo que condenamos nos outros é abdicar dessa autoridade; é nos privarmos do direito de repressão. A consciência íntima, além disso, recusa todo o respeito e toda submissão voluntária àquele que, estando investido de um poder qualquer, viola as leis e os princípios que está encarregado de aplicar. *Não existe autoridade legítima aos olhos de Deus, senão aquela que se apoia sobre o exemplo que ela dá do bem*, é o que igualmente ressalta das palavras de Jesus.

— INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS —

O PERDÃO DAS OFENSAS

14. Quantas vezes perdoarei a meu irmão? Vós lhes perdoareis não sete vezes, mas setenta vezes sete. Eis um dos

O Evangelho Segundo o Espiritismo

ensinos de Jesus que mais deve impressionar a vossa inteligência e falar mais alto ao vosso coração. Comparai essas palavras de misericórdia com as da oração tão simples, tão resumida e tão grande em suas aspirações que Jesus deu aos seus discípulos, e encontrareis sempre o mesmo pensamento. Jesus, o justo por excelência, responde a Pedro: Tu perdoarás, mas sem limites; perdoarás cada ofensa tantas vezes quantas ela te for feita; ensinarás a teus irmãos o esquecimento de si mesmo, que torna uma pessoa invulnerável contra o ataque, os maus procedimentos e as injúrias; serás manso e humilde de coração, não medindo jamais a tua mansuetude; farás, enfim, o que desejas que o Pai celeste faça por ti. Ele não está sempre a te perdoar? Ele conta o número de vezes que o seu perdão vem apagar as tuas faltas?

Escutai, pois, essa resposta de Jesus, e, como Pedro, aplicai essas palavras a vós mesmos; perdoai, usai de indulgência, sede caridosos, generosos, pródigos até no vosso amor. Dai, porque o Senhor vos restituirá; perdoai, porque o Senhor vos perdoará; abaixai-vos, porque o Senhor vos erguerá; humilhai-vos, porque o Senhor vos fará sentar à sua direita.

Ide, meus bem-amados, estudai e comentai essas palavras que vos dirijo por ordem daquele que, do alto dos esplendores celestes, olha sempre para vós, e continua com amor a tarefa ingrata que começou há dezoito séculos. Perdoai, pois, a vossos irmãos assim como tendes necessidade que vos perdoem. Se os seus atos vos prejudicaram pessoalmente, é um motivo a mais para serdes indulgentes, porquanto o mérito do perdão é proporcional à gravidade do mal recebido; não haveria nenhum mérito em desculpar os erros dos vossos irmãos se eles apenas vos tivessem feito pequenas ofensas.

Espíritas, não vos esqueçais nunca de que, tanto por palavras como por ações, o perdão das injúrias não pode ser uma palavra sem valor. Se vos dizeis espíritas, que de fato o sejais; esquecei o

X. Bem-Aventurados os Que São Misericordiosos

mal que vos tenham feito, e só pensai em uma coisa: no bem que podeis fazer. Aquele que entrou nesse caminho não deve afastar-se dele nem mesmo em pensamento, porque vós sois responsáveis pelos vossos pensamentos, que Deus conhece. Fazei, pois, que eles sejam desprovidos de qualquer sentimento de rancor; Deus sabe o que está no íntimo do coração de cada um. *Feliz, pois, aquele que pode, a cada noite, adormecer dizendo: nada tenho contra meu próximo.* (Simeão. Bordeaux, 1862.)

15. Perdoar aos seus inimigos é pedir perdão para si mesmo; perdoar aos seus amigos é lhes dar uma prova de amizade; perdoar as ofensas é mostrar que se está melhor. Perdoai, pois, meus amigos, a fim de que Deus vos perdoe, porque se fordes duros, exigentes, inflexíveis, se usardes de rigor, mesmo para uma leve ofensa, como podeis querer que Deus esqueça de que cada dia tendes mais necessidade de indulgência? Oh! Infeliz aquele que diz: “Eu nunca perdorei,” pois que pronuncia a sua própria condenação. Aliás, quem sabe se, analisando a vós mesmos, não vereis que fostes o agressor? Quem sabe se, nessa luta que começa por uma insignificância e termina por um rompimento, não fostes vós que desferistes o primeiro golpe? Se uma palavra ofensiva não escapou de vós? Se usastes de toda a moderação necessária? Sem dúvida o vosso adversário errou ao se mostrar tão suscetível, mas essa é mais uma razão para serdes indulgente e para que ele não mereça a reprovação que vós lhe dirigis. Admitamos que tendes realmente sido ofendidos numa determinada circunstância. Quem pode afirmar que não envenenastes o fato por represália, e que não fizestes degenerar em grave aborrecimento o que poderia facilmente ter caído no esquecimento? Se dependia de vós impedir as consequências e não o fizestes, sois culpado. Admitamos, finalmente, que não tendes, em absoluto, nenhuma reprovação para fazer a vós mesmos, então, maior será o vosso mérito se vos mostrardes clemente.

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Há, porém, duas maneiras bem distintas de se perdoar: o perdão dos lábios e o perdão do coração. Muitas pessoas falam, referindo-se ao seu adversário: “Eu o perdoo,” enquanto que interiormente experimentam um secreto prazer pelo mal que lhe possa acontecer, dizendo para si mesmos que ele só tem o que merece. Quantos também dizem: “Eu perdoo” e acrescentam: “Mas jamais me reconciliarei; não quero revê-lo mais em minha vida”. Esse é o perdão segundo o Evangelho? É claro que não; o verdadeiro perdão, o perdão cristão, é aquele que tudo esquece, lançando um véu sobre o passado; esse é o único tipo de perdão que será considerado, porquanto Deus não se contenta com as aparências, ele sonda o fundo do coração e os mais secretos pensamentos; ninguém se impõe a ele com palavras e simples fingimentos. O esquecimento completo e absoluto das ofensas é próprio das grandes almas; o rancor sempre é um sinal de baixaza e de inferioridade. Não vos esqueçais de que o verdadeiro perdão se reconhece muito mais pelos atos do que pelas palavras. (*Paulo*,⁸⁷ *apóstolo*. Lyon, 1861.)

A INDULGÊNCIA

16. Espíritas, agora queremos vos falar sobre a indulgência, esse sentimento tão doce, tão fraterno que todo homem deve ter por seus irmãos, mas do qual tão poucos fazem uso.

A indulgência não vê os defeitos dos outros ou, se os vê, procura não falar deles, não divulgá-los; ao contrário, esconde-os a

⁸⁷ **Paulo, apóstolo:** denominado *o Apóstolo dos Gentios*, nasceu na cidade de Tarso, na Turquia, no ano 10 d.C. e desencarnou em Roma no ano 67 d.C. Fariseu fervoroso, perseguidor dos cristãos, tornou-se discípulo dos apóstolos do Cristo a partir do dia em que se converteu, na estrada que o conduzia à cidade de Damasco. (Ver rodapé 48.) Sua dedicação à Doutrina Cristã foi tão grande que muitas vezes Paulo foi considerado como o segundo fundador do Cristianismo. Sua ação apostólica foi dirigida principalmente aos gentios, fazendo viagens missionárias à Ásia Menor, à Grécia e à Macedônia. Escreveu quatorze epístolas: aos Romanos, aos Gálatas, aos Efésios, aos Filipenses, aos Colossenses, a Tito, a Filemon, aos Hebreus, aos Coríntios (duas), aos Tessalonicenses (duas) e a Timóteo (duas). Preso em Jerusalém e enviado a Roma, foi decapitado, no reinado de Nero. Sua vida e sua conversão no caminho para Damasco são frequentemente citadas para caracterizar uma inspiração que subitamente transforma nossas ideias, nossos sentimentos ou opiniões. (N.T.)

X. Bem-Aventurados os Que São Misericordiosos

fim de que sejam conhecidos apenas por ela, e se a malevolência os descobre, tem sempre uma desculpa pronta para amenizá-los, ou seja, uma desculpa plausível, séria, e não daquelas que, com a aparência de atenuar a falta, a fazem ressaltar com pérfida astúcia.

A indulgência jamais se ocupa com os maus atos dos outros, a menos que isso seja para prestar um serviço, porém, mesmo assim, ela tem o cuidado de atenuá-los tanto quanto seja possível. Não faz observações que possam chocar, não traz censuras em seus lábios, apenas conselhos e a maior parte das vezes discretos. Quando criticais alguém, que conclusão pode ser tirada das vossas palavras? A de que vós, que o reprovais, não fizestes o que foi motivo da vossa reprovação, e de que sois melhor do que o culpado. Homens, quando julgareis vossos próprios corações, vossos próprios pensamentos, vossos próprios atos, sem vos preocupardes com o que fazem os vossos irmãos? Quando tereis olhares severos somente para vós mesmos?

Sede, portanto, rigorosos convosco e indulgentes com os outros. Pensai naquele que julga em última instância, que conhece os pensamentos secretos de cada coração e, em consequência, frequentemente perdoa as faltas que censurais, ou condena as que desculpais, porque ele sabe o que motiva todos os vossos atos. Pensai também que vós, que gritais: “maldito”! talvez tenhais cometido faltas mais graves.

Meus amigos, sede indulgentes porque a indulgência seduz, acalma, corrige, enquanto que o rigor desanima, afasta e irrita. (*José, espírito protetor*. Bordeaux, 1863.)

17. Sede indulgentes com as faltas dos outros, quaisquer que sejam; julgai com severidade unicamente as vossas ações; o Senhor será indulgente convosco assim como usardes de indulgência para com os outros.

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Apoiai os fortes: encorajai-os a ser perseverantes; fortificai os fracos, mostrando-lhes a bondade de Deus que leva em consideração o mínimo remorso, mostrai a todos o anjo do arrependimento estendendo suas brancas asas sobre os erros dos humanos, ocultando-os assim dos olhos daquele que não pode ver o que é impuro.

Compreendi todos vós a misericórdia infinita do vosso Pai, e não esqueçais jamais de lhe dizer por vossos pensamentos e principalmente por vossos atos: *“Perdoai nossas ofensas, assim como perdoamos aos que nos têm ofendido”*. Compreendi bem o valor dessas sublimes palavras em que não só a letra é admirável, mas também o ensinamento que elas contêm.

O que pedis ao Senhor quando implorais que ele vos perdoe? Será somente o esquecimento das vossas ofensas? Esquecimento que vos deixa no nada, porquanto se Deus se limitasse em esquecer as vossas faltas, ele não vos puniria, mas também não vos recompensaria.

A recompensa não pode ser o preço do bem que não se fez, e ainda menos do mal que se praticou, mesmo que esse mal fosse esquecido. Rogando perdão pelos vossos erros, pedis a Deus o favor das suas graças para não voltardes a cair; a força necessária para entrar em um novo caminho, um caminho de submissão e de amor no qual podereis unir a reparação ao arrependimento.

Quando perdoardes aos vossos irmãos, não vos contenteis em cobrir os seus erros com o véu do esquecimento, porquanto frequentemente esse véu é muito transparente aos vossos olhos; juntamente com o perdão ofereci-lhes o amor, fazei por eles o mesmo que pedis a vosso Pai celeste para fazer por vós. Substituí a cólera que desonra as criaturas pelo amor que as purifica. Pelo exemplo, pregai essa caridade ativa, infatigável, que Jesus vos ensinou; pregai-a como ele mesmo o fez durante todo o tempo em que viveu na Terra, visível aos olhos do corpo, e como ainda

X. Bem-Aventurados os Que São Misericordiosos

a prega, incessantemente, desde que só é visível aos olhos do espírito. Segui esse divino modelo, caminhai sobre as suas pegadas; elas vos conduzirão ao lugar de refúgio onde desfrutareis de repouso após a luta. Como ele, pegai a vossa cruz, todos vós, e subi penosamente, mas também corajosamente, o vosso Calvário,⁸⁸ no alto do qual está a glorificação. (*João, bispo de Bordeaux*. 1862.)

18. Queridos amigos, sede severos convosco e indulgentes para as fraquezas dos outros; esta é uma prática da santa caridade que ainda muito poucas pessoas respeitam.

Todos vós tendes más tendências para vencer, defeitos para corrigir, hábitos para modificar; todos vós tendes um fardo mais ou menos pesado do qual vos deveis livrar para conseguir alcançar o alto da montanha do progresso. Por que, então, sois tão clarividentes para o próximo e tão cegos para vós mesmos? Quando deixareis de perceber a palhinha que fere o olho do vosso irmão, sem ver, no vosso, a trave que vos cega e faz caminhar de queda em queda? Acreditai em vossos irmãos, os espíritos.

Todo homem, bastante orgulhoso para se julgar superior aos seus irmãos encarnados, em virtudes e em méritos, é insensato e culpado, e Deus o punirá no dia da sua justiça.

A verdadeira característica da caridade é a modéstia e a humildade, que consiste em ver os defeitos dos outros apenas superficialmente, procurando destacar o que têm de bom e virtuoso; porquanto, se o coração humano é um abismo de corrupção, sempre existe em algumas das suas partes mais secretas o germe de bons sentimentos, centelha viva da essência espiritual.

Espiritismo, doutrina bendita e consoladora, felizes os que te conhecem e tiram proveito dos salutarens ensinamentos dos espíritos do Senhor. Para tais pessoas, o caminho está iluminado,

⁸⁸ **Calvário:** monte em que Jesus foi crucificado; também chamado Monte Gólgota. (N.T.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

e em todo o seu percurso eles podem ler estas palavras que lhes indicam o meio de chegar ao objetivo: caridade prática, caridade do coração, caridade para o próximo como para si mesmo, em uma palavra, caridade para todos, e amor a Deus acima de todas as coisas, porque o amor a Deus resume todos os deveres, porquanto é impossível amar realmente a Deus sem praticar a caridade da qual ele faz uma lei para todas as criaturas. (*Dufêtre, bispo de Nevers. Bordeaux.*)

É PERMITIDO REPREENDER OS OUTROS, OBSERVAR AS IMPERFEIÇÕES DOS OUTROS, DIVULGAR O MAL DOS OUTROS?

19. *Ninguém sendo perfeito, segue-se que ninguém tem o direito de repreender seu semelhante?*

— Certamente não, porque cada um de vós deve trabalhar visando ao progresso de todos, sobretudo daqueles que estão sob a vossa dependência, e essa é mais uma razão para o fazerdes com moderação, com um fim útil e, não, como se faz na maioria das vezes, pelo prazer de denegrir. Neste último caso, a censura é uma maldade; no primeiro é um dever que a caridade manda que se cumpra com todos os cuidados possíveis; e ainda mais: a censura que se faz a outra pessoa, deve ser endereçada, ao mesmo tempo, a nós mesmos para vermos se não a merecemos. (*São Luís. Paris, 1860.*)

20. *É repreensível observar as imperfeições dos outros, quando desse fato não resulta nenhum proveito para eles, ainda que tais imperfeições não sejam divulgadas?*

— Tudo depende da intenção; certamente que não é proibido ver o mal, quando o mal existe; seria mesmo inconveniente ver por toda a parte apenas o bem: essa ilusão causaria danos ao progresso. O erro consiste em fazer essa observação em detrimento do próximo, desacreditando-o perante a opinião pública sem necessidade. Seria ainda repreensível fazê-lo apenas para satisfazer a si mesmo, com um sentimento de malevolência e de

X. Bem-Aventurados os Que São Misericordiosos

alegria por encontrar os outros cometendo faltas. É totalmente o contrário quando, lançando um véu sobre o mal e assim ocultando-o do público, limitamo-nos a observá-lo para tirar do fato um proveito pessoal, isto é, para estudá-lo e evitar fazer o que condenamos nos outros. Esta observação, aliás, não é útil ao moralista? De que maneira ele despreveria os defeitos da humanidade se não estudasse os exemplos? (*São Luís*. Paris, 1860.)

21. *Haverá casos em que seja útil revelar o mal de outra pessoa?*

— Essa questão é muito delicada e aqui é preciso apelar para a caridade bem compreendida. Se as imperfeições de uma pessoa só prejudicam a ela mesma, jamais haverá utilidade em fazer com que outros as conheçam, mas se elas podem prejudicar a outras pessoas, é preferível o interesse de um grande número de pessoas ao interesse de apenas uma. Segundo as circunstâncias, desmascarar a hipocrisia e a mentira pode ser um dever, porquanto é preferível que um homem caia, a que vários sejam enganados e se tornem suas vítimas. Em semelhantes casos, é preciso avaliar as vantagens e os inconvenientes. (*São Luís*. Paris, 1860.)





CAPÍTULO XI

AMAR O PRÓXIMO COMO A SI MESMO

- O MAIOR MANDAMENTO.
FAZER AOS OUTROS O QUE DESEJAMOS
QUE OS OUTROS NOS FAÇAM
- PARÁBOLA DOS CREDORES E DOS DEVEDORES.
DAI A CÉSAR O QUE É DE CÉSAR

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS:

- A LEI DE AMOR
- O EGOÍSMO
- A FÉ E A CARIDADE
- CARIDADE PARA COM OS CRIMINOSOS
- DEVE-SE EXPOR A VIDA POR UM MALFEITOR?

O MAIOR MANDAMENTO. FAZER AOS OUTROS O QUE DESEJAMOS QUE OS OUTROS NOS FAÇAM

1. Tendo os fariseus tomado conhecimento de que Jesus fizera os saduceus se calarem, reuniram-se, e um deles, que era doutor da lei, veio fazer-lhe esta pergunta, para tentá-lo: “Mestre, qual é o maior mandamento da lei”? Jesus respondeu: “Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito, é o maior e o primeiro mandamento. E eis o segundo que é semelhante ao primeiro:

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Toda a lei e os profetas estão encerrados nesses dois mandamentos”. (Mateus, XXII: 34 a 40.)

2. *“Fazei aos homens tudo o que desejais que eles vos façam, pois esta é a lei e os profetas.” (Mateus, VII: 12.)*

“Tratai todos os homens da mesma maneira que quereis que eles vos tratem.” (Lucas, VI: 31.)

3. *O reino dos céus é comparado a um rei que quis fazer as contas com seus servos. E tendo começado a fazê-lo, foi-lhe apresentado um que lhe devia dez mil talentos;⁸⁹ mas como ele não tinha meios de lhe pagar, mandou o seu senhor que fossem vendidos ele, sua mulher, seus filhos e tudo o que ele tinha para saldar a sua dívida. O servo, porém, lançando-se aos pés do senhor, lhe suplicava: “Senhor tenha um pouco de paciência, e eu lhe pagarei tudo”. Então, o senhor, compadecido do seu servo, deixou-o ir e perdoou-lhe a dívida. Mas esse servo, mal acabara de sair, encontrou um de seus companheiros que lhe devia cem moedas, e, agarrando-o pelo pescoço o sufocava dizendo: “Paga-me o que tu me deves”. E seu companheiro, lançando-se aos seus pés, lhe suplicava dizendo: “Tem um pouco de paciência e eu te pagarei tudo”. Mas ele não quis escutá-lo, retirou-se e fez com que o prendessem até que ele pagasse o que lhe devia. Os outros servidores, seus companheiros, vendo o que se passava, ficaram extremamente aflitos, e foram comunicar ao seu senhor tudo o que tinha acontecido. Então o senhor, chamando o servo à sua presença, lhe diz: “Servo mau, eu te perdoei tudo o que me devias, porque me imploraste, portanto tu também devias ter piedade do teu companheiro*

⁸⁹ **Talento:** medida de peso, equivalente a cerca de 26 kg, usada na Antiguidade grega e romana; era, também, uma moeda romana e representava o valor correspondente ao peso de um talento (± 26 kg) de ouro ou de prata. (N.T.)

XI. Amar o Próximo Como a Si Mesmo

como eu tive de ti”. E o senhor, cheio de cólera, entregou-o aos algozes, até que pagasse tudo quanto lhe devia.

É assim que meu Pai que está nos céus vos tratará se cada um de vós não perdoar, do fundo do coração, as faltas que seu irmão houver cometido contra vós. (Mateus, XVIII: 23 a 35.)

4. “Amar o próximo como a si mesmo; fazer aos outros o que desejamos que os outros façam por nós” é a expressão mais completa da caridade, pois resume todos os deveres para com o próximo. Não pode haver guia mais seguro a esse respeito do que tomar como medida do que se deve fazer aos outros, o mesmo que desejamos para nós. Com que direito se exigirá um bom procedimento dos nossos semelhantes, se não temos para com eles a indulgência, a benevolência e o devotamento? A prática desses ensinamentos conduz à destruição do egoísmo; quando os homens os usarem como regra de comportamento, e como base das suas instituições, compreenderão a verdadeira fraternidade e farão reinar entre eles a paz e a justiça; não haverá mais ódios nem divergências de opiniões, mas união, concórdia e benevolência mútua.

PARÁBOLA DOS CREDORES E DOS DEVEDORES.

DAI A CÉSAR O QUE É DE CÉSAR

5. Os fariseus, então, ao se retirarem, deliberaram comprometé-lo no que ele falasse; enviaram-lhe seus discípulos, juntamente com os herodianos,⁹⁰ que lhe disseram: “Mestre, sabemos que és verdadeiro e que ensinas o caminho de Deus segundo a verdade, sem atender a quem quer que seja, porque não consideras a pessoa nos homens; dize-nos, pois, a tua opinião: É lícito pagar o tributo a César, ou não?”

⁹⁰ **Herodianos:** judeus partidários dos Herodes, a saber: Magno, Ântipas e, mais tarde, os dois Agripas. Aceitavam a dominação romana. Na Palestina, viviam segundo o estilo judeu, mas, fora do país e na vida particular, adotavam o romano. (N.T. de acordo com: *A Palestina no Tempo de Jesus*, de Cristiane Saulnier e Bernard Rolland, Série Cadernos Bíblicos – Ed. Paulinas.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Jesus, porém, conhecendo a sua malícia, disse: “Hipócritas, por que me tentais? Mostrai-me a moeda com que se paga o tributo”. E tendo eles lhe apresentado o dinheiro, Jesus lhes disse: “De quem é esta imagem e esta inscrição”? E eles responderam: “É de César”. Então, Jesus lhes falou: “Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus”.

Ouvindo-o falar dessa maneira, eles se admiraram da sua resposta e, deixando-o, se retiraram. (Mateus, XXII: 15 a 22; Marcos, XII: 13 a 17.)

6. A questão proposta a Jesus foi devida ao horror que os judeus tinham ao tributo que lhes era imposto pelos romanos, fazendo dele uma questão religiosa; um numeroso partido se havia formado para recusar o imposto, portanto, o pagamento do tributo era, para eles, uma questão irritante da atualidade, sem o que a pergunta feita a Jesus: “É lícito pagar o tributo a César, ou não”? seria sem nenhum sentido. Essa questão era uma cilada, porquanto eles esperavam, de acordo com a resposta de Jesus, colocar contra ele as autoridades romanas ou os judeus dissidentes. Mas Jesus, “conhecendo a sua malícia” esquivava-se da dificuldade dando-lhes uma lição de justiça, ao dizer que se dê a cada um o que lhe é devido. (Ver na Introdução o item “Publicanos”.)

7. Não se deve entender a afirmativa: “Dai a César o que é de César” de maneira restritiva e absoluta. Como todos os ensinamentos de Jesus, trata-se de um princípio geral, resumido sob uma forma prática e usual e deduzido de uma circunstância particular. Esse princípio é uma consequência daquele que diz que devemos agir com os outros como gostaríamos que eles agissem conosco; condena todo prejuízo material e moral causado aos outros, toda violação dos seus interesses; prescreve o respeito dos direitos de cada um, como cada um deseja que se respeite os seus. Ele se estende ao cumprimento dos deveres para com a família, a sociedade, a autoridade, assim como para todos os indivíduos.

XI. Amar o Próximo Como a Si Mesmo

— INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS —

A LEI DE AMOR

8. O amor resume inteiramente a Doutrina de Jesus, porque é o sentimento por excelência, e os sentimentos são os instintos elevados à altura do progresso alcançado. Na sua origem o homem só tem instintos; mais avançado e corrompido, só tem sensações; mais instruído e purificado, tem sentimentos; e o ponto mais delicado do sentimento é o amor, não o amor no sentido vulgar da palavra, mas o sol interior que condensa e reúne em seu ardente foco todas as aspirações e todas as revelações sobre-humanas. A lei de amor substitui a personalidade pela fusão dos seres; ela extingue as misérias sociais. Feliz aquele que, indo além da sua humanidade, ama com um amor generoso os seus irmãos em sofrimento; feliz aquele que ama, porque não conhece nem a angústia da alma, nem a do corpo; seus pés são ligeiros e ele vive como transportado fora de si mesmo. Quando Jesus pronunciou essa palavra divina: *amor*, ela fez os povos estremecerem, e os mártires, inebriados de esperança, desceram ao circo.

Por sua vez, o Espiritismo vem dizer uma segunda palavra do alfabeto divino; ficai atentos, porque essa palavra levanta a lápide dos túmulos vazios, e a reencarnação triunfando sobre a morte, revela ao homem deslumbrado o seu patrimônio intelectual; não é mais aos suplícios que ela o conduz, mas à conquista do seu ser, elevado e transfigurado. O sangue resgatou o espírito, e o espírito deve hoje resgatar o homem da matéria.

Eu disse que, no seu início, o homem só tem instintos, portanto aquele em que os instintos dominam está mais perto do ponto de partida do que do objetivo a alcançar. Para avançar em direção ao objetivo é preciso vencer os instintos em proveito dos sentimentos, isto é, aperfeiçoar estes últimos, reprimindo os germes latentes da matéria. Os instintos são a germinação e os embriões do sentimento; eles trazem consigo o progresso, como

O Evangelho Segundo o Espiritismo

a semente que encerra em si o carvalho; e os seres menos avançados são aqueles que, se despojando apenas lentamente das suas crisálidas,⁹¹ permanecem escravos dos instintos. O espírito deve ser cultivado assim como a terra, toda a riqueza futura depende do trabalho presente, e mais do que bens terrestres ele vos dará a gloriosa elevação. É então que, compreendendo a lei de amor que une todos os seres, buscareis nela os suaves prazeres da alma que são o prelúdio das alegrias celestes. (*Lázaro*. Paris, 1862.)

9. O amor é de essência divina e, do primeiro ao último de vós, todos possuís, no fundo do coração, a centelha desse fogo sagrado. É um fato que pudestes constatar muitas vezes: o homem mais abjeto, mais vil, mais criminoso tem por um ser, ou por um objeto qualquer, uma afeição viva e ardente, à prova de tudo o que tente diminuí-la, e alcançando muitas vezes proporções sublimes.

Digo por um ser ou por um objeto qualquer porque, entre vós, existem pessoas que têm o coração transbordando de amor e que dedicam esse sentimento a animais, a plantas e mesmo a objetos materiais, são uma espécie de solitários, de insociáveis queixando-se da humanidade em geral, resistindo contra o pendor natural da sua alma que procura, à sua volta, a afeição e a simpatia; rebaixam a lei de amor à condição de instinto. Porém, por mais que procurem, não conseguem fazer desaparecer o germe vivaz que Deus colocou em seu coração, no momento em que os criou. Esse germe se desenvolve e cresce com a moralidade e a inteligência, e, ainda que muitas vezes reprimido pelo egoísmo, ele é a fonte das santas e doces virtudes que possibilitam as afeições sinceras e duráveis e vos ajudam a percorrer o caminho íngreme e árido da existência humana.

⁹¹ **Crisálida:** invólucro ou casulo dentro do qual se opera a transformação da ninfa em borboleta. (N.T.)

XI. Amar o Próximo Como a Si Mesmo

A prova da reencarnação, para algumas pessoas, causa verdadeira aversão, pela possibilidade de simpatias afetuosas, pelas quais têm muito zelo, poderem ser partilhadas por outros. Pobres irmãos! É a vossa afeição que vos torna egoístas; vosso amor é restrito a um círculo íntimo de parentes ou de amigos, e todos os outros vos são indiferentes. Pois bem, para praticar a lei de amor tal como Deus quer, é preciso que, gradativamente, passeis a amar todos os vossos irmãos indistintamente. A tarefa será longa e difícil, porém, ela se realizará; Deus assim quer, e a lei de amor é o primeiro e o mais importante preceito da vossa nova doutrina, porque é ela que deve, um dia, matar o egoísmo sob qualquer forma em que ele se apresente, visto que, além do egoísmo pessoal, existe ainda o egoísmo de família, de casta, de nacionalidade. Disse Jesus: “Amai vosso próximo como a vós mesmos,” ora, qual é o limite do próximo? A família, a religião, a pátria? Não, é a humanidade toda, inteira. Nos mundos superiores, é o amor mútuo que harmoniza e dirige os espíritos adiantados que os habitam, e o vosso planeta, destinado a um progresso próximo pela sua transformação social, verá seus habitantes praticarem essa sublime lei, reflexo da Divindade.

Os efeitos da lei de amor são o aperfeiçoamento moral da raça humana e a felicidade durante a vida terrestre. Os mais rebeldes e os mais cheios de vícios deverão se transformar quando virem os benefícios produzidos por esta prática: “Não façais aos outros o que não quereis que vos seja feito, mas ao contrário, fazei a eles todo o bem que está ao vosso alcance”.

Não acrediteis na dureza e na insensibilidade do coração humano, mesmo a contragosto ele cede ao verdadeiro amor; é um ímã ao qual ele não pode resistir, e o contato desse amor vivifica e fecunda os germes dessa virtude que está em vossos corações em estado latente. A Terra, morada de provações e de exílio, será então purificada por esse fogo sagrado e verá serem praticadas a caridade, a humildade, a paciência, o devotamento, a abnegação, a

O Evangelho Segundo o Espiritismo

resignação, o sacrifício e todas as virtudes filhas do amor. Não vos canseis, pois, de ouvir as doces palavras que *João, o Evangelista*, quando a enfermidade e a velhice o impediram de continuar com as suas pregações, apenas repetia: “Meus filhinhos, amai-vos uns aos outros”.

Queridos irmãos, aproveitai estas lições; a sua prática é difícil, mas a alma retira um bem imenso delas. Acreditai em mim, fazei o sublime esforço que vos peço: “Amai-vos,” e vereis, muito em breve, a Terra transformada tornar-se o Eliseu,⁹² onde as almas dos justos virão desfrutar do repouso. (*Fénelon*. Bordeaux, 1861.)

10. Meus caros discípulos, os espíritos aqui presentes vos dizem por minha voz: “Amai muito, para que possais ser amados”. Esse pensamento é tão justo que encontrareis nele tudo o que consola e acalma os sofrimentos de cada dia, ou antes, praticando essas sábias palavras, vos elevareis de tal maneira acima da matéria, que sereis espiritualizados antes do vosso desprendimento terrestre. Os estudos espíritas desenvolveram em nós a compreensão do futuro e assim tendes uma certeza: a de avançar em direção a Deus, com todas as promessas que correspondem às aspirações da vossa alma; assim sendo, deveis vos elevar bem alto para que possais julgar sem as influências da matéria, não condenando vosso próximo antes de haver dirigido vosso pensamento a Deus.

Amar, no sentido mais profundo da palavra, é ser leal, honesto, consciencioso, para fazer aos outros o que se deseja para si mesmo. É procurar à sua volta a razão íntima de todas as dores que oprimem vossos irmãos, para levar-lhes um alívio; é olhar a grande família humana como a sua, porque essa família vós ireis

⁹² **Eliseu:** na mitologia greco-romana era a morada dos homens virtuosos e dos heróis, após a morte; o paraíso; o lugar das bem-aventuranças. (N.T.)

XI. Amar o Próximo Como a Si Mesmo

reencontrá-la em uma outra época, em mundos mais avançados, e os espíritos que a compõem são, da mesma forma que vós, filhos de Deus, marcados na fronte para se elevarem ao infinito. É por isso que não podeis negar aos vossos irmãos o que Deus tão liberalmente vos deu, porquanto vós também serieis bem felizes se vossos irmãos vos dessem aquilo de que tendes necessidade. Para todos os sofrimentos, portanto, dai uma palavra de esperança e de apoio, a fim de que sejais todo amor, todo justiça.

Acreditai que estas sábias palavras: “*Amai muito para serdes amados*” farão o seu caminho; elas são revolucionárias e seguem uma rota fixa, invariável. Vós, porém, que me ouvís, já adquiristes qualidades, pois sois infinitamente melhores do que há cem anos; vos modificastes de tal forma para melhor que atualmente aceitais, sem contestar, uma série de novas ideias sobre a liberdade e a fraternidade que outrora teríeis rejeitado; ora, daqui a cem anos aceitareis, com a mesma facilidade, aquelas que hoje ainda não puderam entrar na vossa cabeça.

Hoje, que o movimento espírita deu um grande passo, observai com que rapidez as ideias de justiça e de renovação, contidas nas mensagens dos espíritos, são aceitas por grande parte do mundo inteligente. É que essas ideias correspondem ao que há de divino em vós. É que estais preparados por uma sementeira fecunda: a do século passado, que implantou na sociedade as grandes ideias do progresso, e, como tudo se encadeia sob a vontade divina, todas as lições recebidas e aceitas farão parte dessa troca universal de amor ao próximo. Por ele, os espíritos encarnados, julgando e sentindo melhor, darão as mãos uns aos outros, de todos os confins do planeta, e se reunirão para se entenderem e se amarem, para destruírem todas as injustiças, todas as causas de desavenças entre os povos.

Esse grande pensamento de renovação pelo Espiritismo, tão bem descrito em *O Livro dos Espíritos*, produzirá o grande milagre do próximo século, o milagre da reunião de todos os interesses

O Evangelho Segundo o Espiritismo

materiais e espirituais dos homens, pela aplicação destas palavras bem compreendidas: “*Amai muito, para serdes amados*”. (Sanson, antigo membro da Sociedade Espírita de Paris, 1863.)

O EGOÍSMO

11. O egoísmo, essa chaga da humanidade, deve desaparecer da Terra, pois atrasa o seu progresso moral, é ao Espiritismo que está reservada a tarefa de fazê-la subir na hierarquia dos mundos. O egoísmo é o objetivo para o qual todos os verdadeiros crentes devem dirigir suas armas, suas forças, sua coragem; digo sua coragem, porque é preciso mais coragem para vencer a si mesmo do que para vencer os outros. Que cada um, portanto, reúna todos os seus esforços para combatê-lo dentro de si, com a certeza de que esse monstro devorador de todas as inteligências, esse filho do orgulho é a fonte de todas as misérias aqui na Terra. Ele é a negação da caridade e, conseqüentemente, o maior obstáculo que o homem tem para a conquista da felicidade.

Jesus vos deu o exemplo da caridade, e Pôncio Pilatos o do egoísmo; porque, quando o justo vai percorrer as santas estações do seu martírio, Pilatos lava as mãos dizendo: “Que me importa”! E diz aos judeus: “Este homem é justo, por que quereis crucificá-lo”? No entanto, deixa que ele seja conduzido ao suplício.

É à incompatibilidade entre a caridade e o egoísmo, à invasão do coração humano por essa verdadeira lepra, que o Cristianismo deve o fato de ainda não ter realizado toda a sua missão. É a vós, novos apóstolos da fé, que os espíritos superiores esclarecem, que cabe a tarefa e o dever de extirpar esse mal para dar ao Cristianismo toda a sua força, e livrar o caminho dos obstáculos, que impedem a sua marcha. Expulsai o egoísmo da Terra, para que ela possa subir na escala dos mundos, porque é chegado o tempo em que a humanidade deve vestir o seu traje viril, e para

XI. Amar o Próximo Como a Si Mesmo

isso é preciso, em primeiro lugar, expulsar o egoísmo dos vossos corações. (*Emmanuel*.⁹³ Paris, 1861.)

12. Se os homens se amassem com idêntico amor, a caridade seria melhor praticada; mas, para que isso aconteça, é preciso que vos esforceis para livrar o vosso coração da couraça que o envolve, permitindo, assim, que ele se torne mais sensível para com aqueles que sofrem. O rigorismo mata os bons sentimentos. O Cristo não se aborrecia com ninguém; aquele que se dirigisse a ele, quem quer que fosse, não era repellido: a mulher adúltera, o criminoso, todos eram socorridos; Jesus jamais temeu que a sua reputação viesse a ser atingida. Quando, pois, o tomareis como modelo de todas as vossas ações? *Se a caridade reinasse na Terra, o mau não teria mais poder; fugiria envergonhado, e se esconderia, porque se sentiria deslocado em toda parte.* E então, o mal desapareceria, ficai bem certos disso.

Começai dando o exemplo, sede caridosos para com todos, indistintamente; esforçai-vos para não dar atenção àqueles que vos olham com desdém, e deixai a Deus o encargo de toda a justiça, porquanto, no seu reino, a cada dia ele separa o joio⁹⁴ do grão do trigo.

O egoísmo é a negação da caridade; ora sem a caridade não há tranquilidade para a sociedade; e digo mais, não há segurança; com o egoísmo e o orgulho, que andam de mãos dadas, sempre haverá uma corrida favorável ao mais esperto, uma luta de interesses em que as mais santas afeições são calcadas sob os pés,

⁹³ **Emmanuel:** segundo informações, que teriam sido fornecidas pelo médium Francisco Cândido Xavier, o Espírito Emmanuel, que assina algumas mensagens neste Evangelho, é o mesmo que há mais de sessenta anos vem se comunicando pelo insigne médium, e teria participado da equipe de espíritos que orientaram Kardec durante suas atividades na Terra. (N.T.)

⁹⁴ **Joio:** erva que cresce nas plantações de trigo, chegando a atingir 80 cm de altura e cujas espigas possuem um princípio tóxico. Figuradamente, a expressão **separar o joio do trigo** significa retirar as coisas daninhas, ruins, que surgem entre as boas e as que prejudicam. (N.T.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

em que nem mesmo os sagrados laços da família são respeitados. (*Pascal*.⁹⁵ Sens, 1862.)

A FÉ E A CARIDADE

13. Meus queridos filhos, recentemente eu vos disse que a caridade sem a fé não é suficiente para manter entre os homens uma ordem social capaz de torná-los felizes. Eu devia dizer que a caridade é impossível sem a fé. Na verdade, podereis encontrar impulsos generosos mesmo em uma pessoa que não tenha religião, mas essa caridade austera, que só se exerce pela abnegação, pelo sacrifício constante de todo interesse egoísta, somente a fé poderá inspirá-la, porque é ela quem nos faz carregar a cruz desta vida com coragem e perseverança.

Sim, meus filhos, é inútil que o homem, desejoso de prazeres, queira se iludir quanto ao seu destino na Terra, afirmando que lhe é permitido ocupar-se apenas da sua felicidade. É certo que Deus nos cria para sermos felizes na eternidade, portanto a vida terrestre deve servir unicamente para o nosso aperfeiçoamento moral, que se conquista mais facilmente com a ajuda dos órgãos físicos e do mundo material. Sem considerar as vicissitudes comuns da vida, a diversidade de vossos gostos, das tendências e das necessidades são também um meio de vos aperfeiçoardes, exercitando-vos na caridade, porquanto só à custa de concessões e de sacrifícios mútuos podereis manter a harmonia entre elementos tão diferentes.

⁹⁵ **Pascal, Blaise** : geômetra, físico, filósofo e escritor francês, nasceu em Clermont-Ferrand, em 1623, e desencarnou em Paris, em 1662. Aos doze anos descobriu, sem o auxílio de nenhum livro, as primeiras proposições de geometria de Euclides; aos dezesseis escreveu um tratado das seções cônicas que admirou Descartes, aos dezoito inventou uma máquina de calcular. Escreveu também trabalhos sobre o vácuo e sobre o cálculo das possibilidades. Após um período mundano, Pascal se converteu, na noite de 23 de novembro de 1654, e se retirou para Port-Royal des Champs, onde levou uma vida de virtudes e rigorosa moral. Um dos maiores pensadores do seu tempo, Pascal morreu antes de haver concluído uma apologia de religião cristã, cujos fragmentos foram publicados sob o nome de *Pensamentos*. (N.T. conforme o *Dictionnaire Encyclopédique Nouveau Petit Larousse Illustré*.)

XI. Amar o Próximo Como a Si Mesmo

Tendes razão, entretanto, afirmando que a felicidade está destinada ao homem na Terra, se vós a procurardes no bem e não nos prazeres materiais. A história da cristandade fala de mártires que foram com alegria para o suplício. Atualmente, na vossa sociedade, não é preciso o holocausto do martírio nem o sacrifício da vida para ser cristão, mas única e simplesmente o sacrifício do vosso egoísmo, do vosso orgulho e da vossa vaidade. Se a caridade vos inspirar e se a fê vos sustentar, sereis vencedores. (*Espírito protetor*. Cracóvia, 1861.)

CARIDADE PARA COM OS CRIMINOSOS

14. A verdadeira caridade é um dos mais sublimes ensinamentos que Deus deu ao mundo. Entre os verdadeiros discípulos da sua doutrina deve existir uma fraternidade completa. Deveis amar os infelizes, os criminosos, como criaturas de Deus, às quais o perdão e a misericórdia serão concedidos, se eles se arrependem, assim como para vós mesmos, pelas faltas que cometeis contra a sua lei. Pensai que sois mais merecedores de repreensão, mais culpados do que eles, a quem recusais o perdão e a comiseração, porque muitas vezes eles não conhecem Deus como vós conheceis, e a eles será pedido muito menos do que a vós.

Não julgueis, oh! não julgueis, meus queridos amigos, porque o julgamento que aplicardes vos será aplicado mais severamente ainda, e tereis necessidade de indulgência para os pecados que incessantemente cometeis. Não sabeis que há muitas ações que o mundo não considera nem como faltas leves e que são crimes aos olhos do Deus de pureza?

A verdadeira caridade não consiste apenas na esmola que dais, nem mesmo nas palavras de consolação que acrescenteis a ela, não, não é somente isso que Deus exige de vós. A caridade sublime, ensinada por Jesus, consiste também na benevolência concedida sempre, e em todas as coisas, para o vosso próximo. Podeis ainda exercer essa sublime virtude com muitas pessoas

O Evangelho Segundo o Espiritismo

que não necessitam de esmolas, e que as palavras de amor, de consolação e de encorajamento conduzirão ao Senhor.

Ainda vos digo que estão próximos os tempos em que a grande fraternidade reinará sobre a Terra; os homens serão regidos pela lei do Cristo, que será o freio e a esperança e conduzirá as almas para as moradas bem-aventuradas. Amai-vos, pois, como filhos de um mesmo pai; não façais diferenças entre os outros infelizes porque é Deus que deseja que todos sejam iguais; não desprezeis ninguém. Deus permite que grandes criminosos estejam entre vós a fim de vos servirem de ensinamento. Brevemente, quando os homens forem levados a praticar as verdadeiras leis de Deus, não haverá mais necessidade desses ensinamentos, *e todos os espíritos impuros e revoltados serão dispersados pelos mundos inferiores, de acordo com as suas tendências.*

Deveis àqueles de quem vos falo o socorro das vossas preces: essa é a verdadeira caridade. Não deveis dizer de um criminoso: “É um miserável, é preciso extirpá-lo da Terra, a morte imposta a ele é muito branda para um ser dessa espécie”. Não, não é assim que deveis falar. Olhai vosso modelo, que é Jesus. Que diria ele se visse esse infeliz ao seu lado? Com certeza o lamentaria, iria considerá-lo como um doente bem infeliz e lhe estenderia a mão. Na realidade não podeis fazer o mesmo, mas, pelo menos, podeis rezar por ele, assistir seu espírito durante os instantes que ainda deve passar sobre a vossa Terra. O arrependimento pode chegar ao seu coração, se fizerdes as vossas orações com fé. Ele é vosso próximo tanto quanto o melhor dentre os homens; sua alma, transviada e revoltada, foi criada, como a vossa, para se aperfeiçoar. Ajudai-o, pois, a sair do lamaçal, e rogai por ele. (*Elisabeth de França*.⁹⁶ Havre, 1862.)

⁹⁶ **Elisabeth de França**: chamava-se Elisabeth-Philippine-Marie-Helène; nasceu no palácio de Versailles em 1764; era filha do Delfim Luís e de Maria Josephina de Laxe e irmã de Luís XVI. Ficou órfã aos três anos e viveu sempre ao lado de seu irmão. Foi aprisionada juntamente com a família real, e depois da execução de Maria Antonieta, esposa de Luís XVI, passou a cuidar de sua sobrinha da qual, mais tarde, foi separada ao ser enviada para a Conciergerie, célebre prisão situada no Palácio da Justiça de Paris. Condenada pelo tribunal revolucionário, foi decapitada no dia 10 de maio de 1794. (N.T.)

XI. Amar o Próximo Como a Si Mesmo

DEVE-SE EXPOR A VIDA POR UM MALFEITOR?

15. Um homem está em perigo de morte; para salvá-lo é preciso expor a própria vida; sabe-se, porém, que esse homem é um malfeitor, e que, se escapar da morte, poderá cometer novos crimes. Deve-se, apesar disso, arriscar a vida para salvá-lo?

— Essa é uma questão muito grave e que naturalmente pode se apresentar ao espírito. Responderei de acordo com o meu adiantamento moral, pois que se trata de saber se devemos expor a nossa vida, mesmo por um malfeitor. O devotamento é cego: socorre-se um inimigo, deve-se, portanto, socorrer um inimigo da sociedade, numa palavra, um malfeitor. Acreditais que é somente da morte que se vai arrancar esse desgraçado? É talvez de toda a sua vida passada. Porque, pensai, nesses rápidos instantes que lhe arrebatam os últimos minutos da vida, o homem, perdido, volta-se sobre a sua existência passada, ou melhor, ela se ergue diante dele. Talvez a morte chegue muito cedo para ele; a reencarnação poderá ser-lhe terrível. Ide, portanto, homens! Vós a quem a ciência espírita esclareceu, ide, arrancai-o da sua condenação, e então, esse homem, que seria morto blasfemando contra vós, se jogará em vossos braços. No entanto, não deveis perguntar se ele o fará ou não, mas ir em seu socorro, porquanto, salvando-o, obedecereis a essa voz do coração que nos diz: “Se podes salvá-lo, salva-o”! (*Lamennais*.⁹⁷ Paris, 1862.)



⁹⁷ **Félicité de Lamennais:** filósofo e teólogo francês, nascido em Saint-Malo, em 1782, desencarnou em Paris, em 1854. Ordenou-se sacerdote em 1816 e foi um grande apologista do princípio teocrático (forma de governo em que a autoridade, emanada de Deus, ou dos deuses, é exercida por seus representantes na Terra, que possuem assim um poder absoluto sobre a vida privada, do mesmo modo que sobre a pública.) Posteriormente, tornou-se apóstolo das doutrinas revolucionárias, passando pelo liberalismo católico. A primeira fase da sua vida foi marcada por sua obra *Ensaio sobre a Indiferença em Matéria de Religião* e a última por *Palavras de um Crente*. Lamennais, escritor brilhante, também foi um pensador enérgico. Condenado à prisão em 1840, foi eleito para a Assembleia Nacional em 1848. Atendendo à sua vontade, seu corpo foi sepultado entre os pobres. (N.T.)



CAPÍTULO XII

AMAI OS VOSSOS INIMIGOS

- RETRIBUIR O MAL COM O BEM
- OS INIMIGOS DESENCARNADOS
- SE ALGUÉM VOS BATER NA FACE DIREITA,
APRESENTAI-LHE TAMBÉM A OUTRA

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS:

- A VINGANÇA
- O ÓDIO
- O DUELO

RETRIBUIR O MAL COM O BEM

1. *“Aprendestes o que foi dito: Amareis o vosso próximo e odiareis os vossos inimigos. Eu, porém, vos digo: Amai vossos inimigos, fazei o bem àqueles que vos odeiam e orai por aqueles que vos perseguem e vos caluniam, a fim de que sejais os filhos do vosso Pai que está nos céus, que faz o Sol se erguer sobre os bons e sobre os maus, e faz chover sobre os justos e os injustos; porquanto, se amais apenas aqueles que vos amam, que recompensa tereis? Os publicanos também não fazem o mesmo? E se saudardes somente os vossos irmãos, o que fazeis mais do que os outros? Os gentios também não agem assim? Eu vos digo que, se a vossa justiça não for maior que a dos escribas e dos fariseus, não entrareis no reino dos céus.”*
(Mateus, V: 43 a 48, e 20.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

2. ***“Se amais somente os que vos amam, que mérito tereis? Porquanto os homens de má vida também amam aqueles que os amam. Se fizerdes o bem apenas aos que vos fazem bem, que mérito tereis? Os homens de má vida fazem a mesma coisa. E se vós só emprestardes àqueles de quem esperais receber o mesmo favor, que mérito tereis? Os homens de má vida emprestam uns aos outros para receber a mesma vantagem. Quanto a vós, amai os vossos inimigos, fazei o bem a todos e emprestai sem nada esperar, e então a vossa recompensa será grande, e sereis filhos do Altíssimo, porque ele é bom para os ingratos e mesmo para os maus. Sede, pois, misericordiosos, assim como vosso Deus é misericordioso.”*** (Lucas, VI: 32 a 36.)

3. Se o amor ao próximo é o princípio da caridade, amar os inimigos é a sua aplicação sublime, porque essa virtude é uma das maiores vitórias alcançadas sobre o egoísmo e o orgulho.

Entretanto, geralmente nos equivocamos quanto ao sentido da palavra *amar*, utilizada nesse ensinamento; Jesus não quis dizer que se deve ter por um inimigo a ternura que se tem por um irmão ou por um amigo. A ternura pressupõe confiança; ora, não se pode ter confiança naquele que se sabe que nos quer mal; não se pode ter com ele expansões de amizade, porque sabemos que ele é capaz de abusar delas. Entre pessoas que suspeitam umas das outras, não poderia haver as manifestações de simpatia que existem entre aquelas que estão em comunhão de pensamentos; não se pode, enfim, sentir, ao encontrar com um inimigo, o mesmo prazer que se sente ao encontrar com um amigo.

Esse sentimento resulta de uma lei física: a da assimilação e da repulsão dos fluidos. O pensamento malévolos dirige uma corrente fluídica cuja impressão é penosa; o pensamento bom nos envolve com uma emanção agradável; daí decorre a diferença de sensações que se experimenta com a aproximação de um amigo ou de um inimigo. Amar seus inimigos não pode, pois, significar

XII. Amai os Vossos Inimigos

que não se deva fazer nenhuma diferença entre eles e os amigos; se esse preceito parece difícil, impossível mesmo de praticar, é porque se acredita, erradamente, que ele recomenda que se dê ao inimigo o mesmo lugar que se dá ao amigo no coração. Se a pobreza da linguagem humana nos obriga a utilizar a mesma palavra, para exprimir diversas modalidades de sentimentos, a razão deve nos levar a, segundo o caso, fazer a diferença.

Amar os inimigos, portanto, não é ter por eles uma afeição que não é natural, uma vez que o contato com um inimigo faz o coração bater de uma forma totalmente diferente da que ocorre ao contato com um amigo. Amar os inimigos é não ter contra eles nem ódio, nem rancor, nem desejo de vingança; é perdoar-lhes *sem segundas intenções e sem restrições* o mal que nos fizeram; é não colocar nenhum obstáculo à reconciliação; é desejar-lhes o bem em lugar do mal; é ficar alegre, em vez de triste, com o bem que lhes aconteça; é estender-lhes a mão para socorrê-los em caso de necessidade; é evitar, *por palavras ou ações*, tudo o que possa prejudicá-los; é, enfim, retribuir-lhes o mal com o bem, *sem intenção de humilhá-los*. Aquele que assim proceder cumpre plenamente o mandamento: “*Amai os vossos inimigos*”.

4. Para o incrédulo, amar os inimigos é um absurdo; aquele para quem a vida presente é tudo, vê em seu inimigo apenas um ser nocivo perturbando a sua tranquilidade e, do qual, segundo ele acredita, só a morte pode livrá-lo. Daí, o desejo de vingança; não há nenhum interesse em perdoar, se não for para satisfazer o seu orgulho aos olhos do mundo; perdoar mesmo, em certos casos, parece-lhe uma fraqueza indigna dele. Ainda que não se vingue, não deixará de sentir rancor nem o desejo oculto do mal.

Para o crente, mas para o espírita principalmente, a maneira de ver é totalmente diferente porque ele lança o seu olhar para o passado e para o futuro, entre os quais a vida presente não é mais que um ponto. Ele sabe que, pela própria destinação

O Evangelho Segundo o Espiritismo

da Terra, deve se preparar para ali encontrar homens maus e perversos; que as maldades às quais está exposto fazem parte das provas que deve sofrer, e que o elevado ponto de vista em que se coloca torna as vicissitudes menos amargas para si, venham elas dos homens ou das coisas; *se não se queixa contra as provas, não se deve queixar contra aqueles que lhes servem de instrumento*. Se, em vez de se lamentar, agradece a Deus por submetê-lo às provas, *deve agradecer a mão que lhe possibilita a oportunidade de demonstrar sua paciência e sua resignação*. Esse pensamento o predispõe naturalmente ao perdão, por outro lado ele sente que, quanto mais generoso for, mais crescerá aos seus próprios olhos e mais longe ficará do alcance da ação malévola dos seus inimigos.

O homem que ocupa uma posição elevada no mundo não se considera ofendido pelos insultos daquele que ele olha como seu inferior; assim acontece com os que se elevam no mundo moral acima da humanidade material; eles compreendem que a raiva e o rancor os aviltariam e rebaixariam; ora, para ser superior ao seu adversário, é preciso que tenha a alma maior, mais nobre e mais generosa.

OS INIMIGOS DESENCARNADOS

5. O espírito ainda tem outros motivos de indulgência para com os seus inimigos. Antes de tudo ele sabe que a maldade não é o estado permanente do homem, que ela advém de uma imperfeição momentânea, e que, assim como a criança se corrige dos seus defeitos, o homem mau um dia reconhecerá os seus erros e se tornará bom.

Sabe ainda que a morte apenas o livra da presença material do seu inimigo; que pode continuar a persegui-lo com seu ódio, mesmo após haver deixado a Terra; que a vingança não atinge o seu objetivo, pois, ao contrário, ela produz uma irritação maior,

XII. Amai os Vossos Inimigos

que pode se estender de uma existência a outra. Competia ao Espiritismo provar, pela experiência e pela lei que rege as relações entre o mundo visível e o invisível, que a expressão “*extinguir o ódio com o sangue*” é radicalmente falsa, e que a verdade é que o sangue sustenta o ódio, mesmo no além-túmulo. Por consequência, cabia-lhe, também, dar uma razão de ser efetiva e uma utilidade prática ao perdão e à sublime afirmativa do Cristo: “*Amai os vossos inimigos*”. Não existe um coração tão perverso que não seja tocado pelas boas ações, mesmo sem o saber. As boas ações, pelo menos, não dão pretexto a represálias; de um inimigo pode-se fazer um amigo, antes e depois da morte. Com as más ações se irrita o inimigo, *e é então que ele serve de instrumento à justiça de Deus para punir aquele que não perdoou.*

6. Pode-se, portanto, ter inimigos entre os encarnados e entre os desencarnados; os inimigos do mundo invisível manifestam a sua malevolência pelas obsessões e subjugações, às quais tantas pessoas estão expostas, e que são uma variedade nas provas da vida; essas provas, como as outras, ajudam o desenvolvimento e devem ser aceitas com resignação, como consequência da natureza inferior do globo terrestre. Se não existissem homens maus sobre a Terra, não haveria espíritos maus ao redor da Terra. Portanto, se devemos usar de indulgência e de benevolência para com os nossos inimigos encarnados, devemos proceder igualmente com aqueles que são desencarnados.

Em tempos passados, sacrificavam-se vítimas sangrentas para apaziguar os deuses infernais, que eram simplesmente maus espíritos. Aos deuses infernais sucederam os demônios, que são a mesma coisa. O Espiritismo veio provar que esses demônios nada mais são que as almas dos homens perversos, que ainda não estão despojados dos instintos materiais, *e que somente podem ser pacificados com a renúncia ao ódio, isto é, pela caridade*; que a prática da caridade não tem como consequência simplesmente

O Evangelho Segundo o Espiritismo

impedi-los de fazer o mal, mas conduzi-los pelo caminho do bem e contribuir para a sua salvação. É assim que a máxima: “*Amai os vossos inimigos*” não está destinada unicamente à Terra e à vida atual, ela está inserida na grande lei da solidariedade e fraternidade universais.

SE ALGUÉM VOS BATER NA FACE DIREITA, APRESENTAI-LHE TAMBÉM A OUTRA

7. *“Aprendestes o que foi dito: ‘Olho por olho, dente por dente’. Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal que vos queiram fazer; mas se alguém vos bater na face direita, apresentai-lhe também a outra. Se alguém quer entrar em litígio contra vós para tomar a vossa túnica, entregai-lhe também a capa. E se alguém quer vos obrigar a dar mil passos com ele, dai ainda mais dois mil. Dai àquele que vos pede e não volteis as costas a quem vos quer pedir emprestado.”* (Mateus, V: 38 a 42.)

8. Os preconceitos do mundo, sobre o que se convencionou chamar *ponto de honra*, são os responsáveis por essa suscetibilidade sombria, nascida do orgulho e da exaltação da personalidade que leva o homem a retribuir uma injúria com outra injúria, um golpe com outro, o que parece perfeitamente justo para aquele em quem o senso moral não se eleva acima das paixões terrestres. É por isso que a lei mosaica dizia: *olho por olho, dente por dente*, de acordo com a época em que Moisés vivia. Mas Cristo veio e disse: “Retribuí o mal com o bem”. E disse mais: “Não resistais ao mal que quiserem vos fazer, se vos baterem em uma face, apresentai a outra”. Para o orgulhoso, essas palavras parecem um ato de covardia, pois ele não compreende que haja mais coragem no fato de se suportar um insulto do que em vingar-se dele, e isso sempre acontece porque a sua visão não consegue ir além do presente. Deve-se, entretanto, tomar essas palavras ao pé da letra? Não, nem aquelas que dizem para arrancar o olho se ele for motivo do escândalo. Se fossem obedecidas literalmente, isso seria

XII. Amai os Vossos Inimigos

condenar toda repressão, mesmo legal, e deixar o campo livre aos maus, tirando-lhes qualquer receio; se não se impedissem as suas agressões, muito em breve os bons seriam suas vítimas. O próprio instinto de conservação, que é uma lei da Natureza, diz que não devemos entregar complacentemente o pescoço ao assassino. Por essas palavras, Jesus não proibiu a defesa, mas condenou a vingança. Dizendo para oferecermos uma face quando a outra foi atingida, ele quis dizer, sob uma outra forma, que não se deve pagar o mal com o mal; que o homem deve aceitar com humildade tudo o que tende a diminuir o seu orgulho; que é mais glorioso para ele ser ferido do que ferir; suportar pacientemente uma injustiça do que cometê-la; ser enganado do que enganar; ser arruinado do que causar a ruína dos outros. É, ao mesmo tempo, a condenação do duelo, que é apenas uma manifestação do orgulho.

Só a fê na vida futura e na justiça de Deus, que jamais deixa o mal sem punição, pode dar forças para suportar pacientemente os golpes aplicados nos nossos interesses e no nosso amor-próprio. Esta é a razão por que dizemos incessantemente: *Voltai os vossos olhares para a frente; quanto mais vos elevardes pelo pensamento acima da vida material, menos sereis machucados pelas coisas da Terra.*

— INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS —

A VINGANÇA

9. A vingança é um último destroço abandonado pelos costumes bárbaros, que tendem a desaparecer dentre os homens. Ela é, como o duelo,⁹⁸ um dos últimos vestígios desses costumes

⁹⁸ **Duelo:** combate entre dois adversários, no qual um deles exigia do outro, pelas armas, a reparação de uma ofensa. A pistola, a espada e o sabre, este para os militares, eram as armas admitidas no duelo. Os duelistas deveriam ter de 21 a 60 anos; com menos de 21, o duelo era proibido e com mais de 60, facultativo. Cada combatente tinha duas testemunhas e entre elas era escolhido o diretor do combate. As testemunhas também eram encarregadas de redigir as atas, relatando o transcorrer do duelo, e de decidir se ele terminaria ao primeiro sinal de sangue ou se continuaria, depois de ouvido o parecer dos médicos sobre a situação do ferido. (N.T.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

selvagens sob os quais se debatia a humanidade no começo da Era Cristã. Eis por que a vingança é um indício certo do estado atrasado dos homens que a ela se entregam, e dos espíritos que ainda podem inspirá-la. Portanto, meus amigos, esse sentimento não deve jamais fazer vibrar o coração de todo aquele que se diga espírita. A prática da vingança é, vós o sabeis, totalmente contrária a esta prescrição do Cristo: *“Perdoai aos vossos inimigos,”* e aquele que se recusa a perdoar não só não é espírita, como também não é cristão.

A vingança é uma inspiração funesta, tanto mais que tem como companheiras assíduas a falsidade e a baixeza; efetivamente, aquele que se entrega a essa fatal e cega paixão jamais se vinga a céu aberto. Quando é o mais forte, lança-se como um animal bravo sobre aquele a quem chama seu inimigo, no momento em que a presença deste último vem agravar sua paixão, sua cólera e sua raiva. Muitas vezes, porém, ele reveste uma aparência hipócrita, dissimulando, no mais íntimo do seu coração, os maus sentimentos que o animam. Toma caminhos escusos e, sem que seu inimigo desconfie, segue-o, às escondidas, esperando o momento propício para feri-lo, sem correr nenhum risco. Ocultando-se de seu inimigo, fica a observá-lo incessantemente, prepara-lhe ciladas odiosas e, surgindo a oportunidade, coloca veneno no seu copo.

Quando o seu ódio não chega a esse ponto, ele então ataca o inimigo em sua honra e em suas afeições, não se detendo diante da calúnia. Suas insinuações pérfidas, habilmente difundidas por toda a parte, vão aumentando pelo caminho, e assim, quando aquele a quem persegue se apresenta nos lugares onde semeou suas mentiras venenosas, admira-se ao deparar com expressões frias onde outrora encontrava rostos amigos e benevolentes, surpreende-se quando mãos, que procuravam a sua, agora recusam-se a apertá-la; enfim, sente-se humilhado quando seus amigos mais queridos e seus parentes se afastam e fogem dele. Ah! o covarde que assim se vinga é cem vezes mais culpado que aquele que vai direto ao seu inimigo e o insulta à vista de todos.

XII. Amai os Vossos Inimigos

Para trás, portanto, com esses costumes selvagens! Para trás com esses hábitos de outros tempos. Todo espírito que atualmente ainda pretendesse ter o direito de se vingar seria indigno de participar por mais tempo da falange que tem por lema: *Fora da caridade, não há salvação!* Mas não, eu não saberia me prender a semelhante ideia, a de que um membro da grande família espírita pudesse, um dia, ceder ao impulso da vingança em lugar de perdoar. (*Jules Olivier*. Paris, 1862.)

O ÓDIO

10. Amai-vos uns aos outros e sereis felizes. Dedicai-vos principalmente à tarefa de amar aqueles que vos inspiram indiferença, ódio e desprezo. O Cristo, de quem deveis fazer o vosso modelo, deu-vos o exemplo desse devotamento; missionário do amor, ele amou até dar seu sangue e sua vida. O sacrifício que vos obriga a amar aqueles que vos ofendem e perseguem é penoso, mas é precisamente o que vos torna superior a eles. Se vós os odiásseis como eles vos odeiam, teríeis o mesmo valor que eles; essa é a hóstia sem mácula ofertada a Deus no altar dos vossos corações, hóstia de agradável perfume, cujas fragrâncias sobem até ele. Ainda que a lei do amor queira que se ame indistintamente a todos os nossos irmãos, ela não consegue tornar o coração insensível aos maus procedimentos; essa é, ao contrário, a prova mais penosa, bem o sei, porquanto, durante a minha última existência na Terra, experimentei essa tortura; mas Deus está lá, e pune nesta vida e na outra aqueles que falham com a lei do amor. Meus queridos filhos, não vos esqueçais de que o amor nos aproxima de Deus, enquanto o ódio nos afasta dele. (*Fénelon*. Bordeaux, 1861.)

O DUELO

11. Verdadeiramente grande só é aquele que, encarando a vida como uma viagem que deve conduzi-lo a um objetivo, não se deixa perturbar pelas dificuldades do caminho e jamais se afasta, por

O Evangelho Segundo o Espiritismo

um instante que seja, do rumo certo. Com o olhar incessantemente dirigido para a meta que deseja alcançar, pouco lhe importa que as dificuldades e os espinhos do caminho possam arranhá-lo, eles apenas roçam nele, levemente, sem o ferirem, sem o impedirem de continuar sua caminhada. Arriscar seus dias para vingar-se de uma injúria é recuar diante das provas da vida; é sempre um crime aos olhos de Deus, e se não estivésseis tão iludidos, como estais, pelos vossos preconceitos, veríeis isso como uma ridícula e suprema loucura aos olhos dos homens.

O homicídio cometido por duelo é crime, a vossa própria legislação o reconhece. Ninguém tem o direito, em hipótese alguma, de atentar contra a vida de seu semelhante. É crime aos olhos de Deus, que traçou a vossa linha de conduta; neste caso, mais do que em qualquer outro, sois juízes em causa própria. Lembrai-vos de que sereis perdoados de acordo com o que vós mesmos tiverdes perdoado; pelo perdão aproximai-vos da Divindade, porquanto a clemência é irmã do poder. Enquanto uma gota de sangue humano correr sobre a Terra pelas mãos dos homens, o verdadeiro reino de Deus ainda não terá chegado, esse reino de pacificação e de amor que deve banir do vosso globo, para sempre, a animosidade, a discórdia, a guerra. Então a palavra duelo só existirá na vossa língua como uma antiga e vaga lembrança de um passado que não existe mais; os homens não conhecerão outro antagonismo entre eles que a nobre rivalidade do bem. (*Adolpho, bispo de Alger. Marmande, 1861*).

12. O duelo, em certos casos, pode ser uma prova de coragem física, de desprezo pela vida, mas é, incontestavelmente, assim como o suicídio, uma prova de covardia moral. O suicida não tem coragem de enfrentar os reveses da vida, o duelista não tem coragem de enfrentar as ofensas. Cristo não vos disse que é uma demonstração de maior honra e coragem o ato de oferecer a face esquerda àquele que bateu na direita do que em vingar uma injúria? Cristo não disse a Pedro, no Jardim das Oliveiras:

XII. Amai os Vossos Inimigos

“Recoloca a tua espada na bainha, porque aquele que matar com a espada morrerá pela espada”? Com essas palavras, Jesus não condenou o duelo para sempre? De fato, meus filhos, o que é então essa coragem nascida de um temperamento violento, sanguinário e colérico, que diante da primeira ofensa reage bradando? Onde, pois, está a grandeza da alma daquele que, à menor injúria, quer lavá-la com sangue? Que ele trema porque, no fundo da sua consciência, uma voz sempre lhe perguntará: “Caim, Caim, que fizeste do teu irmão”? E ele responderá a essa voz: “Foi necessário sangue para salvar a minha honra”. Mas ela retrucará: Tu quiseste salvá-la diante dos homens por alguns instantes que te restam para viver sobre a Terra, e não pensaste em salvá-la diante de Deus? Pobre louco! Quanto sangue então Cristo vos pediria por todos os ultrajes que recebeu! Não somente o haveis ferido com espinhos e a lança, não somente o haveis colocado na cruz infamante, mas ainda, no meio da sua agonia, ele pôde ouvir as zombarias que lhe foram dirigidas. Que reparação, depois de tantos ultrajes, ele vos pediu? O último grito do cordeiro foi uma prece pelos seus carrascos. Oh! como ele, perdoai e rogai por aqueles que vos ofendem.

Amigos, lembrai-vos destas palavras: “Amai-vos uns aos outros,” e então, ao receberdes um golpe motivado pelo ódio, retribuireis com um sorriso, e ao insulto, com o perdão. Certamente, o mundo se levantará furioso e vos considerará covardes; levantai a cabeça bem alto, e mostrai então que a vossa frente, também ela, não temeria carregar-se de espinhos, segundo o exemplo dado por Cristo; mas que a vossa mão não quer ser cúmplice de uma morte, que o orgulho e o amor-próprio, revestidos de uma falsa aparência de honra, autorizam. Quando Deus vos criou, ele vos deu o direito de vida e de morte, uns sobre os outros? Não, ele deu esse direito somente à Natureza, para se reformar e se reconstruir; quanto a vós, nem mesmo vos foi permitido dispor de vós mesmos. Da mesma forma que o suicida,

O Evangelho Segundo o Espiritismo

o duelista estará manchado de sangue quando chegar a Deus e, tanto para um quanto para outro, o Soberano Juiz prepara rudes e longos castigos. Se ele ameaça com a sua justiça aquele que diz *raca* a seu irmão, quanto mais severa não será a pena para aquele que comparece diante dele com as mãos sujas do sangue do seu irmão. (*Santo Agostinho*. Paris, 1862.)

13. O duelo — assim como o que antigamente se denominava o *Julgamento de Deus*,⁹⁹ — é uma dessas instituições bárbaras que ainda regem a sociedade. O que diríeis, entretanto, se vísseis os dois antagonistas serem mergulhados em água fervente ou submetidos ao contato de um ferro em brasa para decidir a sua pendência, e a razão ser dada ao que melhor sofresse a sua prova? Por certo chamaríeis esses costumes de insensatos. O duelo é ainda pior que tudo isso. Para o duelista experiente, é um assassinato cometido a sangue-frio com toda a premeditação desejada; para o adversário, que está quase certo de que vai morrer, em razão da sua fraqueza e da sua falta de habilidade, é um suicídio cometido com a mais fria reflexão. Sei que muitas vezes se procura, para se evitar essa alternativa igualmente criminosa, entregar o fato ao acaso; mas então isso não é o mesmo que, sob uma outra forma, voltar ao *Julgamento de Deus* da Idade Média? E naquela época era-se infinitamente menos culpado; o próprio nome, *Julgamento de Deus*, indica uma fé, ingênua, isso é verdade, mas uma fé na justiça de Deus que não

⁹⁹ **Julgamento de Deus:** eram assim chamadas as provas extraordinárias às quais se recorria, quando faltavam as provas materiais, para comprovar a inocência ou a culpabilidade de um acusado. Tais provas consistiam em se mergulhar o braço em uma vasilha com água fervendo, ou em pegar, com a mão, uma barra de ferro em brasa ou, ainda, ficar com os braços elevados em cruz. Aquele que permanecesse mais tempo nessa posição ganhava a causa e era considerado inocente. Uma outra prova, também denominada *Julgamento de Deus*, era o *duelo judiciário*, que esteve em vigor do século X ao XII, e no qual, dos dois adversários, o vencedor era proclamado inocente. Só aos homens livres e aos nobres era permitido comprovar a sua inocência, diante de uma acusação, por meio do duelo, ou provocar um adversário. Pouco a pouco foram desaparecendo esses tipos de julgamento em que a razão e a equidade eram substituídas por um capricho da sorte. (N.T. de acordo com o *Dictionnaire Encyclopédique Nouveau Petit Larousse Illustré*.)

XII. Amai os Vossos Inimigos

podia deixar que um inocente morresse, enquanto que no duelo tudo depende da força bruta, de tal maneira que, frequentemente, quem morre é o ofendido.

O estúpido amor-próprio, a tola vaidade e o louco orgulho... quando serão substituídos pela caridade cristã, o amor ao próximo e a humildade de que o Cristo nos deu o exemplo e o ensinamento? Só então desaparecerão esses preconceitos monstruosos que ainda dominam os homens, e que as leis são impotentes para reprimir, porquanto não é suficiente proibir o mal e prescrever o bem, é preciso que o germe do bem e o horror ao mal estejam no coração do homem. (*Um espírito protetor*. Bordeaux, 1861.)

14. Que irão pensar de mim, dizeis muitas vezes, se eu me recusar a reparar o que me é cobrado, ou se não exigir reparação de quem me ofendeu? Os loucos, como vós, os homens atrasados, vos censurarão; mas aqueles que são iluminados pela luz do progresso intelectual e moral dirão que procedestes segundo a verdadeira sabedoria. Refleti um pouco; por uma palavra dita por um de vossos irmãos, muitas vezes impensadamente ou até mesmo inofensiva, vosso orgulho se sente ferido, respondeis a ele de uma forma agressiva, e daí surge uma provocação. Antes de chegar ao momento decisivo, indagai de vós se agistes como um cristão. Se privardes a sociedade de um dos seus membros, que contas prestareis a ela? Pensastes no remorso que ireis sentir por tirardes de uma mulher o seu marido, de uma mãe o seu filho, dos filhos o seu pai e o seu sustento? Certamente, aquele que ofende deve uma reparação ao ofendido, e não é mais honroso para ele dá-la espontaneamente pelo reconhecimento dos erros praticados do que expor a vida daquele que tem o direito de se queixar? Quanto ao ofendido, é preciso reconhecer que, muitas vezes, ele pode ter sido gravemente atingido, tanto em sua pessoa quanto em relação àqueles que lhe são caros. Não é somente o amor-próprio que está em jogo, o coração está ferido, sofre. Mas, além de ser estúpido arriscar sua vida contra um miserável capaz

O Evangelho Segundo o Espiritismo

de cometer uma infâmia, será que ele sendo morto, a infâmia que ele cometeu, qualquer que seja, deixa de existir? O sangue derramado não dá mais valor a um fato que, sendo falso, deve desaparecer por si mesmo, e que, se for verdadeiro, deve ser oculto pelo silêncio? Portanto, nada restará além da satisfação da vingança saciada; porém, triste satisfação esta que muitas vezes, ainda nesta vida, deixa dolorosos remorsos! E se é o ofendido que morre, onde está a reparação?

Quando a regra de conduta dos homens for a caridade, eles ajustarão seus atos e suas palavras a este ensinamento: “*Não faças aos outros o que não desejas que os outros te façam,*” aí então todas as causas de desentendimentos desaparecerão, e com elas os motivos para os duelos e para as guerras, que nada mais são que duelos entre povos. (*Francisco Xavier*.¹⁰⁰ Bordeaux, 1861.)

15. O homem do mundo, o homem feliz, que, por uma palavra ofensiva, um motivo pouco importante, arrisca a vida que Deus lhe deu, arrisca a vida de seu semelhante que só pertence a Deus, esse é cem vezes mais culpado que o miserável que, dominado pela cobiça, por uma necessidade qualquer, introduz-se em uma casa para ali roubar o que deseja e mata aqueles que se opõem à sua deliberação. Este último quase sempre é um homem sem educação, que tem apenas noções imperfeitas do bem e do mal, enquanto que o duelista quase sempre pertence à classe mais esclarecida; um mata brutalmente, o outro, com método e polidez, o que faz com que a sociedade o desculpe. Digo mesmo que o duelista é infinitamente mais culpado que o infeliz que, atendendo a um sentimento de vingança, mata em um momento de desespero. O duelista não tem como desculpa o envolvimento da

¹⁰⁰ **Francisco Xavier:** conhecido como Apóstolo das Índias, amigo e discípulo de Inácio de Loyola, nasceu no castelo de Xavier, em Navarra, no ano de 1506. Célebre por suas numerosas missões na Ásia Oriental e Japão, onde esteve a serviço de Portugal. Em 1542 foi para a Índia, chegando a Goa, antiga colônia portuguesa, nos primeiros dias de maio. Desencarnou naquela cidade em 1552, sendo ali sepultado. (N.T.)

XII. Amai os Vossos Inimigos

paixão, porque entre o insulto e a reparação sempre há tempo para refletir; portanto, ele age friamente e com resolução premeditada; tudo é calculado e estudado para mais seguramente eliminar o seu adversário. É certo que ele também expõe a sua vida, e é isso que reabilita o duelo aos olhos do mundo, porque nele se vê um ato de coragem e de desprezo pela própria vida. Porém, haverá verdadeira coragem naquele que está seguro de si? O duelo, herança dos tempos bárbaros, onde o direito do mais forte fazia a lei, irá desaparecer mediante uma apreciação mais íntegra do verdadeiro ponto de honra, e à medida que o homem tiver uma fé mais viva na vida futura. (*Agostinho*. Bordeaux, 1861.)

16. Nota: Os duelos se tornaram cada vez mais raros, e se, de tempos em tempos, ainda se veem alguns dolorosos exemplos, o número deles não tem comparação com o que ocorria antigamente. Naqueles tempos um homem não saía de casa sem prever um encontro, assim sendo sempre tomava as suas precauções. Um sinal característico dos costumes de uma época e dos povos está no uso habitual, ostensivo ou oculto, de armas ofensivas e defensivas. O término de semelhante uso demonstra o abrandamento dos costumes, sendo interessante observar a gradação desse hábito desde a época em que os cavaleiros só cavalgavam com armaduras de ferro e armados com uma lança, até aquela em que portavam uma simples espada, tornando-se ela antes um adorno e um acessório do brasão do que uma arma agressiva. Um outro sinal de mudança nos costumes é que antigamente os combates comuns aconteciam em plena rua, diante da multidão que se afastava para deixar espaço livre para os duelistas, hoje eles se escondem. Atualmente, a morte de um homem é um acontecimento que causa comoção, outrora não se dava atenção a tal fato. O Espiritismo fará desaparecer os últimos vestígios do barbarismo, inspirando aos homens o espírito de caridade e de fraternidade.





CAPÍTULO XIII

QUE A VOSSA MÃO ESQUERDA NÃO SAIBA O QUE DÁ A VOSSA MÃO DIREITA

- FAZER O BEM SEM OSTENTAÇÃO
- OS INFORTÚNIOS OCULTOS
- O ÓBOLO DA VIÚVA
- CONVIDAR OS POBRES E OS ESTROPIADOS.
AJUDAR SEM ESPERAR RETRIBUIÇÃO

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS:

- A CARIDADE MATERIAL E A CARIDADE MORAL
- A BENEFICÊNCIA
- A PIEDADE
- OS ÓRFÃOS
- BENEFÍCIOS PAGOS COM A INGRATIDÃO
- BENEFICÊNCIA EXCLUSIVA

FAZER O BEM SEM OSTENTAÇÃO

1. *“Guardai-vos de fazer as boas obras diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles, de outra forma não recebereis a recompensa de vosso Pai que está nos céus. Quando, pois, derdes esmola, não façais tocar a trombeta diante de vós, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas para serem louvados pelos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa. Mas, quando derdes esmola, que a vossa*

O Evangelho Segundo o Espiritismo

mão esquerda não saiba o que dá a vossa mão direita; para que a esmola fique em segredo, e vosso Pai, que vê o que se passa em segredo, vos dê a recompensa.” (Mateus, VI: 1 a 4.)

2. Tendo Jesus descido do monte, uma grande multidão o seguiu. Ao mesmo tempo um leproso aproximou-se dele e se prostrou, dizendo: “Senhor, se quiseres, podes curar-me”. Jesus, estendendo a mão, tocou-o e disse: “Eu quero, fica curado”. E no mesmo instante a lepra foi curada. Então Jesus lhe disse: “Não fales disto a ninguém, mas vai mostrar-te aos sacerdotes, e oferece o dom prescrito por Moisés, a fim de que isso lhes sirva de testemunho da tua cura”. (Mateus, VIII: 1 a 4.)

3. Fazer o bem sem ostentação é um grande mérito; esconder a mão que dá é ainda mais meritório; é o indício incontestável de uma grande superioridade moral porque, para ver as coisas de uma forma mais elevada que o comum, é preciso não considerar a vida presente e identificar-se com a vida futura; é preciso, em uma palavra, colocar-se acima da humanidade para renunciar à satisfação que o testemunho dos homens proporciona e esperar a aprovação de Deus. Aquele que considera mais a aprovação dos homens que a de Deus, prova que tem mais fé nos homens que em Deus, e que a vida presente é mais importante para ele que a futura, ou mesmo que não acredita na sua existência; se ele diz o contrário, age como se não acreditasse no que diz.

Quantos existem que só ajudam com a esperança de que aquele que foi ajudado vá propagar o benefício recebido; que publicamente dariam uma grande soma, mas ocultamente não dariam uma única moeda! Eis por que Jesus disse: “Aqueles que fazem o bem com ostentação já receberam a sua recompensa,” efetivamente, aquele que busca a sua glorificação sobre a Terra, pelo bem que fez, já se pagou a si mesmo, Deus não lhe deve mais nada, e só lhe resta receber a punição pelo seu orgulho.

XIII. Que a Vossa Mão Esquerda Não Saiba...

Que a mão esquerda não saiba o que dá a mão direita, são palavras que caracterizam admiravelmente a benevolência modesta; porém, se há a modéstia real, também existe a fingida, a simulação da modéstia; há pessoas que escondem a mão que dá, tendo o cuidado de deixar um pedaço aparecendo, olhando à sua volta para verificar se alguém não a viu escondê-la. Indigna paródia dos ensinamentos de Cristo! Se os benfeitores orgulhosos são desprezados entre os homens, o que não acontecerá diante de Deus? Esses também já receberam sua recompensa na Terra. Foram vistos, estão satisfeitos por terem sido vistos: é tudo o que terão.

Qual será, então, a recompensa daquele que faz seus benefícios pesarem sobre os beneficiados, que impõe a eles, de alguma forma, testemunhos de reconhecimento, que os faz sentir sua posição, engrandecendo o preço dos sacrifícios que faz por eles? Oh! para essa pessoa não há nem mesmo a recompensa terrestre, porque ela é privada da doce satisfação de ouvir abençoar o seu nome, e isso já é um primeiro castigo para o seu orgulho. As lágrimas que enxuga em proveito da sua vaidade, em vez de subirem ao céu, recaíram sobre o coração de quem chorava e o mortificaram. O bem que fez não lhe traz nenhum proveito, porquanto ele o lamenta, e todo o bem que é lamentado é uma moeda falsa, sem valor.

A beneficência sem ostentação tem um duplo mérito: além da caridade material é a caridade moral, pois não atinge a suscetibilidade do beneficiado, fazendo com que ele aceite o auxílio, sem que o seu amor-próprio sofra por isso, e salvaguardando sua dignidade de homem, porque ele aceitaria um favor, mas não receberia uma esmola; ora, converter um favor em esmola pela maneira como é prestado, é humilhar aquele que o recebe, e sempre há orgulho e maldade quando se humilha alguém.

A verdadeira caridade, ao contrário, é delicada e hábil em dissimular o bem prestado e em evitar até a mínima probabilidade de

O Evangelho Segundo o Espiritismo

mágoa, porque toda a contrariedade moral aumenta o sofrimento que nasce da necessidade. A verdadeira caridade sabe encontrar palavras doces e afáveis que não constroem o beneficiado diante do benfeitor, enquanto que a caridade orgulhosa o deixa humilhado. O sublime da verdadeira generosidade, é quando o benfeitor, trocando de papel, acha a forma de parecer, ele mesmo, o beneficiado diante daquele a quem prestou um serviço. Eis o que querem dizer estas palavras: “Que a mão esquerda não saiba o que deu a mão direita”.

OS INFORTÚNIOS OCULTOS

4. Nas grandes calamidades, a caridade se manifesta, e surgem generosos movimentos para reparar os desastres; porém, ao lado desses desastres gerais, existem milhares de desastres particulares que passam despercebidos, como o de pessoas em seus leitos de dor, sem se queixarem. São esses infortúnios discretos e ocultos, que a verdadeira generosidade sabe descobrir, sem esperar que venham procurar ajuda.

Quem é essa mulher de ar distinto, com um traje simples, ainda que bem cuidado, seguida de uma jovem também vestida modestamente? Ela entra em uma casa de aparência miserável onde, sem dúvida, é conhecida porque, à porta, é saudada com respeito. Para onde vai? Sobe até a água-furtada; lá mora uma mãe de família, cercada de seus filhos pequenos; à sua chegada a alegria aparece em suas faces emagrecidas, é que ela vem acalmar todas as suas dores; traz o necessário, suavizado por doces e consoladoras palavras, que fazem com que a sua ajuda seja aceita sem causar vergonha, porque esses infortunados não são mendigos de profissão. O pai está no hospital, e, durante esse tempo, a mãe não pôde suprir as necessidades.

Graças à distinta mulher, essas pobres crianças não sofrerão nem o frio nem a fome; irão à escola bem agasalhadas, e o seio da mãe não irá secar para os filhos mais pequenos. Se, entre elas,

XIII. Que a Vossa Mão Esquerda Não Saiba...

uma ficar doente, nenhum cuidado material que seja preciso prestar-lhe irá repugná-la. Dali ela seguirá para o hospital, para levar ao pai algum consolo e tranquilizá-lo quanto à situação de sua família. Na esquina, uma carruagem a espera, verdadeiro armazém de tudo o que leva para os seus protegidos que, sucessivamente, visita. Não lhes pergunta nem sua crença nem sua opinião, porque, para ela, todos os homens são irmãos e filhos de Deus. Terminada a sua visita àquela família, pensa: “Comecei bem o meu dia”.

Qual é o seu nome? Onde mora?

Ninguém o sabe; para os infelizes é um nome que nada revela, mas é um anjo consolador; e, à noite, uma sinfonia de bênçãos se eleva por ela até o Criador: católicos, judeus, protestantes, todos a bendizem.

Por que usa um traje tão simples? É que ela não quer, com o seu luxo, agredir a miséria daquelas pessoas. Por que trouxe a filha em sua companhia? Para lhe ensinar como se deve praticar a beneficência. A menina também quer fazer a caridade, mas a mãe lhe diz: “O que podes dar, minha filha, se nada tens de teu? Se eu te entregar alguma coisa para que dê aos outros, qual será o teu mérito? Na verdade, eu é que farei a caridade, e tu terás o mérito. Isso não é justo. Quando vamos visitar os doentes, tu me ajudas a tratar deles, ora, cuidar de alguém é dar alguma coisa. Isso não te parece suficiente? Nada é mais simples, aprende a fazer obras úteis, e poderás confeccionar roupas para essas criancinhas, dessa forma darás algo vindo de ti”. É assim que essa mãe, verdadeiramente cristã, prepara a sua filha para a prática das virtudes ensinadas pelo Cristo. Ela é espírita? O que isso importa?

No seu meio, ela é a mulher do mundo, porque a sua posição assim exige; mas ignora-se o que ela faz, porque ela não quer outra aprovação senão a de Deus e a da sua consciência. No entanto, certo dia, uma circunstância imprevista conduziu até sua casa

O Evangelho Segundo o Espiritismo

uma das suas protegidas que ali fora mostrar trabalhos manuais; reconhecendo sua benfeitora, quis abençoá-la: “Silêncio! Pede-lhe a dama, não o digas a ninguém”! Assim falava Jesus.

O ÓBOLO DA VIÚVA

5. *Estando Jesus sentado em frente ao gazofilácio,¹⁰¹ observava de que maneira o povo ali ofertava dinheiro e viu que muitos ricos o ofertavam com abundância. Viu também uma pobre viúva que ali deixou somente duas pequenas moedas que valiam um quarto de um asse.¹⁰² Jesus, então, chamando seus discípulos, falou: “Em verdade vos digo que essa pobre viúva deu mais que todos aqueles que colocaram a sua oferta no gazofilácio, porque todos os outros deram do que tinham em abundância; ela, porém, ofertou do que lhe era necessário, deu mesmo tudo o que tinha, tudo o que lhe restava para viver”.* (Marcos, XII: 41 a 44; Lucas, XXI: 1 a 4.)

6. Muitas pessoas lamentam não poder fazer tanto bem quanto desejariam, por falta de recursos suficientes, e se querem possuir fortuna é, dizem, para fazer um bom uso dela. Sem dúvida a intenção é louvável e, em alguns casos, pode ser muito sincera, mas será que em todos ela é completamente desinteressada? Não poderão existir aqueles que, desejando fazer bem aos outros, ficariam felizes por começar fazendo o bem a si mesmos, usufruindo algumas alegrias a mais, conseguindo um pouco do supérfluo que lhes falta, sob a condição de dar o resto aos pobres? Essa segunda intenção, que talvez dissimulem, mas que encontrariam no fundo do coração se quisessem examiná-lo, anula o mérito da intenção, porque a verdadeira caridade faz com que pensemos nos outros antes de pensar em nós. Nesse caso, o

¹⁰¹ **Gazofilácio:** sala onde se guardavam os vasos sagrados e o tesouro do Templo, que era mantido pelas diversas taxas prescritas por Moisés e pelas doações voluntárias, como a da viúva a que se refere Jesus. (N.T.)

¹⁰² **Asse:** antiga moeda romana, de cobre. (N.T.)

XIII. Que a Vossa Mão Esquerda Não Saiba...

sublime da caridade estaria em procurar no seu próprio trabalho, pelo emprego das suas forças, da sua inteligência, dos seus talentos, os recursos que faltam para realizar suas intenções generosas; esse seria o sacrifício mais agradável ao Senhor. Infelizmente, a maioria sonha com meios mais fáceis de enriquecer, de repente e sem sacrifícios, e corre atrás de ilusões, como a descoberta de tesouros, uma chance favorável da sorte, o recebimento de heranças inesperadas, etc. O que dizer daqueles que, para ajudá-los nesse tipo de pesquisa, esperam encontrar auxiliares entre os espíritos? Evidentemente não conhecem nem compreendem o objetivo sagrado do Espiritismo, e ainda menos a missão dos espíritos, a quem Deus permite que se comuniquem com os homens; por causa disso, são punidos pela decepção. (Ver *Livro dos Médiuns*, itens 294 e 295.)

Aqueles, cuja intenção está livre de qualquer ideia de interesse pessoal, devem conformar-se com a sua incapacidade para fazer todo o bem que desejam, lembrando-se de que o óbolo do pobre, daquele que dá, privando-se do pouco que tem, pesa mais na balança de Deus que o ouro do rico que dá sem se privar de nada.

Sem dúvida, a satisfação de poder socorrer amplamente a indigência seria grande, mas se essa satisfação for negada, é preciso que a pessoa se submeta a fazer o que pode. Aliás, não é só com o ouro que se podem secar as lágrimas, e não devemos ficar inativos só porque não o possuímos. Aquele que, sinceramente, quer tornar-se útil aos seus irmãos encontra mil oportunidades para fazê-lo; que as procure e as encontrará; se não for de uma maneira será de outra, porquanto não existe ninguém que, no pleno uso das suas faculdades, não possa prestar um favor qualquer, confortar, suavizar um sofrimento físico ou moral, tomar uma atitude útil. Apesar da falta de dinheiro, cada um não tem o seu trabalho, o seu tempo, o seu repouso, dos quais pode dar uma parte? Nisso também consiste a dádiva do pobre, o óbolo da viúva.

O Evangelho Segundo o Espiritismo

CONVIDAR OS POBRES E OS ESTROPIADOS.

AJUDAR SEM ESPERAR RETRIBUIÇÃO

7. Disse também àquele que o havia convidado: “Quando deres um jantar ou ceia, não convides os teus amigos, nem os teus irmãos, nem os teus parentes, nem os teus vizinhos que forem ricos; para que não aconteça que também eles te convidem em seguida, por sua vez, e que assim te retribuam o que receberam de ti. Mas quando deres um festim, convida os pobres e os estropiados, os coxos e os cegos. E ficarás feliz por eles não terem meios de te retribuir, porque isso te será retribuído na ressurreição dos justos”.

Um daqueles que estavam à mesa, tendo ouvido essas palavras, disse-lhe: “Feliz daquele que comer do pão no reino de Deus”! (Lucas, XIV: 12 a 15.)

8. “Quando deres um banquete não convides os teus amigos, mas os pobres e os estropiados.” Essas palavras ditas por Jesus, absurdas se as considerarmos ao pé da letra, são sublimes, se lhes procurarmos a essência. Jesus não pôde ter querido dizer que em lugar dos amigos ele deveria reunir à sua mesa os mendigos da rua; sua linguagem era quase sempre figurada e, aos homens incapazes de compreender os delicados matizes do pensamento, Jesus falava com imagens fortes que produziam o efeito das cores vivas. O verdadeiro sentido do seu pensamento se revela nestas palavras: “E ficarás feliz por eles não terem meios de te retribuir,” o que significa que não se deve fazer o bem tendo em vista a retribuição, mas apenas o prazer de fazê-lo. Para fazer uma comparação mais impressionante, Jesus diz: convida os pobres para o teu banquete, porque sabes que eles não te poderão dar nada em retribuição, e por *banquete* é preciso entender, não a refeição propriamente dita, mas a participação na fartura de que desfrutas.

XIII. Que a Vossa Mão Esquerda Não Saiba...

Entretanto, essas palavras também podem ser aplicadas em um sentido mais literal. Quantas pessoas só convidam para a sua mesa aqueles que, como dizem, podem honrá-las ou, por sua vez, convidá-las! Outros, ao contrário, encontram satisfação em receber aqueles seus parentes ou amigos que são menos felizes; ora, quem é que não os tem entre os seus? Isso é a forma de, muitas vezes, prestar-lhes, discretamente, um grande serviço. Esses, sem irem buscar os cegos e os estropiados, praticam o que diz a máxima de Jesus, se o fazem por benevolência, sem ostentação, e se sabem dissimular o benefício com uma sincera cordialidade.

— INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS —

A CARIDADE MATERIAL E A CARIDADE MORAL

9. “Amemo-nos uns aos outros e façamos aos outros o que queremos que os outros nos façam.” Nessas palavras se acham contidas toda a religião e toda a moral; se elas fossem seguidas aqui na Terra, todos vós seríeis perfeitos: sem ódios e sem desentendimentos. E eu ainda diria mais: sem pobreza, porque do supérfluo da mesa de cada rico, muitos pobres se alimentariam, e não veríeis mais, nos sombrios quarteirões em que habitei durante a minha última encarnação, pobres mulheres arrastando atrás de si crianças miseráveis, carentes de tudo.

Ricos, pensai um pouco em tudo isso! Ajudai os infelizes o mais possível; auxiliai para que, um dia, Deus vos retribua o bem que tiverdes feito, para que encontreis, ao deixardes o vosso invólucro terrestre, um cortejo de espíritos agradecidos que vos receberão à entrada de um mundo mais feliz.

Se pudésseis imaginar a alegria que senti ao encontrar no Além aqueles a quem pude ajudar na minha última encarnação!...

Amai, pois, o vosso próximo; amai-o como a vós mesmos, porque agora já sabeis que esse infeliz que estais repelindo talvez seja um irmão, um pai, um amigo que afastais para longe de vós;

O Evangelho Segundo o Espiritismo

e então, ao reconhecê-lo no mundo dos espíritos, que imenso será o vosso desespero!

Desejava que compreendêsseis bem o que deve ser a *caridade moral*, aquela que cada um de vós pode praticar; aquela que *nada custa* de material, mas, no entanto, é a mais difícil de ser praticada.

A caridade moral consiste em se suportar uns aos outros, e é o que menos fazeis nesse mundo inferior em que estais encarnados neste momento. Existe um grande mérito, acreditai no que digo, em alguém saber calar para deixar que fale outro mais tolo, pois essa atitude também é uma forma de caridade. Saber ser surdo quando uma palavra de ironia vos é dirigida por quem está habituado a ridicularizar; não ver o sorriso de menosprezo que vos acolhe quando entrais na casa de pessoas que, frequentemente sem razão, julgam-se acima de vós, enquanto que, na vida espiritual — *a única real* — algumas vezes estão bem abaixo, eis aí um mérito, não de humildade, mas de caridade, porque não considerar os erros dos outros é caridade moral.

Entretanto, esta caridade não deve impedir a prática da outra; pensai principalmente em não desprezar o vosso semelhante; lembrai de tudo o que eu já vos disse: é preciso ter sempre em mente que, no pobre rejeitado desdenhosamente, podeis estar repelindo um espírito que vos foi querido, e que se acha momentaneamente em uma posição inferior a vossa. Revi um dos pobres da Terra a quem pude, por felicidade, ajudar algumas vezes e a quem, por minha vez, *tenho agora de implorar*.

Lembrai-vos de que Jesus disse que somos irmãos e pensai sempre nessas palavras, antes de repelir o leproso ou o mendigo. Adeus; pensai nos que sofrem, e orai! (*Irmã Rosália*. Paris, 1860.)

10. Meus amigos, tenho ouvido muitos dentre vós dizerem: Como posso fazer caridade se muitas vezes não tenho nem o necessário!

XIII. Que a Vossa Mão Esquerda Não Saiba...

A caridade, meus amigos, se faz de diversas maneiras; podeis fazê-la por pensamentos, palavras e ações. Por pensamentos, orando pelos pobres abandonados que morreram sem mesmo terem visto a luz; uma prece de coração os alivia. Por palavras, dirigindo aos vossos companheiros de todos os dias alguns bons conselhos; dizendo aos homens irritados pelo desespero, pelas privações, e que blasfemam o nome do Altíssimo: “Eu era como vós, sofria, era infeliz, mas acreditei no Espiritismo e, vede, agora sou feliz”. Aos velhos que vos disserem: “Não adianta, estou no fim da vida e morrerei como vivi,” respondi: “Deus tem uma justiça igual para todos nós; lembrai-vos dos trabalhadores da última hora”. Às crianças, já viciadas pelos exemplos que têm à sua volta, e que vão caminhando pela vida, prestes a serem vencidas pelas más tentações, dissei: “Deus vos vê, meus queridos filhos,” e não vos canseis de lhes repetir frequentemente essas doces palavras; elas acabarão por se desenvolverem em suas jovens inteligências e, em lugar de pequenos vagabundos, fareis deles homens. Isso também é uma forma de caridade.

Muitos dentre vós também dizem: “Ora, somos tantos aqui na Terra, Deus não pode ver a todos nós”! Escutai bem isto, meus amigos: quando estais no alto de uma montanha não abrangeis com o vosso olhar os milhares de grãos de areia que cobrem essa montanha? Pois bem, Deus vos vê da mesma forma; e ele vos deixa o vosso livre-arbítrio, assim como deixais esses grãos de areia sob a vontade do vento que os dispersa; Deus, porém, em sua misericórdia infinita, colocou no fundo do vosso coração uma sentinela vigilante que se chama *consciência*. Escutai-a, porque ela só vos dará bons conselhos. Às vezes podereis entorpecê-la, opondo-lhe o espírito do mal; então ela se cala, mas ficai seguros de que a pobre desprezada se fará ouvir no momento em que a deixardes perceber a sombra do remorso. Escutai-a, interrogai-a, e, muitas vezes, sereis consolados pelos seus conselhos.

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Meus amigos, a cada novo regimento o general entrega uma bandeira; eu vos dou esta máxima do Cristo: “Amai-vos uns aos outros”. Praticai esse ensinamento, reuni-vos todos em torno desse estandarte, e dele recebereis a felicidade e a consolação. (*Um espírito protetor*. Lyon, 1860.)

A BENEFICÊNCIA

11. A beneficência, meus amigos, vos dará neste mundo os mais puros e os mais doces prazeres, as alegrias do coração que não são perturbadas nem pelo remorso, nem pela indiferença.

Oh! se pudésseis compreender tudo quanto de belo e de doce a generosidade das boas almas encerra, esse sentimento que faz com que vejamos os outros como vemos a nós mesmos, e que tiremos o agasalho com alegria para cobrir um irmão! Pudésseis, meus amigos, ter apenas a doce preocupação de fazer os outros felizes! Quais são as festas do mundo que podereis comparar a essas festas riosas quando, tornando-vos representantes da divindade, levais alegria a essas pobres famílias que, da vida, só conhecem as vicissitudes e as amarguras; quando vedes, de súbito, se iluminarem de esperança esses rostos desanimados, porque não tinham pão; esses infelizes cujos filhos pequenos, ignorando que viver é sofrer, gritavam, choravam e repetiam estas palavras, que se enterravam em seu coração materno como uma espada afiada: “Tenho fome!”... Oh! Compreendi quanto são deliciosas as impressões daquele que vê renascer a alegria onde, um momento antes, só havia desespero! Compreendi quais são as obrigações que tendes para com os vossos irmãos! Ide, ide ao encontro do infortúnio; ide, principalmente, em socorro das misérias escondidas, porque são as mais dolorosas. Ide, meus bem-amados, e lembrai-vos destas palavras do Salvador: “Quando vestirdes um destes pequenos, lembrai que é a mim que o fazeis”.

Caridade, palavra sublime que resume todas as virtudes, és tu que deves conduzir os povos à felicidade; ao te praticarem, eles

XIII. Que a Vossa Mão Esquerda Não Saiba...

criarão infinitas alegrias para o seu próprio futuro, e, durante o exílio desses povos na Terra, serás para eles a consolação, a antecipação das alegrias que gozarão mais tarde, quando todos juntos se abraçarem no seio do Deus de Amor. Foste tu, virtude divina, que me proporcionaste os únicos momentos de felicidade que desfrutei sobre a Terra. Que os meus irmãos encarnados possam acreditar na voz do amigo que lhes fala e lhes diz: é na caridade que deveis procurar a paz do coração, o contentamento da alma, o remédio contra as aflições da vida.

Oh! quando estiverdes a ponto de acusar Deus, lançai um olhar ao redor de vós, vede quanta miséria há para aliviar, quantas pobres crianças sem família, quantos velhos que não têm uma só mão amiga para socorrê-los ou lhes fechar os olhos quando a morte chegar! Quanto bem a fazer! Oh! não vos queixeis, ao contrário, agradecei a Deus, e distribuí prodigamente, a mãos-cheias, a vossa simpatia, o vosso amor, o vosso dinheiro a todos aqueles que, desprovidos dos bens deste mundo, definham no sofrimento e no isolamento. Colhereis alegrias bem doces aqui na Terra, e mais tarde... só Deus o sabe!... (*Adolpho, bispo de Alger*. Bordeaux, 1861.)

12. Sede bons e caridosos, essa é a chave dos céus, que tendes em vossas mãos. Toda a felicidade eterna se encerra nestas palavras: “Amai-vos uns aos outros”. A alma só pode elevar-se nas regiões espirituais pelo devotamento ao próximo; e só encontra felicidade e consolação no exercício da caridade; sede bons, amparai vossos irmãos, deixai de lado a horrível chaga do egoísmo. Cumprindo esse dever, o caminho da felicidade eterna deve abrir-se para vós. Aliás, quem dentre vós não sentiu seu coração saltar, sua alegria interior aumentar ao ouvir o relato de uma bela ação, de uma obra verdadeiramente caridosa? Se procurásseis apenas o prazer que uma boa ação proporciona, ficaríeis sempre no caminho do progresso espiritual. Os exemplos não vos faltam, o que falta é a boa vontade, que é rara. Observai a

O Evangelho Segundo o Espiritismo

multidão de homens de bem, dos quais a vossa história conserva piedosas lembranças.

O Cristo não vos disse tudo o que se refere às virtudes de caridade e de amor? Por que deixar de lado os seus divinos ensinamentos? Por que fechar os ouvidos às suas divinas palavras? O coração a todos os seus bondosos conselhos? Eu queria que se tivesse mais interesse, mais fé nas leituras evangélicas; abandona-se esse livro, faz-se dele uma palavra quimérica, uma carta fechada; deixa-se esse código admirável no esquecimento; vossos males provêm do abandono voluntário em que deixastes esse resumo das leis divinas. Lede, pois, essas páginas ardentes sobre o devotamento de Jesus, e meditai sobre elas.

Homens fortes, armai-vos! Homens fracos, fazei da vossa brandura e da vossa fé, as vossas armas. Tende mais persuasão e mais constância na propagação da vossa nova doutrina. O que viemos vos dar é apenas um encorajamento; é somente para estimular o vosso zelo e as vossas virtudes, que Deus permite que nos manifestemos a vós, mas se o desejásseis, só teríeis necessidade da ajuda de Deus e da vossa própria vontade; as manifestações espíritas são feitas para os que têm os olhos fechados e os corações indóceis.

A caridade é a virtude fundamental que deve sustentar todo o edifício das virtudes terrestres; sem ela, as outras virtudes não existem. Sem a caridade, não há esperança em uma sorte melhor, não há interesse moral que nos guie; sem a caridade, não há fé, porque a fé é um raio de luz, que faz uma alma caridosa brilhar.

Em todos os mundos, a caridade é a âncora eterna da salvação; é a mais pura emanção do Criador, é a sua própria virtude, que ele dá à criatura. Como se poderia desconhecer esta suprema bondade? Qual seria o coração, conhecedor dessa verdade, bastante perverso para sufocar e expulsar esse sentimento tão divino? Qual seria o filho bastante mau para se revoltar contra esta doce carícia: a caridade?

XIII. Que a Vossa Mão Esquerda Não Saiba...

Não me atrevo a falar do que fiz, porque os espíritos também têm pudor quanto às suas obras, mas considero a que comecei como uma das que mais devem contribuir para o alívio dos vossos semelhantes. Vejo, frequentemente, os espíritos pedirem que lhes seja dado por missão continuar a minha tarefa; eu os vejo, meus ternos e queridos amigos, no seu piedoso e divino ministério; eu os vejo praticar a virtude que vos recomendo, com toda a alegria proporcionada por essa existência de sacrifícios e abnegação. É uma grande felicidade, para mim, ver quanto o seu caráter é nobre, quanto a sua missão é amada e docemente protegida.

Homens de bem, de boa e forte vontade, uni-vos para continuar generosamente a obra de propagação da caridade; encontrareis a recompensa dessa virtude no seu próprio exercício. Não há alegria espiritual que ela não proporcione desde a vida presente. Ficai unidos; amai-vos uns aos outros segundo os preceitos do Cristo. Assim seja. (*São Vicente de Paulo*.¹⁰³ Paris, 1858.)

13. Chamo-me Caridade, sou a rota principal que conduz a Deus, segui-me, porque sou o objetivo a que todos deveis visar.

Fiz esta manhã o meu passeio habitual, e, com o coração magoado, venho dizer-vos: Oh!, meus amigos, quanta miséria, quantas lágrimas, e quanto tendes que fazer para secar todas elas! Tenho procurado, inutilmente, consolar as pobres mães, dizendo-lhes ao ouvido: “Coragem! Há bons corações que velam por vós; não sereis abandonadas; paciência! Deus existe, vós sois suas amadas, as suas eleitas”. Elas pareciam-me ouvir e voltavam

¹⁰³ **São Vicente de Paulo:** padre francês, ficou célebre pela caridade com que tratava os condenados, as crianças abandonadas e os camponeses ignorantes. Nasceu em Pouy, perto de Dax, Departamento de Landes, em 1581, e desencarnou em Paris, em 1660. Foi um dos mais ilustres representantes do renascimento católico do século XVII. Esteve, durante alguns anos, em poder dos piratas bárbaros. Fundou algumas congregações religiosas, entre elas a das Crianças Abandonadas. Destacou-se, também, durante a guerra, por sua atuação junto à população das cidades de Picardia, Lorena e Champagne quando, como verdadeiro apóstolo da caridade, tudo fez para diminuir-lhes o sofrimento. (N.T.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

para o meu lado seus grandes olhos assustados. Eu lia em seus pobres semblantes que o corpo, esse tirano do espírito, tinha fome, e que, se minhas palavras serenavam um pouco o seu coração, elas não lhe enchiam o estômago. Eu ainda repetia: “Coragem! Coragem”! Então uma pobre mãe, muito jovem, que amamentava uma criancinha, tomou-a em seus braços e a ergueu no espaço vazio, como a me suplicar que protegesse aquele pequeno ser, que só recebia de um seio estéril uma alimentação insuficiente.

Mais adiante, meus amigos, vi pobres velhos sem trabalho, e em breve sem abrigo, atormentados por todos os sofrimentos da pobreza e envergonhados da sua miséria, não se atreverem, eles que nunca haviam pedido esmolas, a ir implorar a piedade dos transeuntes.

Com o coração tomado pela compaixão, eu, que nada possuo, me fiz mendiga para eles, e vou a todos os lados estimular a beneficência, inspirar bons pensamentos aos corações generosos e compassivos. Eis por que venho a vós, meus amigos, e digo: existem infelizes em cujo prato falta o pão, o fogão não tem fogo e o leito não tem cobertas. Não digo o que deveis fazer, deixo a iniciativa para os vossos bons corações; se eu vos ditasse a vossa linha de conduta não teríeis o mérito da vossa boa ação. Eu apenas vos digo: sou a Caridade, e vos estendo as mãos pelos vossos irmãos sofredores.

Mas, se peço, também dou, e muito. Eu vos convido para um grande banquete, e vos forneço a árvore onde todos vos saciareis! Vede como é bela, como está carregada de flores e de frutos! Ide, ide, colhei, pegai todos os frutos dessa bela árvore que se chama beneficência. No lugar dos ramos que tirardes, colocarei todas as boas ações que praticardes, e levarei essa árvore a Deus, para que ele a carregue novamente, porque a beneficência é inesgotável. Segui-me, pois, meus amigos, para que eu possa vos incluir entre aqueles que se alistam sob a minha

XIII. Que a Vossa Mão Esquerda Não Saiba...

bandeira. Não tenham receio, eu vos conduzirei pela estrada da salvação, porque eu sou a Caridade. (*Cárita, martirizada em Roma*.¹⁰⁴ Lyon, 1861.)

14. Existem várias formas de fazer a caridade, que muitos dentre vós confundem com a esmola, no entanto, entre elas há uma grande diferença.

A esmola, meus amigos, algumas vezes é útil porque alivia os pobres; mas quase sempre é humilhante, para quem a dá e para quem a recebe. A caridade, ao contrário, une o benfeitor ao beneficiado e, além disso, ela se disfarça de muitas maneiras. Pode-se ser caridoso mesmo com os parentes, com os amigos, sendo indulgentes uns com os outros, perdendo as suas fraquezas e tendo o cuidado de não ferir o amor-próprio de ninguém. Para vós, espíritas, na forma como tratais aqueles que não pensam como vós, induzindo os menos esclarecidos a crer, e isso sem os melindrar, sem romper com as suas convicções, mas levando-os amavelmente às nossas reuniões onde poderão nos entender, e onde saberemos encontrar a brecha por onde poderemos penetrar em seus corações. Eis aí uma das faces da caridade.

Entendei agora o que é a caridade para com os pobres, esses deserdados aqui na Terra, mas os recompensados de Deus, se souberem aceitar suas misérias sem se queixarem, e isso depende de vós. Vou-me fazer compreender por um exemplo.

¹⁰⁴ **Cárita:** na *Revista Espírita*, de fevereiro de 1862, encontra-se o seguinte registro: “O espírito Cárita, evocado na Sociedade de Paris, disse ter sido Santa Irene, Imperatriz”. De acordo com os dicionários Lello Universal e Koogan Larousse, Irene, foi imperatriz de Bizâncio. Nasceu em Atenas por volta de 752, e desencarnou no exílio, em Lesbos, no ano de 803. Regente de seu filho Constantino VI, conseguiu afastá-lo definitivamente do poder em 797, imperando desde esse ano até 802. Irene ficou célebre por sua devoção à fé ortodoxa e ao culto das imagens, sendo canonizada pela Igreja Ortodoxa. **Bizâncio**, hoje Constantinopla, antiga cidade grega construída, no século VII a.C., às margens do estreito de Bósforo, que comunica o Mar de Mármara ao Mar Negro.

Conhece-se, também, uma outra personagem de nome Cárita, que foi martirizada em Roma, no ano 137 da nossa era, a mando do Imperador Adriano. (N.T.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Observo, várias vezes, na semana, uma reunião de senhoras, de todas as idades; para nós, como sabeis, são todas irmãs. O que fazem? Elas trabalham rápido, muito rápido; seus dedos são ágeis. Vede como seus rostos estão radiosos e como seus corações batem em uníssono! Mas, qual é o seu objetivo? É que elas veem aproximar-se o inverno, que será rigoroso para os lares pobres; as formigas não puderam acumular durante o verão o alimento necessário à provisão, e a maior parte dos seus pertences está empenhada; as pobres mães se inquietam e choram, pensando nos filhos que, neste inverno, sentirão fome e frio. Mas, paciência, pobres mulheres! Deus inspirou a outras, mais afortunadas do que vós. Elas se reuniram e estão confeccionando roupinhas para vós. Depois, um desses dias, quando a neve houver coberto a terra, e vos lamentardes dizendo: “Deus não é justo,” porque são essas as vossas palavras quando sofreis, vereis aparecer um dos filhos dessas bondosas trabalhadoras, que se constituíram as obreiras dos pobres; sim, é por vós que elas trabalham assim, e vossas lamentações se transformarão em bênçãos, porquanto, no coração de cada sofredor, o amor segue o ódio bem de perto.

Como é necessário encorajar todas essas trabalhadoras, vejo as comunicações dos bons espíritos, a elas dirigidas, chegarem de todos os lados. Os homens que fazem parte dessa sociedade também lhes dão a sua ajuda, fazendo leituras que muito agradam. E nós, para recompensar o zelo de todos e de cada um em particular, prometemos a essas obreiras laboriosas uma boa clientela que lhes pagará, à vista, em bênçãos, que é a única moeda que tem valor no céu, garantindo-lhes ainda, e sem medo de nos anteciparmos, que essa moeda nunca lhes faltará. (*Cárta*. Lyon, 1861.)

15. Meus queridos amigos, todos os dias eu ouço, entre vós, os que dizem: “Sou pobre, não posso fazer caridade,” e diariamente vejo que faltais com a indulgência para com os vossos semelhantes; não lhes perdoais nada, e procedeis como juízes, muitas vezes severos, sem perguntar a vós mesmos se ficaríeis

XIII. Que a Vossa Mão Esquerda Não Saiba...

satisfeitos se agissem da mesma forma convosco. A indulgência também não é caridade? Vós que só podeis fazer a caridade da indulgência, fazei pelo menos essa, mas fazei-a generosamente. Em relação à caridade material, quero vos contar uma história do outro mundo.

Dois homens acabavam de morrer. Deus havia dito: “Enquanto esses homens viverem, cada um terá as suas boas ações colocadas em um saco; por ocasião da sua morte, esses sacos serão pesados”. Quando os dois homens morreram, Deus mandou que lhe trouxessem os dois sacos. Um era grande, estava cheio, bem estufado e o metal que o enchia ressoava. O outro era pequeno, e tão fino que se viam através do pano as poucas moedas que continha. E cada um daqueles homens reconheceu o que lhe pertencia: “Este é o meu, disse o primeiro, eu o reconheço, fui rico e dei muito dinheiro”. “Este é o meu, disse o outro homem, eu sempre fui pobre, ai de mim! Não tinha quase nada para dividir com os outros”.

Mas, oh! surpresa! Quando os dois sacos foram colocados na balança, o maior tornou-se leve, e o menor ficou tão pesado que elevou muito o outro prato da balança.

Deus, então, disse ao rico: “Deste muito, é verdade, mas deste por ostentação e para ver o teu nome figurar em todos os santuários do orgulho; além disso, dando, não te privavas de nada. Vai para a esquerda e fica satisfeito porque as tuas esmolas ainda foram contadas como alguma coisa”.

Depois, ele disse ao pobre: “Deste muito pouco, meu amigo, porém, cada uma das moedas que estão nesta balança representou uma privação na tua vida. Se não deste esmolas, fizeste a caridade, e, o que é mais importante, fizeste a caridade naturalmente, sem pensar que ela seria levada em conta. Foste indulgente, não julgaste o teu semelhante, ao contrário, tu o

O Evangelho Segundo o Espiritismo

desculpaste em todas as suas ações. Passa para a direita, e vai receber a tua recompensa. (*Um espírito protetor*. Lyon, 1861.)

16. A mulher rica, feliz, que não tem necessidade de empregar o seu tempo nas tarefas domésticas, não pode consagrar algumas horas em trabalhos úteis aos seus semelhantes? Que ela compre, com o supérfluo dos seus prazeres, roupas que agasalhem os infelizes que tremem de frio. Que faça, com suas mãos delicadas, roupas grosseiras, porém, quentes. Que ajude a mãe a cobrir o filho que vai nascer; se, com isso, seu próprio filho ficar com algumas rendas a menos, o da pobre terá mais calor. Trabalhar pelos pobres é trabalhar na vinha do Senhor.

E tu, pobre obreira, que nada tens de supérfluo, mas que, por amor aos teus irmãos, também desejas dar do pouco que possuis, doa algumas horas do teu dia, do teu tempo, o teu único tesouro. Faz alguns trabalhos elegantes que tentam os felizes, vende o produto desses teus serões e também poderás proporcionar um pouco de auxílio aos teus irmãos, terás algumas fitas de menos, mas darás sapatos àqueles que têm os pés nus.

E vós, mulheres que vos devotastes a Deus, trabalhai também para a sua obra, mas que os vossos trabalhos caros e delicados não sejam feitos somente para enfeitar as vossas capelas, para atrair a atenção para a vossa habilidade e a vossa paciência; trabalhai, minhas filhas, e que o produto das vossas obras seja destinado ao auxílio dos vossos irmãos em Deus; os pobres são seus filhos bem-amados, trabalhar por eles é glorificá-lo. Sede para eles a Providência, que diz: *Aos pássaros do céu, Deus dá o alimento*. Que os fios de ouro e de prata, que se entrelaçam sob vossos dedos, se transformem em roupas e em alimentos para aqueles que necessitam deles. Fazei isso, e vosso trabalho será abençoado.

E todos vós, que podeis produzir, dai; dai o vosso talento, dai as vossas inspirações, dai o vosso coração, que Deus vos

XIII. Que a Vossa Mão Esquerda Não Saiba...

abençoará. Poetas, literatos, cujas obras são lidas somente por pessoas da sociedade, satisfazei seus momentos de lazer, mas que o produto de algumas de vossas vendas seja consagrado para auxílio aos infelizes. Pintores, escultores, artistas em todos os gêneros, que a vossa inteligência também venha em auxílio dos vossos irmãos, por isso não tereis menos glória, mas eles terão alguns sofrimentos a menos.

Todos vós podeis ser bondosos; em qualquer classe social a que pertença, sempre tereis alguma coisa que possa ser partilhada. Seja o que for que Deus vos tenha dado, deveis uma parte do que ele vos deu àquele que precisa do necessário, porque se estivésseis no lugar dele ficaríeis bem contentes que alguém dividisse convosco. Vossos tesouros da Terra serão um pouco menores, mas vossos tesouros no céu serão mais numerosos; lá colhereis centuplicados os benefícios que semeardes aqui na Terra. (*João. Bordeaux, 1861.*)

A PIEDADE

17. A piedade é a virtude que mais vos aproxima de Deus; é a irmã da caridade que vos conduz a Deus. Ah! Deixai que o vosso coração se enteneça diante das misérias e dos sofrimentos dos vossos semelhantes. Vossas lágrimas são um bálsamo que deixais cair sobre as suas feridas; e quando conseguis, por intermédio de uma doce simpatia, restituir-lhes a esperança e a resignação, que bem-estar experimentais! É verdade que esse bem-estar tem uma certa amargura, porque nasceu ao lado do infortúnio, mas se ele não tem a ilusão dos gozos mundanos, também não possui as dolorosas decepções do vazio que estes deixam atrás de si, ele tem uma suavidade penetrante que é agradável à alma.

A piedade, uma piedade bem sentida, vem do amor; o amor é devotamento; o devotamento é o esquecimento de si mesmo, e este esquecimento, esta abnegação em favor dos infelizes, é a virtude por excelência, aquela que o divino Mestre praticou em

O Evangelho Segundo o Espiritismo

toda a sua vida e ensinou na sua doutrina tão santa e tão sublime. Quando essa doutrina voltar à sua pureza primitiva, quando for admitida por todos os povos, dará a felicidade para a Terra, e nela fará reinar, finalmente, a concórdia, a paz e o amor.

O sentimento mais próprio para vos fazer progredir, domando o vosso egoísmo e o vosso orgulho, aquele que dispõe vossa alma à humildade, à beneficência e ao amor do vosso próximo, é a piedade, essa piedade que vos comove até o mais íntimo do vosso ser, diante dos sofrimentos dos vossos irmãos; que vos faz estender-lhes a mão caridosa e vos arranca lágrimas de simpatia. Jamais sufoqueis, em vossos corações, essa emoção celeste; não façais como esses egoístas endurecidos que se afastam dos aflitos, porque a visão da sua miséria turvaria por um instante a sua feliz existência. Receai ficar indiferentes, quando puderdes ser úteis. A tranquilidade adquirida ao preço de uma indiferença culposa é semelhante à tranquilidade do Mar Morto,¹⁰⁵ que esconde no fundo das suas águas o lodo fétido e a corrupção.

Quanto, no entanto, a piedade está longe de causar a perturbação e o aborrecimento que apavoram o egoísta! Certamente, a alma experimenta, ao contato com a desgraça de outra pessoa, e fazendo um retorno sobre si mesma, um sobressalto natural e profundo, que faz vibrar todo o vosso ser e vos atinge penosamente. Mas a recompensa é grande, quando conseguis dar coragem e esperança a um irmão infeliz, que se entenece ao contato de uma mão fraterna, e cujo olhar, úmido, ao mesmo tempo, de emoção e de reconhecimento, volta-se docemente para vós, antes de se fixar no céu e agradecer por lhe ter enviado um consolador, um apoio. A piedade é a melancólica, porém celeste precursora da caridade,

¹⁰⁵ **Mar Morto:** ou Lago Asfaltite, lago da Palestina, entre Israel e Jordânia, onde deságua o Rio Jordão; tem 85 km de comprimento por 17 de largura. Está situado a 390 metros abaixo do nível do mar. Em razão da salinidade excepcionalmente forte das suas águas é difícil mergulhar nele e quase impossível afogar-se. Perto de suas margens, em Quirbet Cumran, foram descobertos, em 1947, manuscritos muito importantes para a história dos essênios. (N.T.)

XIII. Que a Vossa Mão Esquerda Não Saiba...

a primeira das virtudes, da qual ela é a irmã, e cujos benefícios prepara e enobrece. (*Miguel*. Bordeaux, 1862.)

OS ÓRFÃOS

18. Meus irmãos, amai os órfãos! Se soubésseis quanto é triste ser só e abandonado, principalmente na infância! Deus permite que haja órfãos para nos animar a lhes servir de pais. Que divina caridade a de ajudar uma pobre e pequena criatura abandonada, impedir que passe fome e frio, conduzir sua alma para que ela não se dirija aos caminhos do vício. Quem estende a mão a uma criança abandonada é agradável a Deus, porque compreende e pratica sua lei. Pensai também que, muitas vezes, a criança que socorreis vos foi querida em outra encarnação, e se pudésseis lembrar desse fato, a vossa atitude não seria mais caridade, porém um dever.

Assim, pois, meus amigos, todo ser que sofre é vosso irmão e tem direito à vossa caridade, não essa caridade que magoa o coração, não essa esmola que queima a mão de quem a recebe, porque vossas esmolos frequentemente são bem amargas. Quantas vezes elas seriam recusadas se, em casa, a doença e a miséria não esperassem por elas!

Dai com delicadeza, juntai à ajuda que derdes o mais precioso de todos os benefícios: uma boa palavra, um carinho, um sorriso amigo. Evitai esse tom de proteção que revolve a lâmina no coração que sangra, e pensai que, fazendo o bem, estareis trabalhando por vós e pelos vossos. (*Um espírito familiar*. Paris, 1860.)

BENEFÍCIOS PAGOS COM A INGRATIDÃO

19. O que pensar das pessoas que, tendo os benefícios que fizeram pagos com a ingratidão, não fazem mais o bem, com receio de encontrar ingratos?

— Nessas pessoas existe mais egoísmo do que caridade, visto que fazer o bem só para receber provas de reconhecimento

O Evangelho Segundo o Espiritismo

não é fazê-lo com desinteresse, e o único benefício que agrada a Deus é o que é feito desinteressadamente. Nelas, também existe o orgulho, porque se comprazem na humildade de quem recebeu o benefício, que deve demonstrar o seu reconhecimento aos seus pés. Aquele que busca na Terra a recompensa do bem que fez, não a receberá no céu, mas Deus terá interesse por aquele que não a procura sobre a Terra.

É preciso sempre ajudar os fracos, mesmo sabendo, antecipadamente, que aqueles a quem se faz o bem não agradecerão. Sabei que, se aquele a quem prestastes um benefício esquecer o bem que recebeu, Deus o levará mais em conta do que se tivésseis sido recompensados pelo reconhecimento do vosso beneficiado. Deus permite que por vezes sejais pagos com a ingratidão, para provar vossa perseverança em fazer o bem.

Aliás, como podereis saber se esse benefício, por agora esquecido, não produzirá bons frutos mais tarde? Ficai certos de que ele é uma semente que germinará com o passar do tempo. Infelizmente, nunca vedes mais que o presente; trabalhais por vós, e não tendo os outros em vista. Os benefícios acabam por abrandar os corações mais endurecidos; eles podem ser esquecidos aqui na Terra, mas, quando o espírito se desembaraçar do seu invólucro carnal, ele se lembrará, e essa lembrança será seu castigo. Então lamentará a sua ingratidão, desejará reparar a sua falta, pagar a sua dívida em outra existência, aceitando, muitas vezes, uma vida de dedicação ao seu benfeitor. É assim que, sem o perceberdes, tereis contribuído para o seu progresso moral, e mais tarde reconheceréis toda a verdade destas palavras: *um benefício jamais é perdido*. Além disso, também tereis trabalhado por vós, porque receberéis o mérito de haver feito o bem desinteressadamente, sem vos deixar desencorajar pelas decepções.

Ah! meus amigos, se conhecêsseis todos os laços que, na vida presente, vos ligam às vossas existências anteriores;

XIII. Que a Vossa Mão Esquerda Não Saiba...

se pudésseis abranger a imensa quantidade de relações que aproximam os seres uns dos outros para o seu progresso mútuo, ainda ficaríeis bem mais admirados com a sabedoria e a bondade do Criador que vos permite reviver para chegar até ele. (*Guia protetor*. Sens, 1862.)

BENEFICÊNCIA EXCLUSIVA

20. Pode-se aceitar a beneficência quando ela é exclusiva entre as pessoas que têm a mesma opinião, a mesma crença ou o mesmo partido?

— Não, porquanto é o espírito de seita e de partido que, antes de tudo, devemos abolir porque todos os homens são irmãos. O verdadeiro cristão só vê os semelhantes como seus irmãos, e, antes de prestar socorro àquele que está necessitado, não pergunta qual a sua crença nem a sua opinião, seja sobre o que for. Por acaso esse cristão seguiria o preceito de Jesus Cristo, que nos recomenda amar até mesmo os inimigos, se repelisse um infeliz por ter uma crença diferente da sua? Que o socorra, portanto, sem lhe pedir satisfações a consciência, pois se ele for um inimigo da religião, esse será o meio de fazer com que ele a ame; repelindo-o, só conseguiria que ele a odiasse. (*São Luís*. Paris, 1860.)





CAPÍTULO XIV

HONRAI VOSSO PAI E VOSSA MÃE

- PIEDADE FILIAL
- QUEM É MINHA MÃE E QUEM SÃO MEUS IRMÃOS?
- PARENTESCO CORPORAL E PARENTESCO ESPIRITUAL

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS:

- A INGRATIDÃO DOS FILHOS E OS LAÇOS DE FAMÍLIA

1. “Sabeis os mandamentos: não cometeréis adultério; não matareis; não roubareis; não dareis falso testemunho; não fareis mal a ninguém; honrai vosso pai e vossa mãe.” (Marcos, X: 19; Lucas, XVIII: 20; Mateus, XIX: 18 e 19.)

2. “Honrai vosso pai e vossa mãe a fim de viverdes muito tempo sobre a terra que o Senhor vosso Deus vos dará.” (Decálogo, Êxodo, XX: 12.)

PIEIDADE FILIAL

3. O mandamento “*Honrai vosso pai e vossa mãe;*” é uma consequência da lei geral de caridade e de amor ao próximo, porque não se pode amar o próximo sem amar nosso pai e nossa mãe; mas a palavra *honrai* contém um dever a mais com relação a eles: o da piedade filial. Com essas palavras Deus quis mostrar que ao amor é preciso juntar o respeito, os cuidados, a submissão

O Evangelho Segundo o Espiritismo

e a condescendência, o que resulta na obrigação de se ter para com eles, de uma forma mais rigorosa ainda, o procedimento determinado pela caridade em relação ao próximo. Esse dever naturalmente se aplica às pessoas que estão no lugar de pai e de mãe, e que tanto mais mérito terão, quanto menos obrigatório for o seu devotamento. Deus pune sempre, de uma forma rigorosa, toda violação desse mandamento.

Honrar pai e mãe não é somente respeitá-los, é também assisti-los nas suas necessidades; é proporcionar-lhes repouso na sua velhice; é cercá-los de solicitude, como eles fizeram conosco em nossa infância.

É principalmente com os pais sem recursos que se mostra a verdadeira piedade filial. Será que cumprem este mandamento aqueles que julgam fazer uma grande coisa, só porque dão aos seus pais o essencial para não morrerem de fome, enquanto que eles mesmos não se privam de nada, colocando-os nos mais ínfimos cômodos da casa — apenas para não deixá-los na rua — enquanto reservam para si o que há de melhor e de confortável? Ainda bem quando não o fazem de má vontade, e obrigam os pais a pagarem o tempo que lhes resta de vida com a responsabilidade de realizarem os trabalhos domésticos! Então, são os pais velhos e enfraquecidos pela idade que devem servir a filhos jovens e fortes? Será que a mãe lhes vendeu seu leite, quando os amamentava? Contou as noites de vigília, quando eles ficavam doentes? Ou os passos que deu para lhes proporcionar tudo o que necessitavam?

Não, não é apenas o estritamente necessário que os filhos devem proporcionar aos seus pais pobres, devem também, o quanto puderem, dar as pequenas alegrias do supérfluo, as amabilidades, os cuidados carinhosos, que são apenas os juro de tudo quanto receberam, o pagamento de uma dívida sagrada. Essa é a única piedade filial aceita por Deus.

XIV. Honrai Vosso Pai e Vossa Mãe

Infeliz, portanto, daquele que esquece o que deve aos que o sustentaram na sua fragilidade, aos que, com a vida material, lhe deram a vida moral, aos que, muitas vezes impuseram a si mesmos duras privações para lhe assegurar o bem-estar. Pobre do ingrato! Ele será punido com a ingratidão e o abandono; será ferido nas suas mais caras afeições, *algumas vezes já na vida presente*, mas certamente em uma outra existência, onde passará pelos sofrimentos que houver feito outros passarem.

É verdade que certos pais esquecem dos seus deveres e não são para os filhos o que deveriam ser; no entanto, é a Deus que compete puni-los, e não a seus filhos; porquanto eles mesmos talvez tenham merecido que seus pais fossem assim. Se a caridade transformou em lei o ato de pagar o mal com o bem, de ser indulgente com as imperfeições alheias, de não maldizer o próximo, de esquecer e perdoar as ofensas, de amar mesmo os inimigos, quanto maior não é a obrigação de assim procederem os filhos em relação aos pais! Consequentemente, todos os filhos devem adotar, como regra de conduta para com seus pais, os preceitos de Jesus referentes ao próximo, não esquecendo jamais que todo procedimento reprovável em relação ao próximo, torna-se ainda mais reprovável quando se trata dos pais; que a falta cometida no primeiro caso pode tornar-se um crime no segundo, porque, então, à falta de caridade junta-se a ingratidão.

4. Deus disse: “*Honra teu pai e tua mãe para viveres muito tempo sobre a terra que o Senhor teu Deus te dará*”. Mas por que Deus promete como recompensa a vida terrena e não a celeste?

A explicação está nestas palavras: “que Deus te dará,” suprimidas na forma moderna do Decálogo,¹⁰⁶ o que lhe modifica o sentido. Para compreender essas palavras, é preciso nos determos

¹⁰⁶ **Decálogo** são os dez mandamentos da lei de Deus, entregues a Moisés no alto do Monte Sinai, conforme *Êxodo*, XX: 12. (N.T.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

na situação e nas ideias dos hebreus na época em que elas foram ditas, quando esse povo ainda não compreendia a vida futura. Sua visão não se estendia além dos limites da vida corporal e, por isso, deviam ser mais tocados pelo que viam do que pelas coisas invisíveis. Eis por que Deus lhes falou numa linguagem que estava ao alcance da compreensão deles, e, como se fosse a uma criança, ele lhes dá como perspectiva o que poderia satisfazê-los. Eles ainda estavam no deserto; a terra que Deus ia lhes dar era a Terra da Promissão: o objetivo das suas aspirações; eles nada mais desejam e Deus lhes diz que viveriam nela por muito tempo, isto é, que a possuiriam se respeitassem os seus mandamentos.

No entanto, por ocasião da vinda de Jesus, suas ideias estavam mais desenvolvidas. Sendo chegado o momento de lhes dar um alimento menos grosseiro, Jesus os inicia na vida espiritual, dizendo: *“Meu reino não é deste mundo; é nele, e não sobre a Terra, que receberéis a recompensa das vossas boas obras”*. Com essas palavras, a Terra da Promissão material se transforma em uma pátria celeste; assim, quando Jesus lhes recomenda que cumpram o mandamento *“Honrai vosso pai e vossa mãe”* não é mais a Terra que ele lhes promete, mas o céu. (Ver capítulos II e III.)

QUEM É MINHA MÃE E QUEM SÃO MEUS IRMÃOS?

5. E, tendo vindo para casa, ali se reuniu tão grande número de pessoas que nem mesmo puderam fazer sua refeição. Quando seus parentes tomaram conhecimento disso, vieram para se apoderarem dele porque, segundo diziam, Jesus havia perdido o espírito.¹⁰⁷

Entretanto, sua mãe e seus irmãos chegaram, e, permanecendo do lado de fora, mandaram chamá-lo. Ora, o povo estava sentado ao seu redor; e disseram a Jesus: “Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e te chamam”. Mas ele lhes respondeu: “Quem

¹⁰⁷ “Perdido o espírito”: esta expressão era usada para designar alguém que estava louco. (N.T.)

XIV. Honrai Vosso Pai e Vossa Mãe

é minha mãe e quem são meus irmãos”? E, olhando aqueles que estavam sentados à volta dele, disse: “Eis aqui minha mãe e meus irmãos, porque todo aquele que faz a vontade de Deus, esse é meu irmão e minha mãe”. (Marcos, III: 20 e 21; 31 a 35; Mateus, XII: 46 a 50.)

6. Certas palavras parecem estranhas ditas por Jesus, por não estarem de acordo com a sua bondade e sua inalterável benevolência para com todos. Os incrédulos não deixaram de fazer disso uma arma, dizendo que ele se contradizia a si mesmo. Um fato irrecusável é que a sua doutrina tem como base fundamental, como pedra angular, a lei de amor e de caridade; ele não podia, portanto, destruir de um lado o que estabelecia do outro, de onde é forçoso tirar-se esta consequência rigorosa: se certas máximas estão em contradição com aquele princípio, é que as palavras que se atribuem a Jesus foram mal reproduzidas, mal compreendidas ou não lhe pertencem.

7. É de espantar, e com razão, que, nessa circunstância, Jesus demonstrasse tanta indiferença por seus parentes e, por assim dizer, renegasse sua mãe.

No que se refere aos seus irmãos, sabe-se que não tinham simpatia por ele. Espíritos pouco avançados, não haviam compreendido a sua missão. A conduta de Jesus, aos seus olhos, era esquisita, e seus ensinamentos não os sensibilizaram, porquanto nenhum deles se tornou seu discípulo. Pode-se dizer que, até certo ponto, participavam das prevenções dos seus inimigos. O que é certo, além disso, é que eles o acolhiam mais como a um estranho do que como a um irmão, quando ele se apresentava em família, e João diz, positivamente, que seus irmãos “*não acreditavam nele*”. (João, VII: 5.)

Quanto à sua mãe, ninguém poderá contestar a ternura que ela lhe dedicava, mas é preciso admitir que Maria também não parecia fazer uma ideia muito exata da missão de seu filho,

O Evangelho Segundo o Espiritismo

pois jamais se teve notícia de que seguisse seus ensinamentos ou desse testemunho dele, como fez João Batista; nela, a solicitude maternal era o sentimento dominante. Com relação a Jesus, supor que ele houvesse renegado sua mãe seria desconhecer o seu caráter, um tal pensamento não poderia ser daquele que disse: “*Honrai vosso pai e vossa mãe.*” É preciso, portanto, procurar um outro significado para as suas palavras, quase sempre veladas sob a forma alegórica.

Jesus não perdia nenhuma oportunidade para dar um ensinamento, portanto, aproveitou a que a chegada da sua família lhe oferecia para estabelecer a diferença que existe entre parentesco corporal e parentesco espiritual.

PARENTESCO CORPORAL E PARENTESCO ESPIRITUAL

8. Os laços de sangue não determinam forçosamente os laços entre os espíritos. O corpo procede do corpo, mas o espírito não procede do espírito, porque já existia antes da formação do corpo, não é o pai que cria o espírito do seu filho, ele só lhe fornece um invólucro corporal, mas deve ajudá-lo a desenvolver-se intelectual e moralmente, para que possa progredir.

Os espíritos que encarnam na mesma família, principalmente como parentes próximos, são, na maioria das vezes, espíritos que se simpatizam, unidos por relações anteriores, que se traduzem pela afeição que nutrem reciprocamente na vida terrestre. No entanto, também pode acontecer que esses espíritos sejam completamente estranhos uns aos outros, separados por antipatias igualmente anteriores, que se traduzem da mesma forma por seu antagonismo na Terra, para lhes servir de prova.

Os verdadeiros laços de família não são, por conseguinte, os fixados pela consanguinidade, mas os firmados pela simpatia e pela comunhão de pensamentos que *unem os espíritos antes, durante e após sua encarnação.* De onde se segue que dois seres nascidos de pais diferentes podem ser mais irmãos pelo espírito,

XIV. Honrai Vosso Pai e Vossa Mãe

do que se o fossem pelo sangue. Eles podem atrair-se, procurar-se, sentirem prazer em estar juntos, enquanto que dois irmãos consanguíneos podem repelir-se, como se observa diariamente; problema moral que só o Espiritismo pode resolver com a pluralidade das existências. (Cap. IV, item 13.)

Há, portanto, duas espécies de famílias: *as famílias pelos laços espirituais e as famílias pelos laços corporais*. As primeiras, duráveis, fortificam-se pela depuração e se perpetuam no mundo dos espíritos, por intermédio das diversas migrações da alma; as outras, frágeis como a própria matéria, com o passar do tempo se extinguem, e muitas vezes se dissolvem moralmente desde a vida atual. Foi isso o que Jesus desejou que compreendêssemos, dizendo aos seus discípulos: “Eis minha mãe e meus irmãos,” isto é, minha família pelos laços do espírito, porquanto todo aquele que faz a vontade do meu Pai, que está nos céus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe.

A hostilidade de seus irmãos é claramente expressa pela narração de Marcos, pois que eles, como afirma o evangelista, pretendiam apoderar-se de Jesus sob o pretexto de que ele *havia perdido o espírito*. Ao ser avisado da chegada da sua família, e conhecendo o sentimento deles a seu respeito, era natural que ele dissesse, referindo-se aos seus discípulos, sob o ponto de vista espiritual: “Eis os meus verdadeiros irmãos”. Sua mãe encontrava-se com eles, e Jesus generaliza o seu ensinamento, o que não significa, de maneira alguma, que ele tenha pretendido dizer que sua mãe, segundo o corpo, não lhe era nada como espírito, e que por ela só sentia indiferença. Sua conduta, em outras circunstâncias, provou suficientemente o contrário.

— INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS —

A INGRATIDÃO DOS FILHOS E OS LAÇOS DE FAMÍLIA

9. A ingratidão é um dos frutos mais imediatos do egoísmo, e sempre revolta os corações honestos, porém, a ingratidão dos

O Evangelho Segundo o Espiritismo

filhos em relação aos pais tem um caráter ainda mais odioso. É especialmente sob esse ponto de vista que vamos considerá-la, para analisar-lhe as causas e os efeitos. Nessa, como em outras questões, o Espiritismo vem trazer esclarecimentos para um dos problemas do coração humano.

Quando o espírito deixa a Terra, leva consigo as paixões ou as virtudes inerentes à sua natureza, e vai se aperfeiçoando no espaço, ou permanece estacionário, até o momento em que sinta o desejo de ver a luz. Muitos partem da Terra levando ódios violentos e desejos de vingança que não foram satisfeitos, porém, dentre eles, a alguns mais avançados, é permitido entrever uma ponta da verdade e assim reconhecem os funestos efeitos de suas paixões, tomando, então, boas resoluções. Compreendem que, para ir até Deus, só existe uma senha: a *caridade*, ora, não há caridade sem o esquecimento dos ultrajes e das injúrias; não há caridade com ódio no coração e sem perdão.

Então, mediante um imenso esforço, tais espíritos conseguem observar aqueles a quem odiaram na Terra, mas, diante dessa visão, a sua animosidade desperta, revoltam-se com a ideia de perdoá-los, ainda mais com a de renunciarem a si mesmos, e, principalmente, com a de amarem aqueles que foram talvez os causadores da destruição da sua fortuna, sua honra, sua família. Entretanto, o coração desses infortunados fica abalado. Eles hesitam, vacilam, agitados por sentimentos contrários. Se a boa resolução predomina dentro deles, oram a Deus, imploram aos bons espíritos que lhes deem forças no momento mais decisivo da prova.

Enfim, após alguns anos de meditações e de preces, o espírito se aproveita de um corpo que se prepara, na família daquele que ele detestou, e pede, aos espíritos encarregados de transmitir as ordens supremas, para ir cumprir na Terra os destinos daquele corpo que acaba de se formar. Qual será, então, sua conduta nessa família? Ela dependerá da maior ou menor persistência das suas

XIV. Honrai Vosso Pai e Vossa Mãe

boas resoluções. O contato incessante com os seres que ele odiou é uma prova terrível, sob a qual, às vezes, sucumbe, se a sua vontade não for bastante forte.

Assim, conforme prevalecer a boa ou a má resolução, ele será amigo ou inimigo daqueles em meio dos quais foi chamado a viver. Por aí se explicam esses ódios, essas repulsas instintivas que se percebem em certas crianças, e que nenhum ato anterior parece justificar. Efetivamente, nada, nesta existência, pôde provocar essa antipatia; para compreendê-la, é preciso volver o olhar para o passado.

Ó espíritas! Compreendei agora o grande papel da humanidade. Compreendei que, quando gerais um corpo, a alma que nele encarna vem do espaço para progredir; tomai conhecimento dos vossos deveres, e usai todo o vosso amor na tarefa de aproximar essa alma de Deus; essa é a missão que vos foi confiada, e pela qual recebereis a recompensa se ela for cumprida fielmente.

Vossos cuidados, e a educação que lhe derdes, a ajudarão a aperfeiçoar-se e a construir o seu bem-estar futuro. Lembrai-vos de que a cada pai e a cada mãe, Deus perguntará: “Que fizeste da criança que foi entregue aos teus cuidados”? Se permaneceu atrasada por vossa culpa, tereis como castigo vê-la entre os espíritos sofredores, quando dependia de vós que ela fosse feliz. Então vós mesmos, maltratados pelos remorsos, pedireis para reparar a vossa falta, solicitareis uma nova encarnação, para vós e para ela, em que ireis cercá-la de cuidados mais atentos, e ela, cheia de reconhecimento, vos cercará com o seu amor.

Não repudieis, portanto, o filho que no berço repele sua mãe, nem aquele que vos paga com a ingratidão; não foi o acaso que o fez assim e que o enviou para vós. Uma imperfeita intuição do passado se revela e dela podeis imaginar que um ou outro já odiou muito ou foi bem ofendido, que um ou outro veio para perdoar ou para expiar. Mães, abraçai o filho que vos causa

O Evangelho Segundo o Espiritismo

desgostos, e dizei a vós mesmas: “Um de nós foi o culpado”. Comportai-vos de forma a merecer as divinas alegrias que Deus concedeu à maternidade, ensinando a esse filho que ele está sobre a Terra para se aperfeiçoar, amar e bendizer. No entanto, muitas dentre vós, em vez de anular, por meio da educação, os maus princípios inatos de existências anteriores, mantêm e desenvolvem esses mesmos princípios por fraqueza culposa ou por desinteresse, e, mais tarde, vosso coração, magoado pela ingratidão dos vossos filhos, será para vós, desde esta vida, o começo da vossa expiação.

A tarefa não é tão difícil quanto poderíeis pensar, ela não exige o saber do mundo. Tanto o ignorante quanto o sábio podem desempenhá-la, e o Espiritismo veio facilitar esse desempenho fazendo com que se conhecessem as causas das imperfeições do ser humano.

Desde pequenina, a criança manifesta seus instintos bons ou maus que traz de existências anteriores, é preciso que os pais se dediquem a estudá-los. Todos os males têm seu princípio no egoísmo e no orgulho. Observai, pois, os menores sinais que possam revelar o germe desses vícios, e tratai de combatê-los logo, não deixando que criem raízes profundas. Fazei como o bom jardineiro, que arranca os maus rebentos à medida que eles vão surgindo na árvore. Se deixardes que o egoísmo e o orgulho se desenvolvam, não vos espanteis por, mais tarde, serdes pagos com a ingratidão.

Quando os pais fazem tudo o que devem para o adiantamento moral de seus filhos, porém, mesmo assim, não alcançam êxito, eles não têm de que se lamentar e sua consciência pode ficar tranquila. Quanto à tristeza bem natural que eles sentem, pelo fracasso dos seus esforços, Deus lhes reserva uma grande, uma imensa consolação, pela *certeza* de que se trata apenas de um atraso, de que em outra existência lhes será permitido acabar a obra

XIV. Honrai Vosso Pai e Vossa Mãe

começada nesta, e de que um dia o filho ingrato os recompensará com o seu amor. (Cap. XIII, item 19.)

Deus não dá uma prova acima das forças daquele que a pede, só permite as que podem ser cumpridas, se não se consegue triunfar, não é por falta de possibilidade, mas de vontade. Quantos existem que, em vez de resistirem aos maus procedimentos, neles se satisfazem, é a esses que estão reservados os choros e as lamentações em suas vidas futuras. Admirai, porém, a bondade de Deus, que nunca fecha a porta a quem está arrependido. E chega o dia em que o culpado está cansado de sofrer, em que seu orgulho, enfim, foi dominado, e é então que Deus abre os seus braços paternais ao filho pródigo,¹⁰⁸ que se lança aos seus pés.

As grandes provas, entendei bem o que digo, são quase sempre o indício de um fim de sofrimento e de um aperfeiçoamento do espírito, quando são aceitas por amor a Deus. É um momento supremo para o espírito, no qual é preciso, principalmente, não falhar com lamentações, se não quiser perder o fruto da prova e ter que recomeçar. Em vez de vos lamentardes, agradecei a Deus, que vos oferece a oportunidade de vencer, para vos dar o prêmio da vitória. Então, quando sairdes do turbilhão do mundo terrestre, entrareis no mundo dos espíritos, e sereis aclamados como o soldado que saiu vitorioso do meio da batalha.

De todas as provas, as mais penosas são as que afetam o coração; muitos suportam com coragem a miséria e as privações materiais, mas sucumbem sob o peso dos sofrimentos domésticos, magoados pela ingratidão dos seus. Como é terrível essa angústia! Mas, o que pode, nessas circunstâncias, reerguer a coragem moral senão o conhecimento das causas do mal, e a certeza de que, se há longas aflições, não há desesperos eternos, porque Deus não pode querer que a sua criatura sofra sempre? O que há de mais

¹⁰⁸ **Filho pródigo:** Santo Agostinho aqui faz referência à parábola narrada por Jesus, que se encontra no *Evangelho de Lucas*, cap. XV: 11 a 32. (N.T.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

consolador, de mais encorajador, do que o pensamento de que depende de si, dos seus próprios esforços, abreviar seu sofrimento destruindo em si as causas do mal?

Para isso, no entanto, é preciso que o homem afaste seu olhar da Terra e não veja só uma existência; que se eleve, pairando no infinito do passado e do futuro. Então, a grande justiça de Deus se revela aos seus olhos, e ele espera com paciência, porque é explicável agora o que antes, na Terra, lhe parecia monstruosidade. As feridas que recebeu não lhe parecem mais que arranhões. Nesse golpe de vista lançado sobre o conjunto, os laços de família aparecem como verdadeiramente são, não mais os frágeis laços da matéria ligando os seus membros, mas os laços duráveis do espírito, que se perpetuam, e se consolidam, ao se depurarem, em lugar de se esfacelarem com a reencarnação.

Os espíritos, cuja similitude de gostos, identidade do progresso moral e a afeição fazem com que se reúnam, formam famílias. Esses mesmos espíritos, nas suas migrações terrestres, se procuram para se agruparem, como o fazem no espaço, nascendo daí as famílias unidas e homogêneas. Se, nas suas peregrinações, momentaneamente eles são separados, mais tarde se reencontram, felizes com os seus novos progressos. Porém, como não devem trabalhar somente para si mesmos, Deus permite que espíritos menos adiantados venham encarnar entre eles, para receberem conselhos e bons exemplos, com vistas ao seu adiantamento. Muitas vezes, tais espíritos tornam-se a causa de perturbações naquele meio, mas é isso que constitui a prova, e a tarefa que os outros têm que desempenhar.

Acolhei-os, portanto, como irmãos; ajudai-os, e mais tarde, no mundo dos espíritos, a família se alegrará por haver salvo alguns náufragos que, por sua vez, poderão salvar outros. (*Santo Agostinho*. Paris, 1862.)



CAPÍTULO XV

FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

- O QUE É PRECISO PARA SER SALVO.
PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO
- O MAIOR MANDAMENTO
- NECESSIDADE DA CARIDADE SEGUNDO SÃO PAULO
- FORA DA IGREJA NÃO HÁ SALVAÇÃO.
FORA DA VERDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS:

- FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

O QUE É PRECISO PARA SER SALVO.

PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO

1. Ora, quando o Filho do Homem vier em sua majestade, acompanhado de todos os anjos, sentar-se-á no trono da sua glória; e, estando todas as nações reunidas diante dele, separará umas das outras, como o pastor separa as ovelhas dos bodes; e ele colocará as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda.

Então o rei dirá àqueles que estiverem à sua direita: “Vinde vós que fostes abençoados por meu Pai, tomai posse do reino que vos foi preparado desde o começo do mundo, porquanto eu tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes

O Evangelho Segundo o Espiritismo

de beber, tive necessidade de teto e me hospedastes, estive nu e me vestistes, estive doente e me haveis visitado, estive preso e me fostes ver”.

Então os justos lhe perguntarão: “Senhor, quando foi que nós te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber? Quando foi que te vimos sem teto e te abrigamos, sem roupas e te vestimos, ou enfermo, ou no cárcere, e te fomos visitar”? E o rei lhes responderá: “Em verdade vos digo, todas as vezes que fizestes isso a um destes meus irmãos mais humildes, foi a mim que o fizestes”.

Em seguida, ele dirá àqueles que estão à sua esquerda: “Afastai-vos de mim, malditos; ide para o fogo eterno que foi preparado para o diabo e seus anjos; pois tive fome e não me destes de comer; tive sede e não me destes de beber; tive necessidade de abrigo e não me agasalhastes; estive sem roupas e não me vestistes; estive doente e na prisão e não me fostes visitar”.

Então eles lhes responderão: “Senhor, quando foi que nós te vimos com fome ou com sede, sem abrigo ou sem roupas, doente ou na prisão e deixamos de te assistir”?

E ele lhes dirá: “Em verdade vos digo, todas as vezes que deixastes de dar assistência a um destes mais humildes, foi a mim que deixastes de ajudar”.

E estes últimos irão para o suplício eterno, e os justos para a vida eterna. (Mateus, XXV: 31 a 46.)

2. E eis que se levantou certo doutor da lei e disse, para o tentar: “Mestre, o que devo fazer para alcançar a vida eterna”? Jesus respondeu: “O que está escrito na lei? O que tu lês”? E ele disse: “Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu espírito, e vosso próximo como a ti mesmo”. Jesus então lhe disse: “Respondeste bem, faz isso e viverás”. Mas esse homem,

XV. Fora da Caridade Não Há Salvação

querendo fazer parecer que era justo, disse a Jesus: “E quem é meu próximo?” Jesus, tomando a palavra, respondeu:

“Um homem, que descia de Jerusalém para Jericó, caiu nas mãos de ladrões que o despojaram, encheram-no de feridas e fugiram, deixando-o quase morto. Ora, aconteceu que um sacerdote desceu pelo mesmo caminho, mas quando viu o homem ferido, passou bem longe. Um levita, que também passou pelo mesmo lugar, vendo-o, continuou andando. Um samaritano, porém, que vinha em viagem, chegando ao lugar onde estava esse homem, e tendo-o visto, sentiu compaixão. Aproximou-se dele, tratou suas feridas com azeite e vinho, e as enfaixou; em seguida, colocando-o sobre o seu cavalo levou-o a uma hospedaria e tomou conta dele. No dia seguinte, pegou dois denários e deu-os ao dono da hospedaria, dizendo-lhe: “Cuida bem deste homem, e tudo o que gastares a mais, eu te restituirei quando voltar”.

“Qual desses três te parece o próximo daquele que caiu nas mãos do assaltante?” O doutor da lei respondeu: “Aquele que foi misericordioso com ele”. Jesus então falou: “Vai, e faze o mesmo”. (Lucas, X: 25 a 37.)

3. Toda a moral de Jesus se resume na caridade e na humildade, isto é, nas duas virtudes contrárias ao egoísmo e ao orgulho. Em todos os seus ensinamentos, ele coloca essas virtudes como sendo o caminho da eterna felicidade. Bem-aventurados, disse ele, os pobres de espírito, ou seja, os humildes, porque deles é o reino dos céus; bem-aventurados os que têm o coração puro; bem-aventurados os que são brandos e pacíficos; bem-aventurados os que são misericordiosos; amai o vosso próximo como a vós mesmos; fazei aos outros o que desejais que os outros vos façam; amai vossos inimigos; perdoai as ofensas, se quereis ser perdoados; fazei o bem sem ostentação; julgai primeiro a vós, antes de julgardes os outros.

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Humildade e caridade, eis o que não cessa de recomendar, e do que ele mesmo dá o exemplo; orgulho e egoísmo, eis o que não cessa de combater. Jesus, porém, faz mais do que recomendar a caridade, ele a coloca claramente, e em termos bem definidos, como a condição absoluta da felicidade futura.

No quadro que Jesus nos deu do *juízo final*, é preciso, como em muitos outros casos, separar o que pertence à linguagem figurada, à alegoria. Para falar a homens como aqueles a quem se dirigia, incapazes ainda de compreender as coisas puramente espirituais, Jesus devia apresentar imagens materiais, impressionantes e capazes de abalar. Para ser melhor compreendido, precisava não se afastar muito das ideias do seu tempo, quanto à forma, reservando sempre para o futuro a verdadeira interpretação das suas palavras e dos pontos sobre os quais Ele não podia explicar-se claramente. Mas, ao lado da parte acessória e figurada do quadro, há uma ideia dominante: a da felicidade que aguarda o justo e a da infelicidade que espera aquele que é mau.

Nesse julgamento supremo, quais são os considerandos da sentença? Em que se baseia a sindicância? O juiz pergunta se foi preenchida esta ou aquela formalidade, observa mais ou menos esta ou aquela prática exterior? Não, Ele só indaga por uma coisa: a prática da caridade, e se pronuncia dizendo: “Vós que socorrestes vossos irmãos, passai à direita; vós que fostes insensíveis com eles, passai à esquerda”. Pergunta pela ortodoxia da fé? Faz alguma distinção entre aquele que crê de um modo e o que crê de outro? Não, visto que Jesus coloca o samaritano, olhado como herético, isto é, contrário ao que foi definido pela Igreja em matéria de fé, mas que teve amor pelo próximo, acima do ortodoxo, que falta com a caridade. Jesus não considerou a caridade somente como uma das condições para a salvação, mas como a única condição para se alcançá-la; se houvesse outras a serem cumpridas, ele as teria citado. Se Jesus coloca a caridade

XV. Fora da Caridade Não Há Salvação

em primeiro lugar entre as virtudes, é porque ela encerra implicitamente todas as outras: a humildade, a doçura, a benevolência, a indulgência, a justiça, etc., e porque ela é a negação absoluta do orgulho e do egoísmo.

O MAIOR MANDAMENTO

4. *Mas os fariseus, sabendo que Jesus havia fechado a boca aos saduceus, reuniram-se. E um deles, que era doutor da lei, veio fazer-lhe esta pergunta para o tentar: “Mestre, qual é o maior mandamento da lei”? E Jesus lhe responde: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito. Esse é o maior e o primeiro mandamento. E eis o segundo, que é semelhante ao primeiro: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Toda a lei e os profetas estão contidos nesses dois mandamentos”.* (Mateus, XXII: 34 a 40.)

5. Caridade e humildade, este é o único caminho para a salvação; egoísmo e orgulho, este é o da perdição. Tal princípio está formulado de maneira precisa nas seguintes palavras: “Amarás a Deus de toda a tua alma e ao teu próximo como a ti mesmo, *toda a lei e os profetas estão contidos nesses dois mandamentos*”. E para que não houvesse dúvidas na interpretação do amor a Deus e do amor ao próximo, acrescentou: “E eis o segundo mandamento, que é semelhante ao primeiro;” isto quer dizer que não se pode amar verdadeiramente a Deus sem amar o próximo, nem amar o próximo sem amar a Deus; portanto, tudo o que se faz contra o próximo, é contra Deus que se faz. Não se podendo amar a Deus sem praticar a caridade com o próximo, todos os deveres do homem se acham resumidos nestas palavras: *Fora da caridade não há salvação*.

NECESSIDADE DA CARIDADE SEGUNDO SÃO PAULO

6. *“Ainda que eu fale todas as línguas dos homens, e mesmo a língua dos anjos, se eu não tiver caridade, sou apenas*

O Evangelho Segundo o Espiritismo

como o bronze que soa ou o címbalo¹⁰⁹ que retine; e se eu tivesse o dom da profecia, e penetrasse em todos os mistérios, e tivesse uma perfeita ciência de todas as coisas, e ainda que eu tivesse toda a fé possível, até a de transportar montanhas, se eu não tiver caridade, nada sou. E quando eu houvesse distribuído os meus bens para alimentar os pobres, e entregado meu corpo para ser queimado, se não tiver caridade, isso de nada me servirá.

A caridade é paciente, é terna e beneficente; a caridade não é invejosa, não é temerária nem precipitada; não se enche de orgulho, não é desdenhosa, não procura seus próprios interesses, não se vangloria nem se irrita com nada, não faz más suposições, não se alegra com a injustiça, mas sim com a verdade; ela tudo suporta, tudo crê, tudo espera e tudo sofre.

Agora estas três virtudes: a fé, a esperança e a caridade permanecem, mas entre elas a principal é a caridade.” (Paulo, 1ª Epístola aos Coríntios, cap. XIII: 1 a 7 e 13.)

7. Paulo compreendeu tão profundamente esta grande verdade, que disse: “Ainda que eu tivesse a linguagem dos anjos, ainda que eu tivesse o dom da profecia, e que eu penetrasse todos os mistérios; e ainda que eu tivesse toda a fé possível, até a de transportar montanhas, se eu não tiver caridade, nada sou. Entre estas três virtudes: a fé, a esperança e a caridade, a principal é a caridade”. Dessa forma ele coloca, sem equívoco, a caridade acima da própria fé, porque a caridade está ao alcance de todas as pessoas, do ignorante e do sábio, do rico e do pobre, e porque é independente de toda crença particular.

Paulo faz mais: define a verdadeira caridade; mostra-a não somente na prática da beneficência, mas na reunião de todas as qualidades do coração, na bondade e na benevolência para com o próximo.

¹⁰⁹ **Címbalo:** antigo instrumento constituído por dois meios globos de metal que se percutiam um contra o outro. (N.T.)

XV. Fora da Caridade Não Há Salvação

FORA DA IGREJA NÃO HÁ SALVAÇÃO.

FORA DA VERDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

8. Enquanto que a máxima *fora da caridade não há salvação* apoia-se sobre um princípio universal, abrindo a todos os filhos de Deus o acesso à felicidade suprema, o dogma “fora da Igreja não há salvação” apoia-se *numa fé especial em dogmas particulares* e não sobre a fé fundamental em Deus e na imortalidade da alma, que é comum a todas as religiões; ele é exclusivo e absoluto; ao invés de unir os filhos de Deus, ele os divide; em lugar de induzi-los ao amor por seus irmãos, ele mantém e aprova a animosidade entre os seguidores dos diferentes cultos que consideram uns aos outros como malditos na eternidade, sejam eles parentes ou amigos neste mundo; desconhecendo a grande lei de igualdade diante do túmulo, ele os separa no cemitério.

A máxima *fora da caridade não há salvação* é a consagração do princípio de igualdade diante de Deus e da liberdade de consciência. Tendo essa máxima como regra, todos os homens são irmãos, e qualquer que seja a sua maneira de adorar o Criador, eles se dão as mãos e oram uns pelos outros.

Com o dogma *fora da Igreja não há salvação* eles se amaldiçoam, se perseguem e vivem como inimigos; o pai não ora pelo filho, nem o filho pelo pai, nem o amigo pelo amigo; eles se julgam reciprocamente condenados para sempre. Esse dogma da Igreja é, portanto, essencialmente contrário aos ensinamentos do Cristo e à lei evangélica.

9. *Fora da verdade não há salvação* seria equivalente a *fora da Igreja não há salvação*, e também seria exclusivista, visto que não existe uma única seita que não pretenda possuir o privilégio da verdade. Qual homem pode envaidecer-se de possuí-la inteiramente, enquanto os conhecimentos vão crescendo sem cessar à sua volta, e as ideias se modificam a cada dia?

O Evangelho Segundo o Espiritismo

A verdade absoluta só é partilhada pelos espíritos de ordem mais elevada, e a humanidade terrestre não poderia ter a pretensão de possuí-la, porquanto não lhe é permitido saber tudo; ela só pode aspirar a uma verdade relativa e proporcional ao seu adiantamento. Se Deus fizesse, da posse da verdade absoluta, a condição expressa para a felicidade futura, isso seria um decreto de exclusão geral, enquanto que a caridade, mesmo em sua aceção mais abrangente, pode ser praticada por todos. O Espiritismo, de acordo com o Evangelho, admitindo que se pode ser salvo, qualquer que seja a nossa crença, desde que se observe a lei de Deus, não afirma: *fora do Espiritismo não há salvação* e, como não pretende ensinar ainda toda a verdade, também não diz: *fora da verdade não há salvação*, palavras que dividiriam em lugar de unir, e perpetuariam o antagonismo.

— Instruções dos espíritos —

FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

10. Meus filhos, na afirmativa *fora da caridade não há salvação*, encerram-se os destinos dos homens na Terra e no céu; na Terra, porque, à sombra desse estandarte, eles viverão em paz; no céu, porque, aqueles que a houverem praticado encontrarão graça diante do Senhor. Essa divisa é a luz celeste, a coluna luminosa que guia o homem no deserto da vida, para conduzi-lo à Terra da Promissão.¹¹⁰

Ela brilha no céu como uma auréola santa na frente dos eleitos, e sobre a Terra está gravada no coração daqueles a quem Jesus dirá: “Ide para a direita, benditos de meu Pai”. Vós os reconheceréis pelo perfume de caridade que espalham à volta de si. Nada exprime melhor o pensamento de Jesus, nada resume tão

¹¹⁰ **Terra da Promissão:** Terra de Canaã, região que compreendia a Palestina e a Fenícia. É a Terra Prometida dos hebreus, que se apossaram dela depois da sua saída do Egito; estima-se que por volta de 1.200 a.C. (N.T.)

XV. Fora da Caridade Não Há Salvação

bem os deveres do homem como essa máxima de ordem divina. O Espiritismo não poderia provar melhor a sua origem do que apresentando-a como regra, porque ela é o reflexo do mais puro Cristianismo; com um tal guia, o homem não se perderá jamais. Dedicai-vos, portanto, meus amigos, a compreender-lhe o profundo sentido e as conseqüências, procurando, por vós mesmos, as suas aplicações. Submetei todas as vossas ações ao controle da caridade, e a vossa consciência não somente vos impedirá de fazer o mal, mas vos fará praticar o bem, porque não é suficiente uma virtude negativa, é preciso uma virtude ativa. Para fazer o bem, necessita-se sempre da ação da vontade, para deixar de fazer o mal, basta, muitas vezes, o não fazer nada, a indiferença.

Meus amigos, agradecei a Deus, que permitiu pudésseis desfrutar da luz do Espiritismo; não que somente os que a possuem possam ser salvos, mas, ajudando-vos a compreender melhor os ensinamentos do Cristo, ela faz de vós melhores cristãos. Fazei, portanto, que, ao serdes observados, se possa dizer que o verdadeiro espírita e o verdadeiro cristão são uma só e a mesma coisa, porque todos aqueles que praticam a caridade são discípulos de Jesus, qualquer que seja o culto a que pertençam. (*Paulo, apóstolo*. Paris, 1860.)





CAPÍTULO XVI

NÃO SE PODE SERVIR A DEUS E A MAMON¹¹¹

- SALVAÇÃO DOS RICOS
- PRESERVAR-SE DA AVAREZA
- JESUS EM CASA DE ZAQUEU
- PARÁBOLA DO MAU RICO
- PARÁBOLA DOS TALENTOS
- UTILIDADE PROVIDENCIAL DA RIQUEZA.
PROVAS DA RIQUEZA E DA MISÉRIA
- DESIGUALDADE DAS RIQUEZAS

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS:

- A VERDADEIRA PROPRIEDADE
- EMPREGO DA RIQUEZA
- DESPRENDIMENTO DOS BENS TERRENOS
- TRANSMISSÃO DA RIQUEZA

SALVAÇÃO DOS RICOS

1. “Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou odiará a um e amará o outro, ou se prenderá a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom.” (Lucas, XVI: 13.)

¹¹¹ **Mamom:** deus das riquezas, entre os sírios. Nome que os *Evangelhos* dão ao demônio das riquezas e ao demônio em geral. (N.T. de acordo com o *Dicionário Enciclopédico Luso-brasileiro Lello Universal*, vol. III.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

2. Então, um jovem aproximou-se de Jesus e disse: “Bom Mestre, que bem devo fazer para adquirir a vida eterna”? Jesus lhe respondeu: “Por que me chamas de bom? Apenas Deus é bom. Se queres entrar na vida, cumpre os mandamentos”. “Que mandamentos”? pergunta o jovem. Diz-lhe Jesus: “Não matarás, não cometerás adultério, não furtarás, não prestarás falso testemunho, honrarás teu pai e tua mãe, e amarás o teu próximo como a ti mesmo”.

E o jovem lhe disse: “Tenho respeitado todos esses mandamentos desde que cheguei à juventude; o que falta ainda”? Jesus respondeu: “Se tu queres ser perfeito, vai, vende o que tens, e dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois vem e segue-me”.

O jovem, ouvindo essas palavras, retirou-se muito triste, porque possuía muitos bens. Jesus, então, disse aos seus discípulos: “Em verdade vos digo que é bem difícil que um rico entre no reino dos céus. Eu vos digo ainda uma vez: é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha, que um rico entrar no reino dos céus”.¹¹² (Mateus, XIX: 16 a 24; Lucas, XVIII: 18 a 25; Marcos, X: 17 a 25.)

PRESERVAR-SE DA AVAREZA

3. Então um homem falou, do meio da multidão; “Mestre, diz ao meu irmão que divida comigo a herança que nos coube”. Mas Jesus lhe disse: “Ó homem! Quem me designou para vos julgar ou para fazer as vossas partilhas”? E acrescentou: “Tende o cuidado de vos preservar de toda a avareza, porque, em qualquer abundância em que o homem esteja, sua vida não depende dos bens que ele possua”.

¹¹² **Nota de Kardec:** Esta figura ousada pode parecer um pouco forçada, porque não se vê a relação que existe entre um camelo e uma agulha. Isso ocorre porque em hebreu emprega-se a mesma palavra para falar “cabo” e “camelo”. Na tradução foi empregada a segunda aceção, mas é provável que a primeira é que estivesse no pensamento de Jesus, pelo menos seria mais natural.

XVI. Não se Pode Servir a Deus e a Mamom

A seguir, contou-lhes esta parábola: Havia um homem rico cujas terras tinham produzido abundantemente, e ele se entretinha com estes pensamentos: “Que farei? Pois não tenho lugar onde possa guardar tudo o que tenho para colher. Eis o que farei, disse ele, demolirei os meus celeiros, construirei outros maiores e neles colocarei toda a minha colheita e todos os meus bens. E direi à minha alma: Minha alma, tens bastantes bens de reserva para muitos anos; descansa, come, bebe, regala-te”. Deus, porém, ao mesmo tempo, disse ao homem: “Insensato que tu és! Esta noite mesmo virão em busca da tua alma, e para que servirão as coisas que juntaste”?

É o que acontece àquele que acumula tesouros para si, e que não é rico diante de Deus. (Lucas, XII: 13 a 21.)

JESUS EM CASA DE ZAQUEU

4. Tendo entrado em Jericó, Jesus atravessava a cidade. Havia ali um homem chamado Zaqueu, chefe dos publicanos e muito rico, que, tendo vontade de ver Jesus para conhecê-lo, não o conseguia por causa da multidão, pelo fato de ser de estatura muito baixa. Então, correu adiante e subiu em um sicômoro¹¹³ para vê-lo, pois Jesus deveria passar por lá. Chegando àquele lugar, Jesus dirigiu seu olhar para o alto e ali o viu, e disse-lhe: “Zaqueu, desce depressa, porque é preciso que eu fique hoje em tua casa”. Zaqueu desceu rapidamente e o recebeu com alegria. Vendo isso, todos murmuravam dizendo: “Ele foi hospedar-se em casa de um homem de má vida”. (Ver na Introdução, o item “Publicanos”).

Entretanto, Zaqueu, pondo-se diante do Senhor, lhe diz: “Senhor, eu dou aos pobres a metade dos meus bens, e se causei danos a alguém, seja no que for, eu lhe restituirei quatro vezes mais”. Ao que Jesus lhe disse: “Esta casa recebeu hoje a

¹¹³ **Sicômoro:** nome comum a dois gêneros de árvores, um chamado sicômoro-figueira, também conhecido como “figueira de faraó”, e o outro chamado “falso-plátano”. (N.T.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

salvação, porque este também é filho de Abraão; porque o Filho do Homem veio para procurar e salvar o que estava perdido”.
(Lucas, XIX: 1 a 10.)

PARÁBOLA DO MAU RICO

5. Havia um homem rico, que se vestia de púrpura e de linho, e que se trajava magnificamente todos os dias. Havia também um pobre, chamado Lázaro, todo coberto de úlceras, deitado à sua porta, desejando matar a fome com as migalhas que caíam da mesa do rico; mas ninguém lhe dava nada, e os cães vinham lamber as suas chagas. Ora, aconteceu que esse pobre morreu, e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão. O rico também morreu, e teve o inferno como sepulcro. Enquanto estava nos tormentos, levantou seus olhos e viu de longe Abraão, e Lázaro no seu seio. Gritando, ele disse estas palavras: “Pai Abraão, tem piedade de mim, e manda-me Lázaro, a fim de que ele molhe a ponta de seu dedo na água para refrescar a minha língua, porque eu sofro extremos tormentos nestas chamas”.

Abraão, porém, lhe respondeu: “Meu filho, lembra-te de que recebeste teus bens em tua vida, e de que Lázaro só teve males; eis por que agora ele está na consolação e tu nos tormentos. Além disso, existe para sempre um grande abismo entre nós e vós, de maneira que os que desejam passar daqui para junto de vós, não podem fazê-lo, como também ninguém pode passar do lugar onde estás para aqui”.

O rico lhe disse: “Então eu te suplico, pai Abraão, que o mandes à casa de meu pai, onde tenho cinco irmãos, para lhes contar estas coisas, a fim de que eles também não venham para este lugar de tormentos”. Abraão lhe respondeu: “Eles têm Moisés e os profetas, que os ouçam”. Mas o rico disse: “Não, pai Abraão; mas se algum dos mortos for ter com eles, farão penitência”. Abraão, porém, falou: “Se eles não ouvem nem

XVI. Não se Pode Servir a Deus e a Mamom

Moisés nem os profetas, também não acreditariam, ainda que algum dos mortos ressuscitasse”. (Lucas, XVI: 19 a 31.)

PARÁBOLA DOS TALENTOS

6. O Senhor age como um homem que, tendo que fazer uma longa viagem fora de seu país, chama os seus servidores e lhes entrega os seus bens. A um ele deu cinco talentos, a outro, dois e a outro deu um, segundo a capacidade diferente de cada um, e partiu imediatamente. Aquele servidor que havia recebido cinco talentos foi-se embora, negociou com esse dinheiro, e ganhou mais cinco. O que recebeu dois, ganhou, da mesma forma, outros dois. Mas aquele que só recebeu um talento, cavou um buraco na terra e ali escondeu o dinheiro que recebera.

Algum tempo depois, o senhor daqueles servidores voltou e chamou-os para que lhe prestassem contas. Aquele que havia recebido cinco talentos veio e apresentou-lhe outros cinco dizendo: “Senhor, tu me deste cinco talentos, eis aqui, além desses, outros cinco que eu ganhei”. E o senhor lhe respondeu: “Ó bom e fiel servidor, porque foste fiel em poucas coisas, vou te confiar muitas outras, participa da alegria do teu senhor”. Aquele que havia recebido os dois talentos também veio logo se apresentar e disse: “Senhor, tu me deste dois talentos, eis aqui, além daqueles, outros dois que eu ganhei”. O senhor respondeu: “Ó bom e fiel servidor, porque foste fiel em poucas coisas, vou te confiar muitas outras; participa da alegria do teu senhor”. Aquele que havia recebido só um talento veio a seguir, e falou: “Senhor, sei que és um homem enérgico, que ceifas onde não semeaste, colhes de onde nada puseste, por isso, com receio de ti, escondi o teu dinheiro na terra; aqui está ele, eu te devolvo o que é teu”. O senhor, porém, lhe respondeu: “Servidor mau e preguiçoso, sabias que eu ceifo onde não semei e que colho de onde nada coloquei; devias, portanto, pôr o meu dinheiro nas mãos dos banqueiros, a fim de que, no meu regresso, eu retirasse com juros o que me pertence.

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Então, tirem o talento que está com ele e entreguem-no ao que tem dez talentos, porquanto dar-se-á a todos que já têm, e eles serão cumulados de bens, mas para aquele que não tem, tirar-se-lhe-á até o que parece ter. E que esse servidor inútil seja lançado nas trevas exteriores, é ali que haverá lágrimas e ranger de dentes”. (Mateus, XXV: 14 a 30.)

UTILIDADE PROVIDENCIAL DA RIQUEZA.

PROVAS DA RIQUEZA E DA MISÉRIA

7. Se a riqueza fosse um obstáculo absoluto à salvação daqueles que a possuem — como se poderia deduzir de certas palavras de Jesus, interpretadas segundo a letra e não segundo o seu sentido — Deus, que a concede, teria colocado nas mãos de algumas pessoas um instrumento inevitável de perdição, pensamento este que vai de encontro à razão.

A riqueza é, sem dúvida, uma prova muito difícil, mais perigosa que a miséria, pelas seduções, pelas tentações que oferece, pela fascinação que exerce. É o supremo excitante do orgulho, do egoísmo e da vida sensual; é o laço mais poderoso que liga o homem à Terra e afasta seus pensamentos do céu. Produz tamanho desvario que quase sempre se vê aquele que passa da miséria para a fortuna esquecer rapidamente da sua situação anterior, e também dos que com ele a partilharam, dos que o ajudaram, tornando-se insensível, egoísta e fútil. Porém, embora a riqueza torne a jornada mais difícil, isso não quer dizer que a torne impossível, e que não possa vir a ser um meio de salvação nas mãos daquele que souber utilizá-la, como ocorre com o uso de certos venenos que podem devolver a saúde, quando usados oportunamente e com discernimento.

Quando Jesus disse ao jovem, que o interrogava sobre os meios de ganhar a vida eterna, que se desfizesse de todos os seus bens e o seguisse, não pretendia estabelecer como princípio absoluto que cada um deve se desfazer do que possui, e que esse

XVI. Não se Pode Servir a Deus e a Mamom

é o único preço da salvação, mas simplesmente mostrar que *o apego aos bens terrenos é um obstáculo à salvação*. Aquele jovem, realmente, considerava-se quite porque havia observado certos mandamentos, porém, recusava a ideia de abandonar seus bens; seu desejo de conseguir a vida eterna não ia até esse sacrifício.

A proposta que Jesus lhe fez era uma prova decisiva, para esclarecer o mais íntimo do seu pensamento; ele podia, sem dúvida alguma, ser um homem perfeito, honesto, segundo o mundo terrestre, não fazer mal a ninguém, não maldizer o seu próximo, não ser fútil nem orgulhoso, honrar seu pai e sua mãe; mas não possuía a verdadeira caridade, pois a sua virtude não ia até a abnegação. Eis aí o que Jesus quis demonstrar; era uma aplicação do princípio: *Fora da caridade não há salvação*.

A consequência dessas palavras, tomadas em sua rigorosa acepção, seria a abolição da fortuna, como prejudicial à felicidade futura e como fonte de uma infinidade de males sobre a Terra; além disso, seria a condenação do trabalho que pode proporcioná-la; consequência absurda, que reconduziria o homem à vida selvagem, e que, por isso mesmo, estaria em contradição com a lei do progresso, que é uma lei de Deus.

Se a riqueza é a fonte de tantos males, se desperta um número tão grande de más paixões, se também provoca tantos crimes, não é a ela que devemos culpar, mas ao homem que dela abusa, como abusa de todos os dons que Deus lhe deu; pelo abuso, ele torna pernicioso o que lhe poderia ser muito útil; é a consequência do estado de inferioridade do mundo terrestre. Se a riqueza só devesse produzir o mal, Deus não a teria posto sobre a Terra; pertence ao homem fazer com que ela produza o bem. Se não é um elemento direto do progresso moral, a riqueza é, sem a menor dúvida, um poderoso elemento de progresso intelectual.

Efetivamente, o homem tem por missão trabalhar pela melhoria material do globo; deve desbravá-lo, saneá-lo, prepará-lo

O Evangelho Segundo o Espiritismo

para um dia receber toda a população que a sua extensão comporta. Para alimentar essa população, que cresce sem cessar, é preciso aumentar a produção. Se a produção de uma região for insuficiente, é preciso ir buscá-la em outra. Por isso mesmo, as relações entre os povos tornam-se uma necessidade; para torná-las mais fáceis, é preciso destruir os obstáculos materiais que os separam, tornando as comunicações mais rápidas. Para trabalhos que se tornaram a obra dos séculos, o homem teve que buscar materiais até nas entranhas da terra. Procurou na Ciência os meios de executá-los mais segura e mais rapidamente, porém, para fazê-lo, precisava de recursos: a necessidade o fez criar a riqueza, como o havia feito descobrir a Ciência. A atividade necessária para esses mesmos trabalhos ampliou e desenvolveu sua inteligência; essa inteligência, que ele concentrou inicialmente na satisfação das necessidades materiais, mais tarde o ajudará a compreender as grandes verdades morais. Sendo a riqueza o principal meio de execução, sem ela não haveria grandes trabalhos, nem atividades, nem estímulos, nem pesquisas. É com razão, portanto, que ela é considerada como um elemento de progresso.

DESIGUALDADE DAS RIQUEZAS

8. A desigualdade das riquezas é um desses problemas que se procuram resolver inutilmente, quando se leva em consideração apenas a vida atual.

A primeira questão que se apresenta é esta: por que todos os homens não são igualmente ricos? Isso acontece por uma razão muito simples: *é que os homens não são igualmente inteligentes, ativos e laboriosos para adquirir, nem sóbrios e previdentes para conservar.* Aliás, é um ponto matematicamente demonstrado que, se a riqueza fosse repartida igualmente, daria a cada pessoa uma parte mínima e insuficiente; que, supondo-se essa divisão realizada, o equilíbrio em pouco tempo seria rompido, por causa da diferença de caracteres e de aptidões; que,

XVI. Não se Pode Servir a Deus e a Mamom

supondo a divisão possível e durável, tendo cada um apenas o necessário para viver, o resultado seria o aniquilamento de todos os grandes trabalhos que contribuem para o progresso e o bem-estar da humanidade; que, supondo-se que ela desse a cada um o necessário, não haveria mais o estímulo que leva o homem às grandes descobertas e aos empreendimentos úteis. Se Deus concentra a fortuna em certos lugares, é para que dali ela se expanda, em quantidades suficientes, segundo as necessidades.

Admitindo-se esse raciocínio, pergunta-se por que Deus a concede a pessoas incapazes de fazê-la frutificar para o bem de todos. Essa ainda é uma prova da sabedoria e da bondade divinas. Dando ao homem o livre-arbítrio, quis Deus que ele chegasse, por sua própria experiência, a diferenciar o bem do mal, e que a prática do bem fosse o resultado dos seus esforços e da sua própria vontade. Ele não deve ser conduzido fatalmente nem ao bem nem ao mal, se assim não fosse o homem seria apenas um instrumento passivo e irresponsável, como os animais. A riqueza é um meio de experimentá-lo moralmente; mas como, ao mesmo tempo, é um poderoso meio de ação para o progresso, Deus não quer que ela fique muito tempo improdutiva, eis por que *incessantemente a transfere*. Cada um deve possuí-la, para se exercitar na maneira de servir-se dela e provar que sabe utilizá-la. No entanto, como há a impossibilidade material de que todos a possuam ao mesmo tempo — além disso, se todos a possuíssem, ninguém trabalharia e, em consequência, o aperfeiçoamento da Terra sofreria — *cada um a possui por sua vez*. Assim sendo, aquele que hoje não a tem, já a teve ou a terá em outra existência, e o que agora a possui, poderá não tê-la mais amanhã. Há ricos e pobres porque, Deus sendo justo, cada um deve trabalhar por sua vez. A pobreza é para uns a prova da paciência e da resignação; a riqueza é para outros a prova da caridade e da abnegação.

Lamenta-se, com razão, o uso deplorável que algumas pessoas fazem das suas riquezas, as paixões desprezíveis que a

O Evangelho Segundo o Espiritismo

cobiça desperta, e pergunta-se: Deus é justo ao dar a riqueza a tais pessoas? É certo que, se o homem só tivesse uma existência, nada justificaria semelhante divisão dos bens da Terra; mas se, em lugar de limitarmos nossa visão à vida presente, considerarmos o conjunto das existências, veremos que tudo se equilibra com justiça. O pobre, portanto, não tem nenhum motivo para acusar a Providência, nem para invejar os ricos, assim como os ricos não o têm para se vangloriarem do que possuem. Se abusam da riqueza, não será com decretos, nem com leis referentes a despesas ou ao luxo, que se irá remediar o mal. As leis podem momentaneamente modificar o exterior, mas não podem modificar o coração; eis por que têm uma duração temporária e são sempre seguidas de uma reação desenfreada.

A origem do mal está no egoísmo e no orgulho; os abusos de toda a espécie cessarão por si mesmos, quando os homens se pautarem pela lei da caridade.

— INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS —

A VERDADEIRA PROPRIEDADE

9. Verdadeiramente, o homem só possui como sua propriedade o que pode levar deste mundo. O que encontra ao chegar e o que deixa ao partir, ele desfruta durante a sua permanência na Terra, mas, visto que é forçado a abandonar tudo isso, ele tem apenas o seu usufruto e não a posse real. Então, o que é que ele possui? Nada do que é para o uso do corpo, e tudo o que é para o uso da alma: a inteligência, os conhecimentos, as qualidades morais. Eis o que ele traz e o que leva consigo; o que ninguém tem o poder de lhe tirar, e o que lhe servirá mais ainda no outro mundo do que neste. Unicamente do homem depende estar mais rico ao partir daqui do que ao chegar na Terra, porque do que ele houver adquirido em bem resultará a sua posição futura. Quando um homem vai para um país distante, ele arruma a sua bagagem

XVI. Não se Pode Servir a Deus e a Mamom

com objetos que tenham uso naquele país, e não com aqueles que lá lhe seriam inúteis. Procedei, pois, da mesma forma em relação à vida futura; fazei provisões de tudo o que nela poderá vos servir.

Ao viajante que chega a um albergue, se ele pode pagar, é dado um bom alojamento; ao que tem menos recursos é dado um não tão bom quanto ao primeiro, e àquele que nada tem, é deixado ao relento. Assim acontece ao homem na sua chegada ao mundo dos espíritos: o seu lugar depende das suas posses, mas não é com ouro que ele pode pagá-lo. Ninguém lhe perguntará: “Quanto tinhas na Terra? Que posição ocupavas? Eras príncipe ou operário”? No entanto, lhe será perguntado: “O que trazes”?

Não se calculará o valor dos seus bens, nem dos seus títulos, mas a soma das suas virtudes, e, de acordo com esses cálculos, o operário pode ser mais rico que o príncipe. Inutilmente o homem alegará que, antes de deixar a Terra, pagou em ouro a sua entrada, pois ouvirá como resposta que ali os lugares não são comprados, mas ganhos com o bem que se fez; que, com a moeda terrestre, ele poderia comprar terras, casas e palácios, mas ali tudo se paga com as qualidades do coração. És rico dessas qualidades? Sê bem-vindo, e vai para o primeiro lugar onde todas as felicidades te esperam. És pobre? Vai para o último, onde serás tratado de acordo com as tuas posses. (*Pascal*. Genebra, 1860.)

10. Os bens da Terra pertencem a Deus, que os distribui de acordo com a sua vontade. O homem apenas usufrui deles, é o seu administrador mais ou menos íntegro e inteligente. Uma prova de que eles pertencem muito pouco ao homem, é que Deus frequentemente anula todas as suas previsões, fazendo com que a riqueza escape daquele que se acredita com os melhores títulos para possuí-la.

Direis, talvez, que isso é compreensível em relação à fortuna hereditária, mas que o mesmo não acontece com a que o homem conseguiu com o seu trabalho. Sem dúvida alguma, se há uma

O Evangelho Segundo o Espiritismo

riqueza legítima essa é a que se adquiriu honestamente porque *uma propriedade só é legitimamente adquirida quando, para conquistá-la, não se prejudicou ninguém*. Serão pedidas contas até de um centavo mal adquirido, em prejuízo de alguém. Mas por que um homem deve sua riqueza a si mesmo, terá alguma vantagem ao morrer? Os cuidados que ele toma para transmiti-la aos seus descendentes, frequentemente não são inúteis? Pois se Deus não quiser que eles a recebam, nada poderá prevalecer contra a sua vontade. Poderá ele usar e abusar da sua fortuna, impunemente, durante sua vida, sem ter que prestar contas? Não, porquanto permitindo-lhe adquiri-la, Deus pode ter querido recompensá-lo, durante esta vida, por seus esforços, sua coragem e sua perseverança; mas se ele serviu-se dela apenas para a satisfação de seus sentidos e do seu orgulho, se ela se tornou em suas mãos um motivo de queda, valeria mais não tê-la possuído. Ele perde de um lado o que ganhou de outro, anulando o mérito do seu trabalho e, quando deixar a Terra, Deus lhe dirá que já recebeu a sua recompensa. (M., *espírito protetor*. Bruxelas, 1861.)

EMPREGO DA RIQUEZA

11. Não podeis servir a Deus e a Mamom. Guardai bem isso, vós que sois dominados pelo amor ao ouro, vós que venderíeis a alma para possuir tesouros, porque eles poderiam vos elevar acima dos outros homens e vos dar os prazeres das paixões. Não, não podeis servir a Deus e a Mamom! Se sentis, portanto, vossa alma dominada pelas cobiças da carne, tratai de vos libertar dessa dependência que vos domina, porque Deus, justo e severo vos dirá: “Que fizeste dos bens que te confiei, mordomo infiel? Essa poderosa fonte de boas obras, tu a empregaste apenas para a tua satisfação pessoal”.

Qual é, então, a melhor utilização que se pode dar à fortuna? Procurai a solução desse problema nestas palavras: “*Amai-vos uns aos outros,*” nelas está o segredo do bom emprego das riquezas.

XVI. Não se Pode Servir a Deus e a Mamom

Aquele que está decidido à prática do amor ao próximo já tem sua linha de conduta inteiramente traçada, porquanto é na caridade que se encontra a utilização que agrada a Deus; não essa caridade fria e egoísta, que consiste em distribuir ao redor de si o supérfluo de uma existência dourada, mas a caridade plena de amor, que procura o infeliz e o socorre sem humilhá-lo. Rico, dá do teu supérfluo; faz ainda mais, dá um pouco do que te é necessário, porque ainda sentes necessidade do supérfluo, mas dá com sabedoria.

Não rejeites aquele que se lamenta com medo de que possa ser enganado, mas vai à origem do mal e auxilia primeiro; depois, informa-te, e vê se o trabalho, os conselhos, a afeição mesmo não serão mais eficazes do que a tua esmola. Espalha à tua volta, com a abastança, o amor de Deus, o amor do trabalho, o amor do próximo. Coloca tuas riquezas sobre uma base que não te faltará jamais e que te trará grandes interesses: as boas obras.

A riqueza da inteligência deve te servir como a do ouro; difunde ao teu redor os tesouros da instrução; distribui entre os teus irmãos os tesouros do teu amor, e eles frutificarão. (*Cheverus*. Bordeaux, 1861.)

12. Quando considero a brevidade da vida, sou dolorosamente atingido pela incessante preocupação da qual é motivo para vós o bem-estar material, enquanto dedicais tão pouca importância e consagrais tão pouco tempo ao vosso aperfeiçoamento moral, que vos será levado em conta na eternidade. Poder-se-ia acreditar, ao ver a atividade que desenvolveis, que se trata de uma questão do mais alto interesse para a humanidade, quando, quase sempre, trata-se de satisfazer as vossas necessidades exageradas, a vaidade, ou de vos entregardes a excessos.

Quantas penas, quantos cuidados, quantos tormentos cada um se impõe; quantas noites passadas sem dormir para aumentar uma fortuna muitas vezes mais do que suficiente!

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Por cúmulo do absurdo, não é raro verem-se pessoas que, por um amor sem limites à fortuna e aos prazeres que ela proporciona, sujeitam-se a um trabalho penoso, e se vangloriam por viver em uma existência de sacrifícios e de méritos, como se trabalhassem para os outros e não para si mesmos.

Insensatos! Então, acreditais, realmente que vos serão levados em conta os cuidados e os esforços dos quais o egoísmo, a cobiça ou o orgulho são a causa, enquanto negligenciais o cuidado com o vosso futuro, assim como com os deveres que a solidariedade fraterna impõe a todos aqueles que desfrutam das vantagens da vida social?

Só haveis pensado no vosso corpo; seu bem-estar e seus prazeres foram os únicos objetivos da vossa solícitude egoísta; por ele, que morre, negligenciastes vosso espírito, que sempre viverá. Assim, esse senhor, tão mimado e acariciado, tornou-se vosso tirano, ele comanda vosso espírito que se fez seu escravo. Seria esse o objetivo da existência que Deus vos deu? (*Um espírito protetor*. Cracóvia, 1861.)

13. Sendo o homem o depositário, o gerente dos bens que Deus colocou em suas mãos, deverá fazer uma severa prestação de contas do emprego que lhes deu, em razão do seu livre-arbítrio.

O mau emprego consiste em fazer com que eles sirvam apenas à satisfação pessoal; ao contrário, o emprego é bom todas as vezes que dele resulta um bem qualquer para os outros; o mérito é proporcional ao sacrifício que para isso se impõe. A beneficência nada mais é que um modo de se empregar a riqueza; ela suaviza a miséria presente, mitiga a fome, protege contra o frio, e dá abrigo a quem não o tem. Mas um dever também imperioso, também meritório, consiste em prevenir a miséria; é aí, principalmente, que está a missão das grandes fortunas, pelos trabalhos de todos os gêneros que elas podem proporcionar. E, tivessem elas de tirar desses trabalhos um proveito natural,

XVI. Não se Pode Servir a Deus e a Mamom

mesmo assim o bem não deixaria de existir, porque o trabalho desenvolve a inteligência e exalta a dignidade do homem, sempre altivo ao poder dizer que ganha o pão que come, enquanto que a esmola o humilha e degrada. A riqueza concentrada em uma só mão deve ser como uma fonte de água viva, que espalha a fecundidade e o bem-estar ao seu redor.

E vós, ricos, que empregardes a fortuna segundo a vontade do Senhor, ficai certos de que vosso coração será o primeiro a matar a sua sede nessa fonte benfazeja, e ainda nesta vida desfrutareis dos inefáveis prazeres da alma, em lugar dos prazeres materiais do egoísmo, que deixam um vazio no coração. Vosso nome será bendito na Terra, e quando a deixardes, o soberano Senhor vos dirá as palavras da parábola dos talentos: *Ó bom e fiel servidor, participa da alegria do teu senhor.* Nessa parábola, o servidor que escondeu na terra o dinheiro que lhe foi confiado não é a imagem dos avarentos, nas mãos dos quais a fortuna é improdutiva? Se, entretanto, Jesus fala principalmente das esmolas, é que naquele tempo, e no país em que ele vivia, não se conheciam os trabalhos que as artes e a indústria criaram posteriormente, e nos quais a fortuna pode ser empregada de forma útil, para o bem geral. A todos aqueles que podem dar, pouco ou muito, então, direi: dai esmola quando for necessário, porém, tanto quanto possível, transformai-a em salário, a fim de que aquele que a receba não se envergonhe dela. (*Fénelon*. Alger, 1860.)

DESPRENDIMENTO DOS BENS TERRENOS

14. Venho, meus irmãos, meus amigos, trazer minha pequena contribuição para vos ajudar a caminhar corajosamente na estrada do aperfeiçoamento onde entrastes. Nós nos devemos uns aos outros, e somente por uma união sincera e fraterna entre os espíritos e os encarnados é que a regeneração será possível.

Vosso amor pelos bens terrenos é um dos fortes empecilhos ao vosso adiantamento moral e espiritual; por esse apego às posses

O Evangelho Segundo o Espiritismo

materiais, destruí as faculdades de amar levando-as todas para as coisas materiais. Sede sinceros: a riqueza proporciona uma felicidade sem restrições? Quando vossos cofres estão cheios, não há sempre um vazio em vossos corações? No fundo dessa cesta de flores não há sempre um réptil escondido?

Compreendo que o homem que ganhou sua fortuna por um trabalho assíduo e honrado experimente uma satisfação, aliás bem justa; mas, dessa satisfação, muito natural e que Deus aprova, a um apego que absorve qualquer outro sentimento e paralisa o coração, há uma grande distância; tão grande quanto a que vai da avariza sórdida à prodigalidade exagerada, dois vícios entre os quais Deus colocou a caridade, santa e salutar virtude que ensina o rico a dar sem ostentação, para que o pobre receba sem baixaza.

Que a fortuna venha da vossa família, ou que a tenhais conseguido com o vosso trabalho, de uma coisa jamais podereis vos esquecer: é que tudo vem de Deus, e tudo retorna a Deus. Nada vos pertence na Terra, nem mesmo o vosso pobre corpo, a morte faz com que o deixeis, assim como a todos os bens materiais. Sois depositários e não proprietários, não vos enganéis com isso; Deus vos emprestou e deveis devolver; e ele vos empresta sob a condição de que, pelo menos o supérfluo, se destine àqueles que não têm o necessário.

Um de vossos amigos vos empresta certa importância e, por menos honesto que sejais, tereis o escrúpulo de devolvê-la e lhe ficareis agradecido pelo empréstimo. Pois bem, essa é a posição de todo homem rico. Deus é o amigo celeste que lhe emprestou a riqueza, e que pede para si apenas amor e reconhecimento, mas que exige que o rico, por sua vez, dê aos pobres, que são seus filhos, tanto quanto ele.

Os bens que Deus vos confiou despertam em vossos corações uma ardente e insensata cobiça. Quando vos deixais apegar sem limites a uma fortuna, perecível e passageira como vós, já

XVI. Não se Pode Servir a Deus e a Mamom

pensastes que chegará o dia em que tereis que prestar contas ao Senhor do que veio dele? Esqueceste de que, pela riqueza, fostes revestidos do caráter sagrado de ministros da caridade sobre a Terra, para serdes os seus distribuidores inteligentes? O que sois, portanto, quando usais apenas em vosso proveito o que vos foi confiado, senão depositários infíéis? Que resulta desse esquecimento voluntário dos vossos deveres? A morte inflexível, inexorável vem rasgar o véu sob o qual vos escondeis, e vos força a prestar contas ao mesmo amigo que vos havia prestado um favor, e que neste momento se reveste para vós com uma toga de juiz.

É inutilmente que procurais na Terra iludir-vos, disfarçando com o nome de virtude o que frequentemente não passa de egoísmo; chamar de economia e providência o que é cobiça e avareza, ou chamar de generosidade o que é apenas prodigalidade em vosso próprio proveito. Um pai de família, por exemplo, economizará, juntará ouro sobre ouro, e isso, ele afirma, para deixar aos seus filhos o maior número de bens possível, evitando que caiam na miséria. É muito justo e paternal, temos que convir, e não se pode censurá-lo por isso; mas é bem esse o único motivo que sempre o leva a agir assim? Não é isso, muitas vezes, uma desculpa para a própria consciência a fim de justificar aos seus próprios olhos, e aos olhos do mundo, seu apego pessoal aos bens terrenos? Entretanto, admitindo-se que o amor paternal seja o seu único motivo, é isso razão para esquecer seus irmãos diante de Deus? Quando ele mesmo já tem o supérfluo, deixará seus filhos na miséria se eles tiverem um pouco menos desse supérfluo? Agir assim não é lhes dar uma lição de egoísmo e endurecer o seu coração? Não é sufocar dentro deles o amor ao próximo?

Pais e mães, cometeis um grande erro acreditando que assim aumentais a afeição dos vossos filhos por vós, ensinando-os a serem egoístas para com outros, os ensinais a fazerem o mesmo com vós mesmos.

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Quando um homem trabalhou muito, e com o suor do seu rosto juntou bens, muitas vezes o escutais dizendo que, quando o dinheiro é ganho, sabe-se melhor o seu valor; nada é mais verdadeiro. Muito bem, que esse homem, que confessa conhecer todo o valor do dinheiro, faça a caridade segundo suas posses, e ele terá mais mérito que aquele que, na abundância, ignora as rudes fadigas do trabalho. Mas se, ao contrário, esse mesmo homem que recorda suas penas e seus trabalhos, é egoísta, duro para os pobres, ele se torna bem mais culpado que os outros. Porque, quanto mais se conhece, por experiência própria, as dores escondidas da miséria, mais propenso se deve estar a aliviá-las nos outros.

Infelizmente, no homem que possui um grande apego à sua fortuna, sempre há um outro sentimento, tão forte quanto esse: é o orgulho. Não é raro, ver-se o novo-rico atordoar o infeliz, que implora sua assistência, com a narração dos seus trabalhos e suas habilidades, em vez de ajudá-lo, e acabar dizendo: “Faça o que eu fiz”. Segundo sua concepção, a bondade de Deus não influiu em nada na obtenção da sua fortuna, somente a ele pertencem todos os méritos; seu orgulho coloca uma venda sobre os seus olhos e tampa os seus ouvidos. Ele não compreende que, com toda a sua inteligência e habilidade, Deus pode derrubá-lo com uma só palavra.

Esbanjar fortuna não é desapego dos bens terrestres, é descuido e indiferença. O homem, depositário desses bens, não tem o direito de dilapidá-los nem de confiscá-los para o proveito próprio. A prodigalidade não é generosidade; frequentemente é uma forma de egoísmo. Aquele que esbanja ouro para satisfazer uma fantasia não daria um centavo para prestar um auxílio.

O desapego aos bens terrenos consiste em apreciar a fortuna no seu justo valor; em saber servir-se dela em benefício dos outros e não somente para si; em não sacrificar, por ela, os interesses da vida futura; em perdê-la, sem lamentações, se for da vontade de Deus retirá-la de vós.

XVI. Não se Pode Servir a Deus e a Mamom

Se, por reveses imprevistos, vos transformardes em um outro Jó, dizei da mesma forma que ele: “Senhor, vós me destes, vós me tirastes; que a vossa vontade seja feita”. Esse é o verdadeiro desapego. Antes de tudo sede submissos, tende fé naquele que assim como vos deu e tirou, pode vos tornar a dar; resisti com bastante coragem ao abatimento, ao desespero que paralisa vossas forças.

Nunca vos esqueçais de que Deus, quando vos aflige com uma prova, sempre coloca uma consolação ao lado da prova maior. Mas pensai, principalmente, que existem bens infinitamente mais preciosos que os bens terrenos, e esse pensamento vos ajudará a desapegar-vos deles. O pouco valor que se dá a uma coisa faz com que se fique menos sensível à sua perda. O homem que se apega aos bens da Terra é como a criança que somente vê o momento presente; o que se desprende deles é como o adulto que vê as coisas mais importantes, porquanto compreende estas palavras do Salvador: *“Meu reino não é deste mundo”*.

O Senhor não manda que nos despojemos do que possuímos, para ficarmos reduzidos a uma mendicância voluntária, porque então nos transformaríamos em uma carga para a sociedade; proceder assim seria interpretar mal o desinteresse pelos bens terrestres. Trata-se de uma outra forma de egoísmo, em que o indivíduo fugiria da responsabilidade que a fortuna faz recair sobre aquele que a possui. Deus a concede a quem lhe parece bom para administrá-la em proveito de todos; portanto, o rico tem uma missão, missão que ele pode tornar bela e proveitosa para si.

Rejeitar a fortuna, quando Deus a concede, é renunciar ao benefício do bem que se pode fazer, administrando-a com sabedoria. Saber passar sem ela, quando não a temos, saber empregá-la utilmente, quando a possuímos, saber sacrificá-la, quando necessário; isso é agir segundo os desígnios do Senhor.

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Que aquele para quem chega o que neste mundo se chama uma boa fortuna, diga: “Meu Deus, tu me enviaste um novo encargo, dá-me forças para cumpri-lo de acordo com a tua santa vontade”.

Eis aí, meus amigos, o que eu queria vos ensinar sobre o desprendimento dos bens terrenos. Resumirei, dizendo: procurai vos contentar com pouco. Se sois pobres, não invejeis os ricos, porque a fortuna não é necessária para a felicidade; se sois ricos, não vos esqueçais de que os bens vos são confiados, e que deveis justificar o emprego que lhes destes como numa prestação de contas de tutela.

Não sejais depositário infiel, fazendo-os servir à satisfação do vosso orgulho e da vossa sensualidade; não vos acrediteis com o direito de dispor, unicamente para vós, daquilo que é um empréstimo e não uma doação. Se não sabeis restituir, não tendes o direito de pedir, e lembrai-vos de que aquele que dá aos pobres salda a dívida que contraiu com Deus. (*Lacordaire*. Constantine, 1863.)

TRANSMISSÃO DA RIQUEZA

15. *O princípio, segundo o qual o homem é apenas o depositário da riqueza de que Deus lhe permite desfrutar durante sua vida, tira-lhe o direito de transmiti-la aos seus descendentes?*

O homem pode, perfeitamente transmitir, ao morrer, os bens de que gozou durante sua vida, porque o efeito desse direito está sempre subordinado à vontade de Deus que pode, quando quiser, impedir seus descendentes de desfrutá-la. É assim que vemos se desmoronarem fortunas que pareciam as mais solidamente estabelecidas. A vontade do homem, de manter sua fortuna em sua linha de descendência é, portanto, impotente, o que não lhe tira o direito de transmitir o empréstimo que recebeu, visto que Deus o retirará, quando julgar conveniente. (*São Luís*. Paris, 1860.)



CAPÍTULO XVII

SEDE PERFEITOS

- CARACTERES DA PERFEIÇÃO
- O HOMEM DE BEM
- OS BONS ESPÍRITAS
- PARÁBOLA DO SEMEADOR

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS:

- O DEVER
- A VIRTUDE
- OS SUPERIORES E OS INFERIORES
- O HOMEM NO MUNDO
- CUIDAR DO CORPO E DO ESPÍRITO

CARACTERES DA PERFEIÇÃO

1. *“Amam os vossos inimigos; fazei o bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos perseguem e vos caluniam. Porque se amais somente aqueles que vos amam, que recompensa haveis de ter? Os publicanos também não fazem o mesmo? E, se saudardes apenas os vossos irmãos, que fazeis de especial mais que os outros? Os gentios também não fazem assim? Sede, pois, vós outros, perfeitos, como vosso Pai celestial é perfeito.”* (Mateus, V: 44 e 46 a 48.)

2. Desde que Deus possui a perfeição infinita em todas as coisas, estas palavras: *“Sede perfeitos, como vosso Pai celestial é*

O Evangelho Segundo o Espiritismo

perfeito,” tomadas ao pé da letra, poderiam fazer supor a possibilidade de se atingir a perfeição absoluta. Se fosse dado à criatura ser tão perfeita quanto o Criador, ela se tornaria igual a ele, o que é inadmissível. Porém, os homens a quem Jesus se dirigia não teriam compreendido essa questão; ele então se limitou a apresentar-lhes um modelo e dizer que se esforçassem para alcançá-lo.

É preciso, portanto, entender, por essas palavras, a perfeição relativa, aquela de que a humanidade é suscetível e que mais a aproxima da Divindade. Mas em que consiste essa perfeição? Jesus o diz: “Amar seus inimigos, fazer o bem àqueles que nos odeiam, orar pelos que nos perseguem”. Ele mostra com essas palavras que a essência da perfeição é a caridade no seu mais amplo significado, porque ela traz como consequência a prática de todas as outras virtudes.

Realmente, se observarmos os resultados de todos os vícios, e mesmo dos pequenos defeitos, temos que reconhecer que não há nenhum que não altere mais ou menos o sentimento da caridade, porque todos eles têm origem no egoísmo e no orgulho, que são a negação da caridade; porque tudo o que estimula exageradamente o sentimento da personalidade destrói, ou, pelo menos, enfraquece os elementos da verdadeira caridade, que são a benevolência, a indulgência, a abnegação e o devotamento. O amor ao próximo, ampliado até ao amor pelos inimigos, não podendo se aliar a nenhum defeito contrário à caridade, é, por isso mesmo, sempre um indício maior ou menor de superioridade moral, de onde se conclui que o grau de perfeição corresponde à extensão desse amor. Eis por que Jesus, após ter dado aos seus discípulos as regras da caridade, no que ela tem de mais sublime, lhes disse: “*Sede perfeitos, como vosso Pai celestial é perfeito*”.

O HOMEM DE BEM

3. O verdadeiro homem de bem é aquele que pratica a lei de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza. Se ele

XVII. Sede Perfeitos

interroga sua consciência sobre seus próprios atos, pergunta se não violou essa lei, se não praticou o mal, se fez todo o bem *que podia*, se desperdiçou voluntariamente uma ocasião de ser útil, se ninguém tem do que se queixar dele, pergunta, enfim, se fez aos outros tudo o que desejava que os outros fizessem por ele.

Tem fé em Deus, em sua bondade, em sua justiça, e em sua sabedoria; sabe que nada acontece sem a sua permissão, e submete-se à sua vontade em todas as coisas.

Tem fé no futuro; por isso coloca os bens espirituais acima dos bens temporais.

Ele sabe que todas as vicissitudes da vida, todas as dores, todas as decepções, são provas ou expiações, e as aceita sem se lamentar.

O homem de bem, inspirado pelo sentimento de caridade e de amor ao próximo, faz o bem pelo bem, sem esperança de retorno; retribui o mal com o bem, toma a defesa do fraco contra o forte e sempre sacrifica o seu interesse pela justiça.

Encontra satisfação nos benefícios que distribui, nos serviços que presta, nas alegrias que proporciona, nas lágrimas que faz estancar, nas consolações que proporciona aos aflitos. Seu primeiro ímpeto é pensar nos outros, antes de pensar em si, é buscar o interesse dos outros antes do seu próprio. O egoísta, ao contrário, calcula as vantagens e as perdas de toda ação generosa.

O homem de bem é humano, é bom e benevolente para todo mundo, *sem distinção de raças nem de crenças*, porque vê irmãos em todos os homens.

Respeita todas as convicções sinceras nos outros, e não amaldiçoa aqueles que não pensam como ele.

Em todas as circunstâncias a caridade é o seu guia; reconhece que aquele que prejudica o seu semelhante com palavras maldosas, que fere a suscetibilidade de pessoas com o seu orgulho

O Evangelho Segundo o Espiritismo

ou o seu desdém, que não desiste diante da ideia de causar um sofrimento, uma contrariedade, mesmo leve, quando poderia evitá-la, falta ao dever do amor ao próximo e não merece a clemência do Senhor.

Não tem ódio, nem rancor, nem desejo de vingança; a exemplo de Jesus, ele perdoa e esquece as ofensas, e só se lembra dos benefícios, porquanto sabe que será perdoado, assim como ele mesmo houver perdoado.

É indulgente para com as fraquezas dos outros, porque sabe que também necessita de indulgência, e se recorda destas palavras do Cristo: “Que aquele que está sem pecado lhe atire a primeira pedra”.

Não sente prazer em procurar os defeitos dos outros nem em colocá-los em evidência. Se a necessidade a isso o obriga, procura sempre o bem que pode atenuar o mal.

Estuda as suas próprias imperfeições, e trabalha incessantemente para combatê-las. Todos os seus esforços são empregados para que amanhã possa dizer que existe nele algo melhor do que na véspera.

Não procura fazer valer nem seu espírito nem seus talentos a custa de outros; ao contrário, aproveita todas as oportunidades para fazer sobressair as qualidades dos outros.

Não se envaidece da sua fortuna, nem das suas vantagens pessoais, porque sabe que tudo quanto lhe foi dado pode ser retirado.

Usa, mas não abusa dos bens que lhe são concedidos, porque sabe que se trata de um depósito do qual terá que prestar contas; sabe também que o emprego que lhes pode dar, mais prejudicial para si mesmo, é o de utilizá-los para a satisfação das suas paixões.

Se a ordem social colocou pessoas sob a sua dependência, ele as trata com bondade e benevolência, porquanto, perante Deus,

são iguais a ele. Usa a sua autoridade para lhes levantar o moral, e não para esmagá-los com o seu orgulho, e evita tudo o que poderia tornar sua posição subalterna mais penosa ainda.

A pessoa subordinada, por sua vez, compreende os deveres da sua posição, e tem escrúpulos em não cumpri-los conscienciosamente. (Ver cap. XVII, item 9.)

O homem de bem, enfim, respeita nos seus semelhantes todos os direitos que as leis da Natureza lhes concede, como desejaria que os seus fossem respeitados.

O que acabamos de expor não é a enumeração completa de todas as qualidades que distinguem o homem de bem, mas todo aquele que se esforça para possuir as que aqui foram citadas, está no caminho que conduz a todas as outras.

OS BONS ESPÍRITAS

4. O Espiritismo bem compreendido, mas, principalmente, bem sentido, forçosamente conduz aos resultados acima mencionados, que caracterizam o verdadeiro espírita, assim como o verdadeiro cristão, porquanto um e outro agem da mesma forma.

O Espiritismo não cria nenhuma nova moral, ele facilita aos homens a compreensão e a prática da moral do Cristo, dando uma fê sólida e esclarecida àqueles que duvidam ou vacilam.

Muitos dos que acreditam nos fatos das manifestações, no entanto, não compreendem as suas consequências nem o seu alcance moral, ou, se os compreendem, não os aplicam a si mesmos. Por que isso acontece? Por uma falta de clareza da Doutrina? Não, visto que ela não contém alegorias nem figuras que possam dar lugar a falsas interpretações; a clareza é a sua própria essência, é o que lhe dá poder, porque ela vai direto à inteligência. Nada tem de misterioso, e seus iniciados não são possuidores de nenhum segredo escondido ao povo.

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Seria, então, necessária uma inteligência fora do comum para compreendê-la? Não, pois veem-se homens de uma capacidade notória que não a compreendem, enquanto que inteligências vulgares, de jovens mesmo, apenas saídos da adolescência, aprendem com uma admirável justeza os seus detalhes mais delicados. Isso ocorre porque a parte, de alguma forma, *material*, da Ciência só requer olhos para observar, enquanto que a parte *essencial* necessita de um certo grau de sensibilidade, que se pode chamar de *maturidade do senso moral*, maturidade independente da idade e do grau de instrução, porque é inerente ao desenvolvimento, em um sentido especial, do espírito encarnado.

Em algumas pessoas, os laços da matéria são ainda muito fortes, para permitir ao espírito desligar-se das coisas da Terra; a obscuridade que as cerca tira-lhes a visão do infinito; eis por que não conseguem romper facilmente nem com seus gostos nem com seus hábitos, pois não entendem que possa haver algo melhor do que aquilo que possuem. A crença nos espíritos é para elas um simples fato, que nada ou pouco modifica suas tendências instintivas; em uma palavra, elas só veem um raio de luz, insuficiente para conduzi-las e dar-lhes uma aspiração profunda, capaz de vencer suas inclinações. Ligam-se mais aos fenômenos do que à moral, que lhes parece banal e monótona. Pedem aos espíritos para iniciá-las incessantemente em novos mistérios, sem se perguntarem se já são dignas de penetrar os segredos do Criador. Tais pessoas são os espíritos imperfeitos, alguns dos quais ficam pelo meio do caminho ou se afastam dos seus irmãos de crença, porque recuam diante da obrigação de se reformarem, ou então reservam suas simpatias para aqueles que partilham suas fraquezas ou suas prevenções. Entretanto, a aceitação do princípio da Doutrina é um primeiro passo, que lhes tornará mais fácil o segundo, em uma outra existência.

Aquele que pode, com razão, ser qualificado de verdadeiro e sincero espírito, encontra-se em um grau superior de adiantamento

moral. O espírito já domina mais completamente a matéria e lhe dá uma percepção mais clara do futuro; os princípios da Doutrina nele fazem vibrar as fibras, que nos primeiros permanecem insensíveis; em uma palavra: *foi tocado no coração*, e por isso sua fé é inabalável. Um é como o músico, que se comove com os acordes, enquanto que o outro só ouve os sons. *Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral, e pelos esforços que faz para dominar as suas más inclinações*. Enquanto um se satisfaz no seu horizonte limitado, o outro, que compreende alguma coisa de melhor, se esforça para libertar-se dele, e sempre o consegue quando tem a vontade firme.

PARÁBOLA DO SEMEADOR

5. Nesse mesmo dia, Jesus, tendo saído de casa, sentou-se à beira do mar, e logo juntou-se em volta dele uma grande multidão, de tal sorte que foi preciso entrar numa barca, onde se sentou, e todo o povo permaneceu de pé na praia. Ele, então, disse muitas coisas por parábolas, falando:

“Aquele que semeia, saiu a semear; e enquanto semeava, uma parte da semente caiu ao longo do caminho, e as aves do céu vieram e a comeram.

Uma outra parte caiu em lugar pedregoso, onde não havia muita terra, e logo nasceu, porque a terra onde ela estava não tinha profundidade. Mas, saindo o Sol, queimou-se, e como não tinha raiz, secou.

Outra parte caiu sobre os espinhos, mas quando os espinhos cresceram, eles a sufocaram.

Outra, finalmente caiu em boa terra, e frutificou; alguns grãos produziram cem por um, outros sessenta e outros trinta.

Que ouça aquele que tem ouvidos para ouvir”. (Mateus, XIII: 1 a 9.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

“Ouvi, pois, vós outros, a parábola do semeador.

Todo aquele que ouve a palavra do reino e não lhe dá atenção, vem o espírito maligno e tira o que foi semeado em seu coração; esse é o que recebeu a semente ao longo do caminho.

O que recebeu a semente no meio das pedras, é o que ouve a palavra, e na mesma hora a recebe com gosto; porém ele não tem em si raiz, antes é de pouca duração, e quando lhe sobrevém tribulação e perseguição por causa da palavra, logo se escandaliza.

O que recebeu a semente entre os espinhos, é aquele que ouve a palavra, mas em seguida, os cuidados deste mundo e a ilusão das riquezas sufocam nele a palavra, e ela se torna infrutífera.

Aquele, porém, que recebeu a semente em boa terra, é o que escuta a palavra, que lhe presta atenção e ela frutifica, e rende cem, sessenta ou trinta por um.” (Mateus, XIII: 18 a 23.)

6. A parábola do semeador representa perfeitamente as diversas formas que existem de se poder aproveitar os ensinamentos do Evangelho. Quantas pessoas há, efetivamente, para as quais esses ensinamentos são apenas letra morta e que, semelhante à semente que caiu sobre as pedras, não produz nenhum fruto!

Essa parábola encontra uma aplicação, não menos adequada, nas diferentes categorias de espíritos. Não é ela o símbolo dos que se apegam apenas aos fenômenos materiais, e nenhuma consequência tiram deles, porque apenas os veem como objeto de curiosidade? Dos que só procuram o brilho das comunicações mediúnicas, interessando-se somente enquanto elas satisfazem a sua imaginação, mas que, após ouvi-las, continuam como antes, frios e indiferentes? Dos que acham os conselhos muito bons, e os admiram, mas para serem aplicados aos outros e não a si mesmos? Daqueles, enfim, para quem essas instruções são como a semente caída em boa terra e que frutificam?

— INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS —

O DEVER

7. O dever é a obrigação moral, diante de si mesmo em primeiro lugar, e, depois, dos outros. O dever é a lei da vida; ele se encontra nos mínimos detalhes e também nos atos mais elevados. Quero falar aqui apenas do dever moral, e não do que as profissões impõem.

O dever é muito difícil de ser cumprido na ordem dos sentimentos, porque se encontra em antagonismo com as seduções do interesse e do coração. Suas vitórias não têm testemunhas e suas derrotas não têm repressão. O dever íntimo do homem depende do seu livre-arbítrio; o aguilhão¹¹⁴ da consciência, esta guardiã da integridade de caráter, o adverte e o sustenta, mas frequentemente se mostra impotente diante dos falsos argumentos gerados pela paixão.

O dever do coração, quando fielmente observado, eleva o homem; mas como determinar esse dever? Onde começa? Onde termina? *O dever começa precisamente no ponto em que ameaçais a felicidade ou a tranquilidade do vosso próximo, e termina no limite que não desejaríeis ver transposto por ninguém em relação a vós mesmos.*

Deus criou todos os homens iguais para a dor; pequenos ou grandes, ignorantes ou instruídos, sofrem pelas mesmas causas, para que cada um julgue judiciosamente o mal que pode fazer. O mesmo critério não existe em relação ao bem, infinitamente

¹¹⁴ **Aguilhão:** ponta de ferro, ferrão, colocada em uma das extremidades da *aguilhada*: vara comprida com que se instiga o boi, cravando-lhe o aguilhão, para fazê-lo caminhar na direção certa.

O Espírito Lázaro, ao usar a expressão “**o aguilhão da consciência**”, nos mostra como somos ajudados todas as vezes em que, em nosso íntimo, ressoa uma voz dando-nos a ideia de resistir ao mal ou mostrando as nossas imperfeições. Nem sempre, porém, damos a essa voz, ou seja, à “*picada do aguilhão consciencial*”, a devida importância, esquecendo-nos de que a lei de Deus — *o supremo código de conduta* — está contida em nossa própria consciência, conforme os espíritos nos afirmam na questão 621a de *O Livro dos Espíritos*. (N.T.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

mais variado nas suas expressões. *A igualdade diante da dor é uma sublime previsão de Deus, que deseja que seus filhos, instruídos pela experiência comum, não cometam o mal, alegando a ignorância dos seus efeitos.*

O dever é o resumo prático de todas as especulações morais; é uma bravura da alma que enfrenta as angústias da luta. É austero e dócil; pronto a dobrar-se às mais diversas complicações, permanece inflexível diante das suas tentações. *O homem que cumpre o seu dever ama a Deus mais do que às criaturas, e ama as criaturas mais do que a si mesmo. Ele é, ao mesmo tempo, juiz e escravo na sua própria causa.*

O dever é o mais belo adorno da razão; ele nasce dela, como o filho nasce da sua mãe. O homem deve amar o dever, não porque ele o preserve dos males da vida, aos quais a humanidade não pode subtrair-se, mas porque ele dá à alma o vigor necessário ao seu desenvolvimento.

O dever cresce e irradia, sob uma forma mais elevada, em cada uma das etapas superiores da humanidade. A obrigação moral da criatura para com Deus jamais cessa; ela deve refletir as virtudes do Eterno, que não aceita um esboço imperfeito, porque deseja que a beleza de sua obra resplandeça diante dele. (*Lázaro*. Paris, 1863.)

A VIRTUDE

8. A virtude, no seu mais alto grau, é o conjunto de todas as qualidades essenciais que constituem o homem de bem. Ser bom, caridoso, trabalhador, sóbrio, modesto, essas são as qualidades do homem virtuoso. Infelizmente, muitas vezes elas são acompanhadas de pequenas falhas morais que as desmerecem e as enfraquecem. Aquele que faz alarde da sua virtude não é virtuoso, visto que lhe falta a qualidade principal: a modéstia, e que possui o vício mais contrário: o orgulho. A virtude verdadeiramente digna desse nome não gosta de se exibir; temos de

XVII. Sede Perfeitos

descobri-la; ela, porém, oculta-se na sombra e foge da admiração das multidões. São Vicente de Paulo era virtuoso; o digno Cura de Ars era virtuoso, e muitos outros, pouco conhecidos do mundo, mas conhecidos de Deus. Todos esses homens de bem ignoravam que eram virtuosos; eles se deixavam levar pela corrente das suas santas inspirações, e praticavam o bem com um completo desinteresse e um inteiro esquecimento de si mesmos.

É para a virtude, assim compreendida e praticada, que eu vos convido, meus filhos; é para essa virtude, verdadeiramente cristã e verdadeiramente espírita, que vos convido a consagrar-vos; mas afastai de vossos corações todo orgulho, vaidade e amor-próprio, que desvalorizam sempre as mais belas qualidades. Não imiteis esse homem que se apresenta como modelo e gaba as suas próprias qualidades para todos os ouvidos complacentes. Essa virtude que assim se ostenta, muitas vezes esconde uma infinidade de pequenas torpezas e odiosas fraquezas.

Em princípio, o homem que elogia a si mesmo, que ergue uma estátua à sua própria virtude, aniquila, assim procedendo, todo o mérito efetivo que possa ter. O que direi, porém, daquele cujo único valor é o de parecer o que realmente não é? Devo admitir que o homem que faz o bem, sinta, no fundo do seu coração, uma satisfação íntima; mas, desde que essa satisfação se exteriorize, para receber elogios, ela degenera em amor-próprio.

Oh! vós todos, a quem a fé espírita aqueceu com seus raios, e que sabeis quanto o homem está longe da perfeição, não vos entregueis jamais a semelhante tolice. A virtude é uma graça que desejo a todos os espíritas sinceros, mas eu lhes direi: mais vale menos virtude com modéstia, do que muita com orgulho. É pelo orgulho que as humanidades sucessivas têm se perdido; é pela humildade que um dia elas deverão se redimir. (*François-Nicolas-Madeleine*, cardeal Morlot. Paris, 1863.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

OS SUPERIORES E OS INFERIORES

9. A autoridade, da mesma forma que a fortuna, é uma delegação da qual, aquele que a possui, terá que prestar contas. Não acrediteis que ela lhe seja dada para proporcionar o vão prazer do mando, nem como um direito ou uma propriedade, como erradamente os poderosos da Terra acreditam. Deus, entretanto, constantemente lhes prova que não é nem uma coisa nem outra, visto que a retira quando deseja. Se fosse um privilégio ligado à pessoa, ela seria inalienável. Ninguém pode dizer que uma coisa lhe pertence, quando ela lhe pode ser tirada sem seu consentimento. Deus dá a autoridade a título de *missão* ou de prova, quando isso lhe convém, e da mesma forma a retira.

Todo aquele que é depositário da autoridade, qualquer que seja a sua extensão, desde a do senhor sobre o seu escravo, até a do soberano sobre o seu povo, não pode esquecer-se de que é um encarregado de almas. Ele responderá pela boa ou má direção que houver dado a seus subordinados, e as faltas que eles puderem cometer, os vícios a que forem arrastados, em consequência dessa direção ou dos *maus exemplos*, recairão sobre ele, assim como colherá os frutos da sua solicitude, por conduzi-los para o bem. Todo homem tem uma missão, grande ou pequena, sobre a Terra; qualquer que ela seja sempre é dada para o bem; portanto, desviá-la do seu objetivo é fracassar no seu cumprimento.

Se Deus pergunta ao rico: “Que fizeste da fortuna que devia ser, em tuas mãos, uma fonte espalhando a fecundidade ao teu redor”? Também perguntará àquele que possui uma autoridade qualquer: “Que uso fizeste dessa autoridade? Que males impediste? Que progresso proporcionaste? Se te dei subordinados, não foi para fazer deles escravos da tua vontade nem instrumentos dóceis dos teus caprichos ou da tua cupidez. Se te fiz forte e te confiei os fracos, foi para que os amparasses e os ajudasses a subir até mim.

O superior que segue as palavras do Cristo, não despreza nenhum daqueles que estão abaixo dele, porque sabe que as distinções sociais não têm nenhum significado diante de Deus. O Espiritismo ensina-lhe que se hoje eles o obedecem, já podem tê-lo dirigido, ou poderão dirigi-lo mais tarde, quando, então, será tratado conforme o tratamento que lhes houver proporcionado.

Se o superior tem deveres a cumprir, o inferior, por sua parte, também tem os seus e não são menos sagrados. Se for espírita, sua consciência lhe dirá, melhor ainda, que não está dispensado de cumprí-los, mesmo quando seu chefe não cumpre os dele, porque sabe muito bem que os erros de uns não justificam os erros de outros. Se sofre na posição que ocupa, dirá que sem dúvida o mereceu, porque ele mesmo, provavelmente, outrora abusou da sua autoridade, e que agora, por sua vez, deve se ressentir dos inconvenientes que fez os outros passarem. Se é forçado a suportar essa posição, por não encontrar outra melhor, o Espiritismo lhe ensina a resignar-se, como a uma prova para a sua humildade, necessária ao seu adiantamento. Sua crença o orienta na sua conduta; ele age como queria que seus subordinados agissem para com ele, caso fosse o chefe. Por isso mesmo, é mais escrupuloso no cumprimento das suas obrigações, porque compreende que toda negligência no trabalho que lhe é confiado é um prejuízo para aquele que o remunera e a quem ele deve seu tempo e seus esforços. Em uma palavra, ele é solicitado pelo sentimento do dever, que sua fé lhe dá, e pela certeza de que todo desvio do caminho reto é uma dívida que, cedo ou tarde, terá de pagar. (*François-Nicolas-Madeleine, cardeal Morlot. Paris, 1863.*)

O HOMEM NO MUNDO

10. Um sentimento de piedade deve sempre animar o coração daqueles que se reúnem sob os olhos do Senhor e imploram a assistência dos bons espíritos. Purificai, portanto, vossos corações; não deixeis que neles se instale nenhum pensamento mundano

O Evangelho Segundo o Espiritismo

ou fútil. Elevai o vosso espírito até aqueles a quem chamais, a fim de que, encontrando em vós as disposições necessárias, eles possam lançar em profusão as sementes que devem germinar nos vossos corações e neles produzir os frutos da caridade e da justiça.

Não julgueis, entretanto, que ao vos incentivarmos, incessantemente, à prece e à evocação mental estamos vos convidando a viver uma vida mística, que vos coloque fora das leis da sociedade em que estais condenados a viver. Não! Vivei com os homens da vossa época, como devem viver os homens; sacrificai-vos às necessidades, e até às frivolidades diárias, mas sacrificai-vos a elas com um sentimento de pureza que possa santificá-las.

Sois chamados para entrar em contato com espíritos de naturezas diferentes, de caracteres opostos: não melindreis a nenhum daqueles com os quais vos encontrardes. Sede alegres, sede contentes; mas com a alegria que a consciência limpa proporciona, com a felicidade do herdeiro do céu, contando os dias que o aproximam da sua herança.

A virtude não consiste em se assumir um aspecto severo e triste, em repelir os prazeres que vossas condições humanas permitem; basta atribuir todos os atos da vossa vida ao Criador que vos deu a vida; é suficiente, quando se começa ou se acaba uma obra, elevar o pensamento até o Criador e pedir-lhe, num impulso da alma, a sua proteção para triunfar, ou a sua bênção para a obra terminada. Que tudo aquilo que realizardes seja atribuído à fonte de todas as coisas; que nada seja feito sem que a lembrança de Deus venha purificar e santificar os vossos atos.

A perfeição está toda inteira, como disse o Cristo, na prática da caridade absoluta; mas os deveres da caridade se estendem a todas as posições sociais desde a mais humilde até a mais elevada. O homem que vivesse só não teria como praticar a caridade; é apenas no contato com os seus semelhantes, nas lutas mais difíceis,

XVII. Sede Perfeitos

que ele encontra oportunidade para praticá-la. Portanto, aquele que se isola, priva-se voluntariamente do mais poderoso meio de perfeição; não tendo em quem pensar, a não ser em si, sua vida é a de um egoísta. (Ver cap. V, item 26.)

Não imagineis, conseqüentemente, que para viver em comunicação constante conosco, para viver sob as vistas do Senhor, seja preciso entregar-se ao martírio e se cobrir de cinzas; não, não, ainda uma vez vos dizemos. Sede felizes segundo as necessidades da humanidade, mas que em vossa felicidade não entre jamais nem um pensamento, nem um ato que possa ofender, ou fazer entristecer a face daqueles que vos amam e dirigem. Deus é amor, e abençoa aqueles que amam santamente. (*Um espírito protetor*. Bordeaux, 1863.)

CUIDAR DO CORPO E DO ESPÍRITO

11. A perfeição moral consiste na tortura do corpo? Para resolver essa questão apoio-me em princípios elementares, e começo demonstrando a necessidade de cuidar do corpo, que, segundo as alternativas de saúde e de doença, influi de uma forma muito importante sobre a alma; pois é preciso considerá-la como prisioneira na carne. Para que essa prisioneira viva, se movimente e até mesmo conceba as ilusões da liberdade, o corpo deve estar são, disposto e vigoroso. Façamos a comparação: eis que os dois estão em perfeito estado; que devem eles fazer para manter o equilíbrio entre suas aptidões e suas necessidades, tão diferentes?

Aqui dois sistemas estão presentes: o dos ascetas,¹¹⁵ que querem aniquilar o corpo, e o dos materialistas, que querem rebaixar a alma: duas violências, quase tão insensatas uma quanto a outra.

¹¹⁵ **Asceta:** pessoa que se consagra à *ascese*, isto é, ao exercício prático que conduz à efetiva realização da virtude, à plenitude da vida moral. Os antigos ascetas viviam no deserto, em aldeias, juntamente com monges. (N.T.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Ao lado desses dois grandes grupos, ferve uma numerosa tribo de indiferentes que, sem convicção e sem paixão, amam com frieza e desfrutam com parcimônia. Onde, pois, está a sabedoria? Onde, pois, está a ciência de viver? Em nenhum lugar, e esse grande problema ficaria inteiramente sem solução, se o Espiritismo não viesse em auxílio dos pesquisadores demonstrando-lhes as relações que existem entre o corpo e a alma, e afirmando que é preciso cuidar dos dois, pois que são necessários um ao outro.

Amai, portanto, vossa alma, mas cuidai também do corpo, instrumento da alma. Desconhecer as necessidades, que são indicadas pela própria natureza, é desconhecer a lei de Deus. Não castigues vosso corpo pelas faltas que o vosso livre-arbítrio lhe fez cometer, e pelas quais ele é tão responsável quanto um cavalo mal dirigido o é, pelos acidentes que causa. Por acaso, sereis mais perfeitos, se, martirizando o corpo, não ficardes menos egoístas, menos orgulhosos e mais caridosos para com o vosso próximo? Não, a perfeição não está aí; ela se encontra inteiramente nas reformas por que fizerdes passar o vosso espírito; dobrai-o, submetei-o, humilhai-o, mortificai-o: esse é o meio de torná-lo mais dócil à vontade de Deus, e o único que conduz à perfeição. (*Georges, espírito protetor*. Paris, 1863.)



CAPÍTULO XVIII

MUITOS OS CHAMADOS E POUCOS OS ESCOLHIDOS

- PARÁBOLA DO BANQUETE DE NÚPCIAS
- A PORTA ESTREITA
- OS QUE DIZEM: SENHOR! SENHOR!
NÃO ENTRARÃO TODOS NO REINO DOS CÉUS
- MUITO SE PEDIRÁ ÀQUELE QUE MUITO RECEBEU

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS:

- DAR-SE-Á ÀQUELE QUE TEM
- RECONHECE-SE O CRISTÃO PELAS SUAS OBRAS

PARÁBOLA DO BANQUETE DE NÚPCIAS

1. Jesus, falando ainda em parábolas, lhes disse: “O reino dos céus é semelhante a um rei que, desejando fazer as núpcias de seu filho, enviou seus servidores para chamar aqueles que tinham sido convidados para as núpcias; mas eles se recusaram a ir. O rei ainda enviou outros servidores com ordem de dizer de sua parte aos convidados: “Preparei meu banquete, fiz matar meus bois e tudo o que havia feito engordar; tudo está pronto, vinde às bodas”. Eles, porém, desprezaram o convite, e se foram; um à casa de campo, e outro para o seu negócio. Os outros se apoderaram dos seus servidores e os mataram, após lhes terem feito muitos ultrajes. O rei, sabendo disso, encheu-se de cólera,

O Evangelho Segundo o Espiritismo

e, enviando seus soldados, exterminou os assassinos e queimou a cidade deles.

Então o rei disse aos seus servidores: “O banquete das núpcias está pronto, mas os que para ele foram chamados não eram dignos dele. Ide, pois, às encruzilhadas, e chamai para as núpcias todos aqueles que encontrardes”. Seus servidores, então, foram para as ruas, e trouxeram todos os que iam encontrando, bons e maus; e a sala do banquete das núpcias ficou cheia de pessoas que se sentaram à mesa.

Em seguida, o rei entrou para ver os que estavam à mesa; percebendo um homem que não estava vestido com a roupa nupcial, disse-lhe: “Meu amigo, como entraste aqui sem ter a roupa nupcial”? Mas o homem permaneceu calado. Então o rei disse à sua gente: “Atai suas mãos e seus pés e lançai-o nas trevas exteriores: lá haverá pranto e ranger de dentes; pois muitos são os chamados e poucos os escolhidos”. (Mateus, XXII: 1 a 14.)

2. O incrédulo sorri diante desta parábola, que lhe parece de uma ingenuidade pueril, porquanto não compreende que se possa opor tanta dificuldade para assistir a uma festa, e ainda menos que os convidados levem sua resistência a ponto de massacrar os enviados do dono da casa. “As parábolas, diz o incrédulo, são, sem dúvida, alegorias, mas, ainda assim, é preciso que elas não passem dos limites do verossímil”.

Pode-se dizer o mesmo de todas as alegorias, das fábulas mais engenhosas, se não as despojarmos da sua aparência para buscarmos o seu sentido oculto. Jesus tirava suas parábolas dos fatos e usos mais comuns da vida, os quais adaptava aos costumes e ao caráter do povo a quem falava. A maior parte delas tem por objetivo fazer penetrar no povo a ideia da vida espiritual; muitas vezes o seu sentido parece incompreensível para os que não se colocam sob esse ponto de vista para interpretá-las.

XVIII. Muitos os Chamados e Poucos os Escolhidos

Nessa parábola, Jesus compara o reino dos céus, onde tudo é alegria e felicidade, a uma festa de núpcias. Para os primeiros convidados, ele faz alusão aos hebreus, que foram os primeiros a quem Deus chamou para o conhecimento da sua lei. Os enviados do rei são os profetas, que vieram convidá-los a seguir o caminho da verdadeira felicidade; mas suas palavras foram pouco ouvidas, suas advertências, desprezadas; muitos foram mesmo massacrados, como os servidores da parábola. Os convidados que não foram ao banquete, alegando a atenção que tinham que dar aos seus campos ou aos seus negócios, simbolizam as pessoas mundanas, que, absorvidas pelas coisas terrestres, são indiferentes para as coisas celestes.

Era uma crença, entre os judeus daquela época, que a sua nação devia adquirir a supremacia sobre todas as outras. Pois Deus não havia prometido a Abraão que sua posteridade cobriria toda a Terra? Mas sempre prendendo-se à forma, e desprezando a essência do ensino divino, eles acreditavam em uma dominação efetiva e material.

Antes da vinda do Cristo, à exceção dos hebreus, todos os povos eram idólatras e politeístas, isto é, adoravam ídolos e tinham muitos deuses. Se alguns homens, superiores ao comum, conheceram a ideia da unidade divina, essa ideia permaneceu no estado de sistema pessoal e não foi aceita em parte alguma como verdade fundamental, a não ser por alguns iniciados que escondiam seus conhecimentos sob uma forma misteriosa, incompreensível para o povo.

Os hebreus foram os primeiros que, publicamente, praticaram o monoteísmo, aceitaram a unidade divina; foi a eles que Deus transmitiu sua lei, inicialmente por Moisés, depois por Jesus. Foi desse pequeno foco que partiu a luz que devia se espalhar pelo mundo inteiro, triunfar do paganismo, e dar a Abraão uma *posteridade espiritual* “tão numerosa quanto as

O Evangelho Segundo o Espiritismo

estrelas do firmamento”. Os judeus, porém, mesmo abandonando inteiramente a idolatria, negligenciaram a lei moral para se ligarem à prática mais fácil das formas exteriores. O mal chegou ao seu grau máximo; a nação escravizada era dilacerada pelas facções, dividida pelas seitas; a incredulidade havia penetrado até no santuário. É então que aparece Jesus, enviado para fazer com que se lembrassem de obedecer a lei, e abrir-lhes os novos horizontes da vida futura. *Primeiros convidados* para o grande banquete da fé universal, eles repeliram a palavra do celeste Messias, e o fizeram matar. Foi assim que perderam o fruto que poderiam ter colhido da sua iniciativa.

Seria injusto, entretanto, acusar o povo inteiro por esse estado de coisas; a responsabilidade pertence principalmente aos fariseus e aos saduceus, que perderam a nação, pelo orgulho e o fanatismo de uns, e pela incredulidade de outros. São eles, principalmente, que Jesus associa aos convidados que se recusaram a comparecer ao banquete de núpcias. Depois, ele acrescenta: “O rei, vendo tudo isso, mandou convidar todos aqueles que se encontravam nas encruzilhadas, bons e maus”. Jesus quis dizer desse modo que a palavra ia ser pregada a todos os outros povos, pagãos e idólatras e que se eles a aceitassem seriam admitidos no banquete em lugar dos primeiros convidados.

Entretanto, não é suficiente ser convidado; não basta levar o nome de cristão, nem de se sentar à mesa para participar do banquete celestial; é preciso, antes de tudo, e como condição expressa, estar vestido com a roupa nupcial, isto é, ter pureza de coração e praticar a lei segundo o espírito; ora, essa lei está inteiramente contida nestas palavras: *Fora da caridade não há salvação*. Mas, entre todos aqueles que ouvem a palavra divina, poucos são os que as guardam e as colocam em prática! Poucos se tornam dignos de entrar no reino dos céus! Eis por que Jesus disse: *Haverá muitos chamados e poucos escolhidos*.

XVIII. Muitos os Chamados e Poucos os Escolhidos

A PORTA ESTREITA

3. *“Entrai pela porta estreita, porque a porta da perdição é larga, o caminho que a ela conduz é espaçoso, e existem muitos que entram por ela. Como é pequena a porta da vida! Como é estreito o caminho que a ela conduz! E como são poucos os que o encontram”!* (Mateus, VII: 13 e 14.)

4. *Tendo alguém feito a Jesus esta pergunta: “Senhor, são poucos os que se salvam”? Ele lhes respondeu: “Esforçai-vos para entrar pela porta estreita, pois eu vos asseguro que muitos procurarão por ela entrar e não o conseguirão. E quando o pai de família houver entrado e fechado a porta, e vós, do lado de fora, começardes a bater, dizendo: “Senhor, abre a porta para nós”! Ele vos responderá: “Não sei de onde sois”. Então começareis a dizer: “Nós comemos e bebemos em tua presença, e nos ensinaste em nossas praças públicas”. E ele vos responderá: “Não sei de onde sois; retirai-vos de mim, todos vós que cometeis a iniquidade”.*

Haverá, então, pranto e ranger de dentes, quando virdes que Abraão, Isaac e Jacó, e todos os profetas, estão no reino de Deus, e que vós ficais fora dele. E muitos virão do Oriente e do Ocidente, e do Setentrião (norte) e do Meio-dia (sul) e terão lugar no banquete do reino de Deus. Então, aqueles que são os últimos serão os primeiros, e os que são os primeiros serão os últimos. (Lucas, XIII: 23 a 30.)

5. A porta da perdição é larga, porque as más paixões são numerosas, e porque é maior o número dos que frequentam o caminho do mal. A da salvação é estreita, porque o homem que quer atravessá-la deve fazer grandes esforços sobre si mesmo para vencer suas más tendências, e poucos são os que a isso se submetem. É o complemento da máxima: *Há muitos chamados e poucos escolhidos.*

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Tal é o estado atual da humanidade terrestre porque, sendo a Terra um mundo de expiações, nela existe o domínio do mal; quando ela se transformar, o caminho do bem será o mais frequentado. Essas palavras, portanto, devem ser entendidas em sentido relativo e não em sentido absoluto. Se esse tivesse que ser o estado normal da humanidade, Deus teria, voluntariamente, destinado a imensa maioria das suas criaturas à perdição, suposição inadmissível, desde que se reconhece que Deus é todo justiça e todo bondade.

Mas de que faltas esta humanidade se teria tornado culpada, para merecer uma sorte tão triste, no seu presente e no seu futuro, se, na sua totalidade, ela estivesse relegada à Terra, e se a alma não tivesse tido outras existências? Por que tantas dificuldades colocadas em seu caminho? Por que essa porta tão estreita, que só a poucos é permitido transpor, se a sorte da alma é fixada para sempre após a morte? É assim que, com a unicidade da existência, o homem está sempre em contradição consigo e com a justiça de Deus. Com a anterioridade da alma e a pluralidade dos mundos, o horizonte se alarga; a luz se faz sobre os pontos mais obscuros da fé; o presente e o futuro são solidários com o passado; só então pode-se compreender toda a profundidade, toda a verdade e toda a sabedoria das máximas do Cristo.

OS QUE DIZEM: SENHOR! SENHOR!

NÃO ENTRARÃO TODOS NO REINO DOS CÉUS

6. *“Aqueles que me dizem: Senhor! Senhor! não entrarão todos no reino dos céus; entrará apenas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos me dirão nesse dia: ‘Senhor! Senhor! Não profetizamos em teu nome? Não expulsamos os demônios em teu nome e não fizemos vários milagres em teu nome?’ E então eu lhes direi bem alto: Afastai-vos de mim, vós que fazeis obras de iniquidade.”* (Mateus, VII: 21 a 23.)

XVIII. Muitos os Chamados e Poucos os Escolhidos

7. *“Todo aquele que ouve as palavras que digo, e as pratica, será comparado a um homem sábio, que construiu sua casa sobre a rocha. E quando a chuva caiu, e os rios transbordaram, e os ventos sopraram e se abateram sobre essa casa, ela não caiu, porque foi edificada sobre a rocha. Mas todo aquele que ouve as palavras que digo, e não as pratica, será semelhante a um homem insensato, que construiu sua casa sobre a areia. E quando a chuva caiu, e os rios transbordaram, e os ventos sopraram, e se abateram sobre essa casa, ela desmoronou, e sua ruína foi grande.”* (Mateus, VII: 24 a 27; Lucas, VI: 46 a 49.)

8. *“Aquele, pois, que violar um desses menores mandamentos, e que ensinar os homens a violá-los, será olhado, no reino dos céus, como o último; mas aquele que os cumprir, e os ensinar, será grande no reino dos céus.”* (Mateus, V: 19.)

9. Todos aqueles que reconhecem a missão de Jesus dizem: “Senhor! Senhor”! Mas de que lhes serve chamá-lo de Mestre ou Senhor se não seguem os seus preceitos? Serão cristãos os que o honram, com atos exteriores de devoção, e ao mesmo tempo o sacrificam ao orgulho, ao egoísmo, à cupidez e a todas as suas paixões? São seus discípulos aqueles que passam os dias em preces, e não são nem melhores, nem mais caridosos, nem mais indulgentes para os seus semelhantes?

Não, porque, do mesmo modo que os fariseus, eles têm a prece nos lábios e não no coração. Pela aparência eles podem se impor aos homens, mas não a Deus. E inutilmente eles dirão a Jesus: “Senhor, nós profetizamos, isto é, ensinamos em teu nome; expulsamos os demônios em teu nome; nós bebemos e comemos em tua companhia,” pois ele lhes responderá: “Eu não sei quem sois, afastai-vos de mim, vós que cometeis iniquidades, vós que desmentis vossas palavras por vossas ações, que caluniais vosso próximo, que roubais as viúvas e cometeis adultério; retirai-vos de mim, vós cujo coração destila ódio e fel, que derramais o sangue

O Evangelho Segundo o Espiritismo

de vossos irmãos em meu nome, que fazeis as lágrimas correrem em vez de secá-las. Para vós haverá pranto e ranger de dentes, porque o reino de Deus é para aqueles que são mansos, humildes e caridosos. Não espereis dobrar a justiça do Senhor pela multiplicidade das vossas palavras e das vossas genuflexões;¹¹⁶ a única estrada que está aberta para que encontreis a graça diante dele, é a prática sincera da lei do amor e da caridade”.

As palavras de Jesus são eternas, porque são a verdade. São não só a salvaguarda da vida celeste, como a garantia da paz, da tranquilidade e da estabilidade nas coisas da vida terrestre; eis por que todas as instituições humanas, políticas, sociais e religiosas que se apoiarem nessas palavras serão estáveis como a casa construída sobre a rocha; os homens as conservarão, porque nelas encontrarão sua felicidade; mas aquelas que violarem essas palavras serão como a casa construída sobre a areia: o vento das revoluções e o rio do progresso as derrubarão.

MUITO SE PEDIRÁ ÀQUELE QUE MUITO RECEBEU

10. “O servidor que conheceu a vontade do seu amo e que, apesar disso, não se preparou e não procedeu de acordo com a vontade dele, será rudemente castigado. Mas aquele que não sabendo da sua vontade, fez coisas dignas de castigo, será menos castigado. Muito se pedirá àquele a quem muito foi dado, e maiores contas serão pedidas àquele a quem muito foi confiado.” (Lucas, XII: 47 e 48.)

11. “Vim a este mundo, disse Jesus, para exercer um juízo, a fim de que aqueles que não veem, vejam, e os que veem se tornem cegos.” Alguns dos fariseus que estavam com ele ouviram, e disseram: “Porventura nós também somos cegos”? Jesus lhes respondeu: “Se fôsseis cegos, não teríeis culpa; mas

¹¹⁶ Fazer genuflexão: pôr-se de joelhos; ajoelhar-se. (N.T.)

XVIII. Muitos os Chamados e Poucos os Escolhidos

pelo contrário, vós dizeis: Nós vemos. É por isso que vosso pecado permanece". (João, IX: 39 a 41.)

12. Essas máximas acham sua aplicação principalmente no ensino dos espíritos. Quem conhece os preceitos do Cristo seguramente é culpado, se não os praticar; mas além de o Evangelho, que os contém, não ser suficientemente difundido, a não ser entre as seitas cristãs, mesmo nessas seitas, quantas pessoas não o leem? E dentre as que o leem, quantas não o compreendem? Daí resulta que as próprias palavras de Jesus ficam perdidas para a maioria.

O ensino dos espíritos, que reproduz essas máximas sob diferentes formas, que as desenvolve e as comenta, para colocá-las ao alcance de todos, tem como característica particular o não ser circunscrito; e assim cada um, letrado ou iletrado, crente ou incrédulo, cristão ou não, pode recebê-lo, porquanto os espíritos se comunicam por toda a parte. Nenhum dos que o recebem, diretamente ou por intermédio de outros, pode pretextar ignorância; pode escusar-se pela sua falta de instrução, ou pela obscuridade do sentido alegórico. Portanto, aquele que não o põe em prática para se melhorar, que o admira apenas como uma coisa interessante e curiosa, sem que seu coração seja tocado, que não se torna menos fútil, nem menos orgulhoso, nem menos egoísta, nem menos ligado aos bens materiais, nem melhor para o seu próximo, é tanto mais culpado quanto mais possibilidades teve de conhecer a verdade.

Os médiuns que obtêm boas comunicações são ainda mais merecedores de repreensão se persistirem no mal, pois, frequentemente, escrevem sua própria condenação, e se não estivessem cegos pelo orgulho, reconheceriam que os espíritos se dirigem a eles mesmos. Porém, em lugar de tomarem para si as lições que escrevem, ou que veem escrever, seu único pensamento é aplicá-los aos outros, realizando assim estas palavras de Jesus: "Vós

O Evangelho Segundo o Espiritismo

enxergais uma palha no olho do vosso vizinho, e não vedes a trave que está no vosso”. (Ver cap. X, item 9.)

Por estas outras palavras: “Se fôsseis cegos, não teríeis pecado,” Jesus diz que a culpabilidade está na razão das luzes que se possui; ora, os fariseus, que tinham a pretensão de ser, e realmente eram, a parte mais esclarecida da nação, tornavam-se mais repreensíveis aos olhos de Deus que o povo ignorante. O mesmo acontece hoje.

Aos espíritas, portanto, muito será pedido, porque muito têm recebido, mas também aos que houverem aproveitado os ensinamentos muito será dado.

O primeiro pensamento de todo espírita sincero deve ser o de procurar, nos conselhos dados pelos espíritos, alguma coisa que possa lhe dizer respeito.

O Espiritismo vem multiplicar o número de *chamados*; pela fé que ele dá, também multiplicará o número de *escolhidos*.

— Instruções dos espíritos —

DAR-SE-Á ÀQUELE QUE TEM

13. *Seus discípulos, aproximando-se dele, perguntaram: “Por que lhes falas por parábolas”? E Jesus lhes respondeu: “Porque a vós foi permitido conhecer os mistérios do reino dos céus, mas a eles não lhes é concedido. Porque ao que já tem, ainda lhe será dado e terá em abundância; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado. Eis por que lhes falo em parábolas; porque vendo não veem, e ouvindo não ouvem, nem entendem. E cumpre-se neles a profecia de Isaías, quando diz: Ouvireis com os ouvidos e não entendereis; olhareis com vossos olhos e não vereis”.* (Mateus, XIII: 10 a 14.)

14. *“Prestai bem atenção ao que ouvis, porquanto com a medida que medirdes os outros, vos medirão a vós, e ainda vos será acrescentado. Porque se dará àquele que já tem, e ao que não tem, ainda o que tem será tirado.”* (Marcos, IV: 24 e 25.)

XVIII. Muitos os Chamados e Poucos os Escolhidos

15. “Dá-se àquele que já tem e tira-se ao que não tem,” meditai nesses grandes ensinamentos que tantas vezes nos têm parecido contraditórios. Aquele que recebeu é o que possui o sentido da palavra divina; ele recebeu porque se esforçou para tornar-se digno dela, e porque o Senhor, no seu amor misericordioso, encoraja os esforços que tendem para o bem. Esses esforços contínuos, perseverantes, atraem as graças do Senhor. São como um ímã, que atrai para si o que é progressivamente melhor, as graças abundantes que vos tornam fortes para subir a montanha santa, no alto da qual se encontra o repouso após o trabalho.

“Tira-se àquele que nada tem, ou que tem pouco”: tomai isso como uma oposição figurada. Deus não tira das suas criaturas o bem que se dignou conceder-lhes. Homens cegos e surdos! Abri vossas inteligências e vossos corações; vede por vosso espírito; entendei por vossa alma, e não interpreteis, de uma maneira tão grosseiramente injusta, as palavras daquele que fez brilhar aos vossos olhos a justiça do Senhor. Não é Deus quem retira àquele que pouco havia recebido, é o seu próprio espírito que, pródigo e indolente, não sabe conservar o que tem e aumentar, fecundando-a, a dádiva caída em seu coração.

Aquele que não cultiva o campo que seu pai ganhou com o trabalho, e lhe deixou como herança, vê esse campo cobrir-se de ervas parasitas. É seu pai quem lhe tira as colheitas que ele não quis preparar? Se ele deixou os grãos destinados a produzir nesse campo morrerem por falta de cuidados, deve acusar seu pai por eles nada produzirem? Não, não. Em vez de acusar aquele que tudo lhe preparou, de criticar suas doações, que acuse o verdadeiro autor de suas misérias e que então, arrependido e ativo, se entregue ao trabalho com coragem. Que prepare o solo ingrato pelo esforço da sua vontade; que o lavre fundo com a ajuda do arrependimento e da esperança; que nele lance, com confiança, a semente boa escolhida entre as más, que a regue

O Evangelho Segundo o Espiritismo

com seu amor e sua caridade; e Deus, o Deus de Amor e de Caridade, dará àquele que já recebeu. Então, ele verá os seus esforços coroados de sucesso, e uma semente produzir cem, e outra produzir mil. Coragem, trabalhadores, tomai vossos arados e vossas charruas, trabalhai os vossos corações, arrancai deles o joio, semeai o bom grão que o Senhor vos confia, e o orvalho do amor vos fará produzir os frutos da caridade. (*Um espírito amigo*. Bordeaux, 1862.)

RECONHECE-SE O CRISTÃO PELAS SUAS OBRAS

16. “Aqueles que me dizem: Senhor, Senhor, nem todos entrarão no reino dos céus, mas apenas o que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus.”

Escutai essas palavras do Mestre, todos vós, que repelis a Doutrina Espírita como obra do demônio! Abri os vossos ouvidos, pois chegou o momento de ouvir!

Será suficiente vestir o uniforme do Senhor para ser um fiel servidor? Será suficiente dizer: “Sou cristão,” para seguir o Cristo? Procurai os verdadeiros cristãos e os reconheceréis pelas suas obras. “Uma boa árvore não pode dar maus frutos, nem uma árvore má dar bons frutos.” “Toda árvore que não dá bons frutos é cortada e lançada ao fogo.” Eis as palavras do Mestre; discípulos do Cristo, compreendei-as bem. Quais são os frutos que a árvore do Cristianismo deve dar, árvore possante cujos ramos frondosos cobrem uma parte do mundo com a sua sombra, mas que ainda não abrigaram todos aqueles que devem reunir-se ao seu redor? Os frutos da árvore da vida são frutos de vida, de esperança e de fé. O Cristianismo, tal como vem fazendo há séculos, prega sempre essas divinas virtudes; procura espalhar seus frutos, mas muitos poucos o colhem. A árvore sempre é boa, mas os jardineiros são maus. Eles quiseram moldá-la de acordo com as suas ideias, modelá-la segundo as suas conveniências; para isso a cortaram, diminuíram, mutilaram; seus galhos estéreis não dão maus frutos,

XVIII. Muitos os Chamados e Poucos os Escolhidos

porque não produzem mais nenhum. O viajor sedento que para sob sua sombra para colher o fruto da esperança, que lhe deve dar força e coragem, percebe apenas ramos áridos que fazem pressentir a tempestade. Inutilmente ele pede o fruto da vida à árvore da vida: as folhas caem secas, a mão do homem tanto as manuseou, que acabou por secá-las!

Abri, portanto, vossos ouvidos e vossos corações, meus bem-amados! Cultivai essa árvore da vida, cujos frutos dão a vida eterna. Aquele que a plantou vos convida a cuidar dela com amor, e ainda a vereis produzir com abundância os seus frutos divinos. Deixai-a tal como o Cristo a entregou a vós, não a mutileis; sua sombra imensa quer se estender sobre o Universo, não corteis os seus ramos. Seus frutos benéficos caem em abundância para sustentar o viajante sedento, que alcançou o seu objetivo; não amontoeis esses frutos para guardá-los e deixá-los apodrecer, a fim de que não sirvam a ninguém. “Há muitos chamados e poucos escolhidos;” é que existem os que se apropriam do pão da vida, como os há, frequentemente, do pão material. Não vos coloquais entre eles, a árvore que dá bons frutos deve espalhá-los por todos. Ide, pois, procurar os que estão necessitados; levai-os para debaixo da ramagem da árvore e partilhai com eles o abrigo que ela vos oferece.

“Não se colhem uvas nos espinheiros.” Meus irmãos, afastai-vos, pois, daqueles que vos chamam para apontar os tropeços do caminho, e segui os que vos conduzem à sombra da árvore da vida.

O divino Salvador, o justo por excelência, disse, e suas palavras não passarão: “Aqueles que me dizem: Senhor, Senhor, não entrarão todos no reino dos céus, mas apenas os que fazem a vontade de meu Pai que está nos céus”.

Que o Senhor de bênçãos vos abençoe; que o Deus da luz vos ilumine; que a árvore da vida vos ofereça seus frutos com abundância! Crede e orai! (*Simeão*. Bordeaux, 1863.)





CAPÍTULO XIX

A FÉ TRANSPORTA MONTANHAS

- PODER DA FÉ
- A FÉ RELIGIOSA.
CONDIÇÃO DA FÉ INABALÁVEL
- PARÁBOLA DA FIGUEIRA SECA

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS:

- A FÉ, MÃE DA ESPERANÇA E DA CARIDADE
- A FÉ DIVINA E A FÉ HUMANA

PODER DA FÉ

1. *Quando Jesus foi para junto do povo, um homem aproximou-se dele e, pondo-se de joelhos aos seus pés, disse-lhe: “Senhor, tem piedade de meu filho que é lunático, que sofre muito, pois, muitas vezes cai no fogo e muitas, na água. Eu o apresentei aos teus discípulos, mas eles não puderam curá-lo”. E Jesus lhe respondeu dizendo: “Ó raça incrédula e depravada, até quando estarei convosco? Até quando vos hei de aturar? Trazei aqui esse menino”. E Jesus, tendo ameaçado o demônio, o fez sair do menino, que ficou curado no mesmo instante. Então os discípulos vieram se encontrar com Jesus em particular e lhe perguntaram: “Por que nós não pudemos expulsar esse demônio”? E Jesus lhes respondeu: “Por causa*

O Evangelho Segundo o Espiritismo

da vossa incredulidade, porque em verdade vos digo que, se tivésseis fé como um grão de mostarda, diríeis a este monte: passa daqui para acolá, e ele passaria, e nada vos seria impossível”.

(Mateus, XVII: 14 a 20.)

2. No bom sentido, é certo que a confiança em suas próprias forças torna o homem capaz de executar coisas materiais que não se podem fazer, quando se duvida de si mesmo; mas, aqui, é unicamente no sentido moral que se devem entender essas palavras. As montanhas que a fé transporta são as dificuldades, as resistências, em uma palavra, a má vontade que se encontra entre os homens, mesmo quando se trata das melhores coisas. Os preconceitos da rotina, o interesse material, o egoísmo, a cegueira do fanatismo, as paixões orgulhosas são outras montanhas que barram o caminho de qualquer pessoa que trabalhe pelo progresso da humanidade. A fé segura proporciona a perseverança, a energia e os recursos que permitem vencer os obstáculos, tanto nas pequenas coisas como nas grandes. A fé vacilante traz a incerteza, a hesitação, de que se aproveitam aqueles que devemos combater; ela não procura os meios de vencer, porque não acredita que possa vencer.

3. Em uma outra acepção, entende-se como fé a confiança que se tem na realização de algo, a certeza de se alcançar um objetivo. Ela dá uma espécie de lucidez que faz ver, pelo pensamento, o objetivo que se almeja e os meios de a ele chegar, de tal maneira que aquele que a possui caminha, por assim dizer, com segurança. Tanto em um como em outro caso, ela pode fazer com que se realizem grandes coisas.

A fé sincera e verdadeira é sempre calma; ela dá a paciência que sabe esperar, porque tendo seu ponto de apoio na inteligência e na compreensão das coisas, tem a certeza de chegar ao seu objetivo. A fé duvidosa sente sua própria fraqueza; quando é estimulada pelo interesse torna-se furiosa, e acredita suplantará

XIX. A Fé Transporta Montanhas

com a violência a força que não tem. A calma na luta é sempre um sinal de força e de confiança; a violência, ao contrário, é uma prova de fraqueza e de dúvida em si mesmo.

4. É preciso evitar confundir a fé com a presunção. A verdadeira fé se alia à humildade; aquele que a possui coloca sua confiança mais em Deus do que em si mesmo, porque sabe que, como simples instrumento da vontade divina, ele nada pode sem Deus, essa é a razão por que os bons espíritos vêm em sua ajuda. A presunção é mais orgulho do que fé, e o orgulho, cedo ou tarde, sempre é castigado pela decepção e pelos fracassos que lhe são impostos.

5. O poder da fé tem aplicação direta e especial na ação magnética; por ela o homem age sobre o fluido, agente universal, modifica suas qualidades e lhe dá um impulso, por assim dizer, irresistível. Eis o motivo por que aquele que junta uma fé ardente a um grande poder fluídico normal pode, apenas pela força da sua vontade dirigida para o bem, operar esses estranhos fenômenos de cura e outros, que antigamente eram considerados como prodígios, e que são, simplesmente, a consequência de uma lei natural. Tal é o motivo pelo qual Jesus disse aos seus apóstolos: “Se não conseguistes curar, foi porque não tivestes fé”.

A FÉ RELIGIOSA. CONDIÇÃO DA FÉ INABALÁVEL

6. Sob o ponto de vista religioso, a fé é a crença nos dogmas particulares que constituem as diferentes religiões, e todas as religiões têm seus artigos de fé. Quanto à fé, ela pode ser *raciocinada* ou *cega*. A *fé cega* nada examina, aceita sem controle o falso como o verdadeiro, e se choca, a cada passo, com a evidência e a razão; levada ao excesso, ela produz o *fanatismo*. Quando a fé se baseia no erro, cedo ou tarde desmorona; mas a que tem por base a verdade garante o futuro, porque nada tem a temer do progresso das luzes, porquanto *o que é verdadeiro na sombra também o é na claridade*. Cada religião pretende ter a

O Evangelho Segundo o Espiritismo

posse exclusiva da verdade, porém, *preconizar a fé cega sobre um ponto de crença é confessar sua impotência para demonstrar que está com a razão.*

7. Diz-se vulgarmente que *a fé não se receita*, daí muitas pessoas afirmarem que, se não têm fé, não é por sua culpa. Sem dúvida a fé não se receita, e o que é ainda mais justo: *a fé não se impõe*. Não, ela não se receita, mas se adquire, e não há ninguém a quem seja recusado possuí-la, mesmo entre os mais refratários. Nós falamos de verdades espirituais fundamentais, e não desta ou daquela crença particular. Não é a fé que deve ir até eles, são eles que devem ir ao encontro da fé, e se a procurarem com sinceridade, a encontrarão. Tende, pois, como certo que aqueles que dizem: “Não desejamos nada melhor do que crer, mas não o podemos,” o fazem apenas com os lábios, não com o coração, visto que, ao dizerem isso, eles fecham os ouvidos. As provas, no entanto, são muitas à volta deles; por que, então, se recusam a vê-las? Em uns, é pela indiferença; em outros pelo medo de serem forçados a mudar seus hábitos e, na maioria, pelo orgulho, que se recusa a reconhecer um poder superior, que os faria inclinar-se diante dele.

Entre algumas pessoas a fé, de alguma forma, parece inata; uma centelha é suficiente para desenvolvê-la. Essa facilidade em assimilar as verdades espirituais é um sinal evidente de progresso anterior; em outras, ao contrário, elas só penetram com dificuldade, sinal não menos evidente de uma natureza em atraso. As primeiras já acreditaram e compreenderam; trazem, ao renascer, a intuição do que sabiam: sua educação está feita. As segundas têm tudo a aprender: sua educação está por fazer. Ela, porém, se fará, e se não for terminada nesta existência, será em uma outra.

A resistência do incrédulo, é preciso convir, quase sempre é devida mais à maneira como lhe apresentam as coisas do que a ele mesmo. Para se ter fé necessita-se de uma base, e essa base é

XIX. A Fé Transporta Montanhas

a compreensão perfeita daquilo em que se deve crer; para crer não basta *ver*, é preciso principalmente *compreender*. A fé cega não é mais deste século;¹¹⁷ ora, é precisamente o dogma da fé cega que causa, atualmente, o maior número de incrédulos, porque ela quer se impor, porque ela exige a abdicação de uma das mais preciosas prerrogativas do homem: o raciocínio e o livre-arbítrio. É contra essa fé, sobretudo, que se revolta o incrédulo, o que confirma a afirmativa de que a fé não se impõe. Não admitindo provas, ela deixa no espírito um vazio de onde nasce a dúvida. A fé raciocinada, que se apoia sobre os fatos e a lógica, não deixa nenhuma obscuridade; a pessoa crê, porque tem a certeza, e só tem a certeza porque compreendeu. Eis por que essa fé não se dobra: visto que *não há fé inquebrantável senão aquela que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da humanidade*.

É a esse resultado que o Espiritismo conduz, triunfando também sobre a incredulidade, todas as vezes em que não encontra a oposição sistemática e interessada.

PARÁBOLA DA FIGUEIRA SECA

8. *Quando saíam de Betânia, ele teve fome; e vendo ao longe uma figueira, dirigiu-se a ela para ver se encontrava alguma coisa; tendo-se aproximado, nada encontrou, apenas folhas, porquanto não era tempo de figos. Então Jesus disse à figueira: “Que ninguém coma de ti nenhum fruto,” o que seus discípulos ouviram. Na manhã seguinte, ao passarem pela figueira, eles viram que ela havia secado até as raízes. E Pedro, lembrando-se das palavras de Jesus, disse: “Mestre, vê como a figueira que amaldiçoaste ficou seca”. E Jesus lhe respondeu: “Tende fé em Deus. Em verdade vos digo que todo aquele que disser a esta montanha: ‘Tira-te desse lugar e lança-te ao mar’,*

¹¹⁷ O século a que Kardec se referia era o XIX, mas hoje a fé cega torna-se ainda mais inconcebível, porquanto a própria Ciência vem demonstrando a veracidade de muitos dos chamados fatos milagrosos, ou religiosos, ou sobrenaturais. (N.T.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

e isso sem hesitar no seu coração, mas acreditando firmemente que tudo o que disser acontecerá, ele o verá efetivamente acontecer". (Marcos, XI: 12 a 14 e 20 a 23.)

9. A figueira seca é o símbolo das pessoas que só têm a aparência do bem, mas em realidade não produzem nada de bom; dos oradores que possuem mais brilho que solidez, suas palavras têm verniz artificial, agradam aos ouvidos, mas, quando são analisadas, não se encontra nelas nada de substancial para o coração; após ouvi-las, pergunta-se que proveito tiramos delas.

É ainda o símbolo de todas as pessoas que têm meios de ser úteis e não o são; de todos os projetos irrealizáveis, de todos os sistemas vazios, de todas as doutrinas sem base sólida. O que falta, na maior parte do tempo, é a verdadeira fé, a fé realmente fecunda, a fé que abala as fibras do coração, em uma palavra a fé que transporta montanhas. Essas são as árvores que têm folhas, mas não têm frutos, por isso Jesus as condenou à esterilidade, visto que um dia virá em que elas ficarão secas até as raízes, isto é, em que todos os sistemas, todas as doutrinas que não tiveram produzido nenhum bem para a humanidade, serão reduzidas a nada, e em que todos os homens, voluntariamente inúteis, que não colocaram em ação os recursos que traziam consigo, serão tratados como a figueira que secou.

10. Os médiuns são os intérpretes dos espíritos; substituem os órgãos materiais que lhes faltam para nos transmitirem suas instruções; eis por que são dotados de faculdades para esse fim.

Nestes tempos de renovação social, têm uma missão particular: são as árvores que devem dar o alimento espiritual aos seus irmãos; eles foram multiplicados, para que o alimento seja abundante; encontram-se em toda parte, em todas as regiões, em todas as classes sociais, entre ricos e entre pobres, entre grandes e entre humildes, a fim de que não haja deserdados em parte alguma, e para provar aos homens que *todos são chamados*. Mas

XIX. A Fé Transporta Montanhas

se desviam do seu objetivo providencial a faculdade preciosa que lhes é concedida; se a fazem servir a coisas fúteis ou prejudiciais; se a colocam a serviço de interesses mundanos; se, em lugar de frutos salutares, produzem maus frutos; se não querem torná-la proveitosa para os outros; se não tiram proveito dela para si mesmos, aperfeiçoando-se, então, são como a figueira estéril. Deus irá lhes retirar um dom que se tornou inútil em suas mãos: a semente que não souberam fazer frutificar, e deixará que se tornem presas dos maus espíritos.

— Instruções dos espíritos —

A FÉ, MÃE DA ESPERANÇA E DA CARIDADE

11. A fé, para ser proveitosa, deve ser ativa; não deve adormecer. Mãe de todas as virtudes que conduzem a Deus, ela deve velar atentamente pelo desenvolvimento das filhas que gerou.

A esperança e a caridade são uma consequência da fé; essas três virtudes são uma trindade inseparável. Não é a fé que nos dá a esperança de vermos realizadas as promessas do Senhor? Porquanto, se não tivermos fé, que esperamos? Não é a fé que dá o amor? Pois, se não tiverdes fé, que reconhecimento tereis, e, por consequência, que amor?

A fé, divina inspiração de Deus, desperta todos os nobres instintos que conduzem o homem ao bem: é a base da regeneração. É preciso, pois, que essa base seja forte e durável, porque se a menor dúvida vier abalá-la, o que acontecerá com o edifício que construístes sobre ela? Construí, portanto, esse edifício sobre fundações inabaláveis. Que a vossa fé seja mais forte que os sofismas e as zombarias dos incrédulos, porque a fé que não desafia o ridículo dos homens, não é a fé verdadeira.

A fé sincera é arrebatadora e contagiante, comunica-se àqueles que não a têm, ou mesmo não a queriam ter; ela encontra palavras persuasivas que atingem a alma, enquanto que a fé

O Evangelho Segundo o Espiritismo

aparente só tem palavras sonoras, que deixam, a quem as escuta, frio e indiferente. Pregai pelo exemplo da vossa fé para transmiti-la aos homens; pregai pelo exemplo das vossas obras para lhes demonstrar o mérito da fé; pregai pela vossa esperança inabalável para lhes fazer ver a confiança que fortifica e faz com que se enfrentem todas as vicissitudes da vida.

Tende, pois, a fé, com tudo o que ela contém de belo e de bom, na sua pureza, na sua racionalidade. Não aceiteis a fé sem comprovação, filha cega da cegueira. Amai a Deus, mas sabei porque o amais; crede em suas promessas, mas sabei porque acreditais nelas; segui nossos conselhos, mas conscientes do objetivo que vos indicamos e dos meios que vos trazemos para alcançá-lo. Crede e esperai, sem jamais fraquejar: os milagres são frutos da fé. (*José, espírito protetor. Bordeaux, 1862.*)

A FÉ DIVINA E A FÉ HUMANA

12. A fé é o sentimento inato, no homem, dos seus destinos futuros; é a consciência que ele tem das faculdades imensas, cujo germe foi depositado em si, a princípio em estado latente, e que ele deve fazer desabrochar e crescer pela sua vontade atuante.

Até o momento, a fé só foi compreendida pelo seu lado religioso, porque Cristo a preconizou como uma alavanca possante, e porque só se viu nele o chefe de uma religião. Mas o Cristo, que realizou milagres materiais, mostrou, por esses mesmos milagres, o que o homem pode quando tem fé, isto é, *a vontade de querer*, e a certeza de que essa vontade pode se realizar. Os apóstolos, a exemplo de Jesus, também não fizeram milagres? Ora, o que eram esses milagres, senão efeitos naturais cuja causa era desconhecida aos homens de então, mas que se explica em grande parte atualmente, e que se compreenderá completamente pelo estudo do Espiritismo e do magnetismo?

A fé é humana ou divina, conforme o homem aplica suas faculdades às necessidades terrestres ou às suas aspirações celestes

XIX. A Fé Transporta Montanhas

e futuras. O homem de talento, que persegue a realização de um grande empreendimento, triunfa se tem fé, porque sente em si que pode e deve alcançar seu objetivo, e esta certeza lhe dá uma força imensa. O homem de bem que, crendo no seu futuro celeste, quer preencher sua vida com nobres e belas ações, retira da sua fé, da certeza da felicidade que o espera, a força necessária, e ainda aí se realizam os milagres de caridade, de devotamento e de abnegação. Enfim, com a fé, não há más tendências que não possam ser vencidas.

O magnetismo é uma das maiores provas do poder da fé posta em ação; é pela fé que se cura e se produzem esses fenômenos estranhos, outrora qualificados de milagres.

Eu vos repito: *a fé é humana e divina*; se todos os encarnados estivessem bem convencidos da força que têm em si, se quisessem colocar sua vontade a serviço dessa força, seriam capazes de realizar o que, até o presente, se chama de prodígios, mas que é, simplesmente, o desenvolvimento das faculdades humanas. (*Um espírito protetor*. Paris, 1863.)





CAPÍTULO XX

OS TRABALHADORES DA ÚLTIMA HORA

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS:

- OS ÚLTIMOS SERÃO OS PRIMEIROS
- MISSÃO DOS ESPÍRITAS
- OS TRABALHADORES DO SENHOR

1. O reino dos céus é semelhante a um pai de família que saiu de madrugada, a fim de contratar trabalhadores para a sua vinha. Após ajustar com eles que pagaria um denário por dia, a cada um, mandou-os para sua vinha. Tendo saído ainda na terceira hora do dia, encontrou outros trabalhadores, que estavam na praça sem nada fazer, e disse-lhes: “Ide vós também para a minha vinha, e vos darei o que for justo,” e eles se foram. Voltou ainda a sair à hora sexta, e na hora nona fez o mesmo. Voltando a sair na hora undécima, encontrou outros, que também estavam sem nada fazer, aos quais ele disse: “Por que estais aqui durante todo o dia sem trabalhar”? E eles lhe disseram: “É que ninguém nos assalariou”. Então, ele falou: “Ide vós também para a minha vinha”.

No fim da tarde, o dono da vinha disse àquele que cuidava dos seus negócios: “Chama os trabalhadores e paga-lhes, começando pelos últimos até os primeiros. Aqueles que tinham vindo para a vinha apenas na hora undécima aproximaram-se e cada

O Evangelho Segundo o Espiritismo

um recebeu um denário. Aqueles que haviam sido os primeiros a chegar à vinha também se aproximaram e julgaram que iam receber mais que os outros, mas receberam apenas um denário cada um. Então, puseram-se a falar contra o pai de família, dizendo: “Esses últimos trabalharam apenas uma hora e vós lhe pagais o mesmo que a nós, que suportamos o peso do dia e do calor”.

Como resposta, o dono da vinha disse a um deles: “Meu amigo, não te faço nada de errado; não combinaste comigo um denário pela jornada de trabalho? Toma, pois, o que te pertence e vai-te, quanto a mim, quero dar a este último tanto quanto dei a ti. Não me é permitido fazer o que quero? Acaso o teu olho é mau, porque eu sou bom”?

Assim, os últimos serão os primeiros, e os primeiros serão os últimos, porque são muitos os chamados e poucos os escolhidos. (Mateus, XX: 1 a 16. Ver também “Parábola do banquete de núpcias” no capítulo XVIII deste livro.)

— INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS —

OS ÚLTIMOS SERÃO OS PRIMEIROS

2. O trabalhador da última hora tem direito ao salário, mas é preciso que sua boa vontade o tenha conservado à disposição do Senhor que devia empregá-lo, e que esse atraso não seja fruto da sua preguiça ou da sua má vontade. Ele tem direito ao salário, porque, desde o alvorecer, esperava impacientemente aquele que, por fim, o chamaria para o trabalho. Ele era trabalhador, faltava-lhe apenas o trabalho.

Se, porém, houvesse se recusado a trabalhar a qualquer hora do dia; se houvesse dito: “Tenhamos paciência, o repouso me é agradável, quando a última hora soar, será o momento de pensar no salário do dia; que necessidade tenho de me incomodar

XX. Os Trabalhadores da Última Hora

por um patrão a quem não conheço e não estimo! Quanto mais tarde, melhor”. Esse, meus amigos, não teria recebido o salário do obreiro, mas o da preguiça.

Que acontecerá, então, com aquele que, em lugar de ficar apenas na inatividade, tivesse empregado as horas destinadas ao trabalho do dia em cometer atos culposos; que haja blasfemado contra Deus, derramado o sangue de seus irmãos, lançado confusão no meio das famílias, arruinado homens confiantes, abusado da inocência, que tenha, enfim, praticado todas as ignomínias da humanidade? Que será dele? Será suficiente que diga na última hora: “Senhor, utilizei mal o meu tempo, emprega-me até o fim do dia, para que eu faça um pouco, bem pouco da minha tarefa, e dá-me o salário do trabalhador de boa vontade”? Não, não! O Mestre lhe dirá: “Agora não tenho nenhum trabalho para te dar; desperdiçaste o teu tempo; esqueceste o que aprendeste; não sabes mais trabalhar na minha vinha. Recomeça, pois, a aprender, e quando te achares mais bem disposto, virás encontrar comigo e eu te franquearei o meu vasto campo, e então poderás trabalhar nele a qualquer hora do dia”.

Bons espíritas, meus bem-amados, sois todos trabalhadores da última hora. Bem orgulhoso seria aquele que dissesse: Comecei o trabalho ao alvorecer e só o terminarei quando o dia terminar. Todos viestes quando fostes chamados, uns um pouco mais cedo, outros um pouco mais tarde, para a encarnação cujas correntes arrastais; mas há quantos séculos o Senhor vos chamava para a sua vinha sem que houvésseis querido entrar? Eis que chegou o momento de receberdes o salário; empregai bem essa hora que vos resta, e nunca vos esqueçais de que vossa existência, por mais longa que ela vos pareça, não é mais que um momento fugaz na imensidade dos tempos que para vós constituem a eternidade. (*Constantino, espírito protetor. Bordeaux, 1863.*)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

3. Jesus gostava da simplicidade dos símbolos, e, na sua vigorosa linguagem, os trabalhadores que chegaram na primeira hora são os profetas, Moisés e todos os iniciadores que marcaram as etapas do progresso, continuadas através dos séculos pelos apóstolos, os mártires, os pais da Igreja, os sábios, os filósofos e, finalmente, pelos espíritas. Estes, vindos por último, foram anunciados e preditos desde o advento do Messias, e receberão a mesma recompensa; mas, o que digo eu? Receberão uma recompensa maior. Sendo os últimos a chegar, os espíritas aproveitam os trabalhos intelectuais dos seus antecessores, porque o homem deve herdar do homem, e porque seus trabalhos e seus resultados são coletivos: Deus abençoa a solidariedade. Diga-se, a propósito, que muitos deles revivem atualmente, ou ainda reviverão, para acabar a obra que começaram outrora. Mais de um patriarca, mais de um profeta, mais de um discípulo do Cristo, mais de um propagador da fé cristã se encontram entre eles, porém, mais esclarecidos, mais adiantados, trabalhando, não mais na base, mas no acabamento do edifício; seu salário, portanto, será proporcional ao mérito da obra.

A reencarnação, esse belo dogma, eterniza e determina a filiação espiritual. Chamado a prestar contas do seu mandato terreno, o espírito percebe a continuação da tarefa interrompida, mas sempre retomada. Ele vê, ele sente que rapidamente compreende o pensamento dos seus antecessores; reinicia a luta, amadurecido pela experiência, para continuar avançando. E todos, trabalhadores da primeira e da última hora, advertidos quanto à profunda justiça de Deus, não mais se lamentam e o adoram.

Esse é um dos verdadeiros sentidos dessa parábola que contém, como todas aquelas que Jesus dirigiu ao povo, os rudimentos da vida futura, e também, sob todas as formas, sob todas as imagens, a revelação dessa magnífica unidade que harmoniza

XX. Os Trabalhadores da Última Hora

todas as coisas no Universo, dessa solidariedade que liga todos os seres presentes ao passado e ao futuro. (*Henri Heine*.¹¹⁸ Paris, 1863.)

MISSÃO DOS ESPÍRITAS

4. Já não estais percebendo formar-se a tempestade que deve assolar o velho mundo e reduzir a nada a soma das iniquidades terrestres? Ah! bendizei o Senhor, vós que tendes posto vossa fé em sua soberana justiça, e que, novos apóstolos da crença revelada pelas vozes proféticas superiores, ide pregar o novo dogma da *reencarnação* e da elevação dos espíritos, de acordo com o bom ou mau desempenho das suas missões e a forma como suportaram suas provas terrestres.

Não vos assusteis mais! As línguas de fogo estão sobre vossas cabeças. Ó verdadeiros adeptos do Espiritismo, vós sois os eleitos de Deus! Ide e pregai a palavra divina. É chegada a hora em que deveis sacrificar vossos hábitos, vossos trabalhos e vossas ocupações fúteis para a sua propagação. Ide e pregai: os espíritos elevados estão convosco. Por certo falareis a pessoas que não querem ouvir a voz de Deus, pois essa voz, incessantemente, os faz lembrar da abnegação. Aos avaros pregareis o desinteresse; aos dissolutos, a abstinência; aos tiranos domésticos, como aos déspotas, a mansidão. Palavras perdidas, eu o sei; mas que importa! É preciso que regueis com o vosso suor o terreno em que tendes de semear, porque ele não produzirá nem frutificará, a não ser com reiterados esforços da enxada e da charrua evangélica. Ide e pregai!

¹¹⁸ **Henri Heine:** célebre escritor e poeta alemão; nasceu em Düsseldorf em 1797 e desencarnou em Paris em 1856. Autor de poesias de uma melancolia irônica e dolorosa. “*O Intermezo*”, “*O Livro dos Cantos*” e “*Preisebilder*” são algumas de suas obras, sendo esta última cintilante de espírito, mas de um grande cepticismo na qual ataca todas as formas do despotismo e da hipocrisia social. Tentou criar uma aliança intelectual entre a França e a Alemanha. Heine foi o último romântico alemão, como poeta. A sua grande inovação deriva do emprego original da ironia, que lhe permitiu introduzir na poesia todos os aspectos exteriores e todos os íntimos conflitos da vida moderna, sem nada lhes tirar de tudo quanto fosse prosaico. (N.T. conforme o *Dicionário Enciclopédico Luso-brasileiro Lello Universal*, vol. II.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Sim, todos vós, homens de boa-fé, que acreditais na vossa inferioridade diante dos mundos espalhados pelo infinito, parti em cruzada contra a injustiça e a iniquidade. Ide e acabai com o culto do bezerro de ouro, que cada dia mais e mais se expande. Ide, Deus vos conduza! Homens simples e ignorantes, vossas línguas se soltarão, e falareis como nenhum orador fala. Ide e pregai, e as populações atentas receberão com alegria as vossas palavras de consolação, de fraternidade, de esperança e de paz.

Que importam as emboscadas que serão colocadas em vosso caminho! Somente os lobos caem em armadilhas de lobos, porque o pastor saberá defender suas ovelhas das fogueiras imoladoras.

Ide, homens, que sois grandes diante de Deus, e que, mais felizes que Tomé, credes sem querer ver, e aceitais os fatos da mediunidade, mesmo quando jamais haveis conseguido obtê-los pessoalmente; ide, o Espírito de Deus vos conduz.

Marcha, pois, para a frente, falange gloriosa de fé! E os grandes batalhões de incrédulos se dissiparão diante de ti, como a cerração da manhã aos primeiros raios do Sol nascente.

A fé é a virtude que remove montanhas, assim vos falou Jesus, porém, mais pesadas do que as mais pesadas montanhas, permanecem no coração dos homens a impureza e todos os vícios que se originam da impureza. Ide, portanto, com coragem para levantar essa montanha de iniquidades que as gerações futuras só devem conhecer como se fossem lendas, assim como vós, que apenas muito imperfeitamente conheceis o período anterior à civilização pagã.

Sim, as revoluções morais e filosóficas vão eclodir em todos os pontos da Terra; a hora em que a luz divina aparecerá sobre os dois mundos se aproxima.

Ide, portanto, levando a palavra divina aos grandes, que irão desprezá-la; aos sábios, que desejarão provas; aos simples

XX. Os Trabalhadores da Última Hora

e humildes, que a aceitarão, porquanto é principalmente entre os mártires do trabalho, desta *expição* terrena, que encontrareis *entusiasmo e fé*. Ide, pois eles vos receberão com alegria, louvando e agradecendo a Deus, pela santa consolação que lhes derdes, e, baixando a fronte, renderão graças pelas aflições que a Terra lhes reservou.

Que a vossa falange se arme de decisão e coragem! Mãos à obra! O arado está pronto e, a terra preparada: arai!

Ide e agradecei a Deus a gloriosa tarefa que ele vos confiou; mas, atenção, porque muitos se transviaram entre os que foram chamados para o Espiritismo. Observai, portanto, o vosso caminho e procurai a verdade.

Podereis, então, perguntar: Como reconhecer os que se acham no bom caminho se, entre os que foram chamados para o Espiritismo, muitos se transviaram?

E nós vos responderemos: podereis reconhecê-los pelos verdadeiros princípios da caridade por eles ensinados e praticados; pelo número de aflitos a quem levem consolação; pelo seu amor ao próximo; pela sua abnegação; pelo seu desinteresse pessoal. Podereis reconhecê-los, enfim, pela vitória dos seus princípios, porque Deus quer o triunfo da sua lei, e os que a seguem serão os escolhidos que vencerão. Porém, aqueles que falseiam o espírito dessa lei, para satisfazerem sua vaidade e sua ambição, serão destruídos. (*Erasto, anjo da guarda do médium*. Paris, 1863.)

OS TRABALHADORES DO SENHOR

5. Chegastes ao tempo em que se cumprirão as coisas anunciadas para a transformação da humanidade. Felizes serão aqueles que tiverem trabalhado no campo do Senhor com desinteresse, e sem outro objetivo que a caridade! Seus dias de trabalho serão pagos por cem vezes mais do que esperavam. Felizes serão os que houverem dito aos seus irmãos: “Trabalhemos juntos, irmãos, e unamos nossos esforços para que o Mestre, ao chegar, encontre a

O Evangelho Segundo o Espiritismo

obra terminada,” porque, então, o Mestre lhes dirá: “Vinde a mim, vós que sois bons servidores, vós que fizestes calar vossos ciúmes e vossas discórdias para não deixar que a obra sofresse”! Porém, infelizes daqueles que, pelas suas divergências de opiniões, tiverem retardado a hora da colheita, porquanto a tempestade virá e eles serão levados pelo turbilhão. Nesse momento, gritarão: “Graça, graça”! Mas o Senhor lhes dirá: “Por que pedis graça, vós que não tivestes piedade dos vossos irmãos, que lhes recusastes estender a mão, que esmagastes o fraco em vez de ampará-lo? Por que pedis graça, vós que procurastes recompensa nos prazeres da Terra, na satisfação do vosso orgulho? Já recebestes a vossa recompensa, tal como a desejastes; não peçais nada mais: as recompensas celestes são para aqueles que não pediram as recompensas da Terra”.

Deus realiza, neste momento, a enumeração dos seus servidores fiéis, e tem marcado, cuidadosamente, aqueles que só têm a aparência do devotamento, para que não usurpem o salário dos servidores corajosos, porquanto aos que não recuarem diante da sua tarefa é que ele vai confiar os postos mais difíceis na grande obra da regeneração pelo Espiritismo. E se cumprirão estas palavras: “Os primeiros serão os últimos, e os últimos serão os primeiros”. (*O Espírito de Verdade*. Paris, 1862.)



CAPÍTULO XXI

HAVERÁ FALSOS CRISTOS E FALSOS PROFETAS

- CONHECE-SE A ÁRVORE PELO SEU FRUTO
- MISSÃO DOS PROFETAS
- PRODÍGIOS DOS FALSOS PROFETAS
- NÃO ACREDITEIS EM TODOS OS ESPÍRITOS

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS:

- OS FALSOS PROFETAS
- CARACTERES DO VERDADEIRO PROFETA
- OS FALSOS PROFETAS DA ERRATICIDADE
- JEREMIAS E OS FALSOS PROFETAS

CONHECE-SE A ÁRVORE PELO SEU FRUTO

1. *“A árvore que produz maus frutos não é boa, e a árvore que produz bons frutos não é má, visto que cada árvore se conhece pelo seu próprio fruto. Não se colhem figos nos espinheiros nem se cortam cachos de uvas nas sarças. O homem de bem tira boas coisas do bom tesouro do seu coração, porque a boca fala do que está cheio o coração.”* (Lucas, VI: 43 a 45.)

2. *“Livrai-vos dos falsos profetas que vêm até vós cobertos de peles de cordeiro e que no íntimo são lobos astutos. Vós os conhecereis pelos seus frutos. Podemos colher uvas nos espinheiros ou figos nas sarças? Assim, toda árvore que é boa*

O Evangelho Segundo o Espiritismo

produz bons frutos, e toda árvore que é má produz maus frutos. Uma boa árvore não pode produzir maus frutos, e uma árvore má não pode produzir bons frutos. Toda árvore que não produz bons frutos será cortada e lançada ao fogo. Vós a conhecereis, portanto, pelos seus frutos.” (Mateus, VII: 15 a 20.)

3. *“Tende cuidado para que ninguém vos engane, porque muitos virão em meu nome, dizendo: ‘Eu sou o Cristo’, e enganarão a muitas pessoas.”*

“E levantar-se-ão muitos falsos profetas que enganarão a muitos; e porque a iniquidade se multiplicará, a caridade de muitos se arrefecerá. Mas aquele que perseverar até o fim, esse será salvo.”

“Então se alguém vos disser: ‘O Cristo está aqui’ ou ‘está lá’, não acrediteis; porque se levantarão falsos cristos e falsos profetas que farão grandes prodígios e coisas espantosas, capazes de seduzir, se isso fosse possível, até os próprios eleitos.” (Mateus, XXIV: 4, 5, 11, 12, 13, 23 e 24; Marcos XIII: 5, 6, 21 e 22.)

MISSÃO DOS PROFETAS

4. Geralmente, atribui-se aos profetas o dom de revelar o futuro; assim sendo, as palavras *profecia* e *predição* tornaram-se sinônimas. No sentido evangélico, no entanto, a palavra profeta tem um significado mais amplo, e é aplicada a todo enviado de Deus, com a missão de instruir os homens e de lhes revelar as coisas ocultas e os mistérios da vida espiritual. Um homem, portanto, pode ser profeta sem fazer predições. Essa era a ideia dos judeus, no tempo de Jesus; eis por que, quando ele foi levado diante do sumo sacerdote Caifás, os escribas e os anciãos, ali reunidos, cuspiram em seu rosto, deram-lhe socos e bofetadas, dizendo: “Cristo, profetiza para nós, e diz quem foi que te bateu”. Entretanto, houve profetas que tiveram o conhecimento prévio do futuro, seja por intuição, seja por revelação providencial, a fim de fazerem advertências aos homens; como essas predições se

XXI. Haverá Falsos Cristos e Falsos Profetas

realizaram, o dom de predizer o futuro foi olhado como um dos atributos da qualidade de profeta.

PRODÍGIOS DOS FALSOS PROFETAS

5. “Levantar-se-ão falsos cristos e falsos profetas que farão grandes prodígios e coisas espantosas para seduzir até os próprios eleitos.” Essas palavras nos dão o verdadeiro sentido do termo prodígio. Na acepção teológica,¹¹⁹ os prodígios e os milagres são fenômenos excepcionais, fora das leis da Natureza. Sendo essas leis uma obra exclusiva de Deus, ele pode, sem dúvida alguma, derogá-la, se assim o desejar, mas o simples bom senso nos diz que ele não pode ter dado a seres inferiores e perversos um poder igual ao seu, e muito menos o direito de desfazerem o que ele fez. Jesus não pode ter consagrado um tal princípio. Se, portanto, de acordo com o sentido que se atribua a essas palavras, o espírito do mal tem o poder de fazer prodígios, de tal forma que os próprios eleitos possam ser enganados, daí resultaria que, podendo eles fazer o que Deus faz, os prodígios e os milagres não são privilégio exclusivo dos enviados de Deus, e nada provam, porquanto nada distingue os milagres dos santos dos milagres do demônio. É preciso, então, procurar um sentido mais racional para essas palavras.

Aos olhos do homem comum, todo fenômeno cuja causa lhe é desconhecida é considerado como sobrenatural, maravilhoso e miraculoso. Uma vez conhecida a sua causa, reconhece-se que o fenômeno, por mais extraordinário que pareça, é apenas a aplicação de uma lei da Natureza. É assim que o círculo dos fatos sobrenaturais se reduz, à medida que o da Ciência se amplia.

¹¹⁹ **Na acepção teológica:** segundo a interpretação que a Teologia dá à verdade religiosa, mediante estudo das questões referentes ao conhecimento da divindade, de seus atributos e relações com o mundo e com os homens (N.T. de acordo com o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Em todas as épocas houve homens que exploraram certos conhecimentos que possuíam, em proveito da sua ambição, do seu interesse e da sua dominação, a fim de conseguirem o prestígio de um poder supostamente sobre-humano ou de uma pretensa missão divina. Esses são os falsos cristos e os falsos profetas; a difusão dos conhecimentos faz com que fiquem desacreditados, eis por que diminui o número deles à medida que os homens se esclarecem. O fato de realizarem o que, aos olhos de certas pessoas, são verdadeiros prodígios, não é, portanto, sinal de uma missão divina, visto que tais prodígios podem resultar de conhecimentos, que cada um pode adquirir, ou de faculdades orgânicas especiais, que o mais indigno pode possuir, assim como o mais digno. O verdadeiro profeta se reconhece por caracteres mais sérios e exclusivamente morais.

NÃO ACREDITEIS EM TODOS OS ESPÍRITOS

6. “*Meus bem-amados, não acrediteis em todos os espíritos; vede primeiro se os espíritos são de Deus, porque muitos falsos profetas se têm levantado no mundo.*” (João, 1ª Epístola, IV:1.)

7. Os fenômenos espíritos, longe de darem crédito aos falsos cristos e falsos profetas, como algumas pessoas gostam de dizer, vêm, muito ao contrário, dar-lhes o golpe mortal. Não espereis milagres nem prodígios do Espiritismo, porque ele declara formalmente que não os produz. Assim como a Física, a Química, a Astronomia, a Geologia vieram revelar as leis do mundo material, o Espiritismo veio revelar outras desconhecidas, aquelas que regem as relações do mundo corporal com o mundo espiritual, e que, tanto quanto as leis da Ciência, são leis da Natureza. Fornecendo explicações para uma certa ordem de fenômenos até hoje incompreendidos, ele destrói o que ainda restava do domínio do maravilhoso. Aqueles, pois, que fossem tentados a explorar esses fenômenos em seu próprio proveito, fazendo-se passar por messias de Deus, não poderiam abusar

XXI. Haverá Falsos Cristos e Falsos Profetas

durante muito tempo da credulidade das pessoas, e logo seriam desmascarados. Aliás, assim como se tem dito, esses fenômenos sozinhos não provam nada; a missão se prova pelos efeitos morais, o que nem todos podem produzir. Esse é um dos resultados do desenvolvimento da ciência espírita; ao pesquisar a causa de certos fenômenos, ela acaba tirando o véu que encobre muitos mistérios. Aqueles que preferem a obscuridade em lugar da luz são os únicos que têm interesse em combatê-la; mas a verdade é como o Sol: dissipa os mais espessos nevoeiros.

O Espiritismo veio revelar uma outra categoria, bem mais perigosa, de falsos cristos e de falsos profetas que se acham, não entre os homens, mas entre os desencarnados: é a dos espíritos enganadores, hipócritas, orgulhosos e falsos sábios que, da Terra, passaram para a erraticidade, e se utilizam de nomes venerados, para procurar, valendo-se da máscara com que se cobrem, fazer com que deem crédito às suas ideias, muitas vezes as mais bizarras e as mais absurdas.

Antes que as relações mediúnicas fossem conhecidas, eles exerciam sua ação de uma forma menos ostensiva, pela inspiração, pela mediunidade inconsciente, auditiva ou falante. O número daqueles que, em diversas épocas, principalmente nos últimos tempos, se apresentaram como alguns dos antigos profetas, como o Cristo, como Maria, mãe do Cristo, e mesmo como Deus, é considerável. O apóstolo João nos previne contra eles quando diz: *“Meus bem-amados, não acrediteis em todos os espíritos, verificai se os espíritos são de Deus, porque muitos falsos profetas têm surgido no mundo”*. O Espiritismo oferece os meios de experimentá-los, indicando as características pelas quais se reconhecem os bons espíritos, *características sempre morais e jamais materiais*.¹²⁰ É ao discernimento dos bons e dos maus

¹²⁰ **Nota de Kardec:** Ver, sobre o modo de se distinguirem os espíritos, o cap. XXIV e seguintes, de *O Livro dos Médiuns*.

O Evangelho Segundo o Espiritismo

espíritos que, principalmente, se podem aplicar estas palavras de Jesus. “Reconhece-se a qualidade da árvore pelos seus frutos, e uma árvore má não pode produzir bons frutos.” Julgam-se os espíritos pela qualidade das suas obras, como uma árvore pela qualidade dos seus frutos.

— Instruções dos espíritos —

OS FALSOS PROFETAS

8. Se alguém vos disser: “O Cristo está ali,” não o procureis, ao contrário, ficai bem atentos, porque os falsos profetas serão numerosos. Não vedes as folhas da figueira que começam a embranquecer; não vedes seus numerosos rebentos esperando pela época da floração; e o Cristo não vos disse que se conhece uma árvore pelo seu fruto? Se, pois, os frutos são amargos, julgais que a árvore é má; mas se eles são doces e saudáveis, dizeis: “Nada tão puro pode sair de um tronco mau”.

É assim, meus irmãos, que deveis julgar; são as obras que deveis examinar. Se aqueles que se dizem revestidos do poder divino são possuidores de todos os sinais de semelhante missão, isto é, se possuem, no mais alto grau, as virtudes cristãs e eternas: a caridade, o amor, a indulgência, a bondade que concilie todos os corações; se, em apoio às palavras, elas juntam os atos, então podereis dizer: “Estes são, realmente, os enviados de Deus”.

Desconfiai, porém, das palavras doces, desconfiai dos escribas e dos fariseus que oram nas praças públicas, vestidos de longas vestes. Desconfiai daqueles que pretendem ser os únicos e exclusivos possuidores da verdade!

Não, não, o Cristo não está lá, porque aqueles que ele envia, para propagar sua santa doutrina e regenerar seu povo, serão, a exemplo do Mestre, mansos e humildes de coração, acima de todas as coisas. Aqueles que devem, por seus exemplos e seus conselhos, salvar a humanidade que se dirige para a perdição, vagueando

XXI. Haverá Falsos Cristos e Falsos Profetas

pelos caminhos tortuosos, esses serão, acima de tudo, humildes e modestos. Fugi daquele que revela o mínimo sinal de orgulho, como se fugísseis de uma lepra contagiosa que corrompe tudo o que toca. Lembrai-vos de que *cada criatura traz sobre sua fronte, mas principalmente nos seus atos, a marca da sua grandeza ou da sua decadência.*

Ide, pois, meus filhos bem-amados, caminhai sem vacilações, sem segundas intenções na rota bendita que escolhestes. Caminhai, caminhai sempre sem temor; afastai corajosamente tudo o que poderia dificultar o vosso caminho até o objetivo eterno. Viajores que sois, ficareis apenas pouco tempo nas trevas e nas dores da prova, se vos deixardes levar por esta doce doutrina, que vem vos revelar as leis eternas, e satisfazer todas as aspirações da vossa alma em relação ao desconhecido. Desde agora, podeis dar nome a esses silfos¹²¹ ligeiros que passam em vossos sonhos, e que, efêmeros, só podiam encantar o vosso espírito sem nada dizer ao coração. Agora, meus amados, a morte desapareceu para dar lugar ao anjo radioso que conheceis, o anjo do reencontro e da reunião. Agora, vós que realizastes bem a tarefa imposta pelo Criador, não tendes mais nada a temer da sua justiça, porque ele é Pai e perdoa sempre aos seus filhos desgarrados, que pedem misericórdia.

Continuai, pois, avançai sem cessar; que a vossa divisa seja a do progresso, a do progresso contínuo em todas as coisas, até que, finalmente, chegueis ao marco feliz, onde vos esperam todos aqueles que vos precederam. (*Luís. Bordeaux, 1861.*)

CARACTERES DO VERDADEIRO PROFETA

9. *Desconfiai dos falsos profetas.* Essa recomendação é útil em todos os tempos, mas principalmente nos momentos de transição em que, como neste, se elabora uma transformação da

¹²¹ **Silfo:** na mitologia céltica e germânica da Idade Média, o gênio dos ares. (N.T.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

humanidade, porque, então uma multidão de ambiciosos e de intrigantes se intitulam reformadores e messias. É contra esses impostores que é preciso estar prevenido, e o dever de todo homem honesto é desmascará-los. Perguntareis, certamente, como se pode reconhecê-los; eis os seus sinais:

Só se entrega o comando de um exército a um general hábil e capaz de dirigi-lo. Acreditais que Deus seja menos prudente que os homens? Ficai certos de que Deus só confia as missões importantes àqueles que sejam capazes de realizá-las, porque as grandes missões são fardos pesados que esmagariam o homem muito fraco para carregá-las. Como em todas as coisas, nisso o mestre deve saber mais que o aluno. Para fazer com que a humanidade avance moral e intelectualmente, são precisos homens superiores em inteligência e em moralidade! Eis por que são sempre os espíritos já muito avançados, que fizeram suas provas em outras existências, os que reencarnam com essa finalidade, porque se eles não forem superiores ao meio em que devem agir, sua ação será nula.

Concluireis, então, que o verdadeiro missionário de Deus deve justificar sua missão por sua superioridade, por suas virtudes, pela grandeza, pelo resultado e influência moralizadora de suas obras. Tirai ainda outra consequência: se ele está, pelo seu caráter, pelas suas virtudes, pela sua inteligência, abaixo do papel que diz desempenhar, ou do personagem sob o nome de quem se apresenta, é porque ele não passa de um ator de baixa categoria, que nem mesmo sabe copiar o seu modelo.

Uma outra consideração é que a maior parte dos verdadeiros missionários de Deus ignoram a si mesmos; realizam aquilo para que foram chamados pela força do seu próprio gênio, secundado pelo poder oculto que os inspira e os dirige, sem que o percebam, e sem que o tenham premeditado. Em uma palavra, *os verdadeiros profetas se revelam pelos seus atos, eles são percebidos; enquanto*

XXI. Haverá Falsos Cristos e Falsos Profetas

que os falsos profetas se apresentam como os enviados de Deus; os primeiros são humildes e modestos, os segundos são orgulhosos e cheios de si; falam com altivez e sempre parecem temer não serem acreditados.

Têm-se visto alguns desses impostores se intitularem apóstolos do Cristo, outros o próprio Cristo, e o que se torna a vergonha da humanidade, é que eles encontraram pessoas bastante crédulas para aceitarem semelhantes torpezas. Uma consideração bem simples, entretanto, deveria abrir os olhos dos mais cegos, é a de que se o Cristo reencarnasse na Terra, viria com todo o seu poder e todas as suas virtudes, a menos que se admitisse, o que seria um absurdo, que ele houvesse degenerado. Ora, da mesma forma que se tirásseis de Deus um único dos seus atributos não teríeis mais Deus, se tirásseis uma única das virtudes do Cristo, não mais teríeis o Cristo.

Esses que se apresentam como o Cristo têm todas as suas virtudes? Essa é a questão. Observai-os, investigai seus pensamentos e seus atos, e perceberéis que lhes faltam, acima de tudo, as qualidades que distinguem o Cristo: a humildade e a caridade, enquanto que lhes sobram as que o Cristo não tinha: a cupidez e o orgulho. Observai, aliás, que neste momento existem, em diferentes países, vários pretensos Cristos, como há vários pretensos Elias, João ou Pedro e que necessariamente eles não podem ser verdadeiros. Tende a certeza de que são pessoas que exploram a credulidade, e acham cômodo viver à custa daqueles que os escutam.

Desconfiai, portanto, dos falsos profetas, principalmente em épocas de renovação, porque muitos se intitularão os enviados de Deus; eles procuram obter uma vaidosa satisfação sobre a Terra, mas podeis estar certos de que uma terrível justiça os aguarda. (*Erasto*. Paris, 1862.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

OS FALSOS PROFETAS DA ERRATICIDADE

10. Os falsos profetas não estão somente entre os encarnados; estão também, e em maior número, entre os espíritos orgulhosos que, sob falsas aparências de amor e de caridade, semeiam a desunião retardando a obra de emancipação da humanidade, impondo-lhe seus sistemas absurdos, que fazem com que seus médiuns aceitem. Para melhor fascinar aqueles que querem iludir, para dar mais poder às suas teorias, eles se utilizam, sem escrúpulo algum, de nomes que os homens só pronunciam com respeito.

São esses espíritos que semeiam o antagonismo entre os grupos, que os levam a se isolarem uns dos outros e a se olharem com má vontade. Isso já seria suficiente para desmascará-los, porque, agindo assim, dão o mais formal desmentido ao que pretendem ser. Cegos, portanto, são os homens que se enganam de uma forma tão grosseira.

Ainda há, porém, outros meios de reconhecê-los. Os espíritos da ordem a que eles dizem pertencer, devem ser não só muito bons como eminentemente racionais. Pois bem, submetei seus sistemas à análise da razão e do bom senso, e vereis o que restará, então tereis que concordar comigo em que, todas as vezes que um espírito indica coisas utópicas e impraticáveis, ou medidas pueris e ridículas, como remédio para os males da humanidade, ou como meios de chegar à sua transformação, ou quando formula um sistema que é contestado pelas mais vulgares noções de Ciência, ele só pode ser um espírito ignorante e mentiroso.

Por outro lado, tende a certeza de que, se a verdade nem sempre é apreciada pelos indivíduos, ela o é sempre pelo bom senso do povo, e isso também é um critério. Se dois princípios se contradizem, tereis a medida do seu valor intrínseco, procurando aquele que alcança mais repercussão e simpatias. Efetivamente, *seria ilógico admitir que uma doutrina que visse diminuir o*

XXI. Haverá Falsos Cristos e Falsos Profetas

número de seus participantes fosse mais verdadeira que aquela que vê o dos seus aumentarem. Deus, querendo que a verdade chegue a todos, não a limita em um círculo restrito: Ele a faz surgir em diferentes pontos, a fim de que, por toda a parte, a luz esteja ao lado das trevas.

Repeli impiedosamente todos esses espíritos que se apresentam como conselheiros exclusivos, pregando a divisão e o isolamento. São quase sempre espíritos vaidosos e medíocres, que tendem a se impor aos homens fracos e crédulos, cercando-os de elogios exagerados, a fim de fasciná-los e de tê-los sob o seu domínio. Geralmente são espíritos sedentos de poder, que, déspotas públicos ou dentro do lar, enquanto foram vivos, querem ainda ter vítimas para tyrannizar, após sua morte. Portanto, de um modo geral, *desconfiai das comunicações que trazem um caráter de misticismo e de extravagância, ou que prescrevem cerimônias e atos bizarros.* Nesses casos, sempre há um motivo legítimo de desconfiança.

Tende, porém, a certeza de que, quando uma verdade tem que ser revelada à humanidade, ela é, por assim dizer, instantaneamente comunicada a todos os grupos sérios que possuem médiuns sérios, e não a este ou aquele, com exclusão dos outros. Nenhum médium é perfeito, se estiver obsidiado, e há obsessão manifesta quando um médium só está apto a receber as comunicações de um espírito em particular, por mais elevado que este procure se colocar. Em consequência, todo médium, todo grupo que se creia privilegiado por comunicações que só eles podem receber, e que, além disso, estão sujeitos a práticas que beírem a superstição, estão, sem dúvida alguma, sob a ação de uma obsessão bem caracterizada, principalmente quando o espírito dominador se vangloria de um nome que todos, espíritos e encarnados, devemos honrar e respeitar, não permitindo que seja comprometido a cada passo.

O Evangelho Segundo o Espiritismo

É incontestável que, submetendo todos os dados e todas as comunicações dos espíritos à análise da razão e da lógica, será fácil rejeitar o absurdo e o erro. Um médium pode ser fascinado, um grupo enganado, mas o controle severo dos outros grupos, mais o conhecimento adquirido, e a elevada autoridade moral dos dirigentes dos grupos, as comunicações dos principais médiuns, que têm a marca da lógica e da autenticidade dos espíritos mais sérios, farão rapidamente justiça a esses ditados mentirosos e astuciosos, emanados de uma turba de espíritos mistificadores ou maléficos. (*Erasto, discípulo de Paulo*. Paris, 1862.)

(Ver, na Introdução, o item II, “Controle universal do ensino dos espíritos”. Ver também, em *O Livro dos Médiuns*, cap. XXIII, “Da obsessão”.)

JEREMIAS E OS FALSOS PROFETAS

11. Eis o que diz o Senhor dos Exércitos: “Não escuteis as palavras dos profetas que vos profetizam e que vos enganam. As revelações que eles anunciam saem dos seus próprios corações, e não do que aprenderam da boca do Senhor”. Dizem àqueles que blasfemam contra mim: “O Senhor o disse, vós tereis a paz”. E a todos aqueles que andam na corrupção de seu coração, disseram: “Não virá sobre vós mal algum”. Mas quem, dentre eles, assistiu ao conselho do Senhor, viu e ouviu a sua palavra? Quem considerou a sua palavra e a ouviu? Eu não enviava esses profetas e eles corriam; não lhes dizia nada, e eles profetizavam por si mesmos. Eu ouvi o que disseram os profetas que, em meu nome profetizam a mentira, e dizem: “Tive um sonho, tive um sonho”. Até quando essa imaginação estará no coração dos profetas que profetizam a mentira, e cujas profecias são apenas as seduções do seu coração? Portanto, se este povo, ou um profeta, ou um sacerdote vos perguntar, dizendo: “Qual é o fardo do Senhor”? Vós lhe direis: “Vós mesmos sois esse fardo, e eu vos lançarei bem longe de mim, diz o Senhor”. (Jeremias, XXIII: 16 a 18, 21, 25, 26 e 33.)

XXI. Haverá Falsos Cristos e Falsos Profetas

É sobre essa passagem do profeta Jeremias que eu quero conversar convosco, meus amigos. Deus, falando por sua boca, disse: “É a visão do seu coração que os faz falar”. Essas palavras indicam claramente que, já naquela época, os charlatães e os que gostam de se glorificar abusavam do dom da profecia e o exploravam. Abusavam, conseqüentemente, da fé simples e quase cega do povo, predizando coisas boas e agradáveis *por dinheiro*. Essa espécie de fraude era bem generalizada na nação judia, e é fácil de compreender que o pobre povo, na sua ignorância, estava na impossibilidade de distinguir os bons dos maus, e era, quase sempre, vítima daqueles que se diziam profetas, mas que, na realidade, não passavam de impostores ou de fanáticos. Não há nada mais significativo do que estas palavras: “Eu não enviava esses profetas, e eles corriam, não lhes falava nada e eles profetizavam”. Mais adiante, ele disse: “Tenho ouvido esses profetas que profetizavam a mentira em meu nome, dizendo: Tive um sonho, tive um sonho”. Indicava, assim, um dos meios empregados para explorar a confiança que se tinha neles. O povo, sempre crédulo, não pensava em contestar a veracidade dos seus sonhos ou das suas visões, achava isso bem natural, e sempre convidava esses profetas para falarem.

Após as palavras do profeta, ouvi os sábios conselhos do apóstolo João, quando diz: “Não acrediteis em todos os espíritos, verificai se os espíritos são de Deus,” porque, entre os invisíveis, também existem os que se satisfazem em fazer vítimas, quando encontram oportunidade. Essas vítimas são, bem entendido, os médiuns que não tomam precauções. Temos aí, sem dúvida alguma, um dos maiores obstáculos, contra o qual muitos se chocam, notadamente quando são principiantes no Espiritismo. É para eles uma prova da qual só podem sair triunfantes com muita prudência. Aprendei, portanto, antes de qualquer coisa, a distinguir os bons dos maus espíritos, para que não vos transformeis, vós mesmos, em falsos profetas. (*Luis, espírito protetor*. Carlsruhe, 1861.)





CAPÍTULO XXII

NÃO SEPAREIS O QUE DEUS JUNTOU

- INDISSOLUBILIDADE DO CASAMENTO
- O DIVÓRCIO

INDISSOLUBILIDADE DO CASAMENTO

1. Alguns fariseus também vieram para junto de Jesus, para o tentar, e lhe disseram: “É lícito a um homem repudiar sua mulher por qualquer motivo”? E ele lhes respondeu: “Não lestes que aquele que criou o homem, desde o início, os fez macho e fêmea? E que lhes disse: Por esta razão o homem deixará seu pai e sua mãe, e se ligará à sua mulher, e serão os dois uma só carne. Assim, eles não serão mais dois, mas uma só carne. Que o homem, portanto, não separe o que Deus juntou”.

“Por que, então, replicaram os fariseus, Moisés ordenou que o homem desse à sua mulher uma carta de separação e a repudiasse”? E Jesus respondeu: “Foi por causa da dureza do vosso coração que Moisés vos permitiu repudiar vossas mulheres, mas isso não foi assim desde o princípio. Também eu vos declaro que todo aquele que repudiar sua mulher, e que não seja em caso de adultério, e se casar com uma outra, comete um adultério; e todo aquele que casar com uma outra mulher que tenha sido repudiada, também comete um adultério”.
(Mateus, XIX: 3 a 9.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

2. Nada é imutável, a não ser o que vem de Deus; tudo o que é obra dos homens está sujeito a mudanças. As leis da Natureza são as mesmas em todos os tempos e em todos os países; as leis humanas mudam de acordo com os tempos, os lugares e o progresso da inteligência. No casamento, o que é de ordem divina é a união dos sexos, para operar a renovação dos seres que morrem; mas as condições que regem essa união são de ordem a tal ponto humanas que não existem no mundo inteiro, e mesmo na cristandade, dois países onde elas sejam absolutamente iguais, e não há mesmo um só país em que elas não tenham sofrido modificações com o passar do tempo. Daí resulta que, aos olhos da lei civil, o que é legítimo em uma região e em uma época, é adultério em uma outra região e em um outro tempo. Isso ocorre porque a lei civil tem por finalidade regular os interesses das famílias, e esses interesses variam de acordo com os hábitos e as necessidades locais. É assim, por exemplo, que, em certos países, o casamento religioso é o único legítimo, em outros é necessário também o casamento civil; em outros, enfim, só o casamento civil é suficiente.

3. Porém, na união dos sexos, ao lado da lei divina material, comum a todos os seres vivos, há uma outra lei divina, imutável como todas as leis de Deus, exclusivamente moral: é a lei do amor. Deus quis que os seres fossem unidos, não somente pelos laços da carne, mas pelos da alma, a fim de que a afeição mútua dos esposos se estenda sobre seus filhos, e que eles fossem dois, em lugar de um, a amá-los, a cuidar deles e a fazê-los progredir. Nas condições ordinárias do casamento, a lei do amor é levada em consideração? De modo nenhum! O que se leva em conta não é a afeição de dois seres, que um sentimento mútuo atrai um para o outro; já que na maioria das vezes essa afeição é rompida. O que se procura não é a satisfação do coração, mas a do orgulho, a da vaidade, a da cupidez, em uma palavra, a de todos os interesses materiais. Quando tudo está bem, segundo esses interesses, diz-se

XXII. Não Separeis o Que Deus Juntou

que o casamento é conveniente, e quando as bolsas estão bem equilibradas, diz-se que os esposos, igualmente, também estão, e devem ser muito felizes.

No entanto, se a lei do amor não regula a união, nem a lei civil, nem os compromissos que ela determina podem substituí-la. Daí resulta que, frequentemente, o que se uniu à força, por si mesmo se separa, e o juramento que se fez ao pé do altar torna-se um perjúrio, se foi pronunciado como uma fórmula banal. São assim as uniões infelizes, que acabam se tornando criminosas, dupla infelicidade, que seria evitada se, nas condições do casamento, não se esquecesse da única lei que o torna legítimo aos olhos de Deus: *a lei do amor*. Quando Deus disse: “*Vós sereis uma só carne,*” e quando Jesus advertiu “*Não separeis o que Deus uniu,*” isso não deve ser entendido segundo a lei instável dos homens, mas segundo a lei imutável de Deus.

4. Deve-se, então, considerar a lei civil supérflua e retornar-se aos casamentos segundo a natureza? Certamente que não, porquanto a lei civil tem por finalidade regular as relações sociais e os interesses das famílias, de acordo com as exigências da civilização; eis por que ela é útil, necessária, mas variável. Ela deve ser previdente, porque o homem civilizado não pode viver como o selvagem; mas nada, absolutamente nada se opõe a que a lei civil seja uma decorrência da lei de Deus; os obstáculos para o cumprimento da lei divina vêm dos preconceitos e não da lei civil. Esses preconceitos, se bem que ainda muito presentes, já perderam bastante o seu domínio sobre os povos esclarecidos, e acabarão por desaparecer com o progresso moral, que abrirá, finalmente, os olhos dos homens para os males sem número, as faltas, e mesmo os crimes que resultam das uniões realizadas tendo em vista apenas interesses materiais. E um dia se perguntará se é mais humano, mais caridoso, mais moral, ligar, um ao outro, dois seres que não podem viver juntos, ou lhes devolver a liberdade; se

O Evangelho Segundo o Espiritismo

a perspectiva de um vínculo indissolúvel não aumenta o número de uniões irregulares.

O DIVÓRCIO

5. O divórcio é uma lei humana, que tem por objetivo separar legalmente o que está separado de fato. Não é contrário à lei de Deus, pois apenas reforma o que os homens fizeram, e só é aplicável nos casos em que a lei divina não foi levada em consideração. Se fosse contrário à lei divina, a própria Igreja seria forçada a considerar como prevaricadores¹²² aqueles dos seus chefes que, usando da sua autoridade e em nome da religião, têm imposto o divórcio em várias circunstâncias. Aliás, dupla prevaricação, porque teria em vista unicamente interesses temporais, e não para satisfazer à lei do amor.

Porém, nem mesmo Jesus, consagrou a indissolubilidade absoluta do matrimônio. Ele não disse que “Foi por causa da dureza do vosso coração que Moisés vos permitiu repudiar vossas mulheres”? O que significa que, desde o tempo de Moisés, não sendo a afeição mútua o objetivo único do casamento, a separação podia tornar-se necessária. Mas, acrescentou ele, “isso não foi assim no princípio,” quer dizer, na origem da humanidade, quando os homens ainda não estavam pervertidos pelo egoísmo e pelo orgulho, e viviam segundo a lei de Deus, as uniões fundamentadas na simpatia e não na vaidade ou na ambição, não davam lugar ao repúdio.

E Jesus vai ainda mais longe, pois especifica o caso em que o repúdio pode ocorrer: o de adultério. Ora, o adultério não existe onde reina uma afeição recíproca sincera. Ele proíbe, é verdade, a qualquer homem desposar a mulher repudiada, mas é preciso levar em consideração os costumes e o caráter dos homens daquela época.

¹²² **Prevaricadores:** diz-se daqueles que agem ou procedem mal; que faltam, por interesse ou por má-fé, aos deveres do seu cargo, do seu ministério; que torcem a justiça; que cometem adultério. (N.T. de acordo com o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*.)

XXII. Não Separeis o Que Deus Juntou

A lei mosaica, nesse caso, prescrevia a lapidação, isto é, a morte por apedrejamento; querendo abolir uma prática bárbara, Jesus precisava, entretanto, estabelecer, em seu lugar, uma penalidade, e a encontrou na desonra que devia representar a proibição de um segundo casamento. Era, de qualquer maneira, uma lei civil substituindo uma outra lei civil, mas que, como todas as leis dessa natureza, devia passar pela prova do tempo.





CAPÍTULO XXIII

ESTRANHA MORAL

- QUEM NÃO ODEIA SEU PAI E SUA MÃE
- ABANDONAR SEU PAI, SUA MÃE E SEUS FILHOS
- DEIXAI AOS MORTOS O CUIDADO
DE ENTERRAR SEUS MORTOS
- NÃO VIM TRAZER A PAZ, MAS A DIVISÃO

QUEM NÃO ODEIA SEU PAI E SUA MÃE

1. *Uma grande multidão caminhava junto com Jesus. Voltando-se, ele lhes disse: “Se alguém vem a mim, e não odeia seu pai e sua mãe, sua mulher e seus filhos, seus irmãos e suas irmãs, e mesmo sua própria vida, não pode ser meu discípulo. E todo aquele que não carrega sua cruz e não me segue, não pode ser meu discípulo. Assim, aquele dentre vós que não renuncia a tudo o que tem, não pode ser meu discípulo”.* (Lucas, XIV: 25 a 27 e 33.)

2. *“Aquele que ama seu pai ou sua mãe mais que a mim, não é digno de mim; aquele que ama seu filho ou sua filha mais que a mim, não é digno de mim.”* (Mateus, X: 37.)

3. Certas palavras, muito raras aliás, fazem um contraste tão estranho com a linguagem do Cristo que, instintivamente repudiamos o seu sentido literal, e a sublimidade da sua doutrina não sofre nenhum dano com isso. Palavras escritas após a sua morte, porquanto nenhum Evangelho foi escrito enquanto ele estava vivo, é de se supor

O Evangelho Segundo o Espiritismo

que, nesse caso, a essência do pensamento do Cristo não foi bem traduzida, ou, o que é ainda mais provável, que o sentido primitivo tenha sofrido alguma alteração ao passar de uma língua para outra. Basta que um erro tenha sido cometido uma primeira vez, para que fosse repetido por aqueles que reproduziram os Evangelhos, como se vê acontecer, frequentemente, com os fatos históricos.

A palavra *odeia*, nesta frase de Lucas: “*Se alguém vem a mim e não odeia seu pai e sua mãe,*” está nesse caso; não existe ninguém que tenha a ideia de atribuí-la a Jesus; seria, portanto, supérfluo discuti-la, e ainda menos procurar justificá-la. Inicialmente, seria preciso saber se Jesus a pronunciou, e, em caso afirmativo, se essa palavra, na língua em que ele se exprimia, tinha o mesmo valor que na nossa. Nesta passagem de João: “*Aquele que odeia sua vida, neste mundo, a conserva para a vida eterna,*” é certo que ela não corresponde à ideia que nós lhe atribuímos.

A língua hebraica não era rica e possuía muitas palavras com vários significados. Tal é, por exemplo, aquela que, no “*Gênesis,*” designa as fases da criação, e que também servia para expressar um período qualquer de tempo e ainda o período diurno. Tal fato permitiu que, mais tarde, ela fosse traduzida por *dia*, surgindo daí a crença de que o mundo foi a obra de seis vezes vinte e quatro horas, ou seja, foi criado em seis dias. O mesmo ocorre com a palavra que designava um *camelo* e um *cabo*, porque os cabos eram feitos de pelos de camelo, e que foi traduzida por *camelo*, na alegoria do buraco da agulha. (Ver capítulo XVI, item 2.)¹²³

¹²³ *Non odit* em latim, *kāi* ou *misei* em grego, não quer dizer *odiar*, mas *amar menos*. O que o verbo grego *misein* exprime, o verbo hebreu, do qual Jesus deve ter se servido, o exprime ainda melhor. Ele não significa apenas *odiar*, mas *amar menos, não amar tanto quanto, não amar igual a um outro*. No dialeto siríaco, que dizem ter sido o mais usado por Jesus, esse significado é ainda mais acentuado. É nesse sentido que foi dito no “*Gênesis*” (cap. XXIX: 30 e 31.): “E Jacó amou também a Raquel, mais que a Lia, e Jeová, vendo que Lia era *odiada*...” É evidente que o verdadeiro sentido é *menos amada*, e é assim que se deve traduzir. Em muitas outras passagens hebraicas, e principalmente siríacas, o mesmo verbo é empregado no sentido de *não amar tanto quanto a outro*, e seria um contrassenso traduzi-lo por *odiar*, que tem uma outra acepção bem determinada. O texto de Mateus resolve, aliás, toda a dificuldade. (Nota do Sr. Pezzani.¹²⁴)

É necessário, aliás, levar em consideração os hábitos e o caráter dos povos, que acabam influenciando na natureza particular das línguas; sem esse conhecimento, o verdadeiro sentido de certas palavras não é percebido. De uma língua para outra, a mesma palavra tem um sentido mais ou menos enérgico; em uma pode ser uma injúria ou uma blasfêmia, e em outra ser uma palavra insignificante, conforme a ideia que com ela se queira exprimir. Na mesma língua, certas palavras perdem seu significado com o passar dos séculos; é por isso que uma tradução rigorosamente literal nem sempre reproduz perfeitamente o pensamento, e que, para ser exato, muitas vezes é preciso empregar, não as palavras correspondentes, mas termos equivalentes ou explicativos.

Essas notas encontram uma aplicação especial na interpretação das Santas Escrituras, e dos Evangelhos em particular. Se não levarmos em conta o meio em que Jesus vivia, ficamos expostos a enganos sobre o valor de certas expressões e de certos fatos, por causa do hábito que se tem de interpretar os outros por nós mesmos. Em todo caso, é preciso afastar o termo *odiar* da sua acepção moderna, por ser contrária à essência do ensino de Jesus. (Ver também o cap. XIV, item 5 e seguintes.)

ABANDONAR SEU PAI, SUA MÃE E SEUS FILHOS

4. “*Aquele que houver deixado, por meu nome, sua casa, seus irmãos, ou suas irmãs, ou seu pai, ou sua mãe, ou sua mulher, ou seus filhos, ou suas terras, receberá o cêntuplo de tudo, e terá por herança a vida eterna.*” (Mateus, XIX: 29.)

5. *Então disse Pedro: “Quanto a nós, vês que tudo deixamos, e que te seguimos.” Jesus lhe respondeu: “Em verdade vos*

¹²⁴ **André Pezzani**: advogado do Tribunal Imperial de Lyon, autor do livro “*A Pluralidade das Existências da Alma*,” publicado em Paris, no ano de 1865. Esta obra, detidamente analisada por Kardec e dele recebendo crítica positiva, foi condenada pelas autoridades eclesiásticas, sendo colocada no *Index librorum prohibitorum* (Índice dos livros proibidos pela Igreja Católica Romana), conhecido apenas como *Index*. (N.T.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

digo que ninguém deixará pelo reino de Deus a sua casa, ou seu pai e sua mãe, ou seus irmãos, ou sua mulher, ou seus filhos, que não receba, ainda neste mundo, muito mais, e no século que vier, a vida eterna.” (Lucas, XVIII: 28 a 30.)

6. Um outro lhe disse: “Senhor, eu te seguirei; mas permite que, antes, disponha do que tenho em minha casa”. Jesus lhe respondeu: “Quem quer que, tendo posto a mão na charrua, olhe para trás, não é digno do reino de Deus”. (Lucas, IX: 61 e 62.)

Sem discutir as palavras, é preciso procurar compreender o pensamento, que era, evidentemente, este: *Os interesses da vida futura prevalecem sobre todos os interesses e todas as considerações humanas*, porque ele está de acordo com a essência da doutrina de Jesus, enquanto que a ideia do abandono da família seria a sua negação.

Não temos, aliás, sob nossos olhos, a aplicação dessas máximas no sacrifício dos interesses e das afeições de família pela pátria? Condena-se um filho por deixar seu pai, sua mãe, seus irmãos, sua mulher, seus filhos para marchar em defesa do seu país? Ao contrário, não lhe é concedido um grande mérito por deixar as doçuras do lar doméstico e o calor das amizades para cumprir um dever? Portanto, há deveres que se sobrepõem a outros. A lei não impõe à filha a obrigação de deixar os pais e seguir o seu esposo?

O mundo está cheio de casos em que as separações mais penosas são necessárias; mas as afeições não se rompem por isso. O afastamento não diminui nem o respeito, nem a solicitude que são devidos aos pais nem a ternura pelos filhos. Vê-se, então, que mesmo interpretadas ao pé da letra, exceto o termo *odiar*, essas palavras não seriam a negação do mandamento que determina ao homem honrar seu pai e sua mãe, nem do sentimento de ternura paternal. Com muito mais razão isso acontece, se as analisamos quanto à sua essência. A finalidade dessas palavras era mostrar,

de uma forma exagerada propositalmente, quanto era importante para o homem preocupar-se com a vida futura. Aliás, elas deveriam ser menos chocantes para um povo e para uma época em que, em consequência dos seus costumes, os laços de família eram muito mais frágeis que em uma civilização de moral mais avançada. Esses laços, muito fracos entre os povos primitivos, fortaleceram-se com o desenvolvimento da sensibilidade e do senso moral. A própria separação é necessária ao progresso, tanto entre as famílias quanto entre as raças, pois elas se degeneram se não houver cruzamentos, se não se mesclarem umas com as outras. É uma lei da Natureza, tanto no interesse do progresso moral quanto no do físico.

As coisas aqui estão encaradas apenas do ponto de vista terrestre; o Espiritismo faz com que as possamos ver de mais alto, mostrando-nos que os verdadeiros laços de afeição são os do espírito e não os do corpo; que esses laços não se rompem, nem com a separação, nem com a morte do corpo; que eles se fortalecem na vida espiritual pela depuração do espírito; verdade consoladora que nos dá uma grande força para suportar as vicissitudes da vida. (Ver cap. IV, item 18, e cap. XIV, item 8.)

DEIXAI AOS MORTOS O CUIDADO DE ENTERRAR SEUS MORTOS

7. *E Jesus disse a um outro: “Segue-me”. E ele lhe respondeu: “Senhor, permite que eu vá primeiro enterrar meu pai”. E Jesus lhe respondeu: “Deixa aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos; quanto a ti, vai anunciar o Reino de Deus”.* (Lucas, IX: 59 e 60.)

8. O que podem significar estas palavras: “*Deixa aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos?*” As considerações precedentes inicialmente mostram que, nas circunstâncias em que foram pronunciadas, elas não podiam exprimir uma censura contra aquele que considerava como um dever de piedade filial ir enterrar seu pai. Portanto, elas têm um sentido profundo, que só

O Evangelho Segundo o Espiritismo

um conhecimento mais completo da vida espiritual poderia fazer compreender.

A vida espiritual, efetivamente, é a verdadeira vida; é a vida normal do espírito; sua existência terrestre é transitória e passageira; é uma espécie de morte, se a compararmos com o esplendor e a atividade da vida espiritual. O corpo nada mais é que uma vestimenta grosseira que, temporariamente, reveste o espírito, verdadeira cadeia que o mantém ligado à gleba terrena, e da qual sente-se feliz ao se libertar.

O respeito que se tem pelos mortos não se refere à matéria, mas à lembrança, ao espírito ausente; é semelhante ao que se tem pelos objetos que pertenceram ao morto, que por ele foram tocados, e que aqueles que o amam guardam como relíquias. Era o que aquele homem não podia compreender por si mesmo; Jesus então o ensinou dizendo: *“Não vos inquieteis com o corpo, pensai antes no espírito; ide ensinar o Reino de Deus; ide dizer aos homens que sua pátria não está na Terra, mas no céu, porquanto somente lá é que se vive a verdadeira vida”*.

NÃO VIM TRAZER A PAZ, MAS A DIVISÃO

9. *“Não penseis que vim trazer a paz à Terra, não vim trazer a paz, mas a espada; porque vim separar o homem de seu pai, a filha de sua mãe e a nora da sogra; e o homem terá por inimigos aqueles da sua casa.”* (Mateus, X: 34 a 36.)

10. *“Eu vim para lançar o fogo na Terra; e que quero eu, senão que ele se acenda? Devo ser batizado num batismo; e quanto me sinto desejoso de que isso aconteça! Julgais que vim trazer paz à Terra? Não, eu vos asseguro, mas a separação; porque de hoje em diante, se houver cinco pessoas em uma casa, elas estarão divididas umas contra as outras; três contra duas e duas contra três. O pai contra o filho e o filho contra o pai; a mãe contra a filha e a filha contra a mãe; a sogra contra a nora e a nora contra a sogra.”* (Lucas, XII: 49 a 53.)

11. Será que foi mesmo Jesus — a personificação da doçura e da bondade, ele que não cessava de pregar o amor ao próximo — quem disse: *Não vim trazer a paz, mas a espada; vim separar o filho do pai, a esposa do esposo; vim lançar o fogo na Terra e quero que ele se acenda?* Essas palavras não estão em contradição flagrante com o seu ensinamento? Não é uma blasfêmia atribuir-lhe a linguagem de um conquistador sanguinário e devastador?

Não, não há blasfêmia nem contradição nessas palavras porque foi ele mesmo quem as pronunciou, e elas testemunham a sua elevada sabedoria. Somente a forma, um tanto equívoca, não traduz exatamente o seu pensamento, o que fez com que se desprezasse o seu verdadeiro sentido; interpretadas literalmente, elas tendem a transformar sua missão, inteiramente pacífica, em missão de perturbações e de discórdias, consequência absurda que o bom senso não aceita, visto que Jesus não podia contradizer-se. (Ver o cap. XIV, item 6.)

12. Toda ideia nova forçosamente recebe oposição, não existe uma única que se tenha estabelecido sem lutas. Nesses casos, a resistência contrária à ideia é sempre proporcional à importância dos resultados previstos, porque quanto maior ele for, mais interesses contraria. Se essa ideia for notoriamente falsa, se for considerada sem consequências, ninguém se preocupa com ela, e deixam-na passar, sabendo que não tem vitalidade. Mas se é verdadeira, se está assentada em bases sólidas, se para ela pode-se entrever um futuro, um secreto pressentimento adverte seus antagonistas de que tal ideia representa um perigo para eles e para a ordem das coisas em cuja realização estão interessados; eis por que se lançam contra ela e contra seus partidários.

A importância e os resultados de uma ideia nova são medidas pela emoção que ela causa ao aparecer, pela violência da oposição que provoca, e pelo grau e persistência da cólera dos seus adversários.

O Evangelho Segundo o Espiritismo

13. Como Jesus vinha proclamar uma doutrina que derru-
baria, pela base, os abusos em que viviam os fariseus, os escribas
e os sacerdotes do seu tempo fizeram com que ele morresse, por
acreditarem que, ao matarem o homem, matavam a ideia; mas ela
sobreviveu, porque era verdadeira; e cresceu, porque estava nos
desígnios de Deus. Nascida em uma pequena e obscura povoação
da Judeia, foi hastear sua bandeira na própria capital do mundo
pagão, diante de seus inimigos mais sanguinários, daqueles que
tinham o maior interesse em combatê-la, porque ela aniquilava
crenças seculares às quais muitos se apegavam mais por interesse
que por convicção. Lutas das mais terríveis ali esperavam seus
apóstolos; as vítimas foram inumeráveis, mas a ideia cresceu
sempre e saiu triunfante, porque, como verdade, superava as ideias
que a precederam.

14. Deve-se observar que o Cristianismo chegou quando
o paganismo estava declinando e se debatia contra as luzes da
razão. Ainda era praticado por simples respeito aos costumes, mas
a crença havia desaparecido, só o interesse pessoal o sustentava.
Ora, o interesse é persistente, e nunca cede à evidência; e quanto
mais claros e objetivos são os raciocínios que a ele se opõem,
demonstrando de forma incisiva o seu erro, mais ele se estimula.
Ele bem sabe que está errado, mas isso pouco lhe importa, porque
a verdadeira fé não existe em sua alma, o que ele mais receia é
a luz que abre os olhos dos cegos. O erro lhe é proveitoso, e por
isso a ele se apegava, e o defende.

Sócrates também não havia formulado uma doutrina, até
certo ponto, análoga a do Cristo? Por que, então, ela não preva-
leceu, naquela época, no espírito de um dos povos mais inteli-
gentes da Terra? É que ainda não havia chegado o tempo certo.
Sócrates semeou em solo não preparado; o paganismo ainda
estava em pleno vigor. Cristo recebeu sua missão providencial
na época certa. A totalidade dos homens do seu tempo não estava
à altura das ideias cristãs, mas havia uma aptidão mais geral

para assimilá-las, porque já se começava a sentir o vazio que as crenças vulgares deixavam na alma. Sócrates e Platão abriram o caminho e prepararam os espíritos. (Ver na Introdução o item IV: “Sócrates e Platão, precursores da ideia cristã e do Espiritismo”.)

15. Infelizmente, os adeptos da nova doutrina não se entenderam quanto à interpretação das palavras do Mestre, a maior parte delas não era muito clara por terem sido apresentadas em formas alegóricas e em expressões figuradas. Daí o surgimento, desde o início, de numerosas seitas que pretendiam ter, todas elas sem exceção, a posse exclusiva da verdade, e que o decorrer de dezoito séculos não conseguiu fazer com que entrassem em acordo.¹²⁵

Esquecendo o mais importante dos preceitos divinos, aquele do qual Jesus havia feito a pedra angular do seu edifício e a condição expressa da salvação: a caridade, a fraternidade e o amor ao próximo, essas seitas se reprovavam mutuamente e atacavam umas às outras, as mais fortes esmagando as mais fracas, sufocando-as em sangue, nas torturas e na chama das fogueiras. Os cristãos, vencedores do paganismo, de perseguidos passaram a perseguidores, e foi a ferro e fogo que plantaram a cruz do cordeiro sem mácula nos dois mundos. Está comprovado que as guerras de religião foram as mais cruéis, fizeram mais vítimas que as guerras políticas, e que, em nenhum outro tipo de guerra, se cometeram mais atos de atrocidade e de barbárie.

A culpa seria da doutrina do Cristo?

Certamente que não porque ela condena formalmente toda violência. Alguma vez Jesus disse aos seus discípulos: “Ide, matai, massacrai, queimai aqueles que não creem como vós”? Não, ele disse justamente o contrário: “Todos os homens são irmãos, e Deus é soberanamente misericordioso; amai vosso próximo; amai

¹²⁵ Dezoito séculos se haviam passado desde o advento do Cristo até o momento em que Kardec escreveu essas palavras. Hoje, às vésperas do século XXI, essa afirmativa se mantém tão ou mais atual que naquela época. (N.T.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

vossos inimigos; fazei o bem àqueles que vos perseguem”. E Jesus lhes disse ainda: “Quem matar pela espada, morrerá pela espada”. A responsabilidade não é, portanto, da doutrina de Jesus, mas daqueles que a interpretaram falsamente, e que fizeram dela um instrumento para servir às suas paixões; daqueles que desconhecaram estas palavras: “Meu reino não é deste mundo”.

Em sua profunda sabedoria, Jesus previu o que devia acontecer; mas essas coisas eram inevitáveis, porque faziam parte da inferioridade da natureza humana, que não podia transformar-se de repente. Era preciso que o Cristianismo passasse por essa longa e cruel prova de dezoito séculos para mostrar todo o seu poder. Apesar, porém, de todo o mal cometido em seu nome, ele saiu puro dessa prova; jamais foi colocado em questão; a censura sempre caiu sobre aqueles que abusaram dela; a cada ato de intolerância, sempre se afirmou: se o Cristianismo fosse melhor compreendido e melhor praticado, isso não teria acontecido.

16. Quando Jesus disse: “Não penseis que vim trazer a paz, mas a divisão,” seu pensamento era este:

“Não acrediteis que minha doutrina se estabeleça pacificamente. Ela trará lutas sangrentas, para as quais o meu nome será o pretexto, porque os homens não terão desejado compreender-me. Os irmãos, separados por sua crença, lançarão a espada um contra o outro, e a divisão reinará entre os membros de uma mesma família, que não tiverem a mesma fé. Vim lançar o fogo sobre a Terra, para limpá-la dos erros e dos preconceitos, assim como se põe fogo em um campo, para destruir as ervas daninhas, e tenho pressa que ele se acenda, para que a depuração seja mais rápida, porque desse conflito a verdade sairá triunfante. A paz irá suceder à guerra; a fraternidade universal, ao ódio dos partidos; a luz da fé esclarecida, às trevas do fanatismo. Então, quando o campo estiver preparado, eu vos enviarei o *Consolador*, o *Espírito de Verdade*, que irá restabelecer todas as coisas, ou

seja, fazer conhecer o verdadeiro sentido das minhas palavras, que os homens mais esclarecidos poderão compreender, e que dará fim à luta fratricida que separa os filhos de um mesmo Deus. Finalmente, cansados de um combate sem solução, que como consequência só traz a desolação, levando o distúrbio até no seio das famílias, os homens reconhecerão onde estão os seus verdadeiros interesses para este mundo e para o outro. Verão de que lado estão os amigos e os inimigos da sua paz. Todos então virão abrigar-se sob a mesma bandeira: a da caridade, e as coisas serão restabelecidas sobre a Terra, de acordo com a verdade e os princípios que eu vos ensinei”.

17. O Espiritismo vem realizar, no tempo previsto, as promessas do Cristo; entretanto, não pode fazê-lo sem destruir os abusos. Como Jesus, ele se depara com o orgulho, o egoísmo, a ambição, a cupidez, o fanatismo cego, que, encurralados em suas últimas trincheiras, tentam barrar-lhe o caminho, provocando embaraços e perseguições; eis por que ele também tem que lutar. Mas o tempo das lutas e das perseguições sangrentas passou, as que ele terá que sofrer são todas de ordem moral, e o fim de todas elas se aproxima. As primeiras, as que o Cristianismo enfrentou, duraram séculos; estas durarão apenas alguns anos, porque a luz, em vez de partir de um só foco, brotará de todos os pontos da Terra, e abrirá mais cedo os olhos dos cegos.

18. Essas palavras de Jesus devem, portanto, ser entendidas como referentes à cólera que, ele previa, a sua doutrina iria provocar; aos conflitos momentâneos, que surgiriam como consequência; às lutas que ela teria que sustentar antes de se estabelecer, como aconteceu aos hebreus, antes da sua entrada na Terra Prometida, e não como um desejo premeditado, de sua parte, de semear a desordem e a confusão. O mal deveria vir dos homens e não de Jesus. Ele era como o médico que vem curar, mas cujos remédios provocam uma crise salutar, removendo os males do doente.





CAPÍTULO XXIV

NÃO COLOQUEIS A CANDEIA DEBAIXO DO ALQUEIRE

- A CANDEIA DEBAIXO DO ALQUEIRE.
POR QUE JESUS FALA POR PARÁBOLAS
- NÃO PROCUREIS OS GENTIOS
- NÃO SÃO OS QUE ESTÃO BEM DE SAÚDE
QUE PRECISAM DE MÉDICO
- CORAGEM DA FÉ
- CARREGAR SUA CRUZ.
QUEM QUISER SALVAR SUA VIDA, A PERDERÁ

A CANDEIA DEBAIXO DO ALQUEIRE.

POR QUE JESUS FALA POR PARÁBOLAS

1. *“Não se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire e sim, sobre o candeeiro, a fim de que ela ilumine todos aqueles que estão na casa.”* (Mateus, V: 15.)

2. *“Ninguém, pois, acende uma candeia e a cobre com um vaso ou a coloca debaixo da cama; mas coloca-a sobre um candeeiro, a fim de que os que entrem vejam a luz. Porque nada há oculto que não acabe por ser descoberto, nem escondido que não deva ser conhecido e aparecer publicamente.”* (Lucas, VIII: 16 e 17.)

3. *Seus discípulos se aproximaram e lhe disseram: “Por que tu lhes falas por meio de parábolas”? E Jesus respondeu:*

O Evangelho Segundo o Espiritismo

“É porque a vós outros foi dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas a eles isso não foi concedido. Porque ao que tem, lhe será dado, e terá em abundância; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado. Por isso lhes falo por parábolas, porque vendo, não veem, e ouvindo não ouvem nem compreendem”. E a profecia de Isaías se cumprirá neles, quando diz: “Ouvireis com os ouvidos, e não entendereis; olhareis com os vossos olhos e não vereis. Porque o coração desse povo tornou-se insensível, e seus ouvidos tornaram-se surdos, e fecharam seus olhos, para que seus olhos não vejam, seus ouvidos não escutem, seu coração não compreenda e para que, tendo-se convertido, eu não os cure.” (Mateus, XIII: 10 a 15.)

4. É de admirar que Jesus diga que não se deve colocar a luz sob o alqueire, enquanto que ele mesmo, constantemente, esconde o sentido de suas palavras sob o véu da alegoria, que não pode ser compreendida por todos. Ele se explica dizendo aos seus apóstolos: “Eu lhes falo por parábolas, porque eles não estão em condições de compreender certas coisas; eles veem, olham, ouvem, mas não entendem. Dizer-lhes tudo, portanto, seria inútil no momento; mas, para vós, eu o digo, porque vos foi dado compreender esses mistérios”. Ele procedia com o povo como se faz com as crianças, cujas ideias ainda não estão desenvolvidas. Dessa maneira ele indica o verdadeiro sentido das palavras: “Não se coloca a candeia debaixo do alqueire, mas sobre o candeeiro, a fim de que todos aqueles que entrem possam ver a sua luz”. Essa sentença não significa que se deve revelar inconsideradamente todas as coisas; todo ensinamento deve ser proporcional à inteligência daquele a quem ele se dirige, visto que há pessoas a quem uma luz muito viva deslumbraria, sem as esclarecer.

Aconteceu com as sociedades o mesmo que com os indivíduos; as gerações têm sua infância; sua juventude e sua idade madura. Cada coisa deve vir no seu tempo, e o grão semeado, fora da estação, não germina. Mas, o que a prudência manda

XXIV. Não Coloqueis a Candeia Debaixo do Alqueire

calar momentaneamente deve, cedo ou tarde, ser descoberto, porque, chegados a um certo grau de desenvolvimento, os homens procuram, eles mesmos, a luz viva; a obscuridade lhes é pesada. Tendo Deus lhes dado a inteligência para compreender, e para se guiarem nas coisas da Terra e do céu, eles querem raciocinar sobre sua fé; é então que não se deve colocar a candeia sob o alqueire, visto que, sem a luz da razão, a fé se enfraquece. (Ver cap. XIX, item 7.)

5. Se pois, em sua prudente sabedoria, a Providência só revela as verdades gradualmente, ela sempre o faz à medida que a humanidade se vai mostrando apta para recebê-las. Ela as mantém reservadas, e não sob o alqueire; mas os homens que estão de posse dessas verdades quase sempre, na maior parte do tempo, as ocultam do povo com intenção de dominá-lo, são esses que, verdadeiramente, colocam a luz debaixo do alqueire. É assim que todas as religiões tiveram seus mistérios, cujo exame proibem; mas enquanto essas religiões ficam para trás, a Ciência e a inteligência marcharam e rasgaram o véu misterioso; o povo tornou-se adulto e quis penetrar o fundo das coisas, eliminando, de sua fé, o que era contrário à observação.

Não podem existir mistérios absolutos, e Jesus está com a verdade quando diz que não há nada de secreto que não deva ser conhecido. Tudo o que está oculto será descoberto um dia, e o que o homem ainda não pode compreender sobre a Terra, lhe será sucessivamente desvendado nos mundos mais avançados, quando se houver purificado; aqui na Terra ele ainda está no nevoeiro.

6. Pergunta-se que benefícios o povo poderia obter de todas essas parábolas cujo sentido permanecia oculto para ele? Observe-se que Jesus só se exprimia com parábolas sobre as partes, de alguma forma, abstratas da sua doutrina. Mas, tendo feito da caridade para com o próximo e da humildade a condição expressa para a salvação, tudo o que ele disse a esse respeito está perfeitamente claro, explícito e sem dúvidas. E assim devia ser,

O Evangelho Segundo o Espiritismo

porque era uma regra de conduta, regra que todo mundo devia compreender para poder segui-la. Isso era o essencial para a multidão ignorante, a qual Jesus se limitava a dizer: “Eis o que é preciso fazer para ganhar o reino dos céus”.

Sobre as outras questões ele só desenvolvia seu pensamento para os seus discípulos; porque sendo eles mais avançados, moral e intelectualmente, Jesus podia iniciá-los nas verdades mais abstratas. Essa é a razão porque lhes disse: “Àqueles que já têm, ainda mais será dado”. (Ver cap. XVIII, item 15.)

Entretanto, mesmo com seus apóstolos, Jesus falou de modo superficial sobre muitos pontos, cuja compreensão estava reservada a tempos futuros. Foram esses pontos que deram lugar a interpretações tão diversas, até que a Ciência, de um lado, e o Espiritismo, de outro, vieram revelar as novas leis da Natureza, que fizeram com que se compreendesse o seu verdadeiro significado.

7. O Espiritismo, atualmente, vem lançar a sua luz sobre uma série de pontos obscuros, entretanto, ele não o faz inconscientemente. Os espíritos, ao darem as suas instruções, procedem com admirável prudência. Sucessiva e gradualmente é que eles têm abordado as diversas partes conhecidas da Doutrina, e é assim que as outras partes serão reveladas, à medida que houver chegado o momento de fazê-las sair da sombra. Se a tivessem apresentado completa desde o início, ela teria sido acessível apenas a um pequeno número de pessoas, e até assustaria aqueles que não estavam preparados, o que seria nocivo à sua propagação. Portanto, se os espíritos ainda não dizem tudo ostensivamente, não é porque haja na Doutrina mistérios reservados a privilegiados, nem que eles ponham a candeia debaixo do alqueire, mas porque cada coisa deve vir no tempo oportuno. Eles dão a uma ideia o tempo para amadurecer e se propagar, antes de apresentarem uma outra, *e aos acontecimentos, o tempo de lhe preparar a aceitação.*

XXIV. Não Coloqueis a Candeia Debaixo do Alqueire

NÃO PROCUREIS OS GENTIOS

8. *“A esses doze (os apóstolos) Jesus enviou, depois de lhes haver dado as seguintes instruções: ‘Não procureis os gentios nem entreis nas cidades dos samaritanos, ide antes às ovelhas perdidas da casa de Israel; e, nos lugares em que estiverdes presentes, pregai, dizendo: está próximo o reino dos céus’.”* (Mateus, X: 5 a 7.)

9. Jesus, em muitas circunstâncias, prova que as suas palavras não eram dirigidas apenas ao povo judeu, mas a toda humanidade. Portanto, se ele disse aos seus apóstolos que não procurassem os gentios, isto é, os pagãos, não foi por desprezo à sua conversão — o que não seria nada caridoso — mas porque os judeus, que acreditavam no Deus único e esperavam o Messias, estavam preparados, pela lei de Moisés e os profetas, a receberem a sua palavra. Entre os pagãos faltava essa base, tudo estava por fazer, e os apóstolos não estavam ainda suficientemente esclarecidos para uma tarefa tão grande; eis por que ele lhes disse: “Ide antes às ovelhas perdidas da casa de Israel,” isto é, ide semear em terreno já preparado, sabendo bem que a conversão dos gentios aconteceria com o passar do tempo. Mais tarde, efetivamente, os apóstolos foram plantar a cruz no próprio centro do paganismo.

10. Essas mesmas palavras também podem se aplicar aos adeptos e aos propagadores do Espiritismo. Os incrédulos sistemáticos, os zombadores obstinados e os adversários interessados são, para eles, o que os gentios eram para os apóstolos. Seguindo o exemplo dos apóstolos, devem procurar adeptos entre pessoas de boa vontade, aqueles que desejam a luz, nos quais se encontra um germe fecundo, e cujo número é grande, sem perder seu tempo com aqueles que se recusam a ver e a ouvir, e que, quanto mais interesse for demonstrado pela sua conversão, mais firmes se mostram em seus pontos de vista, apenas por uma questão de

O Evangelho Segundo o Espiritismo

orgulho. É preferível abrir os olhos a cem cegos que desejam ver claramente, que a um único que se satisfaz na obscuridade, porquanto assim se aumentará, em grande proporção, o número daqueles que sustentam a causa. Deixar os outros tranquilos não é indiferença, é boa política. A vez deles chegará, quando forem dominados pela opinião geral, quando ouvirem a mesma coisa, incessantemente repetida à volta deles; então, pensarão que aceitam a ideia voluntariamente, por eles mesmos, e não sob pressão de outra pessoa. Também devemos observar que as ideias são como as sementes: não podem germinar antes da estação, e somente em terreno preparado; eis por que deve-se aguardar a época propícia e cultivar inicialmente as que forem germinando, sob pena de se destruírem as outras ao se lhes apressar o crescimento.

No tempo de Jesus, e por causa das ideias restritas e materiais da época, tudo era circunscrito e localizado. A casa de Israel era um pequeno povo, e os gentios também eram pequenos povos vizinhos; hoje as ideias se universalizam e se espiritualizam. A nova luz não é privilégio de nenhuma nação, não existem mais barreiras para ela, que tem o seu foco em todos os lugares, e todos os homens são irmãos. Os gentios, porém, também não são mais um povo, são uma opinião, que se encontra em toda parte, e da qual a verdade triunfa pouco a pouco, como o Cristianismo triunfou do paganismo. Não é mais com armas de guerra que são combatidos, mas com o poder da ideia.

NÃO SÃO OS QUE ESTÃO BEM DE SAÚDE QUE PRECISAM DE MÉDICO

11. *Aconteceu que, estando Jesus sentado à mesa, em casa desse homem (Mateus), ali vieram ter muitos publicanos e pessoas de má vida, que se colocaram à mesa com ele e seus discípulos. Vendo isso, os fariseus disseram aos discípulos: “Por que vosso Mestre come com os publicanos e pessoas de má vida”? Mas, tendo ouvido o que perguntaram, Jesus disse: “Não são*

XXIV. Não Coloqueis a Candeia Debaixo do Alqueire

os que estão bem de saúde, mas os doentes que têm necessidade de médico”. (Mateus, IX: 10 a 12.)

12. Jesus dirigia-se principalmente aos pobres e aos deserdados, porque são eles que têm mais necessidade de consolações; aos cegos dóceis e de boa-fé, porque eles pedem para ver, e não aos orgulhosos que acreditam possuir toda luz e não ter necessidade de nada. (Ver, na Introdução, o item “Publicanos”.)

Essas palavras, como tantas outras, encontram sua aplicação no Espiritismo. Às vezes nos admiramos de que a mediunidade seja concedida a pessoas indignas, e capazes de fazerem um mau uso dela; parece, costumamos dizer, que uma faculdade tão preciosa deveria ser atributo exclusivo das pessoas mais merecedoras.

Dizemos, inicialmente, que a mediunidade resulta de uma disposição orgânica, que qualquer pessoa pode possuir, como a de ver, de ouvir, de falar, não havendo nenhuma da qual, em virtude do seu livre-arbítrio ela não possa abusar. Se Deus tivesse concedido a palavra apenas àqueles que são incapazes de dizer coisas más, haveria muito mais mudos do que pessoas falando. Deus deu as faculdades aos homens, e os deixou livres para usá-las, mas sempre pune os que abusam delas.

Se o poder de comunicar-se com os espíritos fosse dado apenas aos mais dignos, quem seria aquele que ousaria pretendê-lo? Aliás, onde estaria o limite da dignidade e da indignidade? A mediunidade é dada sem distinção, a fim de que os espíritos possam levar a luz a todas as camadas, a todas as classes da sociedade, ao pobre como ao rico, aos sábios para fortificá-los no bem, aos viciosos para corrigi-los. Estes últimos não são os doentes que têm necessidade de médico? Por que Deus, que não quer a morte do pecador, o privaria dos recursos que podem tirá-lo do lamaçal? Os bons espíritos, portanto, vêm em sua ajuda; e seus conselhos, que ele recebe diretamente, são de natureza a

O Evangelho Segundo o Espiritismo

impressioná-lo mais vivamente do que se os recebesse indiretamente. Deus, em sua bondade, para lhe poupar o trabalho de ir ao longe buscar a sua luz, coloca-a em suas mãos; portanto, não será ele muito mais culpado se não quiser vê-la? Poderá desculpar-se, alegando desconhecimento, quando ele mesmo escreveu, viu com seus próprios olhos, ouviu com seus ouvidos, e pronunciou com a própria boca a sua condenação? Se ele não aproveita, então é punido com a perda ou perversão da sua faculdade, da qual os maus espíritos se apropriarão, para obsidiá-lo e enganá-lo, sem prejuízo das aflições reais com que Deus atinge seus servidores indignos e os corações endurecidos pelo orgulho e pelo egoísmo.

A mediunidade não pressupõe necessariamente relações habituais com os espíritos superiores; trata-se apenas de uma aptidão, para servir de instrumento, mais ou menos flexível, aos espíritos em geral. O bom médium não é, pois, aquele que comunica facilmente, mas o que é simpático aos bons espíritos e só por eles é assistido. É unicamente neste sentido que a excelência das qualidades morais tem poder absoluto sobre a mediunidade.

CORAGEM DA FÉ

13. *“Todo aquele que me confessar e me reconhecer diante dos homens, eu também o reconhecerei e confessarei diante de meu Pai que está nos céus; e todo aquele que me renegar diante dos homens, eu mesmo também o renegarei diante de meu Pai que está nos céus.”* (Mateus, X: 32 e 33.)

14. *“Se alguém se envergonhar de mim e de minhas palavras, o Filho do Homem também se envergonhará dele, quando vier na sua glória e na de seu Pai e dos santos anjos.”* (Lucas, IX: 26.)

15. A coragem de dar opinião sempre foi apreciada pelos homens, porque existe mérito em enfrentar os perigos, as perseguições, as contradições e mesmo os simples sarcasmos, aos quais se expõe, quase sempre, aquele que não tem medo de revelar, em

XXIV. Não Coloqueis a Candeia Debaixo do Alqueire

alta voz, ideias que não são as de todas as pessoas. Aqui, como em tudo, o mérito é proporcional às circunstâncias e à importância do resultado. Sempre há fraqueza quando se recua diante das consequências da opinião emitida, ou em renegá-la; mas há casos em que isso é uma covardia tão grande quanto fugir no momento do combate.

Jesus reprova energicamente essa covardia, do ponto de vista especial da sua doutrina, dizendo que se alguém se envergonha das suas palavras, ele também se envergonhará dele; que renegará aquele que o tiver renegado; que reconhecerá, diante de seu Pai que está nos céus, aquele que o confessar diante dos homens; em outras palavras: *aqueles que tiveram medo de se confessarem discípulos da verdade, não são dignos de serem admitidos no reino da verdade*. Eles perderão o benefício da sua fé, porque é uma fé egoísta, que guardam para si mesmos, que escondem com medo de que ela lhes traga prejuízos neste mundo, enquanto que aqueles que, pondo a verdade acima de seus interesses materiais, a proclamam abertamente, trabalhando ao mesmo tempo pelo seu futuro e pelo dos outros.

16. Assim será com os adeptos do Espiritismo; visto que a sua doutrina é o desenvolvimento e a aplicação da doutrina do Evangelho; é a eles também que se dirigem as palavras do Cristo. Eles semeiam na Terra o que colherão na vida espiritual; lá colherão os frutos da sua coragem ou da sua fraqueza.

CARREGAR SUA CRUZ.

QUEM QUISER SALVAR SUA VIDA, A PERDERÁ

17. ***“Sereis bem ditosos quando os homens vos odiarem, quando vos separarem, quando vos tratarem injuriosamente, quando rejeitarem o vosso nome como mau, por causa do Filho do Homem. Alegrai-vos nesse dia, e exultai, porque uma grande recompensa vos está reservada no céu, porque era assim que os pais deles tratavam os profetas.”*** (Lucas, VI: 22 e 23.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

18. *Chamando para junto de si o povo, com seus discípulos, ele lhes disse: “Se alguém quer me seguir, que renuncie a si mesmo, que pegue a sua cruz e me siga; porque aquele que quiser salvar a si mesmo, se perderá; e aquele que se perder por amor de mim e do Evangelho, se salvará. Com efeito, de que servirá a um homem ganhar todo o mundo, e perder a si mesmo”?* (Marcos, VIII: 34 a 36; Lucas, IX: 23 a 25; Mateus, X: 38 e 39; João, XII: 24 e 25.)

19. Alegrai-vos, disse Jesus, quando os homens vos odiarem e vos perseguirem por minha causa, porque vós sereis recompensados no céu.

Essas palavras podem assim ser traduzidas: sede felizes quando os homens, por sua má vontade para convosco, vos fornecerem a ocasião para provar a sinceridade da vossa fé, porquanto o mal que vos fizerem resultará em vosso benefício. Lamentai-os por sua cegueira, e não os amaldiçoeis.

Depois, acrescenta: “Que aquele que me quer seguir, pegue sua cruz,” isto é, que suporte corajosamente as dificuldades que sua fé lhe acarretar; porque aquele que quiser salvar sua vida e seus bens, renunciando a mim, perderá as vantagens do reino dos céus, enquanto que aqueles que perderem tudo aqui na Terra, mesmo a vida, pelo triunfo da verdade, receberão, na vida futura, o prêmio pela sua coragem, pela sua perseverança e sua abnegação. Mas àqueles que sacrificam os bens celestes aos prazeres terrestres, Deus dirá: “Já haveis recebido a vossa recompensa”.



CAPÍTULO XXV

BUSCAI E ACHAREIS

- AJUDA-TE, E O CÉU TE AJUDARÁ
- OBSERVAI OS PÁSSAROS DO CÉU
- NÃO VOS CANSEIS PELA POSSE DO OURO

AJUDA-TE, E O CÉU TE AJUDARÁ

1. “*Pedi e vos será dado; buscai e achareis; batei à porta e se vos abrirá; porque todo aquele que pede, recebe, e o que procura, encontra, e se abrirá àquele que bate à porta.*”

“*Qual é o homem dentre vós que dá uma pedra ao filho que lhe pede pão? Ou se ele lhe pedir um peixe dar-lhe-á uma serpente? Ora, se vós, sendo maus como sois, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, com mais forte razão, vosso Pai que está nos céus dará os verdadeiros bens àqueles que os pedirem.*”
(Mateus, VII: 7 a 11.)

2. Sob o ponto de vista terrestre, a máxima: *Buscai e achareis* é análoga a esta: *Ajuda-te, e o céu te ajudará*. É o princípio da *lei do trabalho*, e, por consequência, da *lei do progresso*, porquanto o progresso é filho do trabalho, porque o trabalho põe em ação as forças da inteligência.

Na infância da humanidade, o homem só aplica a sua inteligência na busca do alimento, dos meios de se preservar do mau tempo, e de se defender contra seus inimigos. Deus, porém, lhe deu, a mais do que ao animal, *o desejo incessante do melhor*, e

O Evangelho Segundo o Espiritismo

é esse desejo do melhor que o impele para a procura dos meios de melhorar sua posição, que o conduz às descobertas, às invenções, ao aperfeiçoamento da Ciência, porque é a Ciência que lhe proporciona o que lhe falta. Por suas pesquisas, sua inteligência cresce, seu moral se depura; às necessidades do corpo sucedem as necessidades do espírito; após o alimento material, é preciso o alimento espiritual; é assim que o homem passa da selvageria para a civilização.

Entretanto, o progresso que cada homem realiza individualmente durante a vida é bem pouca coisa, imperceptível mesmo em um grande número deles; como, então, a humanidade poderia progredir sem a preexistência e sem a reexistência da alma? Se as almas deixassem a Terra todos os dias para não mais voltar, a humanidade se renovaria sem cessar com os elementos primitivos, tendo tudo a fazer, tudo a aprender; não haveria, pois, razão para que o homem fosse mais avançado atualmente do que nos primeiros tempos do mundo, pois que, a cada nascimento, todo o trabalho intelectual teria que recomeçar. A alma, ao contrário, voltando com o seu progresso realizado, e adquirindo, a cada existência, alguma coisa a mais, passa gradualmente da barbárie à *civilização material*, e desta à *civilização moral*. (Ver o cap. IV, item 17.)

3. Se Deus tivesse eximido o homem do trabalho físico, seus membros ficariam atrofiados; se o tivesse eximido do trabalho da inteligência, seu espírito ficaria na infância, no estado de instinto animal. Eis por que Deus fez do trabalho uma necessidade para o homem, e lhe disse: *Procura e acharás, trabalha e produzirás*, dessa forma serás o filho das tuas obras, delas terás o mérito e serás recompensado segundo o que tiveres feito.

4. É obedecendo a esse princípio que os espíritos não livram o homem do trabalho de pesquisar, trazendo-lhe descobertas e invenções inteiramente feitas e prontas para serem produzidas, de

maneira que ele só tivesse que pegar o que lhe pusessem nas mãos, sem ter a necessidade de se abaixar para apanhá-las e nem mesmo a de pensar. Se assim fosse, o mais preguiçoso poderia enriquecer, e o mais ignorante transformar-se em sábio, e tanto um como outro atribuiriam a si mesmos o mérito do que não fizeram. *Não, os espíritos não vêm livrar o homem da lei do trabalho, mas mostrar-lhe o objetivo que deve alcançar e o caminho que a ele conduz, dizendo-lhe: Anda, e tu o atingirás. Encontrarás pedras sob os teus passos; olha, e afasta-as tu mesmo, nós te daremos a força necessária, se a quiseres empregar.* (Ver *O Livro dos Médiuns*, cap. XXVI, item 291 e seguintes.)

5. Sob o ponto de vista moral, estas palavras de Jesus significam: Pedi a luz que deve iluminar o vosso caminho, e ela vos será dada; pedi forças para resistir ao mal, e a recebereis; pedi a assistência dos bons espíritos, e eles virão vos acompanhar, e, como o anjo de *Tobias*,¹²⁶ eles vos servirão de guias; pedi bons conselhos, e eles jamais vos serão recusados; batei à nossa porta, e ela vos será aberta; mas pedi sinceramente, com fé, fervor e confiança; apresentai-vos com humildade e não com arrogância, sem isso sereis abandonados às vossas próprias forças, e mesmo as quedas que sofrerdes serão a punição do vosso orgulho.

Esse é o sentido destas palavras do Cristo: *Buscai e achareis, batei e se vos abrirá.*

OBSERVAI OS PÁSSAROS DO CÉU

6. *“Não acumuleis para vós tesouros na Terra, onde a ferrugem e as traças os consomem, e onde os ladrões os desenterram e roubam. Fazei vossos tesouros no céu, onde*

¹²⁶ **Tobias:** ao fazer uma viagem a mando de seu pai (também chamado Tobias, um judeu célebre por sua piedade, pertencente à tribo e cidade de Neftali, Galileia), Tobias foi acompanhado por um jovem que se ofereceu para ser seu guia. Somente quando regressaram é que o jovem revelou ser o Anjo Rafael. Tobias teria sido o autor de um dos livros da *Bíblia*, denominados históricos, pertencente ao *Antigo Testamento*, e intitulado *Tobias*. (N.T.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

nem a ferrugem, nem a traça os consomem, e nem os ladrões os desenterram e roubam. Porque onde está o vosso tesouro, aí está também o vosso coração.

Eis por que vos digo: não vos inquieteis para saber onde achareis do que comer para o sustento da vossa vida, nem onde achareis vestimentas para cobrir o vosso corpo; a vida não é mais que o alimento, e o corpo mais que a vestimenta?

Observai os pássaros do céu: eles não semeiam, não ceifam, não fazem provisões nos celeiros, e, contudo, vosso Pai celeste os alimenta. Porventura não sois muito mais do que eles? E quem é aquele dentre vós que pode, por mais que se afadigue, aumentar de um côvado¹²⁷ a sua altura?

Por que vos inquietais também com a vestimenta? Observai como crescem os lírios do campo; não trabalham nem fiam, entretanto eu vos declaro que nem Salomão, em toda a sua glória, jamais se vestiu como um deles. Se Deus tem o cuidado de vestir dessa maneira uma erva do campo, que hoje existe e que amanhã será lançada ao forno, quanto mais cuidado terá em vos vestir, homens de pouca fé!

Não vos inquieteis, portanto, dizendo: Que comeremos? Que beberemos? Com que nos vestiremos? Assim fazem os pagãos, que procuram todas as coisas. Vosso Pai sabe que tendes necessidade delas.

Procurai, pois, primeiramente o reino de Deus e sua justiça, e todas essas coisas vos serão dadas por acréscimo. Eis por que não deveis vos inquietar pelo amanhã, visto que o amanhã se ocupará do bem-estar de si mesmo. A cada dia basta o seu mal.”
(Mateus, VI: 19 a 21 e 25 a 34.)

7. Essas palavras, levadas ao pé da letra, seriam a negação de toda a previdência, de todo trabalho e, por consequência, de

¹²⁷ **Côvado:** antiga unidade de medida de comprimento, equivalente a 66 centímetros. (N.T.)

todo progresso. Com um tal princípio, o homem se reduziria a uma passividade expectante; suas forças físicas e intelectuais ficariam sem atividade. Se essa fosse sua condição normal sobre a Terra, ele não teria jamais saído do estado primitivo, e se fizesse agora desse princípio a sua lei, viveria sem fazer nada. Tal não pode ser o pensamento de Jesus, porque estaria em contradição com o que disse anteriormente, e com as próprias leis da Natureza. Deus criou o homem sem vestimenta e sem abrigo, mas deu-lhe a inteligência para fabricá-los. (Ver cap. XIV, item 6 e cap. XXV, item 2.)

Portanto, nessas palavras, só se pode ver uma poética alegoria da Providência, que jamais abandona aqueles que colocam a sua confiança nela, mas que também deseja que, por seu lado, eles trabalhem. Se Deus nem sempre os ajuda com um socorro material, ele inspira as ideias com as quais poderão sair das dificuldades por si mesmos. (Ver cap. XXVII, item 8.)

Deus conhece as nossas necessidades, e as atende conforme for preciso; mas o homem, insaciável nos seus desejos nem sempre se contenta com o que tem; o necessário não lhe é suficiente, ele também quer o supérfluo. A Providência, então, deixa-o entregue a si mesmo. Frequentemente, o homem se torna infeliz por sua própria culpa, e por haver ignorado as advertências da voz da sua consciência, e Deus o deixa sofrer as consequências, para que isso lhe sirva de lição no futuro. (Ver o cap. V, item 4.)

8. A Terra produz o bastante para alimentar todos os seus habitantes; quando os homens souberem administrar os bens que ela dá, segundo as leis de justiça, de caridade e de amor ao próximo; quando a fraternidade reinar entre os diversos povos, como entre as cidades de um mesmo império, o supérfluo momentâneo de um irá preencher a falta momentânea do outro, e cada um terá o necessário. O rico, então, irá considerar-se como um homem que tem uma grande quantidade de sementes; se ele as distribuir,

O Evangelho Segundo o Espiritismo

elas produzirão ao cêntuplo, para ele e para os outros; mas se as comer sozinho, se as desperdiçar e deixar que as sobras do que comeu se percam, elas não produzirão nada, e todo o mundo ficará sem elas. Se as fechar no seu celeiro, os vermes as comerão, eis por que Jesus disse: *Não acumuleis tesouros na Terra, que são perecíveis, acumulai-os no céu, porque são eternos.* Em outras palavras, não dediqueis aos bens materiais mais importância que aos bens espirituais, e sabeis sacrificar os primeiros em benefício dos segundos. (Ver cap. XVI, item 7 e seguintes.)

Não é com leis que se decretam a caridade e a fraternidade; o egoísmo sempre as sufocará se elas não estiverem dentro do coração. Fazer com que penetrem dentro dele, é a tarefa do Espiritismo.

NÃO VOS CANSEIS PELA POSSE DO OURO

9. *“Não vos canseis pela posse do ouro ou da prata, ou de qualquer outra moeda em vossa bolsa. Não prepareis nem um saco para o caminho, nem duas vestimentas, nem calçados, nem cajados, porque aquele que trabalha merece ser alimentado.”*

10. *“Em qualquer cidade ou em qualquer aldeia que entrardes, informai-vos sobre quem é digno de vos hospedar, e ficai na casa dele até que vos retireis. Ao entrar na casa, saudai-a, dizendo: ‘Que a paz esteja nesta casa’. Se essa casa for digna disso, vossa paz virá sobre ela; se não for, a vossa paz voltará para vós.*

Quando alguém não vos queira receber nem ouvir vossas palavras, ao sairdes dessa casa, ou dessa cidade, sacudi o pó dos vossos pés. Em verdade vos digo, no dia do julgamento, Sodoma¹²⁸ e Gommorraserão tratadas com menos rigor do que essa cidade.”
(Mateus, X: 9 a 15.)

¹²⁸ **Sodoma:** antiga cidade da Palestina, situada próxima ao Mar Morto, era célebre por sua riqueza. Foi destruída, juntamente com Gomorra, Seboim e Adoma, segundo a *Bíblia*, pelo fogo do céu, por causa da depravação e imoralidade dos seus habitantes, os sodomitas. (N.T.)

11. Essas palavras, que Jesus dirigiu aos seus apóstolos, quando os enviou, pela primeira vez, a anunciar a Boa-nova, nada tinham de estranho naquela época; estavam de acordo com os costumes patriarcais do Oriente, onde o viajante sempre era recebido na tenda. Mas, então, os viajantes eram raros. Na atualidade, o aumento das viagens criou novos costumes; e só nas regiões distantes, que o grande movimento de viajantes ainda não atingiu, é que encontramos os hábitos dos tempos antigos. Se Jesus voltasse hoje à Terra, não poderia mais dizer aos seus apóstolos: colocai-vos a caminho sem provisões.

Juntamente com o seu sentido próprio, essas palavras têm um sentido moral muito profundo. Com elas Jesus ensinava aos seus discípulos que confiassem na Providência; depois, eles nada tendo, não podiam despertar a cobiça naqueles que os recebessem. Era um meio pelo qual se distinguiriam os caridosos dos egoístas; por isso ele lhes disse: “Informai-vos sobre quem é digno de vos hospedar,” isto é, quem é bastante humano para abrigar o viajante que não tem com que pagar sua hospedagem, porque esses são dignos de ouvir as vossas palavras; é pela caridade deles que os reconheceréis.

Quanto àqueles que não quisessem recebê-los nem ouvi-los, Jesus disse aos seus apóstolos que os amaldiçoassem, que se impusessem a eles, que usassem de violência e de constrangimentos para os converter? Não; disse-lhes que se retirassem, pura e simplesmente, e fossem a outros lugares, procurar pessoas de boa vontade.

Assim diz o Espiritismo atualmente aos seus adeptos: não violenteis nenhuma consciência; não forceis ninguém a deixar sua crença para adotar a vossa; não amaldiçoeis os que não pensam como vós; acolhei aqueles que vierem a vós e deixai em paz os que vos repelem. Lembrai-vos das palavras do Cristo. Outrora o céu era tomado pela violência, hoje o é pela brandura. (Ver cap. IV, itens 10 e 11.)





CAPÍTULO XXVI

DAI GRATUITAMENTE O QUE RECEBESTES GRATUITAMENTE

- DOM DE CURAR
- PRECES PAGAS
- MERCADORES EXPULSOS DO TEMPLO
- MEDIUNIDADE GRATUITA

DOM DE CURAR

1. “*Devolvei a saúde aos doentes, ressuscitai os mortos, curai os leprosos, expulsai os demônios. Dai gratuitamente o que recebestes gratuitamente.*” (Mateus, X: 8.)

2. “Dai gratuitamente o que recebestes gratuitamente,” disse Jesus aos seus discípulos; e com essas palavras determina que não se deve fazer pagar por aquilo que a nós mesmos nada custou. Ora, o que eles haviam recebido de graça foi a faculdade de curar as doenças e de expulsar os demônios, isto é, os maus espíritos; esse dom lhes havia sido concedido gratuitamente por Deus, para o alívio daqueles que sofrem, e para ajudar na propagação da fé, e Jesus lhes recomendava que não o transformassem em um meio de comércio, nem em objeto de especulação, nem em um meio de vida.

O Evangelho Segundo o Espiritismo

PRECES PAGAS

3. Em seguida, ele disse aos seus discípulos, em presença de todo o povo que o escutava: “Guardai-vos dos escribas que se exibem passeando com longas vestes, que adoram ser saudados nas praças públicas, e ocupar os primeiros assentos nas sinagogas e os primeiros lugares nos banquetes; que, sob o pretexto de longas preces, devoram as casas das viúvas. Essas pessoas receberão uma condenação mais rigorosa”. (Lucas, XX: 45 a 47; Marcos, XII: 38 a 40; Mateus, XXIII: 14.)

4. Jesus também disse: Não façais com que paguem vossas preces; não façais como os escribas que “sob pretexto de longas preces, *devoram as casas das viúvas,*” isto é, apoderam-se de suas fortunas. A prece é um ato de caridade, um impulso do coração; fazer pagar a prece que se dirige a Deus, por outra pessoa, é transformar-se em intermediário assalariado. A prece, então, torna-se uma fórmula cujo tamanho fica proporcional ao preço que ela custe. Ora, das duas, uma: ou Deus mede ou não mede suas graças pelo número de palavras. Se forem necessárias muitas palavras, porque dizer poucas, ou quase nenhuma, por aquele que não pode pagar? É uma falta de caridade. Se uma palavra é suficiente, as demais são inúteis; por que então fazer pagar por elas? É uma desonestidade.

Deus não vende os benefícios que concede. Por que, então, aquele que nem mesmo é o distribuidor, que não pode garantir a sua obtenção, faria pagar um pedido que talvez não produza resultado? Deus não pode subordinar um ato de clemência, de bondade ou de justiça, que se solicita da sua misericórdia, a uma soma de dinheiro; do contrário, dele resultaria que, se a soma não é paga ou é insuficiente, a justiça, a bondade e a clemência de Deus seriam suspensas. A razão, o bom senso e a lógica dizem que Deus, a perfeição absoluta, não pode delegar a criaturas imperfeitas o direito de estipular preço para a sua justiça.

XXVI. Dai Gratuitamente o Que Recebestes Gratuitamente

A justiça de Deus é como o Sol; existe para todo o mundo, para o pobre como para o rico. Se consideramos imoral fazer comércio com as graças de um soberano da Terra, seria lícito vender as graças do soberano do Universo?

As preces pagas têm um outro inconveniente: é que aquele que as compra acredita, na maior parte das vezes, que está dispensado de rezar, ele mesmo, porque se considera quite ao dar o seu dinheiro. Sabe-se que os espíritos são sensibilizados pelo fervor do pensamento daquele que se interessa por eles, mas qual pode ser o fervor de quem encarrega uma terceira pessoa de orar por ele, em troca de pagamento? Qual é o fervor dessa terceira pessoa, quando delega seu mandato a uma outra, e esta a uma outra, e assim sucessivamente? Isso não é reduzir a eficácia da prece ao valor de uma moeda corrente?

MERCADORES EXPULSOS DO TEMPLO

5. *Em seguida, eles vieram a Jerusalém, e Jesus, entrando no Templo, começou a expulsar os que ali vendiam e compravam; derrubou as mesas dos cambistas e os assentos daqueles que vendiam pombos; e não permitia que pessoa alguma transportasse utensílios pelo Templo. Jesus os ensinava dizendo; “Não está escrito que minha casa será chamada casa de orações por todas as nações? No entanto, tendes feito dela um covil¹²⁹ de ladrões.” Os príncipes dos sacerdotes, ouvindo-o falar assim, procuravam um meio de prejudicá-lo; porque eles o temiam, visto que todo o povo ficava cheio de admiração com a sua doutrina.* (Marcos, XI: 15 a 18; Mateus, XXI: 12 e 13.)

6. Jesus expulsou os vendedores do Templo; com esse gesto condenou o comércio das coisas santas *sob qualquer forma que seja*. Deus não vende sua bênção, nem seu perdão, nem a entrada

¹²⁹ **Covil:** abrigo para salteadores, para ladrões; toca, buraco onde se escondem certos animais. (N.T.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

no reino dos céus. O homem, portanto, não tem o direito de fazer com que tais benesses sejam pagas.

MEDIUNIDADE GRATUITA

7. Os médiuns modernos — visto que os apóstolos também tinham mediunidade — igualmente receberam de Deus um dom gratuito: o de serem os intérpretes dos espíritos na instrução dos homens, a fim de lhes mostrar o caminho do bem e conduzi-los à fé, e não para lhes vender palavras que não lhes pertenciam, porquanto elas não são resultado de *sua concepção, nem das suas pesquisas, nem do seu trabalho pessoal*. Deus quer que a sua luz chegue a todo o mundo; ele não deseja que o mais pobre seja deserdado e que possa dizer: “Eu não tenho fé, porque não pude pagá-la; não tenho a consolação de receber o encorajamento e os testemunhos da afeição daqueles por quem choro, porque sou pobre”. Eis por que a mediunidade não é um privilégio, e se encontra por toda a parte; fazer com que se pague por ela, seria, portanto, desviá-la da sua finalidade providencial.

8. Todo aquele que conhece as condições em que os bons espíritos se comunicam, a sua repulsa por tudo o que seja de interesse egoísta, e que saiba como é preciso bem pouca coisa para afastá-los, não poderá admitir jamais que espíritos superiores estejam à disposição do primeiro que queira chamá-los a tanto por sessão; o simples bom senso repudia uma tal ideia. Não seria também uma profanação evocar, à custa de dinheiro, os seres que nós respeitamos ou que nos são queridos? Sem dúvida que se podem obter manifestações dessa forma, mas quem poderia garantir a sua sinceridade? Os espíritos levianos, mentirosos, espertos, e toda espécie de espíritos inferiores, muito pouco escrupulosos, sempre atendem a esses chamados, e estão igualmente prontos a responder o que se lhes pergunta, sem se preocuparem com a verdade. Portanto, aquele que desejar comunicações sérias deve,

XXVI. Dai Gratuitamente o Que Recebestes Gratuitamente

em primeiro lugar, solicitá-las com seriedade, depois inteirar-se sobre a natureza das simpatias do médium com os seres do mundo espiritual. Ora, a primeira condição para se obter a benevolência dos bons espíritos, é a humildade, o devotamento, a abnegação, o absoluto *desinteresse moral e material*.

9. Juntamente com a questão moral, apresenta-se uma consideração efetiva, não menos importante, e que se refere à própria natureza da faculdade. A mediunidade séria não pode ser, e jamais será, uma profissão, não só porque ficaria desacreditada moralmente, e logo associada aos ledores da sorte, mas também porque um obstáculo material a isso se oporia: ela é uma faculdade essencialmente móvel, fugidia e variável, cuja permanência ninguém pode contar como certa. Ela seria, então, para o seu explorador, uma fonte absolutamente incerta, que poderia lhe faltar no momento em que fosse mais necessária. Muito diferente é um talento adquirido pelo estudo e pelo trabalho, e que, por isso mesmo, é uma propriedade da qual naturalmente é permitido tirar partido. A mediunidade, porém, não é nem uma arte, nem um talento, eis por que não pode tornar-se uma profissão; ela só existe com a participação dos espíritos, se os espíritos faltarem, não há mais mediunidade. A aptidão pode subsistir, mas o seu exercício está anulado; assim sendo, não existe um só médium no mundo que possa garantir a obtenção de um fenômeno espírita em um momento determinado.

Explorar a mediunidade é, portanto, dispor de uma coisa da qual não se é realmente o dono; afirmar o contrário é enganar aquele que paga. E há mais: não é de *si mesmo* que o explorador dispõe, é dos espíritos; são as almas dos mortos cujo concurso ele põe à venda. Esse pensamento instintivamente repugna. Foi o tráfico degenerado em abuso, explorado pelo charlatanismo, pela ignorância, pela credulidade e pela superstição, que motivou a

O Evangelho Segundo o Espiritismo

proibição de Moisés.¹³⁰ O Espiritismo moderno, compreendendo o lado sério do assunto, e pelo descrédito em que lançou a sua exploração, elevou a mediunidade à categoria de missão. (Ver *O Livro dos Médiuns*, cap. XXVIII e *O Céu e o Inferno*, cap. XI.)

10. A mediunidade é coisa santa que deve ser praticada santamente, religiosamente. Se há um gênero de mediunidade que requer essa condição de maneira ainda mais absoluta, esse é o da mediunidade curadora. O médico dá o fruto dos seus estudos, que fez à custa de sacrifícios muitas vezes penosos; o magnetizador dá o seu próprio fluido, frequentemente até sua saúde: eles podem pôr um preço nisso. O médium curador transmite o fluido salutar dos bons espíritos; não tem o direito de vendê-lo. Jesus e os apóstolos, ainda que pobres, nunca fizeram pagar pelas curas que realizaram.

Que aquele, pois, que não tem do que viver, procure recursos em outras fontes, menos na mediunidade, e que apenas lhe consagre, se assim for preciso, o tempo de que possa dispor materialmente. Os espíritos lhe levarão em conta o seu sacrifício e o seu devotamento, enquanto que se afastam daqueles que esperam fazer da mediunidade um meio para alcançar melhores posições.



¹³⁰ O que levou Moisés a “proibir” a mediunidade, então conhecida como profecia, foi o desvirtuamento das comunicações recebidas, foi a sua comercialização, o uso indevido e leviano que lhe era dado, explorada por impostores que faziam consultas de todas as espécies aos espíritos. No entanto, o próprio Moisés já havia exaltado a mediunidade ao afirmar: “Quem dera que todo o povo profetizasse”, como se pode ler em Números, XI: 26 a 29. (N.T.)

CAPÍTULO XXVII

PEDI E OBTEREIS

- AS QUALIDADES DA PRECE
- EFICÁCIA DA PRECE
- AÇÃO DA PRECE.
TRANSMISSÃO DO PENSAMENTO
- PRECES COMPREENSÍVEIS
- DA PRECE PELOS MORTOS E
PELOS ESPÍRITOS SOFREDORES

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS:

- MANEIRA DE ORAR
- A VENTURA DA PRECE

AS QUALIDADES DA PRECE

1. *“E, quando orardes, não vos assemelheis aos hipócritas, que gostam de orar ficando de pé nas sinagogas, e nas esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a sua recompensa. Vós, porém, quando quiserdes orar, entrai no vosso quarto e, fechada a porta, orai a vosso Pai em segredo; e vosso Pai, que vê o que se passa em segredo, vos dará a recompensa. Não vos preocupeis em pedir muito em vossas orações, como fazem os pagãos, que imaginam que é pela quantidade de palavras que serão atendidos em seus pedidos. Não vos torneis, pois, semelhantes a eles,*

O Evangelho Segundo o Espiritismo

porque vosso Pai sabe do que tendes necessidade, antes que o peçais.” (Mateus, VI: 5 a 8.)

2. *“Quando vos apresentardes para orar, se tiverdes qualquer coisa contra alguém, perdoai-o, para que vosso Pai, que está nos céus, também vos perdoe os vossos pecados. Se não o perdoardes, vosso Pai, que está nos céus, não perdoará vossos pecados.”* (Marcos, XI: 25 e 26.)

3. *E disse também esta parábola a alguns que punham sua confiança em si mesmos, como se fossem justos, e desprezavam os outros:*

Dois homens subiram ao Templo para orar; um era fariseu e o outro publicano. O fariseu, pondo-se de pé, orava assim, interiormente: “Meu Deus, graças vos rendo por não ser como o resto dos homens, que são ladrões, injustos e adúlteros nem mesmo como esse publicano. Jejuo duas vezes na semana e dou o dízimo de tudo o que possuo”.

O publicano, ao contrário, conservando-se afastado, nem mesmo ousava levantar os olhos para o céu, mas batia no peito, dizendo: “Meu Deus, tem piedade de mim, que sou um pecador”.

Eu vos declaro que este voltou para casa justificado, e não o outro, porque aquele que se eleva será rebaixado e aquele que se humilha será elevado. (Lucas, XVIII: 9 a 14.)

4. As qualidades da prece são claramente definidas por Jesus; quando orardes, disse ele, não vos coloqueis em evidência, mas orai em segredo; não vos preocupeis em orar muito, porque não é pela quantidade de palavras que sereis atendidos, mas pela sua sinceridade; antes de orar, se tendes qualquer coisa contra alguém, perdoai-o, porque a prece não poderá ser agradável a Deus se não partir de um coração purificado de todo sentimento contrário à caridade; orai, enfim, com humildade, como o publicano, e não com orgulho, como o fariseu. Examinai vossos defeitos, e

não vossas qualidades, e se vos comparardes aos outros, procurai o que há de mau em vós. (Ver cap. X, itens 7 e 8.)

EFICÁCIA DA PRECE

5. “*Seja o que for que peçais na prece, crede que o obtereis, e vos será concedido.*” (Marcos, XI: 24.)

6. Há pessoas que contestam a eficácia da prece, baseando-se no princípio de que, sendo Deus conhecedor de todas as nossas necessidades, é inútil expô-las a ele. Acrescentam ainda que nossas súplicas não podem mudar os desígnios de Deus, porquanto tudo no Universo se encadeia por leis eternas.

Há leis naturais e imutáveis que, sem dúvida alguma, Deus não pode anular segundo o capricho de cada um, mas daí a crer que todas as circunstâncias da vida estão submetidas à fatalidade, a distância é muito grande. Se assim fosse, o homem seria apenas um instrumento passivo, sem livre-arbítrio e sem iniciativa. Nessa hipótese, só lhe restaria curvar a cabeça sob a ação dos acontecimentos, sem procurar evitá-los, e não deveria procurar esquivar-se dos perigos. Deus não lhe deu a razão e a inteligência para que não se servisse delas, a vontade para não querer, a atividade para ficar inativo. Sendo o homem livre para agir em todos os sentidos, seus atos têm, para si e para os outros, consequências subordinadas ao que ele fez ou deixou de fazer. Por conseguinte, por sua iniciativa, há acontecimentos que, forçosamente, escapam à fatalidade, e que não destroem a harmonia das leis universais, da mesma forma que o avanço ou o atraso dos ponteiros de um relógio não destrói a lei do movimento, sobre a qual está estabelecido o seu mecanismo. Deus pode, portanto, concordar com certos pedidos, sem anular a imutabilidade das leis que regem o conjunto, ficando o atendimento desses pedidos sempre subordinado à sua vontade.

7. Seria ilógico concluir por estas palavras: “Seja o que for que peçais pela prece, vos será concedido,” que é suficiente pedir

O Evangelho Segundo o Espiritismo

para obter, assim como seria injusto acusar a Providência se ela não atende a todo pedido que lhe é feito, porquanto ela sabe melhor do que nós o que é para o nosso bem. É assim que procede um pai sensato, que recusa ao seu filho as coisas que seriam contrárias ao seu interesse. O homem, geralmente, vê apenas o presente; ora, se o sofrimento é útil à sua felicidade futura, Deus deixará que ele sofra, como o cirurgião deixa o doente sofrer com uma operação que vai lhe proporcionar a cura.

O que Deus lhe concederá, se ele o pedir com confiança, é a coragem, a paciência e a resignação. E o que ainda lhe concederá são os meios de sair das dificuldades, com a ajuda das ideias que ele fará os bons espíritos lhe sugerirem, de maneira que o mérito da ação ficará para o homem. Deus assiste os que se ajudam a si mesmos, de acordo com estas palavras: “*Ajuda-te, e o céu te ajudará,*” e não aqueles que esperam tudo de um socorro alheio, sem fazer uso de suas próprias faculdades. Na maioria das vezes, porém, o homem prefere ser socorrido por um milagre, sem fazer o menor esforço. (Ver cap. XXV, item 1 e seguintes.)

8. Vejamos este exemplo: um homem está perdido em um deserto; sofre horrivelmente com a sede; sente-se desfalecer e deixa-se cair sobre a areia. Roga a Deus que o assista, e espera; porém, nenhum anjo vem lhe dar de beber. No entanto, um bom espírito lhe sugere a ideia de se levantar, de seguir em uma determinada direção dentro da amplidão diante dele. Então, por um movimento instintivo, reunindo suas forças, levanta-se e caminha ao acaso. Chegando a uma elevação, descobre ao longe um regato; e, com essa visão, recupera a coragem. Se ele tem fé, exclamará: “Obrigado, meu Deus, pela ideia que me haveis inspirado e pela força que me destes”. Se não tem fé, dirá: “Que boa ideia *eu tive!* Que *sorte,* tomar a direção da direita e não a da esquerda; o acaso, realmente, algumas vezes nos ajuda! Quanto eu me felicito pela *minha* coragem e por não me haver deixado vencer pelo abatimento”.

No entanto, poder-se-á perguntar, por que o bom espírito não lhe disse claramente “segue esta direção, e encontrarás o de que precisas” ou por que não se mostrou a ele para guiá-lo e sustentá-lo no seu desfalecimento. Dessa maneira, certamente, o teria convencido da intervenção da Providência. A resposta é simples; inicialmente, seria para ensinar que ele deveria ajudar a si mesmo, fazendo uso das próprias forças. Depois, pela incerteza, Deus põe à prova a confiança e a submissão à sua vontade. Aquele homem estava na situação de uma criança que cai, e que, vendo alguém, começa a gritar, esperando que venham levantá-la; se não vê ninguém, esforça-se e levanta-se sozinho.

Se o anjo que acompanhou Tobias lhe houvesse dito: “Eu sou enviado por Deus para te guiar na tua viagem e te preservar de todo perigo,” Tobias não teria tido nenhum mérito porque, confiando em seu companheiro, não sentiria necessidade nem de pensar. Eis por que o anjo só se deu a conhecer quando regressavam.

AÇÃO DA PRECE.

TRANSMISSÃO DO PENSAMENTO

9. A prece é uma invocação; por seu intermédio entramos em comunicação, pelo pensamento, com o ser a quem nos dirigimos. A prece pode ter por finalidade um pedido, um agradecimento ou uma glorificação. Podemos pedir por nós mesmos ou pelos outros, pelos vivos ou pelos mortos. As que são endereçadas a Deus são ouvidas pelos espíritos encarregados da execução da sua vontade; as que são dirigidas aos bons espíritos são igualmente levadas a Deus. Quando oramos para outros seres, que não a Deus, eles são apenas intermediários, intercessores, porquanto nada pode ser feito sem a vontade divina.

10. O Espiritismo nos faz compreender a ação da prece, explicando como se processa a transmissão do pensamento, seja quando o ser chamado atende ao nosso apelo, seja quando o nosso pensamento chega até ele. Para se compreender o que se passa

O Evangelho Segundo o Espiritismo

nessa circunstância, é preciso imaginar todos os seres, encarnados e desencarnados, imersos no fluido universal que ocupa o espaço, assim como aqui na Terra estamos mergulhados na atmosfera. O fluido recebe o impulso da vontade, ele é o veículo do pensamento, como o ar é o veículo do som, com a diferença de que as vibrações do ar são circunscritas, enquanto que as do fluido universal se estendem ao infinito. Assim sendo, quando o pensamento é dirigido para um ser qualquer, sobre a Terra ou no espaço, de encarnado a desencarnado ou de desencarnado a encarnado, uma corrente fluidica se estabelece de um ao outro, transmitindo o pensamento, da mesma forma que o ar transmite o som.

A energia dessa corrente está na razão direta da energia do pensamento e da vontade. É assim que a prece é ouvida pelos espíritos, em qualquer lugar em que eles se encontrem; que os espíritos se comunicam entre si; que nos transmitem suas inspirações e que se estabelecem as relações, a distância, entre os encarnados.

Essa explicação visa a esclarecer principalmente aqueles que não compreendem a utilidade da prece puramente mística; não tem por finalidade materializar a prece, mas tornar os seus efeitos compreensíveis, mostrando que ela pode ter uma ação direta e efetiva, mas que não está menos subordinada à vontade de Deus, juiz supremo em todas as coisas e o único que pode tornar sua ação eficaz.

11. Pela prece, o homem atrai para si o concurso dos bons espíritos, que vêm sustentá-lo nas suas boas resoluções e inspirar-lhe bons pensamentos. Dessa forma, ele adquire a força moral necessária para vencer as dificuldades e retornar ao caminho certo, se dele tiver se afastado, desviando, assim, os males que atrairia para si por suas próprias faltas. Um homem, por exemplo, vê sua saúde arruinada pelos excessos que cometeu, e, até o fim da sua vida, arrasta uma existência de sofrimentos. Tem ele o direito

de se lastimar por não obter sua cura? Não, porque poderia ter encontrado na prece as forças para resistir às tentações.

12. Se dividirmos os males da vida em duas partes, uma com os males que o homem não pode evitar, e a outra com as atribulações das quais ele mesmo é a primeira causa, pela sua falta de cuidado e seus excessos (Ver cap. V, item 4), veremos que a segunda parte é muito mais numerosa que a primeira. É bem evidente, portanto, que o homem é o autor da maior parte das suas aflições, e que muito se pouparia, se agisse sempre com prudência e sabedoria.

Não é menos certo que essas misérias são o resultado do nosso desrespeito às leis de Deus, e que, se as observássemos rigorosamente, seríamos inteiramente felizes. Se não ultrapassássemos o limite do indispensável, na satisfação das nossas necessidades, não teríamos as doenças que são a consequência dos excessos nem passaríamos pelas vicissitudes que essas doenças acarretam. Se puséssemos limites às nossas ambições, não precisaríamos nos preocupar com a ruína; se fôssemos humildes, não sofreríamos com as decepções do orgulho ferido; se praticássemos a lei da caridade, não seríamos maledicentes, nem invejosos, nem ciumentos, e evitaríamos as querelas e as dissensões; se não fizéssemos mal a ninguém, não teríamos que temer as vinganças, etc.

Admitamos, porém, que o homem nada possa fazer sobre os outros males; que toda prece seja inútil para se preservar deles; já não seria muito, ele poder livrar-se daqueles que resultam dos seus próprios atos? Ora, aqui a ação da prece se concebe facilmente, porque ela tem por efeito buscar a inspiração salutar dos bons espíritos, pedir-lhes forças para resistir aos maus pensamentos, cuja concretização pode nos ser funesta. Nesse caso, *não é o mal que eles afastam, é a nós mesmos que eles afastam do pensamento que pode causar o mal; os bons espíritos em nada*

O Evangelho Segundo o Espiritismo

impedem os decretos de Deus, eles não suspendem o curso das leis da Natureza, é a nós que eles impedem de infringir essas leis, dirigindo o nosso livre-arbítrio. Mas eles o fazem sem que o percebamos, de maneira oculta, para não subjugar a nossa vontade. O homem se encontra, então, na posição daquele que solicita bons conselhos e os pratica, mas que sempre é livre de segui-los ou não. Deus quer que seja assim, para que o homem tenha a responsabilidade dos seus atos e para lhe deixar o mérito da escolha entre o bem e o mal. É isso que o homem deve estar sempre certo de obter, se pedir com fervor, e é principalmente nesse caso que se podem aplicar estas palavras: “*Pedi e obtereis*”.

A eficácia da prece, mesmo reduzida a essas proporções, já não seria um imenso resultado? Estava reservado ao Espiritismo provar a ação da prece pela revelação das relações que existem entre o mundo corporal e o mundo espiritual. Mas os seus efeitos não se limitam unicamente a isso.

A prece é recomendada por todos os espíritos; renunciar à prece é desconhecer a bondade de Deus; é rejeitar a assistência que ela proporciona a si mesmo, e o bem que pode fazer aos outros.

13. Atendendo ao pedido que lhe é dirigido, Deus muitas vezes tem em vista recompensar a intenção, o devotamento e a fé daquele que ora; eis por que a prece do homem de bem tem mais mérito, aos olhos de Deus, e sempre mais eficácia, porque o homem mau e cheio de vícios não pode orar com o fervor e a confiança que só o sentimento da verdadeira piedade pode oferecer. Do coração do egoísta, daquele que ora apenas com os lábios, *só podem sair palavras*, nunca os impulsos da caridade, que dão à prece todo o seu poder. Compreende-se isso de tal forma que, instintivamente, nós nos recomendamos às preces daqueles cuja conduta nos parece ser agradável a Deus, pois serão melhor ouvidas.

14. Como a prece exerce uma espécie de ação magnética, poderíamos supor que o seu efeito está subordinado ao poder fluídico, porém, não é assim. Já que os espíritos exercem essa ação sobre os homens, eles suprem a insuficiência daquele que ora, quando isso é necessário, quer agindo diretamente *em seu nome*, quer dando-lhe momentaneamente uma força excepcional, desde que ele seja julgado digno dessa graça ou que ela possa ser útil.

O homem que não se considera bom o bastante para exercer uma influência salutar, não deve deixar de orar por outra pessoa, pensando que não é digno de ser escutado. O reconhecimento da sua inferioridade é uma prova de humildade sempre agradável a Deus, que leva em conta a intenção caridosa que o anima. Seu fervor e sua confiança em Deus são um primeiro passo para o seu retorno ao bem, para o qual os bons espíritos sentem-se felizes em encorajá-lo. A prece que não é aceita é a do *orgulhoso que tem fé em seu poder e em seus méritos, e acredita ser capaz de substituir a vontade do Eterno*.

15. O poder da prece está no pensamento; não provém das palavras, nem do lugar, nem do momento em que é feita. Pode-se, portanto, orar em qualquer lugar, a qualquer hora, a sós ou junto com outras pessoas. A influência do lugar ou do tempo tem uma relação de dependência com as circunstâncias que podem favorecer o recolhimento. *A prece em comum tem uma ação mais poderosa, quando todos aqueles que oram se unem, de coração, a um mesmo pensamento e têm um mesmo objetivo*, porquanto é como se muitos clamassem juntos, ao mesmo tempo; porém, de que adianta estarem reunidos em grande número se cada um age isoladamente e por sua própria conta? Cem pessoas reunidas podem orar como egoístas, enquanto que duas ou três, unidas por um ideal comum, estarão orando como verdadeiros irmãos em Deus, e sua prece terá mais poder do que a daquelas cem pessoas. (Ver cap. XXVIII, itens 4 e 5.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

PRECES COMPREENSÍVEIS

16. *“Se eu não entender o que significam as palavras, serei bárbaro para aquele a quem falo, e aquele que me fala será bárbaro para mim. Se eu orar em uma língua que não entendo, meu coração ora, mas o meu entendimento fica sem fruto. Se louvares a Deus apenas com o coração, como é que um homem, dentre aqueles que só entendem a sua própria língua, responderá amém, ao final da tua ação de graças, se ele não entende o que dizes? Não é que a tua ação não seja boa, mas o outro não consegue edificar-se com ela.”* (Paulo, Coríntios I, cap. XIV: 11, 14, 16 e 17.)

17. A prece só tem valor pelo pensamento que a ela se liga; ora, é impossível ligar um pensamento ao que não se compreende, porque o que não se compreende não pode comover o coração. Para a imensa maioria, as preces feitas em uma língua desconhecida não passam de um conjunto de palavras que nada dizem ao espírito. Para que a prece comova, é preciso que cada palavra desperte uma ideia; se a palavra não é compreendida, ela não poderá despertar ideia alguma. Pode-se dizê-la como uma simples fórmula, que tem mais ou menos virtude segundo o número de vezes que é repetida. Muitos oram por dever, alguns, mesmo, pelo hábito, por isso consideram haver cumprido o seu dever ao dizerem uma prece um determinado número de vezes e nesta ou naquela ordem. Deus, porém, lê o íntimo dos corações; vê o pensamento e a sinceridade; acreditar que ele seja mais sensível à forma do que à essência da prece seria rebaixá-lo. (Ver cap. XXVIII, item 2.)

DA PRECE PELOS MORTOS E PELOS ESPÍRITOS SOFREDORES

18. A prece é implorada pelos espíritos sofredores; ela lhes é útil porque, ao verem que se pensa neles, sentem-se menos abandonados, são menos infelizes. A prece, porém, tem sobre eles uma ação mais direta: reanima-lhes a coragem, provoca-lhes o

desejo de se elevarem pelo arrependimento, pela reparação e pode desviá-los do pensamento do mal. É nesse sentido que a prece não só consegue aliviar, como abreviar os seus sofrimentos. (Ver *O Céu e o Inferno*, 2ª parte: “Exemplos”.)

19. Certas pessoas não admitem a prece pelos mortos porque, de acordo com a sua crença, só existem duas alternativas para a alma: ser salva ou ser condenada às penas eternas, e, tanto para um caso como para o outro, a prece é inútil.

Sem discutir o valor dessa crença, admitamos, por um instante, a existência de penas eternas e irremissíveis, e que as nossas preces sejam impotentes para lhes dar um fim. Perguntamos: nessa hipótese, é lógico, é caridoso, é cristão recusar a prece para os condenados?

Essas preces, por mais impotentes que sejam para libertá-los, não serão para eles um sinal de piedade, que poderá amenizar os seus sofrimentos? Na Terra, quando uma pessoa é condenada à prisão perpétua, mesmo que não exista nenhuma esperança de obter o perdão para ela, porventura é proibido a uma pessoa caridosa ajudá-la a carregar o peso dos seus sofrimentos?

Quando alguém é atingido por um mal incurável, devemos abandoná-lo sem nenhum alívio, só porque o mal não oferece nenhuma esperança de cura? Pensai que entre esses condenados pode estar uma pessoa que vos foi querida, um amigo, talvez um pai, uma mãe ou um filho, e porque, segundo a vossa maneira de pensar, ela não poderia receber a cura, vós lhe recusaríeis um copo d'água para aliviar sua sede? Um bálsamo para secar suas chagas? Não faríeis por essa pessoa o mesmo que por um prisioneiro? Não lhe daríeis um testemunho de amor, uma consolação? Não, isso não seria cristão! Uma crença que resseca o coração não pode se aliar com a de um Deus que põe no primeiro lugar dos deveres o amor ao próximo.

O Evangelho Segundo o Espiritismo

A não eternidade das penas não traz como consequência a negação de uma penalidade temporária, visto que Deus, na sua justiça, não pode confundir o bem e o mal. Ora, negar, nesse caso, a eficácia da prece seria negar a eficácia da consolação, do encorajamento e dos bons conselhos; seria negar a força que recebemos com a assistência moral daqueles que nos querem bem.

20. Outros se baseiam em uma razão mais enganosa: a imutabilidade dos desígnios divinos. Deus, dizem eles, não pode mudar as suas decisões a pedido das criaturas, se assim não fosse, nada seria estável no mundo. O homem, portanto, não pode fazer nenhum pedido a Deus, só lhe resta submeter-se a ele e adorá-lo.

Nesse modo de pensar, há uma falsa aplicação da imutabilidade da lei divina, ou melhor, há o desconhecimento da lei, no que se refere à penalidade futura. Essa lei, é revelada pelos espíritos do Senhor, agora que o homem está pronto para compreender o que, na fé, está de acordo com os atributos divinos ou o que lhe é contrário.

De acordo com o dogma da eternidade absoluta das penas, não são levados em consideração, a favor do culpado, nem o seu remorso nem o seu arrependimento; é inútil o desejo que ele possui de se melhorar: está condenado a permanecer eternamente no mal. No entanto, se for condenado a uma pena com um tempo determinado, ao final desse tempo a pena terminará; mas quem pode afirmar que nesse momento ele será possuidor de melhores sentimentos? Que, a exemplo de muitos condenados, ele não será tão mau, ao sair da prisão, quanto era antes? No primeiro caso, seria manter na dor do castigo um homem que se voltava para o bem; no segundo, beneficiar aquele que permanece culpado.

A lei de Deus é mais providente que a lei dos homens; sempre justa e misericordiosa, não fixa nenhuma duração para a pena, seja ela qual for.

21. A lei de Deus assim se resume:

“O homem sempre sofre as consequências das suas faltas; não há uma só infração à lei de Deus que não tenha a sua punição”.

“O rigor do castigo é proporcional à gravidade da falta.”

“A duração do castigo, para qualquer falta, é *indeterminada, ela está subordinada ao arrependimento do culpado e ao seu retorno ao bem*; a pena dura tanto quanto a persistência no mal, seria perpétua se a obstinação no mal fosse perpétua, e de curta duração se o arrependimento for rápido”.

“Desde que o culpado peça por misericórdia, Deus o escuta e lhe envia a esperança. Porém, o simples remorso pelo mal cometido não é suficiente: é preciso a reparação. Eis por que o culpado é submetido a novas provas nas quais ele pode, sempre por sua vontade, fazer o bem em reparação pelo mal que praticou”.

“O homem é assim, incessantemente, o árbitro da sua própria sorte; ele pode abreviar o seu suplício ou prolongá-lo indefinidamente; sua felicidade ou sua desgraça dependem da sua vontade de fazer o bem”.

Essa é a lei; *lei imutável* e de acordo com a bondade e a justiça de Deus.

O espírito culpado e infeliz, assim sendo, pode sempre salvar a si mesmo; a lei de Deus lhe diz em qual condição ele pode fazê-lo. Na maior parte das vezes, o que lhe falta é a vontade, a força, a coragem; se, por intermédio das nossas preces, lhe inspiramos essa vontade, nós o sustentamos e o encorajamos; se, por nossos conselhos, nós lhe damos as luzes que lhe faltam, *em vez de solicitar a Deus que anule a sua lei, nos tornamos os instrumentos para a execução da sua lei de amor e de caridade*, da qual ele assim nos permite participar, para que possamos dar uma prova de caridade. (Ver *O Céu e o Inferno*, 1ª parte, cap. IV, VII e VIII.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

— INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS —

MANEIRA DE ORAR

22. O primeiro dever de toda criatura humana, o primeiro ato que deve assinalar para ela o retorno à vida ativa de cada dia, é a prece. Quase todos vós orais, mas bem poucos sabem orar! Que importam ao Senhor as frases que juntaís, maquinalmente, umas às outras, porque tendes o hábito de repeti-las, porque é um dever que deveis cumprir e, como todo dever, ele vos pesa.

A prece do cristão, do *espírita*, qualquer que seja o culto, deve ser feita logo que o espírito retoma o domínio da carne e deve elevar-se aos pés da Majestade Divina com humildade, do mais profundo da alma, em um impulso de reconhecimento por todos os benefícios recebidos até o dia presente; pela noite transcorrida, e durante a qual lhe foi permitido, ainda que sem o saber, encontrar-se com os amigos, com os guias, para receber na companhia deles mais força e mais perseverança. A prece deve elevar-se humilde aos pés do Senhor, para pedir-lhe proteção para a vossa fraqueza, pedir-lhe seu apoio, sua indulgência e sua misericórdia. Ela deve ser profunda, porque é a vossa alma que se deve elevar até o Criador, e que se deve transfigurar, como Jesus no Tabor,¹³¹ para chegar a ele pura e radiante de esperança e de amor.

Vossa prece deve conter o pedido das graças de que tendes necessidade, mas uma necessidade real.

Inútil, portanto, é pedir ao Senhor que abrevie as vossas provas, que vos dê alegrias e riquezas. Pedi-lhe antes que vos conceda os bens mais preciosos: a paciência, a resignação e a fé. Não pronuncieis, como muitos dentre vós, estas palavras: “Não vale a pena orar, pois Deus não me escuta”. Na maioria das vezes, o que rogais a Deus? Tendes pensado em lhe pedir o vosso aperfeiçoamento moral? Oh! não, muito poucas vezes; o que antes

¹³¹ **Tabor:** monte situado na parte setentrional da Palestina, a sudeste da cidade de Nazaré, com 588 metros de altura. Segundo o *Novo Testamento*, ali teria ocorrido a transfiguração de Jesus, na presença de Pedro, Tiago e João. Esta passagem está narrada em Mateus, XVII: 1 a 8. (N.T.)

XXVII. Pedi e Obtereis

vos lembrais de pedir é o *sucesso para os vossos empreendimentos terrenos*, e vós exclamais: “Deus não se preocupa conosco, se ele se preocupasse não haveria tantas injustiças.”

Insensatos, ingratos! Se fôsseis ao fundo das vossas consciências, quase sempre encontraríeis em vós mesmos o ponto de partida de todos os males dos quais vos queixais; pedi, portanto, antes de todas as coisas, o vosso aperfeiçoamento moral, e vereis que torrente de graças e de consolações se derramará sobre vós. (Ver cap. V, item 4.)

Deveis orar constantemente, sem que para isso tenhais que vos retirar para o vosso oratório ou ficar de joelhos nas praças públicas. A prece diária é o cumprimento dos vossos deveres, sem exceção, de qualquer natureza que eles sejam. Não é um ato de amor para com o Senhor amparardes os vossos irmãos em uma necessidade qualquer, moral ou física?

Quando uma alegria vos chega, quando um acidente é evitado, ou mesmo quando uma contrariedade vos atinge apenas levemente, não é um ato de reconhecimento elevar o vosso pensamento a Deus e dizer mentalmente: “Sede bendito, meu Pai?”! Não é um ato de contrição quando, ao sentirdes que haveis falhado, vos dirigis ao Juiz Supremo e dizeis, mesmo que por um rápido pensamento “*Perdoai-me, meu Deus, porque pequei* (por egoísmo, por orgulho ou por falta de caridade); *dai-me forças para não errar novamente e coragem para reparar a minha falta?*”!

Isso deve acontecer independente das preces regulares da manhã, da noite e dos dias consagrados; como vedes, a prece pode ser feita em todos os instantes, sem trazer nenhuma interrupção aos vossos trabalhos, ao contrário, ela os santifica quando é feita assim. Tende a certeza de que um só desses pensamentos, saído do coração, é mais ouvido pelo vosso Pai Celestial que as longas preces ditas por hábito, muitas vezes sem causa que as determine, e das quais a hora convencionalizada vos lembra automaticamente. (*V. Monod. Bordeaux, 1862.*)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

A VENTURA DA PRECE

23. Vinde, todos vós que desejais crer; os espíritos celestes auxiliam e vêm vos anunciar grandes acontecimentos. Deus, meus filhos, abre os seus tesouros para vos dar todos os seus benefícios. Homens incrédulos! Se soubésseis quanto bem a fé traz ao coração e como leva a alma ao arrependimento e à prece! Ah! a prece! Como são comoventes as palavras que saem da boca no momento em que se ora!

A prece é o orvalho divino que faz desaparecer o grande calor das paixões; filha mais velha da fé, ela nos leva pelo caminho que conduz a Deus. No recolhimento e na solidão, estais com Deus; e para vós não há mistérios, porque eles se desvendam. Apóstolos do pensamento, para vós é a verdadeira vida; vossa alma se desliga da matéria e se lança nesses mundos infinitos e etéreos que os pobres humanos desconhecem.

Caminhai, caminhai pelos caminhos da prece, e escutareis as vozes dos anjos. Que harmonia! Não mais o ruído confuso nem os cantos estridentes da Terra; são as liras dos arcanjos; são as vozes doces e suaves dos serafins, mais leves que a brisa da manhã, quando brincam na folhagem dos vossos grandes bosques. Em que delícias havereis de caminhar! Vossas palavras não poderão definir essa ventura, que entrará por todos os poros, tão viva e refrescante é a fonte em que se bebe quando se está orando. Doces vozes, inebriantes perfumes que a alma ouve e sente quando se lança nessas esferas desconhecidas, habitadas pela prece. Sem a mistura dos desejos carnis, todas as aspirações são divinas. Vós também, orai como o Cristo levando sua cruz ao Gólgota, ao Calvário. Levai vossa cruz, e sentireis as doces emoções que passavam em sua alma, embora carregando o madeiro infamante. Ele ia morrer, mas para viver a vida celeste, na morada de seu Pai. (*Santo Agostinho*. Paris, 1861.)



CAPÍTULO XXVIII

COLETÂNEA DE PRECES ESPÍRITAS

PREÂMBULO

- I. PRECES GERAIS
- II. PRECES POR SI MESMO
- III. PRECES PELOS OUTROS
- IV. PRECES PELOS QUE NÃO ESTÃO MAIS NA TERRA
- V. PRECES PELOS DOENTES E PELOS OBSIDIADOS

PREÂMBULO

1. Os espíritos sempre disseram: “A forma não é nada, o pensamento é tudo. Orai cada um, segundo vossas convicções, e do modo que mais vos sensibilizar; um bom pensamento vale mais que numerosas palavras com as quais o coração nada tem”.

Os espíritos não indicaram nenhuma fórmula absoluta de preces; quando nos dão alguma, é para fixar as ideias, e, principalmente, para chamar a atenção sobre certos princípios da Doutrina Espírita. Têm, também, como objetivo ajudar as pessoas que sentem dificuldade em emitir suas ideias, visto que há pessoas que não acreditam ter orado realmente, se os seus pensamentos não forem formulados por intermédio de palavras.

O Evangelho Segundo o Espiritismo

A coletânea de preces contida neste capítulo é uma escolha feita entre aquelas que foram ditadas pelos espíritos em diferentes circunstâncias. Eles ditaram outras preces, em termos diversos, apropriadas a certas ideias ou para casos especiais, mas pouco importa a forma se o pensamento fundamental é o mesmo.

A finalidade da prece é elevar nossa alma a Deus; a diversidade das fórmulas não deve estabelecer nenhuma diferença entre aqueles que creem nele, e ainda menos entre os adeptos do Espiritismo, porque Deus as aceita, todas, quando são sinceras.

Não se deve, portanto, considerar esta coletânea como fórmulas absolutas, mas sim uma variedade entre as instruções que os espíritos dão. É uma aplicação dos princípios da moral evangélica desenvolvidos neste livro, um complemento para as suas recomendações sobre os deveres para com Deus e para com o próximo, onde são lembrados todos os princípios da Doutrina.

O Espiritismo reconhece as preces de todos os cultos como boas, quando são ditas pelo coração e não somente pelos lábios, não impõe nenhuma prece e também nenhuma condena. Como o Espiritismo nos ensina, Deus é imensamente magnânimo para repelir a voz que implora ou que canta seus louvores, somente porque ela o fez de uma forma e não de outra. *Todo aquele que condenasse as preces que não fazem parte da sua coleção, provaria que desconhece a grandeza de Deus.* Crer que Deus se restrinja a uma fórmula, é atribuir-lhe a pequenez e as paixões da humanidade.

Uma qualidade essencial da prece, segundo Paulo (cap. XXVII, item 16), é ser compreensível, para que possa falar ao nosso espírito. Para isso, no entanto, não é suficiente que ela seja dita em uma língua que se possa compreender, porquanto existem preces que, embora em língua comum, não dizem mais ao pensamento do que as de uma língua estrangeira, e que, por isso mesmo, não chegam ao coração. As raras ideias que encerram

XXVIII. Coletânea de Preces Espíritas

muitas vezes são abafadas pela quantidade de palavras e o misticismo da linguagem.

A principal qualidade da prece é ser clara, simples e precisa, sem frases inúteis ou adjetivação supérflua que são apenas enfeites sem valor. Cada palavra deve ter a sua importância, revelar uma ideia; deve, enfim, *fazer refletir*. Só com essas condições a prece pode atingir o seu objetivo, de outra forma ela não passará de ruído. Também observamos com que ar de distração e inconstância elas são pronunciadas na maioria das vezes. Vemos que os lábios se movem, porém, pela expressão fisionômica, pelo som da voz, percebe-se que se trata de um ato maquinal, puramente exterior, ao qual a alma fica indiferente.

As preces que constam nesta coletânea estão divididas em cinco categorias, a saber:

I - Preces gerais.

II - Preces por si mesmo.

III - Preces pelos outros.

IV - Preces pelos que não estão mais na Terra.

V - Preces pelos doentes e pelos obsidiados.

Com a finalidade de chamar mais particularmente a atenção sobre o objetivo de cada prece, e de tornar mais compreensível o seu alcance, todas elas são precedidas de instrução preliminar, uma espécie de exposição de motivos, intitulada *prefácio*.

I. PRECES GERAIS

ORAÇÃO DOMINICAL

2. *Prefácio*

Os espíritos recomendaram que colocássemos a *Oração Dominical* para iniciar esta coletânea, não só como prece, mas como símbolo. De todas as preces, essa é a que eles situam em primeiro lugar, seja porque veio do próprio Jesus (Mateus, cap. VI:

O Evangelho Segundo o Espiritismo

9 a 13.), seja porque ela pode substituir todas as outras, segundo a intenção que lhe for atribuída. É o mais perfeito modelo de concisão, verdadeira obra-prima de sublimidade na sua simplicidade. De fato, sob a forma mais restrita, ela resume todos os deveres do homem para com Deus, para consigo mesmo e para com o próximo. Ela encerra uma profissão de fé, um ato de adoração e de submissão, o pedido das coisas necessárias à vida e o princípio da caridade. Dizê-la em intenção de alguém é pedir para esse alguém o que pediria para si mesmo.

Entretanto, por causa da sua concisão, o profundo sentido que se encerra nas poucas palavras que a compõem escapa à maioria das pessoas, eis por que geralmente a pronunciam sem analisar o sentido de cada uma de suas partes. A prece é dita como uma fórmula, cuja eficácia é proporcional ao número de vezes que ela é repetida. Esse número quase sempre é cabalístico: três, sete ou nove, tirado da antiga crença supersticiosa na virtude dos números, e em uso nas operações de magia.

Para suprir o vazio que a concisão dessa prece deixa no pensamento, a cada uma das suas proposições foi colocado — de acordo com o conselho e a assistência dos bons espíritos — um comentário que lhe desenvolve o sentido e mostra as suas aplicações. De acordo com as circunstâncias e o tempo disponível, pode-se, portanto, dizer essa oração de forma simples ou desenvolvida.

3. *Prece*

I. PAI NOSSO, QUE ESTAIS NOS CÉUS, SANTIFICADO SEJA O VOSSO NOME!

Cremos em vós, Senhor, porque tudo revela o vosso poder e a vossa bondade. A harmonia do Universo nos dá o testemunho de uma sabedoria, de uma prudência e de uma providência que ultrapassam todas as faculdades humanas. O nome de um ser soberanamente grande e sábio está inscrito em todas as obras da criação, desde o raminho de uma erva, e o mais pequenino inseto,

XXVIII. Coletânea de Preces Espiritas

até os astros que se movem no espaço. Por todas as partes vemos a prova de uma solicitude paternal. Eis por que é cego aquele que não vos reconhece nas vossas obras, orgulhoso o que não vos glorifica, e ingrato o que não rende ação de graças.

II. QUE O VOSSO REINO VENHA!

Senhor, destes leis cheias de sabedoria aos homens, leis que lhes dariam a felicidade, se eles as obedecessem. Com essas leis, fariam reinar entre eles a paz e a justiça, se ajudariam mutuamente, em vez de se prejudicarem, como o fazem. O forte sustentaria o fraco, em vez de esmagá-lo; evitariam os males que se originam dos abusos e dos excessos de todos os gêneros. As misérias terrenas, em sua totalidade, provêm da violação das vossas leis, porque não há uma só infração que não tenha suas consequências fatais.

Destes ao animal o instinto que lhe marca o limite do necessário, e ele com isso se conforma maquinalmente; mas ao homem, além desse instinto, destes a inteligência e a razão; destes, também, a liberdade de obedecer ou de não respeitar aquelas das vossas leis que pessoalmente lhe dizem respeito, isto é, de escolher entre o bem e o mal, para que ele tenha o mérito e a responsabilidade das suas ações.

Ninguém pode dizer que desconhece vossas leis, porquanto, em vossa paternal providência, desejastes que elas fossem gravadas na consciência de cada um, sem distinção de cultos nem de nações. Aqueles que as desrespeitam é porque vos desprezam.

Um dia virá em que, segundo vossa promessa, todos as praticarão; então a incredulidade terá desaparecido, todos vos reconhecerão como o soberano Senhor de todas as coisas, e o reinado das vossas leis será o vosso reinado sobre a Terra.

Dignai-vos, Senhor, apressar sua vinda, dando aos homens a luz necessária para conduzi-los ao caminho da verdade.

O Evangelho Segundo o Espiritismo

III. QUE A VOSSA VONTADE SEJA FEITA NA TERRA COMO NO CÉU!

Se a submissão é um dever do filho em relação ao pai, do inferior para com o seu superior, quanto maior não deve ser a da criatura em relação ao seu Criador! Fazer vossa vontade, Senhor, é obedecer vossas leis, submeter-se, sem lamentações, aos vossos decretos divinos. O homem a isso se submeterá, quando compreender que vós sois a fonte de toda a sabedoria, e que sem vós ele nada pode; então, ele fará a vossa vontade na Terra, como os eleitos a fazem no céu.

IV. DAI-NOS O PÃO NOSSO DE CADA DIA.

Dai-nos o alimento para a manutenção das forças do corpo, dai-nos, também, o alimento espiritual para o desenvolvimento do nosso espírito.

O animal encontra a sua comida, mas o homem deve obtê-la à custa da sua própria atividade, com os recursos da sua inteligência, porque vós o criastes livre.

Vós lhe dissestes: “Tirarás o alimento da terra, com o suor do teu rosto,” por essas palavras, fizestes do trabalho uma obrigação para ele, a fim de que exerça sua inteligência na busca de meios para satisfazer as suas necessidades e também propiciar-lhe o bem-estar, uns pelo trabalho material, outros pelo trabalho intelectual; sem o trabalho ele ficaria estacionário e não poderia aspirar à felicidade dos espíritos superiores.

Auxiliais o homem de boa vontade, que se entrega a vós para o necessário, não aquele que se regozija na ociosidade, que tudo queria obter sem trabalho e sem fadiga, nem o que procura o supérfluo. (Ver cap. XXV.)

Quantos fracassam por sua própria culpa, sua negligência, sua imprevidência, sua ambição, e por não terem querido se contentar com o que lhe haveis dado! Esses são os autores da sua própria desgraça, e não têm o direito de se lastimarem, pois são punidos

XXVIII. Coletânea de Preces Espiritas

no que pecaram. Mas esses mesmos não são abandonados por vós, porque sois infinitamente misericordioso, e lhes estendeis a mão caridosa desde que, como o filho pródigo, retornem sinceramente para vós. (Ver cap. V, item 4.)

Antes de nos lastimarmos da nossa sorte, perguntemos a nós mesmos se ela não é uma obra de nossa autoria; a cada sofrimento que nos chegue verifiquemos se não dependia de nós evitá-lo, mas digamos também que Deus nos deu a inteligência para nos tirar do atoleiro, e que fazer um bom uso dela depende unicamente de nós.

Visto que a lei do trabalho é condição para o homem na Terra, dai-nos a coragem e a força necessárias para cumpri-la; dai-nos, também, a prudência, a providência e a moderação, para que não venhamos a perder os seus frutos. Dai-nos, pois, Senhor, nosso pão de cada dia, isto é, os meios de adquirir, pelo trabalho, as coisas necessárias à vida, porque ninguém tem o direito de reclamar o supérfluo.

Se o trabalho nos é impossível, nós nos entregamos à vossa divina providência.

Se estiver nos vossos desígnios nos experimentar pelas mais duras privações, apesar dos nossos esforços, nós as aceitamos como uma justa expiação das faltas que cometemos nesta vida, ou em uma vida precedente, porque sois justo, e sabemos que não há penas imerecidas e que jamais castigais sem causa.

Preservai-nos, meu Deus, de desenvolver em nós a inveja contra aqueles que possuem o que não temos, nem mesmo contra aqueles que têm o supérfluo, enquanto que a nós falta o necessário. Perdoai-lhes, se esquecem a lei de caridade e de amor ao próximo que lhes haveis ensinado. (Ver cap. XVI, item 8.)

Afastai, também, do nosso espírito a ideia de negar a vossa justiça, ao ver a prosperidade do mau e a infelicidade que, às vezes, atinge o homem de bem. Agora sabemos, graças às novas

O Evangelho Segundo o Espiritismo

luzes, aos ensinamentos que nos destes, que a vossa justiça sempre se cumpre e não falha com pessoa alguma, que a prosperidade material do mau é tão efêmera quanto a sua existência corporal, e que ele terá que retornar em existências dolorosas, enquanto que a alegria reservada àquele que sofre será eterna. (Ver cap. V, itens 7, 9, 12 e 18.)

V. PERDOAI AS NOSSAS DÍVIDAS, COMO NÓS AS PERDOAMOS ÀQUELES QUE NOS DEVEM. PERDOAI AS NOSSAS OFENSAS, COMO PERDOAMOS ÀQUELES QUE NOS OFENDERAM.

Cada uma das nossas infrações às vossas leis, Senhor, é uma ofensa que fazemos a vós, é uma dívida contraída que, cedo ou tarde, teremos que pagar. Nós rogamos, à vossa infinita misericórdia, o perdão dessas dívidas, prometendo fazer todos os esforços para não contrair outras.

Da caridade fizestes uma lei definitiva para nós, mas a caridade não consiste apenas em ajudar o semelhante na sua necessidade; ela também está no esquecimento e no perdão das ofensas. Como poderíamos implorar a vossa indulgência, se nos esquecemos de usá-la para com aqueles dos quais nos queixamos?

Dai-nos, meu Deus, forças para apagar, em nossa alma, todo ressentimento, todo ódio e todo rancor; fazei com que a morte não nos surpreenda com um desejo de vingança em nosso coração. Se for da vossa vontade nos retirar hoje mesmo daqui da Terra, fazei que possamos nos apresentar a vós livres de qualquer animosidade, exemplificando o Cristo, cujas palavras derradeiras foram de perdão para os seus algozes. (Ver cap. X.)

As perseguições que os maus nos fazem sofrer são parte das nossas provas terrestres, devemos aceitá-las sem lamentações, como a todas as outras provas, e não maldizer aqueles que, com sua perversidade, nos abrem o caminho da felicidade eterna, porquanto vós dissestes, pelos lábios de Jesus: “Bem-aventurados os que sofrem pela justiça”. Abençoemos, portanto, a mão que

XXVIII. Coletânea de Preces Espiritas

nos magoa e humilha, porque os sofrimentos do corpo fortificam nossa alma, e seremos elevados em nossa humildade. (Ver cap. XII, item 4.)

Bendito seja o vosso nome, Senhor, porque nos ensinastes que a nossa sorte não está irrevogavelmente fixada após a morte; que encontraremos, em outras existências, os meios de resgatar e de reparar nossas faltas passadas, de realizar, em uma nova vida, o que nesta não pudemos fazer para o nosso adiantamento. (Ver o cap. IV e cap. V, item 5.)

Desse modo se explicam, enfim, todas as aparentes anomalias da vida. É a luz lançada sobre o nosso passado e o nosso futuro, é o sinal incontestável da vossa soberana justiça e da vossa infinita bondade.

VI. NÃO NOS ABANDONEIS À TENTACÃO, MAS LIVRAI-NOS DO MAL.^{132 e 133}

Dai-nos, Senhor, forças para resistir às sugestões dos maus espíritos, que tentam nos afastar do caminho do bem, inspirando-nos maus pensamentos.

Nós mesmos, porém, somos espíritos imperfeitos, encarnados na Terra para expiar nossas faltas e nos aperfeiçoar. A causa primária do mal está em nós, e os maus espíritos apenas se aproveitam das nossas tendências viciosas, nas quais eles nos mantêm, para nos tentar.

¹³² **Nota de Kardec:** Certas traduções trazem: Não nos induzais à tentação (*et ne nos inducas in tentationem*). Essa expressão daria a entender que a tentação vem de Deus, que ele, voluntariamente, incitaria os homens ao mal, pensamento blasfematório que igualaria Deus a Satanás, e que jamais poderia ter sido o de Jesus. Tal expressão, aliás, está de acordo com a doutrina vulgar sobre o papel dos demônios. (Ver *O Céu e o Inferno*, cap. X, “Os demônios”.)

¹³³ Também se observam diferenças entre o Pai-nosso apresentado por Mateus (VI: 9 a 13) e o por Lucas (XI: 2 a 4). No de Mateus leem-se sete pedidos, ou petições, entre elas: “e não nos exponhas à tentação, mas livra-nos do maligno” e, numa influência claramente litúrgica: “porque a ti pertencem o Reino, o Poder e a Glória pelos séculos”. No de Lucas leem-se apenas cinco pedidos, sendo o último: “e não nos deixeis cair em tentação”. (N.T.)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Cada imperfeição é uma porta aberta à influência desses espíritos, enquanto que, contra os seres perfeitos, eles são impotentes e renunciam a qualquer tentativa de atacá-los. Tudo o que fizermos para afastá-los será inútil, se não colocarmos em oposição a eles uma vontade inquebrantável de permanecer no bem, e uma renúncia absoluta ao mal. Portanto, é contra nós mesmos que precisamos dirigir nossos esforços; aí, então, os maus espíritos se afastarão naturalmente, visto que é o mal que os atrai, enquanto que o bem os repele. (Ver, adiante, *Prece pelos obsidiados*.)

Senhor, sustentai-nos em nossa fraqueza, inspirai-nos, pela voz dos nossos anjos guardiães e dos bons espíritos, a vontade de nos corrigirmos das nossas imperfeições, para que possamos impedir que os espíritos impuros tenham acesso à nossa alma. (Ver, adiante, o item 11.)

Senhor, o mal não é obra vossa, porque a fonte de todo o bem, que sois vós, não pode jamais criar nada de mau; somos nós mesmos que o criamos, ao desrespeitar as vossas leis e pelo mau uso que fazemos da liberdade que nos concedestes. Quando os homens obedecerem as vossas leis, o mal desaparecerá da Terra, como já desapareceu nos mundos mais adiantados.

O mal não é uma necessidade fatal para ninguém; parece irresistível somente para aqueles que a ele se entregam com satisfação. Se nós temos a vontade de fazer o mal, também podemos ter a de fazer o bem. Eis a razão por que, Senhor, vos pedimos ajuda, e a de todos os bons espíritos, para resistir à tentação.

VII. ASSIM SEJA.

Que seja de vosso agrado, Senhor, que nossos desejos se realizem! Mas nos curvamos diante da vossa infinita sabedoria. Sobre todas as coisas que não conseguimos compreender, seja feita a vossa vontade e não a nossa, porque só quereis o nosso bem e sabeis melhor do que nós o que nos é útil.

XXVIII. Coletânea de Preces Espíritas

Meu Deus, nós vos dirigimos esta prece por nós mesmos, por todas as almas sofredoras, encarnadas e desencarnadas, por nossos amigos e por nossos inimigos, por todos aqueles que solicitam a nossa assistência, e em particular por...

Suplicamos a vossa misericórdia e a vossa bênção para todos nós.

Nota: Aqui podem ser feitos os agradecimentos a Deus e os pedidos para nós mesmos e para os outros. (Ver, adiante, os itens 26 e 27.)

REUNIÕES ESPÍRITAS

4. *“Em qualquer lugar em que se encontrem duas ou três pessoas, reunidas em meu nome, eu ali estou, no meio delas.”*
(Mateus, XVIII: 20.)

5. Prefácio

Para estarmos reunidos em nome de Jesus não basta nos reunirmos fisicamente; é preciso que o façamos espiritualmente, pela comunhão de intenções e de pensamentos para o bem. Só então Jesus, ou os espíritos puros que o representam, estarão presentes à reunião.

O Espiritismo nos faz compreender como os espíritos podem estar entre nós. Eles aqui estão com o seu corpo fluídico ou espiritual, e com a aparência que os faria serem reconhecidos, caso se tornassem visíveis. Quanto mais elevados forem os espíritos na hierarquia espiritual, maior o seu poder de irradiação. É assim que possuem o dom da ubiquidade, pelo qual podem estar em vários lugares simultaneamente, sendo necessário apenas que enviem um raio de seus pensamentos a cada um desses lugares.

Com a afirmativa que fez, Jesus quis demonstrar o efeito da união e da fraternidade. O que pode atraí-lo não é o maior ou o menor número de pessoas reunidas, porquanto em lugar de duas ou três ele poderia ter dito dez ou vinte, mas o sentimento de

O Evangelho Segundo o Espiritismo

caridade que as anima reciprocamente, e para isso duas pessoas é o suficiente. No entanto, se essas duas pessoas oram separadas, ainda que se dirijam a Jesus, não há entre elas comunhão de pensamentos, principalmente se não estão movidas por um sentimento de benevolência mútua. Se não se veem com bons olhos, mas com ódio, inveja ou ciúme, as correntes fluídicas dos seus pensamentos se repelem, em vez de se unirem em um impulso comum de simpatia. Nesse caso, então, *elas não estão reunidas em nome de Jesus*; Jesus é apenas o pretexto da reunião, e não a verdadeira causa. (Ver o item 9 do capítulo anterior.)

Isso, porém, não significa que Jesus fique surdo à voz de uma só pessoa. Se ele não disse “eu atenderei a todo aquele que me chamar” é porque, antes de tudo, Jesus exige o amor ao próximo, do qual se pode dar mais provas quando se está em grupo do que quando se está em isolamento, e porque todo sentimento pessoal o afasta. Daí se conclui que, em uma assembleia numerosa, se apenas duas ou três pessoas se unem de coração, num sentimento de verdadeira caridade, enquanto que os outros se isolam e se concentram em pensamentos egoístas e mundanos, Jesus estará com os primeiros e não com os outros. Não são, portanto, as palavras ditas simultaneamente, os cânticos ou os atos exteriores que constituem a reunião em nome de Jesus, mas a comunhão dos pensamentos, de acordo com o espírito de caridade personificado nele. (Ver cap. X, itens 7 e 8, e cap. XXVII, itens 2 a 4.)

Esse deve ser o caráter das reuniões espíritas sérias, daquelas onde, sinceramente, se deseja a ajuda dos bons espíritos.

6. *Prece* (Para o início da reunião)

Rogamos ao Senhor Deus Todo-Poderoso, que nos envie bons espíritos para nos assistirem, que afaste aqueles que possam nos induzir ao erro, e nos dê a luz necessária para distinguir a verdade do embuste.

XXVIII. Coletânea de Preces Espíritas

Afasta, também, Senhor, os espíritos mal-intencionados, encarnados e desencarnados, que poderiam tentar lançar a desunião entre nós, e nos desviar da caridade e do amor ao próximo. Se alguns deles procurarem se introduzir aqui, faz com que não tenham entrada no coração de nenhum de nós.

Bons espíritos que vos dignais vir nos instruir, tornai-nos dóceis aos vossos conselhos; livrai-nos de qualquer pensamento de egoísmo, de orgulho, de ciúme e de inveja; inspirai-nos a indulgência e a benevolência para com os nossos semelhantes presentes ou ausentes, amigos ou inimigos; fazei, enfim, que, pelos sentimentos de que nos achemos possuídos, reconhecamos a vossa salutar influência.

Dai aos médiuns que forem encarregados por vós de nos transmitirem os vossos ensinamentos, a consciência da santidade do mandato que lhes é confiado e a gravidade do ato que vão realizar, a fim de que eles o façam com o fervor e o recolhimento necessários.

Se, nesta reunião, se encontrarem pessoas que aqui tenham vindo atraídas por outros sentimentos, que não os do bem, fazei com que os seus olhos sejam abertos para a luz, e perdoai-lhes, como nós os perdoamos, se vieram com más intenções.

Rogamos especialmente ao espírito..., nosso guia espiritual, que nos assista e vele por nós.

7. (Para o fim da reunião)

Agradecemos aos bons espíritos que quiseram vir se comunicar conosco, e pedimos que nos ajudem a colocar em prática os ensinamentos que nos deram; que ao sair daqui cada um de nós sinta-se fortalecido na prática do bem e do amor ao próximo.

Desejamos igualmente que esses ensinamentos sejam proveitosos para os espíritos sofredores, ignorantes ou viciosos, que tiveram a oportunidade de assistir a esta reunião, e para os quais pedimos a misericórdia de Deus.

O Evangelho Segundo o Espiritismo

PARA OS MÉDIUNS

8. *“Nos últimos tempos, disse o Senhor, derramarei do meu espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão; vossos jovens terão visões e vossos velhos terão sonhos. Nesses dias espalharei do meu espírito sobre meus servidores, e eles profetizarão.”* (Atos, II: 17 e 18.)

9. Prefácio

O Senhor quis que a luz se fizesse para todos os homens, e que a voz dos espíritos penetrasse em toda parte, para que cada um desses homens pudesse adquirir a prova da imortalidade. É com esse objetivo que os espíritos se manifestam atualmente sobre todos os pontos da Terra, e a mediunidade — que desponta entre pessoas de todas as idades e de todas as condições, entre homens e mulheres, entre crianças e velhos — é uma prova da realização dos tempos preditos por Jesus.

Para conhecer as coisas do mundo visível e descobrir os segredos da Natureza material, Deus deu ao homem os olhos do corpo, os sentidos e instrumentos especiais. Com o telescópio ele fez o seu olhar penetrar nas profundezas do espaço, e com o microscópio descobriu o mundo dos infinitamente pequenos.

Para penetrar no mundo invisível, Deus deu ao homem a mediunidade.

Os médiuns são os intérpretes encarregados de transmitir aos homens os ensinamentos dos espíritos ou, falando mais claramente, *são as vozes materiais pelas quais os espíritos se exprimem para se tornarem compreensíveis aos homens.* A missão dos médiuns é santa, porquanto ela tem por finalidade abrir os horizontes da vida eterna.

Os espíritos vêm instruir os homens sobre suas vidas futuras, a fim de encaminhá-los para o caminho do bem, não para poupá-los do trabalho material, que devem realizar na Terra, para o seu adiantamento, e não para favorecer a sua ambição e a sua cupidez.

XXVIII. Coletânea de Preces Espíritas

É disso que os médiuns devem se conscientizar, para não fazerem mau uso da sua faculdade. Aquele que compreende a gravidade e a seriedade do mandato de que está investido, sabe cumpri-lo religiosamente. Sua consciência o reprovava, como por um ato sacrílego, se ele fizesse de uma faculdade que lhe foi dada com um objetivo muito sério, e que o coloca em relação com seres do além-túmulo, um divertimento e uma distração, para si ou para os outros.

Como intérpretes dos ensinamentos dos espíritos, os médiuns devem desempenhar um papel importante na transformação moral que se realiza na Terra. Os serviços que podem prestar são proporcionais à boa direção que dão à sua faculdade, porque aqueles que estão no mau caminho são mais nocivos que úteis à causa do Espiritismo; pelas más impressões que causam, eles retardam, quando não impedem, mais de uma conversão. Eis por que terão que prestar contas do uso que fizeram de uma faculdade que lhes foi dada para o bem dos seus semelhantes.

O médium, que deseja continuar a receber a assistência dos bons espíritos, deve trabalhar para o seu próprio aperfeiçoamento; aquele que quer ver a sua faculdade crescer e se desenvolver deve evoluir moralmente, e abster-se de tudo o que poderia afastá-la do seu objetivo providencial.

Se os bons espíritos algumas vezes se utilizam de instrumentos imperfeitos, é para lhes dar bons conselhos e tratar de encaminhá-los para o bem; mas se eles encontram corações endurecidos, e se os seus conselhos não são escutados, eles se retiram, e os maus têm então o caminho livre. (Ver cap. XXIV, itens 11 e 12.)

A experiência prova que, entre aqueles que não tiram bom proveito dos conselhos que recebem dos espíritos, as comunicações, depois de terem algum brilho durante certo tempo, pouco a pouco vão se degenerando, e acabam caindo em erros, nas palavras

O Evangelho Segundo o Espiritismo

vazias ou no ridículo, sinal evidente do afastamento dos bons espíritos.

Obter a assistência dos bons espíritos e afastar os espíritos levianos e mentirosos, esse deve ser o objetivo dos esforços constantes de todos os médiuns sérios; sem isso a mediunidade é uma faculdade que nada produz de bom e que pode até se tornar prejudicial àquele que a possui, porquanto pode se transformar em obsessão perigosa.

O médium que compreende seu dever, em vez de se orgulhar de uma faculdade que não lhe pertence, pois que ela pode lhe ser retirada, atribui a Deus as boas coisas que obtém. Se as suas comunicações merecem elogios, ele não se envaidece com isso, pois sabe que elas são independentes do seu mérito pessoal, agradece a Deus por haver permitido que bons espíritos viessem se manifestar por seu intermédio. Se dão lugar a críticas, ele não se ofende, porque elas não são obra do seu próprio espírito. Reconhece que não foi um bom instrumento e que não possui todas as qualidades necessárias para se opor à intervenção dos maus espíritos. Essa é a razão por que procura adquirir essas qualidades e pede, por intermédio da prece, a força que lhe falta para alcançá-las.

10. *Prece*

Deus Todo-Poderoso, permite que os bons espíritos me assistam na comunicação que estou solicitando. Resguarda-me da vaidade de me considerar protegido contra os maus espíritos; resguarda-me do orgulho que poderia me iludir quanto ao valor do que obtenha; protege-me contra todo sentimento contrário à caridade para com outros médiuns. Se eu for induzido ao erro, inspira a alguém a ideia de me chamar a atenção, e a mim a humildade que me fará aceitar a crítica com reconhecimento, e tomar para mim, e não para os outros, os conselhos que os bons espíritos queiram me ditar.

XXVIII. Coletânea de Preces Espíritas

Se eu for tentado a iludir, seja no que for, a sentir vaidade pela faculdade que quiseste me conceder, eu te peço que a retires de mim, antes de permitires que ela seja afastada do seu objetivo providencial, que é o bem de todos e o meu adiantamento moral.

II. PRECES POR SI MESMO

AOS ANJOS GUARDIÃES E AOS ESPÍRITOS PROTETORES

11. *Prefácio*

Todos nós temos um bom espírito que está ligado a nós desde o nosso nascimento e que nos tomou sob a sua proteção. Ele cumpre conosco a missão de um pai junto ao seu filho, ou seja, a de nos conduzir no caminho do bem e do progresso por entre as provações da vida. Sente-se feliz quando correspondemos aos seus cuidados e sofre quando fracassamos.

Seu nome pouco importa, porque ele pode ter um nome que não é conhecido na Terra; então, nós o invocamos como nosso anjo guardião, nosso bom gênio; podemos mesmo invocá-lo sob o nome de um espírito superior qualquer, pelo qual sintamos mais simpatia.

Além do anjo guardião, que é sempre um espírito superior, temos espíritos protetores que, pelo fato de serem menos elevados, não são menos bondosos ou menos benevolentes. São espíritos de parentes, de amigos e, algumas vezes, de pessoas que não conhecemos em nossa existência atual. Eles nos assistem com os seus conselhos, e frequentemente com a sua intervenção nas ações que praticamos na nossa vida.

Os espíritos simpáticos são aqueles que se ligam a nós por uma certa semelhança de gostos e de tendências; tais espíritos podem ser bons ou maus, pois dependem do tipo de inclinações, boas ou más, que os atraíram para nós.

Os espíritos sedutores se esforçam para nos afastar do caminho do bem, sugerindo-nos maus pensamentos. Eles aproveitam

O Evangelho Segundo o Espiritismo

todas as nossas fraquezas, assim como quaisquer outras oportunidades que lhes deem acesso à nossa alma. Existem espíritos que se prendem a nós como uma fera à sua presa, *porém, eles se afastam, quando reconhecem a sua impotência em lutar contra a nossa vontade.*

O guia principal e superior que Deus nos deu é nosso anjo guardião; os guias secundários são os espíritos protetores e familiares. Entretanto é um erro acreditar que *forçosamente* temos um gênio mau, colocado perto de nós, para contrabalançar as boas influências. Os maus espíritos vêm *voluntariamente*, desde que se achem capazes de exercer a sua ação sobre nós, em razão da nossa fraqueza ou nossa negligência em seguir as inspirações dos bons espíritos. Somos nós, portanto, que os atraímos. Daí resulta que jamais estamos privados da assistência dos bons espíritos, e que depende de nós afastar os maus. Sendo o homem mesmo o causador das misérias por que passa, na maior parte das vezes ele é o seu próprio gênio mau. (Ver cap. V, item 4.)

A prece dirigida aos anjos guardiães e aos espíritos protetores deve ter por objetivo solicitar a sua intervenção junto a Deus, pedir-lhes forças para resistir às más sugestões, e a sua assistência nas necessidades da vida.

12. Prece

Espíritos sábios e benevolentes, mensageiros de Deus, cuja missão é auxiliar os homens e conduzi-los pelo bem, sustentai-me nas provações desta vida, dai-me forças para suportá-las sem me queixar; afastai de mim os maus pensamentos, e fazei que eu não dê acesso a nenhum dos maus espíritos que possam tentar me induzir a praticar o mal. Fazei com que eu reconheça os meus defeitos, e tirai dos meus olhos o véu do orgulho que poderia impedir-me de perceber esses defeitos e de confessá-los a mim mesmo.

XXVIII. Coletânea de Preces Espíritas

Principalmente a ti, meu anjo guardião, que velas por mim de uma forma particular, e a todos vós, espíritos protetores que vos preocupais comigo, fazei com que eu me torne digno da vossa benevolência. Vós conheceis as minhas necessidades. Que elas sejam atendidas, segundo a vontade de Deus!

13. *Prece*

Meu Deus, permite que os bons espíritos que me cercam venham em minha ajuda, quando eu estiver em aflição, e que me amparem, se eu vacilar. Faze, Senhor, que eles me possam inspirar a fé, a esperança e a caridade; que eles sejam para mim um apoio, uma esperança e uma prova da tua misericórdia. Faze, enfim, Senhor, que eu encontre junto a eles a força que me falte nas provações da vida, e também a fé que salva e o amor que consola para resistir às sugestões do mal.

14. *Prece*

Amados espíritos, anjos guardiães, a quem Deus, na sua infinita misericórdia, permite velar pelos homens, sede nossos protetores nas provas deste mundo. Dai-nos a força, a coragem e a resignação; inspirai-nos tudo o que é bom e livrai-nos da inclinação para o mal. Que a vossa doce influência penetre nossas almas. Fazei com que sintamos que um amigo devotado está perto de nós, ao nosso lado, que ele vê os nossos sofrimentos e participa das nossas alegrias.

E tu, meu bom anjo, não me abandones; tenho necessidade de toda a tua proteção, para suportar com fé e amor as provas que Deus quis me enviar.

PARA AFASTAR OS MAUS ESPÍRITOS

15. *“Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque limpais o que está por fora do copo e do prato, mas por dentro estais cheios de rapina e de impurezas. Fariseus cegos, purificai primeiramente o que está por dentro do copo e do prato, a fim*

O Evangelho Segundo o Espiritismo

de que o que está fora também fique limpo. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque sois semelhantes aos sepulcros branqueados, que por fora parecem belos aos olhos dos homens, mas que por dentro estão cheios de podridão. Assim também vós, por fora pareceis justos aos olhos dos homens, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e de iniquidade. (Mateus, XXIII: 25 a 28.)

16. Prefácio

Os maus espíritos só vão aos lugares em que podem satisfazer a sua perversidade; para afastá-los não é suficiente pedir nem mesmo mandar, é necessário que tiremos de nós aquilo que os atraí. Os maus espíritos pressentem as chagas da alma, como as moscas pressentem as do corpo. Assim como se limpa o corpo, para evitar os insetos, limpemos também a alma das suas impurezas, para evitar os maus espíritos. Como nós vivemos em um mundo em que os maus espíritos existem em grande número, as boas qualidades do coração não nos colocam livres das suas investidas, mas nos dão forças para resistir a elas.

17. Prece

Em nome de Deus Todo-Poderoso, que os maus espíritos se afastem de mim e que os bons me protejam contra eles.

Espíritos maléficos que inspirais maus pensamentos aos homens; espíritos enganadores e mentirosos que os enganais; espíritos zombeteiros que zombais da sua credulidade, eu vos rejeito com todas as forças da minha alma, fecho os meus ouvidos às vossas sugestões e peço para vós a misericórdia de Deus.

Bons espíritos que me amparais, dai-me forças para resistir à influência dos maus espíritos, e o entendimento necessário para não ser ludibriado por suas trapaças. Livrai-me do orgulho e da presunção; afastai do meu coração a inveja, o ódio, a malevolência e todos os sentimentos contrários à caridade, que são portas abertas ao espírito do mal.

XXVIII. Coletânea de Preces Espiritas

PARA CORRIGIR UM DEFEITO

18. *Prefácio*

Nossos maus instintos são o resultado da imperfeição do nosso próprio espírito, e não da nossa organização física; se fosse de forma diferente, o homem ficaria livre de qualquer espécie de responsabilidade. Nosso aperfeiçoamento depende de nós, pois todo homem que está no pleno uso das suas faculdades tem, para todas as coisas, a liberdade de fazê-las ou não; para fazer o bem só lhe falta a vontade. (Ver cap. XV, item 10 e cap. XIX, item 12.)

19. *Prece*

Meu Deus, tu me deste a inteligência necessária para distinguir o bem do mal; assim sendo, do momento em que eu reconheço que uma coisa é má, eu sou culpado se não me esforçar para lhe resistir.

Preserva-me do orgulho, que certamente me impediria de perceber meus defeitos, e dos maus espíritos que poderiam me incentivar a persistir nesses erros.

Entre as minhas imperfeições, reconheço que sou mais inclinado a ..., e se não resisto à sua atração, é devido ao hábito que adquiri de a ela ceder.

Não me criaste culpado, porque és justo, mas com igual aptidão para o bem e para o mal. Se segui o mau caminho, foi por meu livre-arbítrio; porém, se tenho a liberdade de fazer o mal, também tenho a de fazer o bem e, conseqüentemente, a de mudar de caminho.

Meus defeitos atuais são restos de imperfeições que guardei das minhas existências anteriores; eles são o meu pecado original, do qual eu posso me desembaraçar por vontade própria, e com a ajuda dos bons espíritos.

Ajudai-me, espíritos bondosos que me protegeis, principalmente tu, meu anjo guardião, dai-me forças para resistir às más

O Evangelho Segundo o Espiritismo

sugestões e sair vitorioso da luta. Os defeitos são as barreiras que nos separam de Deus, e cada defeito que conseguimos vencer é mais um passo no caminho do adiantamento que deve nos aproximar de Deus.

O Senhor, na sua infinita misericórdia, dignou-se a me conceder a existência atual, para que ela servisse ao meu adiantamento; bons espíritos, ajudai-me a aproveitá-la, para que ela não se torne perdida para mim; quando Deus desejar me retirar dela, que eu saia melhor do que entrei. (Ver cap. V, item 5 e cap. XXVII, item 3.)

PARA RESISTIR A UMA TENTACÃO

20. *Prefácio*

Todo mau pensamento pode ter duas origens: a própria imperfeição de nossa alma, ou uma funesta influência que age sobre ela. Neste último caso, é sempre o indício de uma fraqueza que nos torna passíveis de receber essa influência e, conseqüentemente, indício de que nossa alma é imperfeita. Assim sendo, aquele que fracassou não poderia apresentar como desculpa a influência de um espírito estranho, porquanto esse espírito não o teria induzido ao mal, se o considerasse inacessível à sedução.

Quando nos surge um mau pensamento, podemos, então, supor um espírito maléfico nos induzindo ao mal e ao qual também somos totalmente livres de ceder ou de resistir, como se fossem as solicitações de uma pessoa viva. Ao mesmo tempo, devemos imaginar que o nosso anjo guardião, ou espírito protetor, por sua vez, combate em nós a má influência, esperando com ansiedade *a decisão que vamos tomar*. A nossa hesitação em fazer o mal é a voz do bom espírito, que se faz ouvir pela nossa consciência.

Podemos reconhecer que um pensamento é mau quando ele se afasta da caridade, que é a base de toda a verdadeira moral. Quando o pensamento tem por princípio o orgulho, a vaidade ou o egoísmo; quando a sua realização pode causar um prejuízo

XXVIII. Coletânea de Preces Espiritas

qualquer a outra pessoa; quando, finalmente, ele nos estimula a fazer aos outros o que não desejaríamos que os outros nos fizessem. (Ver cap. XV, item 10, e o item 15 do presente capítulo.)

21. *Prece*

Deus Todo-Poderoso, não deixes que eu seja vencido pela tentação que me leva a errar. Espíritos benevolentes que me protegem, afastem de mim este mau pensamento, deem-me forças para resistir à sugestão do mal. Se eu sucumbir, serei merecedor da expiação da minha falta nesta vida e na outra, porquanto eu sou livre para escolher.

AÇÃO DE GRAÇAS PELA VITÓRIA OBTIDA SOBRE UMA TENTACÃO

22. *Prefácio*

Aquele que resistiu a uma tentação, deve esse fato à assistência dos bons espíritos, a cuja voz atendeu. Deve, portanto, agradecer a Deus e ao seu anjo guardião.

23. *Prece*

Meu Deus, eu te agradeço por permitires que eu saísse vitorioso da luta que acabo de manter contra o mal; permite que essa vitória me dê forças para resistir a novas tentações. E tu, meu anjo guardião, eu te agradeço pela assistência que me deste. Que a minha submissão aos teus conselhos possa me fazer merecer novamente a tua proteção.

PARA PEDIR UM CONSELHO

24. *Prefácio*

Quando estamos indecisos quanto a fazer ou não uma coisa, devemos, antes de tudo, responder às seguintes perguntas:

- O que estou pretendendo fazer pode causar algum prejuízo a outra pessoa?
- Pode ser útil a alguém?

O Evangelho Segundo o Espiritismo

- Se alguém fizesse o mesmo em relação a mim, eu ficaria satisfeito?

Se o que vamos fazer somente a nós interessa, convém que se avalie a soma de vantagens e de desvantagens pessoais que isso pode nos trazer.

Se interessa a outras pessoas, e se fazendo o bem a uma, pode resultar em mal para outra; é preciso igualmente pesar a soma do bem e a do mal para se abster ou agir.

Enfim, mesmo para as melhores coisas, ainda é preciso considerar a oportunidade e as circunstâncias acessórias, visto que uma coisa boa em si mesma pode ter maus resultados em mãos inábeis, se não for conduzida com prudência e seriedade. Antes de concretizá-la, convém consultar suas forças e seus meios de execução.

Em todos os casos, sempre se pode solicitar a assistência dos espíritos protetores, lembrando destas sábias palavras: *Na dúvida, abstém-te.* (Ver o cap. XXVIII, item 38.)

25. *Prece*

Em nome de Deus Todo-Poderoso, bons espíritos que me protegem, inspirem-me a melhor resolução a tomar na incerteza em que me encontro. Dirijam o meu pensamento para o bem, e afastem a influência daqueles que tentarem me enganar.

NAS AFLIÇÕES DA VIDA

26. *Prefácio*

Podemos pedir a Deus benefícios de ordem material, e ele pode concedê-los, desde que tenham uma finalidade útil e séria; porém, como nós julgamos a utilidade das coisas sob o nosso ponto de vista, e como a nossa visão está limitada ao presente, nem sempre vemos o lado mau daquilo que solicitamos.

Deus, que tudo vê melhor do que nós, e que só quer o nosso bem, pode, portanto, recusar o que lhe pedimos, como um pai recusa

XXVIII. Coletânea de Preces Espíritas

ao seu filho o que poderia prejudicá-lo. Se o que pedimos não nos é concedido, não devemos sentir nenhum desânimo. É preciso pensar, ao contrário, que a privação daquilo que desejamos nos é imposta como prova ou como expiação, e que a nossa recompensa será proporcional à resignação com que a suportamos. (Ver cap. II, itens 5 a 7, e o item 6 do cap. XXVII.)

27. *Prece*

Deus Todo-Poderoso, que vês as nossas misérias, digna-te de ouvir favoravelmente as súplicas que te faço neste momento. Se o meu pedido for inconveniente, perdoa-me; se ele for útil e justo aos teus olhos, que os bons espíritos que cumprem a tua vontade venham em minha ajuda para que ele seja realizado.

Haja o que houver, meu Deus, que a tua vontade se faça. Se meus desejos não forem atendidos, é que está em teus desígnios fazer-me passar por essa prova e a ela me submeto, sem me queixar. Faze, Senhor, que eu não sinta nenhum desânimo, e que a minha fé e a minha resignação não sejam abaladas. (Formular o pedido.)

AÇÃO DE GRAÇAS POR UM FAVOR OBTIDO

28. *Prefácio*

Não devemos considerar como acontecimentos felizes apenas os fatos de grande importância; os de aparência mais insignificante são, muitas vezes, os que mais influem em nosso destino. O homem esquece facilmente o bem, lembrando-se antes do que o aflige. Se nós registrássemos, dia após dia, os benefícios que recebemos, sem fazer nenhum pedido, muito nos admiraríamos de haver recebido tantos favores que desapareceram da nossa memória, e ficaríamos envergonhados com a nossa ingratidão.

Todas as noites, elevando nossa alma a Deus, devemos lembrar dos favores que ele nos concedeu durante o dia, e agradecê-los. É sobretudo no momento em que experimentamos o efeito da sua bondade e da sua proteção que, de uma forma espontânea, devemos

O Evangelho Segundo o Espiritismo

testemunhar-lhe a nossa gratidão e, para fazermos isso, basta um pensamento atribuindo-lhe o benefício recebido, sem que haja necessidade de interromper nosso trabalho.

Os benefícios que recebemos de Deus não são constituídos apenas de coisas materiais. É preciso agradecer, igualmente, as boas ideias, as inspirações felizes que nos são sugeridas. Enquanto o orgulhoso faz desses fatos um mérito e o incrédulo os atribui ao acaso, aquele que tem fé, rende graças a Deus e aos bons espíritos. Para isso são inúteis as frases longas; *“Obrigado, meu Deus, pelo bom pensamento que me inspiraste”*, diz muito mais do que muitas palavras.

O impulso espontâneo, que nos faz atribuir a Deus o que nos acontece de bom, testemunha um hábito de reconhecimento e de humildade que atrai para nós a simpatia dos bons espíritos. (Ver, os itens 7 e 8 do cap. XXVII.)

29. *Prece*

Deus, infinitamente bom, que o teu nome seja bendito pelos benefícios que me concedeste; eu seria indigno se os atribuísse ao acaso dos acontecimentos ou ao meu próprio mérito.

Bons espíritos que fostes os executores da vontade de Deus, e tu, principalmente, meu anjo guardião, eu vos agradeço. Afastai de mim a ideia de sentir orgulho pelo que recebi ou disso fazer um uso que não seja o do bem.

Eu te agradeço, particularmente, por ...

ATO DE SUBMISSÃO E DE RESIGNAÇÃO

30. *Prefácio*

Quando um motivo de aflição nos chega, se procurarmos a sua causa, muitas vezes a encontraremos nas consequências da nossa imprudência, da nossa imprevidência ou de uma ação anterior; nesses casos, só devemos atribuí-la a nós mesmos. Se a causa de uma infelicidade é independente de qualquer participação

XXVIII. Coletânea de Preces Espiritas

nossa, trata-se de uma prova para esta vida, ou da expiação de falta cometida em uma existência passada e, neste último caso, a natureza da expiação pode nos fazer conhecer a natureza da falta, porquanto nós sempre somos punidos naquilo em que pecamos. (Ver cap. V, itens 4, 6 e seguintes.)

Nos sofrimentos que nos afligem, geralmente só vemos o mal presente, e não as conseqüências posteriores favoráveis que eles podem trazer; frequentemente a conseqüência de um mal passageiro é o bem, como a cura de um doente é o resultado dos meios dolorosos que se empregaram para obtê-la. Em todos os casos, devemos nos submeter à vontade de Deus, suportar com coragem as tribulações da vida, se quisermos que elas nos sejam levadas em conta, e que estas palavras de Cristo sejam aplicadas a nós: “Bem-aventurados aqueles que sofrem”. (Ver cap. V, item 18.)

31. *Prece*

Meu Deus, és soberanamente justo, portanto, todo sofrimento aqui na Terra deve ter a sua causa e a sua utilidade. Aceito a aflição que acabo de passar (ou estou passando) como uma expiação das minhas faltas passadas e como uma prova para o futuro.

Bons espíritos que me protegeis, dai-me forças para suportá-lo sem queixumes; fazei que ele seja uma advertência salutar para mim; que aumente a minha experiência; que combata em mim o orgulho, a ambição, a tola vaidade e o egoísmo, contribuindo, assim, para o meu adiantamento.

32. *Outra prece*

Eu sinto, meu Deus, necessidade de te pedir que me dê forças para suportar as provas que me enviaste. Permite que a luz se faça bem viva em meu espírito, para que eu aprecie toda a extensão de um amor que me aflige por querer me salvar. Eu me submeto com resignação, ó meu Deus, porém, a criatura humana é tão fraca que temo sucumbir se não me sustentares; não me abandones, Senhor, porque sem ti eu nada posso.

O Evangelho Segundo o Espiritismo

33. *Outra prece*

Elevei meu olhar a ti, ó Eterno, e me senti fortalecido. Tu és a minha força, não me abandones! Ó Deus, sinto-me esmagado sob o peso das minhas iniquidades. Ajuda-me! Tu conheces a fraqueza da minha carne; não afastes o teu olhar de mim!

Estou sendo devorado por uma sede ardente, fazе brotar a fonte da água viva, e aliviarei a minha sede. Que minha boca apenas se abra para te louvar e não para lamentar as aflições da minha vida. Sou fraco, Senhor, mas teu amor me sustentará. Ó Pai Eterno, só tu és grande, só tu és a razão de ser e o objetivo da minha vida. Que o teu nome seja bendito se me fazes sofrer, porque tu és o Mestre e eu o servidor infiel; curvarei minha cabeça sem me queixar, porque só tu és grande, só tu és a meta a ser alcançada.

NUM PERIGO IMINENTE

34. *Prefácio*

Pelos perigos que passamos, Deus nos lembra a nossa fraqueza e a fragilidade da nossa existência. Ele nos mostra que a nossa vida está em suas mãos, e que ela está presa por um fio, que se pode romper no momento em que menos esperamos. Sob esse aspecto, não há privilégio para ninguém, pois tanto o importante quanto o humilde estão submetidos às mesmas alternativas.

Se examinarmos a natureza e as consequências do perigo, veremos que, na maior parte das vezes, essas consequências, caso ocorressem, seriam a punição de uma falta cometida ou um dever não cumprido.

35. *Prece*

Deus Todo-Poderoso, e tu, meu anjo guardião, socorrei-me. Se devo sucumbir, que a vontade de Deus seja feita. Se for salvo, que no resto da minha vida eu repare o mal que fiz e do qual me arrependo.

XXVIII. Coletânea de Preces Espíritas

AÇÃO DE GRAÇAS APÓS HAVER ESCAPADO DE UM PERIGO

36. Prefácio

Pelo perigo que passamos, Deus nos mostra que podemos, de um momento para outro, ser chamados a prestar contas do emprego que demos à nossa vida. Ele nos aconselha, assim, a refletir sobre as nossas ações e a nos corrigirmos.

37. Prece

Meu Deus, e tu, meu anjo guardião, eu vos agradeço o socorro que me enviastes no perigo que me ameaçou. Que esse perigo seja um aviso para mim, que ele me esclareça sobre os erros que cometi e que puderam atraí-lo. Eu compreendo, Senhor, que a minha vida está em tuas mãos e que podes retirá-la quando desejares. Pelos bons espíritos que me assistem, inspira-me a ideia de empregar de forma útil o tempo que ainda me concedes aqui na Terra.

Meu anjo guardião, sustenta-me na resolução que tomei de reparar meus erros e de fazer todo o bem que estiver ao meu alcance, para que eu possa chegar ao mundo dos espíritos, quando Deus decidir me chamar, carregando menos imperfeições.

NO MOMENTO DE DORMIR

38. Prefácio

O sono é o repouso do corpo; o espírito, porém, não tem necessidade de repouso. Enquanto os sentidos físicos estão adormecidos, a alma, em parte, se desliga da matéria e desfruta das suas faculdades de espírito. O sono foi dado ao homem para a reparação das forças orgânicas e das forças morais. Enquanto o corpo recupera as energias que perdeu durante as atividades do dia, o espírito vai se retemperar entre os outros espíritos, e dali retira, do que viu, do que percebeu e dos conselhos que lhe dão, as ideias que, ao acordar, ele recupera em forma de intuição. É o

O Evangelho Segundo o Espiritismo

retorno temporário do exilado à sua verdadeira pátria; é o prisioneiro restituído momentaneamente à liberdade.

Acontece, porém, como no caso do prisioneiro perverso, que nem sempre o espírito aproveita esse momento de liberdade para o seu adiantamento; se ele tem maus instintos, em vez de desejar a companhia dos bons espíritos, procura a dos que são semelhantes a ele, e vai visitar os lugares onde pode seguir livremente as suas tendências.

Que aquele que se ache consciente dessa verdade eleve o seu pensamento, no momento em que sente o sono aproximar-se, e peça a ajuda dos bons espíritos, e daqueles cuja lembrança lhe é querida, para que venham se reunir a ele durante o breve tempo que lhe é concedido. Ao acordar, ele se sentirá com mais forças contra o mal e mais coragem contra a adversidade.

39. *Prece*

Minha alma vai se encontrar por alguns momentos com outros espíritos. Que aqueles que são bons venham junto a mim e me ajudem com os seus conselhos. Meu anjo guardião, faz que, ao acordar, eu conserve uma impressão durável e salutar desses momentos.

PREVENDO A MORTE PRÓXIMA

40. *Prefácio*

A fé no futuro, a elevação do pensamento, durante a vida, em direção aos destinos futuros, colaboram para o rápido desligamento do espírito, enfraquecendo os laços que o prendem ao corpo, porquanto, frequentemente, a vida corporal ainda não está extinta e a alma, impaciente, já alçou seu voo em direção à imensidade. Ao contrário, no homem que concentra todos os seus pensamentos nas coisas materiais, esses laços são mais fortes, a separação é penosa e dolorosa, e o despertar no além-túmulo é pleno de perturbação e ansiedade.

XXVIII. Coletânea de Preces Espíritas

41. *Prece*

Meu Deus, creio em ti e na tua bondade infinita, e por isso não posso acreditar que tenhas dado ao homem a inteligência para te conhecer, e a aspiração pelo futuro, para depois lançá-lo no nada.

Creio que meu corpo nada mais é que o envoltório perecível da minha alma, e que, ao deixar de viver, acordarei no mundo dos espíritos.

Deus Todo-Poderoso, sinto que se rompem os laços que unem minha alma ao meu corpo, e em breve irei prestar contas do uso que fiz da vida que estou deixando. Vou sofrer as consequências do bem e do mal que pratiquei, pois, para onde vou não há ilusões ou subterfúgios possíveis; todo o meu passado irá se desenrolar diante de mim, e serei julgado de acordo com as minhas obras.

Nada levarei dos bens da Terra; honras, riquezas, satisfações da vaidade e do orgulho, enfim, tudo o que se refere à vida corporal vai ficar na Terra; nem a mínima parcela me seguirá, e nenhuma dessas coisas terá a menor utilidade no mundo dos espíritos. Levarei comigo apenas o que pertence à alma, isto é, as boas e as más qualidades que serão pesadas na balança de uma rigorosa justiça. Quanto mais oportunidades de fazer o bem, a minha posição na Terra me houver dado, sem que eu as tenha aproveitado, mais severidade haverá no meu julgamento. (Ver cap. XVI, item 9.)

Deus de misericórdia, que meu arrependimento chegue a ti! Que o manto da tua indulgência seja estendido sobre mim. Se for da tua vontade prolongar a minha existência, que o resto da minha vida seja empregado para reparar, tanto quanto esteja ao meu alcance, o mal que pude fazer. Se realmente chegou a minha hora, levo comigo o consolador pensamento de que me será

O Evangelho Segundo o Espiritismo

permitido resgatar as minhas faltas por meio de novas provas, para que um dia eu possa merecer a felicidade dos eleitos.

Se não me for permitido desfrutar imediatamente dessa felicidade pura, partilhada somente pelos justos por excelência, sei que a esperança não está perdida para sempre e que, com o trabalho chegarei ao objetivo, mais cedo ou mais tarde, de acordo com os meus esforços.

Sei que os bons espíritos e o meu anjo guardião estarão lá, perto de mim, para me receberem; e que dentro em pouco eu os verei, como eles me veem. Sei que, *se o tiver merecido*, encontrarei aqueles que amei na Terra, e que os que deixo aqui irão juntar-se a mim, para que um dia estejamos todos reunidos para sempre, e que, enquanto esse dia não chega, poderei vir visitá-los.

Sei também que vou encontrar aqueles a quem ofendi; possam eles perdoar as queixas que têm contra mim: meu orgulho, minha dureza de coração, minhas injustiças, para que eu não me acabrunhe de vergonha diante da presença deles.

Perdoo aos que me fizeram ou quiseram fazer mal, não sinto nenhum ódio contra eles e peço a Deus que lhes dê o seu perdão.

Senhor, dá-me forças para deixar sem queixas as alegrias grosseiras deste mundo, que nada são perto das alegrias puras do mundo em que vou entrar. Mundo onde para os justos não há tormentos, nem sofrimentos, nem misérias; onde só o culpado pode sofrer, mas resta-lhe a esperança no futuro.

Bons espíritos, e tu, meu anjo guardião, eu vos peço, não me deixeis fracassar neste momento supremo. Fazei que a luz divina brilhe diante de meus olhos, para reanimar a minha fé, se ela vier a vacilar.

Nota: Ver, adiante, o item “Preces pelos doentes e os obsidiados”.

III. PRECES PELOS OUTROS

POR ALGUÉM QUE ESTÁ EM AFLIÇÃO

42. Se, no interesse do aflito, a sua prova deve seguir o seu curso, ela não será abreviada pelo nosso pedido; mas seria impiedoso se o desencorajássemos, porque o pedido não foi atendido, além do que, embora a prova não tenha cessado, pode-se esperar obter alguma outra consolação que modere a sua amargura. O que é verdadeiramente útil para aquele que se encontra em aflição, é a coragem e a resignação, sem as quais o que ele sofre não trará nenhum proveito para si, porque será obrigado a recomeçar a prova. Portanto, é para esse objetivo, principalmente, que é preciso dirigir nossos esforços seja apelando aos bons espíritos para que venham em sua ajuda, seja levantando o moral do aflito com conselhos e encorajamentos, seja, por fim, ajudando-o materialmente, se isso for possível. A prece, nesse caso, pode também ter um efeito direto, dirigindo sobre a pessoa uma corrente fluidica para fortalecer o seu moral. (Ver cap. V, itens 5 e 27; e os itens 6 e 10 do cap. XXVII.)

43. *Prece*

Meu Deus, cuja bondade é infinita, ameniza a amargura da situação de ..., se assim for da tua vontade.

Bons espíritos, em nome de Deus Todo-Poderoso, eu vos suplico que o ajudem em suas aflições. Se, no seu próprio interesse, elas não lhe puderem ser poupadas, fazei que ele compreenda que tais aflições são necessárias ao seu adiantamento. Dai-lhe confiança em Deus e no futuro, e suas aflições se tornarão menos amargas. Dai-lhe também forças para não sucumbir ao desespero, que o faria perder o fruto do seu sofrimento e tornaria sua posição futura ainda mais difícil. Conduzi o meu pensamento até ele, e que eu o ajude a sustentar sua coragem.

O Evangelho Segundo o Espiritismo

AÇÃO DE GRAÇAS POR UM BENEFÍCIO CONCEDIDO A OUTRA PESSOA

44. Prefácio

Aquele que não está dominado pelo egoísmo, sente-se feliz pelo bem que o seu próximo recebe, mesmo que não o tenha solicitado por meio da prece.

45. Prece

Meu Deus, que tu sejas bendito pela felicidade que foi concedida a ...

Bons espíritos, fazei que ele veja, nessa felicidade, uma prova da bondade de Deus. Se o bem que lhe foi concedido é uma prova, inspirai-lhe o pensamento de fazer um bom uso dele, de não se envaidecer, a fim de que esse bem não se torne um prejuízo para o seu futuro.

Tu, meu bom anjo guardião, que me proteges e que desejas a minha felicidade, afasta de mim qualquer sentimento de inveja ou de ciúme.

PELOS NOSSOS INIMIGOS E PELOS QUE NOS QUEREM MAL

46. Prefácio

Disse Jesus: “Amai os vossos inimigos”. Estas palavras são o que há de mais sublime na caridade cristã; entretanto, ao pronunciá-las, Jesus não quis dizer que devemos ter pelos inimigos a ternura que temos pelos nossos amigos. Ele nos disse, por essas palavras, para esquecer suas ofensas, perdoar-lhes o mal que nos fazem e, em troca desse mal, oferecer-lhes o bem. Além do mérito que essa conduta traz aos olhos de Deus, ela mostra aos homens a verdadeira superioridade. (Ver cap. XII, itens 3 e 4.)

47. Prece

Meu Deus, perdoe a ... o mal que me fez e o que pretendeu me fazer, como desejo que tu me perdoes e que ele também me perdoe as faltas que eu tenha cometido. Se tu o colocaste no meu caminho como uma prova, que a tua vontade seja feita.

XXVIII. Coletânea de Preces Espíritas

Afastai de mim, ó meu Deus, a ideia de maldizê-lo e todo desejo malévolos contra ele. Fazei que eu jamais sinta alguma alegria pelas infelicidades que possam lhe acontecer, e nenhum pesar pelos benefícios que ele venha a receber, a fim de não desonrar a minha alma com pensamentos indignos de um cristão.

Possa a tua bondade, Senhor, se estender sobre ele, e levá-lo a nutrir melhores sentimentos em direção a mim.

Bons espíritos, inspirai-me o esquecimento do mal e a lembrança do bem. Que nem o ódio, nem o rancor, nem o desejo de lhe pagar o mal com o mal entrem em meu coração, porque o ódio e a vingança só pertencem aos maus espíritos, encarnados e desencarnados. Que, ao contrário, eu esteja pronto a lhe estender a mão fraterna, a pagar-lhe o mal com o bem e a ajudá-lo, se estiver em meu alcance.

Para provar a sinceridade das minhas palavras, desejo que se apresente uma oportunidade para ser-lhe útil, mas, principalmente, ó meu Deus, livra-me de fazê-lo por orgulho ou ostentação, molestando-o com uma generosidade humilhante, o que faria com que o fruto da minha ação se perdesse, visto que eu mereceria que me fossem aplicadas estas palavras do Cristo: “Já haveis recebido a vossa recompensa”. (Ver cap. XIII, item 1 e seguintes.)

AÇÃO DE GRAÇAS PELO BEM CONCEDIDO AOS NOSSOS INIMIGOS

48. Prefácio

Não desejar o mal aos seus inimigos é ser caridoso apenas pela metade; a verdadeira caridade é desejar-lhes o bem e nos sentirmos felizes com o que lhes acontece de bom. (Ver cap. XII, itens 7 e 8.)

49. Prece

Meu Deus, em tua justiça decidiste alegrar o coração de ... Eu te agradeço por ele, apesar do mal que me fez e que procurou

O Evangelho Segundo o Espiritismo

me fazer. Se ele se aproveitar desse benefício para me humilhar, eu aceitarei como uma prova para a minha caridade.

Bons espíritos que me protegeis, fazei que por isso eu não sinta nenhum pesar, afastai de mim a inveja e o ciúme que rebaixam a criatura; inspirai-me, ao contrário, a generosidade que eleva. A humilhação está no mal e não no bem, e nós sabemos que, cedo ou tarde, a justiça será feita a cada um de acordo com as suas obras.

PELOS INIMIGOS DO ESPIRITISMO

50. *“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça, porque deles é o reino dos céus. Sereis felizes quando os homens vos encherem de maldições, e vos perseguirem, e vos disserem falsamente toda espécie de mal contra vós por minha causa. Alegrai-vos então, porque uma grande recompensa vos está reservada nos céus, visto que assim perseguiram os profetas que existiram antes de vós.”* (Mateus, V: 6, 10, 11 e 12.)

“Não temais, pois, os que matam o corpo e não podem matar a alma, mas temei antes aquele que pode lançar no inferno a alma e o corpo.” (Mateus, X: 28.)

51. Prefácio

De todas as liberdades, a mais inviolável é a de pensar, que compreende também a liberdade de consciência. Reprovar energicamente aqueles que não pensam como nós é reclamar essa liberdade apenas para si e recusá-la aos outros; é violar o primeiro mandamento de Jesus: a caridade e o amor ao próximo. Persegui-los por sua crença, é atentar contra o direito mais sagrado que todo homem tem de crer no que lhe convém, e adorar a Deus como ele o entende. Constrangê-los a atos exteriores semelhantes aos nossos é mostrar que se tem mais amor à forma que ao conteúdo, às aparências que à convicção. A renúncia forçada

XXVIII. Coletânea de Preces Espíritas

jamais proporcionou a fé, só pode fazer hipócritas; é um abuso da força material que não prova a verdade; *a verdade está segura de si mesma: convence e não persegue, porque não tem necessidade disso.*

O Espiritismo é uma opinião, uma crença; mesmo que fosse uma religião, por que não se teria a liberdade de dizer que se é espírita, como se tem a de dizer que se é católico, judeu ou protestante, partidário desta ou daquela doutrina filosófica, deste ou daquele sistema econômico? Esta crença é falsa ou é verdadeira; se é falsa cairá por si mesma, porque a mentira não pode prevalecer sobre a verdade, quando a luz se faz nas inteligências; porém, se é verdadeira, a perseguição não a tornará falsa.

A perseguição é o batismo de toda ideia nova, grande e justa; ela cresce com a grandeza e a importância da ideia. A animosidade e a cólera dos inimigos da ideia são proporcionais ao medo que ela lhes inspire. É por essa razão que o Cristianismo outrora foi perseguido, e que hoje perseguem o Espiritismo, apenas com uma diferença: o Cristianismo foi perseguido pelos pagãos, enquanto o Espiritismo o é pelos cristãos. O tempo das perseguições sangrentas passou, é verdade, no entanto, se não se mata mais o corpo, tortura-se a alma; ela é atacada até nos seus sentimentos mais íntimos, nas suas afeições mais caras; as famílias são divididas, a mãe é estimulada a ficar contra a filha, a mulher contra o marido; ataca-se mesmo o corpo físico no que se refere às suas necessidades materiais, tirando das criaturas o seu ganha-pão para dominá-las pela fome. (Ver cap. XXIII, item 9 e seguintes.)

Espíritas, não vos aflijais com os golpes que vos atingem, porquanto eles provam que estais com a verdade; se assim não fosse, vos deixariam tranquilos e não vos agrediriam. É uma prova para a vossa fé, porque é pela vossa coragem, pela vossa resignação, pela vossa perseverança que Deus vos reconhece

O Evangelho Segundo o Espiritismo

entre seus fiéis servidores, os quais está enumerando desde hoje, para dar a cada um a parte que lhe pertence, de acordo com as suas obras.

A exemplo dos primeiros cristãos, sede orgulhosos ao carregar a vossa cruz. Acreditai na palavra do Cristo, que diz: “Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça, porque deles é o reino dos céus. Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma”. Ele também disse: “Amai os vossos inimigos, fazei o bem àqueles que vos fazem o mal, e rogai pelos que vos perseguem”. Mostrai que sois seus verdadeiros discípulos, e que a vossa doutrina é boa, fazendo para isso o que ele disse e exemplificou.

A perseguição durará algum tempo; esperai, pois, pacientemente, que surja a aurora, porque a estrela da manhã já se mostra no horizonte. (Ver cap. XXIV, item 13 e seguintes.)

52. *Prece*

Senhor, tu mandaste que Jesus, o teu Messias, nos dissesse: “Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça; perdoai aos vossos inimigos; rogai pelos que vos perseguem,” e ele mesmo nos mostrou o caminho rogando por seus algozes.

A exemplo de Jesus, nós pedimos, meu Deus, a tua misericórdia para aqueles que desconhecem os teus divinos preceitos, os únicos que podem assegurar a paz neste mundo e no outro. Como Cristo, nós te dizemos: “Perdoa-lhes, meu Pai, porque eles não sabem o que fazem”.

Dá-nos forças para suportar com paciência e resignação, como provas para a nossa fé e a nossa humildade, suas zombarias, suas injúrias, suas calúnias e suas perseguições; afasta de nós qualquer pensamento de represália, visto que a hora da tua justiça chegará para todos, e nós a esperamos, submetendo-nos à tua santa vontade.

XXVIII. Coletânea de Preces Espíritas

POR UMA CRIANÇA QUE ACABA DE NASCER

53. *Prefácio*

Os espíritos só chegam à perfeição após terem passado pelas provas da vida corporal. Aqueles que estão na erraticidade esperam que Deus lhes permita empreender uma existência que lhes deva fornecer um meio de se adiantarem, seja pela expiação de suas faltas passadas, a se realizar em meio a vicissitudes às quais estarão submetidos, seja realizando uma missão útil à humanidade.

Seu adiantamento e sua felicidade futura serão proporcionais à maneira pela qual vierem a empregar o tempo que devem passar na Terra. A responsabilidade de guiar seus primeiros passos, e de encaminhá-los para o bem, é confiada a seus pais, que respondem diante de Deus pela maneira como cumpriram o seu mandato. Para lhes facilitar o desempenho da missão, Deus fez do amor paternal e do amor filial uma lei da Natureza, lei que jamais é violada impunemente.

54. *Prece* (Para ser dita pelos pais)

Espírito que encarnaste no corpo de nosso filho, sê bem-vindo entre nós. Deus Todo-Poderoso que o enviaste, sê bendito.

É um depósito que nos é confiado, e do qual teremos que prestar contas um dia. Se ele pertence à nova geração de bons espíritos que devem povoar a Terra, obrigado, meu Deus, por essa graça! Se é uma alma imperfeita, nossa obrigação é ajudá-lo a progredir no caminho do bem com os nossos conselhos e os nossos exemplos; se ele cair em erro por nossa culpa, responderemos por isso diante de ti, por não termos cumprido nossa missão para com ele.

Senhor, sustenta-nos em nossa tarefa, dá-nos a força e a vontade para cumpri-la. Se esta criança deve ser um motivo de provas para nós, que a vossa vontade seja feita.

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Bons espíritos que viestes presidir seu nascimento e que deveis acompanhá-lo durante a vida, não o abandoneis. Afastai dele os maus espíritos que tentarem induzi-lo ao mal; dai-lhe forças para resistir às suas sugestões, e coragem para sofrer com paciência e resignação as provas que o esperam na Terra. (Ver cap. XIV, item 9.)

55. *Outra Prece*

Meu Deus, tu me confiaste a sorte de um dos teus espíritos; faze que eu seja digno da tarefa que me impuseste. Concede-me a tua proteção; aclara a minha inteligência, a fim de que eu possa perceber desde logo as tendências daquele que eu devo preparar para alcançar a tua paz.

56. *Outra prece*

Boníssimo Deus, já que permitiste ao espírito desta criança vir novamente sofrer as provas terrestres destinadas a fazê-lo progredir, dá-lhe a luz a fim de que ele aprenda a te conhecer, a te amar e a te adorar. Faze, pelo teu poder, que essa alma se regenere na fonte das tuas divinas instruções; que, sob a égide do seu anjo guardião, sua inteligência cresça, se desenvolva e o faça desejar aproximar-se cada vez mais de ti; que a ciência do Espiritismo seja a luz brilhante que o esclareça entre as dificuldades da vida; que ele saiba, enfim, apreciar toda a grandeza do teu amor, que nos submete a provas para nos purificar.

Senhor, lança um olhar paternal sobre a família a que confiaste essa alma; que ela possa compreender a importância da sua missão, e fazer germinar nesta criança as boas sementes, até o dia em que poderá, por suas próprias aspirações, se elevar para ti.

Digna-te, ó meu Deus, de atender a esta humilde prece em nome e pelos méritos daquele que disse: “Deixai vir a mim as criancinhas, porque o reino dos céus é para os que a elas se assemelham”.

XXVIII. Coletânea de Preces Espíritas

POR UM AGONIZANTE

57. *Prefácio*

A agonia é o prelúdio da separação entre a alma e o corpo; pode-se dizer que nesse momento o homem tem apenas um pé neste mundo, e que já tem um no outro. Essa passagem às vezes é penosa para aqueles que se acham muito apegados à matéria, e que viveram mais para os bens deste mundo que para os do outro, ou cuja consciência encontra-se agitada pelas mágoas e pelos remorsos. Para aqueles que, ao contrário, têm o pensamento voltado para o infinito, e estão desligados da matéria, os laços são menos difíceis de romper, e os últimos momentos nada têm de dolorosos; a alma, então, liga-se ao corpo apenas por um fio, enquanto que, no outro caso, teria profundas raízes; entretanto, em qualquer das duas hipóteses, a prece exerce uma ação poderosa sobre o trabalho da separação. (Ver, adiante, “Preces pelos doentes;” ver também em *O Céu e o Inferno*, na 2ª parte, o cap. I, “A passagem”.)

58. *Prece*

Deus, poderoso e misericordioso, eis uma alma que deixa o seu envoltório terrestre para retornar ao mundo dos espíritos, à sua verdadeira pátria; que possa fazê-lo em paz, e que tua misericórdia se estenda sobre ela.

Bons espíritos que a haveis acompanhado na Terra, não a abandoneis neste momento supremo; dai-lhe forças para suportar os últimos sofrimentos que aqui deve passar para o seu adiantamento futuro; inspirai-a, para que ela consagre ao arrependimento de suas faltas os derradeiros lampejos que lhe restam de inteligência, ou que momentaneamente possa vir a ter.

Dirigi o meu pensamento, a fim de que sua ação torne menos penoso o trabalho da separação, e que ele leve a esta alma, no momento de deixar a Terra, as consolações da esperança.

O Evangelho Segundo o Espiritismo

IV. PRECES PELOS QUE NÃO ESTÃO MAIS NA TERRA

POR ALGUÉM QUE ACABA DE MORRER

59. *Prefácio*

As preces pelos espíritos que acabam de deixar a Terra não têm por única finalidade dar-lhes um testemunho de simpatia, mas também ajudá-los no seu desligamento e, assim, abreviar a perturbação, que sempre acompanha a separação, e tornar o seu despertar mais calmo. Porém, nessa, como em qualquer outra circunstância, a eficácia da prece está na sinceridade do pensamento, e não na quantidade de palavras, ditas com mais ou menos pompa, e das quais, a maior parte das vezes, o coração não toma parte.

As preces que partem do coração realmente se refletem em torno do espírito a que se dirigem, cujas ideias estão ainda confusas, como se fossem vozes amigas que vêm nos tirar do sono. (Ver o item 10 do cap. XXVII.)

60. *Prece*

Deus Todo-Poderoso, estende a tua misericórdia sobre a alma de ..., que acabaste de chamar da Terra. Que as provas que sofreu neste mundo possam ser levadas em consideração, que nossas preces consigam amenizar, abreviar as penas que ele ainda tenha de sofrer como espírito.

Bons espíritos que viestes recebê-lo, e principalmente seu anjo guardião, ajudai-o a se despojar da matéria; dai-lhe a luz e a consciência de si mesmo, a fim de tirá-lo da perturbação que acompanha a passagem da vida corporal para a vida espiritual. Inspirai-lhe o arrependimento das faltas que ele pôde cometer, e o desejo de que lhe seja permitido repará-las, para apressar o seu adiantamento em direção à vida eterna bem-aventurada.

..., tu acabas de entrar no mundo dos espíritos, entretanto, estás aqui presente entre nós, tu nos vês e nos ouves, porquanto

XXVIII. Coletânea de Preces Espíritas

só há de menos entre nós o corpo perecível que acabaste de deixar e que em breve será reduzido a poeira.

Tu deixaste o envoltório grosseiro sujeito às vicissitudes e à morte, e só conservaste o envelope etéreo, imperecível e inacessível aos sofrimentos. Se não vives mais pelo corpo, vives a vida dos espíritos, e essa vida é exemplo das misérias que afligem a humanidade.

Já não tens mais o véu que encobre, aos nossos olhos, os esplendores da vida futura; tu podes, de agora em diante, contemplar as novas maravilhas, enquanto que nós continuamos mergulhados nas trevas.

Irás percorrer o espaço e visitar os mundos, em plena liberdade, enquanto que nós rastejamos penosamente sobre a Terra, onde o nosso corpo material nos retém, semelhante para nós a um pesado fardo.

O horizonte do infinito se desenrolará diante de ti, e em presença de tanta grandeza, compreenderás a insignificância, o nada dos nossos desejos terrestres, das nossas ambições mundanas, e das fúteis alegrias com que os homens tanto se comprazem.

Para os homens, a morte é apenas uma separação de alguns instantes. Do lugar de exílio onde a vontade de Deus ainda nos retém, assim como os deveres que temos que cumprir na Terra, nós te seguiremos pelo pensamento, até o momento em que será permitido nos reencontrarmos, assim como reencontraste aqueles que te precederam.

Se nós não podemos ir ao lugar em que estás, tu podes vir até nós. Vem, pois, entre aqueles que te amam e que também são amados por ti, dá-lhes amparo nas provas da vida, vela pelos que te são caros, protege-os conforme as tuas possibilidades, ameniza suas mágoas pelo pensamento de que estás mais feliz agora e com a consoladora certeza de um dia estarem reunidos a ti em um mundo melhor.

O Evangelho Segundo o Espiritismo

No mundo em que estás, todos os ressentimentos terrestres devem desaparecer; que, de agora em diante, estejas inacessível a eles para a tua felicidade futura. Perdoa, pois, àqueles que cometeram erros para contigo, assim como te perdoam aqueles para com os quais cometeste erros.

Nota: A esta prece, que se aplica a todos, podem ser acrescentadas algumas palavras especiais, de acordo com as circunstâncias particulares de família, das relações ou da posição social de quem desencarnou. Tratando-se de uma criança, o Espiritismo nos ensina que não estamos diante de um espírito de criação recente, e sim que ele já viveu outras vidas e pode ser muito adiantado. Se sua última existência foi curta, é porque ela seria apenas um complemento de prova, ou uma prova para os pais. (Ver cap. V, item 21.)

61. *Outra Prece*¹³⁴

Senhor Todo-Poderoso, que a tua misericórdia se estenda sobre nossos irmãos que acabam de deixar a Terra. Que a tua luz brilhe aos seus olhos. Faz com que saiam das trevas; abre seus olhos e seus ouvidos. Que os teus bons espíritos os cerquem e lhes façam ouvir palavras de paz e de esperança.

Senhor, por mais indigno que sejamos, nos atrevemos a pedir a tua misericordiosa indulgência em favor deste nosso irmão que acaba de ser chamado do exílio terrestre. Permite que o seu retorno seja o do filho pródigo. Esquece, ó meu Deus, as faltas que ele cometeu para te lembrares do bem que ele pôde fazer. Tua justiça é imutável, nós o sabemos, mas teu amor é imenso; nós te suplicamos que abrandes a tua justiça por essa fonte de bondade que emana de ti.

¹³⁴ **Nota de Kardec:** Esta prece foi ditada a um médium de Bordeaux, no momento em que passava, diante das janelas de sua casa, o enterro de um desconhecido.

XXVIII. Coletânea de Preces Espíritas

Que a luz se faça para os teus olhos, meu irmão que acabas de deixar a Terra. Que os bons espíritos do Senhor desçam junto a ti, te cerquem e te ajudem a romper as cadeias terrestres. Compreende e vê a grandeza do nosso Mestre; obedece sem lamentações à sua justiça, não duvides jamais da sua misericórdia. Irmão, que uma análise profunda do teu passado, te abra as portas do futuro, fazendo com que compreendas as faltas que deixaste para trás, e o trabalho que te resta fazer para repará-las. Que Deus te perdoe, que os bons espíritos te amparem e te encorajem. Teus irmãos da Terra orarão por ti, e pedem que ores por eles.

PELAS PESSOAS A QUEM TIVEMOS AFEIÇÃO

62. *Prefácio*

Como é terrível a ideia do nada!

Como devemos lastimar aqueles que acreditam que a voz do amigo que chora por seu amigo perde-se no vazio, sem ter nenhum eco que lhe responda!

Jamais conheceram as puras e santas afeições, os que pensam que tudo morre com o corpo; o mesmo ocorre com os que julgam que o gênio, que iluminou o mundo com a sua grande inteligência, é uma ação da matéria que se extingue para sempre como um sopro; e que do ser mais querido de um pai, de uma mãe ou de um filho adorado só resta um pouco de poeira, que o tempo dissipará fatalmente.

Como um homem de bons sentimentos pode ficar insensível diante desse pensamento? Como a ideia de um aniquilamento absoluto não o gela de terror e não o faz desejar que não seja assim? Se até o dia de hoje sua razão não foi suficiente para tirar suas dúvidas, eis que o Espiritismo veio dissipar toda a incerteza pelas provas materiais que oferece da sobrevivência da alma e da existência de seres do além-túmulo. Também por toda parte essas provas são acolhidas com alegria; a esperança renasce, porquanto

O Evangelho Segundo o Espiritismo

o homem sabe, de agora em diante, que a vida terrestre é uma curta passagem que conduz a uma vida melhor; que seus trabalhos aqui na Terra não estão perdidos para ele e que as mais santas afeições não estão destruídas sem esperança. (Ver cap. IV, item 18 e cap. V, item 21.)

63. *Prece*

Ó Deus, digna-te de acolher favoravelmente a prece que te dirijo pelo espírito de ...; permite que ele entreveja as divinas claridades; torna-lhe claro o caminho da felicidade eterna. Permite que os bons espíritos lhe levem minhas palavras e meu pensamento.

Tu, que me eras tão querido neste mundo, escuta minha voz que te chama para te dar uma nova prova da minha afeição. Deus permitiu que tu fosses libertado antes de mim, e disso eu não poderia me queixar sem ser egoísta, porquanto seria o mesmo que desejar para ti as penas e os sofrimentos da vida. Espero, pois, com resignação, o momento da nossa reunião no mundo mais feliz em que tu me precedeste.

Eu sei que nossa separação é só momentânea, e que, por mais longa que ela possa me parecer, sua duração desaparece diante da eternidade de felicidade que Deus promete aos seus eleitos. Que a bondade divina me preserve de fazer algo que possa retardar esse instante desejado, poupando-me, assim, do sofrimento de não te encontrar, ao sair do meu cativeiro terrestre.

Ó, como é doce e consoladora a certeza de que só há entre nós um véu material que te cobre aos meus olhos, de que podes estar aqui, ao meu lado, ouvir-me e ver-me como outrora, e melhor ainda que outrora! De que tu não me esqueces, da mesma maneira que eu não te esqueço; de que nossos pensamentos não param de se confundir e de que o teu me segue e me sustenta sempre.

Que a paz do Senhor esteja contigo!

XXVIII. Coletânea de Preces Espíritas

PELAS ALMAS SOFREDORAS QUE PEDEM

PRECES

64. *Prefácio*

Para compreender o alívio que a prece pode proporcionar aos espíritos sofredores, basta lembrar o seu modo de ação como foi explicado anteriormente. (Itens 9, 18 e seguintes do cap. XXVII.). Aquele que se compenetrou dessa verdade, ora com mais fervor pela certeza de não orar em vão.

65. *Prece*

Deus, clemente e misericordioso, que a tua bondade se estenda sobre todos os espíritos que se recomendam às nossas preces, especialmente sobre a alma de ...

Bons espíritos nos quais o bem é a única ocupação, intercedei comigo pelo alívio deles. Fazei luzir aos seus olhos um raio de esperança, e que a divina luz os esclareça sobre as imperfeições que os afastam da morada dos bem-aventurados. Abri seus corações ao arrependimento e ao desejo de se depurarem e alcançarem seu adiantamento. Fazei-os compreender que, por seus esforços, eles podem abreviar o tempo de suas provações.

Que Deus, na sua bondade, lhes dê a força de perseverarem nas suas boas resoluções.

Possam estas palavras benevolentes abrandar suas penas, mostrando-lhes que existem na Terra seres que deles se compadecem e que desejam a sua felicidade.

66. *Outra prece*

Nós te pedimos, Senhor, que derrames sobre todos aqueles que sofrem, seja no espaço, como espíritos errantes, seja entre nós, como espíritos encarnados, as graças do teu amor e da tua misericórdia. Tem piedade das nossas fraquezas! Tu nos fizeste falíveis, mas nos deste forças para resistir ao mal e vencê-lo. Que a tua misericórdia se estenda sobre todos aqueles que não

O Evangelho Segundo o Espiritismo

pueram resistir às suas más tendências, e que ainda se encontram no caminho do mal. Que os bons espíritos os envolvam; que a tua luz brilhe aos seus olhos, e que, atraídos pelo seu calor vivificante, eles venham se prosternar aos teus pés, humildes, arrependidos e submissos.

Nós te pedimos igualmente, Pai de misericórdia, por aqueles nossos irmãos que não tiveram forças para suportar as suas provas terrestres. Tu nos deste um fardo para carregar, Senhor, e nós só devemos depositá-lo aos teus pés; mas a nossa fraqueza é grande e a coragem algumas vezes nos falta em meio ao caminho. Tem piedade desses servidores indolentes que abandonaram a obra antes da hora; que a tua justiça seja indulgente com eles, e permita que os bons espíritos lhes concedam alívio, consolações e a esperança no futuro. A probabilidade de perdão é fortificante para a alma; deixa que os culpados que se desesperam a vejam, porque, sustentados por essa esperança, encontrarão forças, na própria intensidade das suas faltas e dos seus sofrimentos, para resgatar seu passado e se prepararem para conquistar o futuro.

POR UM INIMIGO MORTO

67. Prefácio

A caridade para com os nossos inimigos deve segui-los no além-túmulo. É preciso pensar que o mal que eles nos fizeram foi para nós uma prova, que pode ter sido útil ao nosso adiantamento, se nós a soubermos aproveitar. Ela pode mesmo ter sido ainda mais útil que as aflições puramente materiais, porque, à coragem e à resignação, ela nos permite juntar a caridade e o esquecimento das ofensas. (Ver cap. X, item 6 e cap. XII, itens 5 e 6.)

68. Prece

Senhor, quiseste chamar antes de mim a alma de ... Eu lhe perdoo o mal que me fez e suas más intenções a meu respeito; possa ele arrepender-se de tudo, agora que não possui mais as ilusões deste mundo.

XXVIII. Coletânea de Preces Espiritas

Que a tua misericórdia, meu Deus, se estenda sobre ele, e afaste de mim o pensamento de me alegrar com a sua morte. Se também o agredi com os meus erros, que me perdoe, assim como esqueço dos que ele cometeu contra mim.

POR UM CRIMINOSO

69. Prefácio

Se a eficácia da prece fosse proporcional à quantidade das suas palavras, as mais longas deveriam ser reservadas para os mais culpados, que têm mais necessidade delas do que aqueles que viveram santamente. Negar as preces aos criminosos é faltar com a caridade e desconhecer a misericórdia de Deus. Considerá-las inúteis, porque um homem cometeu esta ou aquela falta, é prejudicar a justiça do Altíssimo. (Ver cap. XI, item 14.)

70. Prece

Senhor, Deus de misericórdia, não repudies este criminoso que acaba de deixar a Terra. A justiça dos homens pôde condená-lo, ela, porém, não o isenta da tua justiça se os remorsos não lhe tocarem o coração.

Permite que aos seus olhos se mostre a gravidade das suas faltas; que o seu arrependimento possa encontrar merecimento diante de ti, e abreviar os sofrimentos da sua alma. Que as nossas preces, e a intercessão dos bons espíritos, possam levar-lhe esperança e consolação; inspirar-lhe o desejo de reparar suas más ações em uma nova existência, e dar-lhe forças para não sucumbir nas novas lutas que vai empreender.

Senhor, tem piedade dele!

POR UM SUICIDA

71. Prefácio

O homem jamais tem o direito de dispor da sua própria vida, porque só a Deus pertence tirá-lo do cativo terrestre, quando o

O Evangelho Segundo o Espiritismo

julgue conveniente. Entretanto, a justiça divina pode abrandar seus rigores em virtude das circunstâncias, reservando, porém, toda a sua severidade para aquele que quis fugir às provas da vida. O suicida é como o prisioneiro que, se foge da prisão antes de terminar a sua pena, quando é capturado, é tratado mais severamente. Assim acontece com o suicida: acreditando escapar das misérias presentes, ele se lança em sofrimentos maiores. (Ver cap. V, item 14 e seguintes.)

72. Prece

Nós sabemos, ó meu Deus, a sorte reservada àqueles que violam as tuas leis, abreviando voluntariamente os seus dias; mas sabemos, também, que a tua misericórdia é infinita. Digna-te, pois, de estendê-la sobre a alma de ... Possam as nossas preces e a tua compaixão amenizar a amargura dos sofrimentos por que ele está passando, por não haver tido a coragem de esperar o fim das suas provas.

Bons espíritos, cuja missão é amparar os infelizes, tomai-o sob a vossa proteção, inspirai-lhe o arrependimento das suas faltas, e que a vossa assistência lhe dê forças para suportar, com mais resignação, as novas provas que irá sofrer para repará-las. Afastai dele os maus espíritos, que poderiam levá-lo novamente para o mal, e prolongar seus sofrimentos, fazendo-o perder o fruto das suas futuras provas. E a ti, cuja desgraça é o motivo das nossas preces, que a nossa compaixão possa diminuir a tua amargura e fazer nascer em ti a esperança de um futuro melhor. Esse futuro está em tuas mãos. Confia-te à bondade de Deus, cujos braços se abrem a todos os que se arrependem, e só ficam fechados para os corações endurecidos.

PELOS ESPÍRITOS ARREPENDIDOS

73. Prefácio

Seria injusto colocar na categoria dos maus espíritos os sofrendores e os arrependidos que pedem preces. Esses espíritos

XXVIII. Coletânea de Preces Espíritas

podem ter sido maus, porém não o são mais, desde o momento em que reconhecem as suas faltas e se arrependem; são apenas infelizes. Alguns, até mesmo começam a desfrutar de uma felicidade relativa.

74. *Prece*

Deus de misericórdia, que aceitas o arrependimento sincero do pecador, encarnado ou desencarnado, eis aqui um espírito que se regozijava no mal, mas que reconheceu seus erros e ingressou no bom caminho. Digna-te, ó meu Deus, recebê-lo como um filho pródigo e perdoá-lo.

Bons espíritos, cuja voz era para ele desconhecida, de hoje em diante ele quer vos escutar; permiti que ele entreveja a felicidade dos eleitos do Senhor, para que persista no propósito de se purificar a fim de alcançá-la; amparai-o nas suas boas resoluções, e dai-lhe forças para resistir aos seus maus instintos.

Espírito de ..., nós te felicitamos por tua mudança, e agradecemos aos bons espíritos que têm te ajudado.

Se outrora te sentias feliz ao fazer o mal, é que não compreendias como é suave a alegria de fazer o bem; e também te consideravas indigno para esperar alcançá-lo. Porém, desde o momento em que colocaste os pés no bom caminho, uma nova luz se fez para ti, começaste a desfrutar de uma felicidade desconhecida, e a esperança entrou em teu coração. É que Deus escuta sempre a prece do pecador arrependido, e não repele nenhum daqueles que vêm até ele.

Para reentrar completamente na graça do Senhor, esforça-te não apenas em não fazer o mal, mas em fazer o bem, e, principalmente, em reparar o mal que tiveres feito; então terás cumprido a justiça de Deus. Cada boa ação praticada apagará uma das tuas faltas passadas.

E terás dado o primeiro passo; agora, quanto mais avançares, mais o caminho te parecerá fácil e agradável. Persevera sempre,

O Evangelho Segundo o Espiritismo

e um dia terá a glória de seres colocado entre os espíritos bons e bem-aventurados.

PELOS ESPÍRITOS ENDURECIDOS

75. Prefácio

Os maus espíritos são aqueles a quem o arrependimento ainda não atingiu; que se sentem felizes ao praticarem o mal, sem terem por isso nenhum pesar; que são insensíveis às censuras, recusam a prece e, muitas vezes, blasfemam contra Deus. São essas almas endurecidas que, após a morte, vingam-se dos homens pelos sofrimentos que passaram, e perseguem com o seu ódio aqueles a quem odiaram durante a sua vida, seja pela obsessão, seja por uma influência funesta qualquer. (Ver cap. X, item 6 e cap. XII, itens 5 e 6.)

Há duas categorias bem distintas entre os espíritos perversos; os que são francamente maus e os que são hipócritas. Os primeiros são infinitamente mais fáceis de conduzir ao bem do que os segundos. Na maior parte das vezes são de natureza bruta e grosseira, como se vê entre os homens, e fazem o mal mais por instinto que por cálculo, não procurando se fazerem passar por melhores do que realmente são. Existe neles um germe latente, que é preciso fazer eclodir, o que quase sempre se consegue com perseverança, firmeza unida à benevolência, pelos conselhos, pelo raciocínio e pela prece. Nas comunicações mediúnicas, a dificuldade que eles têm para escrever o nome de Deus é indício de um temor instintivo, da voz íntima da consciência que lhes diz que são indignos de fazê-lo. Aqueles que chegam a esse ponto estão próximos da conversão e deles tudo se pode esperar: basta que se encontre o ponto vulnerável em seus corações.

Os espíritos hipócritas quase sempre são inteligentes, mas não têm nenhuma fibra sensível em seus corações, nada os sensibiliza. Para conseguir a confiança dos outros, eles simulam todos os bons sentimentos e sentem-se felizes quando encontram pessoas tolas,

XXVIII. Coletânea de Preces Espíritas

que os aceitam como espíritos santos, às quais podem governar à sua vontade. O nome de Deus, longe de lhes inspirar o menor temor, serve-lhes de máscara para cobrir as suas maldades.

No mundo invisível, como no mundo visível, os hipócritas são os seres mais perigosos, porque agem na sombra, sem que se desconfie da sua ação; têm apenas as aparências da fé, mas não a fé sincera.

76. *Prece*

Senhor, digna-te de lançar um olhar de bondade sobre os espíritos imperfeitos, que ainda estão nas trevas da ignorância e te desconhecem, especialmente, Senhor, sobre o espírito de ...

Bons espíritos, ajudai-nos a fazer-lhe compreender que ao induzir os homens ao mal, ao obsidiá-los e atormentá-los, ele prolonga seus próprios sofrimentos; fazei que o exemplo da felicidade que desfrutais sirva de encorajamento para ele.

Espírito que ainda te sentes feliz praticando o mal, vem ouvir a prece que fazemos por ti, ela deve provar que desejamos te fazer o bem, ainda que faças o mal.

És infeliz, porque é impossível ser feliz fazendo o mal; por que então permaneceres no sofrimento, quando depende de ti sair dele? Olha os bons espíritos que te cercam, vê como são felizes, pensa se não seria muito mais agradável para ti desfrutar da mesma felicidade.

Tu dizes que isso é impossível, porém, nada é impossível àquele que quer, pois Deus te deu, e a todas as suas criaturas, a liberdade de escolher entre o bem e o mal, isto é, entre a felicidade e a desgraça, e ninguém está condenado a fazer o mal. Se tu tens a vontade de fazer o mal, também podes ter a de fazer o bem e ser feliz.

Volta os teus olhos para Deus; eleva, durante um só instante, o teu pensamento para ele, e um raio da sua divina luz virá te iluminar. Dize conosco estas simples palavras: *Meu Deus, eu me*

O Evangelho Segundo o Espiritismo

arrependo, perdoa-me. Procura arrepender-te e fazer o bem no lugar do mal, e verás que logo a sua misericórdia se estenderá sobre ti, e que um bem-estar desconhecido virá substituir as angústias que vens suportando.

Quando tiveres dado um passo no bom caminho, o resto será fácil. Então compreenderás quanto tempo de felicidade perdeste por tua própria culpa; no entanto, um futuro radioso e cheio de esperança se abrirá diante de ti, e te fará esquecer teu miserável passado, cheio de perturbações e de torturas morais que seriam para ti o inferno se durassem eternamente. Um dia virá em que essas torturas terão tal intensidade, que desejarás fazer com que elas terminem de qualquer maneira; no entanto, quanto mais te demorares, mais difícil isso será.

Não creias que ficarás sempre no estado em que te encontras, não, isso é impossível. Tens diante de ti duas perspectivas: uma é a de sofreres muito mais do que agora; a outra é a de seres feliz como os bons espíritos que estão à tua volta. A primeira será inevitável, se persistires na tua obstinação; um simples esforço da tua vontade é suficiente para tirar-te do mal onde te encontras. Apressa-te, porque cada dia de atraso é um dia perdido para a tua felicidade.

Bons espíritos, fazei que estas palavras encontrem abrigo nessa alma ainda atrasada para que elas a ajudem a se aproximar de Deus. Nós te fazemos este pedido em nome de Jesus Cristo, que teve um poder tão grande sobre os maus espíritos.

V. Preces pelos doentes e pelos obsidiados

PELOS DOENTES

77. Prefácio

As doenças fazem parte das provas e das vicissitudes da vida terrestre; são inerentes à grosseria da nossa natureza material e à inferioridade do mundo que habitamos. As paixões e os excessos

XXVIII. Coletânea de Preces Espiritas

de todos os gêneros deixam em nós germes malsãos, muitas vezes hereditários. Nos mundos mais avançados, física ou moralmente, o organismo humano, mais depurado e menos material, não está sujeito às mesmas enfermidades, e o corpo não é minado silenciosamente pelo dano das paixões. (Ver cap. III, item 9.) É preciso, portanto, nos resignarmos a sofrer as consequências do meio em que a nossa inferioridade nos coloca, até que tenhamos mérito para mudar de situação. Isso não nos deve impedir de, enquanto esperamos pela mudança, fazer o que depender de nós para melhorar a nossa situação atual; porém, se apesar dos nossos esforços, não conseguirmos fazê-lo, o Espiritismo nos ensina a suportar com resignação nossos males passageiros.

Se Deus não quisesse que os sofrimentos corporais fossem amenizados, ou dissipados em certos casos, ele não teria posto os meios de curá-los à nossa disposição. Sua providente solicitude a esse respeito, de acordo com o nosso instinto de conservação, indica que é nosso dever procurá-los e aplicá-los.

Ao lado da medicação comum, elaborada pela Ciência, o magnetismo nos faz conhecer o poder da ação fluídica; pois o Espiritismo veio nos revelar uma outra força na *mediunidade curadora* e na influência da prece. (Ver, adiante, notícia sobre a mediunidade curadora.)

78. Prece (Dita pelo doente)

Senhor, tu és todo justiça, portanto a doença que entendeste de me enviar, por certo a mereci, porque jamais fazes sofrer sem que haja uma causa. Eu me entrego à tua divina misericórdia para minha cura; se for do teu desejo me devolver a saúde, que o teu santo nome seja bendito; se, ao contrário, ainda devo sofrer, que Ele seja bendito da mesma forma. Eu me submeto aos teus divinos desígnios, sem lamentações, porque tudo o que fazes só pode ter por objetivo o bem das tuas criaturas.

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Faz, ó meu Deus, com que esta doença seja para mim uma advertência salutar, que me faça refletir sobre minha própria existência; eu a aceito como uma expiação do passado e como uma prova para a minha fé e a minha submissão à tua santa vontade. (Ver a prece de item 40.)

79. *Prece* (Para um doente)

Meu Deus, os teus desígnios são impenetráveis, e na tua sabedoria entendeste que ... fosse atingido pela doença. Eu te suplico: lança um olhar de compaixão sobre os seus sofrimentos e digna-te de fazer com que eles tenham fim.

Bons espíritos, ministros do Todo-Poderoso, eu vos peço: reforçai o meu desejo de aliviá-lo, dirigi meu pensamento para que ele possa derramar-se como um bálsamo salutar sobre o seu corpo e como consolação sobre a sua alma.

Inspirai-lhe a paciência e a submissão à vontade de Deus; dai-lhe forças para suportar suas dores com resignação cristã, a fim de não perder o fruto dessa prova. (Ver a prece do item 57.)

80. *Prece* (Dita pelo médium curador)

Meu Deus, se resolveste te servir de mim, tão indigno que sou, eu posso curar este sofrimento, se essa é a tua vontade, porque eu tenho fé em ti; mas sem a tua assistência eu nada posso. Permite que os bons espíritos me envolvam com seu fluido salutar, para que eu possa transmiti-lo a este doente, e afasta de mim qualquer pensamento de orgulho e de egoísmo que poderia alterar a sua pureza.

PELOS OBSIDIADOS

81. *Prefácio*

A obsessão é a ação persistente que um mau espírito exerce sobre um indivíduo. Ela apresenta características muito diferentes, desde a simples influência moral, sem sinais exteriores sensíveis, até uma perturbação completa do organismo e das faculdades mentais.

XXVIII. Coletânea de Preces Espíritas

Ela faz desaparecer, pouco a pouco, todas as faculdades mediúnicas; na mediunidade psicográfica ela se traduz pela obstinação de um espírito em se manifestar com a exclusão de todos os outros.

Os maus espíritos existem em grande número em torno da Terra, em consequência da inferioridade moral dos seus habitantes. Sua ação maléfica faz parte dos flagelos aos quais a humanidade terrestre está exposta.

A obsessão, assim como as doenças e todas as tribulações da vida, devem ser consideradas como uma prova ou uma expiação, e aceitas como tal.

Assim como as doenças são o resultado das imperfeições físicas, que tornam o corpo acessível às influências perniciosas exteriores, a obsessão é sempre o resultado de uma imperfeição moral, que permite o acesso a um mau espírito. A uma causa física se opõe uma força física, a uma causa moral é preciso opor-se uma causa moral. Para nos preservarmos da doença, fortificamos o corpo; para nos garantirmos contra a obsessão, é preciso fortificar a alma, daí a necessidade de o obsidiado trabalhar pelo seu próprio aperfeiçoamento, o que, na maioria das vezes, é suficiente para libertá-lo do obsessor, sem recorrer a pessoas estranhas. O auxílio torna-se necessário quando a obsessão degenera em subjugação e em possessão, porque nestes casos o paciente, por vezes, perde sua vontade e seu livre-arbítrio.

A obsessão é, quase sempre, o resultado de uma vingança exercida por um espírito que, na maior parte das vezes, tem sua origem nas relações que o obsidiado teve com o obsessor em uma existência precedente. (Ver cap. X, item 6 e cap. XII, itens 5 e 6.)

Nos casos de obsessão grave, o obsidiado está como que envolvido e impregnado de um fluido pernicioso, que neutraliza a ação dos fluidos salutarés e os repele. É desse fluido que é preciso libertá-lo; ora, um fluido mau não pode ser repelido por um outro fluido mau. Por uma ação idêntica à exercida pelo médium curador nos casos de doença, é preciso expulsar o fluido mau com a ajuda de um

O Evangelho Segundo o Espiritismo

fluido melhor, que produz, de alguma forma, o efeito de um reativo. Essa é a ação mecânica, que não é suficiente; é preciso também, e principalmente, agir sobre o ser inteligente com o qual é necessário ter o direito de falar com autoridade, e esta autoridade é concedida apenas pela superioridade moral, quanto maior a superioridade, maior a autoridade.

Isso, porém, ainda não é tudo; para assegurar a libertação, torna-se necessário levar o espírito perverso a renunciar aos seus maus desejos, fazer nascer nele o arrependimento e o desejo de praticar o bem, com a ajuda de instruções habilmente dirigidas, nas evocações particulares, feitas com vistas à sua educação moral; pode-se, então, ter a dupla satisfação de livrar um encarnado e de converter um espírito imperfeito.

A tarefa torna-se mais fácil quando o obsidiado, compreendendo a sua situação, colabora com sua vontade e sua prece. O mesmo não ocorre quando ele, seduzido pelo espírito enganador, se ilude sobre as qualidades daquele que o domina, e sente-se feliz no erro onde o obsessor o lança; então, longe de ajudar, ele recusa toda assistência. É o caso da *fascinação*, sempre infinitamente mais rebelde que a subjugação mais violenta. (Ver *O Livro dos Médiuns*, cap. XXIII.)

Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso auxiliar no esclarecimento do espírito obsessor.

82. Prece (Para ser dita pelo obsidiado)

Meu Deus, permite que os bons espíritos me libertem do espírito maléfico que se ligou a mim. Se ele está se vingando pelos males que lhe fiz no passado, tu o permitiste, meu Deus, para minha punição, e eu sofro as consequências das minhas faltas. Possa o meu arrependimento merecer o teu perdão e a minha liberdade. Mas, qualquer que seja o seu motivo, eu peço para ele a tua misericórdia; digna-te de lhe facilitar o caminho do progresso que o afastará do pensamento de fazer o mal. Possa eu, de minha parte, retribuir-lhe o mal com o bem, e levá-lo a melhores pensamentos.

XXVIII. Coletânea de Preces Espíritas

Entretanto, eu também sei, ó meu Deus, que são as minhas imperfeições que me tornam acessível às influências dos espíritos imperfeitos. Dá-me a luz necessária para reconhecê-las; combate em mim, principalmente, o orgulho que não me deixa enxergar os meus defeitos.

Como deve ser imensa a minha indignidade, pois que um ser maléfico pode me dominar! Meu Deus, faz com que esse golpe desferido na minha vaidade me sirva de lição para o futuro; que ele me fortifique na decisão que tomei de melhorar-me pela prática do bem, da caridade e da humildade, a fim de opor, de hoje em diante, uma barreira às más influências.

Senhor, dá-me forças para suportar esta prova, com paciência e resignação; eu compreendo que, como todas as outras provas, ela deve contribuir para o meu aperfeiçoamento, se eu não perder o seu resultado com as minhas lamentações, visto que ela me proporciona uma oportunidade de mostrar minha submissão e de exercer minha caridade com um irmão infeliz, perdoadando-lhe o mal que me fez. (Ver cap. XII, itens 5 e 6. Ver também, no presente capítulo, os itens 15 a 17, 46 e 47.)

83. *Prece* (Pelo obsidiado)

Deus Todo-Poderoso, dá-me o poder de livrar ... do espírito que o obsidia; se entre os teus desígnios está o fim dessa prova, concede-me a graça de falar a esse espírito com a necessária autoridade.

Bons espíritos que me assistem, e tu, anjo guardião de ..., dai-me a vossa colaboração, ajudai-me a libertá-lo do fluido impuro que o envolveu. Em nome de Deus Todo-Poderoso, conjuro o espírito maléfico que o atormenta a se afastar.

84. *Prece* (Pelo espírito obsessivo)

Deus, infinitamente bom, imploro a tua misericórdia para o espírito que obsidia ... Faz com que ele entreveja as divinas clari-dades, a fim de que perceba o caminho errado que está seguindo. Bons espíritos, ajudai-me a fazê-lo compreender que fazendo o mal ele só tem a perder, e praticando o bem tem tudo a ganhar.

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Espírito que te satisfazes atormentando ..., escuta-me, porque eu te falo em nome de Deus. Se quiseres refletir, compreenderás que o mal não pode conduzir ao bem, e que tu não és mais forte que Deus e os bons espíritos. Eles poderiam ter preservado ... de toda agressão da tua parte e se não o fizeram foi porque ... devia passar por essa prova, mas quando ela terminar, impedirão qualquer ação tua contra ele. O mal que lhe tiveres feito, em vez de prejudicá-lo, servirá para o seu adiantamento, fazendo-o mais feliz. Assim, a tua maldade terá sido pura perda de tempo, e fatalmente se voltará contra ti.

Deus que é todo poder, e os espíritos superiores seus delegados, que são mais poderosos que tu, poderão, então, pôr um fim a essa obsessão quando o desejarem, e a tua tenacidade se esfacelará diante dessa suprema autoridade. Porém, por ser bom, Deus quer te deixar o mérito de terminá-la por tua própria vontade. É uma oportunidade que ele te concede e se não a aproveitares, sofrerás deploráveis consequências; grandes castigos e cruéis sofrimentos te esperam; serás forçado a implorar a piedade e as preces da tua vítima, que já te perdeu e ora por ti, o que é um grande mérito aos olhos de Deus, e apressará a libertação dela.

Reflete, pois, enquanto ainda é tempo, porque a justiça de Deus pesará sobre ti, como sobre todos os espíritos rebeldes. Lembra-te de que o mal que fazes neste momento forçosamente terá um fim, enquanto que, se persistires na tua insensibilidade, os teus sofrimentos irão aumentando incessantemente.

Quando estiveste na Terra, não terias achado estúpido sacrificar um grande bem por uma pequena satisfação de um momento? Acontece o mesmo agora que és espírito. O que ganhas com o que fazes? O triste prazer de atormentar uma pessoa, o que não impede que sejas infeliz, por mais que digas o contrário, e te fará mais infeliz ainda no futuro.

Além disso, presta atenção ao que perdes; observa os bons espíritos que te cercam e vê se a sorte deles não é preferível à tua? A felicidade que eles desfrutam será partilhada contigo quando tu o

XXVIII. Coletânea de Preces Espiritas

quiseres. O que é preciso para isso? Implorar ajuda a Deus, fazer o bem em vez de fazer o mal. Sei que não podes te transformar de repente, mas Deus não pede o impossível, o que ele quer é a boa vontade. Tenta, e nós te ajudaremos. Faz que logo possamos dizer por ti a prece pelos espíritos arrependidos (item 73), e não mais te situar entre os maus espíritos, enquanto esperamos para te colocar entre os bons. (Ver anteriormente o item 75, “Prece pelos espíritos endurecidos”.)

Nota: A cura das obsessões graves requer muita paciência, perseverança e devotamento. Exige também tato e habilidade para conduzir ao bem os espíritos quase sempre muito perversos, endurecidos e astuciosos, porquanto existem os que são rebeldes até o último grau. Na maior parte dos casos, é preciso que nos guiemos pelas circunstâncias, mas, qualquer que seja a natureza do espírito, um fato é certo: nada se obtém pelo constrangimento ou pela ameaça, pois toda a influência está no ascendente moral. Uma outra verdade, igualmente constatada pela experiência assim como pela lógica, é *a completa ineficácia de exorcismos, fórmulas, palavras sacramentais, amuletos, talismãs, práticas exteriores ou quaisquer sinais materiais.*

A obsessão muito prolongada pode ocasionar desordens patológicas, exigindo frequentemente um tratamento simultâneo ou consecutivo, seja magnético, seja médico, para restabelecer o organismo. A causa sendo destruída, resta combater os efeitos. (Ver *O Livro dos Médiuns*, cap. XXIII, “Da obsessão;” *Revista Espírita* de fevereiro e março de 1864, e de abril de 1865: “Exemplos de curas de obsessão”.)





A comunicação a seguir faz parte do livro *Obras Póstumas* e mostra o esforço do Codificador na confecção de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.

Séгур, 9 de agosto de 1863.
(Médium: Sr. d'A...)

IMITAÇÃO DO EVANGELHO

Nota: — Eu não havia dito a ninguém o assunto do livro no qual eu trabalhava; conservava o título tão secretamente, que o editor, Sr. Didier, só o conheceu quando da impressão. Este título foi, a princípio, na primeira edição: *Imitação do Evangelho*. Mais tarde, por causa das reiteradas observações do Sr. Didier e de algumas outras pessoas, ele foi mudado para: *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. As reflexões contidas nas comunicações seguintes não podiam ser, portanto, o resultado das ideias preconcebidas do médium.

Pergunta: — O que pensais da nova obra em que trabalho neste momento?

Resposta: — Este livro de doutrina terá uma influência considerável; aí abordas questões capitais, e, não somente o mundo religioso encontrará nele as máximas que lhe são necessárias, mas a vida prática das nações dele haurirá excelentes instruções. Fizeste bem em abordar as questões de alta moral prática, do ponto de vista dos interesses gerais, dos interesses sociais e dos interesses religiosos. A dúvida deve ser destruída; a Terra e suas populações civilizadas estão prontas; já há bastante tempo que os amigos de além-túmulo a arrotearam, lança, pois, a semente que te confiamos, porque já é tempo que a Terra grave na ordem irradiante das esferas, e que saia, enfim, da penumbra e dos nevoeiros intelectuais. Termina tua obra, e conta com a proteção do teu guia, o guia de

O Evangelho Segundo o Espiritismo

todos nós, e com o auxílio devotado de teus mais fiéis espíritos, em cujo número queira sempre incluir-me.

Pergunta: — Que dirá o clero?

Resposta: — O clero gritará: heresia, porque verá que nele atacas decididamente as penas eternas e outros pontos sobre os quais ele apoia sua influência e seu crédito. Ele gritará tanto mais, quanto se sentirá muito mais ferido do que pela publicação de *O Livro dos Espíritos*, do qual, a rigor, podia aceitar os dados principais; mas, agora, vais entrar num novo caminho em que ele não poderá seguir-te. O anátema secreto se tornará oficial, e os espíritas serão rejeitados como foram os judeus e os pagãos pela Igreja Romana. Por outro lado, os espíritas verão seu número aumentar em razão dessa espécie de perseguição, sobretudo vendo os padres acusarem de obra absolutamente demoníaca uma doutrina cuja moralidade brilhará como um raio de sol, pela publicação mesma do teu livro, e daqueles que se seguirão.

Eis que se aproxima a hora em que te será necessário declarar abertamente o Espiritismo tal como ele é, e mostrar a todos onde se encontra a verdadeira doutrina ensinada pelo Cristo; aproxima-se a hora em que, à face do céu e da Terra, deverás proclamar o Espiritismo como a única tradição realmente cristã, a única instituição verdadeiramente divina e humana. Escolhendo-te, os espíritos sabiam da solidez das tuas convicções, e que a tua fé, como um muro de aço, resistiria a todos os ataques.

Entretanto, amigo, se tua coragem ainda não desfaleceu, diante da tarefa tão pesada que aceitaste, fica sabendo que foste o primeiro a comer teu pão branco, e eis que a hora das dificuldades chegou. Sim, caro Mestre, a grande batalha se prepara; o fanatismo e a intolerância, sustentados pelo êxito de tua propaganda, vão atacar-te, e aos teus, com armas envenenadas. Prepara-te para a luta. Tenho, porém, fé em ti, como tens fé em nós, e porque tua fé é daquelas que transportam montanhas e fazem caminhar sobre as águas. Coragem, pois, e que tua obra se complete. Conta conosco, e conta sobretudo com a grande alma do Mestre de todos nós, que te protege de uma maneira muito particular.

Paris, 14 de setembro de 1863

Nota: — Eu havia solicitado para mim, uma comunicação sobre um assunto qualquer, e pedido que ela me fosse enviada ao meu retiro de Sainte-Adresse.

“Quero falar-te de Paris, embora a utilidade disso não me pareça demonstrada, uma vez que minhas vozes íntimas se fazem ouvir em torno de ti, e que teu cérebro percebe nossas inspirações com uma facilidade com a qual nem tu mesmo suspeitas. Nossa ação, sobretudo a do Espírito de Verdade, é constante em torno de ti, e tal que não podes negar. É por isso que não entrarei em detalhes inúteis a respeito do plano de tua obra que, segundo meus conselhos ocultos, modificaste tão ampla e completamente. Compreendes agora por que precisávamos ter-te sob as mãos, desligado de qualquer outra preocupação, que não a Doutrina. Uma obra, como a que elaboramos de comum acordo, precisa de recolhimento e de insulamento sagrado. Tenho um vivo interesse pelos progressos do teu trabalho, que é um passo considerável adiante, e abre, afinal, ao Espiritismo a estrada larga das aplicações úteis ao bem da sociedade. Com esta obra, o edifício começa a se libertar dos seus andaimes, e já pode entrever sua cúpula desenharse no horizonte. Continua, pois, sem impaciência e sem fadiga; o monumento estará terminado na hora determinada.

Já tratamos contigo das questões incidentes do momento, quer dizer, das questões religiosas. O Espírito de Verdade falou-te dos levantes gerais que acontecem nesta hora; estas hostilidades previstas são necessárias para manter desperta a atenção dos homens, tão fáceis de se deixarem desviar de um assunto sério. Aos soldados que combatem pela causa, vão se juntar, incessantemente, novos combatentes, cuja palavra e os escritos causarão sensação, e levarão a perturbação e a confusão nas fileiras dos adversários.

Adeus, caro companheiro de antanho, discípulo fiel da verdade, que continua, através da vida, a obra a que outrora, nas mãos do grande Espírito, que te ama e eu venero, juramos consagrar nossas forças e nossas existências, até que ela estivesse acabada. Saúdo-te.”

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Observação: O plano da obra fora, com efeito, completamente modificado, o que, com certeza, o médium não podia saber, já que estava em Paris, e eu em Sainte-Adresse; ele também não podia saber que o Espírito de Verdade havia me falado a respeito do levante do bispo de Alger e outros. Todas estas circunstâncias eram bem urdidas para me confirmar a parte que os Espíritos tomavam nos meus trabalhos.

NOTA EXPLICATIVA¹³⁵

Hoje creem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. [...]. Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1868. 1.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 28, janeiro de 1868.)

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os Espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

A partir de 1854 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), *A Gênese* (1868), além da obra *Que é o Espiritismo* (1859), de uma série de opúsculos e 136 edições da *Revista Espírita* (de janeiro de 1858 a abril de 1869). Após sua morte, foi editado o livro *Obras Póstumas* (1890).

O estudo metuculoso e isento dessas obras permite-nos extrair conclusões básicas: a) todos os seres humanos são Espíritos imortais criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis naturais de progresso que levam todos, gradativamente, à perfeição; b) o progresso ocorre através de sucessivas experiências, em inúmeras reencarnações, vivenciando necessariamente todos os segmentos sociais, única forma de o Espírito

¹³⁵ **Nota da Editora:** Esta “Nota Explicativa”, publicada em face de acordo com o Ministério Público Federal, tem por objetivo demonstrar a ausência de qualquer discriminação ou preconceito em alguns trechos das obras de Allan Kardec, caracterizadas, todas, pela sustentação dos princípios de fraternidade e solidariedade cristãs, contidos na Doutrina Espírita.

O Evangelho Segundo o Espiritismo

acumular o aprendizado necessário ao seu desenvolvimento; c) no período entre as reencarnações o Espírito permanece no Mundo Espiritual, podendo comunicar-se com os homens; d) o progresso obedece às leis morais ensinadas e vivenciadas por Jesus, nosso guia e modelo, referência para todos os homens que desejam desenvolver-se de forma consciente e voluntária.

Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos Espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do Planeta, e que, em contato com outros polos de civilização, vinham sofrendo inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentemente da coloração da sua pele.

Na época de Allan Kardec, as ideias frenológicas de Gall, e as da fisiognomia de Lavater, eram aceitas por eminentes homens de Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e à população em geral, a publicação, em 1859 — dois anos depois do lançamento de *O Livro dos Espíritos* — do livro sobre a *Evolução das Espécies*, de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreensões que toda ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços da fisiognomia revelam o caráter da pessoa é muito antiga, pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e o aspecto moral.

O Codificador não concordava com diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo, procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos Espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo no equacionamento das questões da diversidade e desigualdade humanas.

Allan Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite “resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais, etc.” (*Revista Espírita*, 1862, p. 401). De fato, as leis universais do amor, da caridade, da imortalidade da

alma, da reencarnação, da evolução constituem novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do Orbe.

Essa compreensão das Leis Divinas permite a Allan Kardec afirmar que:

O corpo deriva do corpo, mas o Espírito, não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças apenas há consanguinidade. (*O Livro dos Espíritos*, item 207, p. 176.)

[...] O Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor. (*Revista Espírita*, 1861, p. 432.)

Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consanguínea nobre ou plebeia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre esse dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista circunscrito, são consequentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes. Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo, cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chega-se à consequência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiáis o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes. (*Revista Espírita*, 1867, p. 231.)

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois que o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre,

O Evangelho Segundo o Espiritismo

capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade. (*A Gênese*, cap. I, item 36, p. 42-43. Vide também *Revista Espírita*, 1867, p. 373).

Na época, Allan Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente.

É baseado nesses informes “científicos” da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores europeus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é peremptório ao abordar a questão do preconceito racial:

Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada creem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais. (Kardec, Allan. *Revista Espírita* de 1863 – 1.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. — janeiro de 1863.)

O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus. (*O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Cap. XVII, item 3, p. 348.)

É importante compreender, também, que os textos publicados por Allan Kardec na *Revista Espírita* tinham por finalidade submeter à avaliação geral as comunicações recebidas dos Espíritos, bem como aferir a correspondência desses ensinamentos com teorias e sistemas de pensamento vigentes à época. Em nota ao capítulo XI, item 43, do livro *A Gênese*, o Codificador explica essa metodologia:

Quando na *Revista Espírita* de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a “interpretação da doutrina dos anjos decaídos”, apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversável, porque nos faltavam então elementos bastantes

Nota Explicativa

para uma afirmação peremptória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita pela maioria dos espíritas, como a mais racional e a mais concorde com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica. (*A Gênese*, cap. XI, item 43, Nota, p. 292.)

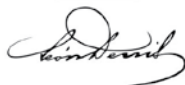
Por fim, urge reconhecer que o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano, motivo pelo qual as indagações e perquirições científicas e/ou filosóficas ocupam posição secundária, conquanto importantes, haja vista o seu caráter provisório decorrente do progresso e do aperfeiçoamento geral. Nesse sentido, é justa a advertência do Codificador:

É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou o que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações. (*Revista Espírita*, 1862, p. 38.)

Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente (“benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas”), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.

A Editora





Produção Gráfica: Departamento Editorial do
CENTRO ESPÍRITA LÉON DENIS

Rua João Vicente, 1.445, Bento Ribeiro
Rio de Janeiro, RJ. CEP 21610-210
Telefax (21) 2452-7700

Site: <http://www.leondenis.com.br>
E-mail: grafica@leondenis.com.br